



Gil Cléber

# A Janela do Suicida

Um **Romance** politicamente incorreto





# A Janela do Suicida →







Gil Cleber



# A Janela do Suicida



Romance

Edição do autor  
2021



Projeto gráfico, arte final e capa: Gil Cleber  
Ilustração da capa e ilustrações internas: Fotografias de casa abandonada tirada pelo próprio autor.

**Nota importante:**

Sendo o autor contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

**Contato com o autor:**

gilcarvalho959@gmail.com  
www.gilecleber.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cleber, Gil

A janela do suicida / Gil Cleber. --  
Paty do Alferes, RJ : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-25529-4

1. Ficção brasileira. I. Título.

21-70367

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária — CRB-8/7964









# Índice

## Parte I

|                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------|-----|
| Do que antecede ao que se seguiu .....                                 | 1   |
| 1. Uma carta para a polícia.....                                       | 3   |
| 2. Os vizinhos, ou Dissertação sobre a escória, parte I.....           | 4   |
| 3. A carta continua: o saco de ossos.....                              | 5   |
| 4. Luxo .....                                                          | 6   |
| 5. O empresário Pereira.....                                           | 11  |
| 6. Família, doce família .....                                         | 17  |
| 7. Coisas do amor.....                                                 | 22  |
| 8. Uma surpresa .....                                                  | 24  |
| 9. O Senhor Conde.....                                                 | 26  |
| 10. Suicídio e arrependimento .....                                    | 28  |
| 11. As invertidas, ou Dissertação sobre a escória, parte II.....       | 30  |
| 12. A Toca das Hienas, ou Dissertação sobre a escória, parte III ..... | 37  |
| 13. É necessário um novo capítulo... ..                                | 43  |
| 14. O milagre .....                                                    | 47  |
| 15. Um homem engajado.....                                             | 50  |
| 16. “Veja o seu irmão!...” .....                                       | 55  |
| 17. A aleijadinha.....                                                 | 58  |
| 18. Tio Paulino .....                                                  | 64  |
| 19. Uma visita de caridade .....                                       | 66  |
| 20. A macumba .....                                                    | 71  |
| 21. Máxima: “Confiar desconfiando!” .....                              | 74  |
| 22. Amores domésticos .....                                            | 81  |
| 23. Filosofando. A mongolzinha .....                                   | 92  |
| 24. Estremecimento .....                                               | 97  |
| 25. Fechando negócio .....                                             | 101 |
| 26. Perdendo o cabaço .....                                            | 108 |
| 27. Passarinho na mão: o que fazer com ele?.....                       | 113 |
| 28. Todas as safadezas do mundo. O tio Francisquinho .....             | 119 |
| 29. Um estranho sentimento .....                                       | 133 |
| 30. Um capítulo sobre a indigência.....                                | 136 |
| 31. Descobrindo o Walhala... ..                                        | 142 |

|     |                                                             |     |
|-----|-------------------------------------------------------------|-----|
| 32. | Um capítulo sobre a opulência.....                          | 157 |
| 33. | Almoço filosófico.....                                      | 177 |
| 34. | Uma terrível guerreira armada para uma batalha .....        | 189 |
| 35. | Puta desde a infância .....                                 | 195 |
| 36. | Diversão noturna .....                                      | 201 |
| 37. | A roupa nova do Imperador.....                              | 206 |
| 38. | O Tiranossauro Rex .....                                    | 211 |
| 39. | O bom samaritano.....                                       | 215 |
| 40. | O mau samaritano .....                                      | 223 |
| 41. | Depois da tempestade, mais tempestade .....                 | 225 |
| 42. | Aquele estranho sentimento... ..                            | 227 |
| 43. | Tempos de esbórnia .....                                    | 234 |
| 44. | Tragédia da indigência é comédia ruim.....                  | 240 |
| 45. | Quartila faz turismo .....                                  | 247 |
| 46. | Teratologia, ou Dissertação sobre a escória, parte IV ..... | 257 |
| 47. | Querida mamãe .....                                         | 263 |
| 48. | Tragédia da indigência etc. etc. ....                       | 267 |
| 49. | Com a boca cheia de formiga.....                            | 271 |
| 50. | O vão central .....                                         | 272 |

## Parte 2

|                                        |                     |     |
|----------------------------------------|---------------------|-----|
| Do que se segue ao que antecedeu ..... |                     | 275 |
| 1.                                     | Rádio ligado .....  | 277 |
| 2.                                     | O suicida .....     | 279 |
| 3.                                     | Reencontros.....    | 283 |
| 4.                                     | Visita paterna..... | 292 |
| 5.                                     | Último .....        | 297 |



— O rei está nu! — gritou o menino.  
(**Hans Christian Andersen** — *A roupa nova do*  
*Imperador*)



## Parte I

# Do que antecede ao que se seguiu





## 1. Uma carta para a polícia

*“Excelentíssimas Autoridades,*

*“Deixo esta carta para que saibam por que decidi morrer. Para que, ao encontrarem meu cadáver por aí, a polícia não precise quebrar a cabeça numa investigação desnecessária, pois eu sei muito bem como são essas coisas: encontram o “de cujus” — para a polícia o morto é sempre o “de cujus”, assim mesmo, em latim, como se com isso o defunto adquirisse uma distinção que em vida não teve — e aí começam a investigar; a princípio não têm nada, nenhuma pista, então é preciso fabricar pistas, inventar uma história, e toca a incomodar a família do morto com perguntas descabidas, interrogatórios repetitivos e inúteis, e se passa um ano, e quando ao final do segundo ano a família pensa que o caso foi arquivado lá vem de novo uma intimação para que todos sejam submetidos a novos interrogatórios, e toca a repetir as perguntas que foram feitas, a anotar outra vez as mesmas respostas, e se passa mais um ano, e no final do quarto ano, quando todos pensam que aquele caso já era, eis que tudo recomeça... Deixando uma carta esclarecedora, não: encontrarão meu corpo em qualquer lugar da cidade com os documentos e meu endereço no bolso da calça (ou quem sabe boiando nas águas da baía, pois o vão central da ponte é o melhor lugar de onde atirar-se alguém que não queira falhar em sua tentativa) e não terão problemas; a princípio está visto que ninguém saberá o que aconteceu, tampouco hão de se importar porque eu serei apenas mais um defunto trivial nesse grande cemitério de vivos que é a metrópole, mas mesmo diante de tal sensaboria — ‘mais um’ já quase os ouço dizer torcendo o nariz, ‘e com está feio este aqui! Jesus, e que fedor!’ —; mesmo diante de tal sensaboria, portanto, é preciso cumprir as formalidades, e assim, quando revistarem minha casa encontram a explicação e ponto final: o fundo de uma cova e uma pá de cal pela cara serão mais do que suficientes.*

*“Mas essa carta tem uma outra finalidade, para mim bem mais importante, melhor dizendo essencial, pois se não fosse por essa razão que se danasse a polícia com seus inquéritos intermináveis e sua notória ineficiência; que se danasse também a família com os incômodos de comparecerem todos à delegacia e depois voltarem para repetir o que fora dito da primeira vez, para tempos mais tarde serem intimados de novo, e assim por diante... Sim, senhores, que se danassem todos eles, pois se não se preocuparam comigo em vida, se ninguém me procurou para saber como eu ia passando, se me doía um dente ou se as hemorróidas supuraram, por que esse interesse depois que virei estrume? Para o diabo! A razão a que me refiro é simples entender: escrever será para mim uma catarse, debruçar-me na janela de um quarto sem luz tentando enxergar na escuridão do cômodo aquele amontoado de cacarecos e velharias sem nenhuma utilidade, um ato de olhar-me no espelho e ver no fundo da cena tudo aquilo que constituiu minha vida, para então descrever a comédia nua e cruamente. Na*

*polícia saberão que comédia foi essa, na Justiça lerão essas peripécias e se divertirão, é até possível que alguém tire uma cópia destas páginas e espalhe por aí para que outras pessoas também tenham sua participação na orgia, e eu não terei vivido em vão.*

*“Dito isto, vamos à história.”*

## 2. Os vizinhos, ou Dissertação sobre a escória, parte I

Sabe-se que um morto não fala. No meu caso, porém, abro uma exceção — Brás Cubas, lembram-se? —, e começo minhas memórias falando dos vizinhos daí de frente e de seu rádio: chatos em último grau. Esse sujeito vive com a mulher, uma mulher ainda jovem se bem que feia, estapeiam-se com frequência e se ela aparece depois por aí com uns vergões bem visíveis nos braços e nas pernas (decerto também no resto do corpo), ele não sai ileso do confronto e não consegue esconder um olho roxo e marcas profundas de unhas na cara.

Eu os conheço há anos, aliás desde que vim para cá, pois já moravam no apartamento defronte quando me mudei: já os conheci desse jeito, e desse jeito hão de continuar pelo resto de seus dias.

Porque são iguais. E se são iguais, que morram! Ou melhor, que vivam, não poderia ser pior: para gente dessa espécie nada pode ser pior que a vida, que arrastar por aí sua existência miserável feito uma vergonha, feito um rabo de pano preso atrás numa brincadeira de mau-gosto sem que se sabia que ele está ali. Verdade é que esse tipo de gente no mais das vezes nem se dá conta da extensão de sua miséria moral, de sua mediocridade intrínseca, de o quanto é vergonhoso continuarem vivos, em suma, do rabo de pano, porque se num momento de lampejo conseguissem olhar para si mesmos e compreender, enxergar o rabo e dar-se conta de o quanto andaram por aí exibindo-o ao mundo, cairiam fulminados de horror, e se não, poriam fim à comédia, diga-se de passagem uma péssima comédia. Mas o pior mesmo é o rádio, o dia inteiro tocando música ruim e dando notícias que não interessam a ninguém, exceto a imbecis feito eles — o que me leva a uma conclusão que naturalmente se impõe: essa música ruim que toca nas rádios o dia inteiro existe para eles, não tem outra função a não ser divertir a cambada, uma súcia que não possui a menor sensibilidade para algo elevado, e menos ainda merecimento: aos porcos, farelos e excremento, e já é muito!

E os noticiários? Parece até que concorrem entre si para dar as notícias mais escandalosas, pois o escândalo vende, e quem compra o escândalo se não a “cambada”, a “súcia”, gente como essa do apartamento vizinho? O escândalo do momento é esse crime em que fuzilaram alguns marginais — que já morreram tarde, diga-se de passagem — e de quebra dois ou três inocentes que estavam no lugar errado na hora errada (quem mandou bobe-



ar?); e como já se tornaram enfadonhas as referências ao discurso desse tal Olímpio sobre o crescimento da violência e a ineficiência da Justiça, e à repercussão que teve! Mas quando esse assunto esgotar, quando por si mesmo esvaziar-se como um saco de papel, arranjarão outro que o substitua no interesse da cambada, e dá-lhe popularidade, e tome discurso!

Ora, esses homens da política e seus discursos!...

Falam, falam e não resolvem nada. Fodam-se todos eles. Eu os desprezo, assim como desprezo sua autoridade escrota, assim como desprezo qualquer autoridade: cuspo e cago em suas importantes “excelências”.

Que horas são?

### 3. A carta continua: o saco de ossos

*“Para começar, vamos falar de viver — por que deve alguém continuar vivo e o que fazer desse presente de grego com que nossos pais nos distinguiram à nossa revelia? E se consternado eu exclamo ‘vivi em vão’, cumpre ouvir a humanidade fazendo-me coro, mesmo a contragosto, pois na verdade todos vivem em vão: ‘a existência é um saco de ossos’ alguém terá dito alguma vez — parece-me já ter lido ou ouvido tal frase —, mas se não disse, digo-o eu e fica aí. Um saco de ossos não serve pra nada, a não ser para deitar fora. Um saco de ossos é igualmente um símbolo: pois um saco é um receptáculo, coisa no interior da qual se guardam outras coisas, e um receptáculo traz em si o sentido de utilidade, já que sua função é a de preservar, e só se preserva aquilo que vale a pena, por assim dizer, aquilo que tem importância, pelo menos alguma importância. Mas que importância terá uma porção de ossos velhos e empoeirados, para que servirão a não ser para serem atirados no lixo e largados pra lá? Logo, aquilo que preserva o que não tem qualquer utilidade é, em si mesmo, algo sem nenhuma serventia. Assim é a existência, e tanto eu como todos teremos vivido em vão. Porém, de alguma maneira podemos, se não tornar menos vã a existência, pelo menos torná-la mais inteligível, e é o que pretendo, foi o que na realidade pretendi com tal frase.*

*“Tenho vinte e oito anos, pouca saúde — padeço de uma bronquite crônica que me deixa às vezes quase sem ar —, e estou só, o que não é tão ruim quanto se pensa. Não serão bons motivos para pôr fim à vida? Não sei... Posso acrescentar que desde a tragédia não me sinto estimulado a nada, não há uma coisa que faça despertar em mim outra vez o gosto de viver. Da tragédia ficará nesta carta apenas esta alusão, é algo sagrado que eu não posso nem quero macular expondo-o aos olhos da ‘plebe vil e ignara’, mas se houver necessidade de esclarecimentos a esse respeito basta que subam a Toca e procurem saber. Com um pouco de perspicácia descobrirão o enredo. Quanto ao gosto de viver, não é certo que eu tenha tido algum dia esse gosto: pensando bem, é provável que eu nunca tenha gostado de viver; só que eu ainda não havia parado para pensar no as-*

sunto. Viver é um hábito, na verdade um mau hábito: a gente habitua-se, só isso — é mais fácil adquirir maus costumes do que bons, não resta dúvida —, e não me entra na cabeça que alguém possa realmente gostar disso, menos ainda quando penso nas pequenas misérias da condição humana. Essa será mais uma razão para que eu vá atirar-me da ponte? Talvez seja, mas há outras.

“Uma delas são os próprios traços do ser humano, tudo aquilo que o distingue de outros bichos — e eu não estou falando apenas de traços físicos. Eu costumava dizer que o mundo estaria melhor sem pessoas por aqui; penso assim, creio, desde que comecei a tomar conhecimento do mundo, talvez até antes — ainda que de uma maneira muito imprecisa —, mas esse insetozinho asqueroso achou de multiplicar-se pela face da terra — uma verdadeira peste, a única espécie que lamentavelmente não está em risco de extinção — e deu no que deu.

“O ser humano começa sendo ridículo, e o ridículo encobre tudo mais. Não adianta o drama, que o ridículo acaba por suplantá-lo, e a tragédia é em si mesma pateticamente ridícula: basta ver que uma cara de choro parece a cara de alguém que faz força para cagar; quanto ao mais, impõe-se o riso. Outro dia estava no centro da cidade e via as pessoas andando de um lado a outro. Concentrei-me no movimento das pernas, no vulto de quem ia e vinha, e sem procurar perceber vozes e palavras particulares deixava-me preencher pelo vozerio geral e pelos ruídos do tráfego. Em dado momento levantei a cabeça devagar espiando para o alto de um prédio envidraçado onde o sol refletia e por alguns instantes tudo pareceu diluir-se ao meu redor — somente por alguns instantes, pois não tardou que eu estivesse de volta e outra vez desse comigo mesmo submerso no prosaísmo do cotidiano; fui envolvido pelos ruídos do centro da cidade e uma vez mais pela confusão de manchas semoventes, pernas indo de um lado a outro, olhos encarando o mundo, bocas falando, mãos fazendo gestos, e ternos, gravatas, vestidos, relógios, jóias, echarpes, óculos, charutos, chapéus... E no meio de tudo aquilo, merda. A mais vulgar e prosaica merda como um ponto comum a todos: pois todos e cada um, fizesse o que fizesse, fosse para onde fosse, vestisse o que vestisse, levava consigo dois ou três quilos bem pesados de merda nas tripas.

“Se isto não é o supra-sumo do ridículo, não sei o que será, e se não figura um bom motivo para deitar-se alguém de través na via férrea, fechar os olhos e esperar a próxima composição, não haverá outro.”

#### 4. Luxo

Este prédio não passa de uma cabeça-de-porco — fato inegável —, mas foi o que consegui, era o que eu podia pagar e, para me sentir bem dentro de casa, tão logo me mudei tratei de fazer uma limpeza em regra: o piso é de taco, e estava tão imundo que eu tive de lixar os dois cômodos — a sala e o quarto, pois se trata de um reles sala-e-quarto de cômodos exíguos —, de-

pois limpar com soda cáustica e aguarrás, para finalmente encerrar; o banheiro encontrava-se em condições precárias e a cozinha não tinha muita diferença do banheiro, parecia até que os antigos moradores cagavam na cozinha e cozinhavam no banheiro, uma coisa de doido! Das paredes encardidas e esburacadas removi pelo menos uns cinqüenta pregos (para que tanto prego, o que será que penduravam neles?! Talvez dependurassem suas almas torpes, toda a infâmia de sua existência rasteira!), recompus o reboco e pintei de novo, envernizei as janelas por dentro, removi a tinta velha e a ferrugem dos basculantes e repintei, tive de gastar litros de detergente e água sanitária para remover as crostas enegrecidas de gordura dos azulejos. Eu passava dias inteiros trabalhando feito um condenado para dar ao apartamento uma aparência de dignidade, e de noite, como era impossível dormir aqui com o cheiro de tinta e solvente, durante aquele período (que não chegou a ser longo, três ou quatro semanas no máximo), passava as noites numa pensãozinha aqui perto. Por fim o apartamento ficou um brinco, então comprei móveis, ajeitei tudo e respirei com alívio: tenho uma estante para os livros, um sofá onde me deito para assistir TV, e como gosto de quinquilharias — bibelôs, carrinhos em miniatura, bonequinhos de bronze etc. —, sempre que posso passo no antiquário e compro alguma coisa.

Mas é só sair para o corredor que a coisa muda.

É tudo muito sujo, muito sombrio, até mesmo insalubre. Não que não façam faxina vez por outra nas escadas e nos corredores e não joguem desinfetante, mas mesmo assim a impressão que fica é a de que nada está efetivamente limpo, tanto como os corredores nunca estão efetivamente claros, apesar de trocarem-se as lâmpadas quando queimam. Isso se explica porque quando uma das lâmpadas se queima nunca é substituída antes de oito ou dez dias, e nesse meio-tempo prevalecem aqueles poços de escuridão ao longo dos corredores ou nas escadas, e entre uma faxina e outra transcorrem-se pelo menos duas semanas, tempo durante o qual o cheiro de sujeira impregna o chão, o ar, as paredes, de forma que nem a escuridão nem o fedor parecem extinguir-se de vez.

Acontece às vezes estarem todas as lâmpadas acendendo e também a faxina ter sido feita no dia, ou na véspera, ou no máximo dois dias antes; nessas ocasiões tem-se a impressão de estar vivendo noutro prédio, mas essa impressão dura pouco: uma criança vomita no chão, no dia seguinte uma lâmpada se queima, alguém perde uma fruta que fica por ali, apodrecendo, e a velha e familiar sensação de desordem, imundície e insalubridade volta a nos amofinar.

(Lembra-me então de improviso que certa ocasião houve um assalto aqui. Ocorreu pouco tempo depois de eu ter-me mudado. Pode parecer *nonsense* alguém se arriscar “para roubar o quê?”, pergunto eu, roubar o que numa baiúca como essa, mas o fato é que o casal de meia idade do 407, ao chegar

em casa certa noite, deparou com a porta aberta. Quem entrou sabia trabalhar com fechaduras, não deixou nenhum dano visível na porta, e o único sinal de sua invasão foi uma caixinha de jóias vazia abandonada em cima da mesa da sala. A pobre senhora chorava desconsolada pelas jóias furtadas, “nada de muito valor” explicava ela em soluços ao detetive Cruz, um polícia com cara de rato, amargo feito chá de losna, que adora costurar com rabo de tatu as costas de qualquer pé-inchado que lhe caia nas unhas. “Nada de valor” dizia a mulher ao policial, “apenas um cordãozinho de ouro e um anel com uma pedra verde, dizia-se que era uma esmeralda pequena, não sei se era, mas eram jóias de família, pertenceram à minha bisavó e vinham passando de mãe para filha”. O polícia fez anotações, alegou que não haveria perícia porque os peritos não dispunham de recursos para colher digitais, deixou com o casal uma intimação para comparecerem à delegacia no dia seguinte e se foi, pisando alto, óculos escuros para dar ares de autoridade, decerto aborrecido por não ter um suspeito de quem arrancar uma confissão e, de quebra, dois ou três dentes (dizem que para o Cruz não importa se prendeu o homem certo, importa apenas que prendeu alguém, e o “alguém” será o culpado — de fato ou presuntivo. O Cruz é um policial e tanto: bate bem, conhece com perícia os recursos da “persuasão policial” e quase sempre tem um culpado para apresentar à Justiça). Pois bem, as jóias não foram recuperadas, o casal — desgostoso — mudou-se pouco tempo depois, e dessa história o que fiquei ruminando foi justamente que razões levam uma pessoa a roubar num lugar como esse: talvez seja a facilidade, já que o porteiro no mais das vezes não está na portaria, e quando está não serve pra nada exceto fazer fofoca dos moradores — e devo admitir que ele me diverte bastante com suas histórias —; mas de qualquer forma é arriscar-se muito por pouco ou nada, e essa também deve ter sido a conclusão a que chegou o delinquente, pois desde então não tivemos novas ocorrências do tipo. Certo é que vez por outra eu torço para que entrem no apartamento defronte e levem o rádio desses dois miseráveis, mas até hoje essa foi uma bênção que o céu não nos propiciou.)

Digo “nos amofinar” porque imagino que outros moradores devem sentir-se incomodados com isso, embora não creia que os briguentos do apartamento em frente liguem muito: não tenho dúvidas de que sejam pouco higiênicos, e até mesmo sujos, pois pessoas assim são naturalmente sujas e por mais que tomem banho a sujeira permanece, trata-se de uma sujeira intrínseca que já faz parte de sua constituição genética — daí que não é impossível fazer idéia da desordem que deve prevalecer no cubículo que ocupam, a mesma desordem de sua existência inferior e vomitiva.

E quando a mulher começa a cantar?

Que horror! Não tem afinação, não pronuncia uma frase no tom correto, provavelmente não é capaz de entender a letra da música, ainda que seja das



mais vulgares — porque essa gente é naturalmente burra, incapaz de perceber o que quer que seja. Então me ponho a perguntar por que uma pessoa assim vive! É uma miserável, e embora eu não me refira ao lado financeiro, também nesse sentido não o deixa de ser, pois trabalha como diarista de segunda a sábado (às vezes folga nos sábados, mas nem sempre), sai cedo e chega tarde, e não raro avançam ela o parvo do marido pela noite adentro discutindo e estapeando-se. Mas o sentido mais exato para a palavra “miserável” aplicada a essa peste é a própria estreiteza de sua vida: não tem horizontes, não os terá nunca, no máximo terá concluído o ensino fundamental e não será capaz de nenhuma idéia mais profunda; aos domingos sente-se o cheiro de peixe que vem da cozinha deles, empestecendo o corredor — olha que eu já falei da pouca limpeza deste prédio! —, e quando sai, nos dias mais quentes, em vez de esconder as varizes numa calça comprida, põe uma saia curta e vai exibindo-as pela rua, hediondamente — e não são só as varizes, mas os “medalhões” negros que ficam de um machucado, de um furúnculo, um hematoma: sinais medonhos de feiúra, repugnantes a tal ponto que já justificariam uma amputação dupla. Olho para aquilo às vezes e me pergunto como é que um homem pode sentir desejo por uma coisa assim. Bem diz o ditado que “para comer merda não é preciso ter dentes”... se bem que, pensando melhor, esse ditado não existe... não existia até agora, pois acabei de inventá-lo... mas quadra bem ao caso, então fica.

Na verdade deveria ser proibido que alguém se expusesse dessa maneira. Penso que se algum dia os legisladores criarem leis sobre o bom e o mau gosto o mundo muda para melhor. Quando o feio for considerado um delito, quando alguém for metido na enxovia por cantar mal ou mostrar suas mazelas físicas em público, arrastar seus aleijões à luz do dia como a exclamar “vejam, eu sou um coitadinho mas também sou filho de Deus, tenham pena de mim” — quando, verdade seja dita, não despertam piedade alguma, senão o desejo de vê-los pisoteados por uma multidão desembestada —, quando um sujeito levar chibatadas por ter maus dentes ou for empalado por peidar perto de alguém, não é possível que as coisas não se ajeitem... já não digo que se conserte o mundo, pois para consertar o mundo só uma guerra nuclear que varra da face da Terra a espécie humana... mas será pelo menos feito uma demão de cal numa parede velha.

Acabei desviando-me do assunto ao aludir à má aparência interna do prédio, quando deveria ter falado também de seu mau aspecto exterior, porque um prédio assim não poderia ter melhor aparência por fora nem estar numa rua muito bonita.

Por fora o prédio parece mal-assombrado com seu ar de abandono, suas paredes cinzentas — tornadas cinzentas pelo tempo, pelas intempéries, porque há anos não se lhe passa uma demão de tinta —, suas janelas pequenas e escuras, mesmo quando abertas, mesmo quando alguém dependura um

pano colorido no parapeito. É um prédio de esquina com um pequeno espaço entre o muro rente à calçada e a entrada principal, um pequeno espaço onde se poderiam cultivar alguns canteiros de flor para alegrar, mas que, por decisão do síndico, resolveu-se cimentar “para evitar lama”, disse o animal, mesmo diante da insatisfação de alguns moradores; “com um gramado também não se teria lama” alvitrei, mas o sujeito olhou-me com desdém e disse que um gramado implicaria em despesas inúteis, “gastar-se-ia com mão-de-obra para aparar a grama” explicou, como se estivesse proferindo algo sábio e profundo, “e além do mais seria preciso regar, consumindo água desnecessariamente”, e assim ficou decidido; porém nem mesmo um piso de cores alegres lhe passou pela cabeça: cimentou-se e pronto, e o que já era cinzento e sombrio mais sombrio e cinzento se tornou. Está visto que eu, que apenas vez ou outra participava das reuniões de condomínio, nunca mais compareci, mesmo diante da insistência do tipo, que parece ter assumido o cargo em caráter vitalício — cargo que, a bem da verdade, não interessa a ninguém, já que ano a ano os condôminos o reelegem. Enfim, trata-se de uma besta quadrada, e seria em vão tentar opor-me sozinho a ele, já que ninguém mais o faz. A única coisa que eu posso fazer, e cuja decisão tomei de forma irrevogável, é não comparecer mais às reuniões, e o resto que vá pro inferno. (Certa ocasião — estando já os condôminos reunidos no *play ground* — o pulha mandou intimar-me, “como o senhor não tem cumprido com o compromisso de comparecer às reuniões, parece que é preciso convidá-lo especialmente” dizia o bilhete que me enviou por um dos moradores. No verso do mesmo bilhete respondi que eu nunca me comprometera a comparecer a reunião nenhuma, e que, além do mais, “é o senhor quem sempre tomas todas as decisões, portanto minhas opiniões não farão falta; aliás, da próxima vez, nem precisa reunir ninguém, decida por si mesmo e nos comunique por ofício”. Amarrou-me a cara e não falou mais comigo, o que me deixou amarguradíssimo!)

A rua não é das melhores, como aliás se pode deduzir do que já foi dito. A rua da frente era, em outros tempos, calçada com paralelepípedos, até resolverem asfaltá-la. Tal decisão não poderia ter sido pior, pois com o tempo o asfalto mal feito começou a quebrar; então abriram-se buracos, expondo os paralelepípedos e formando poças quando chove, carros e caminhões produzindo um barulho horrível ao passarem sacolejando sobre as irregularidades do piso. Defronte, do outro lado da rua, uma construção em ruínas há anos foi condenada pela Defesa Civil, mas depois de terem vindo os homens da prefeitura e esticado em toda volta faixas de plástico amarelo indicando interdição, ninguém mais retornou, não se tomou nenhuma decisão quanto a demolir e construir algo no lugar, ou pelo menos deixar o terreno limpo, e assim as ruínas tornaram-se ponto de encontro de maconheiros, putas e veados, ou seja, essa gente pior para quem a vida é uma esmola grande de-

mais, que para ali vai divertir-se com suas safadezas. No mais das vezes, passando-se por perto a certas horas da noite — e não precisa ser muito tarde —, escuta-se o que eles falam e fazem, e mais de uma vez, de uma espiada, pude ver um grupinho fumando aqui seu baseado e mais adiante alguma puta atracada com seu macho. É de dar nojo, mas não se pode fazer nada, porque até a polícia evita aparecer: quando uma viatura circula pelo lugar é apenas “pra dizer que veio”, não faz nada, não serve para nada, e toca-se o barco.

A rua lateral — voltemos, ainda que *en passant*, a falar da paisagem! — não é de melhor aspecto, senão de pior, e se estende — na direção dos fundos — por uns quatrocentos metros até o pé do morro: a Toca é lá.

Toca das Hienas, nome apropriado para uma favela, já que assim como se podem associar, e com muita propriedade, tais animais à carniça, podem-se também associar os moradores de tal lugar à imundície: tudo ali é mesquinho, reles, pequeno, escuro... e imundo.

Vou ter muito que falar da Toca, esse lugar encantado onde as fadas se embriagam diariamente, vomitam pelos cantos e caem esparramadas no meio das vielas com as vergonhas à mostra, e fedendo — mesmo porque em meus bicos eu ia lá com bastante freqüência. Lá eu conheci muita gente e vi coisas, verdadeiramente vi coisas...

## 5. O empresário Pereira

O Pereira é um sujeito magro feito uma vara, mais pra alto do que pra nanico; branquelo de traços rústicos, tem a boca larga e o nariz achatado como se fosse um negro, e o cabelo sarará. Digamos que ele seja um crioulo a quem Deus à última hora salvou do desastre, “tu vais nascer branco, seu filho-da-puta, mas a verdade vai ficar-lhe estampada nas fuças”. O tipo gosta de uma prosa e vez por outra me convida para tomar uma com ele; quando isso acontece é pra conversar fiado, não diz nada que preste pois não passa de uma besta, mas como ele me diverte eu às vezes aceito. Então sentamos numa mesinha de bar, desses pés-sujos que se encontram aos montes por aí, portinhas insalubres e asquerosas a que me sujeito por falta de opção; sentamos, pois, ali e ficamos bebericando uma cerveja, ele falando e eu ouvindo.

Eu o conheci logo que me mudei para cá, cerca de oito anos atrás. Ele vivia então com a Dalva, uma mulata de corpo bonito que saía de portae-standarte na Mangueira; tinham um menino de três anos, Jairzinho, que agora tem onze, é quase branco — embora não esconda a origem —, bonito, de traços muito delicados. A Dalva, contudo, morreu quatro anos depois atropelada embaixo, no asfalto, e o Pereira acabou-se. A casinha empoleirada em dois pilares de cimento, com as costas num barranco, até que era jeitosa, muito limpa e bem arrumadinha — estive lá uma vez para

consertar uma geladeira —, mas quem mantinha aquilo em ordem era a Dalva, pois o Pereira não passava — e não passa — dum traste viciado em jogo e o pouco que ganha com seus bicos vai à birosca do Tavinho perder nos dados e na roleta. A Dalva era o pé-de-boi da casa, pois além de jeitosa trabalhava pra ter tudo a jeito — o que havia de conforto no barraco fora comprado por ela — e criava o menino feito um príncipezinho. Na época da Dalva não vê que o garoto andasse sujo e desleixado como agora, mas depois de sua morte tudo mudou. A casinha, o Pereira passou nos cobres e foi ocupar um barraco imundo para os lados da Baixa, uma das piores partes da Toca; o que fez do dinheiro desconfia-se: foi acabar-se na roleta e nos dados, e o que veio depois é o que se vê: o menino, aos onze anos, anda feito um mendigo e não vai à escola, o pai mal põe o de comer em casa e leva a vida no lero.

Mas o cachorro me diverte, então aceito seu convite e vamos bebericar. Sei que ele não tem tostão, e o convite é para que no fim das contas eu pague a cerveja, por isso logo de cara o advirto pra beber devagar que eu também ando de caixa baixa — embora não seja bem verdade, até que tenho uns níqueis guardados, mas o que eu guardo é para mim e não para desperdiçar com um gorgulho desses.

— Mas isso é que não, seu Henrique — ele protesta com uma veemência divertida —, que essa é por minha conta... não esquento não que eu pago... afinal as coisas estão para melhorar... escuta só, seu Henrique, a gente não pode pensar pelo pior, isso é que não!... o pensamento deve ser sempre pelo melhor, que é pra atrair coisas boas... é por isso que eu... escuta só, ô do balcão, traz aqui pra nós uma gelada e dois copos... vamos entornar que eu hoje estou feliz... não, que mesmo que a coisa não vá lá muito bem... então!... Mas uma coisa eu lhe digo, seu Henrique, a Dalva era meu viver... não passa um dia sem que eu me lembre da Dalvinha... era uma alma boa, trabalhadora, prestativa... o senhor sabe, quando a gente se acertou, eu já lhe contei... a minha ex tinha me botado no olho da rua... ela e a jararaca da mãe... por umas coisas que eu fiz... pois, está certo, eu não agi bem, isso eu reconheço... que um homem tem de reconhecer seus erros, ora essa!... e isso eu reconheço: eu errei com ela, sim... não foi caso de mulher não, a história é outra... não sei se já lhe falei... não?... Pois... pois outra hora... então, estamos que eu errei, mas não era o caso daquelas duas me botarem no olho da rua com minha trouxa... saí com a trouxa... ô do balcão, é esse mijo quente aqui que você chama de gelada?... Caralho!... Traz outra e um balde de gelo, que essa vai ficar de molho até chegar no ponto... Comigo é assim, seu Henrique, se a gente não der duro nessa cambada... vê se isso é cerveja que se apresente!... e logo para um convidado da vossa categoria, n'ê mesmo, seu Henrique?... Puta-que-o-pariu!... bom, então eu saí com a trouxa... praticamente uma mão na frente e outra atrás... daí que encontrei

a Dalva e ela me acolheu... já havia um chamego dum pelo outro... eu gostava dela mesmo antes... e ela de mim... e vendo que eu estava sozinho, sabendo de minha desgraça... que nem a Dalva outra não tem!... então ficamos juntos, e ela ciumenta que só, nunca vi mulher ciumenta assim... se soubesse que eu estive com a Zilda... a Zilda era a minha ex... se a Dalva soubesse de prosa minha com a Zilda eu tinha de ficar de olho na faca... era bem capaz de me abrir a barriga duma puxada só... mas eu e a Zilda não tínhamos nada mais não... mesmo assim... cuidado!... um dia calhou d'eu visitar a Zilda e passar uma tarde inteira com ela... não sei como a Dalva ficou sabendo... a gente já estava junto havia um bom tempo... o Jairzinho tinha um aninho ou pouco mais... aí foi o diabo!... até caldeirão d'água fervendo ela me atirou nas costas... se eu não corro...! Fiquei uma semana só rondando a casinha na esperança de poder falar com ela... esclarecer... mas cadê que ela deixava eu chegar perto?... eu passava as noites nos fundos, embaixo dum pé de jaca... a jaqueira inda está lá... Sabe que o cara que mora lá agora faz compota de jaca pra vender? Supimpa!... mas, voltando... de manhã eu me levantava e ia chegando de mansinho... de repente, voava uma panela, uma pá de mexer angu, uma faca de ponta pela janela... eu tinha de correr, pois se não ela me acertava... e então eu de novo na jaqueira... a noite embaixo da árvore... pra de manhã ir chegando outra vez de mansinho... custou... levou uma semana... mas a Dalva tinha um coração de ouro... acabou perdendo... e depois de uma briga, quando ela perdoava, ah!... nem te conto, seu Henrique, nem te conto!... então foi acontecer aquilo... aquilo que o senhor já sabe... puxa vida... perdi a Dalva, perdi tudo... me desgostei... tem o menino... eu tenho de cuidar do menino... sei disso... mas sou um homem desgostoso... o desgosto é mal que não tem remédio... pelo menos inventado pelo homem não tem...

Só fazia uma pausa para entornar o copo e berrar para o balcão:

— Ô sujeito, espia só... a garrafa tá rasa!... Outra!... Mas gelada, hein?

Levantou a bunda da cadeira e peidou. Porco. Peidou e riu. Porco, mas divertido. Não me irrita com o desgraçado por saber que ele não me toma por um igual a ele, sabe que há uma dessemelhança entre nós, uma distinção, uma distância, embora não propriamente uma distância pecuniária, pois se ele não passa de um miserável, neste quesito eu também não sou nenhum Príncipe de Gales, mesmo me ajeitando melhor e tendo uma responsabilidade que ele nem ao menos suspeita existir. Enfim, a diferença, a distância entre nós é de intelecto e personalidade, pois enquanto eu leio livros ele nem a página de esportes, já que é quase analfabeto; eu, nas horas de folga, ousa até debruçar-me vez por outra sobre alguma filosofia, enquanto para o Pereira filosofia deve ser o nome de alguma vedete do antigo programa do Chacrinha, ou quem sabe de alguma puta dos Arcos da Lapa. Vivemos num mundo que eu conheço bem, e que me enoja justamente por



conhecê-lo bem, enquanto esse pobre-diabo não sabe em que mundo vive e tudo para ele parece bom e natural. Se não bom, pelo menos natural.

Talvez seja feliz assim — mas uma felicidade de trapo e estrado, de buracos no colchão e ratos pelos cantos do barraco, e no final uma ignorância absoluta. A ser feliz assim é preferível a enxovia ou a morte. Mas o desgraçado quer continuar, nem sequer lhe passa pela cabeça o suicídio como uma opção pelo menos decente para sua existência.

— Mas as coisas estão para mudar, seu Henrique... tudo vai melhorar, estou bem certo disso... pois eu lhe digo... pra mim não tem mais jeito, já sou homem gasto... já passei dos quarenta... pra dizer a verdade, já estou com quarenta e cinco, veja o senhor... e se não arribei até aqui, não será agora... mas pra quem é novo... o senhor sabe, pode haver esperança pra quem é novo, do contrário... então o Jairzinho... veja bem o senhor, seu Henrique... o Jairzinho é um bom menino... está com onze anos e já apareceu pra ele um servicinho aí... coisa garantida e ele nem tem de fazer muita coisa não... servicinho leve... deve ser, pois é só de vez em quando... já foi três vezes... e já rendeu... veja o senhor... — e nesse ponto Pereira tirou do bolso um maço de cédulas. Então não estava blefando quando me convidou para beber. Eu relaxo e respiro fundo. Já estamos com cinco garrafas na mesa e ele manda vir mais, mas pelo menos desta vez — ele garante — não vou ter de desembolsar.

— E como foi isso, Pereira? — eu pergunto, maravilhado mas já desconfiando do tráfico. Pois na Toca o tráfico rola solto, polícia não aparece e eu só entro lá porque já sou conhecido: não fosse isso, não passava da primeira encruzilhada.

O Pereira explica:

— Tempos atrás... apareceu aí um sujeito... conheci ele ali pela orla... me viu com o Jairzinho, nesse dia a gente tinha saído pra andar pela orla... o moleque gosta de brincar na areia, entrar na água, e tem outras crianças, pra ele é bom... e a gente aproveita pra comer umas coisinhas... salgadinhos, docinhos, essas bobagens que não têm em casa... e enquanto a molecada se diverte a gente dá uma paquerada, que ninguém é de ferro... a mulherada anda solta, o senhor sabe disso, e não se deixa passar, é até judiaria... bem, a gente perambulava pela orla quando o sujeito veio vindo... como quem não quer nada... queimado de praia, pinta de grã-fino, óculos escuros, cordão de ouro no pescoço, anel no dedo... ofereceu uma bebida e pegamos a conversar... o Jairzinho ficou à vontade, do jeito que ele gosta... “cuidado pra não ir pro fundo, moleque” eu berrei, mas ele é obediente... ficou na beirada... sentou na areia... daí a pouco brincava com outros garotos... e o sujeito conversando... falando da vida, das dificuldades, da carestia... eu não deixei de lhe dar razão... “tudo pela hora da morte, seu Carlo” eu disse... o nome dele era Carlo, ele se apresentou logo que pegamos de prosa... e eu fui

lhe contando minha vida... como foi que eu perdi a Dalva... o que ela fazia pela casa... tudo que passei e venho passando... “mas então você perdeu a casa também, homem?” ele disse, espantado... ué, espanto por quê?, né, seu Henrique... a gente tem as coisas e perde... uns não perdem, outros perdem... a vida não é igual para todos... então eu expliquei pra ele... que sim... sem entrar nos detalhes... falei de dívidas... falei do desgosto... um homem desgostoso, não é, seu Henrique?... e ele ficou quieto, lá na dele, pensando... bebia devagar sua cerveja... daí que ele disse “vou lhe oferecer uma ajuda, se você quiser melhorar de vida”, e eu disse “então não quero, seu Carlo? Pois quero, o que for”... e ele disse “aquele menino é seu filho?”, e eu disse que sim... “pois eu tenho um servicinho pra ele, mas é só se você concordar, está ouvindo?”... eu cá comigo fiquei pensando o que o menino podia fazer, pois nessa idade... mas não negaceei, esperei pra ver e disse que concordava, pois, seu Henrique, eu estou pra qualquer coisa... a gente tem de sobreviver, o senhor sabe... “tenho um amigo” ele foi dizendo “que tem uma casa onde se dança e se serve bebida pra clientela, e às vezes falta um garoto... dessa idade mesmo, entende?, serve pra ajudar”... “pois se o senhor quiser contratar o Jairzinho, eu topo” fui logo oferecendo, que era pra ele não dar pra trás, e ele me deu o endereço... Casa das Flores, já escutou falar, seu Henrique? Fica ali pela R\*\*\*, o lugar não é muito bonito não, embora a casa seja boa, vistosa mesmo, por dentro então é um luxo... e eu levei o Jairzinho lá no dia que ele marcou... às oito da noite, conforme combinado... encontrei lá o Carlo e o dono, um tal de seu Gouveia, já de idade... pessoa de bem, pela aparência homem sério... E o Carlo me apresentou ao seu Gouveia: “Gouveia, este é o Pereira, trouxe o garoto” e eu fui logo empurrando o Jairzinho pra frente... o tal seu Gouveia examinou o menino... “muito bom” ele disse, “hoje mesmo temos serviço pra ele”... então eu fui franco “o menino pode ficar, trabalho é trabalho, mas a gente tem de acertar o preço”... daí o Carlo me levou para os fundos e puxou de uma gaveta uma bolada e meteu tudo na minha mão, acho que nem contou direito: “Escuta aqui, Pereira, o menino fica até aí pelas onze, nesse horário você vem buscar, e tem mais...” fiquei só escutando, ainda sem acreditar que estava com aquele dinheiro no bolso... “...a casa precisa às vezes de gente pro serviço... que nem seu menino... a gente vai precisar dele mais vezes... mas se você arrumar outros meninos pra nós... e meninas também... tudo nessa faixa etária, onze, doze, algum mais novinho, de dez... tem serviço, e pra você comissão. Aceita?” e eu, que não sou bobo, ia dizer que não, seu Henrique?... Aceitei na hora... meu menino colocado... e se eu arranjasse outros da mesma idade, e meninas, tudo pro serviço deles lá, inda levava comissão!... e em dinheiro vivo, ali, na bucha... “só tem uma coisa, Pereira... você tem de prestar atenção...” e eu fiquei atento... mas era bobagem... coisa de pouca importância... sabe o que ele recomendou? Que eu

não espalhasse, que não saísse contando pra Deus e o mundo... que procurasse algum possível interessado e falasse com ele... “tudo tem de ser na surdina, por causa fiscalização, está entendendo” ele explicou, “a fiscalização se sabe que tem menor trabalhando dá encrenca, e aí a casa perde, eu perco, e você também perde, principalmente você perde”... Daí que a coisa é moleza... já andei procurando por aí... mas hoje mesmo fui levar o Jairzinho, tinha mais serviço pra ele... o que é eu não sei bem... isto é, não sei, que ele não disse... não explicou... quero dizer, não explicou muito bem... tinha de servir uns fregueses especiais... gente distinta... coisas assim... mas primeiro disse que não queria mais ir... fez cara de choro... então eu lhe passei um especial... dei bronca, vai se fazer sala com criança?... Criança obedece e pronto!... Fiz cara de sério: “Então você quer que seu pai viva sempre nessa pindaíba?... Não vê o tanto que me esforço por você?... Está na hora de você dar uma ajudazinha em casa”... e nem tem de trabalhar tanto assim, seu Henrique, pois da primeira vez levei ele às oito da noite, e quando foi onze estava liberado... da segunda demorou o mesmo... hoje foi agora pela manhã... tem uma hora que deixei o moleque lá... daqui a pouco vou buscar... molezinha, e com dinheiro graúdo... E aí o peste resolve fazer biquinho?... Não, comigo não... tem de me obedecer porque eu sou o pai, afinal tudo que eu faço por ele não vale nada?... Ora!...

Fungou. Levantou-se e foi escarrar no meio da rua. Voltou e aboletou-se outra vez.

— E você já conseguiu mais meninos e meninas pra ajudar o pessoal do serviço lá nessa tal Casa das Flores? — perguntei.

— Ando vendo por aí... já tenho em vista uma menina que mora lá perto de casa... ela tem dez, e o seu Carlo falou que com dez também eles aceitam, mas depende... vou falar com ele, se servir já é algum que entra, tanto pra mim quanto pra mãe da menina... pra mim é só comissão, a bolada é para a mãe da moleca... mas já está muito bom!... caramba!... e é pegar ou largar, vou logo dizendo pra ela... vou logo abrindo o jogo, que tem gente na fila... tem gente na fila... é só o seu Carlo me dizer que serve... hoje mesmo quando for buscar o Jairzinho eu falo com ele...

Cocoei o queixo e fiquei espionando o Pereira, que de cenho franzido bebia devagar e limpava a boca com as costas da mão, soltando um arroto prolongado. Eu me enganara: não tinha tráfico no meio, mas prostituição, e o idiota ou não havia percebido, ou fingia, pra não perder a boca. Imbecil como era, não seria impossível que não se desse conta da verdade, mas era também possível que já se tivesse dado conta do “servicinho leve” prestado pelo filho de onze anos e aceitasse conscientemente prostituí-lo para não perder o negócio — que decerto nem haveria de ser tão lucrativo como ele pintava, a não ser para um pobre coitado feito ele, que nunca vira “tanto dinheiro assim na vida”.

Enfim, aquele era o Pereira, e aquela a colocação do Jairzinho. Levantei-me, virei o último copo e, intimamente mandando pai e filho para o diabo, arrotei alto, aleguei pressa e saí do bar.

## 6. Família, doce família

*“Não tenho família...”*

*“Mas logo me apercebo de que começando assim não conseguirei dar uma idéia muito precisa da minha posição, seja na família, seja na sociedade, se bem que eu não creia que algum dia tenha ocupado na sociedade qualquer posição. Aliás, é o caso de se perguntar a que sociedade pertencíamos, nós, uma família pequeno-burguesa, católica, hipócrita e com laivos de gente-bem. Mas pouco importa, pelo menos por ora, são filigranas que decerto não acrescentarão nada de muito relevante à história. Parece-me que devo apenas falar; ainda que por alto, das circunstâncias do meu nascimento, da minha infância, de como e onde cresci, para desse jeito fazer-me compreender melhor quando der continuidade à frase que encabeça, incompleta, esta página, e que ali ficará, incompleta — uma lembrança de que deverei continuar a partir daquelas reticências.*

*“O bairro onde nasci — e que por ora prefiro não identificar; se quiserem antecipar é só dar uma espiada no final da carta, onde anotarei com todas as letras o endereço dos meus pais — era um desses bairros de um agradável aspecto burguês, ainda que um tanto decadente, com um miolo mais bem preservado do caos em que toda cidade grande se converte ao mergulhar-se na malha urbana. O centro da cidade, por exemplo, é um horror: não apenas por sua sujeira, mas pela balbúrdia, o barulho, um trânsito infernal, gente andando em todas as direções — e o que é pior, gente feia e mal-cheirosa — e aquela impressão de doença maquiada em todas as paredes! No nosso bairro, mormente em nossa rua e principalmente no tempo de minha infância e adolescência, ainda podíamos gozar de um tanto de sossego. As ruas eram asfaltadas, árvores frondosas que beneficiavam os moradores com sombra e frescura cresciam nos quintais guarnecidos por cerquinhas de madeira, cujos portõezinhos de tábua abriam para calçadas largas e limpas. As casas — como a nossa e, de resto, como a maioria — eram antigas e espaçosas, de cômodos claros e arejados, no mais das vezes laboriosamente conservadas contra a ação deterioradora do tempo e das intempéries, e via de regra contavam com um quintal amplo nos fundos onde alguns moradores chegavam mesmo a cultivar ou uma horta ou um pequeno pomar.*

*“Foi nesse lugar, onde predominavam uns ares bucólicos de antigüidade que o trânsito pouco intenso não chegava a afetar; que eu nasci e cresci.*

*“Curioso, todavia, era constatar, a algumas quadras de onde morávamos, a existência de uma ruazinha sem saída, estreita e esburacada e em cujas imediações rareavam as boas residências; tal ruazinha conduzia a um recanto onde se*

sustinham de pé não mais de meia dúzia de casebres miseráveis e que, por causa do tipo de gente que ali vivia e dos alvoroços que não raro se faziam ouvir — até mesmo de longe —, ficara conhecido como *Buraco Quente*: era uma gente não muito diversa dessa que infecta a *Toca*, só que reles até mesmo no número, pois não passava de cinco ou seis famílias com seus rebentos feios e sujos — como costumam ser os filhos dessa caterva — pululando entre os montões de lixo que se acumulavam ao pé dum barranco.

“Esse povo aparecera ali havia não muito tempo, eu à época um molecote de sete ou oito anos. Lembro-me com alguma clareza de, certo dia, durante minhas andanças pelas redondezas — e aproveito para esclarecer que, dadas as condições do nosso bairro, eu e outras crianças de lá gozávamos da liberdade de zanzar à solta pelas ruas sem despertar grande preocupação em casa, bastando que não nos afastássemos muito e não estivéssemos muito tempo ausentes —; lembro-me, portanto, desse dia em que vi algumas pessoas arrastando carroças carregadas de tralhas adentrar aquele terreno, abrir dita ruazinha e ao pé do barranco se instalar com sua miudeza sórdida. Formou-se, portanto, ali uma pequena favela que não chegaria a crescer: nos poucos anos em que essas famílias ali residiram não chegaram a proliferar (o que pode parecer surpreendente, dado que a miséria prolifera como um tumor), de maneira que as quatro ou cinco que vieram seriam não mais que sete ou oito ao irem embora.

“De nossa casa até o *Buraco Quente* não se gastavam vinte minutos a passo miúdo, e era num relance que se saía do bairro agradável de pequena burguesia que descrevi para um lodaçal, um fervedouro de inmundícies, assim como quem está caminhando em chão firme e, de súbito, afunda o pé num charco.

“Quando abandonei a casa dos meus pais, do *Buraco Quente* já não restava a não ser o terreno que, adquirido anos antes por uma imobiliária, fora limpo e cercado com vistas à construção de um conjunto residencial; mas nos meus tempos de criança — dez, onze anos — ainda era possível escutar ao longe o estardalhaço que a canalha fazia naquele lugar; o berreiro das mulheres surradas pelos maridos borrachos, o alvoroço lacrimoso das crianças assustadas para quem sobrava igualmente seu quinhão de bordoadas, a sirene do carro de polícia que vez por outra aparecia por lá para conter os ânimos, menos com o argumento do bom-senso e mais com o dos cassetetes — aliás, o único cabível entre tal gente e em similares circunstâncias. A inferneira espalhava-se por longe bairro adentro, pois o barranco nos fundos do aglomerado fazia o efeito de um tipo de concha acústica que projetava o barulho em nossa direção, e como fosse freqüente tinha-se a impressão, às vezes, de ser permanente!

“Nessas ocasiões meu pai chegava à janela do corredor que dava para os fundos e punha-se a escutar para minutos mais tarde referir-se àquilo como uma sucursal do Inferno, um lugar de gente danada, sem Deus no coração e com sua perdição decretada desde sempre, ‘pois não é possível que Deus desvie seus olhos para tal lugar e em benefício de tal gente, de forma que já de antemão

*estão condenados todos, grandes e pequenos, aos braseiros de Belzebu' concluía ele de forma redonda e taxativa, ao que minha mãe em seu mutismo costumeiro murmurava com um desprezo horrorizado 'que gente!'; enquanto fazia o pelo-sinal.*

*"Pode parecer que as imagens que eu acabo de descrever estejam carregadas nas tintas e que, em boa parte, se devam à minha imaginação de cronista. No entanto, mais de uma vez naqueles tempos eu saí zanzando pelas ruas vizinhas indo parar no Buraco Quente, não nego que movido por uma curiosidade morbosa. Os montões de lixo de onde elevavam vôo urubus às dúzias e emergiam as crianças do lugar, sujas, medonhas, quase ultrapassavam em altura qualquer um dos barracos, e a mesma curiosidade que arrastava meus passos naquela direção fazia com que aquelas crianças olhassem para mim, o menino bonitinho e cheiroso, bem vestido e de cabelo penteado (naquela idade era bem assim que minha mãe me punha no fim da tarde, dizendo "pode ir brincar na rua, Riquinho — chamava-me por esse doce apelido! —, mas não vá muito longe") que se atrevia a aparecer ali e invadir seu mundinho minúsculo e pestilento. Certa vez, numa de minhas escapadas até o Buraco Quente, lá cheguei quando se iniciava uma tempestade, ou seja, uma contenda entre os moradores, e pude ver bem de perto o que só de longe e vagamente escutava de minha casa, que fazia meu pai lembrar-se da danação eterna e minha mãe benzer-se com sua expressão do costume: 'que gente!'.*

*"Quando, alguns anos depois de ter-se formado — cinco ou seis, não lembro bem —, o Buraco Quente deixou de existir; o lixo — até o humano — removido da noite para o dia, os barracos arrasados, o terreno aplainado por retro-escavadeiras, ninguém soube para onde havia ido todo mundo, e mesmo meu pai, que gostava de escarafunchar essas histórias para extrair delas uma mensagem edificante sob a ótica de seu catolicismo empoeirado e ácido, não conseguiu apurar nada.*

*"Ninguém sabe' comentou ele à noite, à mesa, com minha mãe, que murmurou um 'ainda bem, estamos livres daquela gente' (meu pai: "Gente? Aquilo nunca foi gente!"), embora nós sempre estivéramos livres, já que salvo o barulho distante das badernas ocasionais, em nada o povo do Buraco Quente nos podia afetar. Nem o cheiro chegava até nossa casa. 'Passei por lá hoje' continuou meu pai, 'parei para olhar; falei com um e com outro. O terreno está limpo, é amplo, dizem que vão construir ali um conjunto residencial. Mas dos moradores...' e, deixando a frase incompleta, moveu a cabeça num gesto de negação. Minha mãe suspirou com visível satisfação.*

*"Foi, portanto, dividido entre o bem-estar de uma casa ampla e confortável e a miséria que pela primeira vez na vida entrevia sem compreender muito bem aquela diferença — e que depois eu acabaria por esquecer, quando já não restasse naquele recanto qualquer 'souvenir' —, que eu cresci... para desgosto de minha família.*



*“Fintos esses prolegômenos, convém retornar àquelas reticências e repetir neste ponto a frase interrompida, pois se é certo que do que foi dito já ficaram alguns indicativos de como era — e continua sendo — minha família, não deixa de ser conveniente — e até interessante — que esmiucemos um pouco mais a coisa. Vamos pois a ela.*

*“Não tenho família (e então se compreende o sentido figurado dessa frase desoladora), pelo menos é como se não tivesse, pois nem lhes sou afeiçoado, nem os lá de casa me apreciam. Sou o caçula, o rebelde, a ovelha-negra, sou aquele que não se enquadrou, e meu pai resolveu dar-me uma lição de moral — aliás, não uma mas várias, pois vinha sempre com a mesma lengalenga: ‘Veja seu irmão’ dizia ele tratando de enaltecer o filho mais velho, o ajuizado, o que fazia tudo certo e já no começo da vida adulta conquistara um emprego, tinha um ganho mensal garantido, estudava e em pouco estava noivo devendo casar tão logo se formasse, ou até antes, se tudo corresse a jeito, pois enquanto meu irmão fazia o tipo do sujeito certinho, desses que vão à missa aos domingos e todos apreciam (e só isso de ir à missa aos domingos já diz tudo); enquanto ele era o bom menino, eu me tornara desde cedo o amotinado, o revoltoso, o delinqüente moral, e tinha de agüentar as reprimendas paternas. Minha mãe apenas escutava, encarando-me com uma expressão séria e olhos de verruma, mas nada dizia: o sabão cabia a meu pai passar-me, ela como boa e obediente esposa estava ali tão só para dar-lhe apoio. ‘Veja seu irmão’ repetia ele, e eu olhava mesmo para meu irmão, que às vezes acabava de chegar — e de certa feita com o cabelo recém-cortado e fiapos salpicando-lhe a camisa branca de mangas compridas, que ele foi imediatamente ao banheiro trocar: ‘O bom menino’ pensei cá comigo, ‘chegou de cabelinho cortado, todo bonitinho, e logo mais estará em qualquer recanto enfiando o piru no rabo da noiva’, ambos bem escondidinhos de todos, é claro, embora as duas famílias soubessem muito bem o que faziam (não exatamente ‘como’, mas que faziam), e ninguém comentava porque o casamento estava marcado e numa família como a nossa casamento marcado era sinônimo de casamento realizado, portanto tudo estava bem.*

*“Ora, o casamento!...*

*“Para meu pai, o fato de meu irmão estar namorando firme desde cedo e com intenção de casar-se em breve significava maturidade, seriedade, comportamento de homem etc. ‘Um homem de verdade constitui família’ dizia ele sentencioso, o ar sapiente de um velho professor; ‘e o mais cedo possível!’. Só vendo o ‘Deus nos acuda’ quando meu irmão apresentou a namoradinha cheirosa em casa: a menina, toda comportadinha, sentada no sofá da sala ao lado do palerma de cabelo penteado e camisa social, a figura do bom-moço, minha mãe toda afogueada servindo cafezinho com biscoitos e depois indo sentar-se defronte, curvando-se solícita e com um sorriso nos lábios para a princesa, tratando-a feito um bibelô, uma porcelana chinesa, e meu pai indo e vindo, dando voltas na sala, as mãos nos bolsos da calça, ‘sim senhor; então o moço já está pensando*

*em compromisso' dizia impado de uma satisfação mal contida, 'isso sim é que é pensar no futuro! É que é andar direito! Isso sim, meus jovens, é que é ter juízo', e por aí afora.*

*"Diante de toda aquela paparice piegas eu, em meu quarto, resmungava comigo mesmo por que haverá um homem de querer casar-se, atrelar sua vida à vida de outra pessoa e carregarem ambos uma existência árida e estéril, de uma mesmice requentada e cheia de bolor? 'Pelo menos' pensava com meus botões, 'enquanto existir máquina de lavar, empregada doméstica e prostíbulo, pra que casar?'. Certo é que depois de ter-me mudado para o meu quarto-e-sala não contratei nenhuma empregada doméstica, dispensável dadas as dimensões de minha vivenda; mas a máquina de lavar está ali, espremida em um canto da cozinha entre a pia e o guarda-louças, e só não frequento a zona porque mais fácil é arranjar uma puta aí pela rua e levar para o prédio em ruínas aí em frente. No mais, sigo à risca minha filosofia acerca do casamento. Está visto que eu nunca declarei em casa o que pensava dessa 'sacrossanta instituição', seria pôr o pescoço na guilhotina, arriscar-me à excomunhão, à condenação eterna, mas seguia minha vida do meu jeito, não podendo negar a raiva que eu às vezes sentia de meu irmão, embora ele não tivesse culpa nenhuma, afinal o coitado não se metia comigo e era à sua revelia que meu pai o citava como exemplo. Tampouco posso negar que eu dava motivos a papai de revoltar-se com meu comportamento, que se antes não era exemplar como ele esperava que fosse, depois tornou-se pior, chegando a extremos; mas se não posso deixar de reconhecer minha culpa, não posso deixar também de sentir minha própria dor e reconhecer minha fraqueza e a impetuosidade que me impedia de adequar-me às circunstâncias.*

*"Disse acima 'antes' e 'depois', mas essa palavras, como é de esperar, se aplicam a alguma circunstância, pois 'antes' é sempre antes de alguma coisa, e 'depois' é invariavelmente depois dessa mesma coisa. Essa coisa, da qual falei adiante, foi a gota d'água na minha vida que já oscilava na corda bamba sobre o precipício (pelo menos naquela época, em que eu transitava do final da adolescência para o início da vida adulta); e se antes o sentido de viver escapava-me quando eu me punha a pensar nele, depois tornou-se claro para mim que viver é apenas um sinal de teimosia. Foi diante dessa certeza que descambei para o mau caminho, para o desregramento total.*

*"Quero que entendam esse preâmbulo como necessário para alcançarmos no momento certo o cerne da questão. Tudo irá se esclarecer; esse é um compromisso que assumo, do contrário não faria nenhum sentido escrever esta carta.*

*"Quando a vida em família tornou-se insustentável resolvi sair; abandonar a casa de meus pais, creio que para alívio de todos — aliás, sim, estou certo de que foi para alívio de todos —, e quando meu irmão se casou, já que não tiveram a delicadeza de convidar-me, pelo menos de mandar avisar 'ei, seu irmão se casa semana que vem', cometi de minha parte a indelicadeza de não compa-*

*recer; fiz como se não soubesse ou como se tivesse esquecido a data. Certamente motivo não lhes faltava para me quererem longe, quem sabe tinham medo de que eu fizesse alguma vergonha em sua festa, mas numa ocasião assim podiam ter deixado os rancores de lado e refletido que, afinal de contas, o filho transviado não era nenhum desordeiro a ponto de lhes causar transtornos durante a cerimônia.*

*“Faz pouco mais de oito anos que me mudei. Pensam que me procuraram? Pensam que ao menos se preocuparam em saber como vou levando a vida? Não vê!”*

## 7. Coisas do amor

O homem resolveu sair agora, sei disso porque desligou o rádio. Quando desliga o rádio é porque vai sair, o que se tornou um hábito mesmo estando em casa a mulher, que torna a ligá-lo mal ele põe o pé no corredor.

Mas o rádio não incomoda por causa do volume, incomoda porque toca música ruim e dá notícias que não me interessam, incomoda mais ainda porque pertence a esses dois animais, porque é o divertimento deles. Aliás não sei como alguém ainda consegue escutar rádio hoje em dia: os programas são tão desinteressantes que só imbecis como esses dois ainda perdem tempo... embora o tempo para essa gente não tenha qualquer importância, tanto faz ocupá-lo em algo proveitoso como em alguma inutilidade, já que sua capacidade de discernimento é tão restrita, seus limites são tão estreitos que qualquer juízo correto lhes está naturalmente vedado... O rádio, enfim, é coisa sabida, foi suplantado pela televisão, mas tampouco a televisão mostra algo que preste... acho que no mundo já não há nada que preste... caralho, que merda é tudo isso!

Eu não disse? Já vai, acaba de bater a porta e sair. A mulher também não está, mas como hoje é sábado deverá chegar um pouco mais cedo, aí pelas três ou quatro. Ele às vezes chega depois, às vezes antes, e então tudo parece bem. Eu só não direi que a casa nessa hora está silenciosa porque a primeira coisa que um ou outro faz assim que chega é ligar o rádio. Mas a coisa estoura mesmo é lá pela uma da manhã: porque os dois saem por volta das dez e vão para um forró que tem no final da rua, ao pé do morro. Aquilo é um pulgueiro, só vai a escória, essa gente que vive sem quê nem pra quê e que seria alcançada pela Lei se os legisladores fizessem como eu penso que deveriam fazer... É para aquele pulgueiro — quando não para a birosca do Tavinho, lá na Toca — que esses tipos vão, é ali que eles procuram seu divertimento sórdido, pequeno e miserável — bem digno deles, diga-se de passagem —, pois que direito teriam a alguma coisa melhor?... Ali se embriagam, canso de vê-los bêbados quando chegam... vê-los propriamente não, eu não perderia meu tempo em ir espiar essas coisas ruins pela fresta da porta, que-

ro dizer ouvi-los... porque já entram no prédio fazendo escarcéu, brigando por sabe-se lá o quê, e não tarda o *show* tornar-se completo com direito a palavrões e pancadaria, e na manhã seguinte ela aparece cheia de vergões e ele com um olho roxo, ou lanhos sanguinolentos na cara, nos braços. Porém, nenhum morador se mete, nem chama a polícia, isso porque certa ocasião — não fazia muito tempo que haviam se mudado para o prédio — a briga entre os dois foi tão feia que alguns moradores saíram de suas gaiolas, outros desceram apressados, formou-se um escarcéu dos diabos aí em frente. Quando abri a porta a mulher estava no corredor, descabelada, a cara vermelha, a blusa rasgada de cima a baixo e, muito agitada, com um fio de sangue a escorrer pelo canto da boca, berrava que o marido havia tentado matá-la “com uma faca de cozinha”, e agitava os braços chorando em cômico desespero. Os presentes falavam todos ao mesmo tempo, perguntavam, queriam saber, seria decerto esse interesse sórdido pela miséria alheia que movia aquela canalha, levando-a a uma solicitude de comédia; um morador do terceiro andar tentava acalmar a mulher e com cautela retirar-lhe a faca das mãos enquanto um outro, do quinto, espiava para o interior do apartamento. Nesse momento o pulha botou a cara na porta. Dum arrancão, foi puxado para fora pelo morador do quinto andar e depois atirado aos trambolhões para o fundo do corredor; o morador do terceiro e o do quinto o encurralaram ali e se empenharam em surrá-lo. Então aconteceu algo inesperado: a mulher lançou um grito “não o machuquem!” e atraiu-se por trás com o morador do quinto andar, mordendo-lhe o ombro com fúria. O homem, com um giro do corpo, sacudiu-a de si como quem sacode uma barata e estalou-lhe dois tapas na cara que a atiraram de costas contra a parede, “sua puta!” berrou, “estamos tentando te ajudar e é assim que agradece? Pois fique pra aí, tomara mesmo que ele lhe arranque o fígado com a faca e jogue para os gatos comerem” e meteu-se escada acima pisando alto. O morador do terceiro andar aplicou mais dois ou três safanões no homem e também se retirou cuspidando. Por fim, enquanto o marido se levantava buscando abrigo dentro de casa, algumas vizinhas mais pacientes e compreensivas acudiam a mulher, “você está machucada, querida” diziam para acalmá-la, “precisa de atendimento médico, vamos” e por fim conseguiram convencê-la a ir até o pronto-socorro, de onde a cadela — que não deixa de merecer cada bordoadada que leva — voltou com um braço enfaixado e cheia de manchas roxas pelo corpo; mas o estado do patife não era dos melhores, pois além da surra que lhe marcara o corpo com vergões, tinha a cara, o pescoço, e os braços lacerados a unha...

Essas quizílias depois se tornaram tão corriqueiras que todos desistiram de se meter, acredito terem percebido que seria uma desumanidade interferir daquele jeito, pois afinal isso é o que eles têm, é o que os mantém vivos e saudáveis... na medida do possível. Tire-se isso deles e é provável que se

suicidem de tédio, ateiem fogo ao corpo e saiam pela rua num último e lamentável espetáculo — o que contudo seria, no mínimo, uma higiene e é pena que não aconteça.

## 8. Uma surpresa

*“Porém, se é para a polícia saber de fato por que eu tomei essa decisão e não aporrinhar-se investigando (embora seja pouco provável que a polícia vá mesmo se preocupar com a morte de um sujeito sem eira nem beira feito eu, devem apenas registrar o fato: registram e engavetam, eis tudo), preciso relatar as coisas como são, e não apenas deixar aqui umas quantas reclamações contra os velhos, outras tantas contra meu inofensivo irmão e parar por aí.*

*“...Embora não deixasse de ser conveniente que os tiras fossem bater à porta desses briguentos do apartamento em frente e intimá-los, ou na casa dos velhos... Isso decerto farão para não dizer que não se fez nada... Pelo menos levar a notícia aos velhos e ao meu irmão terão de fazer (por isso não me esquecerei de anotar o endereço deles no final); já imagino o policial chegando lá com uma cara séria, cuspindo num canto a ponta do cigarro e convidando meu pai a comparecer ao Instituto Médico Legal para identificar um corpo, ‘pois suspeitamos tratar-se de seu filho, seu Barbosa’... bem, aí está, identifiquei meu pai, pelo menos com o sobrenome, Barbosa, que é como todos o chamam... já que escrevi, que fique, não há de fazer diferença, e até aproveito para identificar-me também: meu nome é Henrique, Henrique Barbosa da Costa (o Costa vem de minha mãe — e aproveitemos o ensejo para não deixá-la na obscuridade: chama-se Elvina, não tendo sido possível aos meus avós encontrar nome mais vulgar para a filha, coitada! —, e foi a única coisa que herdei dela, de sua quietude, de sua leseira, e vejam lá se isso não é motivo para revoltar-se um cristão — ainda que um mau cristão feito eu, que nem sou cristão —: herdar da mãe apenas um sobrenome, e ainda mais de uma inominável vulgaridade!).*

*“Como a polícia já esteve em nossa casa certa vez em circunstâncias traumáticas — do que irei falar mais adiante —, imagino meus pais assombrados tanto com a notícia quanto com a presença de um policial outra vez em seu portão, coisa que em sua cabeça é motivo de vergonha, pois afinal se a polícia bate à nossa porta não será nunca por uma boa razão. Meu irmão, se lá estiver, escutando o tira virá saber do que se trata e verá meu pai muito transtornado dizendo que ‘encontraram um corpo, acham que é do... do... oh, céus, filho, oh, Deus!’... e então, como bom menino, se prontificará a acompanhá-lo ao IML enquanto a noivinha, ou melhor, a esposinha ficará com mamãe, a essa altura sob a ação de calmantes, pois a morte do filho perdido será sempre uma lástima, embora a vida — da qual eles não quiseram nem mesmo saber notícia — não fosse grande coisa... E lá se irão meu pai e meu irmão ao necrotério, e cá ficarão minha mãe e minha cunhada cheirosa, pasmas ambas da novidade, os dois*

*pombinhos agora esquecidos — pelo menos por alguns momentos — de suas pequenas torpezas, daquelas coisas que estão acostumados a fazer mas não admitiriam em hipótese alguma...*

*“Pois um dia eles chegaram e imaginaram que não havia ninguém em casa. Os velhos tinham saído logo depois do almoço para umas visitas e só retornariam à noite; eu, mal terminei de almoçar, saí também para a rua não tendo hora para voltar. Aquele era um costume que no começo, eu ainda menor de idade, deixava todos apreensivos, pois às vezes passava da meia-noite e eu não dava as caras; sabia que ao chegar ouviria queixas e reprovações, e meu pai mais uma vez diria ‘veja o procedimento do seu irmão’...*

*“Então eles pensaram que podiam ficar à vontade, e ficaram. Mas eu resolvi voltar cedo, nem sei o que me deu naquele dia, encheu-me o saco estar na rua e meti o pé. Não dera ainda quatro horas quando entrei pelos fundos sem fazer barulho e, na cozinha, descalcei o tênis, mas por puro acaso, e só me dei conta do que se passava já no corredor, escutando a voz dos dois na sala, então prestei atenção... não por bisbilhotice mas por surpresa... ‘Não entendo por que você prefere desse jeito’ meu irmão dizia enquanto arfava, ‘porque assim não corremos nenhum risco, eu já lhe disse’ ela respondeu, ‘ora, que riscos, meu amor’, ‘você sabe... eu detesto que você ponha camisinha, e imagine se eu pego barriga antes de casar’, ‘se você pega barriga, a gente se casa assim mesmo’, ‘mas você sabe muito bem como nossas famílias são’, ‘bobagem’, ‘além do mais eu gosto assim, desse jeito eu sinto mais o seu pau dentro de mim... e eu sei que você também gosta’... Daí eu avancei um passo, dois passos, três passos na direção da porta, pé ante pé... embora não precisasse ter tantos cuidados pois os dois falavam, gemiam e arfavam tanto que mesmo se eu caminhasse sem nenhuma precaução e até assoviasse não seria ouvido... Então espreitei: meio de costas para a porta do corredor; ela, de pé, curvara-se para frente e apoiara as mãos no recosto do sofá; ele, por trás e com movimentos vigorosos botava na bundinha da namorada, que agora empinava bem as ancas fazendo movimentos circulares e soltando gemidos longos e lancinantes...*

*“Como seria bom se você conseguisse enfiar os colhões também! Enfia! Enfia!” ela exclamou por fim num arroubo, e então me recordei de certa tarde, logo no começo do namoro, quando ela mostrou, ali mesmo naquele sofá, uma fotografia sua aos cinco anos de idade: ao entrar na sala dei como minha família em estado de graça ao redor de uma fotografia grande, tirada decerto por um profissional devido à qualidade da composição, que mostrava contra um ténue fundo arborizado onde se destacavam umas colunas gregas — típico cenário de estúdio fotográfico — uma linda garotinha num vestidinho rosa de mangas balão e corpete verde claro, cachinhos louros caindo sobre os ombros e um amplo e espontâneo sorriso de dentes miudinhos e brancos que lhe fazia sobressaírem as bochechas rosadas. Dei uma espiada por cima do ombro de meu irmão, detive-me um momento e me afastei com um comentário insosso, ‘bonito’. Olhando a*

*linda criança da fotografia, quem poderia imaginá-la um dia com a bunda empinada e uma piroca atolada até o fundo, gemendo feito uma puta e dizendo ‘desse jeito eu sinto mais o seu pau dentro de mim’ e ‘como seria bom se você conseguisse enfiar os colhões também’? Como expressar o nojo que eu senti daqueles dois? Ah, a flor de pureza querendo dentro do rabo até os colhões do meu irmão! Que coisa linda!...*

*“Dois descarados, é o que são, dois vomitivos sodomitas. Não que eu seja antiquado... já que preferem assim, que façam como gostam... Mas nem quiseram ir para um dos quartos, onde no mínimo estariam resguardados da curiosidade alheia, lugar mais discreto na casa não faltava... era só não gemerem tanto... principalmente ela, mais do que exagerada em seus relinchos. Simplesmente acharam que não havia ninguém em casa e ali mesmo na sala se engancharam...*

*“Fiquei espiando até acabarem — a puta até que tem uma bundinha bem jeitosa, eu também comeria se ela me desse — e depois recuei devagar, voltei para a cozinha, apanhei o calçado e saí para o quintal evitando dar sinal de minha presença. Meia hora depois entrei pela porta da frente e encontrei os dois sentados comportadamente naquele mesmo sofá assistindo televisão. Olhei um e outro mas detive meu olhar um pouco mais nela, fiz um breve movimento de cabeça e atravessei a sala sem nada dizer... Às minhas costas pude perceber que começaram a cochichar e a soltar risadinhas cúmplices...”*

## 9. O Senhor Conde

No fim do corredor vive um velho que é sozinho mas nunca reclama de nada; tem o costume de levantar-se bem cedo todos os dias e ir para uma pracinha perto daqui, onde se acomoda num dos bancos e põe-se a ler o jornal. Está sempre vestido com asseio, embora suas roupas sejam simples, usa um chapeuzinho de camurça sobre os cabelos inteiramente brancos e empunha sua bengalinha de madeira escura como se fosse um troféu. É velho mas não decrépito, não terá ainda setenta anos, anda ereto e até mesmo com uma certa desenvoltura e um ar de nobreza, e por essa aparência teimo em chamá-lo de “conde”, o Senhor Conde. É muito educado, cumprimenta-me com um breve gesto de cabeça e um sorriso fugidio, mas vez por outra se detém para uma conversa ligeira, pergunta-me pela família (quando então eu sempre conto uma mentira), pela saúde (outra mentira), pela namorada (que eu não tenho), finaliza com uma frase de espírito e se afasta com seus passos tranquilos.

Inventei para ele uma história, achei que seria divertido criar uma personagem e metê-lo nela, pois apesar de seu jeito afável não é de muitas palavras, não frequenta a casa de ninguém, ninguém o visita e tampouco o vejo mantendo relações regulares com os demais moradores. Por divertimento



resolvi então urdir um enredo, para ver até onde minha imaginação seria capaz de levar-me. Pois o homem seria mesmo um conde, título que herdara de descendentes da nobreza européia (notei-lhe o leve sotaque britânico e então acreditei que tivesse vindo para o Brasil na juventude), mas a família, imensamente rica, entrara em derrocada durante a guerra (a Segunda Grande Guerra, naturalmente) pois haviam descoberto em suas veias sangue semita, vale dizer, alguma “intriga palaciana” levava a encontrarem entre seus ascendentes algum herdeiro do “trono de Salomão”, de fato ou improvisado. Daí a fortuna retida, a fuga com uns poucos pertences e as jóias que puderam salvar à última hora, o embarque num cargueiro com destino ao Brasil disfarçados de trabalhadores braçais, embora mesmo roupas rústicas não fossem de todo suficientes para dissimular a delicadeza das mãos e os traços de nobreza das moças. Puderam, porém, respirar aliviados quando se viram em alto mar, em águas internacionais, e livres da perseguição dos asseclas de Hitler, que estendiam seus tentáculos por toda a Europa. Resolvi dar uma leve demão de melodrama, e imaginei o jovem conde, com seus vinte anos, talvez até um pouco menos, em algum canto de jardim despedindo-se de uma linda moça, ainda adolescente, na véspera da fuga e jurando que se reencontrariam um dia, quando aquela guerra estúpida acabasse e eles pudessem ser livres novamente; em minha mente eu ia figurando o rapaz apaixonado segurando as mãos de sua eleita e ambos abraçando-se aos prantos numa despedida longa e repleta de juras e lamentos. Aquela teria sido a última vez que se viram pois a verdade é que, apesar de tudo, ninguém é tão constante e uma vez no Brasil ele pôde muito bem ter encontrado alguma plebeiazinha que lhe substituísse no coração a imagem de sua apaixonada do velho mundo. Para não ser injusto, fiz com que a menina também não fosse muito fiel a sua paixão, afinal não passava de uma adolescente, e no ano seguinte, num baile de debutantes, acabou enamorando-se de algum jovem barão, quem sabe um duque, enfim, qualquer um desses...

E agora, transcorridos mais de quarenta anos (pois teriam fugido em 1940 ou 1941), ali estava o conde vivendo uma vida modesta, certamente esquecido dos esplendores dos salões que brevemente freqüentara na juventude. Os pais já teriam falecido mas as irmãs (não mais que duas) viveriam em outro estado, razão pela qual viam-se muito pouco. Seria viúvo e, como um romântico incorrigível, guardava dentro de um livro uma mecha dos cabelos da esposa jamais esquecida, junto a um retrato de sua mocidade.

Não elaborei essa história de uma única tacada, aos poucos fui acrescentando-lhe detalhes até completar o quadro, se bem que outras peripécias poderiam ir compondo e completando o enredo, mas isso já seria escrever um romance sobre o Senhor Conde, e por preguiça acabei desistindo... De qualquer maneira nada sei acerca da vida do velho, e os demais moradores tampouco o conhecem bem, o máximo que se diz é que é aposentado e vive

de seus proventos, nem muito fartos nem muito ínfimos — mais para ínfimos do que para fartos, haja vista morar nesta cabeça-de-porco —, que não recebe visitas, não faz visitas ao que se saiba e nunca fala de si mesmo. E só.

## 10. Suicídio e arrependimento

*“Mas, deixando de lado a bunda de minha cunhadinha cheirosa, falemos do suicídio.*

*“O suicídio é um pecado sem perdão por ser afinal de contas praticado contra a Esperança. Não tem nada a ver com o fato de você estar dispondo de algo que não está em suas mãos conceder; que é a vida, pois um homicida dispõe da vida alheia mas, se arrepender-se, receberá o perdão. O suicídio não privilegia seu autor com a chance do arrependimento, por isso não tem perdão. Pelo menos foi o que me ensinaram na infância, quando ainda acompanhava minha família à missa.*

*“Esse foi, aliás, o tema de um dos sermões do velho padre Aristeu, e também de uma de suas aulas de catecismo e doutrina bíblica para as crianças, a questão do arrependimento, coisa que nunca me entrou na cabeça porque me parecia simples demais que alguém cometesse todas as atrocidades imagináveis e depois, através de um simples arrependimento, recebesse o perdão divino. Padre Aristeu citava como exemplo os crimes cometidos pelos comunistas — ‘aquela gente sem religião, desprovida da Graça’ ele dizia — nos campos de concentração do Gulag: havia ali homens responsáveis pela morte de milhares e milhares de seres humanos, mas se um deles — apesar de todas as vidas que lhe pesavam nas costas — se arrependesse, logo seria diante de Deus um homem limpo e digno de receber o perdão.*

*“Mas afinal, o que é o arrependimento? O que tem esse sentimento de tão miraculoso que o torna capaz de purificar a mais torpe e pecadora das almas? Ouvindo padre Aristeu falar do arrependimento — eu ainda garoto — punha-me a matutar: eu fazia trapalhadas como todas as crianças, às vezes dava más respostas aos meus pais, ou soltava um palavrão para algum vizinho enxerido, acabava sendo admoestado com severidade por papai, mas não conseguia arrepender-me de nenhuma das minhas faltas, pelo menos nenhuma delas fora suficientemente grave para instilar-me o arrependimento (e, pensando bem, nada do que fiz depois de adulto tampouco). Dessa forma eu não tinha uma noção muito clara do que pudesse significar arrepender-se de um erro cometido. O que é arrepender-se? eu me perguntava. Em meu entendimento seria o fato de alguém reconhecer que cometeu um erro e sentir ao mesmo tempo algo como um pesar, um sofrimento por tê-lo cometido; era o que eu pensava, mas seria mesmo assim? Os ensinamentos de padre Aristeu ficaram remexendo na minha cabecinha de criança e tirando-me o sossego, como se eu tivesse posto dois ou três besouros no bolso da camisa e depois não conseguisse me esquecer deles, porque*

*besouros não param e são fortes, e então ficam o tempo todo tentando sair do bolso e espetando a pele através do tecido com as patinhas pontiagudas. 'Então todas as maldades podem ser perdoadas, desde que a gente se arrependa' continuei pensando toda aquela semana sem, no entanto, perguntar aos meus pais, pois — como se depreende do que tenho dito — eu nunca me senti à vontade em conversar a sério com eles; nem ao meu irmão, certo de que ele não saberia a resposta. Deixei para insistir no assunto com o próprio padre, na aula da semana seguinte.*

*“‘Então basta que a gente se arrependa?’ eu perguntei no instante em que padre Aristeu parou para beber água. Ele sempre levava água para a sala num grande copo de louça, deixando-o sobre a mesa e recorrendo a ele de tempos em tempos. O velho sacerdote a princípio não entendeu a pergunta, pois não tinha nada a ver com o tema daquele dia, e então eu repeti: ‘Dos nossos pecados, padre. Basta que a gente se arrependa para que Deus nos perdoe?’. Então ele moveu a cabeça grisalha, ‘basta que se arrependa sinceramente, meu filho’ responde, frisando a palavra ‘sinceramente’. ‘E o que é o arrependimento, padre?’ eu perguntei, decidido a tirar todas as dúvidas. Padre Aristeu parecia surpreso com meu interesse, e mesmo que aquele não fosse o assunto a ser ensinado naquela manhã ele não deixou de responder; embora a resposta — que veio após alguns momentos de meditação durante os quais encarou-me com alguma gravidade — não tivesse muito de esclarecedora: ‘O arrependimento, filho, é o sentimento mais forte e autêntico que alguém pode experimentar. E antes de nos propiciar o perdão e nos conduzir ao paraíso, tem o poder de nos lançar nas mais negras profundezas do inferno, e é lá, nas trevas em que somos lançados, que expiamos nossa culpa.’”*

*“Será que eu fiz alguma coisa muito feia da qual tenha de arrepender-me?” passei a me perguntar depois de tal explicação, temeroso de conhecer esse inferno do qual falara padre Aristeu, mas achava que não, pelo menos não encontrava em minhas lembranças nada assim tão grave, e a dúvida persistia.*

*“Dúvidas, aliás, eu tinha muitas, e se algumas vezes pensava nelas com seriedade, na tentativa de encontrar — eu, um simples menino — resposta a questões que mesmo filósofos encanecidos talvez não tivessem; noutras eu deixava padre Aristeu exasperado, como por exemplo na ocasião em que meio a sério e meio de deboche eu me referi (pouco tempo antes de deixar de ir com meus pais à missa) à infinidade de Nossas Senhoras que havia no catolicismo, como se o filho unigênito de Deus não fosse, no final das contas, unigênito, mas uma verdadeira multidão de futuros crucificados, já que cada Nossa Senhora teve o seu. Não foi exatamente nesses termos que eu falei, mas quando perguntei a padre Aristeu quantas mães afinal teve Jesus, ele me olhou com um misto de pasmo e terror; benzendo-se e chamando-me atenção para o sacrilégio que estava cometendo.*

*“— Por que sacrilégio, padre? Afinal não existem tantas Nossas Senhoras*

*que eu até nem sei quantas? E até uma preta, Nossa Senhora Aparecida, feia que só!*

*“Padre Aristeu por fim achou graça, e tentou explicar-me que Nossa Senhora era uma só, mas que recebia nomes diferentes conforme o lugar onde se tivesse manifestado um milagre seu, o que não devia parecer estranho, já que Deus também é um só mas a Bíblia registra muitos de Seus nomes. Eu não me dei por vencido e me saí com novo sacrilégio:*

*“— Então os padres estão ensinando errado aos seus fiéis — eu disse, e padre Aristeu franziu o cenho. — Pois, padre, veja só: tem gente que é devota de Nossa Senhora Aparecida, mas não é devota de Nossa Senhora de Fátima, outros alegam que receberam graça de Nossa Senhora de Guadalupe mas que nunca foram agraciados por Nossa Senhora das Dores, e no fim das contas ninguém se entende!*

*“Padre Aristeu meteu os dedos entre os cabelos sem saber o que fazer comigo, e resolveu dar por encerrada a discussão, apenas recomendando que eu estudasse mais o catecismo.”*

## II. As invertidas, ou Dissertação sobre a escória, parte II

Este prédio possui mesmo uma fauna curiosa, o casal do apartamento de frente com seu rádio e suas pancadarias mútuas e o Senhor Conde com seus mistérios são bons exemplos. Aliás, num prédio como este, num bairro como este, povoado por gente com a qual só convivo por não ter outro jeito — e se não me refiro a todos, refiro-me pelo menos à maioria —, a fauna será não apenas curiosa, mas escandalosa.

Dirão os senhores “mas se você mora no prédio, também faz parte da fauna”, o que seria uma conclusão lógica, mas verdade é que eu não me incluo nela, sou — por assim dizer — “um estranho no ninho”, um observador à parte que está ali para pesquisar, pois afinal os cientistas que pesquisam p. ex. as plantas não são, por sua vez, vegetais.

Existe ainda um outro pormenor a ser considerado: eu pelo menos enxergo o problema e, ainda que com o meu discernimento crítico eu me torne um tanto cáustico às vezes, já se percebe aí alguma diferença. Some-se a isso que eu faço as minhas leituras, isto é, sou uma pessoa que lê, que se mantém em dia com o conhecimento, ainda que não de forma sistemática, e a diferença se torna efetiva. Assim sendo, estou na posição de alguém que pode falar dessa fauna com propriedade, não sendo excessivo acrescentar-lhe algumas referências, quando menos por divertimento, além do que, creio eu, pode até ser instrutivo.

Certa manhã — vai isso para dois anos — eu saía para os meus afazeres habituais quando avistei no saguão, conversando com o porteiro, uma esdrúxula figura. Parecia um homem nos gestos, no corte do cabelo com o pé feito

a navalha, na camisa de malha jogada por cima das calças *jeans* e nos sapatos baixos de bico largo. A uma segunda olhada era impossível não perceber que se tratava de uma dessas mulheres de sexo indefinido que, pelo corpo desproporcional, pela ausência de feminilidade, por sua feiúra e até mesmo por falta de vocação para ser mulher, resolve optar pelo sexo lésbio. Os peitos da criatura decerto eram pequenos, duas muxibinhas dependuradas — fácil imaginar — e quase inexistentes, pois não produziam nenhum volume sob a camisa, e a bunda tipo coração, achatada, parecia ter sido colhida por trás por uma locomotiva — impacto que projetou para adiante a barriga, não excessivamente volumosa mas ainda assim sobressaindo como a de um bebedor de chope. Os ombros eram largos, os braços roliços de toucinho, e a partir dos quadris retos o corpo afunilava para baixo, para a direção dos pés. Estava mais para um porco do que para uma leitoa, mas era — a contragosto — uma leitoa.

A criatura subiu as escadas e no instante seguinte seu João, o porteiro — , um abelhudo que conhecia todo mundo por ali —, piscou para mim com um sinal para que eu me aproximasse, ao mesmo tempo caminhando em minha direção com um risinho debochado.

— Bispou a tipa?

— Bispei. Quem é?

Seu João avançou para a porta e eu o segui. Parou ali olhando para fora, as mãos nos bolsos, fazendo mistério.

— Caso da gorda do terceiro andar — disse por fim.

— Não me diga!

— Digo sim — e casquinou, asmático, raspou a garganta, avançou até o muro e cuspiu grosso pro meio da rua.

Voltou. Sentenciou:

— O mundo anda mesmo de pernas para o ar.

Eu movi a cabeça, concordando. Completei:

— E de cara atolada na merda.

A gorda do terceiro andar pertencia a essa classe de gente repulsiva a quem lançamos uma segunda olhada pelo de espantoso que constitui sua existência, e depois não olhamos mais para não sobrevir o vômito: muito branca, de uma brancura leitosa com laivos rosados a lembrar coalhada azeda (embora uma coalhada azeda não possua laivos rosados), era roliça feito uma tora. Vestia habitualmente uns tubinhos folgados para que a enxúndia não se visse oprimida, mas não conseguia disfarçar que a tora era reta, ligeiramente abaulada na frente pois peitos e barriga formavam um só volume que descia imediatamente da papada sob o queixo até onde começavam as coxas. Como não houvesse gola nos vestidos e os cabelos entre ruivos e loiros estivessem de costume apanhados num birote no alto da cabeça, projetava-se o cachão numa proeminência metuenda, causando a impressão duma cor-

cunda, e ao andar — passos curtos e pesados — os braços iam e vinham no mesmo ritmo, enquanto arfava num cansaço crônico. Teria quando muito trinta e cinco anos e não era propriamente feia de rosto — não que fosse bonita —, mas era justamente essa ausência de traços feios em desproporção com o horrendo do corpo desconforme que tornava pior o todo de sua figura: pois havia qualquer coisa em sua voz aflautada a lembrar uma certa doçura que não combinava, e os olhos azuis aliados ao sorriso ameno sugeriam uma benevolência e uma fleuma descondizentes. Em outro corpo, o rosto da gorda do terceiro andar seria quase agradável; naquele, resultava um despropósito.

Quando me mudei para o prédio já a encontrei, e conforme o porteiro, que sabe da vida de todo mundo, ela havia aparecido três ou quatro anos antes na companhia da mãe, uma senhora também roliça — mas não tanto —, muito enferma, que raramente saía à rua. Não recebiam visitas e não chegaram a fazer muitos relacionamentos no prédio, e quando, um ano depois de terem se mudado, a mãe morreu, quase ninguém compareceu ao velório e ao enterro, e parentes mesmo não se viu nenhum. A filha continuou morando ali, e manteve seu recolhimento, pouco falando com os vizinhos e não recebendo ninguém.

— Do que é que ela vive, seu João? — perguntei certa vez.

— Ninguém sabe, seu Henrique — respondeu. — Talvez receba alguma pensão, talvez a mãe tenha lhe deixado economias, mas emprego é certo que não tem, já que pouco sai de casa; e quando sai é por poucas horas, parece que apenas para ir ao supermercado, pois nessas ocasiões sempre aparecem entregadores com pacotes e sacolas.

— O que será que faz em casa o tempo todo?

— Sabe-se lá! Talvez veja televisão, faça costura, ou leia revistas pornográficas tocando siririca, qui-qui-qui-qui...

Certo dia aconteceu-me encontrá-la na escada com uma sacola, e aproveitei para mostrar-me simpático: a sacola não pesava nada, mas mesmo assim me ofereci para ajudá-la. Acompanhei-a até a porta de seu apartamento, ali ela recuperou sua sacola, agradeceu-me com um sorriso seco, mas não me convidou para entrar. Não posso dizer que me senti decepcionado, já que não me passava pela cabeça uma conquista (o que demonstra que eu ainda conservava uma boa dose de discernimento), mas das poucas palavras que trocamos enquanto subíamos nada fiquei sabendo de sua vida. Enquanto galgávamos os degraus, ela na frente com seu passo lerdo e pesado, eu a observava com uma mistura de curiosidade e repulsa: o tubinho descia a até três ou quatro dedos acima da curva do joelho deixando à mostra a parte de baixo das pernas: panturrilhas retas como troncos de bananeira com pêlos loiros e esparsos, além de veiazinhas azuis que teciam na pele minúsculos mapas a serpentearem pernas acima na direção das coxas; as coxas não eram

visíveis, mesmo eu me atrasando dois ou três degraus numa tentativa de espiar, mas o que eu podia ver era suficiente para dar uma idéia do resto. Tentei imaginar a esdrúxula criatura pelada em cima da cama, mas ao ridículo de minha visualização somou-se o patético de semelhante imagem e não consegui enxergar-me nu junto dela tentando alcançar-lhe a crica. Cedo me esqueci do momentâneo interesse; como ela pouco fosse vista pelas dependências do prédio e nunca recorresse a mim para consertar coisa alguma, logo me esqueci — ou quase — de sua existência.

Mas agora surgia na história uma “sapatão”.

A sapatão passou a visitar o prédio com frequência — um caso sem dúvida bizarro, do qual se poderia dizer escandaloso se já não constituísse escândalo a simples presença de tal criatura ali; se a própria gorda do terceiro andar não constituísse, por si mesma, um escândalo; assim, a ligação das duas apenas aumentava a desordem. Comentários houve, risinhos disfarçados eram inevitáveis quando ambas desciam juntas e saíam a passeio, e a imagem de ambas nuas — não na cama, pois cama não haveria que agüentasse o peso das duas jamantas, mas no chão mesmo, em cima do tapete —, chupando-se e enfiando-se os dedos em todos os seus orifícios, ocorria com certeza a todos do prédio, e até mesmo seu João foi criativo ao descrever a coisa como um rito canibal, “afinal elas estão se comendo uma à outra, não é seu Henrique?”, e casquinava “qui-qui-qui-qui” sacando um maço de cigarros sem filtro do bolso da camisa. Em pouco o saguão enchia-se de uma fumaça azulada e ele se encaminhava para a saída, onde permanecia fumando e jogando conversa fora, se houvesse com quem conversar, ou olhando beatificamente o trânsito se ninguém parava para dar-lhe trela.

— Como é que o senhor acha que seja, seu João? — perguntei-lhe certa ocasião em que não tinha pressa e podia demorar-me um pouco por ali.

— Qual das duas, seu Henrique?

— As duas, ora!

O porteiro fungou, esmagou uma guimba com o bico do sapato e acendeu outro cigarro. Parecia pensar, escolher as palavras e as imagens, mas foi interrompido pela aparição das cujas, que vinham da rua e passaram por nós com um cumprimento breve, ao qual respondemos com uma disfarçada indiferença.

Após o início de seu caso com a sapatão, a gorda do terceiro andar tornou-se mais visível: já saía a passear com frequência, e de mãos dadas lá se iam muito prosas e faladoras as duas aberrações rua afora; vezes havia em que saíam pela manhã, ficando fora todo o dia e só retornando à noite. Embora não tivessem chegado a viver juntas, a invertida vez por outra pernoitava, mas quando isso não acontecia desciam ambas ali pelas dez e se despediam efusivamente junto ao portão: a gorda olhava-a afastar-se e de-

pois, cabeça baixa, sorriso nos lábios e passos tardos de paquiderme subia as escadas.

— Mas, então? — eu disse depois que as duas haviam desaparecido.

Seu João deu uma tragada longa no cigarro e soltou uma baforada na qual sua cabeça por instantes quase desapareceu.

— Imagino duas porcas gordas se refocilando — disse com ar filosófico. E repetiu: — Duas porcas gordas... qui-qui-qui-qui...

— Sujas ou limpas? — perguntei.

— Já se vê, seu Henrique, já se vê!

— E o cheiro, seu João?

— Qui-qui-qui-qui!...

O namoro das duas já ia para três meses quando a gorda do terceiro andar — decerto insatisfeita com os dedos da amiga — passou a receber, na ausência da outra, um homem que ela apresentou ao porteiro como um primo que se mudara recentemente para o Rio. Foi seu João quem me chamou na manhã seguinte:

— Seu Henrique, temos novidade.

— Vá falando, homem!

Achegou-se. Baixou a voz:

— A gorda do terceiro andar recebeu ontem a visita de um primo.

— Deveras? Um primo?

— Pelo menos foi o que ela disse. Chegou ao Rio tem pouco tempo.

— E a que horas?

— Ele chegou depois que a outra se foi.

— Ah...

— Encontraram-se ali mesmo no portão, ela o apresentou como um primo que veio de Minas...

— Uai!

— ...e depois subiram.

Fez uma pausa e torceu os lábios, entrecerrando os olhos.

— Sabe de uma coisa, seu Henrique?

— O quê, seu João?

— É que eu não acredito em primos — sentenciou.

— Eu tampouco — fiz-lhe coro. — Mas será que...?

— Qual! Mas vamos esperar pra ver.

O primo da gorda tornou-se assíduo.

Era um moreno alto e troncudo de uns quarenta anos, braços grossos, mãos rústicas, barba fechada e negra, e quando sorria exibia num dos caninos uma incrustação dourada. Tinha barriga, mas não excessiva, proporcional à sua altura, e costumava combinar a calça *jeans* e os sapatos de couro sempre ralados no bico com camisas sociais cujas mangas usava costumeiramente dobradas.



O tipo era sem sombra de dúvida alguém do interior, ainda que acostumado à vida na cidade, e eu acabei acreditando que fossem mesmo primos — além de amantes. Foi o que eu disse ao porteiro.

— Pode ser — concordou seu João batendo a cinza do cigarro —, pode até ser.

— O senhor veja: quando ela veio para cá com a mãe, ninguém soube de onde, não é mesmo? Então! Não terá vindo da roça?

— É possível...

— Talvez tenha vindo mesmo de Minas, de alguma cidadezinha de interior, e o sujeito quem sabe tem por lá algum sítio, uma fazendola, e viva de criar cabras.

Podiam-se conjecturar mil coisas, e como eu já havia inventado uma história para o Senhor Conde resolvi inventar uma para a gorda do terceiro andar: anos atrás deixa o interior de Minas junto com a mãe doente e vem para o Rio de Janeiro em busca de tratamento, e como não dispõem de muitos recursos, escolhem para morar um apartamentozinho barato num bairro de periferia, mais barato ainda devido às vizinhanças com uma favela. A mãe morre, digamos que seu caso fosse um caso perdido e a medicina não tivesse dado jeito, ou algo parecido, e a gorda, que deveria voltar para Minas, por inércia vai ficando por ali mesmo. Imagino que a vida citadina tinha algum atrativo para ela, se bem que passasse a maior parte do tempo reclusa dentro de casa, e para esse mistério não é preciso dar muitas voltas à cabeça: seria uma dessas pessoas adaptáveis que se acostumam a qualquer coisa, mesmo à solidão, e assim foi ficando no Rio. Não trabalhava não porque não tivesse um emprego, mas por não necessitar de um: recebia uma mesada da família, talvez os rendimentos da fazendola que para lá ficara aos cuidados do primo, aquele mesmo que agora estava ali por sua causa, e como essa explicação fosse boa ficou na construção da história. A gorda cozinhava sua solidão assistindo TV, uma vez por semana saía para as compras, e depois só seria vista novamente, exceto alguma ocasião excepcional, na próxima vez em que saísse para as compras; nos fins de tarde, por desfastio, punha-se a espiar a rua de sua janela, mantendo-as porém fechadas e postando-se por trás dos vidros para não ser vista.

Não trepa, pois não tem com quem trepar, procurando suprir essa falta com revistas de sacanagem e longas siriricas, como sugerira o porteiro, que a satisfazem bem. Eu, que a ajudei a levar uma sacola até seu apartamento, vi-me detido por um agradecimento seco e não insisti (confesso que não insisti por não ter inclinação para aberrações, mas para dar uma pincelada de romance à história faço a figura do tímido que deixa a mocinha suspirando por ele do lado de lá, enquanto ele do lado de cá também suspira — embora ela em nada sugerisse uma mocinha suspirosa), assim como eu outros, e a ela só restaria mesmo esse sucedâneo.

Um dia, no mercado onde costuma fazer compras, conhece aquela mulher de sexo duvidoso, a mulher a auxilia com algumas bolsas enquanto ao mesmo tempo compra miudezas de que não necessita apenas para não ter de afastar-se, e assim passam juntas no caixa, a gorda diz com uma jovialidade ainda retraída “apareça”, e a mulher de sexo duvidoso aparece. Estava arranjado o caso das duas, e a gorda se dá conta de que por melhores que fossem as siriricas, esfregar-se na mulher de sexo duvidoso era melhor, a presença de alguém mostrava-se mais satisfatória do que estar só o tempo todo.

O romance das duas prossegue até o surgimento desse primo.

O primo da gorda teria se cansado de cuidar sozinho da fazendola, ou nem tanto seria isso, mas a intenção de levá-la de volta para o interior de Minas e casar-se com ela: pois então seria também dono da propriedade, viveriam juntos, e como a esposa ainda pudesse parir, dar-lhe-ia dois ou três leitãozinhos com que se divertir nas tardes ensolaradas de domingo e aporri-nhar-se no resto do tempo, embora diversão e aporriinação fizessem parte da vida e tudo resultasse numa satisfação geral. Por isso ali estava ele: viera procurar a prima, convencê-la a voltar, e enquanto isso iam aproveitando o que a cidade lhes podia oferecer.

Certo dia — e aqui já não conto a minha história, mas os fatos — a sapatao apareceu no prédio e deu com a cara na porta.

O primo, para manter as aparências, costumava chegar à noite, em dias estabelecidos, e ficar até as onze, depois retirava-se. A gorda o recebia quando a namorada não vinha, tendo feito um arranjo, pelo menos nos primeiros dias, para que ambos não se encontrassem. Não sei se teria falado com o primo dessa mulher que vinha às vezes visitá-la, mas é possível que tenha procurado justificar o fato de lhe estabelecer dias e horários de visita, “é muito sozinha e tornou-se dependente de nossa amizade” teria dito referindo-se à sapatao — e aqui eu estou novamente criando um enredo —, “suspeito que ela tem outras intenções, você sabe, há mulheres assim... Só que eu nunca lhe dei qualquer esperança, nunca demonstrei o menor interesse nesse tipo de relação, cruz credo!, mas, você entende, tenho pena dela, por isso a recebo”.

Passam-se assim duas semanas, menos de três, e um dia de noite a gorda e o primo são vistos descendo as escadas com malas e cuias. Ao porteiro disseram que iriam viajar e ficariam alguns dias fora.

No dia seguinte, a mulher de sexo duvidoso apareceu.

Seu João foi solícito:

— Ela saiu ontem à noite com o primo — informou —, disse-me que iriam viajar. Não sei quando voltam.

— O primo? Mas que primo, seu João?

— Então a senhora não sabia?... Pois tem vindo aí um senhor visitá-la algumas vezes, que ela apresentou como um primo que chegou recentemente ao Rio.

A sapata, aturdida, andou de um lado para outro sem saber o que dizer, depois murmurou “está bem, está bem”, e se retirou.

A gorda e o primo estiveram ausentes duas semanas, durante as quais a sapata apareceu dia sim, dia não, perguntando por ela.

— Ainda não voltaram, senhora — dizia seu João com solicitude.

E ela se retirava desapontada, no começo; enraivecida, depois.

Duas semanas mais tarde a gorda reapareceu vermelha feito uma lagosta e tão descascada quanto uma barata. Estava só, mas comentou na portaria que estivera todos aqueles dias em Búzios com o primo, e na manhã seguinte, cedo, deu-se o desenlace: a sapatão apareceu, soube por seu João do retorno da amiga, e sem mais subiu para o terceiro andar.

Com a história do primo, estrilou. Sentiu-se traída. Vinha sentindo-se traída há duas semanas. Estapearam-se. Rasgaram-se e se arranharam uma a outra, e quando a sapatão desceu as escadas descabelada e às carreiras, com manchas vermelhas na cara e nos braços, foi perseguida pela outra, igualmente exibindo arranhões e manchas vermelhas, que, esquecida de sua costureira discrição, gritava em alto e bom som:

— Escrota! Escrota! Horrrosa! Cadê o teu pinto, sapatão de merda, cadê a porra de um caralho no meio das pernas? Você não tem, você não tem! Como é que quer dar uma de macho?

Deteve-se à entrada, bufando, os olhos fuzilando de ódio, e ficou ali em atitude de desafio até a outra desaparecer.

Caras assomavam às janelas para espiar, na rua pessoas se detinham entre curiosas e debochadas, ouviram-se risadas, aqui e acolá assovios...

A mulher de sexo duvidoso não retornou ao prédio e a gorda do terceiro andar permaneceu encafuada em casa pelas semanas seguintes. Recebia apenas o primo, que continuou assíduo durante algum tempo, mas nunca pernoitando.

Certo dia vimos com surpresa uns compradores de bugigangas descendo com os móveis. Mais tarde a gorda e o primo passaram na portaria com suas malas e entregaram as chaves do apartamento.

— Estou me mudando, seu João — disse, e se foi.

Mas ninguém nunca soube para onde.

## 12. A Toca das Hienas, ou Dissertação sobre a escória, parte III

Três meses depois de ter-me mudado para o prédio entrei na Toca das Hienas pela primeira vez.

A Toca foi para mim uma revelação.

Como o leitor há de constatar no decorrer da leitura, o submundo — por assim dizer, e para usar uma palavra de efeito — não me era de todo estranho, pois, quando a partir da adolescência eu comecei a dar “dores de cabe-

ça” a meu pai (assim continuando já adulto e até poucos dias antes de sair de casa de vez), eu submergi por um breve mas intenso período nesse universo escuro da “noite” em que se combinam a prostituição, a embriaguez e às vezes o crime, em suma, o vício em todas as suas faces praticado por todo tipo de gente, da mais inofensiva à mais pernicioso; e vivi aventuras das quais muitas vezes saí ralado, e bem ralado. Acrescente-se ainda que na infância eu conhecera a indecência do Buraco Quente, mas este, além de consistir tão só num amontoado muito reduzido de barracos, fora extinto no começo de minha adolescência; assim, ao chegar à idade adulta — e até entrar pela primeira vez na Toca — eu já não me lembrava de horrores que eu presenciara apenas de maneira episódica.

No entanto, no ambiente apocalíptico da Toca eu iria conhecer não apenas uma gente reles como costumam ser esses de quem se diz habitantes da indigência, os caricatos personagens da torpeza acerca de alguns dos quais terei algo a dizer — ou deixar que eles digam por si mesmos —, mas em seu todo um universo com o qual — apesar de minha experiência com o submundo — eu não tivera contato até então e do qual eu não fazia a mais pálida idéia.

Não é simples dar uma idéia exata de como era a Toca, conquanto não seja tão difícil falar de um amontoamento sórdido de barracos alastrando-se morro acima na conformação não de ruas irregulares mas de becos que se fechavam ou abriam para outros becos num interminável labirinto a fazer do de Naxos um largo e aprazível passeio, barracos alguns de madeira cobertos de zinco, outros de alvenaria nos quais podiam-se ver os tijolos expostos e mal alinhados, portas grosseiras de tábuas toscamente construídas que se fechavam com um fio de arame, janelas desconjuntadas dando para cômodos pequenos de terra batida, escuros e enfumaçados, pois na maioria dos casebres não havia luz elétrica, e quando havia era roubada dos postes que margeavam a rua ao pé do morro — situação decerto incômoda para a Light, impotente diante da situação, e com a qual o poder público parecia não se importar —, pequenos quintais que não passavam de faixas estreitas de terra a separar um barraco do outro, ou um beco do outro, onde no mais das vezes podiam-se ver crianças medonhas a brincar no meio do lixo misturando-se a cães, gatos e urubus. Espiando-se para o interior de um desses barracos, o que significa dizer de qualquer um deles, ou de todos eles, já que não havia clara diferença entre um e outro; espiando-se, portanto, para dentro de qualquer um daqueles barracos, via-se ora um sofá desmantelado, sujíssimo, com o forro em tiras, escarrapachado no qual algum crioulo cozinhou sua cachaceira; ora sobre um fogão de pé quebrado, escorado por um tijolo, panelas e pratos recobertos de crostas enegrecidas com um enxame de moscas a zumbir num burlesco carnaval; ora, num cômodo irrisório, duas ou três camas pavorosamente repletas de trapos, a indumentária repulsiva da miséria, e, ou um bebê imundo dormindo com a boca aberta ao redor da

qual mais moscas voejavam, ou algum velho esbarrondado no extremo de sua decadência e à espera da morte, fedendo a merda e urina, tampouco sendo raro ver-se embaixo de uma dessas camas, além de garrafas de pinga, algum penico não despejado exalando...

E a cada dia, a cada manhã aquela gente ordinária abria os olhos, as portas e as janelas e, mesmo contra toda noção de decência e bom-gosto, dava a entender que “nós continuamos aqui, e estamos vivos” — o que seria trágico, se não fosse risível, mas de uma risibilidade de filme B, diante do que impossível seria não ocorrer que somente um incêndio para dar um jeito em tal despropósito, mas um incêndio que lambesse o morro de alto a baixo, um fogo purificador que torrasse até mesmo ferros e ossos — e assim pensando impunha-se vez por outra vigiar o céu na vaga expectativa de que um avião passasse por ali despejando sua carga de *napalm*...

Os primeiros a se botarem para fora dos casebres eram as crianças, acordando como haviam dormido, sujas, feias e mal-cheirosas, e quando anoitecia outra vez iriam dormir como estiveram durante o dia: fedendo e imundas. E feias. Vomitavam-se de dentro dos casebres com sua costumeira e infernal grazinada. Afirmam alguns que criança é criança seja onde for, mas diante de tal prole surgem-me cá certas dúvidas... ou certezas, dependendo de como se entende a coisa.

Bem, vêm as crianças para fora e correm de um lado para outro, reúnem-se os maiores em pequenos grupos para decidir acerca do que irão brincar, e toca a misturar-se ao lixo acumulado nos becos, a despachar-se para as grimpas de alguma árvore, a entrar em disparada por uma porta e sair por outra perseguindo-se entre si com berros estridentes...

A certa altura, dum ranger de dobradiça enferrujada, emerge para o sol da manhã um velho encatarrado, pele e ossos, asmático, chieira no peito, arrastando os chinelos e respirando de forma lancinante; com uma bacia na cabeça passa uma mulher esmolambada em direção da bica e um parálítico arrasta-se para sol, pois aquele infeliz julga-se certamente com direito ao sol, por isso vai expor-se a ele! Outros vultos de ar enfermício vão surgindo: aqui alguém cavuca uma ferida exposta, ali um outro lança um cuspo amarelo e grosso, adiante um terceiro aparece com uma das mãos dentro das calças coçando-se medonhamente, e de algum lugar indefinido provém o estrondo de um peido...

Então começam as vozes...

— Êh, Noca, vê se enxerga esse pirralho aqui todo mijado e cagado! Se não podia cuidar, pra quê que arranjou esse traste?

— Cuida do teu que eu cuido do meu, macaca, não estou te pedindo ajuda!

— É, mas a catinga é defronte a minha porta! Espia só: sentou aqui com a fralda cheia, espirrou merda até cá dentro da cozinha!

— Por acaso estou te mandando dar banho nele? — e saindo para os fundos: — Preta metida!

— Eu posso ser preta mas não te devo nada e ando limpa. Já você que é muito branca, não paga a ninguém o que deve e anda com a mesma roupa a semana inteira, numa inhaca que Deus me livre! Depois dizem que preto é que fede. Eu pelo menos tomo banho todos os dias e tô sempre cheirosa.

— E o que é que tu tem com isso? Tem alguém te obrigando a vir me cheirar?

— Mas o teu marido, coitado!... Só te encara quando está gripado, que aí não sente a catinga.

Numa janela então aparece uma cara larga, vermelha e luzidia, a papada tremelizando por debaixo do queixo:

— Êh, Noca, diz pra ela que pior do que isso é ter filho veado — seguindo-se um guinchar medonho que termina num acesso de tosse e olhos esbugalhados e lacrimejantes.

— Veadado só se for seu marido, sua vaca...

— Veadado mesmo! — volta a obesa à carga, a papada outra vez aparecendo na janela, agora rubra de apoplexia.

— ...há quanto tempo que ele não te dá uma ripada? — e para dentro, falando com alguém: — Também, coitado, ter que dormir com um rinoceronte desse, acaba se desgostando...

— Veadado mesmo — prossegue a gorda, assomando agora à porta que, dum arranco vigoroso, quase se desprega e cai: — Pensa que ninguém sabe, ninguém vê? A molecada da rua já cansou de arrastar o teu negrinho ali pra cima, pro meio do mato! Deve de andar com o cu mais largo do que uma manilha!

Outras vozes então vão se somando ao matinal arregaço:

— O meu moleque mesmo já comeu o pretinho da Conceição não sei quantas vezes.

— E o meu? — intervém de numa janelinha exígua uma gorducha baixota, de cara redonda e cabelo quase raspado. — Escutei ele falando pros outros que o cu do negrinho é quente feito um forno — e cai na gargalhada.

— O meu, se eu não dou um revigorante pra ele, ficava até anêmico. Mas pelo menos ele é espada!

— Pois então pega a espada e senta em cima, sua rameira — berra a Conceição botando a cabeça pra fora da janela, no negrume da cara visíveis apenas os dentes e o branco dos olhos. — Mas pra tu tem de ser uma espada bem grossa, em vista da largura da tua boceta!

— Com doze anos e já está mais rodado do que puta na zona. Podia estar fazendo a vida lá embaixo no Posto Cruzeiro... pelo menos era uma ajuda que dava em casa...

— É mesmo, caminhoneiro é o que não falta...

— Quem nasce pra flor...

Um sujeito baixote e franzino brota de um dos tugúrios, o cabelo ralo untado e repuxado para trás. Sai e se afasta levando à tiracolo um embornal com a marmita.

— Será — diz — que essa mulherada, em vez de perder tempo com conversa fiada, não tem uma trouxa de roupa pra lavar não?

— Cala a boca aí, palhaço — e uma mulher escanifrada aparece numa porta defronte —, que tu também já andou pegando o moleque da Conceição.

— Te garanto que já — atira o franzino voltando-se um instante, sem deter-se. — Melhor do que você ele é. Pelo menos tem carnes, é gordinho.

— Êh, Conceição, com'ê que tu faz pra costurar o cu do teu negrinho?

— Pelo visto até o pai já comeu a porra do moleque, qui-qui-qui-qui...

— E comi mesmo, mas foi o rabo da tua filha — berra um branquelo atrofiado, cara triangular e ossuda, de aspecto sujo, cabelo enroladinho e grudado no couro, que, marmita no embornal, sai do casebre da Conceição no encalço do sujeito franzino: — Naldo! Naldo! 'Pera'í, caralho! Me dá uma carona!

Agora vem descendo a ladeira um mulato magro, carapinha sovina, beijo-la tingida de vermelho e lenço cor-de-rosa no pescoço complementando a blusa de seda branca. Traz uma bolsa feminina imitação de couro a tiracolo, a calça *jeans* justíssima fazendo sobressair uma bunda magérrima. Requebra levemente, empinado sobre os saltos.

— Êh, Jaqueline — berra a mulher da papada ainda de pé na soleira, a mão gorda apoiando-se no portal —, 'cê tá uma dondoca mesmo, hein?

— Obrigada, querida — responde o invertido —, são seus olhos! Quer alguma coisa da rua? Hoje eu volto mais cedo.

— Po'deixar, Jaqueline, mais tarde eu tenho de ir até lá fora, eu mesma me viro.

— Nos trinquês, hein Jaqueline? — exclama a mulher escanifrada, enquanto a Conceição e a baixota de cabelo quase raspado saem ao terreiro para espiar.

— Isso não é novidade — diz a bicha dando de ombros e empinando o queixo. — Sempre estive — e solta uma gargalhada escandalosa.

Mas um velhusco e tarracado que trança por ali remando em cima das perninhas roliças e tortas, toco de cigarro meio apagado no canto da boca e a barriga protuberando sob a camisa esfuracada, resmoneia rancoroso, lançando na direção do mulato um olhar calibre 45:

— Preto, beicudo e veado. Que desgraça! Se dependesse de mim, já tinha sido linchado e expulso nu da Toca com uma garrafa de Pitu atochada no rabo.

Eu me viro para o gordo achando graça e não deixando de dar-lhe razão,

mas ele já vai adiante, remando, desejoso de atirar-se sobre o travesti e moê-lo de pancada, que de nada desconfia em sua parola com as mulheres.

— Jaqueline — diz a mulher da papada —, foi você quem ensinou o negrinho da Conceição a dar o rabo? — e cai na gargalhada.

— Não duvido nada — esganiça a baixota do cabelo quase raspado.

— Céus! — exclama o travesti falsamente escandalizado. — Conceição, não liga pro que essa gente fala não, que eu não sou disso. Eu não desenca-minho menores, quanto mais crianças.

— Mas quem está falando em criança? — torna a mulher da papada. — Eu tô falando do macaquinho da Conceição.

— Nossa! Como vocês são venenosas, credo!

— Vai ver que até tu já comeu o negrinho — guincha a escanifrada —, afinal teu pinto deve funcionar, ou não?

O travesti faz um requebro de cintura e olha com cara divertida para as mulheres:

— Não digo que não — diz por fim, e reitera, com ênfase nas palavras: — Não digo que não!

— Que não o quê? — volta à carga a escanifrada. — Que teu pinto funciona ou que já comeu o negrinho da Conceição? Ou que foi tu quem viciou o moleque?

— Você é uma diaba, Noca! — berra o travesti desmanchando-se de rir. — Parece até que tem bola de cristal.

Conceição voltara para dentro de casa sem ligar para as paroleiras e o travesti alega pressa, tinha hora marcada, com os dedos joga beijinhos subindo na ponta dos pés e segue aos pulinhos morro abaixo enquanto de longe o velhusco atarracado observa, vermelho de ódio.

— Noca, Conceição, Gorda — um apelo provindo das vizinhanças —, vêm cá... dá uma forcinha aqui pra virar o vovô, que se lambuzou-se todo!

E aquelas que se digladiavam um instante atrás esquecem suas birras e unem forças para virar o vovô na tarimba e limpar-lhe a bunda.

Eram assim aquelas manhãs na Toca: teria sido exatamente esse um amanhecer específico? Não exatamente, mas aí fica uma amostra do que podia acontecer, do que acontecia, do que continuaria acontecendo naquele microcosmo de abominações (perto do qual o meu prédio seria um espigão de luxo na Avenida Vieira Souto), com variações infinitas sobre o tema.

Vem, no entanto, a propósito — sobretudo pelos desdobramentos que teve — um episódio não só curioso mas extraordinário que presenciei numa das primeiras vezes que entrei na Toca, onde não obstante já me tornara conhecido.

A esse episódio vamos consagrar um novo capítulo.



### 13. É necessário um novo capítulo...

Não foi preciso nenhum trabalho de *marketing*, logo o povo ficou sabendo que eu vivo consertando coisas: uma instalação elétrica aqui, um fogão a gás ali, um motor acolá, que eu abro e boto pra funcionar... pois de tudo eu entendo um pouco — ou um tanto, o que não é apenas modo de falar, na verdade entendo bastante, sou o que se pode chamar um “profissional de miudezas”. Mas verdade é que bastou eu comentar na portaria do prédio qual era minha ocupação e consertar o ventilador da portaria para, em pouco tempo, formar clientela no bairro, e não só: também na Toca, aonde naquele começo de tarde eu fora para consertar uma máquina de lavar na casa do Antunes.

A Toca não estaria em silêncio, conquanto estivesse calma — o que não deixava de ser natural, pois transcorridos os primeiros alvoroços da manhã o resto do dia costumava ser tranqüilo. Ouviam-se mesmo cigarras, algum cachorro latia aqui ou ao longe, e o vozerio da criançada seria o rotineiro, com intervalos de quietude.

Aquele seria, pois, um dia comum, uma tarde banal.

A Toca parecia submersa num marasmo...

Foi quando começou o berreiro.

Da casa do Antunes podia-se dizer, em vista do resto, que seria uma das poucas “mansões” da Toca: era de alvenaria, compunha-se de sala, três quartos, cozinha e banheiro, com uma pequena varanda na frente. Tinha água encanada e luz, de uma fiação clandestina que provinha da rede que margeava o asfalto (o que, aliás, já foi dito). Verdade é que, excetuando-se a sala, relativamente espaçosa, os outros cômodos eram pequenos, a mobília escanhotada e pavorosa, nas paredes — esfuracadas aqui e ali — quadros de santos católicos misturados a imagens de entidades do Candomblé e a folhinhas e pôsteres de artistas e vedetes em roupas sumárias; a varanda, reles e coberta com telhas de amianto. Os fundos davam para o matagal.

Era de lá que vinham os gritos, foi para lá que entre empurrões e cotoveladas acorreram alguns e eu também — levado agora mais pela curiosidade do que pelo compromisso —; essa, pelo menos, era minha intenção, e rompendo a trompaços o amontoamento de curiosos que cercavam a casa adiantei-me para a varandinha no instante em que saía o Antunes bracejando, ar atarantado, os cabelos ralos em desalinho, os pés metidos em umas sandálias estupidas. Então me detive:

— Alguém chame a polícia — gritou —, com urgência! — E observando a gentalha subitamente apalermada com seu aparecimento, berrou: — É urgente, caralho! Pelo amor de Deus, alguém vá ao orelhão e ligue para a polícia!

Enquanto isso, pude ver pela porta da frente a filha mais nova do Antu-

nes levada para dentro aos trambolhões, pela mãe, sumindo-se ambas num dos quartos, e enquanto alguns se afastavam apressadamente à procura de um orelhão o Antunes, percebendo minha presença, tomou-me pela mão:

— Ah, seu Henrique, ainda bem que o senhor está aqui! Venha, venha! — Voltou-se para o povo: — Por favor, gente, agora não... mais tarde... mais tarde... — o que foi inútil, porque ninguém parecia disposto a abalar dali.

Assim mesmo, conduziu-me casa adentro em direção aos fundos. Ali, seguro por dois sujeitos bem dispostos estava um rapazinho franzino, também morador da favela e conhecido por Fiapo devido à magreza. Dito rapazinho, muito pálido, encarava ora um, ora outro com os olhos abertos de espanto enquanto tentava balbuciar umas desculpas:

— Não, seu Antunes, o senhor precisa acreditar em mim...

— Cala a boca, filho-da-puta! — disse um dos sujeitos que o seguravam, desancando-o com um par de pescoções.

O Antunes agora leva as mãos ao rosto numa atitude de franco desespero, com um gemido trêmulo seguido de um bufado cheio de furor, “ah, meu Deus, meu Deus”, e assim esteve por alguns instantes, como que apertando as têmporas numa tentativa de controlar-se.

— Este moleque, seu Henrique — disse então voltando-se para mim enquanto apontava o moleque —, este moleque... — mas pareceu uma vez mais não conter o desespero, e cobriu de novo rosto com as mãos.

Por fim tomou-me pelo braço:

— Venha para dentro, seu Henrique, que lhe explico tudo — e espremendo-me num canto da cozinha, como se ali estivesse resguardado do mundo, contou o ocorrido: ele estava em casa, “justamente esperava-o, seu Henrique, pelo que combinamos”, e tudo parecia calmo quando, de repente, escutou um berreiro vindo do matagal, “era minha mais nova” ele disse, referindo-se à Lilica, sua filha de dez anos, a mesma que eu vira momentos antes levada aos trambolhões pela mãe para um dos quartos. Ao sair para os fundos, alarmado pelos gritos, avistara a menina emergir correndo do matagal e mais ao longe o rapazinho, que parecia hesitar entre ficar e fugir, “que o patife enfrentou-me, nem quis fugir, como se tudo estivesse bem, como se pudesse fazer o que lhe desse na telha!”. No fim de sua narrativa atabalhoada pude compreender que Fiapo tentara pegar à força a moleca do Antunes, aproveitando-se do fato de tê-la encontrado sozinha no matagal; a moleca, contudo, conseguira escapar aos gritos enquanto dois conhecidos da casa que haviam passado por puro acaso contiveram o Fiapo e o arrastaram até o quintalzinho dos fundos. A menina chorava no quarto, não sem que a mãe lhe desse uma bronca “pois eu já lhe falei, sua safada, que não entre sozinha no mato! T’ái no que deu! Desavergonhada! Pois é o que você é, uma desavergonhada”. O Antunes pedia calma à mulher, “pois a menina é a vítima, mulher, não tem de ser repreendida, coitadinha”, enquanto fora o Fiapo

mais uma vez tentava apelar para o pai iracundo, “seu Antunes, eu não fiz nada não, ela está mentindo”; mas de um trambolhão que o atirou de costas no barranco resolveu ficar quieto e esperar.

Veio por fim a polícia e o Fiapo foi levado; foram levados também os dois sujeitos e o Antunes com a Lilica: tinham de depor, disseram os policiais, a menina seria encaminhada a exame de corpo de delito, o marginal — pois o Fiapo, que nunca passara de um pascalho, tornara-se de hora para outra marginal — decerto seria preso em flagrante. Mais uma vez tive de presenciar o Antunes levar as mãos ao rosto com um gemido, “já está se tornado repetitivo” pensei cá comigo, “que chato, nem que o cabaço da filha valesse tanto”, para em seguida o homem tomar-me as mãos num gesto aflito:

— Seu Henrique... como vê... hoje já não se pode fazer nada... amanhã...

Fiz um gesto de anuência tentando mostrar-me compreensivo e repetindo o velho chavão, “sem problema, Antunes, vejo que não é um bom momento”; mas por dentro, conquanto divertido com o episódio e amaldiçoando tal família, torcia para que o Fiapo pegasse trinta anos de cadeia só pela ousadia de cobiçar uma moleca tão feia e mirrada feito a Lilica. Não posso negar, contudo, que me picava a curiosidade e, a título de dar um apoio moral ao desventurado pai, resolvi seguir com os curiosos até a delegacia de polícia. Enquanto esperava que se cumprissem os procedimentos permaneci por perto, bispando. Escutei os berros do Fiapo em algum lugar “lá dentro” protestando inocência e implorando para não baterem nele, mas os policiais não pareciam preocupados em dissimular e cá de fora se escutava o barulho chapado dos tapas na cara, os trancos que deviam atirá-lo contra a parede e, a certa altura, um som cavo como se o tivessem largado de costas no chão. Depois silenciou, e da portinhola que dava para os fundos surgiram dois canas, um preto de feições sinistras que eu não conhecia e o Cruz, de quem eu já falei, branco com cara de rato, barba rala, olhos miúdos, verdes e maus. Os dois cruzaram a passos decididos toda a extensão do corredor, passaram sem encarar nenhum dos presentes e saíram em direção à rua.

Nesse momento, um fato burlesco desviou a atenção de todos e provocou uma pausa na indignação geral: havia acabado de entrar na Unidade uma preta acompanhada pelo preto dela, e quando o policial de plantão — que ouvia uma das testemunhas em depoimento — voltou-se de ar carrancudo perguntando o que queriam, a preta levantou o braço engessado enquanto o preto permanecia junto à porta em atitude indecisa. O fartum que infestou o lugar à entrada dos crioulos não só fez que os que bobeavam por ali escapassem nauseados para a rua tampando o nariz, como também, no fim do corredor defronte, que o delegado aparecesse à porta do gabinete com um berro, “que diabos está acontecendo aqui?”; em seguida o homem passou fuzilando para a rua, enquanto o policial de plantão agüentava firme, cada vez

mais carrancudo, e eu permanecia, cobrindo o nariz e a boca com a mão em concha.

A entrada da delegacia esvaziou.

Nesse ínterim retornou o delegado com um *spray* que fora comprar a um mercadinho próximo e, lançando jatos desesperados pelos cômodos, esculachou os pretos (“Só me voltem aqui depois de tomarem banho, senão podem ir pro diabo que os carregue!!”), que foram saindo devagar — ele na frente, cabeça baixa e ombros caídos que, ao chegar à rua, dum tropicão em um paralelepípedo desnivelado estropiou um dedo; ela de nariz empinado, com um requebro hediondo da bunda que mal cabia no *short* apertado e colante.

Não era difícil deduzir o acontecido e eu pude criar uma história, ao contrário da que havia inventado para o Senhor Conde, com tudo para ser verídica: na esbórnica toda a noite em companhia de outros iguais a eles, avançaram pela manhã até a diversão converter-se em pancadaria: algum desbeijado teria de súbito percebido o *short* exíguo da negra e decidiu-se por uma carícia pouco higiênica; levou um tabefe pela cara, revidou com uma bordada que por pouco não quebra o braço da mulher enquanto o outro — companheiro ou marido — observava, sem reação, exangue de álcool. O resultado foi a fedentina que empestou o ar no interior da Unidade. Se não fora isso, teria sido algo similar, algo notavelmente ordinário e vulgar, pois a semelhante escória nada pode acontecer de singular e incomum: estarão sempre atolados no esgoto, chapinhando na merda — e comigo mesmo, enquanto se afastavam calçada afora até sumirem numa esquina, considerando-os dignos habitantes da Toca (ainda que não fossem de lá), grunhi: “Haja *napalm*!”

Agora, porém, curiosos e testemunhas regressavam.

No fim do corredor o delegado ainda lançou alguns jatos de seu *spray* e em seguida entrou no gabinete, batendo a porta com um estrondo.

A atenção geral voltava-se outra vez para o estupro e, enquanto uns se perguntavam pela menina e o pai (“cadê? para onde foram?”), outros diziam não saber, e ainda uns terceiros alvitavam que talvez estivessem aguardando em alguma sala “lá pra dentro”.

Mas o Antunes e a filha, quando começara a fedença, se haviam escafecido pelos fundos juntamente com dois policiais numa viatura: a menina iria mostrar a bocetinha pro legista, que decerto aproveitaria para revirá-la do avesso — “filho-da-puta” pensei cá com meus botões, mas ao mesmo tempo recuando, porque a menina era tão reles que decerto não valia o sacrifício — e depois escreveria qualquer coisa num papel, declarando se a garota era virgem, se não, se havia sinais de violência, essas coisas. A sorte do Fiapo dependeria do que o legista escrevesse no papel, e quando pai e filha retornaram para a delegacia com o laudo declarando que a menor já não era vir-

gem e apresentava na região genital vestígios de violência praticada recentemente, selou-se o destino do miserável.

“E tudo por causa de um traste desses” pensei vigiando de esguelha a moleca enquanto o pai, do lado de fora, andava de um lado para outro fumando sem parar, as fraldas da camisa meio para dentro, meio para fora das calças, o cabelo muito ralo desfeito em repas desencontradas.

Aproximei-me do Antunes:

— O amigo deve procurar acalmar-se — disse, mas com o fito de mais exasperá-lo do que consolá-lo, pois para mim tudo aquilo não passava de uma divertida comédia, conquanto de péssimo gosto. — São coisas que acontecem — eu disse com dissimulada ironia —, ou seja, coisas que Deus permite para pôr-nos à prova — e intimamente eu me ria de tal disparate.

O Antunes cuspiu o cigarro quase inteiro e esmigalhou-o com o pé, acendendo outro em seguida, como se não se desse conta de seus atos.

— Ah, seu Henrique — bufou —, cria-se uma filha para isso!

Baixei a cabeça muito compenetrado, fingindo uma consternação que estava longe de sentir, “mas que palerma, ‘cria-se uma filha!’, como se aquele trambolhozinho merecesse esse alarido todo”, a despeito do que limpei a garganta com seriedade.

— Mas não é possível que ele não seja punido — eu disse. — Seguramente será — reforcei, após uma pausa de dois ou três segundos. — Pelo menos isso — acrescentei, mudando de idéia e desejando justamente o contrário, ou seja, que o Fiapo fosse posto em liberdade em poucos dias.

Mas meu desejo não se cumpriu: de posse do laudo, o delegado autuou o moleque em flagrante por estupro e o trancafiou. De nada valeram seus protestos de inocência, o defensor público pouco empenhou-se por ele, o promotor o acusou como a um criminoso de alta periculosidade, o juiz o condenou sem titubear, e o Fiapo ficaria preso... quantos anos?

## 14. O milagre

*“Está visto que não estudei coisa nenhuma, até porque a essa altura eu já nem sabia o que fizera do tal livreto: eu tinha treze anos na época de minha rebelião, em que resolvi deixar definitivamente de freqüentar a missa com meus pais, e embora não fosse dado a traquinagens, pouco antes de tomar essa decisão resolvi, a título de despedida, provocar um tumulto no seio da congregação. Certo fim de tarde dirigi-me à igreja que freqüentávamos levando um pequeno frasco de plástico escondido na roupa e, entrando pelos fundos sem ser percebido, fui esconder-me na sacristia. Permaneci escondido até anoitecer por completo, de forma que sobre o altar de Nossa Senhora incidia apenas uma vaga luz que, proveniente da rua, passava pelos vitrais. A astúcia que eu urdira visava às beatas que vinham rezar às seis horas, um bando de velhas sem mais o que fazer*

que passava as primeiras horas do dia respirando incenso e desfiando o rosário, sem dúvida soltando vez por outra um peido silencioso abafado pelas saias rodadas e cujo cheiro acabaria disfarçado pelo dos buquês de rosas que cercavam a imagem. Estando só, aproximei-me do altar e, tirando o frasco do bolso, subi até a altura da cabeça da imagem e pinguei em seus olhos algumas gotas de uma tinta vermelha, líquida e espessa e que não coagulava, que eu aprendera a preparar nas aulas de artes. A tinta desceu pelas faces da imagem e escorreu pescoço abaixo, criando a impressão de que a santa estava chorando sangue. Não satisfeito, pinguei também gotas de sangue fajuto na palma das mãos estendidas da santa, acentuando o efeito dramático. Feito isso, piquei a mula na direção de casa.

“A artimanha não tardou a ser descoberta e o falso milagre desmentido, mas o escarcéu feito pelas beatas na manhã seguinte — que eu testemunhei, pois levantando-me cedo fui buscar um bom posto de observação pelas imediações a fim de ver o resultado de minha brincadeira — não apenas alcançou padre Aristeu, que àquela hora tomava o jejum em suas acomodações, mas, ao saírem umas escandalosas para o adro proclamando o prodígio, atraiu rapidamente uma multidão para dentro da igreja — multidão à qual eu fui misturar-me para ver melhor.

“Alguns fiéis mais crédulos e talvez necessitados de uma manifestação do divino em suas vidas ocas e insossas prosternavam-se diante da imagem batendo no peito e chorando, entre estes aqueles que tocavam o chão com a testa várias vezes, o rosto lavado de lágrimas, enquanto outros, de pé, as pernas decerto bambas mas assim mesmo sustendo-se, olhavam com veneração para o rosto e as mãos ensangüentadas da estátua. Uma beata gorda não resistiu e desmoronou sobre um banco, esmagando com seu peso um grande embrulho de papel que um velho havia colocado ali enquanto se benzia repetidas vezes: ao sentir que se havia arriado sobre algo macio, a gorda levantou-se, mas já era tarde, pois acabara de rebentar um bolo cujo glacê espirrara do papel de embrulho e em parte grudara-lhe na bunda, criando uma situação tão inusitada e ridícula que, mesmo o espírito de contrição de que todos estavam imbuídos não foi suficiente para evitar algumas risotas e faces ruborizadas que, leques em punho, se abanavam para disfarçar.

“Atraído pelo tumulto surgiu padre Aristeu que, ao ver o motivo de tamanho alarido, estacou paralisado olhando por sua vez para a estátua sem saber se acreditava no milagre ou se estava diante de um embuste. Ele avançou até o altar e ficou olhando com muita atenção, benzendo-se vez por outra. Eu, escondido no meio do povaréu, observava tudo mal contendo o riso.

“As manifestações de fé estenderam-se pelas duas horas seguintes, a igreja cada vez mais cheia obrigando padre Aristeu a improvisar um cordão de isolamento de forma que a multidão não se aproximasse da imagem a menos de metro e meio, as pessoas agitadas em sua fé somente não avançando por causa

do grande respeito que o velho sacerdote inspirava em suas ovelhas. A coisa durou até por volta das oito, quando um curioso achou por bem passar o cordel estendido e examinar melhor o altar; e do que viu foi avisar padre Aristeu, que retornou em sua companhia. Se não o fizesse, era bem possível que logo viesse a imprensa e a notícia do milagre da santa que sangrava cobriria o país, já que fato similar havia acontecido anos antes — um Cristo de gesso que havia supostamente sangrado em Porto das Caixas — atraindo multidões de fiéis desatinados e esperançosos de receber algum milagre, uma graça que fosse, ou até mesmo testemunhar o acontecimento. Veio padre Aristeu e examinou o que lhe mostrava o curioso: primeiro esfregou um no outro o dedo indicador e o polegar; ‘não tem nem viscosidade nem cheiro de sangue’ disse o curioso, concluindo ‘é tinta’, e em seguida apontou para o espaço junto aos pés da santa, fazendo-o notar umas pegadas muito leves mas indiscutíveis de calçado com sola possivelmente de borracha a denunciarem que alguém subira no altar; e se alguém subira ali, onde até a véspera não se via mancha, fizera-o decerto para praticar tal sacrilégio, ‘e pelo tamanho das marcas só pode ser coisa de algum moleque’ foi o comentário que logo se alastrou entre o povo decepcionado, desfazendo o engano e botando aquele bando de desocupados no caminho de casa — conquanto alguns renitentes ainda insistissem que tais marcas não provavam nada e que o acontecimento poderia ser, sim, um milagre, e pecado mortal seria não o reconhecer; ‘além do que’ alvitrou uma das matronas, ‘o sangue da Virgem não é comum como o nosso, pode muito bem parecer tinta sem ser!’”. Diante de tal despautério, foi preciso padre Aristeu usar não apenas de sua persuasão, mas também de sua autoridade e severidade para convencer a todos que o melhor a fazer seria ir em embora. Eu também tratei de me escafedar — antes que padre Aristeu me visse e associasse minha presença à peripécia de mau gosto na casa de Deus.

“Eu me rebelara ao admitir que me faltava paciência para devoções. Lembro-me de como papai mostrou-se agastado quando eu disse sem meias palavras que aquilo não me agradava nem um pouco e que já me sentia cansado daquela história de catecismo, rezas, confissões, incensos e tudo mais. Minha rebeldia, que atingira o ápice aos treze anos, já dava sinais de manifestar-se bem antes quando eu questionava com padre Aristeu, como no caso das inúmeras mães de Jesus, uma das quais negra; não obstante minha renitência, aos onze fiz, como todos os meninos pios e bonzinhos que freqüentavam as aulas de catecismo, a minha Primeira Comunhão — sobre o que fora devidamente instruído na antevéspera pelo padre e na véspera por meu pai, que, com gravidade, tentou incutir-me a importância de tal cerimônia como ‘o primeiro passo que o verdadeiro católico dá na sua jornada em direção ao céu’.

“Naquela manhã, no entanto, quando fui comungar e tomar a hóstia pela primeira vez, estava no confessionário com padre Aristeu e lhe falei mais uma vez sobre o arrependimento. Ele esperava que eu seguisse o protocolo, que confes-

sasse algum pecadilho e me reconhecesse arrependido, mas eu não fiz assim: eu lhe disse que não me arrependia de nada do que havia feito, pois ‘o senhor falou que quando nos arrependemos somos atirados no inferno e ali expiamos nossa culpa. Eu não fui atirado em inferno nenhum, portanto não me arrependi, daí que eu não tenho nada do que me arrepender. Portanto, não tenho pecado algum’. Padre Aristeu, que era calmo mas às vezes esquentava-se, e que naquele dia parecia estar particularmente impaciente não sei se por causa do calor ou da quantidade de crianças que teria de ouvir em confissão, ou de ambas as coisas, repreendeu-me severamente: ‘Aqui não é a hora nem o lugar para tratar desse assunto’ disse, ‘além do mais não vê que você já está pecando? Todos nós temos do que nos arrepender, todos somos pecadores. Não aprendeu então que nascemos culpados? Não trazemos conosco a marca do pecado praticado por nosso pai Adão lá no Éden? Então você não aprendeu nada todo esse tempo? Está querendo dizer que Jesus morreu na cruz sem motivo algum? Vou reclamar com seu pai, fique sabendo. E agora, se me faz favor, siga conforme lhe foi ensinado, não podemos perder a manhã inteira pois há outras crianças para comungar e não são poucas’. Padre Aristeu parecia mesmo muito irritado, porque despejou essas palavras uma após outra com tal rispidez que chegou a assustar-me. ‘Está bem, padre, desculpe’ eu disse baixando a cabeça mas sem demonstrar minha decepção; repeti mecanicamente as fórmulas e segui o rito achando-o inteiramente vazio, destituído de sentido, e enquanto inventava alguns pecadilhos que confessar — e hoje reconheço que naquele momento, de acordo com o que me fora ensinado, eu pecava por estar mentindo, p. ex., ao dizer que fora malcriado com minha mãe, que também xingara mentalmente meu irmão por ele ter-me aborrecido, e que me rira com satisfação duma topada que meu pai havia levado uma semana antes, e ainda outros disparates que me vinham à mente em profusão até que o próprio padre Aristeu deteve-me, ‘está bom por hoje, filho, você já desfiou pecados por toda uma geração’ — prometia a mim mesmo não voltar à igreja. Mas voltei: durante algum tempo ainda acompanhei meus pais e meu irmão à igreja, entediei-me sentado no banco olhando as paredes, os vitrais, as imagens dos santos que eu já conhecia de cor; escutando padre Aristeu repetir as velhas e ocas fórmulas do rito da Eucaristia e fazer sua homilia final, até tomar a drástica atitude de não prosseguir com tal papagaiada.”

## 15. Um homem engajado

Voltei para casa naquele fim de tarde refletindo em como era engraçada a vida: na Toca todo mundo parecia já ter trepado com o negrinho da Conceição, que aos treze revelava-se um afeminado dos mais vorazes e fazia questão de usar *shorts* apertados para realçar a bunda grande e redonda, com o que ninguém, nem mesmo a Conceição e o marido, parecia importar-se — pelo



contrário! Era motivo de gracejo para todos, que se divertiam em propalar a coisa aos quatro ventos. Contudo, porque um palerma de vinte anos se esfrega com uma Lilica magrela e feiosa de dez, o pai resolve fazer um escarcéu dos diabos e, no fim, cadeia!

“Não é justo” diria comigo mesmo mais tarde, ainda pensando no caso e rindo-me de toda aquela cena de mau teatro, “não, não é justo”.

Acabara contudo de pôr os pés no saguão quando sobreveio um notável exemplo daquilo que comentei em capítulos anteriores sobre os que se julgam no direito de exibir suas mazelas em público sem sofrer a ação da chibata: pois naquele exato momento desciam o velho doente do sexto andar para metê-lo na ambulância que esperava com o giroscópio ligado junto ao portão.

Ora, mora no sexto andar uma pequena família de miseráveis composta de irmão, irmã e o pai doente. O irmão é solteirão, tem sessenta e poucos anos e vive de uma aposentadoria minguada, e quando não está em casa vai para a pracinha no outro quarteirão jogar sueca, passa às vezes tardes inteiras jogando sueca com outros velhos desocupados iguais a ele, apostando moedinhas de dez centavos. A irmã será mais nova uns oito anos, viúva, que vez por outra recebe a visita dos filhos, dois ao que parece, que quando vêm trazem farrancho — as mulheres, a filharada, até os cachorros —, e por lá passam o dia, sabe Deus como naquele aperto. O pai já anda pela casa dos noventa, estropiado a mais não poder e quando menos se espera ei-lo debatendo-se contra a magrela. Então é um deus-nos-acuda, ouve-se cá debaixo a gritaria da filha escandalosa, o filho exasperado e nos limites de suas forças desabala até a portaria a fim de ligar para a ambulância, e pouco depois descem com o desgraçado na padiola, morre-não-morre, rumo ao pronto-socorro. “Por que não estoura de vez” não consigo evitar o pensamento presenciando a atroada, “tudo que o infeliz quer é morrer, mas parece que ninguém percebe”...

E assim desta como das outras vezes, desviando-me para dar passagem ao grupo esbaforido de socorristas, lá levam o velho na tentativa de retê-lo um pouco mais do lado de cá, a ambulância arranca gemendo e eu coço a cabeça olhando aquilo tudo entre divertido e incrédulo...

Então vejo o Freitas, que descia naquela hora, avançar em minha direção.

O Freitas é outro espécime da curiosa fauna do prédio.

Mora no quinto andar, apesar de branco é casado há mais de vinte anos com uma mulata de cabelo ruim e não tem filhos. É um tipo comum, e passaria despercebido se não fosse seu instinto doutrinador, como um desses pastores chatos que querem a força converter qualquer um que se disponha a ouvi-lo. Porém o Freitas, conquanto não passe de um chato, não é pastor, é pior: é líder de uma dessas ONGs que vivem por aí angariando fundos para suas ações sociais, pelo menos é o que alegam, pois eu cá tenho minhas dúvidas quanto às ações sociais a que se dedicam, já que pelo menos no caso

dele nunca vi nenhum resultado, nada que pudesse mostrar e dizer “olha, isso aqui fomos nós que conseguimos”. Segundo moradores mais antigos, o que foi confirmado pelo porteiro, nos dois anos em que o Freitas foi síndico o prédio passou por um de seus piores períodos; “quando o senhor se mudou, seu Henrique” dissera-me seu João, “o novo síndico ainda estava tentando algumas melhorias”.

Como o novo síndico não passava de uma besta e ainda assim tentava “algumas melhorias”, fiquei imaginando como teria sido a gestão do Freitas. Não garanto que tenha agido em proveito próprio, mas se não foi desonesto, foi incompetente, o que vem a dar no mesmo.

Aproximando-se, estendeu-me a mão num cumprimento sonoro e vigoroso, sorrindo com todos os dentes:

— Seu Henrique, que prazer encontrá-lo! Nossas ocupações não nos permitem parar, às vezes, para conversar, pôr os assuntos em dia, que a vida anda muito corrida, não é mesmo? Às vezes nem conseguimos nos encontrar, já que os horários livres raramente coincidem! Mas quando o encontro penso comigo mesmo: é preciso tirar pelo menos dois minutos para um dedo de prosa com o meu amigo, porque também não é só correr, trabalhar, amofinar-se com o dia-a-dia... dois minutos, não mais, que se não são de todo suficientes, pelo menos nos permitem dizer alguma coisa.

— Boa tarde, Freitas — respondi com secura, mostrando-lhe que eu não estava disposto a lero-lero.

— Primeiramente, como está o senhor? De aparência vejo que está bem, mas como não podemos nos fiar apenas na aparência pergunto-lhe por sua saúde, por sua vida, por tudo enfim.

— Vou indo, não tenho do que me queixar.

— Folgo em saber. Saiba o senhor: nada mais importante do que estarmos bem. E não me refiro somente à saúde do corpo, que esta é importante, sem dúvida, mas não é a única em nossa vida. Estamos bem não apenas quando gozamos de boa saúde, mas principalmente quando estamos com nossa consciência tranqüila, quando temos bons motivos para sorrir, quando não nos falta o essencial, concorda?... Pois bem! Porém devemos também nos lembrar de que nem todos podem dizer que estão bem, e creio que nesse ponto também concordamos, pois não?... Sim, sem dúvida que concordamos! Pois, seu Henrique, o senhor sabe tão bem quanto eu que muitos, e neste exato momento, seu Henrique!, neste exato momento não podem dizer que estão bem como eu e o senhor porque lhes falta o essencial. E como falta! Estou certo de que o que estou dizendo não soa estranho para o senhor que anda por aí, que vê o mundo com seus próprios olhos, que encara as pessoas na rua e percebe sua aflição! Porque eu estou certo de que o senhor é uma pessoa sensível e faz isso, assim como eu faço isso, assim como todos os homens de bem também o fazem.

— Sim, Freitas, mas...

— Não, só um momento, só um momento e depois o senhor se pronuncia, pois estou certo de que quando me ouvir até o fim e o senhor se pronunciar há de fazê-lo com propriedade e discernimento, pois eu reconheço no senhor uma pessoa de discernimento; uma pessoa que, como se diz, não mete os pés pelas mãos.

Respirei fundo encarando o sujeito com ganas de saltar-lhe ao pescoço e estrangulá-lo ali mesmo. Com que autoridade ele afirmava ser eu alguém sensível e que não metia os pés pelas mãos? Que sabia o imbecil acerca de minha pessoa para ter tanta certeza sobre o meu caráter? E se eu estivesse naquele mesmo instante disposto, já não digo em cantar-lhe a mulher mulata e feiosa, mas a aplicar-lhe um golpe qualquer e causar-lhe um prejuízo?... Mas não! O Freitas, em sua sabedoria e percuciência, estava certo de que eu era uma pessoa de discernimento e sensibilidade, e que não lhe meteria os pés e as mãos nas fuças deslavadas!

Resignei-me a ouvi-lo.

— Sabe o senhor — continuou ele — que vivemos num mundo de desigualdades sem conta, aliás, já tive oportunidade de dizer-lhe isso em outras ocasiões, e hoje mesmo pela manhã eu o dizia ao dono do mercadinho, o Eduardo do mercadinho, creio que o senhor sabe de quem eu estou falando... Sim? Pois bem! Eu dizia: o mundo tem desigualdades sem conta, mas o estômago é um só, quero dizer, o estômago é sempre igual, portanto urge fazer com que todo estômago seja satisfeito. Dizia a ele esta mesma frase, e então ocorreu-me que este seria um *slogan* perfeito para nossa ONG, ouça como soa bem: “Todo estômago é igual, urge portanto que todo estômago seja satisfeito”. Que acha? Monumental, não é? Tem um tanto de graça essa referência ao estômago, mas quando nos detemos um pouco mais no sentido da frase percebemos que é muito séria, que a graça cede lugar à reflexão: pois quantos estômagos estão por aí desprovidos, não é?, quantos estômagos vazios, o senhor por ser pessoa de discernimento bem o sabe. Então, de passo em passo, chegamos ao cume, isto é, ao ápice do significado: não são apenas os estômagos que são iguais, mas as próprias pessoas, os próprios donos do estômago, e se todas as pessoas são iguais, há que se satisfazer a todas em suas necessidades de maneira igual, percebe? O estômago é apenas uma figura de estilo, uma metonímia, por assim dizer...

— Sim, Freitas, entendo...

— Pois bem, chegando em casa decidi que este será o *slogan* a ser bordado nas camisetas da ONG. Bem, bordado é só um modo de dizer, pois ficaria caríssimo pagar uma bordadeira, e dinheiro é o que nos falta! O que eu quero dizer é que essa frase será impressa nas camisetas em letras vermelhas: vermelho contra fundo branco. O que o senhor acha? Não fica bem?... Amanhã mesmo vou procurar um conhecido meu que trabalha com serigrafia-

a... Mas voltando ao ponto: então eu conversava com o Eduardo do mercadinho e fiz-lhe ver que alguém que possui recursos tem por dever fazer um balanço desses recursos e separar uma parte... nada que lhe faça falta, está visto, e expliquei: você, por exemplo, pode separar uma parte para atender à carência do próximo sem, contudo, que venha a lhe prejudicar os negócios; nossa ONG trabalha com muito boas intenções mas poucos fundos, aliás, os fundos são muito escassos, de forma que não se pode fazer tudo que se quer, mas se você (eu falava ao Eduardo) separa uma parte, se o seu vizinho também separa uma parte, enfim, se cada um... e se no fim somarmos todas essas parcelas, teremos fundos satisfatórios, pois é de grão em grão que a galinha enche o papo, ora se não é! Então, seu Henrique, quando o vi agora há pouco pensei cá comigo: “Seu Henrique é homem de bom coração, vê-se isso em seu semblante, mas mais ainda em seu comportamento”, pois é o que o senhor é, seu Henrique, pessoa de siso, não se envolve em baderna, trabalha por conta própria e se mostra muito competente, e é de pessoas assim que precisamos em nossa ONG, pessoas que possam participar, militar mesmo na nossa causa, e contribuir... pois, então não?, contribuir, como eu disse, com aquela parte que a pessoa, após um cuidadoso balanço, separou por não fazer-lhe falta, não é mesmo? Daí que, vendo-o, achei que devia convidá-lo...

— Convidar-me?!

— Sim, convidá-lo, por que não? Convidá-lo a fazer parte de nossa ONG e a contribuir. O senhor pode tornar-se membro, queremos isso!, mas antes seria interessante ir a uma de nossas reuniões, amanhã mesmo teremos uma, é lá em casa, às sete... servimos um cafezinho com biscoitos, conversamos, debatemos os assuntos da pauta... o pessoal comparece sempre, não somos muitos, mas com boa vontade poucos são capazes de muito, é o que sempre digo: a boa vontade é a chave para qualquer empreendimento dar certo. É o nosso vai dar certo, sem dúvida, porque o que temos é boa vontade! Então o senhor fica convidado para a reunião de amanhã, quero vê-lo lá! Já quanto a contribuir... faço o convite também, não para amanhã, que de um dia para outro sempre se encontra um estômago... oh, essa coisa do estômago, seu Henrique, quantos há por aí, o senhor nem sabe... ou sabe, sim, sabe, pois é pessoa atilada... E é por isso que eu toco nesse assunto delicado, aliás delicadíssimo... o da contribuição, pois se o senhor pudesse já, neste momento, adiantar algum...

Sou, porém, salvo pelo gongo, e o gongo nesse caso assumiu a forma do porteiro: parou ao nosso lado seu João, que soltou seu chiste:

— E aí, Freitas, contando mentiras outra vez?

O Freitas não teve alternativa a não ser soltar uma risada:

— Seu João, seu João! O senhor é mesmo pilhérico! Sim, gosto disso, saiba, gosto de pessoas com senso de humor. A vida já é bastante dura para

que vivamos sempre sérios. Não, que há hora pra tudo, temos de falar a sério vez por outra, mas a piada muitas vezes vem a calhar, pelo menos desopila o fígado...

Aproveitei a deixa para escafeder-me:

— Bem, meus caros, tenho um compromisso para daqui a pouco, não posso ficar mais — e no que o Freitas se voltou para mim: — Sim, amanhã eu compareço à sua reunião. Às sete, não? Com cafezinho e biscoitos!... Não faltarei, no mínimo para não perder os biscoitos — e saí apressado rumo ao meu apartamento, subindo os degraus de três em três para garantir que o Freitas não me viesse no encalço.

## 16. “Veja o seu irmão!...”

*“Quando pronunciei a palavra ‘papagaiada’ — eu acabara de completar treze anos — referindo-me às coisas da fé, tão caras a papai, minha mãe olhou-me em silêncio, séria, mas nada falou: deixou que papai me chamasse atenção, dizendo que eu corria o risco de condenar-me ao fogo eterno, de ser espetado pelo ‘coisa ruim’ com seu garfo enorme numa das grelhas do inferno, pois era certo que afastando-me de Deus quem tomaria conta de minha vida seria o tinhoso, e mais uma patacoada sem fim que me entrava por um ouvido e saía pelo outro.*

*“Por fim eu disse ‘pai, não adianta insistir; eu desagradei mais a Deus indo à igreja sem vontade e aborrecendo-me lá do que não indo’. Diante da lógica de tal assertiva meu pai desistiu; continuaram ele, minha mãe e meu irmão frequentando a missa aos domingos e, às vezes, também no meio da semana, enquanto eu ficava em casa ‘cedendo lugar ao diabo’, como ele costumava dizer — não diretamente, não dessa forma, embora usasse essas mesmas palavras: não, meu pai pretendia ser mais sutil, coitado!, e às vezes fingindo que não havia percebido minha presença deixava escapar ‘como é triste ver pessoas longe dos caminhos de Deus, cedendo lugar ao diabo’.*

*“Eu fingia que não era comigo para evitar contenda, e metia-me no quarto. Alguns anos mais tarde a coisa não havia mudado muito, eu já contava dezesseis, dezessete anos, o tema era sempre o mesmo com poucas variações, mas eu já não ia para o quarto: saía para a rua, metia-me na esbórnica.*

*“Eu não conseguia entender a religiosidade dos meus pais. A bem dizer, a do meu pai, porque minha mãe se mantinha quase sempre calada; olhava-me com reprovação mas raramente repreendia-me, e quando o fazia era — não obstante as palavras acerbadas que usava — de forma muito sucinta, deixando para meu pai a parte mais (por assim dizer) ‘pesada’, coisa a que ele se dedicava com rigor e método, desfiando um rosário de recriminações e descobrindo em meus atos não sei que coleção medonha de pecados que ele nunca enumerava mas a cujo número extraordinário sempre fazia alusões. Era inevitável também que dissesse ‘veja o seu irmão como segue o bom caminho’, e se meu irmão estivesse*

por perto dizia tais palavras alteando a voz e acentuando intencionalmente cada palavra para que ele ouvisse e recebesse o elogio da mesma forma que eu era obrigado a escutar a depreciação.

“Então eu me perguntava como é que alguém pode ser tão religioso, tão te-mente a Deus, como ele dizia que devemos todos ser para não lhe despertar a ira, e ao mesmo tempo proceder com tanto preconceito como era seu costume. Não que meu pai fosse um homem mau, uma pessoa de má índole ou de má conduta fora dos dias de missa, mas não era incomum vê-lo criticar o próximo e sobrele-var-lhe os defeitos sem considerar-lhe as qualidades, as quais ele simplesmente não conseguia enxergar (e se era assim comigo, não o seria com os outros?): para ele os outros tinham seus defeitos e era somente o que valia a pena comen-tar; quando mais não fosse para lembrar-se da ‘mão do Senhor’ quando ‘pensar sobre aquela vida’.

— O Ambrósio não é um bom chefe de família — era assim que costumava começar, à mesa, à hora das refeições. Nesse dia os comentários seriam sobre o Ambrósio; noutras ocasiões, outras seriam as vítimas de suas recriminações. — Como pode um homem com aquela idade usar roupas tão inconvenientes? Hoje, por exemplo, chegou na reunião com uma camisa estampada, embora estivesse adequadamente para dentro das calças... Mas uma camisa estampada, cheia de vermelhos e amarelos? Na idade dele não fica bem, pois já passa dos quaren-ta, é um homem maduro, tem a obrigação de dar o exemplo, afinal tem filhos... Mas mesmo que não tivesse, no prédio onde mora deve haver crianças que vêm um homem maduro vestindo-se como um adolescente... — Depois dessa enfiada fazia uma pausa. Minha mãe, como de hábito, não respondia a não ser com um breve comentário do tipo ‘esse mundo está fora dos eixos’ ou ‘vai tudo de mal a pior’, benzendo-se em seguida. Meu irmão continuava comendo em silêncio pois ainda era criança (continuou sendo criança até os vinte anos, na ótica de pa-pai), e eu então nem se fala: o rebelde não tinha licença para abrir a boca à mesa! — Mas também não é só pela camisa — ele continuava, como se o motivo alegado para criticar o Ambrósio não lhe parecesse de todo convincente nem suficiente (mesmo que, com efeito, a camisa do pobre Ambrósio fosse um escân-dalo aos seus olhos, ainda que ‘adequadamente para dentro das calças’, pois era assim que papai usava suas camisas de cores neutras, o mais das vezes escuras) —, pois, vá lá... Porém são suas atitudes, é o seu jeito de portar-se no traba-lho... O Ambrósio às vezes fala mal dos outros, critica lá um vizinho dele com quem não se dá e encontra-lhe tantos defeitos a enumerar que chego a pensar que, ou o Ambrósio está doido varrido, vendo coisas, ou esse vizinho é mesmo um demônio... Valha-me Deus, que me livre... que nos livre, melhor dizendo, desse tipo de gente... E além do mais sabemos que mantém uma amante... um ho-mem daquela idade, com uma boa mulher; pessoa de respeito, e com filhos... pois o Ambrósio tem — parece-me — quatro filhos, o mais velho com apenas dezessete anos... o que não devem pensar do pai? O que não passa aquela esposa

com um homem assim, meu Deus!... — e neste ponto era possível perceber que papai tocara na camisa do Ambrósio para chegar até a amante dele, que nem era certo que o pobre coitado tivesse: corriam alguns comentários, disse-me-disse, fofoca, mas nada de concreto, pois ninguém nunca viu o Ambrósio — que era de casa para o trabalho e do trabalho pra casa — com ninguém! No entanto, o pouco que havia era suficiente para que papai não fizesse por menos...

“— Elvina, você viu o corte de cabelo da esposa do Fagundes? — e agora mudava o foco para a esposa do Fagundes, cujo corte de cabelo minha mãe devia fazer não pouco esforço para lembrar-se de como era enquanto meu pai prosseguia: ‘O Fagundes tinha por obrigação chamar a atenção da mulher; pois não é conveniente que uma senhora casada, e principalmente não tão moça, corte o cabelo assim. Ficaria bem, talvez, na filha, que ainda é uma menina, mas... numa senhora casada?’, e ia em frente, detendo-se apenas para meter uma colherada de caldo na boca ou para morder uma coxa de frango, pois assim como a camisa do Ambrósio fora apenas um pretexto para chegar numa amante imaginária que ninguém conhecia, o corte de cabelo da esposa do Fagundes também era um mero pretexto para meu pai chegar no vestido indecente com que ela comparecera à missa naquele dia, ‘pois se não é adequada tal vestimenta ao recinto sagrado, onde se celebra a Santa Missa, o próprio bom-gosto condena, pois afinal as varizes daquela senhora ficam bem expostas, o que é uma coisa feia’, e minha mãe, benzendo-se, murmurava ‘que horror, meu Deus, o mundo vai mesmo aos tombos!’, sendo certo que a pobre esposa do Fagundes comparecera à missa com um vestido que lhe cobria os joelhos, e de suas varizes mal apareciam um vestígios longínquos na barriga da perna.

“E se não eram o Ambrósio ou a esposa do Fagundes, era qualquer outro de seus conhecidos que, vez por outra, lhe ocorria criticar. E o mais curioso: às vezes entregava-se a essas divagações à mesa depois de ter comentado a passagem bíblica que condena o ato de fazermos julgamentos levianos acerca dos outros!

“À medida que eu ia crescendo e percebendo o quanto diferia a religião praticada por meu pai daquela a que ele dizia ser fiel, fui pouco a pouco ganhando birra daquela história, o que culminou com minha inominável rebeldia quando me vali da palavra ‘papagaiada’ a fim de significar que nada daquilo tinha para mim qualquer importância.

“Com o tempo eu fora também percebendo que a religião praticada pelos fiéis que eu conhecia dos bancos da igreja não tinha muito a ver com aquilo que era ensinado, pois, assim como meu pai se conduzia em desconformidade com a doutrina do catecismo (que eu tive de aprender para a Primeira Comunhão), os seus parceiros de crença não diferiam muito, e quando iam a nossa casa visitá-lo em ‘missão de fé’ (ou seja, tratar de algum assunto pertinente à igreja), era até engraçado ouvir o que conversavam enquanto tomavam refrescos e comiam bolos e biscoitos na sala, refestelados no sofá e nas poltronas, conversas durante os quais desfiavam-se os erros e defeitos de toda a comunidade religiosa e apli-

*cavam-se condenações sem qualquer piedade, como se constituíssem um grupo de 'anjos' incumbidos pelo próprio Deus de trazer o castigo à Terra. Era um tal de falar mal da gravata de um, do calçado gasto do outro, do vestido escandaloso de dona fulana de tal, do mau comportamento da filha de cicrano 'pois será que ele não enxerga o que aquela moça anda fazendo?' e por aí afora, saraivadas e saraivadas... Nessas ocasiões eu corria para o cômodo ao lado mas deixava a porta aberta a fim de ouvir com clareza e, cá com meus botões, rir-me, cada vez mais convicto de que aquilo não me convinha, não podia em nenhuma hipótese convir-me."*

## 17. A aleijadinha

Foi cerca de duas semanas depois de me mudar que eu conheci a aleijadinha.

A família residia no térreo, nos fundos do prédio, num apartamentozinho minúsculo que se compunha apenas de uma salinha estreita, uma cozinha onde mal cabiam a geladeira e o fogão de quatro bocas com uma pia espremida num canto, um banheiro do tamanho da cozinha e um quarto. Uma pessoa sozinha moraria ali com alguma tranquilidade e, depois de algumas adaptações, poderia gozar de um conforto... mais ou menos. O apartamento, com efeito, destinava-se ao porteiro, sendo condição para ocupar aquele cargo não ser casado — justamente por causa das acomodações. No entanto fora necessário fazer um arranjo porque a pequena família enfrentava o problema de a filha ser inválida e precisar de uma cadeira de rodas: seria penoso arrastar a cadeira com sua ocupante escada acima, escada abaixo todos os dias, mesmo que morassem no primeiro andar; por essa razão o síndico achou por bem que eles ocupassem o apartamentozinho do térreo e o porteiro — mediante uma compensação pecuniária — mudou-se para um cubículo (ainda menor!) no primeiro andar, onde a princípio se guardava toda sorte de trastes cujo único e protelado fim seria o lixo.

Certa manhã, aí por volta das dez horas, eu conversava com o Senhor Conde no pátio interno quando avistei a juvenzinha rodar com sua cadeira dos fundos para a frente do prédio pelo corredor lateral. Ela estava sozinha, passou por nós com um bom-dia tímido, sem levantar a cabeça, e saiu para a rua.

Foi então que fiquei sabendo dos fatos, pois o Senhor Conde parecia conhecê-los bem: a família já residia no prédio há cerca de um ano, a menina fazia tratamento fisioterápico três vezes por semana numa clínica no centro da cidade mas com chances bastante remotas de voltar a andar. Ela sofria de uma doença congênita que a havia atirado para aquela cadeira por volta dos onze ou doze anos, e agora contava vinte e três.

Nos dias que se seguiram, movido pela curiosidade, procurei encontrar-



me propositalmente com ela, e por duas ou três vezes, mesmo sem nada para fazer nos fundos do prédio, eu me encaminhei para lá com a desculpa de estar à procura do porteiro, embora soubesse bem que ele, como de costume, havia saído.

No começo a jovem parecia não dar com minha presença, mostrava-se tímida e arredia e nunca olhava na minha direção. Eu, porém, nas ocasiões em que a via passar, não deixara de observar que possuía certos encantos, por exemplo, o leve rubor das faces no rosto moreno e miúdo, os cabelos negros cortados à altura dos ombros, a boca bem feita, de lábios finos e agradáveis. Os olhos eram comuns, castanhos, as sobrancelhas grossas ficariam melhores se afinadas, e de corpo — conquanto não a pudesse ver de pé — talvez fosse um tanto magra, “nem tudo é perfeito” pensei, “mas antes assim que igual à gorda do terceiro andar”; as pernas, percebia-se — embora a garota estivesse sempre de calças compridas —, apesar da fisioterapia seriam um tanto atrofiadas.

Comecei a pensar na garota com mais freqüência do que seria de esperar — afinal, o que eu poderia querer com ela? —, e embora soubesse chamar-se Adriana era sempre a “aleijadinha” que me vinha à lembrança.

O ensejo para iniciar um entrosamento com aquela família deu-se alguns dias mais tarde em que eu, acabando de descer, avistara o pai, que entrava naquele mesmo momento carregando pacotes e empurrando a cadeira da filha, que também levava pacotes no colo.

Um dos pacotes caiu e eu mais que depressa o apanhei, porém não o devolvi à jovem.

— Eu levo — disse —, não deve ser confortável para a senhorita estar com tantas coisas.

A menina mal olhou-me e pôs-se logo vermelha, mas o pai mostrou-se agradecido e, na porta, antes de entrar fez-me um singelo convite:

— O senhor foi muito prestimoso — ele disse apanhando o pacote de minhas mãos enquanto a menina sorria e entrava rapidamente, acionando com vigor as rodas da cadeira. — Se não lhe for incômodo, convido-o para jantar uma noite dessas conosco.

— Ora, mas será um prazer — eu disse —, é só o senhor marcar. E quanto a mim, trata-me por você. Meu nome é Henrique.

— Mateus, para servi-lo — ele respondeu, estendendo-me a mão. — Então, depois de amanhã, está bem?

— Está ótimo.

— Ficaremos satisfeitos com sua visita, meu jovem.

O homem parecia mais velho do que realmente era: soube depois que teria quarenta e cinco anos, porém aparentava bem mais, de tal forma seus cabelos estavam grisalhos, e seus modos pareciam de outra época (decorriam, na verdade, de ter sido criado à moda antiga e ser do interior: residia na

cidade havia quase ano e meio para que a filha pudesse tratar-se melhor, mas tão logo ela ficasse boa voltaria para P\*\*\*, onde — segundo eles — gozavam da tranquilidade de uma boa propriedade que nem era rural nem urbana, mas um meio-termo entre ambas). O Sr. Mateus parecia crer que a filha voltaria a andar, embora todos aqueles anos de tratamento não tivessem resultado em nada de concreto quanto a isso: a menina, apesar da fisioterapia e dos remédios, não conseguia sustentar-se de pé por mais do que alguns segundos, e mesmo os médicos já a haviam desenganado. O Sr. Mateus, contudo, persistia em sua confiança, que não era partilhada com a mesma intensidade pela esposa, e só se resignaria quando se tivessem esgotado todos os recursos.

— Além do mais — disse-me ele durante aquele jantar, os olhos fitos em Adriana —, Deus ainda não a desenganou, não é, minha filha?

Adriana, que comia em silêncio e não dizia palavra, embora a conversa girasse em torno de sua doença, pôs-se ruborizada à pergunta direta do pai, mas em seguida confirmou com um breve movimento de cabeça.

— Há que se ter fé — eu disse para animar aquele pai esperançoso, embora eu tampouco acreditasse que a aleijadinha fosse curar-se e não tivesse eu mesmo fé alguma em nenhuma divindade, já que a religiosidade tacanha dos meus pais me havia tornado um quase incrédulo. Eu digo quase incrédulo porque, para ser exato, eu não me opunha à noção da existência de Deus: opunha-me à interpretação que costumavam fazer dEle, ou seja, o Deus dos meus pais (e penso que, de um modo geral, o de todas as pessoas) é aquele que mais se coaduna com suas idéias e seu comportamento, de forma a não fazerem qualquer esforço para O aceitarem, e assim o que existe é uma multiplicidade de deuses num só.

Mas não vale a pena deter-me nessas questões, pois já o fiz em outra parte. O que me pareceu digno de nota naquela noite em que fui jantar na casa da aleijadinha foi, no fim, termos saído para o pátio dos fundos a fim de respirarmos o ar mais fresco que fazia fora, pois dentro do minúsculo apartamento abafava-se — mesmo com dois ou três ventiladores ligados. Esse pátio era uma espécie de quadrado relativamente espaçoso, com muros muito altos que só permitiam ver parte dos prédios vizinhos e o céu. Havia um portãozinho, usado apenas em situações de emergência, mas permanecia trancado e não permitia nenhuma visão da rua em frente.

A esposa de Mateus, dona Ernesta, procurara tornar aquele quadrado o mais acolhedor possível e, além de colocar ali um banco e dois ou três tambores, espalhou ao longo das paredes uma grande quantidade de plantas em vasos que ela regava conscienciosamente todos os dias, de maneira que os fundos do prédio, de árido e feio, havia-se tornado um pequeno oásis. Numa daquelas noites dona Ernesta chegara a confidenciar-me que, quando moravam em seu sítiozinho em P\*\*\*, cultivava uma quantidade muito maior de flores, tanto em vasos quanto em canteiros, e que não via a hora de voltarem,

pois muito se lamentava de ver suas plantinhas sobreviverem num lugar tão desagradável quanto aqueles fundos de prédio.

Eu lhe dei razão e marquei mais um ponto em sua confiança.

Não me refiro a esse “ponto” como se fosse algo de caso pensado. Não posso negar que Adriana me agradasse, porém eu não mantinha qualquer pretensão a seu respeito dadas as minhas próprias condições financeiras. Eu podia ser tachado de irresponsável por minha família, mas não a ponto (de acordo com minha própria opinião sobre mim mesmo) de arranjar mulher, ainda mais problemática como aquela menina. Assim sendo, não me aproximara da casa de Mateus com intenções desonestas nem honestas, e numa avaliação *a posteriori* posso garantir que o havia feito movido mais por curiosidade, embora não pudesse depois negar que a companhia de todos ali, mas especialmente de Adriana, me fosse agradável.

Em casa de Mateus eu gozava de um acolhimento que não tivera em minha própria casa. Ele e a mulher decerto não me viam como um filho mas sim como um amigo, porém tratavam-me de forma tão carinhosa, demonstrando tanto interesse e atenção por mim, que qualquer um que não nos conhecesse diria que eram meus pais. Por exemplo, certa ocasião em que eu tive de me ausentar do prédio durante uma semana inteira a trabalho, tendo partido sem avisá-los e tampouco comentado com outros moradores ou com o porteiro, estiveram vivamente alarmados e “torceram-me carinhosamente a orelha” por tê-los causado tal preocupação, “não senhor, não nos faça outra” disse Mateus com bastante seriedade, “Ernesta faltou pouco ir à polícia”.

— Você é mais que um amigo, Henrique — completou dona Ernesta —, tornou-se quase um membro da família e um sumiço assim nos deixa mesmo preocupados.

E até Adriana torceu-me o nariz:

— Repita o que você fez, e não nos falamos mais — após o que, abriu-se num sorriso de alegria e estendeu-me as mãos.

Poder-se-ia aventar a hipótese de que estavam de olho em mim para desencalhar a aleijadinha, por isso procediam com tal desvelo, mas eu nunca escondia de ninguém, muito menos deles, minha real situação financeira, nada invejável, pois não tendo emprego fixo tinha de me arranjar com os meus bicos de “conserta-tudo” (talvez eu exagerasse um pouco, pois apesar de andar de um lado para outro fazendo bicos eu era econômico, o que me permitia até fazer alguma poupança, além do que uma boa clientela se conquista com bons serviços prestados, e a minha aumentava a cada dia). Dessa forma eles sabiam que eu não era nenhum partido brilhante, mormente para uma jovem que haveria de requerer certos cuidados se não recuperasse o movimento das pernas. Além do mais Adriana concluiria em breve a faculdade de Direito e tinha ambições, “serei juíza” dissera-me certa ocasião, do que eu não duvidara em nenhum momento haja vista sua inteligência e de-

terminação, donde se conclui que seria eu a ter interesse em desposá-la e usufruir um futuro estável ao seu lado — não nego que essa idéia chegou a passar-me pela cabeça: os vencimentos de uma juíza seriam suficientes para nós dois, e mesmo que eu não pretendesse tornar-me dependente de uma mulher, certo é que ao lado de uma que ganhasse tão bem eu viveria muito mais tranqüilo. Tal pensamento, contudo, tão logo me ocorreu eu o descartei como quem atira para o lixo uma embalagem vazia: casar-me não entrava em minhas cogitações, estar atrelado a uma mulher era uma noção que chegava a assustar-me.

Já ia para dois meses que eu freqüentava a casa de Mateus, jantando com eles pelo menos uma vez por semana; nos outros dias, sentando-me à tardinha num dos tamboretos entre os vasos de flor de dona Ernesta, entretinha — às vezes com os três, às vezes só com Adriana — um bate-papo agradável que acabava estendendo-se até tarde, pois, mesmo que eu me retirasse para tomar um banho e mudar de roupa, voltava aí pelas nove e ainda os encontrava ali, tomando a fresca.

Não cheguei a prestar atenção se alguém no prédio acompanhava minha amizade com a família da aleijadinha e se supunha “coisas” a nosso respeito. Como eu não tinha o hábito de envolver-me com os moradores (sendo minha aproximação com a família de Adriana um caso excepcional), exceto de forma superficial com o Senhor Conde, com quem conversava informalmente às vezes, e o porteiro, inevitável devido à sua função, não sabia o que comentavam a meu respeito e nem estava interessado. Mas é certo que em nenhum momento percebi qualquer interesse em mim por parte da aleijadinha, excetuando a amizade já estabelecida entre nós.

Foi portanto “sem maldade” que certa manhã, informado pelo porteiro de um recado de Adriana pedindo que eu fosse até sua casa, corri até lá, e quando bati palmas ouvi sua voz:

— Entre, Henrique, a porta está só encostada.

Entrei na sala, onde se espremiavam um sofá-cama, um *rack* com a televisão e uma estante onde Adriana guardava seus livros, cadernos e demais apetrechos de estudo.

Adriana estava em sua cadeira no meio do cômodo e estendeu-me a mão assim que me viu:

— Ajude-me, Henrique — pediu. Não era novidade, mais de uma vez eu a ajudara a sair da cadeira para acomodar-se no sofá, e vice-versa. Passei-lhe então um dos braços pelo ombro e, com a mão livre, sustentei-a em seu esforço de pôr-se de pé. Conduzi-a até o sofá mas, chegando aí, Adriana envolveu-me o pescoço com os braços sem que eu pudesse prever esse gesto e beijou-me de uma maneira tão intensa que eu não consegui resistir!

Poderia, contudo, resistir e repelir a aleijadinha sem ofendê-la? Caso o fizesse ela não tomaria sua condição física como motivo da rejeição? Além do

mais não era difícil reconhecer que a aleijadinha era mesmo bastante atraente, de forma que o problema de suas pernas não seria um empecilho.

Eu fora apanhado de surpresa, mas, um minuto mais tarde quando Adriana me olhou nos olhos, ainda dependurada do meu pescoço, eu a afastei com delicadeza fazendo-a sentar-se no sofá:

— Pare com isso, garota! O que vão pensar seus pais se nos virem assim? Vão achar que eu estou me aproveitando!

— Deixa de ser bobo, Henrique — ela replicou ainda sem soltar-se de mim, de modo que eu me vi obrigado a ajoelhar à sua frente. — Primeiro, eles não vão ver nem saber pois saíram e só voltam à tarde; e segundo, você não pode estar se aproveitando pois eu não sou nenhuma criança e sei o que estou fazendo.

— Mas mesmo assim... vamos supor que por algum imprevisto seu pai ou dona Ernesta apareça aí e nos veja...

— Quanto a isso esteja tranqüilo, eu me certifiquei acerca desse pormenor — e debruçando-se em mim: — Anda, Henrique, beije-me... faça amor comigo, estamos sozinhos, não há perigo algum.

Eu não podia esperar por aquele pedido, tampouco poderia pensar no fato evidente de que a aleijadinha era virgem: naquele momento consegui apenas dar-lhe o que ela queria, o que, diga-se de passagem, não constituía nenhum sacrifício — muito pelo contrário!

Estivemos juntos por cerca de duas horas. Quando enfim me retirei, um tanto aturdido com a novidade, e entrei em casa, sentei-me defronte à televisão desligada e pus-me a pensar no acontecido. O rádio dos vizinhos chatos estava ligado mas eu não prestava atenção. Só o que fazia era tentar entender a atitude da aleijadinha: por que ela tomara tal decisão? Não digo que estivesse insatisfeito, nem poderia estar: a menina, apesar da inexperiência no assunto, era fogosa e fazia amor com vontade; tímida no início, à medida que se soltava impunha seu próprio ritmo de forma que, a continuar assim... bem... mas será que continuaria?

Menos de uma semana depois tivemos outra oportunidade de ficarmos a sós: num fim de tarde, como de costume, estávamos os quatro no quadrado quando Mateus se lembrou de algum assunto a tratar com o porteiro e dona Ernesta, ao mesmo tempo, disse que ia coar um café, “apeteceu-me” disse, “Henrique, não vá sem tomar meu café” e entrou. Eu me encontrava a dois passos de Adriana, sentado em um dos tamboretos, quando ela, sem olhar-me e sem elevar a voz, disse:

— Henrique...

— Sim?

— ...amanhã de manhã vou estar sozinha em casa.

E ainda sem encarar-me, brincando com a bainha da blusa de malha que começara a desfilar, acrescentou:

— Teremos a manhã inteira. Eles só voltarão depois da uma.

## 18. Tio Paulino

*“Deixando de lado a crença tacanha de meus pais, convém a essa altura apresentar aos que lêem esta carta — a polícia ou quem quer que seja — mais um membro de minha notável família: tio Paulino, irmão de papai. Se não for proveitoso, será pelo menos divertido, ou serão ambas as coisas, pois o que diverte também traz proveito.*

*“Tio Paulino não era muito diferente de papai quanto às idéias acerca da religião, salvo pelo fato de que mantinha tais idéias apenas nominalmente, pois enquanto papai seguia com rigor os ditames da doutrina (exceituando-se, como vimos, aqueles que se referiam ao julgamento do próximo), tio Paulino no máximo anuía e garganteava estufando o peito que ‘o mundo caminha para a destruição devido à dissolução que grassa na sociedade, pervertendo os bons costumes e estimulando os piores vícios, as mais nefastas condutas’. Essa frase era costumeira em sua boca durante os encontros entre familiares e amigos, todos da mesma congregação, apontando sem cerimônia os desvios de seus desafetos, pelo que passava por homem de práticas louváveis e religiosidade severa.*

*“No entanto era sabido, ao menos pelos de casa — que no entanto fingiam não saber e nunca comentavam, não sendo impossível que alguns de fora também o soubessem e igualmente por deferência e amizade permanecessem mudos —, que tio Paulino tinha um fraco por uma pretinha que morava num prédio não muito distante de sua própria casa: ocupava um apartamento pequeno e acolhedor, decorado com um gosto duvidoso mas onde tudo era muito limpinho e cheirando a desinfetante de limão. O apartamentozinho ficava num quinto andar e fora presente de tio Paulino à pretinha, tão embeixado estava por ela, fato que ele mantinha obviamente em sigilo de estado mas que eu descobri de forma casual, do que falarei adiante. O prédio tinha seu jeitão suburbano e era habitado por essa gente mais renqüém que, não obstante, na presença dos menos afortunados gosta de tomar ares. Contudo havia por ali uma certa ordem e uma limpeza que não encontrei onde vim morar quando saí de casa, e sendo assim pode-se dizer que era um ‘prédio-família’. A pretinha recebia tio Paulino duas, raramente três vezes por semana, em dias diversos, combinando previamente o próximo encontro porque meu tio receava que manter uma certa regularidade em sair à noite ou chegar mais tarde, mesmo que ele quase nunca entrasse em casa depois das nove, acabasse por provocar as desconfianças da esposa, a pobre tia Luíza, uma mulher miudinha de seus cinquenta anos, com os cabelos quase totalmente brancos a lhe acrescentarem pelo menos uns dez, que falava baixo, andava na ponta dos pés, comia feito um passarinho e, sempre que podia, sumia-se em algum canto procurando ocupar o menor espaço possível. Tia Luíza era uma pessoa meiga e doce, e quando fixava em alguém seus olhos azuis sem-*

*pre úmidos, acompanhava o olhar com um sorriso enternecedor; e ao falar; sempre para responder a uma interpelação, raramente para dar início a uma conversa, fazia-o quase sem palavras, o suficiente apenas para fazer-se entender; e o interlocutor teria então de estar muito atento para não perder o que ela dizia. Tia Luíza aliava ao seu jeito meigo de ser uma prestimosidade a toda prova, sempre disposta a se colocar na cabeceira do próximo, e é possível que fosse essa boa vontade a 'fechar-lhe os olhos' quanto às aventuras do marido: ela própria, conquanto se ressentisse das escapulas de tio Paulino, seria a última a apontar-lhe o dedo e a fazer cenas domésticas. Dir-se-ia que entre ambos havia um acordo tacitamente firmado, em que ele cumpria fielmente sua parte, qual seja, a de não 'dar na pinta', de nunca chegar tarde a ponto de gerar uma desconfiança, e assim, nos dias em que, vindo do trabalho, passava no apartamento da pretinha, demorava-se ali o suficiente para uma farra breve nos lençóis alvejados e cheirando a jasmim, seguindo imediatamente para casa tão logo encerrava seu 'expediente'; em casa dizia ter ficado retido na repartição, atendendo ao chefe em umas disposições de última hora (sendo que vez por outra não mentia: teria ficado mesmo até mais tarde trabalhando); e ela, minha tia, cumpria a sua da mesma forma com rigor; jamais questionando esses serões, nem ligando para a repartição para saber se ele ainda estava lá e evitando ao máximo qualquer motivo de desacordo entre ambos. Pode-se dizer que a convivência dos meus tios era a melhor possível, firmada e cimentada com o cimento da hipocrisia — pois se tio Paulino era um hipócrita rematado, ainda que não fosse pessoa de mau coração, o que dizer de minha tia? Não seria também por pura hipocrisia que ela aceitava aquela situação (pois eu nunca tive dúvidas de que ela soubesse de tudo, até mesmo que o apartamento da pretinha fora presente do marido)? Ou pelo desejo de não ver a desarmonia e a discórdia tomarem conta de sua casa, seu refúgio, a partir de bate-bocas que, uma vez iniciados, não teriam fim? Talvez o desejo de evitar desavenças fosse, como disse, uma característica de seu espírito mansarrão, e é bem possível que ela até mesmo admitisse como natural que ele, por ser homem, tivesse o direito de ter suaaventurazinha, desde que soubesse manter a discrição para não causar escândalo na vizinhança — aventurazinha a que ela, na condição de mulher, submissa ao senhor do lar, não tinha o mesmo direito.*

*“O fato é que, se tia Luíza seguramente sabia das ‘artes’ do marido, este pelo visto acreditava que a tal pretinha lhe era fiel — ‘afinal’ devia conjecturar lá consigo mesmo, ‘eu lhe dei uma casa, lhe dei segurança’. Pobre tio Paulino! Está certo que a pretinha não reclamava de recebê-lo, de rolar com ele entre os lençóis, vez por outra até no carpete da sala, pois não queria perder o que havia conquistado e em seu íntimo nutria a esperança de que meu tio transferisse de vez o apartamento para seu nome — o que ele não fizera decerto para ter garantias, pois ainda que não fosse muito brilhante não passava também por um tolo completo (sê-lo-ia, mas não completo); não se pode afirmar também que tio Paulino*

*não dispusesse de certas habilidades em cumprir seus ‘exercícios de cama e colchão’ e é certo que a pretinha — como confirmaremos mais tarde — não se queixava de farrear com ele, pois meu tio não só não era impotente como seria potente até demais, satisfazendo-a bem; temos então que a garota tinha boa vontade com titio, mas quanto a ser-lhe fiel...”*

## 19. Uma visita de caridade

Certa manhã, passando pela portaria, seu João entregou-me um envelope desses comuns de carta, fechado, muito sujo e sem o nome do remetente; o do destinatário, eu, fora garatujado na frente de forma bastante tosca, numa letra que eu não conhecia.

— Foi um tipo, ó — e fez um gesto querendo significar tratar-se de um invertido —, parece que é lá da Toca.

Fiz uma careta, “só pode ser o Jaqueline” pensei, e revirei o envelope nas mãos com jeito de quem ignora do que se trata.

Nesse momento, sem que eu percebesse, surgiu o Freitas com tapinhas no ombro e exclamações de “satisfação em vê-lo bem, seu Henrique, há quanto tempo!”. Fazia, com efeito, algum tempo que não nos esbarrávamos, pois além de não ter ido à reunião dos membros da ONG em sua casa, desde o último encontro semanas antes vinha evitando-o para não ter de dizer-lhe um “não” redondo na cara quando ele voltasse a falar-me em “balanço de recursos” e em separar “aquela parte que não lhe faz falta”. Apesar de ser um chato de galochas, eu preferia não me indispor e atrair sobre mim a maledicência do sujeito, se bem que pouco me importa a maledicência, e principalmente vindo de alguém como o Freitas. Até seria bom, ocorria-me às vezes, dar-lhe logo um fora para que não me aporrinhasse mais e eu não tivesse de viver esquivando-me; como veremos, o fora viria a acontecer de forma definitiva e em circunstâncias hilárias, mas por enquanto preferi seguir driblando-o e tratando-o na maciota.

Agora que ele me pegara desprevenido, não tinha jeito: era aturá-lo.

— Recebendo a correspondência, pelo que vejo — ele comentou lançando um olhar curioso para o envelope, que eu tratei de meter incontinentemente no bolso. — O senhor não compareceu à reunião, suponho que os compromissos o impediram, não posso pensar outra coisa, dado que o senhor se comprometera a aparecer. Mas não faz mal. Posso relatar-lhe como foi e o quanto progredimos após a idéia da camiseta com os dizeres... O senhor se lembra dos dizeres, não?... “Todo estômago é igual, urge portanto que todo estômago seja satisfeito”. Pois bem, a camiseta ficou muito boa. Certo é que mandamos fazer uma quantidade pequena, apenas para os ativistas da ONG e para ser usada em dias de atividade, mas é nossa intenção, tão logo dispnhamos de mais recursos, mandarmos preparar pelo menos umas quinhem-



tas unidades, que venderemos a um preço apenas um pouquinho superior ao da loja, pois está claro: o custo da serigrafia encarece o produto, mas não grande coisa, o que não fará diferença para aqueles que estão engajados na luta, pois o que importa é a consciência da luta, não é mesmo?, e quanto mais pessoas fizerem apelo para nós, melhor. O senhor compreende, uma ONG não evolui sem recursos, e recursos só se obtêm pedindo, e para tanto temos de contar com voluntários que se sensibilizem com a causa.

E por aí afora seguiria o Freitas com seu lero-lero se eu não resolvesse cortar, ainda que diplomaticamente:

— Certo, desejo sucesso, Freitas, mas se me dá licença estou atarefado agora.

— Oh, seu Henrique, que pena! Mas antes que se vá, gostaria de em dois ou três minutos se tanto fazer-lhe o relatório da reunião, pô-lo a par dos progressos que, ainda que não muito expressivos, nos dizem que estamos no caminho certo...

— Não, Freitas, conversamos outra hora — e sacando o providencial envelope do bolso atirei: — Como vê, recebi uma correspondência e com ela um compromisso inadiável.

O miserável levantou as mãos espalmadas, “sendo assim” disse, “é claro que eu compreendo, compromissos são compromissos! Fica então para outro dia”, e mandando-o intimamente para o inferno corri escada acima.

Entrei em casa ainda amaldiçoando o chato do Freitas e larguei o corpo no sofá, curioso quanto ao que pudesse conter tal missiva, e de dentro extraí um pedaço de papel, melhor dizendo, uma meia folha de caderno, tão suja quanto o próprio envelope e na qual numas poucas palavras alguém rabiscara um pedido:

*“Seu Henrique, peço o favor de me ajudar. Eu sou inocente, não buli com a menina não. No sábado eles dão visita. Como não tenho ninguém, só conto com o senhor. Peço que não deixe de vir para eu poder lhe falar do acontecido. Desde já, agradeço.”*

A princípio não me dei conta de quem poderia ter escrito aquela algaravi-a, que não transcrevi com todos os erros de português pois decerto pareceria ao leitor alguma língua arcaica, e por alguns momentos diverti-me em rere-ler atento à grafia, já que garranchos como aqueles exigiam da pessoa mais capacidade de adivinhação do que de interpretação, mesmo porque não havia muito o que interpretar: por fim me dei conta de que o autor do bilhete não seria outro que não o Fiapo protestando inocência e pedindo-me ajuda.

Amarfanhei o papel e fiquei imaginando por que o Fiapo se lembrara justamente de mim, já que não nos conhecíamos a não ser de vista, mas em seguida me lembrei do Jaqueline: pois só podia ter sido o traveco a sugerir-

lhe o meu nome para seu “patrono”, conquanto eu não fosse advogado nem conhecesse algum que pudesse assumir sua causa. Ainda com a bolinha de papel na mão refleti se devia visitá-lo e, se o visitasse, como poderia ajudá-lo a sair de tal enrascada: afinal, ele fora preso acusado de abuso contra uma quase criança, e embora a quase criança não passasse de uma pirralha magra, feia e com a cara lambuzada de ranho, a Lei não faz distinções (vá-se falar no bom senso desses legisladores!) e do que ele precisava era um bom causídico e não um conserta-tudo feito eu. Bem, não custava nada fazer-lhe uma visita, levar-lhe um maço de cigarros dos mais baratos, bater um papo com o infeliz por dez minutos, prometer vagamente alguma coisa que não me obrigasse a muito e não o desiludisse de vez — e talvez até lhe deixar uns trocados. Iria sem dúvida maçar-me com suas lamúrias, seus protestos de inocência, mas assim como já de antemão estava certo de que ele não me convenceria, pois o fato estava patente, tampouco convenceria a qualquer juiz, e mesmo um bom advogado não lhe conseguiria um *habeas corpus*; como não pudesse pagar um, nem bom nem mau, teria de contar com a Defensoria Pública, e aí estaria lascado de vez, afinal essa cambada da Justiça está se lixando pra coisa: lá algum defensor iria se preocupar com um típi-nho reles que resolver arrancar a unha o cabaço de uma ranhentazinha qualquer? Pobre Fiapo: está visto que eu não diria isso a ele, mas iria pegar uma cana braba, e na cadeia acabaria virando a mulherzinha dos outros (não pude evitar a imagem do Fiapo de quatro, o cu feito uma rosa, e os companheiros de cela em fila, cada qual esperando a vez... e ri, vieram-me lágrimas, e ri ainda mais).

No sábado seguinte à tarde me apresentei na cadeia pra visitar o Fiapo. Perguntaram-me se eu era parente “pois o sujeito alega não ter parentes no Rio”, “um primo distante, em segundo grau” eu menti, e acrescentei: “De fato parece que a família é do Ceará”.

— Tem quinze minutos.

— Obrigado.

E me conduziram por um corredor, depois do qual desembocamos num pátio interno que cruzamos em diagonal até uma portinhola do outro lado, trancada, que se abriu quando meu condutor bateu:

— Visita pro tal Fiapo.

— Parente?

— Primo.

— Entra.

Tratava-se de um cubículo que deixava ver, à frente, um outro corredor para o qual, lançando uma olhada, pude vislumbrar de ambos os lados diversas portas gradeadas que davam para celas estreitas, então vazias. O ocupante do cubículo indicou-me com o queixo uma porta pesada de aço à direita:

— Pode ir.

Passei para um quadrado que media uns dez metros de lado, de paredes muito altas sem qualquer janela ou janelícula que fosse, fechadas em cima por um grosso gradeado de ferro. Era naquele espaço que os presos tomavam seu banho de sol, era ali também que recebiam visitas: àquela hora havia um bom número de visitantes, podendo os presos conversar pelo menos por alguns minutos com seus familiares, e eu, o primo do Fiapo, ali estava nas mesmas condições.

Fiapo avistou-me de longe e acenou-me, e quando me aproximei travou-me da mão arrastando-me para um recanto onde estivéssemos longe do resto.

— Tive de mentir — disse — dizendo que era um primo seu em segundo grau.

— Obrigado, seu Henrique, obrigado...

— Mas que idéia foi essa, Fiapo? — perguntei sem lhe dar tempo. — Foi o Jaqueline quem levou o bilhete?

— Foi, seu Henrique. É o único que vem me visitar, e só o deixam entrar porque garante que é cacho meu.

— Sei...

— Pois é. Ele esteve aqui na semana passada... perguntei a ele se sabia de alguém que pudesse me ajudar... ele se lembrou do senhor, “seu Henrique, aquele que conserta as coisas, parece ser pessoa instruída” ele disse... então pedi que lhe levasse o bilhete...

Encarei o Fiapo por alguns segundos, movendo a cabeça devagar:

— Mas o que é que eu posso fazer por você, sujeito? A gente mal se conhece!

— Eu sei, seu Henrique, mas...

— Se eu ainda soubesse de algum advogado...

— Mas eu também não posso pagar advogado... tenho de me virar com a Defensoria...

— Não tem chance, você sabe.

O infeliz deu de ombros, baixando os olhos, mas em seguida:

— Eu não fiz aquilo com a moleca, seu Henrique, tô inocente.

Fiz um gesto de impaciência como quem diz “pra cima de mim, caralho!”, mas ele continuou:

— Juro, seu Henrique, juro que não fiz... eu posso já ter feito umas coisas erradas, não nego... já roubei... roubo de vez em quando... se eu ver alguma coisa dando bobeira... uma janela aberta... não nego... confesso tudo, se for preciso... mas mexer com a menina eu não mexi... ela me viu bobeando por ali e fez sinal... eu fui atrás pra ver o que é que ela queria... aí a peste levantou o vestido mostrando a calcinha... eu fui chegando...

— Tá, foi chegando, agarrou a menina e quando ela deu pra trás quis comer a força...

— Não, seu Henrique, não! Eu nem encostei a mão nela...

— Pára com isso, Fiapo, não encostou a mão mas a moleca tava com a bocetinha toda escavacada, deu no laudo da perícia...

— Eu sei que deu no laudo, seu Henrique, eu sei... alguém comeu, mas não fui eu...

— Quem foi?

— Não sei... só sei que naquele dia, quando fui chegando perto, ela de-sandou a gritar... saiu correndo e eu fui atrás sem entender nada... daí apareceu o pai... e aqueles dois sujeitos que me agarraram... foi isso...

— E você insiste em dizer que não fez nada com a moleca?

— Não fiz, seu Henrique, juro que não fiz.

— Fiapo, escuta só... Eu, nem parente seu eu sou, tive de contar uma história lá na frente pra poder entrar... um primo em segundo grau... Está bem, vamos aceitar essa sua versão aí... é uma história toda torta, você sabe, mas vamos que seja verdade: o que é que você quer que eu faça?

O infeliz baixou a cabeça: não sabia, só sabia que eu tinha de ajudá-lo:

— Se o senhor falasse com o pai dela... seu Antunes...

— E do que é que isso vai adiantar, Fiapo? O cara está uma fera... a moleca é uma merda, mas é filha dele!

Fizemos uma pausa, o Fiapo parecia arrasado. Não era para menos: fazia dois meses ou pouco mais que fora preso, e se estava mesmo inocente seria dureza saber-se sem nenhuma chance de defesa. Não pude evitar sentir pena do desgraçado.

— Eu te trouxe um cigarro — disse tirando do bolso um maço e entregando-lhe. Ele estendeu a mão com humildade subalterna e ficou segurando o maço de cigarros meio desorientado. — Se quiser que eu te deixe algum dinheiro... está visto que não tenho muito... a coisa não está fácil lá fora, você sabe... mas uns trocados... — e lhe estendi duas ou três cédulas.

— 'Gracido, seu Henrique — disse com voz sumida, sumindo-se também dentro de suas calças o dinheiro que lhe entreguei.

— E mesmo que eu falasse com o Antunes... mesmo que ele estivesse disposto a desconsiderar... não tem mais como retroceder, entende?

— Não?

— Claro que não, Fiapo! É uma acusação de estupro. E eu andei me informando, o Ministério Público já ofereceu denúncia.

O Fiapo não entendia nada daquilo, mas quando eu disse que o Ministério Público havia oferecido denúncia, a coisa lhe soou tão medonha que foi como se lhe tivessem anunciado sua sentença de morte para o dia seguinte.

— Bem... quer algum recado pra alguém? Alguma coisa lá de fora?

Fiapo moveu a cabeça, olhou-me com um olho comprido, cobriu o rosto com as mãos.

— Eu estou inocente, seu Henrique — murmurou —, eu não fiz nada com a moleca.

— Está bem, Fiapo, está bem... Olha, não posso me demorar mais, eles só dão quinze minutos... Vou fazer uma coisa: vou pensar em alguma maneira de ajudá-lo, mas não posso prometer nada, está ouvindo?...

— Estou...

— Pois é, não posso prometer nada... Não tenho recursos, já lhe falei... Se eu pudesse pagar um bom advogado pra te ajudar, então sim, mas não posso... advogados são caros, inda mais num caso assim!... Mas se de alguma forma eu puder fazer algo... se não, então...

— Está bem, seu Henrique... a boa vontade já vale... mesmo que não consiga nada... vem pelo menos de vez em quando... pra bater um papo...

Saí de lá não sei se aborrecido, se penalizado, decerto as duas coisas. O Fiapo trejurava não ter abusado da ranhenta, tinha o mau hábito de praticar pequenos furtos, mas só. Eu quase acreditava nele mas ao mesmo tempo refletia cá comigo: “A peste naquele dia gritava feito uma desesperada... não podia estar fingindo!”.

Está visto que, se eu não pensava deliberadamente em esquecer o que lhe havia dito ao nos despedirmos, tampouco cogitava em me abalar a mover o mundo para ajudá-lo, e pela simples razão de que eu não tinha meios para isso. O que eu augurava, a partir daí, era coisa tão simples quanto certa: o Fiapo seria condenado e desapareceria no sistema prisional, isto é, ou desapareceria de fato, não chegando com vida ao final da pena, ou sairia tão destruído que não viveria muito, e se vivesse, estaria tão moído e assustado que certamente não saberíamos dele tão cedo, se é que saberíamos algum dia.

Não é preciso dizer que não retornei para vê-lo.

## 20. A macumba

*“Deixando, porém, de lado por agora tio Paulino e sua negrinha (a quem retornarei mais tarde, pois ainda há o que dizer a seu respeito), pretendo neste ponto acrescentar umas poucas observações acerca da fé que eu havia perdido. Pode parecer que eu esteja me demorando excessivamente no tema ‘a religião dos meus pais’; pode ser ainda que isso nada acrescente de esclarecedor para minha decisão de atirar-me do vão central da ponte Rio - Niterói, mas talvez conhecer um pouco melhor minha personalidade seja útil, ou talvez não seja, que sei eu!, mas a verdade é que eu sinto necessidade de falar; portanto aí vai.*

*“Eu era só um adolescente quando, não enxergando mais sentido algum nas coisas sagradas, desisti de vez da igreja — o que já foi dito —, e nos anos seguintes, à medida que me imbuindo dos fatos adquiria certezas que naquela idade ainda não poderia ter; vi que não me havia enganado e que a fé católica se erguia sobre um edifício de crenças simplórias e hipocrisia, quando não de*

*crueldades inomináveis. Os pavorosos relatos acerca da Inquisição ao longo de quase nove séculos; a perseguição empreendida na França contra os huguenotes, nos séculos XVI e XVII, por uma igreja intolerante, com a prática de assassina-tos em massa nos quais até crianças eram sacrificadas; a fraude que construí-ram acerca de supostas aparições da Virgem — histórias de fadas para engabe-lar fiéis que pudessem encher os cofres da igreja com donativos de toda espécie —; o desfile de horrores, típico de um filme B, que constitui os corpos de ‘santos’ preservados da putrefação, que os padres, na tentativa de enganar aqueles que anseiam por serem enganados, chegavam a maquiar para dar uma aparência menos grotesca a cadáveres ressequidos feito múmias egípcias; enfim tomando conhecimento dessas e de muitas outras evidências, não me era mais possível evitar um juízo cáustico acerca do catolicismo e de suas delirantes fantasias, certo de que se havia um Deus no céu, a igreja de Roma decididamente não era Sua representante.*

*“Nos anos seguintes cheguei a visitar outros ‘lugares’, e todos me pareceram de incômodos a desagradáveis, e se me aborreciam os pentecostais com sua baru-lheira, os batistas com seu marasmo, os espíritas com sua lengalenga sobre ‘ou-tras vidas’ e não sei quantas ‘reencarnações’, os Testemunhas de Jeová com sua doutrina antivampiresca e a chateação de virem-me bater à porta vez por outra para vender livros e revistas, pareceram-me merecedoras das fogueiras da San-ta Inquisição as macumbas e similares: os rituais de origem africana, assom-brosamente feios, me causaram repugnância. Lembro-me de ter ido a um terrei-ro certa ocasião em companhia de uma filha-de-santo que conhecera havia al-gum tempo e vez por outra ia encostar na parede dos fundos do prédio vazio aí em frente (não a trazia para minha casa com medo de que se acostumas-se e acabasse achando-se no direito de ficar de vez, mas como era uma trepada gra-tuita e a pretinha chupasse com verdadeira ‘ganância’, fazia-lhe as vontades vez por outra). Ela certa feita convidou-me para ir ao terreiro de candomblé onde, segundo me disse, era filha-de-santo, e eu, por mera curiosidade, aceitei o convite. O lugar por si mesmo causou-me certo desconforto, já que tudo ali era deprimente: desde as imagens que se viam junto a uma espécie de altar, horro-ro-sas, a decoração, até as pessoas, em sua maioria negras, emanando um fartum no qual se misturavam o cheiro de flores murchas, o de velas derretendo-se, o de álcool e por fim o de uma inhaca insuportável (‘Será que esse povo não toma banho?’); e tudo piorou quando se iniciou o ritual com cânticos, batuques e danças típicos. Ainda assim esforcei-me por permanecer indiferente e não dei-xar-me afetar pelo mal-estar que começava a dominar-me, e fui ficando — como mero espectador, já que não participava nem desejaria participar do rito — só mesmo para agradar a moça. Mas depois de vê-la possuída por uma en-tidade (pelo menos é o que eles dizem: uma entidade desce e toma o corpo do médium, embora eu creia nisso tanto quanto nos ‘santos’ católicos que não apo-dreceram na terra), rolando pelo chão com os olhos revirados e a boca espuman-*

do, descabelada, suada, imunda e tremendamente feia, tomei tal nojo da criatura que decidi botar um fim no caso. Naquela noite não esperei pelo término de tão deplorável espetáculo e meti o pé.

“Minha experiência com a macumba foi definitiva, e a partir de então não havia um despacho em encruzilhada que eu, enojado, não chutasse, e mais de uma vez, passando defronte a algum centro ao voltar para casa de madrugada, aproveitando-me das ruas desertas fui pichar um palavrão na porta ou numa parede.

“Vou lhes contar, a propósito, um episódio no mínimo curioso: certa madrugada eu voltava para casa derreado, mas não por ter estado na esbórnia, estiveira — isso sim — atendendo alguns clientes e penara para consertar uma máquina de lavar boa para o lixo, mas que a proprietária fazia questão de reformar. Coisa de gente pobre. Numa encruzilhada, deserta àquela hora (com terrenos baldios de um lado e do outro da rua sem pavimentação), deparei com um despacho enorme: velas pretas e vermelhas em castiçais prateados, alguidares e tigelas de barro recheadas de farofa e outras iguarias (a lembrarem suburbanos indo à praia), garrafas de vinho, cachaça e champanhe, várias galinhas pretas com o pescoço cortado, cujo sangue fora recolhido numa bonita compoteira de vidro, e outras miudezas, tudo isso disposto sobre umas toalhas muito alvas de linho e rendas. Aquilo causou-me um mal-estar tão grande, que senti logo uma coisa subindo-me aos borbotões da barriga para a boca, como se atacado subitamente por uma caganeira que me saísse por cima e não por baixo, de tal forma que a primeira coisa que fiz foi de um arrancão nas toalhas virar toda aquela merda de pernas para o ar. Em seguida passei a chutar e pisotear tudo — espalhando cacos de cerâmica, farofa, galinhas e garrafas para todos os lados, velas e castiçais atirados para o meio do mato, uma arruaça dos diabos! — até que, de repente, parei: do outro lado da rua, a não mais de meia dúzia de passos, uma puta — que decerto se recolhia mais cedo naquela noite — observava aparvalhada o que eu fazia. ‘Que foi?’ berrei, mas ela não respondeu: continuou olhando na minha direção enquanto segurava a bolsinha minúscula a tiracolo, equilibrando-se em cima de saltos altos e finos, à mostra as coxas magras que brotavam da mini-saia diminuta. Irritou-me ainda mais a presença da puta, que nem ia embora, nem dizia nada, apenas encarava-me com ar de espanto como se eu não passasse de um bicho curioso. Devo admitir que naquela hora eu devia parecer mesmo um bicho mais do que curioso. ‘Que foi, ô puta? Tá querendo também?’, e abaixei-me para apanhar qualquer coisa no chão. Avistei a compoteira de vidro que, por milagre, escapara do meu furor; rolando intacta para um canto, com todo o sangue recolhido das galinhas ainda em seu interior (a tampa, bem ajustada, continuara firme no lugar). Dei de mão na compoteira, voltei-me para a puta e joguei. A mulher, contudo, percebendo minha intenção e o risco que corria apressara-se em afastar-se, mas mesmo assim foi alcançada por um banho de sangue, pelo menos nas pernas,

quando a compoteira espatifou-se a um passo de distância atrás dela. ‘Putá, galinha, franga de macumbá do caralho!’ berrava eu em desvario enquanto a infeliz disparava rua afora. Por fim acabou-se, e eu, mais exausto do que antes, olhando em volta desolado, por alguns momentos não soube o que fazer. Pouco a pouco, no entanto, consegui recuperar a calma, ‘eu estava indo para casa’ pensei tranqüilizado, e fui embora.

“Está visto que eu não fazia coisas assim por maldade, ‘só pra sacanear’, mas por uma necessidade que não sei explicar bem. Era uma ânsia que me oprimia o peito e a respiração, uma espécie de náusea que só se aplacava quando eu via o despacho todo esparramado ou um palavrão estampado a Colorjet na parede do lugar. Com o tempo essa ânsia, ou, em outras palavras, essa náusea foi se esbatendo até desaparecer de vez, restando tão somente indiferença.

“O que não desapareceu foi a repulsa que passei a sentir pela filha-de-santo. Nos dias seguintes esquivei-me dela de todas as maneiras possíveis, sentia enjôo só de imaginar sua presença, seu sexo devasso e faminto, sua boca gulosa, e a aversão chegou a tal ponto que, por fim, desistindo de evitá-la, provoquei um encontro e, curto e grosso, disse-lhe que não me procurasse mais.

“— O que aconteceu, Henrique? — ela quis saber; olhando-me feito uma desvalida. — Por que isso agora?

“Não posso negar que senti uma certa pena diante daquela expressão de desapontamento. Seria que ela gostava mesmo de mim? Mas não amaciei:

“— É um caso sem futuro — eu disse —, portanto é melhor que não continue.

“— Futuro se faz, quando se quer — ela respondeu, pretendendo talvez enredar-me.

“— Só que eu não quero — disse-lhe, taxativo, e deixei-a pra lá sem entender nada. Poderia dizer-lhe ser impossível para mim trepar com uma garota que tinha seus momentos de demônio?”

## 21. “Confiar desconfiando!”

Foi portanto assim que começamos a nos encontrar, eu e a aleijadinha: nos fins de tarde ficávamos de prosa no quadrado, seu Mateus sentava-se um pouco falando da carestia, lembrando-se de seu sítio e das vantagens de viver na roça; dona Ernesta aproveitava para regar as plantas com seu regadorzinho de plástico e depois entrava para preparar um café, que serviria em xicrinhas de louça, e vez ou outra fazer uns bolinhos de trigo, quando então seu Mateus a acompanhava para ajudá-la a preparar a massa. Mal nos apanhávamos sozinhos Adriana dizia-me em que horário no dia seguinte estaria só e por quanto tempo.

...Até dar-me conta de estar participando de um estranho jogo cujos jogadores não éramos apenas eu e ela, mas também os pais: inicialmente, refletindo no que fazíamos e em como chegáramos àquilo, não me fora difícil



perceber que Adriana usara-me para conhecer o amor. Estaria apaixonada por mim? Eu não podia afirmar que sim nem que não, mas uma coisa era certa: sua adolescência não havia transcorrido de forma muito natural, melhor dizendo nada natural, pois ao contrário de outros adolescentes não participara — devido a sua doença — dos jogos e brincadeiras normais nessa idade; seguramente não tivera oportunidade de estar a sós com nenhum garoto da escola que freqüentara, e vira chegar a idade adulta dividida entre os estudos e o tratamento rigoroso que, dia a dia, mostrava-se menos produtivo mas do qual ela e a família não desistiam, “a esperança é a última que morre” costumava dizer dona Ernesta contra todas as expectativas, “e ainda hei de ver minha filha curada” completava, embora não acreditasse nessa possibilidade. Sendo assim não chega a surpreender que tivesse alcançado os vinte e três anos ainda virgem, e como sua enfermidade nada tivesse a ver com a libido não se podia duvidar de que tivesse desejos, e para satisfazê-los escolhera-me, a mim... e por que razão? — eu me perguntava; por que justo a mim? Não querendo fantasiar histórias, fico com a explicação mais simples: eu não mostrara preconceito em relação a sua deficiência; por ser vizinho eu estava sempre por perto, conversando com ela e os pais, pelo que devo ter-lhe parecido simpático; e por último é forçoso reconhecer que não fazia má figura. Mais uma vez não pretendo que ela estivesse apaixonada: numa palavra, aquilo era-lhe conveniente e pronto.

Até aí ela “jogava”, melhor dizendo, ela fizera o “primeiro lance” e eu, com interesse na “partida”, respondera, correspondera. Onde é, então, que os pais entravam? Ocorreu-me um dia que os pais da aleijadinha sabiam o que se passava em casa em sua ausência e mantinham-se num tácito silêncio — tanto em respeito à vontade da filha quanto por confiarem em mim. Depois ocorreu-me uma outra idéia: eles não apenas sabiam, mas criavam intencionalmente aquelas oportunidades para nossos encontros, e daí a concluir que tudo acontecia de caso pensado, e que até mesmo a idéia teria partido deles, foi um passo.

Tive um sobressalto: então aquilo seria uma espécie de armadilha na qual eu me metera inocentemente, e estava sendo fiscado feito um peixe no anzol? Caramba! Era bem possível, mas com que finalidade? Eu nada possuía de meu que pudesse atraí-los, despertar-lhes a cobiça; em última análise, se fosse essa a esperança dos pais, eu jamais poderia — p. ex. — custear um tratamento para a menina em alguma clínica ou hospital com maiores recursos, ou coisa assim... enfim... por interesse não era que pretendiam apanhar-me!

Qual seria então sua intenção?

Havia várias semanas que estávamos naquilo, e mesmo que tomássemos cuidado para evitar uma gravidez, lembrava-me então de que da primeira e da segunda vez não havíamos pensado em tal hipótese. Naquele começo a

euforia fora tanta que essa possibilidade nem ao menos nos ocorreu. Fora eu o primeiro a tocar no assunto, certa tarde em que ficáramos a sós na área dos fundos:

— Estamos correndo um grande risco — eu disse em voz sussurrada.

— Qual? — ela respondeu no mesmo tom, e seguimos conversando sempre em sussurros.

— Você pode acabar engravidando. Temos de tomar mais cuidado... se continuarmos...

— E por que não continuaríamos? — ela disse olhando-me com malícia.

— Amanhã mesmo, às três... Mas se é esse seu medo, traga camisinhas.

— Mas e o que já foi feito?

— Não se preocupe — ela disse, mas como dona Ernesta aparecesse à porta com seu costumeiro cafezinho, Adriana mudou de assunto e num tom de voz natural passou a falar de outra coisa.

Então apareceu de maneira inesperada o Freitas.

— Com licença! — exclamou mostrando a cara na entrada do quadrado, e incontinentemente avançou: — Seu Henrique, procurava justamente o senhor, sendo que o porteiro informou-me de que poderia encontrá-lo aqui a palestrar com amigos. Pois saiba que seus amigos são também meus amigos, mais ainda em se tratando da família do Mateus, pessoa por quem tenho muita consideração. Boa noite, dona Ernesta, menina Adriana — e perguntou: — O Mateus não está?

— Papai está no banho, não demora.

— Não tem problema, como disse estava à procura do Sr. Henrique, aqui, a quem já não vejo há um bom tempo... Não temos nos encontrado muito ultimamente, não é mesmo, Sr. Henrique?, mas aqui estou para fazer-lhe um convite, e espero que desta vez o senhor não deixe de atender.

— Pois diga — respondi tentando disfarçar o enfado que o tipo me causava.

Como o leitor decerto já supõe, eu e o Freitas não nos esbarrávamos com frequência porque eu tratava de me esquivar a toda e qualquer oportunidade de encontro. Sabendo o horário em que ele saía para o trabalho de manhã, bem como o do seu regresso à tarde, não era difícil evitar encontrá-lo, mas havia ocasiões inesperadas em que era preciso não só cumprimentá-lo como também ouvir-lhe a mesma ladainha de sempre sobre sua ONG, o efeito que causara a camisa com o *slogan* que ele havia elaborado e que considerava uma obra-prima, sua falta de recursos e pedidos de ajuda, “aquela parte que não lhe irá fazer falta” dizia ele, se bem que na maioria das vezes eu dizia não ter nenhum no momento, “estou a nada hoje, Freitas, releve”. Havia, porém, ocasiões em que não era possível mentir, ou por desânimo, ou por não me ocorrer nenhum expediente, e então era preciso escorregar-lhe nas mãos ávidas uma cedulazinha qualquer...

— Amanhã teremos uma ótima reunião lá em casa, virão dois amigos de São Paulo que trabalham com uma ONG similar por lá. Eles farão uma palestra, e faço questão de que o senhor não falte. Tampouco a senhora, dona Ernesta, a menina e o nosso caro Mateus.

Mateus saíra do banho e trazia os cabelos ralos despenteados e úmidos.

— Falávamos de você, Mateus — disse o Freitas vendo-o aparecer na porta —, pois estava agorinha mesmo convidando sua senhora e sua filha para uma reunião da ONG amanhã, em meu apartamento. Será muito proveitoso.

— Está certo — respondeu Mateus —, se não houver nenhum impedimento...

— Ora, ora! — exclamou o Freitas: — Não haverá impedimento algum, tenho certeza. Além do mais, para as boas coisas devemos às vezes fazer uma forcinha... driblar algum estorvo, enfim... — fez uma pausa, como se não houvesse mais a dizer: — Bem, creio que é tudo. Conto com meus amigos amanhã lá em casa. Será a partir da oito.

Já ia se retirando, quando fez meia-volta:

— Porém esquecia-me — parou de novo à nossa frente enquanto sacava qualquer coisa do bolso: — Isto aqui, meus amigos, é uma idéia que tive — e exibiu-nos um pequeno talonário. — Uma idéia brilhante que é de muita ajuda em nossa ONG. Vejam os senhores: sempre contamos com a colaboração dos amigos, mas a situação anda difícil para todo mundo, não é verdade? Quem hoje em dia, mesmo querendo, pode dispor de alguma quantia, mesmo pequena, a qualquer hora? Ninguém, estou certo de que concordam comigo. O nosso caro Sr. Henrique, por exemplo, vez por outra dá uma colaboração, dentro de suas posses, e quero aqui aproveitar o ensejo para renovar meus agradecimentos, seu Henrique. Sei que é sempre de boa vontade e melhor coração que colabora. Pois bem! Como eu dizia, nem sempre, não é mesmo?... Foi então que tive uma idéia: aquele que se dispuser a nos auxiliar em nossas atividades recebe um talonário desses, vejam bem — e exibia o talonário, passando as folhas —, com doze folhas. Então você recebe um talonário e uma vez por mês faz uma doação em espécie, na data que mais lhe convier, e fica registrado numa das folhas a data e o valor, que eu assino, ficando portanto atestado por mim que a ONG recebeu aquela doação. Uma vez por mês, doze folhas, doze doações, e o talonário vale por um ano. Ao terminar, pode ser renovado, ou não, conforme convier ao doador, embora enfatizemos sempre que a ONG necessita de doações, se não... Percebem a coisa? Mas há um detalhe importante: observem que cada folha recebe uma numeração, devendo o doador ficar com o canhoto com minha rubrica. Para que serve esse número, perguntarão os amigos? Muito simples: no final do ano será sorteado um brinde, coisa simples, é bem verdade, pois não podemos oferecer nada de grande valor, haja vista a necessidade de investirmos nas ações sociais; porém um pequeno brinde, apenas para estimu-

lar as doações e criar um certo suspense, conferir um quê de lúdico ao processo: quem irá ganhar o brinde?... Compreendem? Essa é a novidade! E então, que faço agora? Deixo um talonário com o Mateus e outro com o Sr. Henrique, sem compromisso, só para a apreciação dos amigos, e amanhã ou depois eu venho buscar, seja a primeira doação, ou... bem, espero que seja a primeira doação, pois nossa carência é grande, mas se não for possível... enfim, aí está. Agora peço que me dêem licença, pois ainda tenho coisas a organizar para amanhã à noite, pois, incrível!, não parece nada, mas uma simples reunião exige tantas providências que estou certo de que os senhores compreenderão minha pressa e não me levarão a mal! — e sem mais, retirou-se.

Eu e Mateus ficamos olhando, pasmos, para os talonários, depois nos olhamos e foi impossível não rir. Todos rimos.

— Que paspalho! — mastigou dona Ernesta continuando a regar suas plantas.

Na tarde seguinte Adriana explicou-me o que quisera dizer com “não se preocupe”, garantindo que sabia controlar seus períodos férteis para não correremos nenhum risco, mas ainda assim fiquei na dúvida. E agora que aquela suspeita brotara em minha cabeça mais inseguro ainda eu me sentia: e se ela, mesmo pretendendo ter controle sobre sua fertilidade, tivesse se enganado? E se ela estivesse agindo de caso pensado?

Foi com verdadeiro alívio que a ouvi anunciar certo dia que teríamos algum tempo de pausa, “é a natureza que nos impede” disse, pondo-se um pouco ruborizada como se falar daquilo a deixasse desconcertada, “mas é por pouco tempo”. Concluí então que não havia, pelo menos quanto a esse pormenor, nenhuma intenção de sua parte, mas durante aqueles “dias de pausa” não consegui afastar da cabeça a idéia de que naquela história havia algo mais que eu ainda não compreendera. Por que, afinal, tínhamos o campo livre por várias horas com tanta frequência, como se a ausência dos pais de Adriana fosse uma coisa premeditada? Nos primeiros dias de nosso namoro demonstrei viva preocupação com a possibilidade de sermos surpreendidos, mas Adriana me garantiu que não havia perigo algum, “eu sei bem o horário e os dias em que estamos seguros, não é preciso ficar com medo. Além do mais, se nos descobrissem o máximo que poderia acontecer seria uma bronca... e um casamento na polícia” concluiu com malícia, piscando o olho para mim.

Eu achei graça, mas não pude tirar nenhuma conclusão segura da piscadela que me lançou, e nunca deixei de me manter apreensivo, conquanto não o demonstrasse.

Continuamos com nosso joguinho sempre atentos aos horários convenientes a nossos encontros, que variavam de dia para dia. Como veremos, no entanto, não havia motivo algum para alarme e nem qualquer intenção por

parte dos pais de Adriana, de todo inocentes naquela história: talvez tivessem — sim — desconfiado de algum namoro entre nós, mas só, e como não dávamos nada a perceber, mantiveram a discrição e não comentaram.

As ocasiões propícias ocorriam duas ou três vezes por semana, às vezes menos, e mais raro passava-se uma semana inteira sem nos surgir uma oportunidade. À medida que eu me tornei mais íntimo da família, passei a conhecer melhor sua rotina e a tranquilizar-me também: Mateus, ascensorista num prédio do centro da cidade mas que estava em suas duas últimas semanas de férias quando nos conhecemos, saía às sete da manhã e só retornava às seis da tarde, de segunda a sexta-feira; e dona Ernesta, manicure, ora recebia suas clientes em casa, ora saía para atendimento em domicílio, e quando era esse o caso permanecia ausente por pelo menos três horas, quando não mais, pois — comentava às vezes — não valia a pena sair para atender apenas uma pessoa, de maneira que se organizava para fazer ao menos dois atendimentos no mesmo dia, “embora haja dias em que eu visito quatro ou cinco clientes”. “E quanto tempo demora para fazer as unhas de uma pessoa, dona Ernesta?” especulei, para estar seguro do tempo de que dispúnhamos, pois apesar de Adriana me garantir que tínhamos tempo de sobra eu precisava me certificar; “é que eu gostaria de fazer as minhas um dia desses, mas acontece que não tenho paciência para ficar sentado muito tempo...” inventei. Dona Ernesta me explicou que pelo menos uma hora para fazer apenas as mãos, no entanto nunca eram apenas as mãos, “essas madames querem quase sempre mão e pé, e como são exigentes! Mas pagando bem...”, “ah, sim” eu concordei, “é o que conta, não?”, “se é!”.

Uma preocupação que tivemos foi com a possibilidade de mexericos, de que alguém percebesse minhas incursões para os fundos do prédio e, com efeito, o porteiro foi quem percebeu a assiduidade com que eu me dirigia para lá a certas horas e certos dias da semana, horas e dias desencontrados mas que coincidiam com a ausência de Mateus (como sempre trabalhando) e de dona Ernesta (em seus atendimentos domiciliares). O porteiro um dia comentou, não sem uma nota de malícia, sobre minha amizade com a família, “vocês se tornaram amigos mesmo, seu Henrique, todas as tardes tomam a fresca juntos no quadrado” ele disse, “aquilo lá ficou muito agradável com as plantas em vaso que dona Ernesta cultiva”. Eu concordei sem lhe dar muita trela, que sim, eram gente boa e me agradava bater papo com eles no finzinho da tarde. Mas o porteiro era enxerido e continuou, “a moça Adriana é muito simpática, vejo que se dão muito bem, pois às vezes, mesmo de dia...” e então, vendo que o sujeito parecia disposto a especular, tomei-o por um braço e o arrastei para o fundo do corredor; ali, num canto onde ninguém pudesse nos ouvir, abri o jogo: “Escuta aqui, seu João, eu ando comendo a menina, está ouvindo?... Ela quer, eu sou homem e não enjeito... e quer saber?... Não é boba não, sabe fazer as coisas... Mas não é para o

senhor espalhar essa história por aí não, está ouvindo?... Bico calado, e se ajudar a gente a disfarçar tem uma recompensazinha”. O porteiro abriu desmesuradamente os olhos quando eu disse que estava comendo a aleijadinha, mas saboreou a novidade com um prazer que lhe transbordava dos olhos, e disse que sem dúvida, que eu estava muito certo, que por ter aquele problema nas pernas não, impedimento algum, uma menina como aquela, limpinha, de boa família, e sobretudo bonita, que eu devia aproveitar mesmo, que só tivesse alguns cuidados, e então posou de conselheiro, era evitar emprenhar a danadinha, “ah, que essas coisas estragam tudo, seu Henrique, isso não serve, mas o mais...” e foi por aí afora, satisfeito, cúmplice, patife que só.

Isso se deu quando já ia para três meses que nos encontrávamos, e quando contei a Adriana que tínhamos agora no porteiro um aliado que nos ajudaria a disfarçar, ela me abraçou e me apertou com muita força, conchegou-se a mim mais tranqüila que de costume e nesse dia a trepada foi uma das melhores, das mais intensas.

Nossa brincadeira durou exatos seis meses e acabou quando descobri que a aleijadinha estava me passando para trás.

Mas que filha-da-puta!

Eu me senti enciumado? Não posso negar: ciúme, despeito, raiva, tudo mais! Certamente eu não podia cogitar num compromisso mais sério entre nós, casamento — como já disse — era coisa que não me passava pela cabeça devido a minha situação financeira: eu trabalhava como autônomo, tinha meus bicos, o que ganhava bastava-me, mas não seria tão temerário a ponto de me casar tendo tão pouco. Havia ainda uma outra razão: eu não me via talhado para o casamento, divertir-me com a aleijadinha era uma coisa, tê-la dentro de casa como esposa, todos os dias, todas as horas, mesmo que viesse a curar-se, era outra. Ora, casamento!... Certa vez, em conversa numa festa com alguns conhecidos, eu escandalizei uma senhora de certa idade, dessas muito certinhas, muito devotas, que nos ouvia, ao dizer que, pelo menos para o homem, o casamento é inteiramente dispensável: solteiro o homem viverá só e com total independência; terá menos despesa se pagar alguém para fazer o serviço doméstico do que se tiver uma mulher para lavar, passar, cozinhar e fazer “a compra do mês”; sexo poderá encontrar com facilidade por aí, e com a vantagem de não cair na rotina. Nem será preciso freqüentar prostíbulos! Ou que, vá lá, os freqüente vez por outra para mudar de ares. Então, casar pra quê?... Mas a verdade era uma só: o que me remoía por dentro era ciúme da aleijadinha; raiva, despeito, tudo, mas principalmente ciúme! Por que isso? Por que não aceitar simplesmente o fim do caso, satisfeito pelo que tinha aproveitado e já partindo para outra? Não sei explicar, só sei que, no dia em que o porteiro veio com aquela história de que “o filho mais velho dos novos inquilinos, esses do quarto andar, o senhor sabe, seu

Henrique?” andava visitando os fundos do prédio quando eu não estava, senti-me dominado por uma revolta que me deixou com os pés cravados no chão.

— O senhor tem certeza, seu João?

Então eu percebi que valera a pena “investir” no porteiro: sua cumplicidade compensava amplamente as pequenas gratificações com que o agraciava vez por outra: contou-me tudo.

Já ia para quase um mês, disse-me ele, a coisa havia começado algum tempo depois que um apartamento vago do quarto andar fora ocupado por uma família que se compunha de um casal de meia-idade com três filhos, um moço de vinte e poucos anos, um rapazola de dezessete e uma menina de catorze. Eu os avistara de relance no dia da mudança (havia pouco mais de dois meses), não tendo havido contudo oportunidade de aproximações. Era esse moço de vinte e poucos anos que agora caíra nas graças da aleijadinha. Como foi que se conheceram? Não sei, nada notei de diferente no comportamento de Adriana, e não chegara a ver os dois conversando em nenhuma ocasião. Como puderam enganar-me assim? Escutando o porteiro ainda cheguei a duvidar: “O senhor tem certeza, seu João?”, mas ele fez pé firme, “por esta luz que me alumia, seu Henrique!”. Então me pus a pensar e me dei conta de que naquele último mês Adriana encontrara tempo para mim apenas em duas ocasiões, “não estamos tendo horários convenientes, Henrique” ela me dizia, “minha mãe perdeu algumas freguesas e já não sai tanto, e ainda tem minhas seções de fisioterapia, você sabe”, e eu, que dependia dos horários dela para fazer meu próprio horário de trabalho e estar com a filha, não desconfiei. Assim, durante aquele mês Adriana divertiu-se comigo e com o moço de vinte e poucos anos; por certo planejava descartar-me, quem sabe o sujeito já estaria cobrando dela que terminasse comigo, sei lá, e eu decidi que deveria antecipar-me e dar-lhe um troco, mas como?

Estive atarantado todo aquele dia e quase escangalho de vez uma máquina de lavar que fui consertar à casa de uma cliente. Quando retornava no finalzinho da tarde, já principiando a anoitecer, fui distraído por um episódio no mínimo inesperado.

## 22. Amores domésticos

A dois quarteirões de distância do meu prédio há um desses bares tipo pé-sujo de péssima fama onde a gente reles vai divertir-se (o que não é de estranhar, pois além da existência daquele edifício em ruínas que serve de ponto de encontro para maconheiros, putas e veados, o bairro não goza mesmo de boa fama em razão da vizinhança com a Toca das Hienas). São lamentáveis esses lugares com suas mesinhas espalhadas pela calçada onde a cambada se aboleta para beber cerveja e, um pegando de um pandeiro, ou-

tro de um cavaquinho, outro de uma caixa de fósforos, tocar mal e cantar pior numa alegria criminoso de mau-gosto. Tais antros são dignos de uma bomba incendiária e eu jamais os visito para evitar qualquer contaminação — exceto se tiver de consertar p. ex. um *freezer* (a que a canalha costuma se referir como “uma *freezer*”, já que a canalha é sempre ignorante e semi-alfabetizada), ou mexer na fiação (não nego que em tais casos, mais comuns do que se pensa na vida de um conserta-tudo, eu mais de uma vez pensei em instalar um dispositivo que ao fim de certo tempo provocasse um curto-circuito seguido de um incêndio devastador, mas mudei de idéia à última hora, não por escrúpulos, mas por certeza de inutilidade e principalmente por cautela: a canalha é indestrutível, e tem o mau costume de multiplicar-se feito um câncer quando se lhe extirpa um pedaço. É por essa razão que antros como aquele, e lugares como a Toca, em vez de destruídos devem ser conservados: trata-se de uma exclusiva medida de segurança contra a metástase).

Pois passava em frente ao dito pé-sujo naquele comecinho de noite, irritado e sem saber que atitude tomar que botasse a aleijadinha em seu devido lugar, quando escutei um psiu e vi emergir de lá o Antunes, que me acenava.

— Olá, seu Henrique, um instantinho...

Ao aproximar-se notei que se embriagara, pois apesar do esforço em aparentar sobriedade e firmeza, os cuidados para caminhar direito já denunciavam seu estado e a voz não deixava qualquer dúvida.

— Seu Henrique! — exclamou, travando-me da mão: — Que satisfação! O senhor... Quanto tempo, não é mesmo?... Mas, não!... Faça-me o favor — e, como me tivesse bem seguro, fez um gesto de levar-me para dentro do bar: — Temos que conversar!... Faz favor!

Eu tentei resistir, dizendo de minha pressa e de meus compromissos, mas ele não me deixou qualquer saída:

— Muito bem! Muito bem!... É um homem honrado... trabalhador... tem compromissos!... E o que é um homem sem compromissos?... Pois são os compromissos que dignificam o homem... é o que sempre digo, seu Henrique, é o que sempre digo... pode perguntar... — e fez um gesto vago, como se todos os presentes estivessem dispostos a confirmar suas palavras; por outro lado, que valor poderia ter a confirmação provinda de tais testemunhas?

Eu ainda tentei soltar meu pulso preso, e já estava quase decidido a um repelão que não só me libertasse como também desse com aquele traste no chão, quando ele fez força novamente tentando levar-me para dentro:

— Mas afinal, que diabos!... Ainda que os compromissos sejam... sejam... enfim... ainda assim é preciso tirarmos um tempinho de vez em quando... um tempinho, sabe?... para um divertimento... um cavaco... e temos ali um cantinho discreto...



Por fim acabei cedendo — intimamente desejando que um aneurisma arrebentasse dentro daquela cabeça, que um enfarte lhe estuporasse o miocárdio, no mínimo que uma caganeira o derreasse por seis horas seguidas no vaso e ele morresse de desidratação, mas acabei cedendo.

O interior da espelunca era estreito, mal iluminado e enfumaçado, pois nas demais mesas, ocupadas pelo mesmo tipo de gente que havia fora, quase todos fumavam, e um insuportável fedor de latrina vinha de uma portinhola suspeita num canto. O barulho das vozes de dentro misturava-se à cantoria que faziam na calçada, de forma que era preciso falar alto para entender-se, e mesmo assim aproximar-se do interlocutor, razão pela qual preferi manter-me calado — mesmo porque eu nada tinha a falar com aquele tipo.

Sentamo-nos. Sobre a mesa sujíssima havia cerca de seis a oito garrafas de cerveja vazias e um copo, o que indicava que o Antunes estivera bebendo sozinho até aquele momento. Mal se sentou, pôs-se de pé e fez um sinal para o balcão a pedir mais bebida numa atitude de quem é muito íntimo da casa, e logo um sujeito baixote e gordo se aproximou com outra cerveja e outro copo.

O cretino fungou.

— Este aqui é um grande... amigo — disse, apresentando-me ao baixote, que nesse ínterim removeu as garrafas vazias depositando-as num canto —, sim... um grande amigo... — e achou de fazer discurso, alteando a voz para fazer-se ouvir: — Este é um grande dia... vamos beber juntos... — e outra vez de pé acercou-se do dono numa atitude conspiratória: — Bem — e fungou, pois já não se sustinha muito bem nas pernas —, afinal... só cerveja... não fica bem... não, não fica bem... traga-me lá... — voltou-se para mim, curvando-se sobre a mesa: — Seu Henrique, o senhor aceita... — e fez com o dedo um gesto a indicar um “copinho”, uma “dose”, e sem esperar que eu respondesse voltou-se para o outro: — Traga-me lá... duas... vamos brindar!... — e arriou novamente na cadeira.

Eu nada dizia, esperando pelo que estivesse por vir. Não me animava a falar para não dar azo a que o bêbado se animasse demais e desandasse em maiores desatinos. Apesar de me sentir repugnado em tal lugar e companhia, acabei por resignar-me, e quando o baixote retornou com os dois copinhos o Antunes animou-se, seus olhos brilharam, derramou um pingo “para o santo, seu Henrique, este é para o santo” e virou o resto de um só gole.

— Mas o senhor não toma?

— Tomo — e derramei quase tudo no chão “para o santo”.

O Antunes parecia satisfeito. Considerava-me já um dos seus e fez questão de servir-me a cerveja gelada, que espumou até a boca do copo. Em seguida serviu-se, pôs a garrafa no meio da mesa e propôs um brinde, “à amizade” grasnou; em resposta, fiz um movimento de cabeça que podia significar qualquer coisa, até mesmo o meu desejo de estrangular o miserável

pelo simples fato de achar que já éramos amigos. Mal levei o copo aos lábios pousei-o outra vez na mesa. Afinal, o que pretendia aquele patife?

Na semi-obscuridade seu olhinhos brilhavam, suas bochechas ruborizadas pela ação do álcool pareciam intumescidas.

— Bem — disse depois de um minuto, curvando-se na minha direção —, lá ficou o Fiapo — e num gesto definitivo: — Lá ficou o patife.

Então seria aquilo? Era sobre o Fiapo que ele queria falar? Na certa iria despejar seu rancor contra o moleque que lhe molestara a melequenta, e eu me preparei para escutar uma arenga que antecipava como interminável, como costuma ser conversa de bêbado. E não seria só a arenga: seriam os arrotos, seria o bafo e algum peido de complemento, seria a sua figura mesquinha... e por quanto tempo? “Por que uma pessoa assim tem de viver?” pensei, sem saber o que me impedia de levantar imediatamente e, alegando pressa, escafeder-me. Não fiz isso: encarei o Antunes com um movimento muito lento de cabeça esperando pelo resto e, de certa forma, tentando um esforço para simpatizar com o miserável, afinal era um pai que vira a filha estuprada; e me lembrei do sábado anterior, quando o Fiapo me havia jurado inocência.

“Que vá para o diabo” pensei, odiando-o por um momento, “não vai mais abusar da filha dos outros”.

— O filho-da-puta não... não mexe mais nas coisas dos outros...

Não entendi bem a princípio. O Antunes referia-se ao costume do Fiapo de furtar ou ao quê?

— O senhor... o senhor decerto não sabe... não é da Toca, não sabe — falava com falsa segurança, mas a voz arrastava.

— O que é que eu não sei, Antunes? — perguntei.

— Aquele moleque... — fungou um pouco, tomou um gole da cerveja que já devia estar quente no copo. — Um ladrãozinho — disse por fim. — Danado pra... — e fez um gesto significativo com a mão.

— Sim, ouvi dizer...

— Ouviu?

— Ouvi, mas certamente não é por isso que ele está preso.

— É mais por isso... seu Henrique... pode ter certeza... é mais por isso...

Não entendi, mas não quis perguntar.

O Antunes então se levantou com algum esforço e arrastou a cadeira para perto da minha. Curvou-se na minha direção, julgando-se no direito de assumir uma atitude de cumplicidade que me insuflou um ódio de queimar o ar ao redor:

— É só por isso, na verdade — disse, e recuando alteou o peito numa atitude de orgulhosa vitória.

Continuei calado, apenas olhando-o.

— Ele andou... mexendo numas coisas lá em casa... me sumiram umas ferramentas, sabe... depois um pneu novo que guardei nos fundos da cozinha para vender no asfalto... depois... — soltou um arrote cobrindo a boca com a mão fechada, o bafo recendeu embrulhando-me o estômago, mas eu me mantive firme. — ...depois ele... bem... vieram me dizer... que havia sido ele...

O Antunes sentia-se no direito de revelar-me suas baixezas e contar com minha aprovação. Enfim, tomava-me uma vez mais por gente sua, e uma vez mais senti vontade de saltar-lhe no pescoço e triturá-lo ali mesmo...

...olhei com intensidade a garrafa de cerveja quase vazia sobre a mesa: fora tomado por uma momentânea ausência durante a qual somente a garrafa permanecia no meu campo de visão, e assim, num movimento repentino, agarrei-a pelo gargalo, bati com ela no tampo da mesa fazendo estardalhaço e chamando a atenção de todos para mim; agora eu tinha nas mãos o gargalo partido com pontas afiadas com o qual podia degolar o estafermo do Antunes num golpe só, e então, num movimento rápido, sem que ele tivesse tempo de dar-se conta do que se passava, estoquei para frente alcançando-lhe a carótida e o sangue esguichou...

...mas tudo não passou de uma visão, imagens a se desenharem e desmancharem em meu pensamento, e logo em seguida eu me vi de volta, sentado à mesa do pé-sujo, ao meu redor o burburinho da gentilha e diante de mim o Antunes, que acabava de encher novamente o copo e levá-lo à boca.

— E a Lilica? — perguntei.

— Ele não buliu nela não — disse bebericando, os olhos dois rasgos na cara vermelha e inchada enquanto se abria num sorriso mariola.

— Mas — eu disse ainda sem entender — o laudo da perícia...

— O laudo da perícia? — cacarejou, com o copo a dois dedos da boca. Em seguida bebeu todo o resto de um só trago, pousando-o com força na mesa.

— Sim — disse —, não acusou que a menina fora...?

— Fui eu — e soltou uma risadinha baixa e arfante, exibindo os dentes amarelados. — De vez em quando dou um pega nela...

Senti-me gelar por dentro. O Antunes aduzia-me os fatos baixando naturalmente a voz mas sem nenhum embaraço, e ria-se como se eu devesse considerá-lo um herói.

— Vou lá criar filha para os outros, seu Henrique? E o preço da lata de leite?... O leite Ninho, por exemplo... Tenho quatro, o senhor sabe... as duas mais velhas já são adultas, estão arrançadas com uns trouxas por aí... a outra não, tem catorze... mas de vez em quando a gente se entende... não deixei passar nenhuma, se o senhor quer saber, mas a de quatorze não é lá muito chegada, com ela é preciso ter jeito e nem sempre a danadinha consente. No mais é estar atento, o senhor sabe, pegar barriga é coisa que não

deixo acontecer, seria um desastre, mas nesse ponto sempre fui um sujeito de tino... A gente tem de ser vivo com essas coisas, andar de olho, sabe?, não se pode bobear. E vou lhe dizer: nenhuma delas reclamou não, nunca reclamaram... começou com a mais velha, a Daniele... no que foi botando corpo, no que os peitinhos começaram a aparecer eu fui me achegando... No começo eram só uns carinhos, uns abraços sem maldade e a mão esbarrando na bundinha, às vezes apertando a cintura, a barriguinha... ela fingia um susto, depois foi concordando... o senhor entende, a moleca fazia que não só pra não dar de mão beijada... Aí teve uma noite em que a dona foi dormir com a mãe, que andava doente. Diga-se de passagem que minha sogra anda sempre achacada, o que facilitou as coisas no começo, pois a dona de vez em quando ia dormir por lá, que não é tão perto nem tão longe, um pouco antes da Baixa. Mas, de qualquer forma, indo pra lá deixava o campo livre. Não que fizesse muita diferença... o senhor já vai entender... Tinha vez que levava as duas mais novas, tinha vez que ia sozinha... Da primeira vez que cheguei pra valer na Daniele estava só ela em casa. Tomou susto, não digo que não, porque eu peguei mais pesado que das vezes anteriores, em que tudo não passava de uns chamegos assim de leve... eu fazia por menos, nada de assustar o passarinho, o senhor sabe como são essas coisas... passarinho assustado não canta... Mas na hora certa eu sentei do lado dela no sofá pra ver televisão e coleí, e fui me achegando mais... No começo ela quis se retrain, mostrou encabulamento, depois deixou minha mão avançar... Mexe daqui, mexe dali, os carinhos foram ficando mais quentes, e quando vi a danadinha se estorcia... Depois que pegou o gosto da coisa ela mesma ia me procurar de noite no quarto, o senhor acredita? O problema era que a dona estava do meu lado na cama, daí que não podia ser no nosso quarto, não podia ser no outro, pois as meninas dormiam todas juntas, então a gente saía pro terreiro. Foi assim com a mais velha e depois com a segunda, a Andriele... Com essa, dois anos mais nova, foi igual, uns achegos, um susto no começo, depois o costume. Agora eram as duas a me procurar no quarto! Uma ia quietinha me cutucar, já tarde, quando a dona já estava roncando, ronca feito uma porca, só vendo!, mas é a vantagem: dorme feito pedra, cai na cama e só acorda com o clarear do dia! Então, aproveitando aquele sono de pedra uma das duas ia me cutucar: eu acordava, ou já estava acordado esperando... Saíamos pro terreiro, e eu tinha de dar conta das duas, enquanto fazia com uma a outra ficava olhando, depois era a vez da outra, e a primeira... de olho... Tinha vez de botar as duas pra chupar, só pra ver as danadinhas disputando o pau, uma arrancando da boca da outra e... o senhor entende... Quando já estavam uma com dezesseis e outra com dezoito, paramos, “já é hora de pararmos” eu disse, mas elas ainda insistiram um pouco... Depois a Daniele se amasiou com um crioulo lá do alto e foi morar com ele, eu ainda fiquei um tempo com a Andriele, até ela também arrumar

marido. Vive com o trouxa lá na Baixa. Então a Cristiele já estava chegando aos treze, agora tem catorze. Cristiele é a terceira. Mas essa era meio retraída desde o começo, tinha vergonha. Eu não insisti, deixei... Pra acontecer teria de ser na maciota, que com brutalidade não tem graça. Então vez por outra eu me achegava, passava a mão nas pernas, ela ria e se retraía... um dia enfiei a mão dentro da calcinha dela, de leve... seu Henrique, que calor! A menina parecia estar pegando fogo nas partes, mas não deixou. Até conseguir foi um custo! Depois acabou gostando, mas na noite seguinte novamente se retraiu... com a Cristiele sempre foi difícil. Se não for com jeito, não vai... E quando deixa é aproveitar, que é pra ela ver com quem está lidando! Já com a Lilica... Pois se foi ela mesma a pedir, o senhora acredita? Ela me viu certa noite... A dona tinha ido dormir com a mãe e eu chamei a Cristiele pro meu quarto, e mesmo retraída a moleca foi. Deixou-se acariciar, mas na hora quis escapulir, veja só! Eu, sempre na maciota, fui me achegando de novo... alisei as pernas dela, botei a mão por baixo da blusa, apertando de leve o peitinho... e fui chegando onde eu queria. Por fim consegui... a danadinha, seu Henrique, só o senhor vendo, fazendo tanto cuzinho doce e depois chegava a relinchar feito uma egüinha nova! Só vendo! A Lilica acordou com o barulho e ficou espiando dum canto, mas eu não notei. Como é que eu ia notar? Só fiquei sabendo que ela tinha visto quando ela mesma, no dia seguinte, veio cochichar no meu ouvido umas safadezas! Pro senhor ver! Que danadinha! E assim foi...

Depois dessa tirada, durante a qual eu apenas o encarava sem qualquer reação ou palavra, o sujeito pigarreou, raspou a garganta e soerguendo-se cuspiu na direção da portinhola. Voltou a sentar. Bebericou. Devia estar com a garganta seca. Parecia um pouco menos embriagado, falava agora com alguma segurança.

— Vou lá deixar pra outro? E a lata de leite Ninho? Quanto custa?

Recostou para trás na cadeira cruzando os braços, sério.

— No dia em que o Fiapo foi preso — acrescentou, debruçando-se outra vez na mesa —, bem... na noite anterior eu e a Lilica... Nem é preciso dizer, que o senhor entende. Botei na frente e atrás... a menina gosta! Cheguei até a machucar um pouco, pra dar na vista na hora do exame. No dia seguinte expliquei pra ela o que tinha de fazer... e ela fez...

Soltou uma risadinha torpe — “qui-qui-qui-qui” — olhando-me com uma cara obscena. Depois, sério outra vez, curvou-se mais sobre a mesa na minha direção:

— Seu Henrique, aqui pra nós... Eu tenho simpatia pelo senhor, é sujeito homem, por isso lhe digo: a Lilica está lá, o senhor querendo... se me entende... Eu só peço uma contribuiçõzinha — e fez um gesto com os dedos —, o senhor sabe, com essa carestia que anda por aí... E o senhor vai gostar, dou garantia, a menina é magrinha daquele jeito mas sabe trabalhar!

Não agüentei mais: levantei-me e saí, embora o tipo protestasse chamando-me de volta. Tive ímpetos de voltar e arrebentar-lhe os dentes, mas concluí que não valia a pena.

Pouco me importava o que o canalha fazia com a filha: que aproveitasse, já que a ranhenta parecia gostar, e quanto ao Fiapo estava perdido e não seria eu a me preocupar mais (ocorrera-me por um momento que se eu fosse à polícia ou ao juiz e contasse o que havia ouvido naquela noite, poderia haver talvez alguma esperança para o Fiapo, mas depois reconsiderarei: o Antunes só havia falado porque estava bêbado. Sóbrio, se chamado a prestar novo depoimento, não só negaria como ainda me haveria de acusar de calúnia e trazer-me problemas. Assim o caso estava encerrado, não havia mais que falar dele). O ímpeto que tive de arrebentar-lhe os dentes foi mais uma vez pela ousadia daquele sacripanta de achar que pertencíamos à mesma classe, que eu estava ao seu dispor, que ele podia lançar mão de mim quando bem lhe apetecesse, arrastar-me para um ambiente como aquele e, mostrando-se muito íntimo, muito “meu”, narrar-me com ares de garanhão seus amores domésticos e ainda oferecer-me participação!

Para encurtar caminho meti-me por uma viela tortuosa e escura que desemboca nas imediações de onde moro, e já ia lá pelo meio quando um vulto atravessou à minha frente.

— Oi, gato, que tal a gente se divertir um pouco?

Estaquei. Não podia haver dúvida: a voz grave em falsete, arrastada e melosa, o cheiro de perfume barato, a peruca ruiva, visível apesar da quase total escuridão da viela, todos esses sinais denunciavam um veado, um nojento que — também ele! — se achava no direito de deter-me e ainda fazer-me uma proposta como aquela.

— Arreda! — rosnei.

— Não, amor, uma diversãozinha, não custa quase nada. E você vai ser o primeiro hoje, tô limpinho.

Respirei fundo, trincando os dentes.

— Quer ver? — ele acrescentou, adocicando ainda mais a voz e tocando meu rosto.

Foi então que lhe despachei o primeiro soco nas ventas. Ele recuou com um grito, mas não permiti que escapasse: o segundo soco deve ter-lhe quebrado pelo menos dois dentes e o terceiro o derreou pelo chão. Então passei a chutá-lo. Eu espancava o veado, é certo, pelo ódio que seu atrevimento fazia crescer dentro de mim — o atrevimento de supor que eu seria capaz de...! Ah!... —, mas cada soco, cada chute que lhe desferia pelo corpo era um pouco também na cara e no corpo do Antunes que eu dava, pois chegou um momento em que eu já não sabia quem, caído à minha frente, recebia aquela saraivada de pontapés: se o veado, se o Antunes, e quando dei acordo de mim estremeci: teria eu matado o caridoso? Estremeci, mas ao mesmo

tempo respirei tomado de alívio: o esforço desafogara-me e a escuridão era suficiente para encobrir minha identidade caso aparecesse alguma testemunha sorrateira.

— Apanhou pelos dois — eu disse pulando por cima do corpo que, percebi, mexia-se agora tentando um penoso esforço para pôr-se de pé sem conseguir. — Espero que tenha aprendido! — e saí dali à toda.

Entrei em casa ainda irritado, mas não mais com o Antunes ou com o veadado: acabava de lembrar-me do troco a dar à puta da aleijadinha, mas ainda sem saber como.

A noite de sono aclarou-me as idéias, e como estivesse decidido a não procurá-la mais nem dar qualquer explicação para meu sumiço, pus em prática o plano extremamente simples que arquitetara — uma pequena mas merecida maldade —, tão simples que me surpreendia o fato de não ter pensado ainda naquilo. Ao descer para o térreo ainda cedinho à procura do porteiro, foi este quem veio ao meu encontro:

— Temos novidades, seu Henrique.

— Que foi desta vez, seu João?

— Quase mataram um pederasta esta noite ali no beco.

— Verdade, seu João? — e o porteiro aproximando-se mais, baixou a voz: um pederasta do outro quarteirão, e disse um nome que não me era estranho. Fora encontrado banhado em sangue e quase sem poder sentar-se. No hospital teria dito que fora espancado por um desconhecido a quem abordara propondo um programa.

— Fica internado por não se sabe quanto tempo — arrematou o porteiro. — Gente ruim, hein seu Henrique? — disse fingindo uma cara de compunção, vermelha pelo riso contido. — Não precisava isso, não é mesmo? Qui-qui-qui-qui! Era só dizer que não queria!

— E não é, seu João?! — concordei fazendo a mesma cara.

— E olha o que é pior: ele estava que não podia nem sentar, mas só que não pelo motivo que se pode calcular, foi por causa da surra mesmo, qui-qui-qui-qui!

Nesse momento entrou Jacqueline esbaforido, e seu João voltou-lhe as costas para não mostrar a cara trocista:

— Vocês já souberam da covardia que fizeram essa noite com a Tertúlia? Gente, que horror!

— Quem é Tertúlia, Jacqueline? — perguntei.

— Tertúlia é o nome de guerra do Leonardinho Souza. O pobre faz a vida ali no Posto Cruzeiro, não faz mal a ninguém, é até muito requisitado, seu Henrique...

— Não diga, Jacqueline! Mas o que foi que aconteceu?

— Pois então, seu Henrique, noite passada deram uma tunda na Tertúlia que quase matam a coitada.

— E por que fizeram uma barbaridade dessas? — quis saber, fingindo um espanto indignado.

— Ao certo, ao certo... bem, parece que ela abordou um cliente... ele não ficou satisfeito... mas a Tertúlia não conseguiu explicar direito de tão quebrada que estava!

— E já sabem quem foi, Jaqueline?

— Ainda não, e, quer saber, seu Henrique? Nem vão saber. A polícia vai por acaso procurar quem tentou matar um pobre dum veado? Nossa vida é essa, seu Henrique, ninguém tem pena... na hora de usar, usa, e depois... e olha que tem um polícia ali do distrito, o Cruz, que vivia comendo a Tertúlia e tinha vez de nem pagar, que ela me disse... um polícia!... Ele pensa que eu não sei, mas eu sei de tudo! De tudo!... Manjo bem o Cruz, deixa estar... Será que ele agora vai se interessar em saber quem tentou matar a coitada?... Duvido!

— É, Jaqueline, mas tinha de se interessar — e me virei para o porteiro: — O senhor não concorda, seu João?

— Concordo, seu Henrique, é isso mesmo!

— Pois é — disse Jaqueline —, mas eu duvido. — fez uma cara de desolação, remexeu na bolsinha minúscula como que a procura de alguma coisa, requebrou as cadeiras e, num suspiro: — Bem, gente, estou indo, que ainda vou trabalhar. Até mais.

Quando o travesti ia longe cobri o rosto com as mãos e desatei a rir, tentando conter uma gargalhada. Dei uma espiada na direção do porteiro, que tinha a cara vermelha e os olhos lacrimejantes: então não consegui mais conter-me e ri alto.

— Que descaramento, hein seu Henrique?

— Caralho!... Mas deixa pra lá, seu João, vamos agora ao que interessa: preciso de um favorzinho do senhor — e lhe entreguei uma carta fechada.

— Pro seu Mateus? — disse, olhando o sobrescrito.

— Já imagina o que vai aí dentro, não é?

— O senhor é mau, seu Henrique — disse-me ele com um risinho ordinário ao compreender minha intenção.

— Que nada, seu João — respondi no mesmo tom —, sou um sobrevivente.

O envelope era comercial, desses de alguma empresa anunciando seus produtos, de forma a não levantar as suspeitas que um envelope sem remetente levantaria; mas a cartinha escrita a máquina que ia em seu interior nada tinha de inocente:

IL.<sup>MO</sup> SR. MATEUS E EX.<sup>MA</sup> SR.<sup>A</sup> DONA ERNESTA,  
É NO INTERESSE DA MORAL E DOS BONS COSTUMES  
QUE VENHO INFORMAR-LHE DO MAU COMPORTAMENTO



DE SUA FILHA: A S<sup>RTA</sup>. ADRIANA, NA AUSÊNCIA DOS SENHORES, RECEBE HOMENS EM CASA. ENTENDAM QUE ESTE É UM PRÉDIO ONDE RESIDEM FAMÍLIAS DE BEM QUE NÃO DEVEM SER MOLESTADAS POR UM ESCÂNDALO.  
UM SINCERO AMIGO.

Não tive mais contato com a ordinariazinha nem com seus pais: está visto que depois disso não apenas ela sabia que eu havia descoberto suas safadagens como também não lhe restava dúvida alguma de que eu fora o autor da carta que levou a mãe, dona Ernesta, a surpreendê-la com o namorado certa tarde ao retornar (decerto intencionalmente) mais cedo para casa. Eu não estava no prédio àquela hora, soube do destampatório entre mãe e filha pelo porteiro, que me veio cochichar o acontecimento mal me avistou no portão: “A coisa foi feia por lá, seu Henrique” disse-me ele disfarçando um sorriso. “Conte-me, seu João”, e ele me referiu tintim por tintim o brigueiro entre mãe e filha: “Fiquei ali no final do corredor só escutando, seu Henrique... xi!”

Mas eu não estava satisfeito, e a oportunidade de levar a cabo do melhor jeito possível minha vingancazinha caseira surgiu alguns dias depois. A molecota de catorze anos, irmã do moço de vinte e poucos, parecia da pá virada pois não tardou que comesse a lançar-me umas olhadelas cada vez mais diretas. Tais olhadelas eu já havia notado mesmo antes de descobrir as armações da aleijadinha, mas não me importei muito com elas primeiro porque me sentia satisfeito com Adriana, e depois porque um envolvimento com uma menor podia implicar em riscos que não valiam a pena. Agora, porém, a coisa havia mudado de figura e quando a molecota passava olhando-me eu retribuía o olhar e acompanhava-a com os olhos até vê-la sumir na escada, no corredor, na rua, etc., enquanto ela mesma voltava-se às vezes para encarar-me com um risinho de entrega. Um dia pela manhã, quando abri a porta para sair, a molecota acabara de chegar e passava bem defronte: olhou-me e seguiu em direção ao lance de escadas seguinte, voltando-se vez por outra com aquele sorriso safado. Foi então que lhe fiz um sinal, chamando-a e apontando para dentro de casa. Ela parou, olhou para os lados, hesitando um pouco, então voltou: afastei-me, dando-lhe passagem e tranquei a porta.

Na madrugada seguinte enfiei por baixo da porta do Mateus um envelope branco grande de papel grosso, lacrado e com um sobrescrito:

IL.<sup>MA</sup> SENHORITA ADRIANA

Dentro, um bilhete escrito a máquina, sem assinatura, sucinto:

ESTOU COMENDO SUA CUNHADINHA.

Pouco tempo depois Mateus e família — decerto envergonhados — se mudaram e eu, que não voltara a encontrar-me com Adriana e evitava ocasiões de estar com qualquer um deles, não soube mais de seu paradeiro. Meu caso com a “cunhadinha” durou algum tempo, pouco tempo na verdade, pois logo me enfastiei e lhe dei com o pé na bunda — o que não a afetou grande coisa, pois era certo que já havia gente na fila de espera, aliás, certo mesmo era que além de mim já havia outros pegando a putinha: como disse, a moleca era da pá virada.

Mas logo eu me veria envolvido numa outra aventura da qual se poderia dizer também amorosa, mas... de que maneira, caralho, de que maneira!

### 23. Filosofando. A mongolzinha

*“Para fazer-me entender como quero, é necessário intercalar à descrição dos fatos algumas considerações de ordem filosófica sobre uma questão que tem a idade do homem na Terra: o absurdo de viver e suas conseqüências.*

*“Não é preciso alguém passar por uma guerra ou sofrer um desastre que lhe tire tudo, a ponto de não restar nada, para que envelheça antes do tempo e se desiluda; basta olhar em volta, olhar em volta e pensar: a própria vida, seu curso tranqüilo e modorrento, se incumbe de exhibir-lhe a vergonhosa realidade, a indecência que subjaz às aparências.*

*“Viver é, no final das contas, indecente.*

*“Por isso torna-se importante deter-me um pouco mais no que me levou a tomar a decisão de morrer; porque eu não passei por uma guerra, uma dessas guerras que os filmes reproduzem e nas quais o ser humano é exposto a situações tão extremas que pensamos ‘eles não vão agüentar’, mas agüentam; tampouco sofri um desastre natural, uma enchente na qual eu visse dona Elvina lançar-me seu último olhar de silenciosa reprovação antes de submergir e seu Barbosa de dedo erguido pronto a dizer ‘veja o exemplo de seu irmão’ sendo tragado antes de pronunciar palavra, e até mesmo meu irmão e a noivinha dele levados de cambulhada na correnteza... Ainda que em certos momentos eu pense se um tal desastre no meu caso não seria uma bênção em vez de uma desgraça... É o que vemos às vezes na televisão: desastres naturais e o que resulta deles. Mais uma vez dizemos para nós mesmos ‘esse povo não vai suportar’, mas suporta, e pode mesmo ser que saia fortalecido da hecatombe.*

*“A catástrofe alcançou-me num momento crucial, o momento em que eu começara a tomar gosto pela vida, pelo menos por ter descoberto uma razão para continuar vivo. Já me referi a essa catástrofe e declarei minha decisão de não expô-la a olhares impuros, devendo bastar aos que me lêem saber que eu conheci a dor e o desespero, o que todavia só me aconteceu bastante tarde. Nem na infância, nem mesmo nos primeiros anos de minha idade adulta passei por grandes reveses, mas a vida assim mesmo parecia-me tão insossa que eu muitas vezes*

me surpreendia com o fato de abrir os olhos todas as manhãs sem tomar a decisão de interromper esse ciclo interminável. ‘Por que não botar um fim nisso hoje mesmo?’ perguntava-me, não obstante o que, punha-me de pé e saía para consertar uma enceradeira, um ventilador, um rádio e depois meter umas cédulas amarfanhadas no bolso de trás da calça.

“Um fenômeno ocorre comigo desde a infância, sobre o qual não posso deixar de discorrer se pretendo que tudo seja dito e, por sua vez, aquele que me lê compreenda melhor minhas atitudes: como se eu entrasse subitamente em transe, paro vez por outra em algum lugar, uma praça, uma esquina, uma rua, pondo-me a contemplar o movimento da cidade, e nada daquilo se encaixa no meu entendimento; trata-se de um estado de ausência no qual me sinto como se tivesse perdido a memória e a compreensão das coisas, e quando por fim acordo, momentaneamente desorientado, pouco a pouco a incompreensível realidade se impõe outra vez. Então eu saio devagar, olhando meio ressabiado à minha volta mas já dono de mim e acometido por uma angústia — quando não por um ânimo violento, uma vontade de surrar alguém — que me ferroa por dentro pelo resto do dia.

“A esbórnia não supria essa necessidade de alguma coisa que eu não sabia o que fosse, e mesmo na adolescência, quando minhas primeiras experiências amorosas — das quais ainda vou falar — tinham o sabor da novidade e da conquista e a vida parecia abrir-se diante de mim com tantas promessas quantas fossem as esperanças que me brotassem no coração; mesmo na adolescência, portanto, e creio que até antes, eu passava por tais momentos ao fim dos quais restava abobado e confuso até cair em mim e sair daquele enleio, sem que porém nada se tivesse aclarado ao meu entendimento.

“Na adolescência, e mesmo antes, nesses momentos de retração e quietismo tudo perdia o sentido para mim, as coisas não só se tornavam completamente sem graça como também eu já não sabia qual sua função, e qual o porquê de haver aquelas coisas. Pois, por exemplo, o fato de passar na rua um ônibus levando pessoas era suficiente para eu me perguntar por que essas pessoas tinham de ir continuamente de um lado para outro em ônibus cheios, às vezes em carros, o que afinal estariam elas fazendo de tão importante que não podiam ficar em casa amolentadas de mormaço? Coisas havia que me sabiam a absurdo e grotesco, sem qualquer propósito, como por exemplo aquele grupo de trabalhadores quebrando o asfalto, pois para que aqueles homens estarão quebrando o asfalto com suas picaretas e britadeiras?, escapando-me ao entendimento que decerto teriam de consertar o encanamento, via-se ali um vazamento de água correndo ao longo da rua, mas mesmo que eu pudesse refletir que havia um encanamento a ser consertado eu ficaria me perguntando para que, afinal, alguém se preocupa em consertar um encanamento e por que a água simplesmente não poderia continuar correndo rua afora, e assim por diante; e outras coisas que não só me pareciam grotescas como

suscitavam em mim uma reação destrutiva que a custo eu me continha para não agir com violência...

*“A propósito disso há um fato que devo narrar para que tudo seja dito, pois minha intenção é que tudo seja dito de uma vez, e foi para isso que comecei esta carta.*

*“Mudara-se havia pouco para nossa rua, indo habitar uma casa a quatro ou cinco de distância da nossa, uma família pequena: apenas o marido, um homem de seus quarenta anos, a mulher; de idade mais ou menos igual, a filha, uma menina de treze anos, e um menino de seis ou sete. Só havia um problema com dita família: a menina sofria de mongolismo, era feia, e sua aparência de retardada repugnava-me (isso numa época em que eu não passava de um mole-cote de doze anos, indicativo de que esses estados de abismamento a que me referi já me afetavam na pré-adolescência e mesmo na infância). Mais de uma vez eu parei na rua ao vê-la passar em companhia da mãe, pondo-me a examinar-lhe os traços desagradáveis: os olhos puxados, a boca de beizola com os cantos arqueados para baixo, a parte de trás da nuca chapada como se lhe tivessem bati-do com uma raquete de ferro até achatar o crânio, o corpo gorducho em cima de duas pernas roliças e curtas que produziam passinhos miúdos e desengonçados, e o resto era o resto, um verdadeiro ‘resto’, com o que espero que me entendam.*

*“Não chegou a haver qualquer ligação entre minha família e a da mongol-zinha, ainda que fôssemos quase vizinhos, e se eu tinha poucos amigos pelas imediações, a menina então foi sempre uma completa estranha para mim, nem o nome ao certo eu soube, e a única coisa que havia entre nós eram os olhares abobados dela na minha direção e os meus, cheios de um inexplicável rancor, na direção dela. Algo que me parecia inconcebível à época — mesmo eu sendo ape-nas pouco mais que uma criança —, e no que eu pensava com uma fixação quase mórbida, era que alguém pudesse ter qualquer afeição por tal criatura: pode o feio despertar afeto e carinho? Não será o amor um sentimento interessei-ro que só se manifesta por aquilo que tem alguma coisa em troca a oferecer, ain-da que tão somente a beleza? Uma criaturinha como aquela despertaria quando muito piedade, e às vezes nem isso... Assim como sua aparência repugnava-me, deveria — pensava eu — repugnar a todos, inclusive aos pais, que decerto desejavam livrar-se de semelhante trambolho, e só não o faziam por não saber como. Visto está que o que se seguiu não foi uma decorrência dessas reflexões, que eu não fazia da maneira explícita como expus acima: tais reflexões me ocorriam de forma apenas intuitiva, não resultando em frases bem concatenadas por meio das quais pudesse dar a entender aos outros o que ia dentro de mim. As frases bem concatenadas surgem agora, à medida que escrevo, e exprimem tão somente aquilo que eu sentia à época — que eu talvez sinta ainda agora —, nem com um colorido a mais, nem com um a menos.*

*“Ao lado da casa da mongolzinha havia um terreno baldio tomado por vege-tação, embora a vegetação não fosse muito cerrada: algumas moitas, algumas*

árvores, não mais. Um dia aconteceu: era de tarde, bem pro final da tarde, e eu — que vinha descendo a rua, deserta àquela hora — em dado momento parei defronte ao terreno baldio num daqueles estados de transe que referi e fiquei olhando para a vegetação como que hipnotizado pelo movimento dos ramos, o farfalhar da brisa entre a folhagem, algum ruído abafado e distante que se interpunha... Pouco a pouco desviei o olhar para além do muro no fim do terreno, após o qual podia ver-se apenas o telhado das casas ou o andar superior dos sobrados. O que se passava em minha cabeça naquela hora? Não me lembro, mas posso supor: eu me perguntava na certa por que as pessoas construíam casas, por que viviam enclausuradas entre paredes e não preferiam a liberdade dos campos, e o que significava, por exemplo, essa música que provinha de algum rádio ligado... se não eram esses os meus pensamentos naquela hora, seriam similares, pois nesses transe eu me abismava num tal desconhecimento das coisas que quase me punha a duvidar da concretude do mundo à minha volta, da própria realidade...

“Assim, não percebi a aproximação da mongolzinha, e quando retornei daquele estado de ausência dei com ela a um passo de mim, uma perfeita idiota olhando-me com seus repulsivos olhos oblíquos, um fio de baba seca nos cantos da boca arqueada, o corpo roliço sobre as perninhas curtas. Acometeu-me então aquele estado de ânimo violento ao qual há pouco me referi e minha reação foi instantânea: desferi-lhe um bofete na cara que a fez recuar um passo; em seguida, sem dar-lhe tempo de qualquer reação, tomei-a pelo pulso e a arrastei para o meio do terreno. Ali, dei-lhe um empurrão fazendo-a cair sentada na relva e passei a golpear-lhe com todas as minhas forças: chutava-lhe o corpo com fúria, esmurrava-lhe o rosto e só parei, aterrorizado, quando vi sangue — a menina, caída na relva mas ainda consciente, tinha o rosto e a blusa empapados de sangue e choramingava. Quase sem acreditar no que eu havia feito, olhei em volta tomado de susto para ver se havia alguém por perto: ‘Ninguém’ pensei, ‘ninguém me viu’. Então corri.

“Causou sensação entre a vizinhança o caso da mongolzinha: os pais, decerto não a encontrando dentro de casa, saíram à sua procura e foram encontrá-la arrastando-se no terreno baldio sem enxergar nada, os olhos fechados pelo inchaço, a boca arrebitada, e sangue, muito sangue... Armon-se um escândalo: gritava-se por socorro, diziam ‘tentaram matar minha filha’, quem estava em casa saía para ver; quem chegava naquela hora nem sequer entrava em casa, todos se acercaram da cena do crime.

“Eu, ao fugir, corri para os fundos do terreno, metendo-me entre as moitas e, através de uma tábuia solta na cerca, escapando para o quintal de uma casa desocupada. Já anoitecia, mas eu não tinha certeza se as sombras e as moitas teriam sido suficientes para proteger-me. ‘Se alguém me viu por alguma janela, será que me reconheceu?’ dizia comigo mesmo enquanto me recompunha, sentindo-me no entanto subitamente calmo: o susto inicial havia passado e nenhum sobressalto

fazia acelerar meu coração, nada pesava em minha consciência. Ganhei com facilidade a rua adjacente e caminhei na direção de casa. De longe ouvi o alarido e vi a multidão que cercava o terreno baldio, mas não fui até lá; mesmo a distância, pude avistar meu pai conversando com alguém que decerto lhe referia o caso. Súbito, ele pareceu ter-me avistado e falou qualquer coisa para minha mãe, que eu acabara de enxergar ao seu lado, ao mesmo tempo que apontava para mim. Minha mãe então veio a passos rápidos em minha direção: alguém viu o que eu fiz e me denunciou aos meus pais, ocorreu-me, mas nem assim me senti apreensivo. Minha mãe se aproximou rapidamente e tomou-me pela mão, 'já para dentro' ela disse empurrando-me através do portão, 'que houve?' perguntei, 'entra!' ela ordenou, 'algum criminoso bateu na menina maluquinha, é melhor ficar dentro de casa', 'quem bateu?', 'não se sabe, obedeça!'

"Fato estranho — aliás, tão estranho que até hoje eu não encontro uma explicação — foi a moleca não ter soltado um único grito enquanto apanhava. A cada chute que lhe dava na barriga e nas costas soltava um ronco surdo, mas não gritava, e tampouco contou para os pais quem a havia espancado: era o comentário na rua nos dias seguintes — alguém agredira de forma brutal e sem qualquer razão uma menina deficiente, mas não havia suspeita de violência sexual, e a menina não dizia quem fora o criminoso.

"Meus pais conversavam à mesa três ou quatro dias depois:

"— Nada ainda, Barbosa? — minha mãe perguntou.

"— Nada, Elvina. A menina não disse nada que esclarecesse o fato.

"— Nem se foi homem ou mulher, nem por quê...

"— Nada. Quando lhe perguntam, disse-me o pai ainda há pouco, faz cara de choro e se encolhe... mexe a cabeça fazendo que não... que não... como se não soubesse dizer:

"— Bem... é uma mongolóide... vai ver que nem sabe falar direito.

"— Não, quanto a isso... o pai me garantiu que ela fala até direitinho... quando quer... mas agora fechou-se em copas...

"— E o que é que vão fazer?

"— Não sei... talvez insistir... mas parece que não dará resultado algum... o pai me garantiu que vai ser inútil, quando ela não quer, não tem quem arranque nada dela.

"Eu, que havia fugido após o mal-feito, não tinha contudo medo algum de que a menina me denunciasse, e assim o final da conversa entre meus pais não serviu para tranquilizar-me: eu já estava, estivera sempre tranquilo. O que teria acontecido comigo se a menina desse com a língua nos dentes? Nem faço idéia, mas o castigo seria em regra, do que não tenho qualquer dúvida. Medo, porém, eu não tinha nenhum, e quando alguns dias mais tarde voltamos a nos encontrar, ela seguindo ao lado da mãe ainda com o rosto cheio de manchas roxas e cicatrizes, olhamo-nos diretamente nos olhos, ela amarrou a cara para mim e se foi sem olhar para trás: reconhecera seu carrasco, mas fechara o bico."

## 24. Estremecimento

Certo dia eu descia da Toca quando avistei o Pereira. O pateta veio falar-me. Estava num trínque de fazer gosto, pelo menos se levarmos em conta seu tanto de estupidez, e exibia o melhor sorriso e um cordão grosso no pescoço, não de ouro, porém boa imitação.

— Pois seu Henrique, não lhe digo nada... mas aqui, só pro senhor... não aqui na rua, que não convém — e aproximando a cara deslavada —, vamos ali na birosca do Tavinho que é meu chapa... conversar na rua... calha de alguém escutar e o assunto é sério... de repente até o senhor pode me ajudar... é negócio quente, rende, ó... e se o senhor quiser participar... tem comissão... Bem, aqui estamos... lugar discreto, já se vê, e nessa hora com a freguesia escassa então!... Tavinho, traz uma gelada pra nós que o meu amigo e eu estamos com a garganta seca... aqui, seu Henrique, é nessa mesa que eu costumo ficar... tomo umas e outras e converso com a turma... o senhor entende, se a gente não conversa... se não bispa... Meu menino arranjou esse servicinho, já lhe falei... vez por outra eu o levo à Casa das Flores... tem ganhado bem e até uma poupançazinha já abri em meu nome... pensei em abrir no nome dele, mas de que adiantaria, não é mesmo?... eu sou o pai... o responsável... abri em meu nome, que ele precisando... Seu Carlo se agradou mesmo do meu menino... “O garoto trabalha bem, Pereira” ele disse, “mas vê se você consegue mais alguns dessa idade... meninas também... tem de ter boa aparência, pois para servir à mesa”... Agora o senhor vê... pra servir à mesa... lá os clientes da Casa das Flores são seletos... e exigentes, já se vê... e eu andei sondando por aí... sim, o ganho é bom e eu não posso perder... o Jairzinho faz sucesso por lá... pelo menos uma vez por semana seus serviços são requeridos... é muito prestativo, só o senhor vendo... o povo gosta dele, e o moleque até já se acostumou...

E foi desfiando as qualidades do Jairzinho e bebericando, quando o próprio garoto apareceu na birosca. Primeiro olhou para dentro, como se procurasse o pai, depois veio vindo, “olha ele aí, seu Henrique!” e deu-me um cutucão, “se acheque, moleque, este aqui é amigo do papai”.

Jairzinho completara onze anos. Tinha puxado a brancura do Pereira e um pouco dos traços de negro da Dalva, mas a combinação dera certo, resultando num garoto bonito, rechonchudo e de faces coradas.

— Fale cá pro seu Henrique, moleque... conte que você já stá empregado...

O menino pôs-se vermelho e murmurou:

— Pai, aquele moço está lá em casa.

— Aquele moço?... Mas que moço, moleque?... Então o moço não tem nome?... Um garoto esperto tem de saber o nome das pessoas!

— Aquele, pai... lá daquela casa...

— Ah, o seu Carlo?... É isso?... Então é ele. Pois vamos lá ver o que o moço quer. Venha comigo, seu Henrique, vou lhe apresentar seu Carlo, é um bom sujeito, boa prosa, e é quem tem garantido a colocação aqui do meu menino. Vamos lá.

— Deixa que eu pago, Pereira — concedi, divertido, curioso quanto ao que estava para acontecer no barraco do Pereira.

— Seu Henrique, mas isso é que não! — exclamou o outro, que agora andava com o bolso cheio, e sacou de lá uma nota estalando de nova.

— Da última vez você pagou, Pereira, que diabos, eu também não gosto de ficar na sua aba.

— Está certo, seu Henrique, o senhor tem toda razão, mas na próxima o senhor paga, essa é minha — e foi até o balcão.

Depois saímos.

No barraco, do lado de fora, Carlo esperava: era um homem jovem, nem alto nem baixo, magro mas musculoso, tinha um rosto regular, másculo devido à barba cerrada e parecia querer esconder-se atrás dos óculos escuros.

— Seu Carlo! — foi dizendo o Pereira com a intimidade de um velho conhecido, mas o homem permaneceu parado encarando o Pereira sem mover um único músculo da face. — Ah, seu Carlo, não tem problema não... esse aqui é um amigo do peito... está sempre aqui pela Toca, a serviço... tem clientela, e é de confiança...

Carlo verrumou-me com um olhar inquisitivo que eu adivinhei afiado detrás das lentes.

— Não quero atrapalhar a conversa de vocês — eu disse —, podem entrar e estejam à vontade que eu espero aqui fora.

— Não é preciso, seu Henrique... afinal o senhor é irmão... seu Carlo, o seu Henrique aqui é irmão... Enfim, vamos lá, pode dizer... o Jairzinho tem trabalho para hoje?... — e para o filho, que entrava em casa: — Aonde você vai, moleque?

— Lá dentro, pai — respondeu com aspereza o menino.

— Ah... Pois seu Carlo, se tiver é dizer, que o moleque está aí mesmo, não está fazendo nada e fica à disposição...

Carlo falou então pela primeira vez, dirigindo-se a mim mas pegando no braço do Pereira para afastar-se com ele:

— O senhor nos desculpe, mas é que se trata de assunto particular.

— Oh, não, sem problemas — eu disse —, aguardo por aqui. Estejam à vontade.

Carlo levou o Pereira para trás do barraco e ali estiveram por não mais de dez minutos, depois saíram conversando despreocupadamente.

— Seu Henrique, vou levar seu Carlo ali na casa da dona Dinorá pra tratar de um assunto. Mas não vá embora não, espera que a gente não demora.

Afastaram-se outra vez e eu compreendi o que se passava: Dinorá tinha



uma filha de doze anos, e decerto Carlo estava ali para agenciar a menina para a Casa das Flores. Nesse momento o Jairzinho reapareceu, assomou à porta do barraco, titubeou como se pretendesse entrar outra vez, mas por fim desceu o degrau. Parecia sem jeito.

— E então, Jairzinho — eu quis saber —, gostando de trabalhar na Casa das Flores?

O menino olhou para mim perguntando-se na certa o quanto eu sabia de sua ocupação naquele lugar, depois levantou os ombros desviando o olhar.

— O serviço não é bom? — insisti, mas Jairzinho continuava calado e, voltando-me as costas, afastou-se dois ou três passos. — O que é que você faz lá, afinal? — insisti, tentando arrancar alguma coisa do menino. — Diz aí...

Jairzinho não respondeu, e eu resolvi insistir um pouco mais: aproximei-me e pus a mão em seu ombro tentando fazê-lo voltar-se para mim.

— Não quer falar?... Não?... E hoje, você vai lá?

Ainda de costas para mim moveu a cabeça devagar.

— Vai?

Fez outra vez que sim.

— E eles lá te dão dinheiro?

— Dão ao meu pai.

— Ah... Mas o seu pai lhe dá algum, não é?... Afinal é você quem trabalha... O seu pai lhe dá o que você precisa?

Ele não respondeu.

Que havia ocorrido uma mudança na vida do Pereira era visível, agora ele tinha dinheiro no bolso, afirmara ter até uma caderneta de poupança, o Jairzinho já não andava aos trapos como antes e o barraco fora pintado de novo: a miséria não deixara de ser miséria, mas estava colorida, o que a tornava se não menos feia, pelo menos mais divertida.

No entanto o Jairzinho, ou por medo, ou por constrangimento, parecia não querer falar daquilo.

— Seu pai botou você na escola, Jairzinho?

Ainda de costas, fez que sim com outro movimento de cabeça.

— Pelo menos isso — eu disse, e não soube o que mais perguntar, como continuar um diálogo que no fundo não passava de um monólogo. Toquei os cabelos dele, corri os dedos entre as mechas, retirei a mão.

— Se você não gosta de fazer o que faz, Jairzinho — eu disse, baixando a voz —, quando o levarem fuja de lá, procure a polícia...

Notei um ligeiro tremor em seus ombros, como se uma tensão o fizesse contrair-se de repente.

Baixei a voz ainda mais, tocando-lhe outra vez os cabelos na tentativa de instilar-lhe confiança em mim:

— Jairzinho — comecei —, se você quiser... da próxima vez que o leva-

rem eu o espero do lado de fora... você trata de escapar assim que der, e eu o levo à polícia... e você conta tudo que acontece lá...

Então ele se voltou para mim com os olhos cheios de lágrimas, como se atingido por uma descarga elétrica, e eu vi o horror estampar-se em seu rosto:

— Não, seu Henrique... eu não posso fazer isso... promete que o senhor não vai fazer isso...

— Por quê, Jairzinho?

— ...nem falar pra ninguém? Promete, seu Henrique!

— Está bem, prometo, mas por quê?

— Meu pai não tem serviço... coitado... ele só tem a mim... só eu posso ajudar ele...

— Mas e você, Jairzinho...?

— Só eu, seu Henrique... só eu posso ajudar ele... só eu, só eu, seu Henrique...

— Mas você não pode continuar fazendo o que faz, Jairzinho!

— Eu tenho de continuar, seu Henrique... é pelo meu pai... só eu posso ajudar ele...

Lágrimas corriam por suas faces “não conta nada, seu Henrique, não conta nada pra ninguém”, mas no instante seguinte, olhando para algum ponto atrás de mim, sobressaltou-se e dando-me as costas correu outra vez para dentro de casa.

Virei-me, o Pereira vinha vindo com Carlo que, no entanto, despediu-se e foi embora.

— Tudo acertado, seu Henrique, tudo acertado!

— O que é que foi acertado, Pereira?

— Pois então, não lhe falei que seu Carlo precisa de gente nova pra trabalhar com eles lá na Casa das Flores? Consegui a mais velha de dona Dinorá. A pobre da dona levantou as mãos pro céu com o dinheiro que recebeu, e eu também levei uma comissãozinha. Coisa pouca, mas já dá pra cerveja.

— Ah... que bom, a dona Dinorá anda mesmo precisando, não é?

— Então não? Uma dona sozinha com quatro filhas pequenas pra criar? Que a mais velha está com doze, e depois vem a de nove... Com essa carestia que anda por aí como é que ela ia fazer, se não colocasse a menina mais velha? Pois a garota está colocada, agora é dar graças a Deus. E olha que seu Carlo disse que não garantia nada não, mas ia ver se conseguia colocação pra de nove também. Seu Carlo é muito prestimoso, gosta de ajudar quem precisa... não é qualquer um que faz o que ele faz não!

A garota agora tinha uma “colocação” na Casa das Flores, já se previa uma “colocação” para a de nove; com o tempo as outras duas também seriam “colocadas” e a dona Dinorá resolveria suas dificuldades: com certeza

daria uma demão de tinta no barraco e botaria um piso de segunda no chão de terra batida, compraria um quilo de carne para comer aos domingos, quem sabe até uma televisão nova...

— É você mesmo quem vai levar a menina da dona Dinorá logo mais? — eu quis saber.

— Sou eu mesmo, eu combinei assim com seu Carlo: eu ajeito por aqui quem eu conseguir e levo lá quando ele precisar. Hoje mesmo eu levo a menina da dona Dinorá e o Jairzinho, pois tem serviço pra ele hoje também.

Fez uma pausa prolongada, metendo as mãos nos bolsos e vigiando a tarde que findava:

— Seu Henrique, eu lhe digo: é fé em Deus é pé na tábua, que as coisas aos poucos vão mudando pra melhor.

## 25. Fechando negócio

Passara-se pouco mais de um mês, menos de dois, desde aquele encontro com o Antunes em que o pústula me arrastou para os fundos da bodega e me relatou seu dom-juanismo doméstico. Desde então não lhe pusera os olhos, mas um dia eu subi a Toca para consertar uma enceradeira — e vale a pena perguntar que utilidade teria uma enceradeira num lugar onde o chão da maioria dos barracos era de terra batida, mas isso já não é relevante pois a Toca, como eu disse, era (e é) o lugar das antinomias, dos contra-sensos, dos absurdos; assim, não é de surpreender que alguém naquele lugar se preocupasse em consertar justamente uma enceradeira, ainda que não fosse encerar coisa alguma, nem mesmo a própria sepultura, pois tal gente quando morre é atirada em vala comum, buraco qualquer, e olhe lá, que já é favor excessivo que se lhe faz!

Subi eu, portanto, a Toca aí pela uma e meia da tarde e já descia quando ouvi chamarem meu nome; quando me volvei, alcançou-me o Antunes com seu sorriso pulha:

— Que bom encontrá-lo por aqui, seu Henrique! Então, trabalhando muito?

— Qualquer coisa, Antunes — respondi entre seco e desinteressado. — É preciso, afinal quem tem contas a pagar...

— Mas justamente! Se todos pensassem como o senhor, não é mesmo?, se todo mundo tivesse uma ocupação a coisa ia pelo melhor, ora se ia!

Pensei em perguntar-lhe “que coisa” ia pelo melhor, mas preferi não dar trela ao sujeito para que a prosa não se estendesse. Porém o tipo aproximou-se um pouco e, em atitude cúmplice, baixou a voz:

— Já soube? Amanhã é o julgamento do Fiapo.

Franzi o cenho, fingindo um esforço para lembrar-me do que se tratava, e depois:

— Ah... sim, o Fiapo. E então?

— E então? O que é que o senhor acha? Ele pega uma cana braba, não pega? Dessa ele não sai tão cedo!

Sacudi os ombros fingindo indiferença, quando na verdade minha gana era esmigalhar a cara do filho-da-puta com um pedregulho que acabara de avistar aos meus pés. Contive-me.

— Nada entendo de leis, Antunes, não conheço as penas, portanto não faço idéia da punição que ele deve pegar.

— Ah, mas eu andei me informando, seu Henrique, eu me informei!

Movi a cabeça, mas não respondi. O tipo continuou:

— Se o juiz não manear, ele pega uns oito anos de tranca.

Alcei as sobrancelhas demonstrando um interesse apenas vago e olhei em volta.

— Oito anos — reiterou —, e depois que cair no presídio, ó, adeus!

Encarei o Antunes franzindo a cara.

— Por que adeus, Antunes? — perguntei, simulando ignorância.

— Por quê? Ora essa, seu Henrique!... É que o senhor é pessoa sem essas malícias, já se vê... Depois que ele cair lá, não volta!

— Não volta? — fingi espanto.

— Mas não! Então não sabe?... Lá ele vira mulher dos outros, daí a pouco pega uma doença. A tuberculose come solta em certos presídios. E quem é que se preocupa com essa escória? É deixar morrer mesmo, feito moscas! Feito moscas! — e asseverou: — Digo para o senhor: não volta!

Fiz uma expressão de dúvida, “pode até ser” murmurei enjoado, olhando cobiçosamente o pedregulho perto dos meus pés. Parecia pesado. Quantos golpes seriam suficientes para eu abrir a cabeça do Antunes com ele?

— Mas venha, seu Henrique, venha tomar um café — ele disse segurando-me o braço —, a dona acabou de coar. E olha que já está mesmo na hora, veja — levantando o pulso exibiu-me o relógio: — Quase quatro!

Não sei o que me fez acompanhar o Antunes quando meu desejo era ver-me livre dele o mais rapidamente possível. Hoje eu penso que foi a curiosidade, pois não me havia esquecido do oferecimento que o tipo me fizera naquela noite, cerca de dois meses atrás. Assim, dei um passo meio relutante em aceitar o convite e segui-lo até sua casa, depois dei outro e por fim me abandonei e fui ao seu lado, mão no bolso, olhando como quem não quer nada a tetricômica paisagem da favela. Comigo mesmo ia pensando que, com o exemplo do Antunes, Toca das Hienas era um nome apropriado para o lugar. “Deus do céu!” dizia comigo mesmo enquanto olhava, pois conquanto a Toca já não fosse novidade para mim, seria sempre estranho e mesmo inacreditável como o ser humano é capaz de ajustar-se a tais condições! “Deus do céu, como é que alguém consegue viver aqui?” repetia, sem deixar de reconhecer que haveria quem pensasse o mesmo com relação ao

prédio onde eu morava, ao meu apartamento minúsculo, embora muito limpo e pintado de novo.

O Antunes já não falava: o julgamento do Fiapo fora deixado de lado, ficaria para o dia seguinte comemorar a condenação do infeliz, “o senhor não vai faltar, não é, seu Henrique?” dissera por último, e eu resmunguei qualquer coisa, que ia ver, se sobrasse tempo, que horas seria?, e por aí afora. Eu não queria dar impressão de interesse, mas no fundo interessava-me bastante saber o que aconteceria ao Fiapo — ainda que o tivesse largado à própria sorte, o que, diga-se de passagem, não foi nenhuma barbaridade, uma vez que eu nada podia fazer para ajudá-lo.

Quando entramos “a casa o senhor já conhece, seu Henrique”, o Antunes me fez sentar numa poltrona de cujo forro rasgado saltavam mechas do enchimento e foi até a cozinha dar suas ordens. Retornou de imediato e sentou-se defronte, em outra poltrona igualmente esboroada, cruzando as pernas como um imperador em seu minúsculo império. Minutos depois entrou a mulher, “a dona”, como ele dizia, com uma bandeja.

Apanhei a xícara com o café quase fervente e muito doce, que fiquei segurando por um bom tempo até que esfriasse, enquanto disfarçadamente examinava a mulher do Antunes, perguntando-me se ela não saberia das façanhas do marido: era uma mulher mais para baixa, brancarrona, gordalhufa e mal-ajambrada que arrastava uns chinelos mascavados dos quais sobressaíam pés grosseiros com joanetes medonhos. Recendia a peixe, decerto estivera limpando peixe para o jantar, e tinha os cabelos apanhados no alto numa touceira de causar riso, diante da qual me perguntei se não passeavam piolhos por ali — e só de pensar em piolhos senti uma comichão na cabeça.

Assim que ela saiu apareceu casualmente a Cristiele, e o Antunes num salto exclamou:

— Filha, vem aqui conhecer o amigo do papai — e fez as apresentações.

Cristiele era uma menina de catorze para quinze anos, cabelos enroladinhos e faces cheias e coradas; não era bonita mas exibía um sorriso gracioso que ela forçou para não parecer antipática, conquanto fosse visível que estivesse embaraçada com a apresentação, já que eu não passava de um completo estranho (desde a prisão do Fiapo, cinco meses antes, eu não retornara à casa do Antunes, nem para o conserto da máquina de lavar — motivo que me levava até lá no dia do escândalo —, e assim era certo que, ao contrário do que dissera há pouco o Antunes sobre “eu já conhecer a casa”, aquela era na verdade a primeira vez que eu ali punha os pés na qualidade de visitante e podia estar sem atropelos e alvoroços). Após a apresentação, a menina recuou um passo, demorou-se meio minuto olhando ora para mim, ora para o pai, depois saiu.

Então o Antunes curvou-se na minha direção:

— O senhor deve se lembrar da oferta que lhe fiz, seu Henrique — ele

disse, e eu estremeci. — Se o senhor aceitar... pra pessoa de categoria como o senhor... só pra pessoa de categoria, o senhor me entende...

Respirei fundo, desviando os olhos e bebericando o café. Procurei mudar de assunto, e o alvitre não poderia ter sido pior:

— A sua mais nova é a única com nome diferente, não, Antunes? — e mencionei: — Daniele, Andriele, Cristiele...

— Não, seu Henrique, a mais nova, a Lilica, o nome dela segue o das outras: Ritiele! Mas pegou o apelido de Lilica, nem sei lhe dizer bem por quê... as outras não tiveram apelido, mas a Lilica, isto é, a Ritiele...

E o desgraçado julgou ter entendido uma segunda intenção em minha referência à Lilica:

— Calha então do senhor preferir uma mais novinha — disse, dobrando-se outra vez para mim, enquanto largava a xícara na mesinha de centro, amarelada por uma camada espessa de poeira. E gritou para dentro: — Lilica! — como não houvesse resposta imediata, chamou pela “dona”: — Mulher, manda a Lilica aqui.

Daí a um minuto a ranhentazinha apareceu na porta: os cabelos meio ruivos e encaracolados formavam moitas dos lados e em cima, os olhos grandes espriavam-me com curiosidade e tinha um dos polegares metido na boca. Vestia uma blusinha de malha suja de respingos de feijão e um shortinho que lhe deixava nuas as pernas magrelas. A cara miúda, contudo, desta vez estava limpa de ranho.

— Aqui, seu Henrique, esta é a minha mais novinha, a Lilica — e para a moleca: — Cumprimenta o moço, Lilica, é um amigo do papai.

A moleca avançou dois passos para mim, tirou o polegar da boca e me estendeu a mão. Agora quem se embaraçava era eu, pois foi com constrangimento que apertei a mãozinha estendida, largando-a em seguida com mal-estar.

— Completou onze em janeiro — disse —, estamos em março... dois meses — e puxando-a para si acariciou-lhe os tufo de cabelo, correndo o dedo entre eles na tentativa de reduzir-lhes o volume. — Não está crescida? Não é uma gracinha?

— Oh, sim — concordei olhando com embaraço para ele e para a menina —, crescida... sem dúvida... — e achei por bem mentir, acrescentando com um rancor disfarçado: — Sim, uma bonita menina!

— Não é mesmo, seu Henrique? — disse com intenção, o que eu confirmei com um gesto de mãos e um movimento de cabeça. — Está vendo, filha? — conchegou a garota em seus braços. — O moço gostou de você — e a menina se encolheu com um sorriso frouxo, baixando os olhos. — Agora pode ir — o Antunes empurrou a filha com delicadeza —, o papai precisa conversar com o moço, assunto de gente grande.

Não consegui evitar uma olhada para a garota quando ela voltou as costas

para sair: a bundinha miúda quase à mostra, as pernas finas, o shortinho encardido...

“Botei na frente e atrás... a menina gosta!” veio-me a lembrança daquela noite, e senti uma vertigem. Para disfarçar, deposei a xícara vazia na mesinha e fingi tossicar, levando a mão fechada à boca. Levantei-me:

— Bem, Antunes, eu já vou andando... ainda tenho uns consertos a fazer por aí...

— Mas é cedo, homem!

— Não... é que...

Não obstante, o Antunes também se punha de pé: acompanhou-me até a varandinha e depois até fora da casa.

— Não quero que o senhor pense que eu fico só na conversa, seu Henrique — disse então. — O oferecimento está de pé. E se o senhor preferir a menorzinha, não se acanhe, que vai ser até mais fácil... a Lilica é fácil de conversa...

O oferecimento do Antunes causava assombro e o melhor que eu teria a fazer era alegar qualquer desculpa e afastar-me, enojado, mas uma vez mais a curiosidade ferroava-me:

— Antunes, se não leva a mal, posso lhe fazer uma pergunta?

— Ora essa, seu Henrique! O senhor é amigo, é de casa! Faça!

O sujeito já me considerava de casa! O que lhe passava pela cabeça? Quanto, afinal, ele pensava em cobrar pelas filhas?

Raspei a garganta, cuspi de lado.

— Sua senhora — eu disse —, ela não se opõe?... Em outras palavras, ela sabe?... Quero dizer, sabe que você faz esse tipo de oferta? Enfim, sabe o que houve... entre você e as meninas?

O Antunes meteu as mãos nos bolsos. Empinou o peito.

Falou com um desembaraço de aturdir.

— Seu Henrique, vou lhe dizer... Da primeira vez... a primeira vez foi com a mais velha, a Daniele... Da primeira vez a dona não soube, pelo menos no começo. Eu e a Daniele, o senhor entende, a gente já vinha se acertando... mas não tinha acontecido nada ainda não. Foi no que ela começou a botar os peitinhos. Era alta, tinha as pernas grossas e só andava de shortinho em casa. Um dia eu estava fazendo uma limpeza no quintal, ali nos fundos, por causa do matagal. Ela quis ajudar e, enquanto eu capinava, ia retirando folhas e gravetos com o rastelo. E só de shortinho. Então eu parava às vezes para olhar as pernas dela, que eram bonitas, puxa vida, só o senhor vendo pra ter uma idéia!... Uma hora não resisti e no que ela estava curvada eu passei a mão, devagar, com jeito. A danada aprumou-se de imediato, mas não fugiu, “ô, pai” disse rindo, então eu dei a volta nela e tornei a passar a mão, agora na bunda, “pai, que é isso!”, mas ela só se encolheu, rindo... Eu não disse nada, só abracei ela por trás e dei um aperto e uma mordida no

pescoco, e ela se encolheu mais ainda... No começo ficamos só nisso, uns achegos no que a gente se esbarrava sozinho, e assim foi... ela sempre naquele jeitinho dela de se encolher, rir, “ô, pai” ela dizia, “quê que o senhor tá querendo?”... era assim, pra valer! Mas uma noite a dona foi dormir com a mãe, achacada do peito, um catarro que a velha quase sufocava, foi e levou a Andriele e a Cristiele pra ajudar. A Lilica ficou, mas era ainda muito pequena e não demorou a pegar no sono. Então eu me acheguei de cheio, o senhor entende. “Ô, pai, olha lá” ela disse, e enquanto eu dava uns apertos “pára, pai!”, mas cadê que saía fora? “Pára, pai” mas era só se encolher, torcer-se cheia de dengos, cair na risada... Quando meti a mão dentro da calcinha dela, a moleca se abriu feito uma flor! Depois dessa noite, eu e a Daniele, a gente nem tinha hora pra se pegar, só vendo o fogo dela! A dona acabou percebendo, mas fez que não viu. Ia reclamar de quê? Quem é que mantém a casa?... E pra ela, que nunca foi chegada, veio bem a calhar... Que isso é coisa que não lhe escondo, seu Henrique, a dona botou quatro crias no mundo, mas nunca foi chegada a um roça-roça, se o senhor me entende... não tem calor, fica parada feito estátua, diz que não gosta, que não sabe o que é gozar e nem por que o povo faz tanto empenho nessas coisas... Disse isso na minha cara, o senhor acredita?... Pois é!... Então quando ela percebeu que eu e a Daniele nos pegávamos, murchou prum canto e fez que não viu, que não sabia de nada. E foi assim com as outras. Com a Andriele eu já disse pro senhor como foi, não?... Se não disse... Pois foi um dia em que eu cheguei em casa no meio da tarde e não tinha ninguém, só escutei um barulho de alguém tomando banho. Cheguei na porta e perguntei quem estava no chuveiro, “sou eu, pai, a Andriele”, e eu “sua mãe, cadê?”, “foi na casa de vó”... A casa de minha sogra é ali pros lados da Baixa, mas mais pra cá, a Baixa o senhor conhece... Então eu disse “e as meninas?”, “foram com ela”... Seu Henrique, a porta do banheiro estava com um defeito e não fechava, daí que foi só empurrar e ela abriu... Fui quietinho afastar a cortina do *box*, e a Andriele soltou um grito e se encolheu no cantinho, “pai, o que é que o senhor está fazendo aqui?”, e essas coisas, uma mão por cima dos peitinhos e outra cobrindo a perseguida... então eu agarrei ela pelo braço e trouxe pra perto... e me abaixei fazendo que ela tirasse a mão... Seu Henrique, a danada se abriu toda quando meti a língua no grelhinho dela... e daí se acostumou, não parou mais, tinha noite d’eu ter de dar conta das duas ali nos fundos... a dona só dormindo, ou fazendo que dormia, porque verdade seja dita, a dona dorme bem, dorme muito, mas será que nem uma vez percebeu alguma coisa?... É claro que percebeu, mas é como lhe disse: ficou foi satisfeita por não ser mais incomodada... Além do que, para mim foi vantajoso, o senhor entende... que a dona é pessoa muito boa, cuida bem da casa, é caprichosa, prestativa, trabalhadeira, preza pela limpeza, mas já anda muito passada; no dizer do Mazzaropi, já desbarrancou, enquanto as mole-



cas não, as molecas estão fresquinhas, peitinho duro, bunda empinadinha, essas coisas... E por último foi com a Ritiele... a Lilica, o senhor sabe... só depois que eu peguei com a Ritiele ela um dia chega e diz: “Só quero ver quando todas estiverem fora de casa, cada qual com seu marido”, e eu respondi: “Não precisa ter medo não, mulher, que a você eu garanto que não vou incomodar”. Daí ficou quieta e não disse mais nada.

— Então ela não se importa — eu comentei em voz baixa.

— Liga não. Fica até satisfeita, que assim eu não a procuro.

Cobri o rosto com as mãos, esfreguei as faces com força respirando com exasperação. Arregalei os olhos e pisquei várias vezes. Dei um passo pr’ali, outro pra lá, voltei.

— Quanto você cobra? — eu escutei minha voz perguntando.

— Qual das duas?

— A Lilica.

O Antunes achegou-se, murmurou uma cifra, eu assenti devagar movendo a cabeça sem encará-lo.

— Veremos — eu disse, e sem me despedir fui embora.

Não seria possível aceitar de imediato o oferecimento do Antunes, conquanto o sujeito não tivesse proposto nenhuma exorbitância pela filha: se aceitasse sua proposta, fá-lo-ia acreditar que conquistara alguma ascendência sobre mim e que poderia exercer esse poder para espoliar-me. Talvez eu estivesse equivocado, mas o comportamento do homem não era nada compreensível: relembando, desde o dia da prisão em flagrante do Fiapo eu não estivera com o Antunes, até aquele princípio de noite em que ele me arrastou para o interior da espelunca e, enquanto se embriagava, fez detalhadas referências aos seus amores caseiros culminando, como vimos, com uma “generosa oferta”. Por que me fez ele tal oferta? Não sei, mas semanas depois sobreveio esse novo encontro na Toca, quando eu descia o morro, e ele levando-me até sua casa não só apresentou-me as filhas como, de maneira reservada, reiterou a oferta, ressaltando que “somente a pessoas de categoria como o senhor” etc., passando a tratar-me como alguém superior, com uma subserviência incompreensível — logo ele, que parecia tão senhor de si ao acusar o Fiapo e ao fazer-me revelações. Devo admitir nunca ter chegado a compreender bem o Antunes e suas atitudes, mas o sujeito despertava-me a curiosidade e eu estava decidido a experimentá-lo, ver até onde ele seria capaz de ir.

No dia seguinte estive no julgamento do Fiapo.

Ele não me viu. O julgamento não era público e enquanto era conduzido algemado por dois policiais até a sala do tribunal não levantou a cabeça um só momento: passou por mim encolhido e andando com dificuldade. O pobre tornara-se mesmo um fiapo de gente, magérrimo como se passasse fome na cadeia, a barba por fazer, uma tremura nas mãos, uma aparência de

zumbi. O julgamento não durou: disseram que o Antunes contou como ouvira os gritos da filha e correram a acudi-la na companhia de dois conhecidos que estavam casualmente em sua casa e reiterou a intenção de representar contra o autor; os dois conhecidos disseram que, ao acudir, a vítima já se havia libertado do agressor e que apenas o seguraram enquanto esta última corria em desabalada carreira para casa, aos prantos, mas que não haviam presenciado a agressão; por último, que a Lilica realfirmou o estupro, embora não de forma muito convincente, o que pareceu não fazer qualquer diferença no tribunal, suas hesitações atribuídas ao constrangimento de falar na frente de estranhos da violência sofrida. O Fiapo mais uma vez negou que tivesse abusado da ranhentazinha e que a acusação contra si era mentirosa, contou sua história, à qual ninguém deu importância; segundo comentários, o Promotor fez carga, o Defensor nem se esforçou para alcançar uma redução de pena, e como o Fiapo já tivesse uma passagem por furto qualificado sua situação, que já era ruim, ficou pior: pegou oito anos sem direito a condicional.

Do lado de fora o Antunes, exultante, veio ao meu encontro.

— Então o tipinho ficou mesmo agarrado! — exclamou com satisfação.  
— Eu não lhe disse, seu Henrique, eu não lhe disse? Oito anos!

Apenas franzi o cenho em resposta, ansioso por escafeder-me.

— O ladrãozinho da Toca — continuou o Antunes — não tira mais nada de ninguém lá. — fez uma pausa, olhando em volta como quem contempla o panorama. Finalizou: — Uma limpeza para o morro.

Fiz um gesto de mão, sem nada dizer, dando a entender que ia embora, mas já me afastara dois ou três passos quando parei e voltei-me para o Antunes, que ainda bobeava por ali:

— Antunes — disse.

— Sim, seu Henrique?

— Amanhã — comecei, fiz uma pausa, hesitando um pouco, então meti a mão no bolso, arranquei de lá duas cédulas que lhe estendi, falando em voz baixa e sem olhá-lo diretamente nos olhos: — Amanhã é sábado, não? — fiz um bico, franzindo a testa. — Sábado — repeti, como quem pára para pensar, e depois: — Olha... quero que você leve a Lilica lá em casa, amanhã. Aí pelas duas — e indicando o dinheiro: — Vê se é isso mesmo.

## 26. Perdendo o cabaço

*“Mas deixemos de lado a mongolzinha, que não tem mais o que fazer nesta história: tempos depois da surra a família escafedeu-se de nossa rua e nunca mais a vi — eis tudo.*

*“Retornemos a tio Paulino: é hora de referir como descobri seu namoro com a pretinha, caso bastante engraçado. Acrescento que eu descobri mas não dei com a língua nos dentes, e não o fiz pelas razões óbvias que se seguem.*

*“A tal pretinha, de nome Manuela, trabalhava como caixa num grande supermercado mais ou menos próximo da casa dos meus tios. Ela costumava pegar no serviço das oito da manhã até as dezessete horas, quando deixava seu posto e ia para casa a fim de aprontar-se para a escola: estudava à noite num curso supletivo ali perto. Tio Paulino invariavelmente fazia compras naquele supermercado, e no mais das vezes passava o carrinho na caixa onde ela estava, mas nem sempre para não dar na vista — embora tia Luíza a princípio não desconfiasse; quando algum dia chegou a desconfiar do marido deve ter demorado muito a dar-se conta de que ele se havia envolvido justamente com a caixa do supermercado. Essas minúcias eu conheço porque mamãe, com a anuência de papai, deixava-me quando criança passar dias com meus tios, que por não terem tido filhos tinham em mim um sucedâneo, construindo dessa forma uma maternidade postiça; mesmo na adolescência, quando aprendera a sair sozinho, vez por outra metia-me por lá, onde passava tardes inteiras deitado no sofá da sala lendo algum livro, aproveitando a tranquilidade da casa e a companhia mansa e suave de tia Luíza. Eu teria, creio, doze anos quando vi Manuela pela primeira vez, certo dia em que acompanhei tio Paulino e tia Luíza ao mercado para as compras, e notei que a negrinha atendia meus tios com uma atenção bastante especial: com os demais fregueses era apenas a funcionária, expedita e eficiente, com meus tios mostrava-se duma simpatia envolvente, sorrindo-lhes como uma velha conhecida, conversando com tia Luíza o tempo todo enquanto passava as compras, e se ela não estava queria saber notícias, “e dona Luíza, seu Paulino, como vai?”, até que por fim “bom final de semana” exclamava, abrindo-se num sorriso ainda mais amplo e espontâneo. Da primeira vez quis saber de mim, “quem é esse menino bonito?” perguntou, e no dia seguinte, quando voltamos ao mercado apenas eu e titio por uma qualquer miudeza, apertou-me a ponta do nariz num gesto de ternura e deu-me um bombom.*

*“Hoje eu sei que foi mais ou menos por aquela época que o namoro entre tio Paulino e Manuela começou, mas na ocasião eu não tinha qualquer malícia e se por um lado Manuela nos tratava com maior deferência que as demais empregadas da casa, por outro tal procedimento não me causou surpresa — não seria, afinal, uma amiga da família?*

*“Eu tinha quatorze anos e já perambulava sozinho pela cidade quando descobri as artes de titio. Num certo final de tarde, aliás, no comecinho da noite, eu fora até sua casa mas por distração saltara do ônibus um pouco distante e quando regressava caminhando vi tio Paulino entrar um tanto sorrateiramente em certo prédio. Quando o avistei pensei em chamar por ele, mas não o fiz: pois o velho olhava para os lados como a verificar se haveria alguém a observá-lo, tenteava para entrar no prédio, donde ocorrer-me que titio fazia questão de não ser visto, o que atizou-me a curiosidade e resolvi entrar também.*

*“Agora eu estava no saguão deserto, e se tio Paulino tomara o elevador, fora para que andar? Havia dois elevadores, mas os indicadores luminosos perma-*

neciam imóveis como se ninguém àquela hora subisse ou descesse, portanto tio Paulino subira pelas escadas.

“— Que será que titio está fazendo por aqui? — eu me perguntava, mordido pela curiosidade. Agora eu já não era tão criança nem tão ingênuo e a suspeita de alguma safadezazinha por parte dele não tardou a ocorrer-me.

“Avistei nesse momento o zelador que descia os últimos degraus da escada que dava para o saguão, e lhe perguntei se ele vira alguém subir há poucos minutos.

“— Hum — fez o homem, puxando pela memória —, sim... vi um senhor subir há cinco minutos... acho que para o oitavo andar... será esse que você está procurando?

“Ergui os ombros, ‘pode ser; não sei...’, e resolvi dissimular:

“— Ele levava um pacote grande e vestia camisa amarela?

“— Hum?... N-não... não tinha pacote nenhum...

“— Ah... então não deve ser a mesma pessoa...

“E tão logo o zelador se escafedeu meti-me escada acima. Não tinha dúvidas de que a pessoa que acabara de subir era tio Paulino, e era no oitavo andar que residia seu segredinho. Minha investida não foi em vão, e se tive de enfiar-me num recanto escuro esperando-o aparecer; minha espera foi recompensada quando uma porta se abriu no corredor e tio Paulino apareceu, composto, penteado, reluzente, mas na retaguarda a pretinha que se empoleirava por trás em seu pescoço — e que eu reconheci de imediato.

“— Aqui no corredor não — advertiu tio Paulino rodando sobre os calcanhares e sustendo-a nos braços —, podem nos ver.

“— Ora, quem é que vai nos ver aqui? A essa hora o pessoal está todo na rua!

“— Não é bom facilitar — tio Paulino, cauteloso.

“— Puxa!... Faltei a aula hoje por sua causa, e você fica tão pouco!

“— Já lhe expliquei que hoje não posso... a outra quer passar a noite com a irmã, que está adoentada, não posso recusar-me a levá-la.

“Manuela fez um muxoxo. Não se conformava. Atirou-se de novo ao pescoço de titio.

“— Então leva e volta, ora essa!

“Tio Paulino achou graça no expediente, mas não podia, explicou, levantaria suspeitas se, contra os hábitos, deixasse ‘a outra’ em casa da irmã e retornasse nas mesmas pegadas, mesmo porque não haveria nenhuma razão plausível para isso.

“— Vem sábado?

“— Sim, sem falta.

“Manuela pareceu conformar-se, deu-lhe um tapinha, mordeu-lhe a bochecha e entrou, fechando a porta enquanto tio Paulino passava por mim sem perceber minha presença no escuro.

“Agora eu estava de posse de um segredo de meu tio, segredo esse que em ne-

nhum momento pensei em trai; mas... o que fazer com aquilo que eu descobrira? Desisti de visitar tia Lúiza, e mesmo que ela não pretendesse passar a noite com a irmã doente eu já não iria, pois não me parecia fácil encarar tio Paulino com naturalidade naquela noite tendo descoberto suas traquinagens. Mas no caminho para casa uma idéia começou a fazer cócegas em minha cabeça...

“No dia seguinte saí de casa no final da tarde dizendo que ia ao cinema e que depois, se desse tempo, passaria em casa de tia Lúiza, mas fiquei na rua. Não deixei de ir ao cinema, havia tempo de sobra pois se Manuela estudava à noite — eu presumia —, só voltaria do curso às nove e meia, e foi aí pelas dez que toquei a campainha de seu apartamento. Manuela não pareceu reconhecer-me logo, a indecisão de um sorriso dançou-lhe nos lábios, mas não lhe dei tempo para reagir: passei por ela e entrei.

“— Ei...!

“No meio da sala rodei sobre os pés e a encarei:

“— Você é a namorada do meu tio.

“Ela se pôs séria, recostando-se na porta que acabara de fechar, mas em seguida descontraíu-se.

“— Se sou, o que é que o pirralho tem a ver com isso?

“Eu não sabia o que fora fazer ali: a idéia que me fizera cócegas na véspera era apenas a de ir à casa de Manuela; atirar-lhe, como acabara de fazer, que eu sabia de tudo, mas a partir daí não me passava pela cabeça como continuar com a farsa. Qual seria a reação da pretinha? Me poria pra fora? Bateria em mim? Levaria a coisa na brincadeira? Nenhuma resposta me ocorria para tais perguntas, porque nem eu mesmo cogitara nelas até aquele momento. Assim, quando ela reagiu daquela maneira, sem demonstrar perturbação alguma e com um meio sorriso de desafio, eu me vi imobilizado. Ela prosseguiu:

“— Por acaso vai contar pra sua tiazinha querida?

“Baixei a cabeça embaraçado, depois encarei-a com uma espiada de baixo para cima e fiz que não com a cabeça.

“— Ora, viva! Temos aqui um garoto discreto. Pode sentar por aí, vou preparar um café, você quer?

“— Quero — disse, sentando-me no sofá.

“— Trouxe um bolo delicioso hoje do mercado — ela acrescentou já na cozinha. — Você vai me fazer companhia no lanche.

“— Está bem — eu respondi um pouco mais à vontade e olhando em volta. O apartamento não era grande e a decoração revelava um gosto peculiar (‘duvidoso’ seria mais adequado, mas fiquemos com ‘peculiar’, que também está de acordo), porém parecia pintado de novo tal o asseio que se via em tudo, e cheirava bem. O piso de taco, pelo brilho, fora encerado recentemente, e havia sobre uma mesinha de centro um jarro com flores ainda viçosas. As cortinas escandalosamente vermelhas não combinavam com o tom esverdeado do sofá, e as almo-

*fadas estavam em desacordo com os dois. Levantei-me enquanto escutava Manuela movimentar-se na cozinha e dei uma espiada para dentro de uma porta: o quarto parecia um pouco maior que a sala, mas na penumbra não pude ver com muita clareza como era e no fim de um corredorzinho notei a existência de outra porta — que, como veremos, descobri (sem querer) tratar-se de um quarto menor e cuja única mobília era uma caminha de solteiro com um colchãozinho de crina sem lençol.*

*“A campainha tocou, estrídula, quase indecente e eu dei um salto enquanto Manuela vinha correndo pondo o dedo indicador sobre os lábios. Fiquei imóvel feito uma estátua enquanto ela espiava pelo olho mágico.*

*“— Um instantinho, amor — ela gritou —, que eu vou pegar a chave — e voltando-se para mim: — Seu tio!*

*“Gelei por dentro.*

*“— Naquele quartinho — cochichou apontando a portinha no fim do corredor —, meta-se debaixo da cama! Vá!*

*“Diabos! Na véspera tio Paulino havia dito a Manuela que só viria no sábado, e agora aparecia ali intempestivamente sem que eu tivesse como sair; e para evitar ser descoberto tendo de valer-me de tal expediente! Em dois segundos me vi dentro do quartinho, também na penumbra, mas a cama era bem visível e de improviso rolei para baixo.*

*“Do meu posto pude, a princípio, escutar pela porta entreaberta do quartinho o que se passava na sala. Tio Paulino acabara de entrar e Manuela, afetando muita satisfação, anunciou:*

*“— Cheguei há quinze minutos. Acabei de coar o café. Me faz companhia?*

*“— Você sabe que eu adoro seu café — respondeu meu tio cheio de dengos —, vê se eu vou recusar!*

*“— Pois então venha.*

*“Durante um bom tempo ouvia-se apenas o bate-papo dos dois na cozinha, o ruído de xícaras e pires, o arrastar de uma cadeira e o jato d’água na pia. Por fim voltaram para a sala, a televisão foi ligada e a música animada de algum programa de auditório encobriu momentaneamente todos os demais ruídos para, em seguida, tornar-se apenas audível.*

*“— Você disse que só viria amanhã — ouvi Manuela comentar em tom de brincadeira —, e aparece de surpresa, e nesse horário! Quê que há? Está me vigiando?*

*“— Vai ver que estou — meu tio respondeu, abafado, e pude perceber que estavam fazendo ‘alguma coisa’. Não demorou muito Manuela começou a soltar uns gemidos prolongados enquanto meu tio bufava feito um cavalo, e cada vez mais. Picado pela curiosidade deixei meu esconderijo embaixo da cama e fui botar minha cabeça para fora da porta: os dois se haviam enganchado na sala mesmo, em cima do tapete, como se estivessem atracados numa luta terrível! Por fim a pretinha uivava de maneira escandalosa, deviam ouvi-la em todos os*

*apartamentos daquele andar; e meu tio soltava uns rancos surdos até que, derreados, largaram-se molemente no chão.*

*“Voltei para baixo da cama.*

*“Não demorou muito meu tio preparou-se para sair:*

*“— Mas já! Puxa, está virando hábito chegar e ficar só dez minutos!*

*“— Também não precisa exagerar: Estou aqui há quase uma hora.*

*“— Isso tudo?!*

*“— O tempo voa, garota. Hoje eu nem viria. Só vim porque a outra ligou da casa da irmã pedindo-me que fosse levar-lhe umas roupas, pois ainda pretende demorar-se uns dias. Então eu levei-lhe as roupas e, na volta, bateu saudade da minha neguinha... Mas agora tenho mesmo de ir; que amanhã terei de levantar cedo.*

*“— Se é assim — Manuela disse com um muxoxo.*

*“Daí a pouco percebi uma sombra na porta do quartinho:*

*“— Pode sair daí, pirralho, seu tio já foi.*

*“Agora eu tomava café com bolo na cozinha sem coragem de levantar os olhos para a pretinha.*

*“— Ficou assustado, pirralho? — e riu, debochada. — Vai ver que nem sabe o que é aquilo!*

*“— Claro que sei — respondi, ainda sem coragem de encará-la.*

*“— Sabe mesmo? Duvido! — e mais se riu.*

*“Então aconteceu: ela veio para mim e fez-me uma carícia nos cabelos, ‘se você quiser eu posso lhe dar um pouco de diversão’ disse, ‘pra você ir aprendendo’. Eu me encolhi todo, ‘eu sou uma pretinha cheirosa, quer sentir?’, deixei o pedaço de bolo esfarelar-se no chão, a toalha limpa empapando-se do café com leite quando no sobressalto virei a caneca. Abraçando-me por trás, Manuela riu-se de meu desajeito, ‘que grande desastrado esse pirralho!’, correu os dedos pelo meu peito e mergulhou a mão dentro de minhas calças, ‘meu pirralhozinho lindo’ e fez-me levantar. Num segundo despiu-me. No segundo seguinte chupava-me com uma fome de dias.”*

## 27. Passarinho na mão: o que fazer com ele?

Antunes foi pontual: no dia seguinte, sábado, às duas tarde, bateu na minha porta e quando fui abrir ali estavam ele e Lilica.

O sujeito havia tentado uma recauchutagem na aparência da menina: via-se que fora lavada e escovada, pois vestia roupas limpas e tinha um ar de frescura que se confirmava pelo cheiro de sabonete que recendeu quando ambos entraram; vestia uma blusinha de malha amarela quase nova que disfarçava o vestidinho xadrez surrado, e nos pés chinelos Havayanas que deviam ter sido comprados naquele dia; os cabelos encaracolados, ainda ligeiramente úmidos e soltos, davam pela altura dos ombros e nos lábios

percebia uma corzinha mais viva de batom. A garota era feinha, mas já não se podia dizer que estivesse ranhenta: depois de um banho, um jeito no cabelo e uma roupa limpa, tornara-se apresentável.

Lilica olhava em volta com curiosidade, admirada de tantos bricabraques espalhados pelas prateleiras da estante, em cima da mesinha de centro, no *rack* da televisão...

— E a que horas o senhor quer que eu venha pegar a menina? — perguntou-me.

Consultei maquinalmente o relógio de pulso:

— Às quatro, está bom?

— Está. Enquanto espero, vou visitar o velho do oitavo andar. É um conhecido meu, amizade antiga.

— Hum-hum.

— De qualquer maneira — ele acrescentou baixando a voz e aproximando-se um pouco, em atitude cúmplice — é bom que me vejam entrar e sair com a menina. Pra evitar desconfianças, o senhor entende...

Não respondi, esperando que ele compreendesse que já era hora de sair. O homem pigarreou, olhou-me, olhou a menina que se aproximara da estante e admirava meus bibelôs, voltou a olhar para mim:

— Ela já está instruída — disse baixando ainda mais a voz —, o senhor não terá dificuldade. — E achou por bem concluir, a título de explicação: — Ela é boazinha — e ainda balançou a cabeça fazendo um bico, enquanto me fixava como numa expressão de garantia.

Saiu em seguida e eu me virei para a Lilica.

— Sua casa é bonita — ela disse, rindo para mim.

— Você acha? — sorri para ela. — Mas minha casa é pequena...

— Ah, mas é bonita. Tanta coisa...!

— É, tem muita coisinha mesmo. Você gosta?

Lilica fez que sim com a cabeça, os olhos grandes cintilando.

— Que bom. Se quiser, na hora de sair pode escolher um desses bonequinhos...

— Qualquer um? — e seus olhos cresceram, arregalaram-se.

— Qualquer um — confirmei.

Ela voltou a olhar cada um das minhas inúmeras miniaturas, como se estivesse em dúvida quanto a qual delas escolher, até que seus dedos tocaram uma bonequinha de bronze de dez centímetros de altura que representava uma camponesa européia — Holanda, Escócia, Inglaterra... — com roupas típicas. Lilica segurou a bonequinha e a ouviu tilintar: sorriu enquanto a virava para olhar por baixo e descobriu, maravilhada, que se tratava de uma sineta.

— Essa? — ela disse, esperançosa.

— Se você gostou dessa...



Fez que sim com a cabeça, quase não acreditando que aquele objeto tão simples, mas que lhe parecia uma pequena maravilha, seria seu.

— Deixe-a em cima do sofá para você não esquecer, e venha aqui na cozinha, que eu vou preparar um chocolate para nós.

“O que eu vou fazer com essa menina?” pensava comigo mesmo enquanto preparava o chocolate. “Por que ela está aqui?”

Embora alguns meses já se houvessem passado desde o falso estupro — ao certo, entre cinco e seis meses —, Lilica não mostrava nenhum desenvolvimento físico, e se contava onze anos agora, aparentava um a menos. Pus-me a observá-la, que bebia com avidez o chocolate, comendo biscoitos recheados que eu pusera num pratinho à sua frente. Aquela menina, ocorria-me então, instruída pelo pai, representara uma farsa que dera com o Fiapo na cadeia, e ainda na véspera repetira a história diante do juiz, do promotor e do acusado!

“Uma atriz e tanto” concluí olhando-a que acabava de devorar o último biscoito — sem pensar que os comentários davam conta de que sua atuação não fora assim tão convincente —, e uma vez mais vinham-me ganas de esfolar vivo o Antunes.

— Vá ao banheiro — eu disse quando Lilica terminou — e escove os dentes — recomendei. Mas a moleca encolheu os ombros, que não tinha trazido escova, nem sabia que ia comer alguma coisa aqui. — Tem uma escova nova no armário em cima da pia — tocando-lhe o ombro conduzi-a suavemente até a porta do banheiro, que ficava no fim de um corredorzinho —, vai.

Pensei se devia tirar a roupa de Lilica quando ela retornasse para a sala, e por um momento se deveria despi-la de imediato, “ela é boazinha” havia dito o pai antes de sair, e se era verdade, decerto não se oporia. Talvez eu devesse esperá-la com a braguilha aberta... “Botei na frente e atrás... a menina gosta” ainda ressoava na minha cabeça a voz meio bêbada do Antunes naquela noite...

Agora Lilica estava ali.

E estava ali, essa é a verdade, porque eu dois dias antes olhara a ranhentazinha como ela era de verdade em seu mundinho sórdido: os cabelos formando tufos desconformes na cabeça, a roupa escassa e suja, as pernas finas e a bundinha magra um pouco exposta junto ao cós frouxo do shortinho. A figura da ranhentazinha de costas no momento em que saía da sala não me abandonara, e ainda que nada tivesse de explicitamente sensual nem pudessem exercer qualquer atração, a não ser num pai depravado que fazia uso das próprias filhas para satisfazer sua lascívia, persistia em minha lembrança com uma intensidade que eu não sabia explicar.

Lilica foi parar junto à mesa embaixo da janela onde havia uma antiga máquina de escrever que eu consertara para o dono de um escritório nas

vizinhanças. Puxei uma cadeira para perto da mesa, sentei-me e, pegando Lilica nos braços, fiz que se sentasse em meu colo. Botei papel na máquina, “vou ensinar você a escrever seu nome” disse, “você sabe ler, não é?” e ela fez que sim com a cabeça. “Então procure as letras” eu disse, e ela olhou confusa para o teclado como uma coisa nunca vista — decerto para ela seria novidade, pois se vira alguma vez uma máquina de escrever teria sido na escola, mesmo assim de longe —, e começou a procurar as letras de seu nome. Por fim apontou para o “l” e depois para o “i”, e a toques espaçados formou na página em branco a palavra “lilica”.

Enquanto Lilica procurava as letras, eu me esforçava por sentir seu corpo junto ao meu, o cheiro de sabonete que emanava, e recostando-me na cadeira pus-me a observar seus cachos, lavados e penteados, os dedinhos hesitantes de uma das mãos sobre o teclado enquanto com a outra apoiava-se na mesa. Senti vontade de beijar-lhe o pescoço e quando vi que ela havia terminado apertei-a em meus braços e estalei-lhe um beijo na nuca. Ela se encolheu, “terminei” disse, “estou vendo, parabéns” e continuei abraçando-a apertado. Mas o que eu sentia nesse abraço, nessa proximidade? Que estranho sentimento me aquecia por dentro? Eu não tinha nome para ele, porém seguramente nada tinha a ver com excitação ou sensualidade.

Lilica confundia-me.

— Mas “lilica” é o seu apelido — eu disse então, levantando-me da cadeira e pondo-lhe uma almofada sob a bunda. — Escreva agora o nome. Como é seu nome completo?

Puxei outra cadeira para mim.

— Ritiele...

— Completo.

— Ritiele Rosa da Conceição.

— Então escreve — e mostrei-lhe como usar a alavanca do carro para mudar de linha.

Lilica às vezes perdia-se no teclado e uma letra que já havia usado — por exemplo, o “r” ou o “i” — parecia desaparecer de suas vistas, até que ela desse casualmente com a tecla outra vez, mas aos poucos seu nome foi se compondo na página. Ajudei-a com as maiúsculas, e depois mudei para a fita vermelha. Depois trocamos de lugar e eu disse:

— Vou te mostrar como se usa a máquina — e comecei a datilografar um texto qualquer que me vinha à cabeça. Lilica olhava fascinada meus dedos ágeis voando sobre o teclado sem errar e escrever rapidamente um grande número de palavras, “eu nunca vou fazer desse jeito” ela disse rindo e batendo palmas com agitação, “mas é claro que vai, é só treinar”, e lhe expliquei que qualquer pessoa poderia aprender a usar a máquina de escrever com desembaraço.

Lilica olhou-me em dúvida.

— Mas é verdade — eu disse —, pois quando eu comecei a aprender, eu escrevia devagar igualzinho a você.

Não direi aqui que fui ganhando a confiança de Lilica, pois a moleca em momento algum se mostrara embaraçada por estar sozinha comigo em minha casa, mas me pareceu que aquilo que ela deveria fazer, ou pelo menos aceitar que se fizesse com ela enquanto estivesse ali, foi-lhe saindo da cabeça, de modo que — depois, por exemplo, de eu ter montado sobre a mesinha de centro um jogo de damas para mostrar-lhe como se joga, e de nesse ínterim ter apanhado peras e uvas maduras na geladeira e depois ligado a TV para assistirmos desenho enquanto jogávamos —, se eu por fim a tocasse ou tentasse despi-la, ela decerto estranharia, talvez ficasse mesmo envergonhada.

Aproximava-se das quatro horas. Lilica adormecera recostada em mim, no sofá. Com cuidado para não acordá-la, levantei-me e fiz que se deitasse com a cabeça apoiada numa almofada e fui entreabrir a porta, à espera do Antunes, que igualmente foi pontual: passava cinco minutos das quatro quando ele apareceu.

Segurei-lhe o braço afastando-me com ele corredor afora, recomendando que não fizesse barulho.

— Quero que você venha aos sábados com a Lilica — eu disse.

— Sim, seu Henrique, o senhor é quem manda.

— Tenho outra exigência...

O Antunes encarava-me com atenção.

— Que ninguém mais toque na menina.

Fiz uma pausa breve, para tornar a voz mais incisiva:

— Nem você.

Diante da minha seriedade o Antunes pareceu surpreso, e eu aproveitei para ser ainda mais incisivo:

— Primeiro, eu estou pagando. Segundo, a menina vai me dizer se a forcçarem.

— N-não... está certo... mas é como eu disse, seu Henrique... só pra pessoas de categoria feito o senhor...

— Eu não sei se sou ou não de categoria, Antunes, o que sei é que eu quero a Lilica pra mim. Só pra mim. E nada de fazer perguntas a ela. Você agora vai passar a respeitar sua filha.

E segurando-lhe o braço com força:

— Coma as outras, a que está em casa, as que já arrumaram marido se elas quiserem, enfim, trepe com quem você quiser, mas não ouse tocar na Lilica outra vez — e metendo a mão no bolso lhe estendi uma nota.

— Mas estamos de acordo, seu Henrique — disse ele arrebatando a cédula e fazendo-a desaparecer no bolso da calça —, estamos de acordo! O senhor nem precisa se preocupar. Ora, uma pessoa de categoria feito o senhor...!

— Lembre-se: a Lilica vai me contar tudo, se for obrigada a qualquer coisa. E tem mais: se respeitar o acordo, só tem a ganhar comigo. Se não respeitar, só tem a perder.

— Não! Está certo, o senhor é quem manda! Eu sou sujeito homem! Tem a minha palavra.

— Tem mais uma coisa: nada de querer saber o que aconteceu aqui hoje. É coisa nossa, minha e da Lilica, entendeu?

— Pode estar descansado, seu Henrique...

— Privacidade, entendeu bem?, é o que quero.

— ...que eu não sou curioso! Assunto seu não é da minha conta. E digo mais: ninguém lá em casa vai perguntar nada pra ela, que eu mesmo vou proibir.

— Então estamos acertados. Espere aqui mesmo, que eu vou preparar a menina.

Entrei outra vez e vi que Lilica acabara de acordar. Fechei a porta, “seu pai está aí fora, esperando por você” eu disse, e apanhando a bonequinha de bronze entreguei-a a ela.

— Você quer vir aqui outra vez? — perguntei. — No próximo sábado, como hoje. Se quiser, prometo que vamos nos divertir muito.

Sentara-me no chão, junto dela, que permanecia no sofá e me olhava com curiosidade. Como fazê-la compreender que não devia mais deixar que o pai lhe tocasse o corpo, e que se isso acontecesse ela deveria falar-me sem qualquer reserva? Que voltas eu dei para que Lilica entendesse que deveria proteger-se, e que ao ser trazida à minha casa aos sábados estaria segura e nada lhe aconteceria! Era mais difícil porque, depois das horas em que estivéramos juntos de maneira inocente, recordar-lhe a razão por que viera — já que decerto fora instruída pelo pai como comportar-se quando “isso” e “aquilo” acontecesse — poderia deixá-la confusa e envergonhada. Dei mais voltas para que ela percebesse a importância de não comentar com ninguém, “nem mesmo com sua mãe e suas irmãs”, como havia sido a tarde em minha casa, o que havíamos feito, o que conversáramos, e me promettesse guardar reserva de tudo... Ao fim a menina pareceu compreender, e quando, após tê-la entregue ao pai, ambos já se retiravam corredor afora, ainda a vi abraçando a bonequinha de bronze ao voltar-se do primeiro degrau e acenar-me com um sorriso.

Uma pergunta, contudo, começou a verrumar-me a cabeça a partir de então: não estaria eu sendo tolo em acreditar que a menina pudesse ser recuperada?

Quando tal pergunta me ocorreu — nesses mesmos termos — eu me sobressaltei: então seria aquilo o que eu pretendia? Recuperar a moleca, salvá-la do pai e quem sabe de outros e nem ao menos “aproveitar”? Na véspera, quando eu mandara que o Antunes levasse a Lilica até minha casa, ao mes-

mo tempo entregando-lhe a quantia estipulada, eu, em minha confusão, me lembrava da ranhentazinha miúda e suja da antevéspera, do corpinho magro, das pernas finas, e aquilo me parecera uma mistura de desejo e curiosidade, conquanto eu não pudesse falar nem numa coisa, nem noutra.

Em algum momento, mesmo em meu inconsciente, eu cogitara em tocar a moleca, despi-la, experimentá-la, enfim, sem meias palavras, em “botar na frente e atrás” como o Antunes havia dito que fizera?

Eu não tinha uma resposta clara. Não tinha resposta alguma. Mas à lembrança das palavras do Antunes, “a menina gosta!”, comecei por me tachar de tolo e estúpido: ainda que eu não quisesse nada com uma criança como aquela, uma coisa era certa: a ranhentazinha não era nada boba, bobo seria eu se acreditasse em sua inocência.

“Estúpido! Cheio de dedos com a moleca! Cheio de ‘efes’ e ‘erres’ para fazê-la compreender certas coisas, achando que acabaria por deixá-la retraída!... Mas que estúpido!”

Minha história com Lilica estava apenas começando.

## 28. Todas as safadezas do mundo. O tio Francisquinho

*“Foi com Manuela que eu me iniciei. Eu tinha catorze anos e era virgem, e não apenas virgem: não passava de um boboca que se assustava com mulher. A presença de uma garota bonita era suficiente para deixar-me inquieto, bisonho, sem saber o que fazer das mãos; se a garota por acaso falasse comigo... aí eu quase entrava em pânico, respondia de forma atabalhoada e procurava escafelder-me. Quem me lê poderá perguntar: se você era assim, como arranjou coragem para ir à casa da pretinha? Ora, como foi dito, eu não sabia o que fora fazer lá! Na véspera uma idéia fizera cócegas na minha cabeça, e essa idéia era única e exclusivamente a de ir até lá e dizer que sabia do namoro dela com meu tio, porém em momento algum passara-me pela cabeça que fosse acontecer o que aconteceu!”*

*“No começo da adolescência era assim: eu não conseguia aproximar-me de nenhuma garota com medo da reação que pudessem ter diante da minha investida... olhava as pernas das meninas na aula de ginástica ou ficava perto da escadaria do colégio para espiar debaixo de suas saias quando subiam... sim, eu tinha pânico de meter-me com elas, mas era um tanto abusado ao agir às escondidas, e nunca deixava perceberem que as espiava junto à escada; como eu fosse muito reservado, jamais desconfiavam... depois de espiá-las ia para o banheiro e tocava-me... de início não sabia muito bem o que fazer; ninguém me ensinou como fazer; apenas tocava meu piruzinho duro, acariciava-o... apertava-o até doer para desfazer aquele inchaço que eu mesmo provocara mas que agora já se tornava incômodo... e foi por acaso que ejaculei certa vez. Fiquei maravilhado, e agora que descobrira o método procurava excitar-me olhando as*

pernas das meninas, a bunda das meninas que passavam com seu gingado de quadris... mas continuava sem coragem de aproximar-me. E se elas rissem na minha cara?, eu pensava, com que vergonha iria ficar! Não, aproximar-me estava fora de cogitação...

“Eu me apaixonei pela primeira vez aos treze anos; foi cerca de duas semanas depois do meu aniversário que conheci Marcele, transferida para o meu colégio — e a minha classe — no começo do segundo bimestre, e bastou vê-la uma única vez para incendiar-me por dentro um sentimento do qual até então eu não fazia a menor idéia. Durante o resto da manhã não consegui concentrar-me nas aulas: só tinha olhos para aquele anjo loiro de olhos azuis sentado duas fileiras à minha frente, na carteira do lado esquerdo, que eu admirava com um assombro e um deslumbramento que não é possível descrever sem recair nos lugares comuns de sempre. Marcele não chegava a ser um ano mais velha que eu e era só um tiquinho mais alta; magra, tinha as pernas longas e afiladas, e mãos muito alvas de dedos finos com as unhas cuidadosamente feitas, nas quais usava sempre esmaltes de cores quentes. O rosto era ligeiramente ovalado, o nariz pequeno, e a boca de lábios carnudos sobressaía-se naturalmente na alvura das faces sem a necessidade de ser realçada com batom, que não usava, e quando sorria destacavam-se dos incisivos grandes e perfeitos os caninos algo pontiagudos que a transformavam numa linda vampirazinha que mais fazia meu coração bater descompassado. Ao longo dos dias, das semanas, meu amor por Marcele cresceu desmedidamente a ponto de eu chegar a emagrecer: perdi o apetite, ganhei olheiras e até minhas notas escolares despencaram. Pergunto-me se todo garoto se apaixona assim, se vê na menina amada um ser perfeito e ímpoluto que passa pela Terra sem se macular com a imundície do mundo, mas era mesmo desse jeito que eu me apaixonara e não seria de outra forma que eu via Marcele em meus sonhos acordados, durante os quais não havia lugar para pensamentos impuros: rolava à noite na cama, insone, durante horas nas quais eu não me tocava e meu peruzinho permanecia adormecido apesar de todos os demais sentidos estarem alertas. Punha-me então a articular mil estratégias por meio dos quais eu pudesse fazê-la saber o que se passava comigo, dar-lhe a conhecer minha veneração, e nesses momentos parecia-me perfeitamente plausível aproximar-me dela, convidá-la para tomar um sorvete na cantina e ali declarar o meu amor; em minhas elucubrações Marcele mostrava-se encantada com minha declaração e admitia ter gostado de mim desde o primeiro dia de aula, alegando que não falara comigo por timidez, mas que aceitava ser minha namorada até o fim dos tempos se eu de fato a quisesse... Na manhã seguinte, porém, todas as minhas fantasias se reduziam a zero quando a via entrar em sala, ocupar sua carteira, falar a todos com muito desembaraço e ignorar solenemente minha presença ínfima e diminuta duas fileiras atrás. Então eu me dava conta de que nunca teria coragem de declarar-me, e se por acaso o fizesse ela simplesmente daria uma risada na minha cara, talvez até me chamasse de

*fedelho, ‘não se enxerga não, fedelho?’ ouvi-la-ia dizer; baixando em seguida a cabeça rubro de vergonha. De que maneira, dizia comigo então, já impossível esquivar-me à crua realidade, de que maneira uma menina como Marcele poderia olhar com algum interesse para mim, um garoto miúdo, desenxabido e bobo? Eu estava condenado — reconhecia, enquanto furtivamente a admirava uma vez mais debruçada sobre o caderno, os cabelos quase ocultando-lhe o rosto, a mãozinha ágil escrevendo a matéria que o professor ditava —; eu estava, portanto, condenado a amargar meu amor sem remédio pelo resto da vida, pois Marcele jamais prestaria atenção no fedelho que eu era, e um dia quando se tornasse adulta seria sempre aquela criatura de beleza transcendente que onde passasse encantaria a todos, enquanto que eu... e, apanhando subrepticiamente no fundo da pasta um espelhinho que costumava carregar para onde fosse, dava de relance uma espiada em minha cara ridícula e, prevendo que nem com o tempo havia chances de melhorar; sentia-me dominado pelo desânimo.*

*“Marcele nunca há de ser minha” eu admitia em certos momentos enquanto, desolado, voltava a pé para casa escolhendo o percurso mais longo e assim demorar mais a chegar; pois aqueles eram dias em que até estar em casa aborrecia-me, e chutava com raiva a primeira pedra ao alcance do meu pé, desejando espatifar com ela em mil pedaços qualquer vidraça que estivesse pela frente. Noutros momentos, porém, decidia-me a não desistir de Marcele tão facilmente; meu quixotesco amor descobria, sabe-se lá por que voltas do pensamento, um artifício, um caminho que me conduzisse direto ao coração da minha diva tobo-sina, e entre certezas e incertezas meu coraçãozinho juvenil oscilava.*

*“Isso até um dia que... Bem, foi num dia em que eu saí mais tarde de casa, me atrasei, e o porteiro do colégio só me deixou entrar por conhecer meu pai e ter-lhe estima. Todas as classes já estavam em aula, mas eu precisava ir ao banheiro com urgência e quando passei defronte a porta do banheiro feminino deu-me na telha entrar para ver como era... Não que eu não soubesse, banheiros são sempre iguais, pelo menos quase iguais, mas curiosidade é coisa que nem sempre se explica pelo bom-senso. Hoje eu penso que talvez me deixasse subjugar pela idéia do ‘mistério feminino’, à época uma noção muito vaga para mim, que eu associava a qualquer coisa de reservado e até mesmo de proibido que existisse em relação às garotas, como se elas vivessem num mundo à parte ao qual meninos não fossem admitidos... Hoje eu compreendo que o ‘mistério feminino’ na verdade não existe... o único ‘mistério’ que de fato existe sobre as mulheres é que elas fedem... só isso... se não lavarem bem a xoxota, o cheiro de um dia para o outro fica horrível... esse é o grande segredo, o grande ‘mistério feminino’: fartum de bacalhau e, às vezes, de queijo Roquefort na xereca... ora bolas!... Mas naquela idade o sex appeal feminino exercia sobre mim um poder de sedução que eu não compreendia e do qual não tinha mais que umas noções muito vagas, e o banheiro das meninas naquela hora, talvez por esse motivo,*

chamou-me a atenção — coisa de estalo e de oportunidade que me acontecia pela primeira vez: não havia ninguém nos corredores, o colégio estava em silêncio (escutava-se quando muito o zunzum distante que provinha das classes em aula)... e a porta do banheiro feminino bem à minha frente... por que não entrar?... Imaginei que as meninas rabiscassem ‘coisas’ no azulejo das paredes, pois no banheiro dos meninos pequenas indecências apareciam escritas a lápis ou a caneta, desenhos e versinhos obscenos, recadinhos amorosos para alguma professora boazuda ou para as alunas mais velhas do segundo grau, que jamais tomariam conhecimento dessas mensagens aflitas de adolescentes punheteiros, fazendo a mulher da limpeza reclamar da ‘falta de compostura dessa molecada’... Então avancei, parei no limiar e ainda hesitei um pouco... olhei em volta para ter certeza de que ninguém estaria por ali espreitando-me... certo é que enquanto hesitava ouvi dentro do banheiro um leve rumor; uma espécie de arquejo, mas não poderia supor o que fosse... de qualquer forma o arquejo, como que sufocado, em vez de espantar-me e supondo alguém me fizesse recuar, atizou-me mais a curiosidade... então me decidi e entrei... e me deparei com Marcelle — meu anjo loiro, a menina dos meus devaneios, dentre todas a mais linda e pura — de joelhos chupando o pinto de um marmanjo do oitavo ano, e pior; um preto beijudo feio de doer que, de pé à sua frente, abaixara as calças à altura das coxas... Senti um baque por dentro que me deixou plantado e sem ação no mesmo lugar. Marcelle abocanhava o pau do garoto com tal voracidade que era como se o quisesse engolir... como se houvesse de súbito encontrado um churrasco de lingüiça depois de um jejum de semanas... Que puta! Por um breve momento fixei as mãos alvas de Marcelle segurando com força o pau preto do moleque e puxando-o para si como que para apossar-se dele, nas unhas pintadas de vermelho o reflexo da luz que entrava pelo basculante... Fiquei imóvel olhando-os, que me encararam surpresos com minha inesperada aparição... o molecão assustou-se de verdade pois ajeitou-se rapidamente e saiu quase correndo do banheiro; ela, contudo, manteve-se tranqüila e sorriu para mim, ‘estou te reconhecendo’ disse, ‘você é da minha sala, não é? Senta na fileira de trás’; eu continuava pasmo, vendo minha amada doce e pura converter-se de uma hora para outra numa vagabunda de quinta categoria, ‘quer que eu faça em você também? Eu faço’ ela disse, ‘você é bem bonitinho e deve ter um caralhinho delicioso, vem’ e veio na minha direção... então eu recuei desmorteado tropeçando nos próprios pés, já fora do banheiro dei asas às pernas, voei corredor afora e entrei esbaforido na sala... Passados uns quinze minutos Marcelle apareceu desculpando-se com a professora pelo atraso, mas sem dar qualquer justificativa, e foi ocupar seu lugar de sempre como se nada tivesse acontecido. O máximo que fez foi olhar de esguelha na minha direção com seu sorriso angelical... Eu era um garoto bobo aos treze anos, bobo e apaixonado que acabara de sofrer sua primeira desilusão amorosa... A partir desse dia o encantamento que sentira por Marcelle se desfez por completo, já não me importava com sua presença e nos



ignorávamos inteiramente: eu já não a contemplava com o mesmo enlevo de antes, aliás melhor seria dizer que deixara de olhar para ela devido a um certo sentimento de repugnância, e ela, mesmo sem nunca se mostrar envergonhada pelo que eu havia presenciado naquela manhã, nunca se dirigiu a mim e tampouco mostrava perceber minha presença em sala. No final do ano letivo Marcelle mudou de colégio e não a vi mais. No entanto, mesmo depois dessa decepção não deixei ainda por um bom tempo de ser aquele moleque bisonho que tinha medo das meninas, por isso, quando me decidi a ir à casa de Manuela naquela noite, sabendo que lá não encontraria meu tio, não o fiz com segundas intenções.

“Manuela deu-me uma lição inesperada, fez-me entrar naquele mundo desconhecido que tanto encheu-me de pavor quanto de prazer; e a partir daquela noite ela se revezava entre mim e meu tio. Acostumara-se a chamar-me ‘o seu pirralho’, e exibia-me seu corpo dançando para mim enquanto se despiá ao som de um sambinha que punha a tocar baixinho no 3-em-1: eu ficava sentado no sofá admirando seu molejo, o jeito como ora se aproximava quase esfregando os pêlos da boceta em minha cara, e como ora se afastava empinando o traseiro redondo, não muito volumoso mas de formas harmoniosas, sob a luz do teto o corpo nu, a pele reluzente de mulher negra... até que ela mesma vinha e me despiá, e pondo-me nu continuava sua dança, suas negaças, ia e vinha contorcendo-se e rindo para mim com seus dentes grandes e brancos... até que finalmente sentava-se em meu colo...

“Dois anos mais tarde, já enfasiado da pretinha, eu lhe disse que havia começado a namorar uma menina de minha classe e que por isso não nos encontraríamos mais, ‘não quero magoar a garota’ menti, pois não havia garota nenhuma. Manuela choramingou um pouco, pediu que fosse vê-la pelo menos de vez em quando, eu fiz que sim, fiz que não, deixei a indecisão no ar; dei-lhe um beijo de despedida e não botei mais os pés em sua casa. Meu tio, que jamais desconfiara da ‘vida dupla’ da amante, continuou com ela anos afora. Porém, não tenho dúvida de que a safadinha manteve sempre e mantém ainda uma ‘vida dupla’.

“Mas depois de Manuela eu perderei o medo, a vergonha, e aos dezesseis anos — lembrando vez por outra de Marcelle e tirando daquela experiência uma valiosa lição — já me metia com as alunas mais safadas da escola, que mais parecia um puteiro do que uma instituição de ensino... as meninas eram todas putas, eu percebia agora... pelo menos a maioria; e os moleques mais velhos, eu entre eles, aproveitavam... Mas não apenas os moleques mais velhos, os professores também: o colégio inteiro era um prostíbulo... na moita, está visto, que nenhum professor saía bolinando as alunas em público... para não dar na vista... Havia lá por exemplo duas irmãs, uma de catorze, outra de quinze, que vez em quando eram convocadas à sala do diretor. Ninguém desconfiava de nada porque as duas iam juntas, mas uma vez dentro da sala, trancada a porta, as duas se revezavam em chupar o diretor... essas duas logo se tornaram

famosas, não, é claro, por chuparem o diretor; mas por se esfregarem com a molecada mais velha no matagal que havia nos fundos do pátio — embora não fossem as únicas, a maioria fazia o mesmo —, e foi assim que fiquei sabendo da história com o diretor: certo dia levei uma delas para o matagal e ela me contou tudo. ‘Eu e minha irmã’ gabava-se a ordinária, e a irmã confirmou tudo quando a levei também para o matagal. Mas o caso com os professores era mais discreto, a coisa corria na surdina como devia ser; uma espécie de segredo que porém todos conheciam: as garotas trocavam a xoxota por notas nas provas, e um professor de História veado ia prum motelzinho não muito distante com os garotos mais bem dotados... cada dia com um... em véspera de prova fazia correr um papelzinho com os temas que iam cair e aqueles garotos tiravam sempre as notas mais altas... menos eu, que jamais aceitaria uma coisa assim: o professor era muito magro e feio, a bunda seca, e tinha bigodes. Aliás, quando vejo dois veados juntos pergunto-me se eles não sentem nojo de esfregarem os bigodes, de lamberem um o cu do outro, imagem que me causa engulhos — sem nenhum exagero —, e foi isso que perguntei pra um garoto do segundo ano. O safado explicou-me na maior pachorra que não tinha beijo não, o professor de História arriava as calças e pronto. Como se vê, eu ainda não estava maduro, ainda bobeava... mas mesmo assim, com beijo ou sem beijo eu não me submeteria, preferiria ser reprovado, o que não aconteceu por eu dedicar uma atenção especial às aulas de História...

“Não demorou, passei a envolver-me com prostitutas... Eu já estava para completar dezessete, as colegas de classe continuavam safadinhas, dando pra todo mundo, galinhas refinadas, mas eu escutava histórias de bordel e resolvi conhecer... não vi porém nada de especial, sexo pago e com os minutos contados no relógio não tinha graça e logo me desencantei. Porém na minha rua, a uns quinhentos metros de casa, morava uma puta que fazia a vida na Rua Senador Dantas... era uma jovem de seus vinte anos... toda tardinha saía da quitinete onde morava e ia para seu expediente... foi então que me envolvi com ela... de mim ela não cobrava nem marcava o tempo, dizia gostar de mim e não se sentir à vontade cobrando, mas vez por outra, podendo, deixava-lhe um agrado... aliás, sobre isso — que deu pano pra muita manga — ainda terei coisas a dizer; e não poucas; meus pais sabiam que eu costumava freqüentar-lhe a casa; não descobriram por si mesmos, foi uma vizinha linguaruda que lhes foi contar as minhas estripulias... a vaca deve ter-me visto entrar lá e foi dar com a língua nos dentes... E o filho metido com uma piranha de programa era algo vergonhoso demais, que afrontava o catolicismo requentado dos velhos... Aos olhos conservadores de meu pai — e também de minha mãe em seu mutismo punitivo — eu era um delinqüente, não sendo capazes os dois de perceber que eu já a essa altura não gostava mais de viver e só o fazia por obrigação.

“Ninguém em minha casa — e aqui incluo a noiva de meu irmão, que já se considerava também de casa — chegaria ao menos a suspeitar de que meu jeito

*largado refletia tão só o fastio com a vida... eu, que me perguntava como eles podiam agarrar-se a uma existência tão estreita... Não se cansava meu pai de seu emprego numa grande rede de lojas, em que era apenas o sub-gerente de uma das filiais menores? Não se cansava minha mãe de sua boca costurada e de não ser mais que uma reles dona-de-casa que passava os dias em arrumações daqui e de acolá sempre à espera do marido, que chegaria à noitinha com sua maleta, uma sacola de pão e o caralho mole dentro das calças, pois era certo que já não fodiam há anos? E meu irmão? Então eu não via que ele — com seu bom comportamento — não faria outra coisa além de seguir-lhes os passos nessa mediocridade esterilizante?... E afinal, será que não se cansaria ele um dia do rabo da mulher e não procuraria outro?*

*“Era então com uma satisfação perversa que eu me lembrava de que meu pai, quando me dizia ‘veja seu irmão’, minha mãe secundando-o com sua censura silenciosa sublinhada por uns olhares longos e decepcionados, enganava-se (enganavam-se) redondamente a respeito dele, pois certamente o velho jamais botaria na bunda de minha mãe, e esta jamais o permitiria mesmo que ele quisesse, daí não imaginarem nunca que meu irmão, aquele modelo de virtudes, e a encantadora noivinha, um verdadeiro pompom de graça e pureza, fizessem aquilo. Meus pais eram tão arcaicos, tão antiquados, que decerto na época em que ainda trepavam tiravam a roupa no escuro, evitavam carícias pois afinal o pau não é para ser tocado mas apenas para entrar na xoxota, e controlariam os gemidos, não apenas para que não fossem ouvidos pelos filhos, mas porque gemer em demasia talvez conferisse ao ato um certo ar de devassidão que devia ser evitado.*

*“Talvez eu esteja sendo sarcástico e até cruel, mas é preciso que a polícia, quando ler esta carta, compreenda por que decidi morrer.*

*“Pra dizer tudo, saí de casa não só aborrecido com meus pais — com meu pai por viver reprovando-me e comparando-me com meu irmão, o ‘bonzinho’, o ‘certinho’; com minha mãe por tão só encarar-me com um ar de censura condescendente em apoio moral a meu pai; creio que, mesmo correndo o risco de ser injusto, irritei-me muito mais com meu irmão, justamente quem nunca dizia nada, nem sequer olhava para mim nessas horas, pois quando meu pai dizia aquela frase odiosa — ‘veja seu irmão’ — e suas variantes, fazia-o por vê-lo por perto e querer que ele soubesse que o pai o estava elogiando, aprovando-o inteiramente, premiando-o com minha condenação, mas meu irmão fazia que não era com ele e saía alegando uma urgência qualquer; apanhar um livro que deixara no quarto, ir ao banheiro cagar; sei lá... E no entanto irritou-me essa comparação constante a tal ponto que quando peguei minhas tralhas e me mudei para cá não disse nada a ninguém, nem mesmo respondi a meu irmão que me perguntou ‘vai viajar?’ ao entrar no quarto e ver que eu arrumava a mala... Não lhe respondi, apenas bufei e movi a cabeça de um jeito indefinível, acabei de arrumar a mala, enfiei-a debaixo da cama e deitei-me em seguida.*

*Na manhã seguinte saí de casa muito cedo, sem deixar bilhete nem ser visto por ninguém, meti-me num coletivo para o inferno, isto é, para o centro da cidade, e passei o dia procurando um lugar para ficar; até dar com esse apartamentozinho vago, que me pareceu ótimo para meu propósito: razoavelmente distante de casa — seguramente uma hora de ônibus —, de forma que minha completa ausência, o inteiro silêncio que eu pretendia impingir-lhes deveria saber-lhes a uma revanche...*

*“Eu não era um completo vagabundo como meu pai gostava de fazer crer a todo mundo, na verdade nunca fora. Se o ‘certinho’ do meu irmão começara a trabalhar cedo, a mostrar-se responsável e adulto, eu tampouco estive a flunar por aí: ainda adolescente aprendera a mexer tanto com eletrodomésticos quanto com eletrônicos, tinha facilidade para aprender e bastava abrir um aparelho e examiná-lo com cuidado para compreender sem demora seu funcionamento. Os eletrodomésticos eram mais simples, os eletrônicos exigiram de mim um aprendizado numa oficina que havia no centro e admitia novatos sem remuneração, apenas a título de ensinar; e minha permanência na casa entre os quinze e os dezessete anos foi suficiente para que em pouco eu dominasse qualquer aparelho, desde os mais simples aos mais sofisticados, e por fim nem mesmo aquelas folhas repletas de diagramas contendo o esquema dos circuitos representavam mais mistério para mim.*

*“Assim sendo, bem antes de completar dezoito anos já tinha meu próprio ganho como conserta-tudo, e como fosse econômico — apesar de meu pai tachar-me sempre de estróina, irresponsável, desajuizado — pude fazer o que fiz — sair de casa de uma hora pra outra e sem dar qualquer explicação —, pois tinha como manter-me sozinho; o que em verdade deixava meu pai indignado era o fato de eu ter abandonado a igreja, levar uma vida independente e indisciplinada demais mesmo quando menor de idade até começar; a partir dos dezoito anos, a meter-me em confusões e embriagar-me, passar noites na rua e chegar em casa ao alvorecer sujo, alcoolizado e fedendo, às vezes machucado... aliás, sobre isso há duas ou três palavras a serem ditas para que entendam melhor meu comportamento...*

*“O período de arruaças em minha juventude foi mais ou menos breve, durou dos dezoito anos até a data de minha mudança: a partir do dia em que me vi neste apartamento, finalmente dono de um canto meu e não tendo de dar nenhuma satisfação de minha vida a filho-da-puta nenhum (o que já acontecia em casa de meus pais, mas lá eu não podia evitar as recriminações de seu Barbosa e o olhar de piedade reprovativa de dona Elvina), abandonei a esbórnia sem qualquer pesar; e isso porque a vida dissoluta que eu levei durante aqueles dois anos não foi tanto por prazer da bagunça, não se devia a uma irreversível subversão dos costumes: eu agia daquela forma para ‘atacar’ a família, contestar da maneira mais veemente possível seus valores tacanhos, reagir aos seus preconceitos antiquados. Mas agora que eu estava sozinho e era o dono do meu*

*pedaço, cumpria dedicar-me a 'levar a vida', ou como se diz: a 'correr atrás', em uma palavra, a ganhar dinheiro, e a principal mudança para mim foi dar-me conta de uma vez por todas do que valia a minha independência e do quanto podia proporcionar-me, dentre tudo a tranqüilidade de não ter de ouvir cobranças, resmungações e citações de exemplo, 'mire-se no seu irmão', esta sem dúvida a melhor de todas.*

*"Mas esse período de arruaças deveu-se também a um acontecimento que marcou minha vida aos dezessete anos. Foi nessa época que eu conheci tio Francisquinho, um irmão de minha mãe desaparecido havia quase trinta anos, de maneira que não só eu não o conhecia como também somente ouvira seu nome raras vezes e mesmo assim quando mamãe, num suspiro, declarava não ter mais esperanças de vê-lo, 'já deve ter morrido, coitado'.*

*"Certo dia, pelo finzinho da tarde, ouvi baterem palmas no portão e quando espiei pela janela da sala avistei de pé na calçada um homem magro, alto, vestido como um quase indigente, conquanto parecesse limpo; usava um chapéu desses de sola muito gasto e amassado, de cor indefinida entre o cinzento e o terra, tinha a barba por fazer; o rosto anguloso e ossudo, boca pequena de lábios finos com os cantos caídos e os olhos eram os de uma pessoa desencantada com o mundo. No chão, aos seus pés, a mala, nem grande nem pequena, encardida e com os cantos escalavrados.*

*"Bateu palmas pela segunda vez no instante em que minha mãe passou correndo em direção à porta num alvoroço pouco natural e saiu em disparada dizendo:*

*"— Francisquinho! Oh, meu Deus, é o Francisquinho!*

*"Naquela noite tivemos o tio Francisquinho à mesa.*

*"Pelo que já referi acerca do meu temperamento, já se presume que eu raramente sentava-me à mesa com o resto da família: meu pai, com seu ar de cristão falso, minha mãe com sua quietude submissa, meu irmão sempre limpinho e cheiroso e, de quebra, a noivinha, que já se sentia parte da mobília. Como nessa noite tínhamos o tio Francisquinho, e como ele me atiçasse a curiosidade, para espanto de papai — que não esperava tal concessão de minha parte e, quem sabe, já preparando para o dia seguinte um sermão, 'nem quando temos a presença de seu tio, que esteve desaparecido por mais de vinte anos! Nem assim!' já podia ouvi-lo reclamar; e lamento tê-lo decepcionado, pois estou certo de que poder atirar-me tal reprovação lhe daria um grande prazer —, surpresa de mamãe e indiferença de meu irmão e sua noivinha, com quem eu raramente trocava duas ou três palavras; nessa noite, portanto, eu também me aboletei à mesa depois de tomar banho e limpar as unhas (viera de uns concertos com os quais amealhara uns trocados mas sujara as mãos com óleo de máquina e graxa). Em homenagem ao visitante vesti uma camisa nova e penteiei os cabelos, o que arrancou de meu pai um olhar mais de curiosidade que de aprovação.*

*"Enfim a família estava composta para a grande novidade.*

*“Seu Barbosa reiterou sua satisfação em rever o cunhado depois de tanto tempo, ‘quantos anos mesmo, Francisquinho?’ ele perguntou, minha mãe respondendo pelo irmão ‘vinte e sete anos, não é Francisquinho? Vinte e sete anos de ausência!’, e explicou que se lembrava bem pois o irmão havia partido mais ou menos dois anos depois de seu casamento.*

*“Tio Francisquinho deteve o talher no prato e fez uma cara pensativa, olhando ligeiramente para cima, e assim permaneceu meio minuto, voltando a comer em seguida. Tinha um jeito tranqüilo, pausado, não falava com precipitação e só após mastigar bem e engolir, confirmou:*

*— Sim, vinte e sete anos.*

*“Disse essa frase como se com ela dissesse tudo, ou não tivesse mais nada a dizer. Voltou a comer, cortando a carne com cuidado em cubinhos que levava à boca com um comedimento de gestos que se poderia atribuir ao constrangimento de estar de volta e cair de supetão na casa da irmã; mas não era esse o motivo, já que aquele era mesmo o seu jeito natural.*

*— Mas, cunhado, agora que você já está em casa e conhece a família, sim, porque quando você partiu... Bem, fale-nos de você agora. Onde esteve, o que fez nesse tempo... Por acaso casou-se?*

*“Com economia de palavras tio Francisquinho explicou que resolvera partir por não se sentir mais em casa em sua própria casa, o que parece um contrasenso mas que encontrava um eco dentro de mim, seu sobrinho, coisa que no entanto preferi não referir naquele momento. Não se sentia mais em casa, era um jovem de vinte e cinco anos que nada tinha feito de útil até então, vivia quase às custas da família, que não o deixava seguir a vida à sua vontade teimando em vê-lo formado enquanto ele não tinha qualquer intenção de formar-se, ‘principalmente naquilo que nossos pais haviam escolhido para mim’ acrescentou voltando-se para minha mãe e falando do tempo perdido no curso de Direito e do aborrecimento com o estudo dos códigos de leis.*

*“Tio Francisquinho era o irmão único e mais velho de mamãe, que fora destinada ao lar da mesma forma que ele à advocacia. Ela, obediente, se casara com papai, católico praticante desde a juventude e inteiramente aprovado pelos pais da noiva que viam nele um exemplar chefe de família, acertando quanto a isso se considerarmos seu conceito de exemplaridade; tio Francisquinho, porém, rebelara-se: tinha vinte e cinco anos quando deixou a faculdade de Direito pela metade e saiu pelo mundo, não dando mais notícias. Não que tivesse saído às furtadelas, como um criminoso: certa noite, durante o jantar, anunciou que se havia desligado da universidade e, diante do olhar de pasmo dos pais, declarou que fizera as malas e partiria no dia seguinte. ‘Mas partir assim? E para onde?’ o pai quis saber; e tio Francisquinho respondeu apenas que para o mundo, e quando a mãe lhe perguntou o que o levava a tomar uma decisão que ia contra tudo que a família esperava dele, esclareceu que sua intenção era seguir justamente a favor de tudo aquilo que ele esperava de si mesmo. No dia seguinte*

*pediu benção aos pais, abraçaram-se na varanda, os três com o rosto banhado de lágrimas, e se foi. Minha mãe soube de sua partida mais tarde nesse mesmo dia e não conteve o pranto, recriminando-o por ter ido sem se despedir dela. Meu avô, homem pertinaz e nervoso, pareceu assimilar o golpe que o filho lhes desferira, mas tudo não passava de aparência: sua saúde desmoronou repentinamente dois anos depois — ou já vinha desmoronando durante esses dois anos sem que ele por orgulho o demonstrasse — e, após recolher-se ao leito, morreu no curto prazo de três meses, pouco depois de completar setenta anos. Minha avó, um ano mais nova, apesar do desgosto de perder o filho e depois o companheiro de sua vida, sobreviveu-lhe por década e meia, e para não estar só em sua casa viera, a instâncias de papai, para nossa casa. Mulher de fibra, durante todo esse tempo não se lastimou, raramente falava no filho desaparecido e quando o fazia era sem recriminação. Uma frase que lhe escapava vez a vez era que ‘ele está cumprindo seu destino’, concluindo com um suspiro prolongado e seco, pois não tinha o hábito de chorar. Eu não guardo nítida lembrança de minha avó materna, recordo-me apenas da velhinha mansa e sossegada que se reclinava na cadeira de balanço da varanda para fazer crochê e ali passava longas horas em silêncio tecendo seus últimos anos nas linhas coloridas daquelas pequenas peças que saíam de sua agulha laboriosa e que, preservadas com o cuidado que se dedica a uma relíquia, ainda enfeitavam os móveis de nossa casa. Eu tinha sete anos quando ela morreu, ali mesmo na cadeira de balanço da varanda, fechando os olhos como que para um cochilo numa tarde morna de outubro, no colo uma toalhinha de renda inacabada...*

*“Minha mãe referiu esses acontecimentos à mesa tendo o cuidado de escolher palavras que não fizessem supor uma censura. Tio Francisquinho ouviu imperturbável o relato de mamãe acerca da morte dos pais, e quando se fez outra vez silêncio à mesa permaneceu calado durante um longo momento, ao fim do qual moveu a cabeça numa anuência vagarosa, depôs o talher e levou o guardanapo aos lábios. Seus olhos não encontravam os de nenhum de nós, olhava para o centro da mesa mantendo o busto ereto e as mãos no colo.*

*“— Eles me deram a vida — disse por fim —, não ma emprestaram. Se era minha, eu tinha de fazer dela o que quisesse, ainda que não lhes agradasse. Foi o que fiz.*

*“Estávamos curiosos para saber onde ele estivera por tanto tempo, o que havia feito, por que não dera qualquer notícia, mas tio Francisquinho fora econômico também em seu relato, e se eu fiquei sabendo de coisas a ponto de compreender melhor seu pensamento e o que ele viveu naqueles vinte e sete anos foi porque houve entre nós uma identificação que não aconteceu entre ele e os demais: meu irmão seguia a cartilha de papai, que tio Francisquinho em sua desilusão com o mundo parecia não aprovar; a noivinha, estranha para ele, era pessoa com quem meu tio não se entrosaria por essa simples razão, não ser da família, e minha mãe, a irmã, portanto a pessoa mais íntima, não parecia capaz de*

compreendê-lo e apesar do cuidado com as palavras não fora suficientemente hábil para evitar um tom de reprovação ao dizer desapercivelmente que ‘você poderia pelo menos ter concluído o curso de Direito, meu irmão, isso faria os velhos felizes’. Tal frase, inocente em sua aparência, significava no entanto que os pais foram infelizes por culpa dele, que o pai morrera de desgosto e a mãe carregara aquela mágoa pelo resto da vida. No momento em que dona Elvina disse tais palavras tio Francisquinho não reagiu, nenhum traço de seu rosto se alterou, mas alguns dias depois, entrando na sala de repente e sem ser percebida, mamãe deparou com o irmão examinando com atenção uma das toalhinhas de crochê que vovó tecera em seus últimos anos; depois tio Francisquinho levou a toalhinha ao rosto e assim esteve por algum tempo como se com aquilo pudesse sentir mais a presença da mãe na sala; ao voltar-se e dar com minha mãe ali observando-o, sorriu para disfarçar os olhos lacrimosos e fez um elogio piedoso, ‘é, Elvina, mamãe era mesmo hábil nessas coisas’.

“Ao fim do jantar tio Francisquinho disse com sua natural tranqüilidade mas sem qualquer reboço:

“— Gostaria de passar a noite aqui, mas não pretendo incomodar. Saltei na rodoviária e vim direto para cá, mas amanhã irei procurar uma pousada. Além do mais ficarei pouco tempo na cidade.

“Meus pais se olharam surpresos, ‘mas que é isso, Francisquinho!’ exclamou papai, ‘você está em sua casa, aqui você não é hóspede’, minha mãe acrescentando ‘tanto tempo ausente, e pretende nos deixar de novo!’, meu pai voltando ao ataque ‘e há acomodações, a casa é grande, você ficará no seu quarto, terá toda privacidade, e não interferirá na nossa, se é isso que o preocupa!’. Tio Francisquinho olhou para um, para o outro, curvou a cabeça como se meditasse, levantou-a de novo:

“— Se não for para incomodar...

“Ficou conosco.

“Tio Francisquinho mostrou-se interessado a meu respeito, decerto reconhecendo em mim uma continuação sua, como seu eu fosse seu filho e não de sua irmã, pois éramos parecidos, até mesmo na bronquite que o atacava de vez em quando, e eu não pude deixar de ver naquele homem o pai que eu gostaria de ter. Em seus vinte e sete anos de ausência tio Francisquinho correra o mundo e em seu périplo conheceu o horror que acompanha o ser humano em todos os lugares, de forma que, como ele me disse certa noite em que saíramos juntos para beber, ‘onde quer que se vá, meu sobrinho, tudo que nos parece novidade não é mais que um disfarce que ainda não tínhamos visto para a verdadeira, miserável e corriqueira condição humana’.

“Tio Francisquinho chegara em nossa casa trazendo apenas uma única mala que era toda sua bagagem, e nela poucas mudas de roupa, os documentos protegidos dentro de um saco plástico, um caderninho de anotações, dois ou três livros, só. Tinha o hábito de ler antes de dormir; fosse um romance, um livro de



*poesia ou de História, a biografia de alguém famoso, mas não guardava livros: por onde passava ia trocando ou vendendo os livros lidos nos sebos, pois para ele não fazia sentido carregar uma infinidade de tralhas consigo, e por essa razão não tinha quase nada de seu. Meu pai, alguns dias depois, com cautela para evitar um constrangimento, perguntou-lhe se ele dispunha de recursos, 'pois caso esteja precisando de algum' disse fazendo menção de levar a mão ao bolso, mas tio Francisquinho respondeu sem qualquer embaraço que tinha algum dinheiro guardado e que, além do mais, exercia sua profissão onde quer que estivesse. Meu pai olhou para ele com ar de dúvida mas não insistiu.*

*"Ao partir possuía completo domínio do inglês e do francês, e durante um bom tempo vivera de aulas particulares. Mas sua facilidade com idiomas o levou a estudar o italiano e o alemão, incluindo esses dois idiomas em seu currículo, de forma que o número de alunos triplicou. Dar aulas particulares de línguas não lhe permitia viver muito folgadoamente, mas era o suficiente para um homem sem ambições. Aos trinta anos vivia numa pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul e ali estabeleceu-se durante alguns anos como professor de idiomas, tornando-se muito conhecido e procurado. Casou-se depois de certo tempo com uma jovem por quem se apaixonara e parecia que sua vida se estabilizaria, porém sobreveio-lhe a tragédia: a jovem esposa morreu no parto do primeiro filho, que tio Francisquinho não criaria, pois ao olhar para a criança não conseguia evitar o pensamento de ter sido ela a responsável pela morte da mulher que amava. Deixou-a com os avós e partiu para não retornar. Aonde ia carregava sua dor; seu desencanto, dava aulas para manter-se mas tornara-se um andarilho, rolava como um galho decepado do tronco. Certa época decidiu conhecer a Europa, vagueou daqui pr'ali no velho mundo e a lembrança da mulher o seguiu, não mais como uma dor descontrolada mas na forma de uma saudade suave que o fazia adormecer em suas noites de solidão, e quando por acaso tinha entre os braços alguma namorada ocasional, ou mesmo uma prostituta em algum bordel, ainda era na esposa morta que pensava.*

*"Tio Francisquinho não alimentava esperanças: a aridez da vida, que lhe parecia despropositada, fizera dele um homem amargo, comedido e de poucas palavras que, nas vezes em que saíam juntos à noite para algum passeio pela cidade, sentava-se num bar e bebia sem excessos, fazendo questão de que eu o acompanhasse e contando-me um ou outro caso que nem chegava a ser uma aventura. Eu me pergunto se o seu desencanto decorria da perda da esposa e do seu lar destruído, ou se já seria algo latente que a perda tão só fizera revelar-se. Comigo não mencionou os pais, não demonstrou pesar pelo que havia feito e em nenhuma ocasião procurou justificar o fato de não mais ter dado qualquer notícia nem procurado saber acerca da família; não fosse o episódio com a toalhinha de crochê presenciado por minha mãe, poder-se-ia dizer que em seu coração não residia nenhum sentimento pela lembrança dos pais; quando conversávamos, perguntava-me sempre mais a meu respeito, não de forma insistente mas*

com uma habilidade que lhe era espontânea de ir tocando de mansinho no assunto e extraindo confissões sem que nenhum de nós percebesse, pois tratava-se de uma estratégia inconsciente. No fim, mostrava-se satisfeito com o que eu lhe contava. Falei-lhe de como aborrecera meus pais ao decidir que não frequentaria mais a igreja, de como meu pai me repreendia apesar de eu já ter meu ganho (eu já consertava coisas antes dos dezessete, tinha uma clientela pequena que, no entanto, ia se ampliando), falei-lhe de minhas poucas aventuras amorosas mas tive o cuidado de omitir certos fatos que decerto o desgostariam, e aos poucos e com algumas exceções fui pondo-o a par de minha vida. ‘Você puxou a mim’ disse certa vez, ‘e eu só posso dizer que deve prezar sempre sua independência e liberdade’.

“Tio Francisquinho dava-me a aprovação que eu gostaria de ter recebido de papai, não uma aprovação incondicional como se eu estivesse sempre certo — tanto que eu omitira coisas que o poderiam desgostar —, mas sincera, sobretudo sem recriminar-me aquilo que seria recriminável, ao contrário fazendo-me ver que talvez houvesse outro caminho, uma atitude diferente a adotar. De tio Francisquinho eu não esperaria jamais a frase ‘veja o exemplo de seu irmão’, mas sim ‘cuida dos teus passos, meu sobrinho, procure estar sempre certo acerca deles’. Não posso dizer que segui sempre suas orientações, mas penso que até mesmo quando não o fiz — e não o faço — estou de acordo com ele, sendo autenticamente o que sou: nem sempre certo, mas também nem sempre errado.

“Uma noite estávamos apenas os dois na varanda e conversávamos. (Aquilo parecia novo para os meus pais, pois de costume àquela hora eu estaria na rua ‘fazendo baderna’, embora na cabeça deles baderna era estar com um ou outro amigo ou em alguma paquera, porque o meu tempo de arruaças e badernas ainda não havia começado. Para o conservadorismo obtuso dos meus pais, um rapazola de dezesseis ou dezessete anos andar à noite pela rua significaria más companhias e ações perniciosas, pois ‘um moço religioso a essa hora deve estar em casa estudando’. Assim, durante a permanência de tio Francisquinho em nossa casa eu, no mais das vezes, ou saía em sua companhia, ou ficava a prosar com ele na varanda, às vezes no jardim, raramente saindo sozinho à noite. ‘Talvez a influência de Francisquinho sobre Henrique seja positiva’ ouvi certo dia dona Elvina comentar com seu Barbosa, e meu pai pareceu considerar por algum tempo o que ela havia dito. ‘Esperemos que sim’ ele disse, ‘mas não devemos ser muito otimistas quanto a isso não, pois pau que nasce torto... já se sabe’ e não foi capaz de uma palavra de aprovação.) Nessa noite eu falei com ele sobre o tédio de viver. Não usei essa expressão, disse apenas ‘às vezes, tio Francisquinho, eu não sei de que vale viver, pois tudo isso me cansa’, e embora eu não deixasse explícito a que aludia com ‘tudo isso’, ele compreendeu. ‘Na sua idade, meu sobrinho, eu sentia a mesma coisa. Era uma espécie de aridez por dentro que eu não saberia expor com palavras precisas, mas que se tivesse uma cor, seria cinzenta’, e suas palavras ficaram martelando meu pensamento por muitos dias.

*“Noutra ocasião eu falei de religião, de como eu não levava a sério a crença de meus pais e que, mesmo não descrendo de Deus, tinha para mim que Ele seria algo que as religiões não alcançavam e de Quem andariam muito distantes. Tio Francisquinho respondeu que Deus era apenas algo que as pessoas construíam para satisfazer a própria consciência. Alguns não precisam dEle, pois seus atos, bons ou maus, não os afetam, mas outros precisam desse escape, seja para punir-se de seus erros com um arrependimento nem sempre sincero, seja para acreditar num porvir luminoso’, e acabou deixando claro que Deus não poderia coexistir com o Mal, e como o Mal estava sempre presente, Deus não estaria. Também essa idéia martelou-me o pensamento por muitos dias, e eu por muito tempo me senti dividido (penso que a esse respeito até hoje me sinto indeciso e, ainda que propenso a acreditar na existência de Deus, não sei a que conclusão chegar acerca de tal questão).*

*“Mas o que mais me impressionou foi o que ele me disse em sua última noite em nossa casa, quatro meses depois de ter chegado: ‘Meu sobrinho, viver não faz qualquer sentido além daquele que você possa dar à vida. Depois daqui, não há mais nada, portanto tudo que você poderá encontrar será aqui mesmo. O que eu encontrei, perdi, e minha vida esvaziou. Acho que meu tempo também esvaziou’. Na manhã seguinte tio Francisquinho estava pendurado pelo pescoço num galho de árvore no fundo do quintal, a língua roxa pra fora da boca, os olhos esbugalhados, um dos sapatos caído na relva.”*

## 29. Um estranho sentimento

Uma pergunta que eu anticipo, e que aqueles que me lêem decerto estarão se fazendo, é se eu dispunha de recursos para bancar a Lilica como minha propriedade particular, como exigira do Antunes no primeiro sábado.

Eu vinha pensando nisso havia dias. Aliás, essa preocupação me ocorrera mesmo antes de eu pedir ao Antunes que levasse a menina a minha casa. Certo é que ele não me vendera a filha por nenhuma exorbitância — acostumado com pouco dinheiro, pois era outro que vivia de bicos feito eu, fizera um preço bastante módico pela garota —, mas sempre seria um capricho que para manter eu teria de desdobrar-me. Contava a meu favor o fato de não faltar-me boa clientela e andar sempre com algum dinheiro no bolso, e se não ganhava o suficiente para economizar com a frequência que eu gostaria, daria pelo menos para manter a diversão com a Lilica por algum tempo. Mas ao exigir do Antunes que ele não a oferecesse a mais ninguém, vale dizer, que ele não auferisse lucros de outras fontes, eu assumia um compromisso ao qual talvez não pudesse fazer frente, pois não era de duvidar que em tais circunstâncias o Antunes pretendesse um reajuste no preço de sua mercadoria, e embora ele não houvesse demonstrado tal intenção, esta era uma dificuldade da qual eu não podia esquecer-me

para não ser surpreendido. (Como ficará explícito, o Antunes não chegou mesmo a mercadejar a Lilica com mais ninguém além de mim, e as outras três mantivera apenas para si até cada uma arranjar-se com algum namorado e sair de casa.)

Um fato inesperado, contudo, viria em breve facilitar-me a vida, como a seu tempo veremos.

Fiquemos, por enquanto, com a visita de Lilica no sábado seguinte, ocasião em que não houve qualquer variação sobre o tema: por volta das duas o Antunes bateu à minha porta, entregou-me a filha lavada e brunida e se retirou, dizendo que viria apanhá-la duas ou três horas depois.

Como no sábado anterior, passamos a tarde de maneira inocente: primeiro levei Lilica para a cozinha, preparei chocolate, e ela se regalou com bolo e biscoitos; depois espantou-se, olhando quase sem acreditar quando lhe entreguei uma sacola e disse que experimentasse: havia na sacola roupas infantis — shortinhos *jeans*, vestidinhos, blusinhas de malha, além de dois ou três pares de calçado, uns tênis e umas sandalhinhas de couro que lhe ficaram muito bem. Durante aquela semana eu me dedicara a um passeio pelas lojas do centro a fim de escolher roupas para a Lilica (já que a miseravelzinha não tinha nada a não ser os trapinhos que vestia em casa e que certamente em sua maioria herdava de crianças mais velhas da Toca), descobrindo nessa brincadeira uma atividade estranhamente prazerosa; na véspera à noite ainda me detinha a examinar mais uma vez o que havia comprado — nada renquém, fizera questão de escolher o que havia de melhor, as boas *grifes* da moda, numa espécie de compromisso tácito com minha consciência e como se isso fizesse diferença para alguém que não tinha nada. Em seguida, dobrando tudo cuidadosamente, devolvi cada peça a sua embalagem.

Lilica experimentou peça por peça, trocando-se no banheiro e aparecendo na sala para exhibir-se num desfile encenado durante o qual caminhava feito uma pequena dama de um extremo ao outro do cômodo, finalizando com uma pirueta e um longo gesto com os braços, curvando-se aos meus aplausos. Nesses momentos ela ficava quase bonita, pelo menos graciosa, e escolhendo um vestidinho vermelho e uma blusinha branca para passar a tarde, veio dependurar-se em meu pescoço e eu a abracei sentindo a calidez de seu corpo, fixos nos meus seus olhos grandes e muito abertos que transpareciam a pura alegria.

Propôs-me jogarmos damas, e se divertia comendo-me as pedras que eu intencionalmente deixava expostas. Com o tempo Lilica tornou-se uma pequena jogadora bastante perspicaz, e então passou a comer-me pedras que, mesmo que eu não deixasse expostas, ela encontrava um meio de capturar com algumas jogadas de preparação bastante audaciosas.

Jogávamos a terceira ou quarta partida quando intencionalmente lhe fiz uma pergunta:

— Lilica, seu pai lhe disse alguma coisa? Quero dizer, algo que você deveria fazer quando estivesse aqui...

A garota, que havia tocado uma pedra para mover, manteve-a presa sob o dedo, interrompendo o gesto enquanto me olhava com seus olhos grandes e vivos:

— Não. Por quê?

— Não fez nenhuma recomendação?

Completo o lance, “sua vez” disse, e olhando-me novamente:

— Não, nenhuma.

— E na sua casa... suas irmãs... ou sua mãe... elas perguntaram o que fizemos durante a tarde, naquele dia?

— A Cristiele quis saber...

— E você?

— Eu não disse nada, e papai, que escutou ela perguntando, mandou que calasse a boca...

— Verdade?!

— É, verdade... disse que ninguém tinha que perguntar nada...

O Antunes me surpreendia: ainda que fosse exatamente isso que eu exigira dele, não tinha como certo que fosse atender-me, pelo menos não de maneira tão cabal como parecia ter sido, a deduzir do que Lilica acabara de contar-me.

— E você continuará mantendo segredo — eu insinuei.

— Sim — e lembrando-se do que havíamos combinado no sábado anterior: — Um segredo só nosso.

— Que bom, Lilica! — eu disse, sorrindo-lhe: — Que bom!

— Posso pegar água na geladeira?

— Pode. Tem refresco também, se preferir.

Lilica levantou-se e foi até a cozinha, ouvi-a remexer na geladeira, seguiu-se um tinido de copos, uma colherinha adoçando alguma coisa, e minutos depois retornou com dois copos de refresco.

— Um pra você — e sorriu.

Ela sentou-se numa poltrona longe de mim, enquanto do sofá onde estava fitei-a quase sorrindo e me detive a examiná-la. Não posso negar que, por um momento, passou-me pela cabeça tirar-lhe o copo das mãos e, pondo-a de pé à minha frente, começar a despi-la, pouco a pouco deixá-la nua, mais talvez para estudar sua reação e saber até que ponto ela fora instruída para submeter-se, pois apesar do que me havia dito parecia-me improvável que o Antunes — mesmo exigindo discrição por parte da mulher e das filhas — não lhe houvesse feito nenhuma recomendação a meu respeito; mas em seguida uma revolução dentro de mim repeliu essa idéia com furor e eu desviei os olhos para a janela, contraindo o cenho com irritação.

Levantei-me dando-lhe as costas para que não visse a expressão do meu

rosto, aproximei-me da janela e por alguns segundos pus-me a espiar para fora.

— O que foi? — ouvi-a perguntar.

Voltei-me sobre os calcanhares sem saber o que fazer do copo que, ainda pelo meio, segurava sem decidir-me a beber.

— Que foi? — ela repetiu, quase alarmada, e eu soube que ela havia notado algo de estranho em minha atitude.

Olhei-a com intensidade, em seguida virei o copo na boca e fui depositá-lo na mesinha de centro.

— Nada. Não quer jogar mais?

— Depois — mas ainda me olhava com uma expressão de dúvida que me obrigou a desanuviar o semblante caso não quisesse deixá-la mais alarmada ainda.

— Não é nada, Lilica. Foi... — e menti: — ...sabe, foi só uma lembrança que eu tive... uma lembrança desagradável. Mas já passou.

— Ah... — e ela pareceu descontrair-se. — Que é que tem na televisão?

Liguei a TV, passei pelos canais, não havia nada de interessante, mas acabei encontrando um desenho animado e Lilica, levantando-se da poltrona, veio sentar-se no sofá para assistir enquanto eu permanecia de pé junto ao aparelho. De súbito levantou os olhos para mim enquanto mantinha junto aos lábios o copo de refresco:

— Não vem?

Sentei-me ao seu lado e, passando-lhe o braço pelos ombros, puxei-a para mim, que sem resistência reclinou-se em meu peito, e assim ficamos por muito tempo, até eu perceber que uma vez mais Lilica havia adormecido. Com muito cuidado afastei-me de modo que sua cabecinha pudesse repousar em meu colo, e puxei-lhe as pernas para cima do sofá. Agora a menina ressonava, tranqüila, enquanto uma vez mais invadia-me a sensação que havia experimentado durante a semana, quando lhe comprava roupas, uma sensação que eu não conhecia e ainda não sabia identificar.

### 30. Um capítulo sobre a indigência

Venho me repetindo ao longo dessa narrativa sobre meu modo de ganhar a vida consertando coisas, tanto que eu mesmo me intitulei um consertatudo, profissão que se por um lado me permitia viver com alguma folga e mesmo manter certos caprichos, por outro não era suficiente para “acumular”, como gostaria de fazer. Por exemplo, eu nunca juntava o suficiente para comprar um bom carro, e tal constatação me conduz a algumas reflexões muito pertinentes sobre o tema, e que ensejam um capítulo à parte: um capítulo sobre a indigência.

O pobre é sem qualquer sombra de dúvida um caso digno de pesquisa: é

naturalmente feio, desonesto e sem-vergonha, porque a pobreza é vergonhosa, mas o desgraçado anda em plena luz do dia sem um pinga de constrangimento; o infeliz compra um carro caindo aos pedaços e toca a reformar, disfarça os podres da lataria com massa, bota pneus remoldados, isso quando o dinheiro sobra para tanto, lixa aqui, lixa ali, lixa lá e tome tinta vagabunda, adultera o odômetro e depois diz “muito conservado, o dono andou pouco, passava a maior parte do tempo na garagem”, tudo com a intenção de enganar algum ingênuo, e para coroar o panegírico do calhambeque encosta levemente a porta, que de tanta graxa faz um clique, e diz: “Ó, parece porta de geladeira!”, e se o ingênuo cai na esparrela, coitado...

Quem me lê certamente há de exclamar: “Mas você fala como se por acaso fosse algum endinheirado”, então respondo “eu não me excluo da classificação acima, bom, pelo menos bonito eu não sou”, mas se eu não me excluo, pelo menos me esforço para adotar um comportamento menos patético, pois, por exemplo — como gancho a referência que fiz a carros velhos —, coisa que jamais me interessou é carro velho, reformado, “em bom preço” como se costuma ouvir quando alguém tenta empurrar ao comprador incauto uma lata em tempo de sucata, dessas que só a gente pobre adquire e quando o faz é como se estivesse adquirindo uma raridade, donde se conclui que consigo escapar da escória por atitude; e mesmo que com frequência esteja subindo e descendo a Toca das Hienas — afinal, consertar eletrodoméstico velho é serviço que só se presta pra essa gente precária do morro, mas rende uns trocados, que é melhor ganhar do que não ganhar —, ao assumir uma atitude crítica diante do problema torno-me exterior a ele, e se vale um conselho, aí vai: tome uma posição, se você não tem dinheiro pelo menos tenha atitude, já será um grande negócio. Pelo menos será um primeiro passo, ainda que amparado numa muleta...

Certa ocasião estive na casa de uns conhecidos do outro lado da cidade — e aqui temos uma história —, num bairro feio como costumam ser feios esses bairros de periferia. Aliás, quando se fala em periferia, em bairro onde só mora gente paupérrima, é redundante dizer “tal lugar é feio” pois nada há que se associe a essa parcela da população que se possa dizer “é bonito”, e se é feio, costuma ser também repulsivo. Este prédio mesmo onde eu moro... mas deixa pra lá, já que continuo morando nele... Enfim... lá fui passar um dia com um amigo, quase um amigo, na verdade um pobre-diabo a quem eu fazia a concessão de chamar de amigo e que eu conhecera em casa de um cliente aonde fora consertar um fogão a gás.

O sujeito (chamava-se Ismael Dias, mas como um pobre que se preza levava a alcunha rasteira de Mael) lá estava não me lembro por que razão, e enquanto eu mexia no fogão — uma sucata boa para o ferro-velho, mas que o proprietário, outro pobre inveterado, teimava em continuar usando — falávamos de uma coisa e outra; mais tarde continuávamos a jogar conversa

fora num barzinho próximo tomando cerveja e comendo torresmos. Não pode haver nada mais paupérrimo do que isso: tomar cerveja em boteco de periferia e comer torresmos — é de embrulhar o estômago, e não falo somente em sentido literal! Mesmo quando “tomamos uma atitude” não significa que estejamos imunes a tais misérias. Enfim, o sujeito não era mau de todo e acabamos travando amizade; ainda que não nos tivéssemos tornado muito próximos chegamos a sair duas ou três vezes pela noite, ocasiões em que o troncho dizia “toca a aproveitar, meu amigo, que hoje a patroa foi visitar a mãe”, enquanto cá comigo eu não ousava dizer em voz alta o que me passava pela cabeça, “aproveita, bocó, que vai ver ela está agora mesmo num motel com um pinto entalado no rabo” (eu pensava assim antes de conhecê-la: depois dei-me conta de que essa alternativa talvez não fosse muito viável...). Além dessas tímidas esbórnias, vez por outra Mael me convidava para ir à sua casa sem que nunca me ocorresse aceitar o convite, até certo dia em que ele me falou “duma brincadeira lá em casa no próximo sábado” e que ele iria “queimar uma carne, apareça lá, seremos só nós, os íntimos”, convite que eu por fim aceitei mais por piedade do que por amizade e tentando lembrar-me de quando eu lhe teria dado a entender que éramos íntimos. Lá cheguei por volta das onze da manhã e o miserável já havia montado a “churrasqueira”, nada mais que alguns tijolos empilhados, uma gradezinha por cima servindo de grelha — sobre a qual faziam fileira alguns espetos — e por baixo um carvão que, no instante em pus o pé no quintal, ele tentava acender.

Não era propriamente uma festinha, não se comemorava nada, tratava-se apenas dessa mania que tem a gentalha de, num sábado ou num domingo, “queimar uma carne” como ele mesmo havia dito — só a vulgaridade da expressão já exigindo um antiácido, e no caso daquele pulha um ácido mesmo, sulfúrico, pelas costas abaixo! Ugh! —, e dá-lhe asinha de frango, lingüicinha de porco, pedacinhos de costela, tudo isso no espeto, sem faltar o raminho de louro com que molhar vez por outra a carne com água de sal “pra ficar no ponto”. Ao me deparar com aquele palerma ajoelhado assooprando o carvão, desejei que por engano alguém tivesse deixado cair ali uns dois quilos de pólvora. Nada mais bonito que uma explosão que mandasse aquele cretino para o hospital por pelo menos seis meses e de lá saísse com a cara mais franzida do que um cu! Mas a explosão não aconteceu, o pústula conseguiu acender o carvão e, não demorou, recendeu no quintal o cheiro de carne assada, atraindo a atenção de dois ou três moleirões que moleiravam por perto e, penetras, foram adentrando o quintal sem serem convidados.

Rondavam também por ali umas crianças feias de olho comprido para a carne que tostava na grelha; logo emergiu de dentro da cozinha uma mulher magra e horrorosa, com um vestido de andar em casa, os cabelos arrepanha-



dos de qualquer maneira e presos em volta da cabeça por uma infinidade de grampos, mulher essa que trazia uma mesinha para o quintal, “hoje vamos almoçar fora” disse como se tal piada fosse inédita e ainda capaz de arrancar pelo menos um sorriso (que eu evitei como se evita um peido em público) e, retirando-se, voltou minutos mais tarde com pratos de louça, talheres, travessas de arroz e macarrão, potinhos com vinagrete, copos, um jarro com refresco e o mais que imaginar-se possa num almoço desse tipo. Os penetras já rondavam a grelha esticando a mão para os espetos; Mael, em vez de aborrecer-se, estimulava-os com franqueza, “não façam cerimônia que o sábado é nosso!” quando a tais cretinos deveria pertencer quando muito um aneurisma ou uma tuberculose intestinal, e de um grande caldeirão de alumínio brotavam novos espetos: asinhas, lingüicinhas, costelas...

Não vale a pena descrever como foi aquele abominável almoço regado a vinho barato e cerveja, com uma gente feia que pouco a pouco foi se ajuntando no quintal, uns trazendo umas coisas, outros outras, mais crianças repulsivas — dignas da Toca — aparecendo, tudo isso tendo como fundo sonoro um samba ruim — como sói ser qualquer samba — que emergia ensurdecedoramente de umas caixas de som fanhosas e trepidantes trazidas de dentro de casa para a varandinha, de forma que o que seria um pequeno acontecimento em família, eu como único convidado, converteu-se num ritual diabólico, um rega-bofe que ficaria muito bem alojado num dos círculos do inferno de Dante e do qual participavam agora pelo menos umas quarenta pessoas, fora os cachorros da vizinhança, que cheiravam os sobejos disputando-os a dentadas — estes, contudo, bem mais simpáticos que aquela gente desprovida com sua aparência caricata, seus ditos estúpidos, suas risadas escandalosas, sua roupa de monturo, seu destino de excremento. Para dar uma idéia da tragédia, basta enfatizar que foi um verdadeiro “acontecimento” com todos aqueles miseráveis felizes da vida, comendo churrasco e bebendo cerveja quente numa algazarra de latrina: durou até o final da tarde, quando aí pelas cinco, já escassa a carne na grelha e quase vazias as garrafas, despencou um aguaceiro que extinguiu de vez o carvão. Todos se escafederam deixando a desordem para a dona da casa arrumar (o que foi bem feito, pra deixar de ser palerma).

Respirei com alívio quando vi o quintal vazio outra vez. Para abrigar-me da chuva escondi-me num recanto da varandinha, onde havia uma cadeira velha, maldizendo o momento em que aceitara o convite daquele pascácio, tendo como consolo um cachorrinho branco que também procurando abrigo viera cheirar-me os pés e que, recebendo um carinho na cabeça, o rabo num balanço indeciso estirou-se ao meu lado para dormir.

O céu enegreceu e a chuva engrossou a tal ponto que em pouco a rua se transformou num rio, o quintal ficou alagado e as lâmpadas da iluminação pública acenderam com a noite precoce.

— Vai chover de cachorro beber água em pé — comentou Mael, a quem a essa altura eu já hesitava em considerar um amigo, a não ser um amigo-da-onça por ter-me metido naquela embrulhada; e de pé na porta, espiando o céu, decidiu: — Você dorme aqui hoje.

Dormi mal acomodado num quarto repleto de velharias, “não repara não” desculpou-se, “é que a casa é pequena”, como se uma casa pequena não pudesse ser organizada (basta uma espiada no meu quarto-e-sala!); e acordei cedo com um humor duvidoso: ainda não eram sete horas, e as duas horas seguintes passei acordado na cama, esperando que os donos da baiúca resolvessem levantar-se. A mulher levantou-se primeiro, passou banzeira na direção da cozinha enquanto Mael permaneceu mais quinze minutos na cama.

A chuva da noite anterior cedeu lugar a um domingo ensolarado, e por volta das dez Mael achou de me convidar para irmos “até a casa de fulano, fica aqui perto, enquanto isso a patroa prepara o almoço”. Há coisas que não têm explicação, e uma delas é por que não escapei daquele lugar logo cedo; fato é que fiquei. Caminhando devagar e conversando banalidades, acompanhei Mael até a casa de “fulano” a alguns quarteirões de distância, indo encontrá-lo na rua, defronte ao portão, limpando um fusquinha 1300 com uma flanela embebida em querosene. O sujeito andava ao redor do carro com sua flanelinha, limpa aqui, pule ali, extirpa com o dedo mínimo uma poeira invisível acolá, e depois de se cumprimentarem os dois ficaram ali de parola. Eu me retraí a um canto, já que nada diziam de interessante (gente assim nunca diz nada de interessante, o que é uma consequência da mediocridade em que vivem, podendo-se garantir que a mediocridade em que vivem decorre justamente de nada terem de interessante para dizer, caindo-se num inevitável círculo vicioso que demonstra sobejamente que para certa classe de gente não há escapatória, a não ser o cemitério), e fiquei a olhar em volta sentindo pelo miserável um desprezo de me queimar por dentro (depois eu me dei conta de que não era bem o desprezo que me queimava, mas sim uma acidez do estômago que passou com leite de magnésia). E dá-lhe o tal “fulano” circular em volta do carro, flanelinha na mão, elogiando as vantagens do maldito ferro-velho, até soltar a pérola: “A porta, ó” e para mostrar que a porta do carro era qualquer coisa do outro mundo abriu-a e, em seguida, foi fechando-a devagarinho até que com um clique fechou-se de vez. Então veio o comentário: “Parece porta de geladeira”, como quem diz: “Está tudo um trínque só!”. Não posso omitir aqui o desejo que tive de saltar no pescoço do pateta e bater com a cabeça dele na lataria do fusca até produzir dúzia e meia de mossas e vê-lo sangrando feito um touro carneado. Contudo fiquei na minha, num silêncio superior, ignorando solenemente tal inópia. A certa altura Mael se lembrou: “o almoço já deve estar quase pronto” e olhou o relógio, “quase onze, vamos”. Como tínhamos ido, voltamos: devagar, bo-beando, eu mais ouvindo que respondendo à conversa mole do cretino.

Apesar de bagulho, a mulher do Mael tinha mão boa — e até excelente — para o tempero; o leite de magnésia aquietara suficientemente o estômago para que eu pudesse aproveitar e o almoço correu bem, pelo menos estávamos apenas nós, os da casa, e o cachorrinho branco por ali à espera de alguma sobra. Passava da uma quando não agüentando mais o tédio fiz menção de ir embora, “ainda é cedo” Mael exclamou, e propôs “vamos dar mais uma passadinha na casa de ‘fulano’ e de lá eu vou com você até o ponto do ônibus, tem um ali pertinho”; a idéia não podia ser pior, o sujeito não tinha a menor noção de oportunidade, bom-senso passava a milhas de seu bestunto, mas não quis desgostá-lo (ser piedoso às vezes dá nisso) e fomos mais uma vez até a casa de “fulano”, caminhando devagar, parolando. Pode parecer inacreditável, mas quase três horas depois de o termos deixado, lá encontramos o desgraçado andando em volta do 1300, flanelinha na mão, limpa aqui, pule ali... Ah!... Por que não tomei a atitude de arrancar um paralelepípedo da rua e esboroar aquela lata-velha até não ficar ferro sobre ferro e, de quebra, rachar o crânio do proprietário num golpe final de misericórdia? Vontade eu tive, mas tive também de conter-me pois nem tudo se pode resolver assim de supetão. O que me restava era torcer para que “fulano”, no primeiro passeio que fizesse com seu 1300 após aquela prolongada seção de flanela, se arrebetasse todo num poste ou fosse abalroado por um caminhão na Dutra.

Achei que passava da hora de escafeder-me, e um minuto mais tarde me vi espremido dentro de um ônibus que, a regurgitar de tão cheio, avançava furioso, sacudindo os ferros pelas ruas estreitas do subúrbio. Durante o regresso eu espiava — por uma fresta entre um sovaco imundo e a gaforinha piolhosa de uma crioula — o panorama hediondo da pobreza naquele meio de tarde domingueira, a típica paisagem dessas periferias pestilentas: o amontoamento medonho de casas sujas e sombrias em quintais exíguos, atrás de muros descascados e com os tijolos à mostra; árvores raquíticas enegrecidas pela fuligem dos carros; uma que outra birosca onde bêbados esquálidos titubeavam seu suadouro de álcool e mulheres vadias sacolejavam sua feiúra ao som de um pagode ordinário; de relance, aqui um campinho de futebol onde marmanjos medonhos e semi-humanos corriam atrás de uma bola esfrangalhada, e ali uma placa indicando “Motel Proveta” para “seu *relax* e satisfação” com frigobar e TV, imaginem só o requinte: frigobar e TV!; e, uns atrás dos outros, continuavam a aparecer terrenos baldios repletos de mato e montes de lixo, valas abertas ao sol pelas quais escorria uma água negra, e cada vez mais casas sombrias, mais muros meio derruídos, mais miséria, uma mixórdia sem fim... e eu rogando aos céus uma tempestade atômica que reduzisse tudo aquilo a cinzas! Diabos! Meu fígado estava mesmo em pandarecos, e eu já planeando passar numa farmácia para comprar mais leite de magnésia...

Creio que após esse relato já não será difícil ao leitor reconhecer um pobre que “não tomou atitude” (de resto a maioria): ele adora “queimar uma carne” num final de semana ou num feriado e tem invariavelmente um carro péssimo cuja porta fecha “feito porta de geladeira”. Se não for um carro será qualquer tralha que uma pessoa de bom senso jogaria fora, mas que nas mãos do fracassado se reveste de inauditas qualidades e possui uma característica única sobre a qual haverá de chamar atenção, “ó”...

Quando encontrar alguém assim, caro leitor, jogue uma praga se não puder jogar um tijolo: pode não adiantar de nada, mas lava a alma!

### 31. Descobrindo o Walhala...

Não creiam, porém, que as mazelas humanas que referi sejam um traço apenas dos derrotados, da gente fute que vive em lugares como a Toca das Hienas ou em subúrbios como o que acabei de descrever...

Engana-se quem pensa que a miséria não se reveste também de luxo e requinte, e para demonstrá-lo vamos a um caso — no mínimo curioso — que me ocorreu há coisa de quatro anos.

Walkíria era uma mulher atormentada.

Essa frase, que fica bem nos autores de melodramas ou nos biógrafos, quando querem acentuar o caráter melancólico com tendências a uma morbidez depressiva de seu biografado — e que no mais das vezes não passa de frase de efeito —, quadra tão bem a Walkíria que não consigo imaginar outra que, de imediato e com economia de palavras, possa descrever aquela mulher jovem, rica e infeliz que conheci em uma circunstância incomum: numa igreja evangélica.

Era um domingo, eu havia passado por acaso defronte a uma igreja pentecostal em um desses pavorosos bairros de periferia que prefiro não nomear, quando o culto noturno já ia pelo meio. Como é comum em tais igrejas, a zoeira era grande, cada qual querendo chamar com mais veemência para si a atenção de Deus, o que vale dizer que cada qual esforçava-se por gritar mais que todo o resto. Por desfastio resolvi entrar: eu, que já havia conhecido uma grande quantidade de religiões, seitas e crenças de toda sorte, não esperava encontrar ali nada mais do que encontrara em todas as outras, isto é, alguém afirmando que aquele seria o verdadeiro caminho, porque somos nós que estamos certos e os demais enganados, etc., e se em sua arenga ninguém ali fizesse tal afirmação com essas palavras, decerto deixá-lo-ia nas entrelinhas, o que era o mesmo; como disse, entrei por desfastio, e já com enfado vi chegar o fim do culto: foi com alívio que, empurrando uns e outros, emergi do templo superlotado para o pátio, onde uma aragem refrescante refrigerou-me a alma. Para um “irmão” que ali bobeava com a Bíblia na mão eu disse, en-

quanto secava o rosto com um lenço: “Creio que na igreja de vocês o inferno fica aí dentro mesmo, não? Que calor dos diabos!” O irmão olhou-me com uma expressão de susto e incompreensão e tratou de afastar-se, julgando-me se não um delinqüente, pelo menos um incréu merecedor de excomunhão.

De qualquer maneira eu me divertia com a balbúrdia fora que se seguia à balbúrdia dentro do templo e encostei-me à mureta para olhar o povo que ia saindo. No meio da turba que brotava porta afora avistei uma mulher magra, morena, de cabelos negros e curtos, jovem mas não bonita, vestida sem qualquer requinte mas com tal bom-gosto que destoava do resto e chamava a atenção, parecendo contudo muito à vontade naquele lugar e entre aquelas pessoas.

Não tardou que nossos olhares se cruzassem, e mais tarde naquela noite, quando tomávamos caipirinha num horrível boteco dos arredores em meio à gentalha que se aboletava em mesinhas na calçada e fazia escarcéu — aliás, fora ela quem me convidara para irmos ali, “venho aqui às vezes para distrair-me” dissera —, por alguns instantes prestei atenção à minha inesperada companheira, ainda sem conhecê-la, e a impressão que tive foi a de que Walkíria não passava de uma farsante. “Quer aparecer” eu pensava comigo mesmo, convicto de que ela estava apenas “fazendo tipo” para impressionar-me, passando-se pelo que não era.

Ainda no pátio da igreja apenas sorrimos um para o outro como se já nos conhecêssemos, e as primeiras palavras trocadas foram essas banalidades que nada significam e servem apenas como introdução a algo mais — esse “algo mais” quase sempre significando um quarto de motel ou os fundos de um terreno baldio —, e quando ela me perguntou se eu era membro respondi com uma careta que lhe arrancou uma risada discreta, “então veio apenas de curiosidade?”, “mais ou menos” eu disse, “eu também” ela acrescentou, e depois “vamos?” e eu a acompanhei.

Caminhávamos quase em silêncio. Sem que eu perguntasse, dissera-me o nome e mais nada. Tampouco perguntou o meu, que eu disse da mesma forma, e para disfarçar o momentâneo embaraço — pois parecia que não tínhamos muito a nos dizer — eu olhava em volta, o movimento nos bares, as calçadas cheias, os ônibus que passavam superlotados, sendo que vez por outra examinava-a disfarçadamente, confirmando que se vestia com distinção, que teria talvez um ou dois centímetros a mais do que eu e que parecia suficientemente mundana e independente. Confirmei outra vez que não era uma mulher bonita; bastante magra, não passaria dos vinte e oito ou trinta anos, e agora eu percebia que seus gestos eram seguros mesmo depois de várias caipirinhas, falava com voz natural e sem nenhum esforço para parecer sóbria. “Resistente a bebida” pensei cá comigo, certo de tratar-se de uma dessas putas que apanham um otário em algum lugar e o enchem de bebida para subtrair-lhe a carteira nas quebradas da madrugada, “mas comigo não,

criança” ia acrescentando de mim para mim mesmo, “que eu sou macaco velho”.

Em dado momento Walkíria respirou fundo e jogou a cabeça para trás, riçando os cabelos com os dedos, nos quais sobressaíam unhas bem feitas e escandalosamente vermelhas:

— Agora me diga a verdade: o que você fazia naquele lugar? — e cravou-me um olhar inquisidor como se me quisesse despir com ele.

— Eu conto se você também me contar — respondi, divertido, levando a bebida à boca num gesto displicente.

— É claro que eu vou lhe dizer, se você quiser ouvir, mas eu perguntei primeiro.

Fiz um movimento de cabeça, concordando, e desfieei em linhas gerais minha experiência com a religião: falei de minha formação católica e de como não me adequara à fé dos meus pais, sem carregar muito nas tintas acerca dos velhos para não causar má impressão; em seguida mencionei que saíra de casa havia alguns anos por não ajustar-me também à família, “um desajustado” ela disse interrompendo-me momentaneamente mas estimulando-me a prosseguir logo em seguida; falei de minhas experiências com outras religiões, “não que eu sentisse necessidade de seguir qualquer uma delas nem estivesse à procura de uma que me agradasse” expliquei, “tratava-se apenas de curiosidade, como hoje, e no mais da vezes é isso o que se dá: nada daquilo significa muito pra mim”, e virei amplamente o copo na boca até esvaziá-lo, posando-o na mesa com um baque e um arrote, pelo qual não me desculpei, “afinal” pensei, “putas não reparam, a não ser no volume de minha carteira”.

— Agora é sua vez — eu disse.

— Vou cumprir minha parte no acordo — ela disse. — Pague a conta e vamos.

Embora eu já esperasse por aquilo, a atitude decidida de Walkíria me aborreceu: então ela pensava que podia me dar ordens daquele jeito? “Pague a conta e vamos”! E se eu não tivesse dinheiro? E se eu não quisesse pagar? Abusada! Mesmo assim considerei que por uma trepada em algum motelzinho da periferia valia a pena, mesmo porque a despesa era irrisória. Fui até o balcão, estendi uma nota, esperei o troco e enquanto saía do boteco continuei a observá-la: de costas para mim olhava distraída o bulício, e por alguns instantes permaneci a dois passos procurando em sua figura alguma coisa que me atraísse, mas a verdade é que ela, ainda que se tivesse mostrado simpática e até divertida, não me apetecia. “Não tem carnes” pensei com certo desgosto, mas nesse momento ela se virou para mim e encarou-me:

— Vamos?

Avancei um passo.

— Para onde? — perguntei. — Já vou avisando que não estou com mui-

to dinheiro — acrescentei com certa rudeza para evitar que ela fizesse novas despesas e me mandasse pagar.

Ela sorriu, na certa considerando-me um papalvo, estupidez que eu acabara de demonstrar da forma mais eloqüente — ainda que não o soubesse, mesmo porque nem de longe poderia passar-me pela cabeça o que viria a seguir.

— Quem é que está falando em dinheiro, cara? — e tomando-me pelo braço levou-me consigo rua afora.

— Vai me contar ou não vai o que estava fazendo naquela igreja? — perguntei.

— Tem tempo — respondeu —, a noite é uma criança.

— Acho que você está me enrolando — disse com franqueza. — Dou-lhe outro aviso: se pensa bater minha carteira, está perdendo seu tempo. Só tenho o da passagem para voltar para casa. O pouco mais que eu tinha ficou naquele boteco horroroso.

— Está me chamando de ladra?

— Não, só estou dizendo que conheço algumas que fazem isso. E são todas do tipo que freqüentam lugares como aquele.

— Fique tranqüilo. Não sou dessas.

— Ah...

Trançamos por diversas ruas até que ela me levou a um estacionamento e, parando ao lado de um fusca marrom com a pintura em não muito bom estado, tirou da bolsinha uma chave, abriu a porta, entrou, abriu a porta do carona e fechou a do seu próprio lado enquanto punha o motor para funcionar.

— Para onde vamos? — perguntei, e soltei outra tolice: — O carro é seu?... Aqui mesmo dá pra...

— Dá pra o quê, cara? — perguntou, encarando-me com um ar desafiador, mas no qual não se percebia zanga nem aborrecimento. — Acha que quero trepar contigo aqui?

— Não tenho dinheiro para motel.

— E quem está falando em motel?

Encarei-a sem entender o que pretendia e já arrependido de tê-la acompanhado, “em que arapuca estou me metendo” pensei com certa preocupação, não nego que até com um pouco de medo. “E se essa vadia resolve me matar?” Mas fingi uma serenidade que não tinha e sacudi os ombros, “como você quiser” disse, e acomodando-me o melhor que podia olhei para a frente.

O fusquinha roncava com sua habitual valentia, sem humilhar-se com os carros de porte que passavam por ele, e foi para essa propriedade daquele carrinho arteiro que ela me chamou a atenção:

— Sabe por que eu gosto do fusca?

— Por quê?

— Porque tem personalidade.

— Não entendi.

— Só entende quem tem um, e quem gosta dele.

Olhei para ela com um riso divertido, lembrando-me daquele malfadado churrasco em casa de Mael. Então perguntei:

— Aposto que a porta deste aqui é igual a porta de geladeira.

— Como é que você sabe?

— Porque pobre quando tem um carro e quer chamar atenção diz que a porta é igual a porta de geladeira — e soltei uma risada perversa, cobrindo o rosto com as mãos.

Walkíria riu comigo e balançou a cabeça, concentrando-se na direção.

Agora transitávamos pelo centro, e como a Avenida Rio Branco estivesse quase vazia Walkíria exclamou:

— Vamos correr! — e afundou o pé no acelerador, mas o pobre fusquinha acelerou o que agüentava, e foi com alguma consternação que eu vi o ponteiro do velocímetro parar pouco depois dos 90 e não ir além, por mais que a motorista se esforçasse.

— É melhor desistir — eu disse com jeito debochado. — A porta é de geladeira, e pelo visto o motor também.

Ela reduziu e o ponteiro despencou. Margeávamos a orla a 70, eu não dizia nada e vez por outra Walkíria voltava-me o rosto com uma expressão zombeteira, mostrando-me uns dentinhos sapecas.

— Espero que esteja se divertindo — disse.

Dei de ombros com descaso. “Parece que você está me enrolando” comentei, “mas não faz mal, minha carteira está mesmo vazia”.

Resolvi não falar mais, recostei-me no banco, estiquei as pernas e à medida que as luzes iam passando senti uma sonolência bambearem os membros; o corpo foi tomado por uma lassidão que me parecia estar caindo num poço... Quanto tempo durou a viagem? Abri os olhos quando Walkíria me sacudiu com força:

— Acorda, cara. Chegamos.

Meio tonto abri a porta do fusquinha e saí. Não havia dúvida: eu estava na garagem de algum prédio, mas o fusquinha era único por ali, porque em volta só vi carros que, para ter um deles, eu teria de consertar geladeiras, ventiladores, aparelhos de som, televisores, máquinas de lavar e tudo mais que há para ser consertado por pelo menos uns quinhentos anos e viver a pão e água todo esse tempo!

— Onde é que nós estamos? — perguntei com assombro.

— Em casa. Você é meu convidado agora.

E se o meu assombro redobrou quando saímos para um *hall* luxuoso, “você está doida, mulher? Que lugar é esse? Quê que a gente está fazendo aqui?”, deve ter triplicado quando ela abriu uma porta no que me parecia



ser o último andar do prédio, “entra, mas tira o sapato por causa do tapete. Suas meias estão limpas?”, e eu entrei num paraíso: temeroso, os pés afundando num tapete que me lembrou vagamente nuvens sobre as quais pudesse caminhar, aproximei-me das amplas vidraças que se abriam sobre a cidade iluminada, e só muito pouco a pouco fui descobrindo que me encontrava numa vasta cobertura de alto luxo na Avenida Vieira Souto.

— Quer dizer então — eu disse, apontando-lhe o dedo — que seus patrões estão fora de casa? — pus as mãos na cintura: — Eu sabia que tinha alguma coisa errada! Quando o gato não está, o rato anda em cima da mesa, não é?

— Mas você é suburbano mesmo, cara — ela retrucou com ar divertido, rindo-se do meu aturdimento.

Eu estava cada vez mais confuso, “olha, moça, eu vou embora, não quero rolo pro meu lado” e deixei — a contragosto — escapar a pérola “sou pobre mas sou honesto...”, mas Walkíria aproximou-se de mim e me abraçou:

— Bobo — e riu —, bobinho. Ainda não entendeu? Hum?... Não?...

Aos poucos, muito ao poucos, fui compreendendo que Walkíria era, não a empregada, mas a dona da casa!

— Nunca ouviu falar da família Cerqueira Dantas?

E diante do meu pasmo cada vez maior Walkíria foi desfiando as atividades da família: bancos, usinas de mineração, fazendas de algodão e soja, especulações em transportes, hotelaria, construção civil, e por aí afora. E finalizou dizendo que pelo menos a sétima parte dos quase trinta bilhões anuais de renda dos investimentos lhe pertencia, ou seja, a bagatela de quatro bilhões por ano iam parar no seu bolso.

Acordei tarde: eu, que de hábito me levantava às sete e meia, só abri os olhos às dez, e mesmo assim porque Walkíria entrou com uma bandeja contendo um rico café da manhã, sortido com leite, pão, queijos, bolos, biscoitos tão variados e de tal qualidade que eu jamais imaginara existir. Deu-me tapinhas no rosto para que eu acordasse enquanto a bandeja esperava sobre uma mesinha ao lado da cama.

Comemos juntos e então eu lhe pedi que me desse uma explicação para aquele mistério.

— Mas que mistério, seu bocó?

— Você sabe, Walkíria, sabe muito bem. Tudo isso é um mistério pra mim, a não ser que você não passe de uma vigarista, uma criada da casa aproveitando a ausência dos patrões. A história do rato em cima da mesa...

Ela riu, “ainda não acredita em mim, não é?”, e eu retruquei que tudo depunha contra ela, até mesmo o carro.

— Ora, o carro! — exclamou. — Primeiro, como eu poderia parar onde você me encontrou guiando um dos carros da casa? Segundo, não te passa pela cabeça que eu posso gostar de um fusquinha?

Mordi pensativamente uma fatia de queijo para, só depois, perceber que havia algo de estranho nele:

— O que é isso?

— As manchas amarelas — ela explicou — se devem a um licor dourado que é injetado no queijo durante a fabricação, e essas folhas douradas finíssimas são de ouro comestível.

— Ouro comestível?! — olhei para ela apavorado.

— Sim, nunca ouviu falar? Este é um *Clawson Stilton Gold*, gosto muito do sabor peculiar desse queijo, nunca deixo faltar.

Esfreguei o rosto com as mãos, sem acreditar.

— Puta que o pariu! Pois lá em casa costuma faltar é o queijo de Minas.

— Achei que você fosse gostar...

— Eu gostei — apressei-me em dizer, cortando mais uma fatia —, eu gostei sim, só não sabia que se comia ouro.

Walkíria riu.

— Sabe o que ouvi de meu pai quando completei vinte anos? — ela disse recostando-se então numa almofada. — Que eu era feia, e que de mim os homens só se aproximariam por interesse em minha fortuna.

Fiz uma careta enquanto mordida o luxuoso *Clawson Stilton Gold*:

— O seu pai lhe disse isso?

— O meu pai nunca foi um exemplo de ternura, e acho que nunca gostou de mim, sua primogênita, pois o primogênito ele queria homem e não mulher. Aliás, disse-me isso também, e sabe em que ocasião? No meu aniversário de quinze anos.

— Caramba, que pai você tem!

Erguei os ombros com um suspiro de resignação.

— Ele não é mau, na verdade. É rude. Não é amoroso. Enfim, é o jeito dele.

Walkíria contou-me que tinha um irmão cinco anos mais novo, “está com vinte e quatro agora e é a menina dos olhos de papai”, com o qual não mantinha um vínculo muito estreito e que passava às vezes semanas inteiras sem ver, ainda que residissem na mesma cidade. “Os contatos entre nós são no mais das vezes apenas profissionais e só por telefone” explicou. Saíra da casa dos pais aos vinte anos, decisão tomada poucos dias depois de ouvir sobre seu futuro consorte, que se casaria não com ela mas com seu dinheiro. Desde então residia sozinha naquele apartamento e administrava com segurança e perspicácia sua parte da fortuna, “mas isso não quer dizer que eu os tenha excluído de minha vida” ela explicou, pois vez por outra almoçava em sua companhia e ocasionalmente ia para o sítio da família em Petrópolis, e em todos esses encontros a recebiam sem nenhuma demonstração de censura. Apesar da decisão de afastar-se do convívio cotidiano com a família, apesar da mágoa que sentia do pai, ainda encontrava em seu coração uns resquícios

de afeto por aquele homem distante e indiferente, franco e ferino — rude, como ela dizia — que, no entanto, tinha pelo filho homem um amor e um desvelo imensos.

— E sua mãe?

A mãe de Walkíria era uma mulher da sociedade, “fútil” ela disse, vivia de dar festas e recepções e nunca dedicara aos filhos — “a ambos” ela ressaltou — o afeto de uma verdadeira mãe: o interesse que sempre demonstrara por eles era aquele de obrigação, aquilo que é natural esperar dos pais em relação aos filhos, ou seja, os melhores colégios, os melhores brinquedos, as melhores roupas e só.

— Não brincava conosco, não nos tomava em seus braços com o carinho que se percebe em outras mães ao abraçarem os filhos... que eu percebia ainda menina. — fez uma pausa. — Tampouco isso significa que não nos damos bem. A gente se fala, às vezes até rimos juntas de alguma coisa engraçada, mas nunca vai além disso.

Eu e Walkíria tínhamos, afinal, alguma coisa em comum: a insatisfação com a própria família, insatisfação que nos levou, aos dois, a deixar a casa paterna e buscar viver de forma independente. Está visto que para ela sobreviver não era algo propriamente difícil, e os vínculos com os seus não se haviam rompido por completo, enquanto eu, além de ter saído de uma vez por todas do meu “lar doce lar” paterno, se não me desdobrasse durante a semana consertando trastes de gente pobre não poderia sequer pagar o aluguel da baiúca onde morava.

— E a igreja — perguntei —, pensa em ficar crente?

— Não, na verdade não, mas eu me sinto bem entre aquelas pessoas simples. Já me tornei conhecida, vou lá com frequência, mas é claro que ninguém sabe quem eu sou de fato. Por isso o fusquinha.

— E não a reconhecem? De fotografias, quero dizer, das colunas sociais.

— Eu não gosto de aparecer em colunas sociais, não gosto de badalação, nunca dou entrevistas, e todos eles, *paparazzi* e colunistas em geral, sabem que podem arranjar encrenca se desrespeitarem minha vontade. Por isso não sou conhecida.

— Nunca tentaram “desrespeitar sua vontade”?

— Já, mas depois do que aconteceu começaram a saber quem eu sou de fato.

Achei graça no tom de sua voz:

— E o que foi que aconteceu? — perguntei.

— Um certo jornal publicou há alguns anos uma foto minha dentro de uma coluna sobre economia. Apresentava-me como exemplo de mulher bem sucedida, grande investidora, essas bobagens. O que fiz? Comprei o jornal, quero dizer, a empresa, botei todo mundo no olho da rua e, no dia seguinte, fechei o jornal e vendi o prédio. Mas antes fiz que os mais im-

portantes diários do país soubessem do acontecido. Depois disso me deixaram em paz.

— Você foi dura.

— Talvez, mas se você não for duro não te respeitam.

Baixei os olhos pensando por momentos no que ela acabara de me contar. “O poder” ocorreu-me, pois — sim! — aquilo era o poder, ainda que uma pálida demonstração dele.

— Mas, a igreja — perguntei em seguida —, o que a levou a procurar uma igreja? Depressão?

— Decepção é a palavra que define melhor meu estado de espírito, às vezes. Não só com minha família, mas com o gênero masculino de um modo geral. Parece que se cumpriu a profecia do meu pai: todos aqueles que se aproximaram de mim sabendo quem eu sou visavam minha fortuna. Os que não sabiam, esses que eu encontro às vezes pela noite quando estou anônima, só pensavam numa trepada, e pra isso não é preciso ter beleza.

Resumindo as razões de Walkíria, a história que ela me contou naquela manhã, o desencanto com o mundo acabou levando-a a frequentar igrejas, embora não se tornasse “irmã” em nenhuma, e a procurar casos amorosos longe dos meios sociais elevados onde fora criada. Nas igrejas, conquanto visitasse às vezes uma ou outra onde acabara fazendo amizades, não encontrara uma saída para suas aflições, não se deixara penetrar pelo sentido da fé e a vida continuou estéril, uma página em branco onde qualquer coisa que escrevesse — e essas palavras eram dela — resultaria em frases sem significado; na “noite”, em que ela submergia com seu fusquinha marrom, deparava-se com o outro lado da realidade, esse que permanece disfarçado no divertimento barato dos botequins, dos clubes para a gente inferior, das festas em recantos de periferia, lugares permeados por uma alegria indigente onde muitos permanecem na superfície sem suspeitar que ali subjaz a verdadeira miséria. Quando fui conduzido por Walkíria para dentro de seu mundo, e pelo pouco tempo que ali permaneci, não me escapou que em seus subterrâneos encontrava-se a extensão daquele outro, coisa que aliás não deveria causar-me surpresa, pois de qualquer forma estamos sempre falando do humano, nada além do humano.

Ao vagar noite adentro pelas “velas” do ignóbil, Walkíria acabava envolvendo-se com homens que viam nela apenas uma puta à caça de uma trepada para apagar o fogo da xiranha. Nenhum deles, ela me garantiu, chegou a saber quem de fato era a moça feia do fusquinha marrom, nem demonstrou o afeto que fosse capaz de operar uma transformação em sua vida, “eu era apenas a trepada oportuna de fim de noite, e só” ela disse, e quando lhe perguntei por que fora diferente comigo, por que eu, um zé-ruela sem eira nem beira, fora levado à sua casa, por que confiara em mim, já que eu podia muito bem ser um espancador de mulheres, um rufião, enfim, um desses

cretinos que ela conhecia de outras ocasiões; quando, portanto, lhe fiz essa pergunta, Walkíria foi vaga a princípio, disse que talvez estivesse mudando, que talvez tivesse achado melhor dar-se a conhecer ao primeiro que aparecesse e que o primeiro fora eu, mas aos poucos, enquanto emendávamos o café da manhã com o almoço que ela improvisou mais tarde, deu a entender que eu lhe havia causado uma boa impressão e podia até apostar que eu não lhe traria nenhum problema, “por exemplo, não acredito que vá me roubar, nem tentar explorar-me futuramente”, e quando argumentei dizendo que eu poderia ser um psicopata ou um *serial killer*, Walkíria admitiu tal possibilidade, sim, mas não acreditava ter-se enganado tanto a meu respeito.

— Eu quero conhecer sua casa — ela disse a certa altura. — Quero até ir com você um dia para vê-lo consertar uma máquina de lavar.

— Nunca! — exclamei.

— Não quer ser visto em seu bairro com uma garota feia num fusquinha velho? — e levantando-se veio debruçar-se às minhas costas (estávamos na copa e eu terminava de comer, umedecendo o pão no caldo que ficara no fundo do prato). — Eu iria atrapalhar suas conquistas?

— Não sei que conquistas — respondi. — Não sou nenhum D. Juan.

Walkíria sentou-se à minha frente, bem perto, e apoiando-se na mesa ficou a encarar-me com uma expressão séria.

— Você é um garoto muito bonito, Henrique. Deve ter namoradas às dúzias.

— Nem tanto. Não digo que não namoro, mas não tanto como você pensa.

— Acho que foi isso...

— Isso o quê?

— O que me fez trazê-lo para cá...

— ?...

— Seu rosto.

— Meu rosto?

— Sua beleza de homem, seu jeito... Conheci muitos homens bonitos, já fiquei com homens horrendos, são todos iguais, a maioria não presta, não vale um tostão furado. Mas você não...

— Não estou entendendo. Eu talvez não seja tão bonzinho como você parece querer acreditar.

— Talvez não seja, mas não importa. Estou certa, no entanto, de que posso confiar em você como não posso confiar em mais ninguém.

Movi a cabeça enquanto a encarava, não assentindo, não dissentindo, apenas tentando entender onde ela pretendia chegar.

— Leve-me a sua casa, quero saber onde é, como é... e se você não se importa de sair com uma garota mais velha que você e feiosa feito eu...

— Eu não estou reclamando de sua aparência. Por que você botou na cabeça que é feia?

— Porque sou. Porque tenho espelho e olho-me nele, pelo menos para pentear o cabelo.

— E porque seu pai lhe disse isso. Mas talvez não seja verdade. Está certo: você não é bonita, não é linda como algumas que a gente encontra por aí... também não é feia como tantas... tem um rosto comum, simples, possui delicadeza, inspira confiança...

Eu estava sendo sincero ao dizer essas palavras, não disse para agradá-la, não as inventei, saíram-me espontaneamente. Walkíria não era bonita, eu vira isso desde o começo, mas a ausência dessa beleza glamorosa que arranca assovios não era um defeito e não seria um obstáculo a que “algo mais” acontecesse entre nós.

Ela sorriu. Estendeu a mão acariciando-me o rosto e depois beliscou-me o braço ao mesmo tempo que mordida os lábios.

— Deixe sua casa para outra ocasião. Não que eu tenha desistido de conhecer onde você mora, mas amanhã iremos para o sítio de minha família em Petrópolis. Passaremos o final de semana por lá, e aproveitaremos a recepção que meus pais vão dar amanhã à noite. Que acha?

— Não é uma boa idéia. Veja como estou vestido. Sua família diria o quê?

Mas Walkíria não se embaraçava: num passeio pelos *shoppings* elegantes da Zona Sul — já não no fusquinha marrom mas varando ruas e avenidas a bordo de um elegante e esportivo Delorean DMC-12, eu me sentindo no *set* de filmagem do “De Volta Para o Futuro” e pensando se devia empinar o nariz — comprou-me roupas que eu nunca imaginei que vestiria alguma vez na vida, e fez-me decorar uma história para “contar em casa”: eu estudava Administração no Rio, mas minha família era do interior de Goiás e vivia de pecuária. Quando objetei que uma mentira leva a outra e que eu poderia não ter resposta a outras perguntas que fossem feitas, tranqüilizou-me:

— Eles não são enxeridos, e uma resposta nem muito vaga, nem muito explícita será suficiente. Além do mais, eles não se envolvem com meus namorados. Sabem que eu não gosto que se metam na minha vida.

— Eu sou seu namorado?

— Fingiremos que é. Ou apenas amigo. Você escolhe.

— Fingiremos que somos apenas amigos e que nem dormimos juntos.

— Está bem. Mas nem isso faz diferença para eles. Aliás, eles terão plena certeza de que dormimos juntos assim que eu o apresentar como um amigo.

No dia seguinte partimos cedo para Petrópolis. Eu não aparecera em casa desde a antevéspera, mas isso não importava pois decerto ninguém no prédio, além do porteiro daria por minha ausência, e essa era uma das vantagens de morar só e não ter de dar satisfação dos meus passos a quem quer que fosse.

Viajávamos quase em silêncio, ela concentrada na estrada e eu em meus

pensamentos. Aquela aventura ainda me parecia bastante irreal, conquanto estivesse de fato acontecendo. Era dessas coisas que não acontecem mais de uma vez na vida, como ganhar sozinho o prêmio máximo na loteria ou sair vivo de um desastre aéreo. Perguntava-me o que aconteceria quando chegássemos. Apesar de Walkíria ter-me tranqüilizado quanto à reação que sua família pudesse ter ao ser apresentado como um amigo, garantindo-me que não especulariam sobre minha vida, eu, que nada conhecia de pecuária nem de Administração pus-me a pensar noutra história, mas a verdade é que não consegui bolar nada convincente, já que eu não entendia de nada, e se era para passar por um vexame ao ser inquirido acerca da indústria têxtil, da exportação de carne ou da importação de eletrônicos, tanto fazia passar pelo mesmo vexame falando o que não sabia acerca de pecuária, e a história inventada por Walkíria acabou prevalecendo. (Talvez eu me saísse bem se, em caso de suspeita, comesse a falar acerca do cotidiano de um conserta-tudo — geladeiras, rádios, toca-discos, televisores, chuveiros, torradeiras e por aí afora, tudo estropiado e compondo o inventário da pobreza —, mas me tomariam por um comediante, eu não seria levado a sério, portanto também não me pareceu idéia produtiva.)

Como iria acabar aquilo? Em nenhum momento me ocorreu que, ao voltarmos para o Rio, continuaríamos nos encontrando, pois apesar de Walkíria insistir em sua intenção de visitar-me em meu tugúrio eu não a levava a sério e tinha como certo que ao nos despedirmos na volta não nos veríamos mais. Ela certamente continuaria com suas incursões pelo submundo e suas tentativas de catarse pelas igrejas, eu reentraria na minha rotina de consertos depois de cair das alturas para a realidade rasteira que me esperava no começo da semana, e se depois disso nos encontrássemos casualmente “por aí” apenas nos cumprimentaríamos com a cortesia de quem conhece seu lugar (embora Walkíria parecesse confusa quanto ao dela e vivesse invadindo aqueles que melhor me cabiam; isso contudo não passava de detalhe, pois alguém com todo aquele dinheiro gozaria do direito natural de invadir qualquer lugar, mesmo os mais estranhos, os menos adequados, até aqueles aos quais, por bom senso, não teria mesmo direito algum, o que em outras palavras significa que quem tem dinheiro tem também direito a tudo).

— Falamos de tanta coisa, mas você sempre evitou falar de sua casa — ela disse enquanto subíamos a serra.

— Mas eu lhe falei de minha casa. Meus pais, meu irmão, minha linda e doce cunhadinha...

— Não, o que eu quero saber é de sua casa mesmo, de onde você mora — e lá vinha ela outra vez, demonstrando que não havia tirado da cabeça aquela idéia. — Todas as vezes que eu toquei nesse assunto, você saiu pela tangente. Uma coisa tenho de reconhecer: você é hábil com as palavras.

— Então você insiste em saber onde moro...

— Já disse que quero ir lá.

— Não será nada interessante para você. Não como foi e está sendo para mim conhecer sua vida.

— E por quê, posso saber?

— O que você tem para me mostrar é novo. Não que eu não soubesse da existência de milionários por aí. O que eu não sabia, e que estou começando a aprender, é como de fato eles vivem. Ao contrário a miséria está à vista, exposta de mil maneiras e tão visível quanto um sorriso com dentes podres. Basta passear pelos subúrbios como você faz no seu fusquinha para saber como é.

— Você não devia se iludir com as aparências. Aliás, penso que já devo ter deixado isso bem claro. Mas se você não acredita, ainda posso lhe mostrar coisas que lhe vão dar uma idéia diferente de como vivem os ricos.

— Não posso discutir isso, mas não é a primeira vez que escuto essa história...

— Que história?

— Esse papo de gente rica, de que não se deve deixar levar pelas aparências, que o dinheiro não é afinal de contas importante, essas bobagens. Só que nenhuma dessas pessoas abre mão dele, ou mesmo preservando-o sai da Zona Sul para ir morar num quarto-e-sala em Nova Iguaçu.

— Você mora num quarto-e-sala?

— Só que não em Nova Iguaçu.

Walkíria pareceu pensativa. Dirigiu em silêncio por algum tempo, como se meditasse numa resposta.

— Eu não seria hipócrita, Henrique — ela disse por fim —, de dizer que o dinheiro não é importante. Nem que estou disposta a abrir mão dele. Gosto do luxo e do conforto que o dinheiro me proporciona. O que eu quero dizer é que o dinheiro encobre coisas que nem sempre brilham, e o que é certo: não é o dinheiro que faz as pessoas...

— Nem a falta dele.

— Sim, nem a falta dele.

— O que não passa de um chavão.

— Sim, um chavão, mas também uma verdade mais do que evidente. O que eu quero é que você dissocie a idéia de fortuna da noção de dignidade ou de humanidade. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Walkíria deixava-me sem resposta agora. Como poderia contestá-la? Foi então que perguntei:

— Já ouviu falar na Toca das Hienas?

— Sim, é uma favela para os lados de M\*\*\*.

— Já estive lá?

— Não.

— E quer ir?



— É lá que você mora? Numa favela?

— Não, mas o prédio onde moro fica a poucos quarteirões do morro. Meu apartamento tem uma cozinha pequena, uma sala, um quarto e um banheiro. Caberia inteiro na sua sala e ainda sobraria muito espaço, mas é limpo, claro, arejado. Não vivo mal ali, embora o prédio não seja grande coisa. Aliás, o prédio é ruinzinho, mas eu fiz do meu quarto-e-sala um ambiente agradável. Pelo menos para mim, que não sou exigente. Eu mesmo pinte, eu mesmo decorei, e enchi de quinquilharias... Mas o morro... a Toca... você nem imagina. Eu vez por outra entro lá, já me conhecem, tenho trânsito livre... Aquilo é indecente. Apavorante.

— Indecente... apavorante — Walkíria repetiu devagar, reduzindo a velocidade numa curva mais acentuada. — Acredito no que você diz. Mas ainda assim tenho curiosidade.

— A miséria é uma coisa indecente. Em suas andanças por aí, no fusquinha, nunca entrou numa favela?

— Não aconteceu... Aliás, passei perto mas tive medo... por causa do que se escuta sobre criminosos que controlam o acesso... Ando muito pelo centro, que conheço bem... às vezes vou um pouco mais longe, Zona Norte, por exemplo... conheço um pouco da periferia também, mas é só... Você vai me mostrar a Toca. Não disse que tem trânsito livre por lá? Será meu ciclerone.

Balancei a cabeça com um sorriso de complacência, “você é mesmo cabeça-dura” eu disse, e continuamos a viagem em silêncio.

A propriedade dos Cerqueira Dantas em Petrópolis era imensa: cerca de oitocentos hectares bem delimitados em nove décimos dos quais distribuíam-se vastas porções de mata atlântica com trilhas cuidadosamente desenhadas que ora desembocavam numa espumante cachoeira, ora em cumes elevados que propiciavam uma vista esplêndida, ora em clareiras muito amplas onde se podia deitar tranqüilamente ao sol sobre a relva cheirosa. No mais, porém, apenas a risca cortando a mata e mergulhando nas profundezas, e como houvesse ramificações, não seria difícil perder-se nelas quem não conhecesse o lugar. As trilhas, não obstante a extensão, eram largas e de trânsito fácil, se bem que cansativo nas longas subidas que conduziam aos cumes, assim preservadas por um pequeno exército de empregados a serviço da família.

A mansão, embora mais ampla, fora construída no estilo da famosa Casa da Cascata, cuja face leste — para maior fidelidade — repousava sobre grandes blocos de rocha, tendo-se improvisado uma cascata artificial que despenhava uns seis ou sete metros abaixo num ressalto do terreno onde se formara um poço, em cuja beira cresciam juncos e outras plantas aquáticas e a partir do qual partia um sinuoso riacho; cercava-a um vasto jardim que se estendia por planos, aclives e declives: extensos gramados com ilhas bem distribuídas de árvores ornamentais; enormes canteiros de formatos irregula-

res cercados de pedras onde floresciam plantas exóticas do meio das quais, à aproximação de alguém, emergiam bandos de pássaros que ganhavam rapidamente o céu retornando em seguida, em revôo, para seus pousos; piscinas naturais entre cujas pedras podiam ver-se na água cristalina cardumes de peixinhos dourados, e ao longo do riacho sobre pernas muito longas e finas a alvura das garças a investigarem o fundo com seus bicos pontiagudos.

A frente ficava entre a face leste e a sul, deparando-se o visitante ao chegar com uma larga escada de mármore branco, em curva, que conduzia ao patamar da entrada, a partir do qual se estendiam planos cobertos que circundavam a imponente construção.

Chegamos por volta das onze horas e já encontramos convidados, “esses são os mais íntimos” Walkíria explicou, “vai aparecer mais gente ao longo do dia, a maioria só chega ao anoitecer”. Fui apresentado como havíamos combinado, eu bastante embaraçado e inseguro quanto à história inventada mas assim mesmo “segurando as pontas” para não cometer nenhum erro. Procurei falar pouco para não deixar escapar nenhuma tolice que denunciasse a broma, mas as previsões de Walkíria se confirmaram: ninguém fez perguntas, os pais apertaram-me a mão com condescendência certamente duvidando de que eu de fato pertencesse a uma abastada família de pecuaristas do interior de Goiás; e o irmão, Irving, que vestia uma camisa branca muito fina e calças *jeans*, tendo nos pés umas displicentes sandálias de couro, apenas acenou para mim com a ponta dos dedos, à segura distância de dois ou três passos e disse “esteja à vontade”.

Fui sendo apresentado a esmo a amigos e conhecidos que só se interessaram superficialmente por mim: ali estavam senhoras de nobre aparência com suas toaletes extravagantes, homens de meia idade alguns, mais velhos outros, com seus ares de superioridade, alguns moços e moças de nossa idade e crianças rosadas e saudáveis, sobretudo belas, que corriam em alvoroço por toda parte.

Deveríamos esperar pela noite, e no final da tarde, após um passeio pelas adjacências, aproveitei um momento em que Walkíria me deixara só para ir refugiar-me num daqueles planos à volta da mansão, o qual se debruçava para o norte e abria as vistas para a floresta que começava ao longe. Não havia ninguém e, sentado num canapé, fiquei na contemplação da paisagem.

Walkíria foi encontrar-me lá:

— É assim que vivem os ricos, Henrique — ela disse, pondo-se de joelhos atrás de mim e apoiando as mãos em meus ombros.

Eu suspirei e fechei os olhos.

— Você verá como vivem os pobres, Walkíria. — fiz uma pausa. — Verá também como vivem os miseráveis.

— Talvez não seja nenhuma novidade para mim, como você mesmo disse. Além do mais a televisão mostra isso o tempo todo.

— Sim. Mas não mostra a indecência.

Walkíria apertou-me ligeiramente os ombros. Curvou-se para mim e, beijando-me na face, cochichou:

— Esta noite, Henrique, eu lhe falarei da indecência.

### 32. Um capítulo sobre a opulência

À noite a mansão fervilhava.

Eu, contudo, me mantive à parte: nada tinha a ver com aquela gente embonecada que borbulhava pelos salões e jardins da mansão, e embora fizesse boa presença com o vestuário escolhido para mim por Walkíria, não só não conseguia sentir-me um deles como estou certo de que alguns desconfiavam da história que eu repetia, *en passant*, quando éramos apresentados.

Na maior parte do tempo estive pelos cantos, ora espiando aqui um quadro, ali adiante uma escultura, ora debruçando-me numa das janelas panorâmicas de onde ficava a olhar o brilho das luzes ao longe e, baixando os olhos vez por outra para o jardim, a admirar a juventude dourada que iluminava a festa, ver chegar limusines ou esportivos BMWs e Ferraris e saltar mais gente embonecada, mais exemplares dessa soberba juventude que parecia brotar de um reino fabuloso, a ponto de surpreender-me quando de um carro cujo modelo eu desconhecia vi descer uma senhora vestindo com muita simplicidade e acompanhada por uma menininha loira de uns doze anos que parecia uma pequena fada emersa dos contos dos Irmãos Grimm, as quais desapareceram embaixo conduzidas por um cavaleiro de bigodes e vestido a rigor, que caminhava muito empinado mas que apesar de tudo não conseguia esconder seus ares de serviçal. A mulher vestida com simplicidade na companhia da menina e do homem empertigado me haviam distraído por um momento, porém logo eu voltava a concentrar-me no incessante desfile de toaletes, beleza e requinte que parecia não ter fim...

Em momentos assim sobrevinha-me vagamente a lembrança de casa, do prédio mal cuidado, das ruas desniveladas, da gente mal arrumada que transitava por lá, do povo repulsivo da Toca das Hienas e seus pirralhos morbosos, e esse mundo pavoroso parecia-me distante a tal ponto que era como se não existisse de fato, a não ser de forma intuitiva numa imaginação fértil e capaz de criar horrores. Em outros momentos uma lucidez repentina atirava-me de volta à realidade e gritava-me nos ouvidos que aquilo duraria no máximo até a noite seguinte e a segunda-feira me encontraria de novo subindo as escadas encardidas que levavam ao meu exíguo apartamento para, em seguida, carregando a maleta de ferramentas, sair rumo à casa de algum miserável querendo consertar uma televisão velha ou trocar o relê de uma geladeira pior — enfim, essas e outras pequenas mazelas da penúria que me pareciam distantes, muito distantes naquela hora.

Eu não mentiria se afirmasse que me ocorreu tirar proveito financeiro da situação, isto é, arrancar alguma coisa de Walkíria valendo-me de sua carência afetiva e do bom conceito que fizera de mim (passava-me pela cabeça que se ela soubesse de certos fatos da minha vida — alguns dos quais o leitor já conhece, outros de que ainda falarei —, sua opinião sobre quem eu era haveria de mudar, porém se eu ainda não fizera referência a eles não fora pelo medo de rejeição e de que ela me “botasse pra fora de sua vida”, mas apenas por falta de ensejo). Olhando aquelas meninas ricas e lindas que trançavam, brejeiras e descuidadas, pelos jardins, pelos salões, que às vezes se aproximavam de onde eu estava com um alarido juvenil e logo se afastavam gracejando no seu natural alvoroço; olhando-as, portanto, que ao se aproximarem e se afastarem lançavam, algumas, um olhar suspeito em minha direção, como num oferecimento sutil, teria eu veleidades de uma conquista? A confusão ia pouco a pouco aumentando em minha cabeça, e eu me via obrigado a um esforço cada vez maior para manter o equilíbrio, o que conseguia quando alguém se dirigia a mim, iniciando uma conversa breve, fazendo alguma pergunta ou algum comentário, mas tão logo eu me via sozinho sentia-me outra vez escorregar vagarosamente para o fundo de meus pensamentos embaralhados.

Quando Walkíria, que acompanhara a mãe na recepção inicial a alguns dos convidados mais ilustres, saiu a minha procura foi encontrar-me embaixo, num recanto isolado, a admirar a noite e respirar em grandes haustos a fim de recuperar o autodomínio que me escapava.

— Que se passa com você? Está se sentindo mal?

— Um pouco... Eu não estou acostumado com isso tudo — e fiz um gesto vago, indicando em volta. — Essa festa, essas pessoas — disse.

— Eu entendo, Henrique. Mas é preciso relaxar. Vamos, eu me proponho agora a diverti-lo um pouco.

— Como?

— Você vai ver.

E tomando-me pela mão conduziu-me entre os convidados, parando aqui e ali para falar com algum conhecido e apresentar-me.

— Sabe quem é esse? — disse ao nos afastarmos de um homem grisalho de uns sessenta anos e ar empertigado de militar — com efeito, um general reformado — a quem me apresentara repetindo a história de Goiás.

— Estou curioso — respondi.

— Teófanês Brito é um velho amigo de papai. Visitava-nos com frequência em outros tempos, e quando eu era menina punha-me ao colo e me chamava de “sua pequena”. Longe da vista dos outros enfiava a mão dentro da minha calcinha e acariciava-me longamente. Que idade eu teria? Sete, oito, por aí.

— E você deixava?!... Não contava para ninguém?

— Nunca contei pra ninguém, só agora, pra você. Sim, deixava... Como vê, eu era puta desde criança. Na verdade eu tinha sete anos quando ele fez isso pela primeira vez. Fui pega de surpresa, olhei para ele com espanto... ele parou, depois pôs a mão de novo e eu deixei, sempre olhando para ele com espanto, mas sem opor-me. Não foi difícil acostumar-me. Um dia ele estava sozinho no terraço à beira da piscina e eu fui até lá, de propósito. Meus pais parolavam com alguns convidados embaixo no jardim enquanto a criada, em razão de uma festa que daríamos no dia seguinte, encontrava-se ocupada nos pavimentos inferiores. Por isso eu sabia que estávamos seguros. Ao avistar-me, ele me chamou, pôs o pau pra fora e me ensinou a chupá-lo. Chupei-o sei lá quantas vezes desde então, e ele sempre gozava na minha boca.

— ...! Estou que... nem sei o que dizer...!

— Não diga nada. Compreendo seu espanto. Depois ele viajou, mudou-se para a Europa e só voltamos a nos ver muitos anos depois. Foi como se nunca tivesse acontecido nada. Quer saber o que ele faz, além de ser militar reformado?

— Sim...

— É dono de uma rede de hotéis de alto luxo, aqui e em várias capitais da Europa, onde só se hospeda a nata da nata, já se vê. Mas não é só.

— E o que mais?

— Trafica armas. É raro uma guerra, um conflito armado, uma guerrilha em qualquer parte onde haja armas que, pelo menos algumas, não tenham passado por suas mãos. Essa é talvez sua principal fonte de renda.

— Caralho!

— Sim, caralho, mas fale sempre baixo. Para essa gente vender armas que vão matar inocentes ao redor do mundo não é nada demais, mas a vulgaridade de um palavrão seria uma gafe punível com a força, se ainda se executassem pessoas dessa forma tão pouco prática. Vire a cabeça devagar na direção da coluna e dê uma espiada distraída para aquele grupinho de peruas.

Fiz o que Walkíria me sugeriu e vi quatro ou cinco *socialites* conversando com bastante animação.

— Viu a de vestido rosa?

Dei mais uma espiada, logo dando as costas para o grupo a fim de não ser percebido, mas sem deixar de notar a mulher de rosa, uma senhora de uns quarenta anos ostentando um corpo bem feito e uma beleza sóbria que não lhe denunciava a idade.

— Que é que tem?

— Envenenou o marido, e só escapou da prisão porque a família abafou o caso.

— Como?!

— Ela era modelo, não muito popular, e abandonou a carreira aos vinte e

cinco para casar-se com um velho de setenta e cinco podre de rico. Estiveram casados por quatro anos até que o velho começou a adoecer e, ao fim de alguns meses, esticou as canelas. Veneno. O que se comenta a boca pequena é que a família quis evitar um escândalo, mas a verdade é outra: todos queriam o velho morto, e ela fora o instrumento de execução, que saiu da história livre e rica.

— E mesmo sabendo disso a recebem aqui?

— Fazer o quê? Hoje está casada com um dos homens mais ricos do Brasil, que mexe com ouro e petróleo. Tornou-se uma grande dama, e assim a reconhecem unanimemente. Além do mais, a história do envenenamento é conhecida de poucos, que se calam num tácito acordo de silêncio, mesmo porque o velho não era nenhuma flor que se cheirasse e todos, até os filhos, concordavam em que já tinha morrido tarde.

Walkíria olhou-me com um cândido sorriso que exibia dentinhos graciosos.

— Caralho! — exclamei, cochichando junto ao seu ouvido.

— Isso! — ela disse. — Sempre nesse tom.

Nesse instante o Sr. Cerqueira Dantas, pai de Walkíria, descobrindo-nos entre a multidão, chegou-se a nós:

— E então, meu jovem? Aqui lhe parece muito diferente do interior de Goiás?

A pergunta era perigosa, mas eu me mantive firme, apenas apertando ligeiramente a mão de Walkíria para que ela compreendesse que eu talvez estivesse em apuros.

— Não, senhor, eu penso que... quando se brilha... o brilho é mais ou menos igual em todos os lugares.

Senti um aperto de congratulação: Walkíria aprovara minha resposta.

— Vejo que a lisonja faz parte do seu vocabulário, meu jovem! — exclamou o homem.

— Se eu não fui indelicado, senhor...

— Mas de forma alguma! — e virando-se para um senhor de cinqüenta anos que se encontrava a alguns passos de distância acenou para ele. O homem conversava com uma senhora alta e gorda, carregada de jóias, que trazia na cabeça um escandaloso chapéu empenachado, mas percebendo o gesto cumprimentou a gorda e atendeu ao chamado. — Lemos, este jovem amigo de minha filha é do interior de Goiás, onde a família explora a pecuária.

O homem olhou-me com curiosidade e estendeu-me a mão, que eu apertei com um sorriso.

— Meu amigo Donato Lemos pretende brevemente investir em pecuária — disse-me o pai de Walkíria —, e está pensando mesmo em adquirir alguma propriedade em seu estado. Talvez vocês possam conversar sobre o

assunto. Ele bem que precisa de umas dicas sobre o tema, pois é sua primeira tentativa nesse ramo.

— Ficarei muito grato se puder ajudar-me — disse-me Donato Lemos —, mas não falaremos disso hoje, que é dia de festa. Concorde que devemos deixar os negócios para ocasião propícia, não é mesmo?

— Sem dúvida — reforçou o Sr. Cerqueira Dantas —, mas a apresentação está feita. Fiquem à vontade — e se afastou.

— Talvez pudéssemos marcar um almoço para a próxima segunda-feira — disse Donato Lemos com muita familiaridade —, se sua amiga consentir...

— É claro que eu consinto, Donato — disse Walkíria prontamente —, afinal eu sempre consenti, como você bem sabe...

Vi o sorriso murchar nas faces coradas do homem.

— ...e não seria agora que eu iria atrapalhar um negócio seu. Mas vamos combinar uma coisa...

Donato curvou-se, subserviente, forçando um novo sorriso.

— Eu mesmo o levo ao seu escritório, não na segunda, que está muito perto, mas lá pela quinta-feira. Combinado?

— Perfeito, senhorita, perfeito, meu rapaz. Fico-lhes muito grato. Aguardo então seu contato para quinta-feira.

Apertou-nos a mão e se afastou, misturando-se aos demais.

— Esse aí foi outra conquista minha na infância — disse Walkíria sem se voltar, mas inclinando-se para mim. — Percebeu como ficou sem graça com a alusão que fiz a consentir ou não consentir alguma coisa?

— Notei algo — respondi —, mas não entendi...

— Pois vou lhe contar, é uma história até divertida... Ah, mas, veja!, ali está o senador Olímpio Vilar, venha, vou apresentá-lo — e Walkíria, conduzindo-me pelo braço, aproximou-se de um senhor alto, grisalho, não muito magro mas elegante e de ar muito distinto, trajando a rigor, que naquele momento encontrava-se só e olhava em volta.

— Senador! — Walkíria falou-lhe com intimidade.

O senhor alto e de ar distinto voltou-se, viu quem lhe falara e curvou-se num gracioso cumprimento, tomando-lhe a mão e levando-a aos lábios:

— Senhorita, que satisfação! Bela festa, hein?

— Bela festa, senador. Minha mãe, o senhor a conhece bem, sempre se esmera nessas recepções, e a lista de convidados é invariavelmente bem selecionada, como o senhor pode ver.

— Sem dúvida estamos na melhor companhia. Só eu destôo, afinal o que é um simples senador da república nesses tempos que correm, não é mesmo?

— O senhor é sempre modesto, senador, modesto até demais pelo muito que tem contribuído com sua atuação no Congresso. Aliás, o senhor sabe que sou uma admiradora do seu trabalho.

— Fico feliz, minha menina, é bom que nossos esforços sejam reconhecidos, principalmente pelo melhor de nossa sociedade, que são aqueles que de fato são capazes de julgar com conhecimento. A senhorita nem imagina o quanto é difícil legislar! Sustentar os embates, deparar-se muitas vezes com uma oposição ferrenha a idéias inovadoras que, se implementadas, fariam o bem de todos e propiciariam o crescimento da nação. Mas não: os adversários não querem saber, lutam contra as idéias pelo simples prazer de não darem o braço a torcer, por não terem sido pensadas por eles ou por ferirem seus interesses, como se o que estivesse em primeiro plano não fosse o interesse do país.

— Mas o senhor tem obtido grandes vitórias na tribuna, senador.

— Não nego, senhorita, não nego, mas as derrotas também são numerosas, e já nem sei se estas são compensadas por aquelas. De qualquer maneira, são os ossos do ofício, como se diz popularmente, e no fim acabamos nos acostumando à liça.

— Mas, senador, deixe-me apresentar-lhe um amigo: Henrique Barbosa, que está estudando no Rio, mas cuja família é do interior de Goiás, onde trabalham com pecuária.

— Ora, mas que prazer, meu jovem — e o homem apertou-me a mão com uma cordialidade natural. — Eu sempre sustentei que a pecuária é o futuro do Brasil. Claro, não só a pecuária, mas o campo de um modo geral. Saiba, e isto deve interessar-lhe, já que sua família é do ramo, que eu venho desenvolvendo algumas idéias que trarão grandes avanços para o campo e em especial para a pecuária. No momento não posso adiantar nada, são apenas idéias em maturação, mas estou certo de que, quando a coisa se cristalizar e puder ser aplicada, será de inegável benefício, tanto para grandes quanto para pequenos produtores.

— Uma boa notícia, senador — eu disse, tentando dar à voz uma entonação de firmeza para disfarçar a timidez e a insegurança, e acrescentei: — Devo confessar minha ignorância sobre a política, já que tenho meu tempo quase todo tomados pelos estudos, mas farei um esforço para estar mais atento, principalmente agora que fomos apresentados.

Eu mesmo me surpreendi, pois não esperava falar tanto.

— Faz muito bem, meu jovem, faz muitíssimo bem. Os estudos, sem dúvida, são o futuro, o seu, o de todos, porém estar atento à política é fundamental. O homem é um bicho político, vocês bem o sabem, portanto torna-se vital manter-se informado a respeito.

— Sem dúvida, senador — disse Walkíria. — Eu estou sempre atenta, até mesmo em razão das minhas atividades... das atividades da família, melhor dizendo. Agora, porém, se me permite, devo ciceronear meu amigo por aí.

— Esteja à vontade, minha cara — e novamente curvou-se com elegância. — No entanto, meu jovem — dirigiu-se então a mim —, precisando de



alguma coisa no futuro, se eu puder servi-lo, aqui tem o meu cartão — o homem tirou do bolso interno um luxuoso cartão com letras douradas em relevo.

— Muito grato, senador — respondi, com um movimento de cabeça e um sorriso.

Afastamo-nos caminhando devagar.

— Vamos descer — disse Walkíria, aproximando o rosto do meu —, que eu lhe conto umas coisinhas sobre o senador.

Descemos a grande escada de mármore e nos dirigimos à parte baixa do jardim, que pululava de convidados e onde garçons de camisa branca e gravata borboleta seguiam muito rígidos de um lado para outro transportando bandejas com taças de cristal. Sentamos em um banco de pedra sob uma ampla galharia que balançava com a brisa. Enquanto apreciávamos o desenrolar da festa, Walkíria seguia me contando coisas.

— Esse senador Olímpio tem, com efeito, apresentado alguns projetos importantes, não há como negar. É atuante, defende as causas populares, implementa avanços na área da educação, da saúde etc. Não se pode dizer que seja apenas mais um inútil no cenário político, tampouco que seja um corrupto contumaz como tantos.

— Como tantos! — confirmei.

— Será talvez idôneo...

— ...

— ...mas não tanto.

Atirei-lhe um olhar inquisitivo, que ela devolveu com um sorriso sutil. Franzi o cenho. Ela continuou:

— Lembra-se do escândalo, não muito antigo, envolvendo o deputado Faria Neves?

— Lembro. Qualquer coisa sobre licitações e superfaturamento de obras públicas. Mas não deu em nada.

— Não se conseguiu provar nada e o deputado saiu limpo da história, já foi até condecorado por sei lá o quê... Tente adivinhar por que não se provou nada.

— Como vou saber!

— Porque investigavam corrupção...

— Mas ele não é corrupto?

— Sim, mas é o de menos. O fato é que as investigações eram habilmente conduzidas apenas nessa direção, no entanto todos sabem que ele tem negócios secretos com narcotraficantes colombianos e que boa parte da droga vendida em território brasileiro está sob seu controle...

— Todos sabem?

— Por “todos” eu me refiro, claro, apenas a uns poucos, muito poucos por sinal, mais chegados a ele, como meu pai.

— Boa parte, você disse, da droga que é vendida aqui... Boa parte quanto?

— Digamos uns 45%. Só dele. O resto se divide entre um número mais ou menos grande de traficantes menos expressivos.

— Difícil de acreditar. E por que a polícia não bota as mãos nele?

— A polícia jamais chegará a ele, e sabe por quê?... Porque tem muita gente poderosa...

— O senador...?!

— Entre outros, mas principalmente o senador Olímpio Vilar.

— Então...

— O senador não se envolve nas atividades escusas de Faria Neves. Mas não ignora, e, em nome de uma amizade de longa data... e até de uns favores prestados em épocas mais difíceis para ele, arranja jeito de livrar o amigo de enrascadas como essa. Até discurso fez quando a Justiça inocentou Faria Neves, falando de sua vida ilibada, de sua luta incansável pelos interesses do povo e mais um monte de mentiras. Com isso, aonde quer que as investigações conduzam encontra-se a arraia miúda, que é quem sempre paga o pato. É claro que a arraia miúda é tão inescrupulosa quanto a graúda, e merece pagar o pato. Mas não sozinha.

Movi a cabeça devagar, um tanto alheio à festa, os pensamentos confusos com as revelações de Walkíria mas sem saber se devia levar a sério as histórias que ela ia me atirando ao colo. Walkíria, no entanto, já se levantava para falar a alguém que passava e que não me era estranho...

— Júlio, meu querido, que bom que veio!

Júlio Miranda, o poeta sulfúrico, como acabara conhecido por seus livros ácidos de crítica social, com os quais pretendia demolir o sistema vigente no país e implantar uma anarquia. Havia muito de retórica em seus versos, que porém não deixavam de ter qualidade e agradar aos especialistas.

— Oi, Walkíria — ele respondeu em tom brejeiro —, não tinha te visto, garota!

Eu também havia me levantado mas permanecera na retaguarda, aguardando.

— Já estive com mamãe?... Porque se não estive ela não vai perdoá-lo...

— Claro que já estive com ela — ele disse exibindo um sorriso de dentes grandes e brilhantes —, não poderia deixar de ir cumprimentá-la antes de todos os demais, pois nesse caso o fã sou eu, e você sabe disso.

— Ora, seu mentiroso — e Walkíria deu-lhe um falso beliscão no braço.

— Deixe-me apresentá-lo a um amigo.

Voltou-se para mim e puxou-me pela mão.

— Este é o Henrique, que cursa Administração na UFRJ. A família é do interior de Goiás, são grandes pecuaristas por lá, mas o Henrique preferiu o Rio de Janeiro, pelo menos enquanto estuda...

— Interessante — ele disse, mas ao contrário do que havia dito com uma expressão de pouquíssimo interesse.

— O Júlio não preciso dizer quem seja, não é Henrique?

— É certo que não — respondi fingindo um quase sorriso —, é nome muito conhecido — e admiti: — Eu já li alguns de seus livros.

— Espero que tenham lhe agradado — ele disse parecendo subitamente mais interessado em mim.

— Oh, certamente...

Mas não ficaríamos a parolar pois no instante seguinte Júlio Miranda já se afastava pelo braço de uma mulher de meia idade, corpulenta e escandalosamente maquiada, que, como se lhe fosse muito íntima, aproximou-se sem a menor cerimônia e o carregou consigo.

— E essa! — murmurei.

— Esse aí é um típinho curioso.

— Quem? O Júlio?

— Sim.

— Por quê? Não lhe agradam os poemas dele?

— Ora, claro que agradam, e se você de fato leu algum de seus livros...

— Li vários...

— ...então deu pra perceber que não foi à toa que os militares lhe atiravam olhares atravessados durante a ditadura.

— Bem, naquela época tudo e nada eram motivos para tais olhares...

— Sem dúvida, mas quanto a Júlio Miranda os motivos eram bastante patentes. Chegou a ser preso, dizem que por muito pouco não foi torturado...

— Sim, mas onde você quer chegar?

— Você não percebe? Faz um discurso social corrosivo, odeia gente rica, pelo menos em suas crônicas, mas olha onde ele está justamente agora!... Você acha que é por acaso? Não é, ele vem sempre, está sempre junto às altas rodas, goza do bom e do melhor que o dinheiro pode pagar, não passa de um burguês que se diz socialista mas acumula só para si e não faz nada por ninguém! Sabe quantos imóveis ele tem alugados a preços abusivos em Copacabana?... Pra você ver. Esse é o tipo de gente que pretende mudar a sociedade, mas com palavras vazias, e só com palavras vazias, pois é só o que gente como ele tem: conversa fiada e mais nada.

Walkíria sorriu, provavelmente de indignação.

Acréscitou:

— Não deixa de ser um poeta notável...

— ...mas não passa de um filho-da-puta — completei.

Sorrimos um para o outro.

— Mas e o Lemos? — perguntei depois de um instante.

— Ah, o Lemos... Já ia me esquecendo! — travou do meu braço e co-

lou-se a mim enquanto voltávamos ao banco. — Lemos foi só uma conquista minha na infância, como já disse.

— Fale-me dele.

— Seja feita sua vontade — concordou, bem humorada. — Lá vai. Donato Lemos passou a freqüentar nossa casa na qualidade de amigo da família quando eu tinha dez anos. Parece que ele e papai se conheceram no Jockey-Club, tiveram interesses comuns em diversos negócios, combateram ao mesmo tempo rivais comuns em alguns empreendimentos escusos que eu não conheço bem e assim se tornaram amigos. Com freqüência aparecia em nossa casa no Rio com a mulher, uma alemã que conhecera em Berlim, alguns anos mais velha e com quem se casara apenas para aumentar seu patrimônio. Pelo menos era isso que corria a respeito desse casamento, mas como depois se separaram é possível que tenha sido apenas boato. No entanto viveram juntos muitos anos, ele sempre fazendo a figura de um marido dedicado mas no fundo não passando de um libertino. Ela, na ausência do marido, quando Donato Lemos viajava a negócios, aparecia em sociedade com um amigo, sempre o mesmo, um notório veado que não fazia muita questão de disfarçar seus trejeitos; mas o que se dizia à socapa é que o sujeitinho era gilete e comia a alemã em troca de uma posição na sociedade e de fazer seu pé-de-meia. A alemã separou-se de Donato Lemos depois de mais ou menos vinte anos de casamento, num divórcio amigável após o qual ela voltou para Berlim, não sei se levando o gilete com ela. Donato Lemos, por sua vez, desapareceu, mas de tempos em tempos reaparecia já que os negócios o traziam ao Rio com alguma freqüência. Eu o vi pela primeira vez, lembro-me bem, em uma recepção no Palácio Laranjeiras, por ocasião de uma solenidade qualquer do governo, quando papai apresentou o casal à família. Na semana seguinte foi convidado para um jantar em nossa casa, e acabou tornando-se *habitué*. Meus pais costumavam reunir amigos duas ou três vezes por mês em nossa casa, às vezes à tarde, às vezes à noite, não eram propriamente recepções, mas simples reuniões de amigos nas quais não falavam apenas de investimentos, negócios, política, etc. mas divertiam-se jogando pôquer em apostas simbólicas. Donato Lemos comparecia a quase todas essas reuniões, mas na qualidade de mais íntimo da casa passou a nos visitar também fora desses dias, mesmo quando papai não estava. Como ele aparecia sempre em companhia da mulher não havia motivo para qualquer suspeita, isto é, ele demonstrava mesmo ser um marido caseiro e nem sequer se podia pensar num flerte com minha mãe. De que maneira poderia alguém suspeitar de que seu interesse era por mim, que completara dez anos havia pouco tempo? Durante essas visitas, deixava a mulher conversando com mamãe na sala de chá e, como quem não quer nada, esgueirava-se para fora com a desculpa de fazer um passeio pelo jardim. Nossa casa no Rio é quase tão grande quanto esta e o jardim suficientemente vasto para que alguém se interne entre as trilhas do

pequeno bosque e encontre recantos isolados e tranquilos, principalmente seguros, quando se deseja estar só. Logo em sua primeira visita quando de uma ausência de papai, ao sair para “dar uma volta pelo jardim” Donato Lemos encontrou-me na varanda e, tomando-me pela mão, convidou-me a passear com ele. Conduziu-me até um desses recantos seguros e ali bolinou-me quanto quis. A princípio tocou-me como que inadvertidamente, depois com um pouco mais de ousadia, pousando a mão sobre meu púbis mas por cima do vestido, e como não encontrasse resistência passou para uma carícia por minhas coxas e depois... bem, você sabe.

Walkíria encarou-me e sorriu:

— Já lhe disse que sou puta desde criança, portanto não precisa fazer essa cara. Nesse dia, enquanto ele me bolinava eu meti a mão dentro de suas calças e lhe acariciei o pau duro até fazê-lo gozar. Nas ocasiões seguintes em que ele se pegava sozinho comigo, algumas também aqui nesta casa, abaixava minha calcinha e lambia-me toda, e eu adorava sua língua percorrendo minha xoxota...

— Ninguém nunca desconfiou? — perguntei. — Sua mãe, por exemplo, ou a mulher dele...

— A mulher não sei, talvez ela soubesse da inclinação do marido, mas não estou certa quanto a isso. Minha mãe, suficientemente estúpida, nem de longe desconfiaria; quanto ao meu pai, como nessas ocasiões estivesse ausente, creio que não tinha como suspeitar de nada. Mas havia um outro fator de segurança para ele: meu irmão tinha seis anos, e vez ou outra Donato Lemos o convidava também e então passeávamos os três. Nessas ocasiões ele nos contava histórias e nos ensinava a caçar borboletas. Em alguns dos passeios que fizemos a três, momentos houve em que Donato Lemos, entregando a meu irmão a redezinha de pegar borboletas, mandava que ele saísse à caça de alguma “bem grande e bonita, veja lá” ele dizia, “procure sem pressa”, e assim que ficávamos a sós ele punha o pau pra fora e eu o fazia gozar. Era rápido, só demorávamos um pouco mais quando estávamos sozinhos; cinco minutos mais tarde meu irmão estava de volta, às vezes vermelho e frustrado por não ter conseguido caçar borboleta alguma, então regressávamos os três tagarelando sobre qualquer bobagem. — Walkíria faz uma pausa. Prossegue: — Havia, claro, os criados... bem, não duvido de que sempre fôramos vistos saindo a caminhar de mãos dadas, meu irmão conosco vez ou outra, seguindo nesta ou naquela direção, de ordinário regressando de mãos dadas e conversando com naturalidade, de maneira que se algum dos criados teve suspeitas, ou mesmo se nos seguiu a distância e surpreendeu o que fazíamos, soube manter-se calado.

Cobri o rosto com as mãos, esfregando as faces com força.

— Não podia imaginar uma coisa assim, francamente. E você consentia!

— Está me achando horrível agora, não é?

— Não estou aqui para julgá-la. De qualquer maneira... Não, não sei...

— A coisa com Donato Lemos durou um bom tempo. Eu ia completar treze anos quando nos vimos pela última vez, aqui mesmo, mas ele não me disse que estava para partir. Depois desse dia sumiu por muito tempo. Ouvi meus pais comentarem que ele e a mulher haviam se mudado para Manaus, e quando voltaram eu já me tornara adulta, era uma garota feiosa que não podia interessá-lo mais. Foi um ano mais tarde que ele se separou da mulher, e desde então reatou a amizade com papai. Ainda nos visita, mas sua presença é menos freqüente e não houve mais qualquer intimidade entre nós, nem qualquer alusão ao passado quando casualmente, em duas ou três ocasiões, nos pegamos sozinhos. Aliás, nessas ocasiões trocamos no máximo uma dúzia de palavras e nos afastamos em seguida sem qualquer constrangimento.

Enquanto conversávamos, vi aproximar-se de nós um senhor que aparentava sessenta anos. Baixo, magro, cabelos totalmente brancos, óculos finos de aros dourados, vestindo uma camisa social branca muito elegante da qual, para assumir um ar menos solene, deixara abertos dois botões à altura do pescoço.

— Dr. Moreira Fraga, que prazer em vê-lo! — disse Walkíria avançando um passo em sua direção.

— Só vim cumprimentá-la, minha querida, não quero incomodar os pombinhos.

— Mas que nada, Dr. Moreira, o Henrique é só um amigo que estou ciceroneando, por isso nos retiramos aqui para conversarmos um pouco.

— Deveras? — e estendeu-me a mão, que eu apertei com um sorriso amistoso. — Não é do Rio?

— A família é do interior de Goiás. Pecuária, não é, Henrique? — e voltou-se para mim.

— Sim — confirmei.

— Pois é... Mas ele estuda Administração na UERJ, qual período mesmo, Henrique?

— Quinto período — inventei na hora.

— Ah... Nós nos conhecemos semana passada no *shopping*, então o convidi. Como ele não conhece ninguém, faça-lhe companhia.

— Ah, sim, mas será decerto uma questão de tempo até enturmar-se.

— Espero que sim — eu disse, com um breve movimento de cabeça.

— Bem, agora que já os cumprimentei, retiro-me. Ainda há bastante gente com quem devo falar — e apertando-nos a mão: — São as regras da cortesia, meus queridos, falar com todos.

— Esteja à vontade, Dr. Moreira — disse Walkíria, e quando o velho estava a uma distância segura, voltou-se para mim: — Sabe quem é esse aí?

— Outra conquista sua na infância?

— Não, esse não. Bem que eu fiz minhas tentativas, mas não... Ele tam-

bém freqüentava as reuniões lá em casa, participava de algumas rodadas do pôquer mas seu temperamento era bastante diferente dos demais. Depois de conversar um pouco com os homens e jogar uma ou duas vezes, passava pela sala e trocava um dedo de prosa com as senhoras para, em seguida, recolher-se à biblioteca, onde se aboletava numa poltrona e se entretinha a ler algum livro. Eu tinha onze anos nessa época, e da primeira vez que o vi dirigir-se à biblioteca fui atrás sem que ele me percebesse, e entrei como que distraidamente fingindo surpresa por vê-lo ali. Ele me sorriu, disse qualquer coisa, que eu respondi, e falamos de banalidades por algum tempo. Fingindo interesse no que ele estava lendo aproximei-me da poltrona e quase debrucei-me sobre ele. Isso se repetiu em diversas ocasiões, mas ele parecia inteiramente indiferente a mim: sempre amistososo, porém contido em gestos e palavras, finíssimo, parecia esperar que eu me fosse para que pudesse ler sossegado. Por fim percebi que estava perdendo meu tempo, e desisti.

A confissão de Walkíria me deixava pasmo.

— Parece mesmo uma pessoa muito distinta — foi só o que consegui dizer.

— Distintíssimo. Mas levou o sócio ao suicídio.

Encarei-a sem compreender.

— O caso, obscuro, foi muito comentado à época nos círculos mais íntimos. Ao certo não se sabe o que aconteceu, mas uma acusação de desvio de recursos resultou num escândalo que não chegou a ser inteiramente abafado, de forma que esse sócio teve seu nome enxovalhado e viu-se obrigado a vender sua parte nos negócios por uma ninharia. Como fosse minoritário, com participação pouco expressiva, viu-se empobrecido de uma hora para outra. Não suportou a pressão: a falta de apoio da família, as críticas da sociedade, o processo judicial em que tentava provar a inocência, a pobreza. Deu um tiro no céu da boca. Meu pai, contudo, comentou certa vez, eu já completara dezesseis anos e não era mais uma menininha que escutava a conversa dos adultos sem entender; meu pai, portanto, comentou que fora uma artimanha de Moreira Fraga para excluir o sócio, já que o pobre homem insistia em continuar nos negócios mas se recusava a tomar parte em certas atividades, digamos, pouco idôneas. Está visto que o suicídio era um resultado que não fazia parte da artimanha, mas não o afetou nem um pouco. Além do que, pouco se preocupou em saber que fim acabou levando a família do morto.

— Pelo visto — exclamei — cada um tem uma história escabrosa, santo Deus!

Um homem relativamente jovem acenou de longe para Walkíria, detendo-se brevemente com um amplo sorriso, e em seguida avançou na direção da escadaria.

— Mas esse aí é um sujeito às direitas, só age dentro da lei, evita toda e qualquer ilegalidade.

— Parece então que alguém escapa...

— Oh, sem dúvida! Alguém sempre escapa... Sabe aqueles espigões que estão sendo construídos em B\*\*\*?

— Vi qualquer coisa na televisão. Parece que vai ser um condomínio de luxo...

— Sim, um condomínio de altíssimo luxo. É uma zona nobre da cidade. Melhor dizendo, agora será uma zona nobre da cidade. No local havia uma comunidade, não era uma favela, mas gente humilde que desde sempre tinha vivido ali.

— Nada sei a respeito. O que foi que aconteceu?

— Foi estritamente dentro da lei que ele espoliou os moradores, expulsou-os de suas casas, destruiu-lhes a vida, indenizou-os em menos de um décimo do valor de mercado e reduziu tudo a escombros. Agora um único apartamento ali vale sessenta vezes o total do que ele pagou aos infelizes, que saíram sem destino certo e dos quais não se sabe o fim que tiveram. O projeto consta de pelo menos duzentos apartamentos. Veja quanto ele vai lucrar, sempre agindo dentro da mais estrita legalidade e evitando envolver-se em qualquer atividade escusa.

Fez uma pausa. Concluiu:

— Mas não foi sua única façanha. Teve outras. Sempre dentro da lei: expulsava pessoas de suas casas, onde essas pessoas tinham história de toda uma vida, pagava-lhes quantias irrisórias para construir seus prédios de luxo. Para onde iam essas pessoas desapropriadas e reduzidas à miséria? O que acontecia com elas? Ele nunca se preocupou com detalhes. Mas também nunca cometeu uma ação que não fosse amparada pela Lei.

Encaramo-nos na penumbra que os galhos faziam agora, quando uma das lâmpadas mais próximas apagou-se de repente. Walkíria levantou-se e, tomando-me pela mão, disse:

— Venha, vou lhe mostrar uma coisa.

Segui Walkíria através de toda a frente da mansão, que se erguia acima de nós com a impetuosidade de algo definitivo. Caminhávamos entre os convidados, alguns abrindo caminho para nós, um ou outro detendo-a para dizer alguma banalidade, até que alcançamos o lado norte e entramos por uma viela entre renques de árvores; por fim começamos a descer para terrenos mais baixos e arborizados, e a certa altura avistei ao longe um elegante pavilhão que eu não pudera ver do alto quando fora sentar-me à tarde naquele canapé, devido a árvores de copas amplas que formavam uma coberta verde e impenetrável.

O pavilhão era circular, possuía grandes janelas envidraçadas, e as finas colunas de madeira que sustentavam o teto davam à construção uma impressão de leveza tal que, visível à luz froura que vinha de lâmpadas esparsas ao redor entre as árvores, parecia flutuar.



Walkíria parou.

— Como eu pensava — disse —, as janelas estão iluminadas — e para mim: — Espere-me aqui — e caminhou rumo ao pavilhão, sumindo na sombra das árvores. Retornou em poucos minutos.

— Confirmado — disse como que para si mesma. — Agora você vai até lá.

— O que é que tem lá? — perguntei, fazendo cara de dúvida.

— Se eu disser perde a graça. Mas preste atenção: não faça qualquer barulho, é melhor deixar os sapatos aqui. Você vai encontrar uma escadinha, fechada por um portão de madeira. Abra o portão, que fica apenas encostado, e suba a escadinha, contorne o prédio pela direita procurando caminhar em silêncio. Do outro lado você vai avistar uma pequena vidraça. Se não fizer ruídos, sua presença não será notada, pois não há lâmpadas daquele lado. Aproxime-se dessa vidraça e espreite para dentro.

— Mas... o que é que tem lá? — tornei a perguntar.

— Putz! Já disse que se eu falar perde a graça. Vai logo!

— Isso é uma armadilha...

— Puta que pariu!... Vai!

Obedeci.

Caminhei descalço até as proximidades do pavilhão, encontrei o portãozinho de madeira, a escada e, contornando o prédio pela direita, a pequena vidraça iluminada. Parei um momento tentando enxergar no chão qualquer coisa — gravetos, folhas secas — que, eu pisando, produzisse um ruído denunciador, mas parecia não haver nada; tomado de súbita apreensão e sentindo o coração acelerar, aproximei-me da janelinha e, evitando expor-me à luz, olhei para dentro.

Se não posso falar de espanto sem cair na trivialidade de lugares-comuns, posso pelo menos descrever o que vi no pequeno cômodo: havia ali uma cama e duas pessoas claramente reconhecíveis; uma delas Irving, o irmão de Walkíria, nu e sentado na cama com os pés apoiados sobre um tapetezinho felpudo; a outra, a garotinha loira que eu vira chegar no começo da noite em companhia da senhora vestida com simplicidade; igualmente nua, a menina ajoelhara-se entre as pernas do rapaz e, curvando-se, chupava-o demoradamente; em seguida, retirando o pau dele da boca, manipulava-o de forma algo desajeitada e depois voltava a chupá-lo.

Recuei um passo e encostei-me na parede, assombrado. Não sei o que me passou pela cabeça; permaneci algum tempo encostado à parede olhando, besta, o parque às escuras, a trivialidade da luz que se projetava pela janela sobre as folhagens mais próximas e enfraquecia, perdendo-se mais ao longe, de forma que alguns metros à frente já nada se podia distinguir; em seguida avancei outra vez até a janela e dei mais uma espiada. Agora os papéis haviam se invertido: a menina, deitada na cama com as pernas abertas,

estorcia-se enquanto Irving, levantando-lhe os quadris com ambas as mãos como se fosse uma grande taça, curvara-se sobre ela...

— Viu? — Walkíria perguntou, quando voltei.

— Vamos embora — eu disse.

Retornamos caminhando devagar ao longo da alameda, eu sem comentar o que vira, ela até certo ponto respeitando meu silêncio. Antes, porém, de emergirmos outra vez na área iluminada, a título de conclusão Walkíria comentou:

— Minha mãe foi bastante ingênua para não perceber o que havia entre mim e Donato Lemos, assim como o é para ignorar as preferências do “filho homem”, como ela faz questão de frisar. É suficientemente frívola para ocupar-se apenas do chá com as amigas frívolas feito ela, desfiles de moda, jóias, vestidos e chapéus. Ah, minha mãe e seus vestidos e chapéus!... Lê nada mais que as colunas sociais, só vai ao cinema para assistir melodrama barato e discute as novelas da TV como se fossem o supra-sumo da alta literatura.

Fez uma pausa.

— Coitada, é de uma estupidez de fazer dó.

Eu ouvia sem responder, reconhecendo que ela estava sendo bem mais cáustica em relação à família do que eu fora ao falar dos meus pais e de sua religião, e talvez tivesse razão para ser assim.

— Já o meu pai — prosseguiu —, que me chamou de feia e disse-me que os homens só se interessariam por minha fortuna, lamentando que eu não tivesse nascido homem, pois queria que seu primogênito tivesse um pinto e não uma xereca... Lançar-me isto em rosto não passou de uma amenidade de papai. Em outras questões seu procedimento é bem menos... como direi?... edificante! Quer ouvir?

— Por que não? Já ouvi tanto!

— Achei que estivesse enfastiado.

— Não, estou até me divertindo.

— Que bom! A característica que melhor descreve meu pai é, figuradamente, a de “removedor de obstáculos”, e sabe por quê?

— Acho que posso imaginar.

— Pode sim. Aliás, não é nada difícil explicar o que ele faz: ele compra pessoas. Não pessoas comuns, que pessoas comuns não valem grande coisa nem têm nada para vender, mas autoridades. Compra sentenças de juízes, paga a polícia para fazer vistas grossas a uma infinidade de ilícitos, suborna políticos de todos os escalões para legislarem em seu interesse, aliás um desses é o deputado Faria Neves, e quando alguém atravessa em seu caminho providencia para que essa pessoa seja... “removida”... acho que você me entende.

— Acho que sim.

— E é ele também quem provê o divertimentozinho ocasional de seu “filho homem”, como também gosta de enfatizar. Não diretamente, claro...

— Claro.

— Mas em última análise é ele quem avalia a peça a ser adquirida, mas em companhia do filho e com a anuência deste. Essa garotinha de hoje custou-lhe uma pequena fortuna, foi selecionada a dedo entre diversas outras. Vai ficar por aqui umas duas ou três semanas, depois será dispensada e devolvida à família. Algum tempo depois uma outra virá ocupar o lugar vago.

— Deus do céu!

— Mas veja pelo lado bom: a família da menina nunca mais terá problemas financeiros. Antes, por exemplo, viviam de aluguel, agora possuem casa própria e num bairro muito melhor. Além do mais, a menina volta para casa com seu cabacinho intacto, e não é preciso dizer por quê.

— Oh, claro que não!

Seguíamos agora entre os convidados e nos encaminhávamos para nosso lugar no banco sob as árvores.

— Nunca deu errado? — perguntei.

— Por que daria?

— Por exemplo, alguém descobrir... a menina escolhida não se submeter, ou a família não concordar...

— Você se preocupa com questões mínimas, meu querido. Pra início de conversa, quem descobriria? Em nosso mundo ninguém “descobre” nada porque simplesmente não há interesse em descobrir. E se houvesse interesse, não seria permitido. Já quanto a menina não submeter, ou a família não concordar... isso até pode acontecer, mas veja: a menina faz o que a família manda, o dinheiro paga, e pronto.

Quando me sentei, Walkíria ficou de pé ao meu lado e pôs a mão em meu ombro.

— Se por acaso — ela continuou — alguma família rejeita, com indignação, a proposta, existem muitas outras dispostas a aceitar com muito boa vontade. Ou você acha que a podridão está apenas do nosso lado?

“Bem sei que não” disse quase sussurrando, perplexo pela infinidade de luzes que faziam do jardim um paraíso claro feito dia.

— Mas tem mais...

— Mais?!

Walkíria parecia divertir-se com minha ingenuidade.

— O que é que você está achando da festa? — perguntou, como se mudasse repentinamente de assunto.

Fiz um gesto indefinível com as mãos.

Ela levantou os olhos e por um momento contemplou o céu. Então me olhou de esguelha com um sorriso brincado nos lábios.

— Minha mãe gosta desse tipo de recepção — disse —, ela gosta de “brilhar”, e uma festa como essa é o motivo máximo de sua existência. Pobre mamãe... — e se levantou. Às minhas costas, curvou-se, apoiou as mãos em

meus ombros, falando junto ao meu ouvido: — Esta casa, porém, já abrigou, e vez por outra ainda abriga, outro tipo de festa, Henrique...

— Outro tipo? Que tipo?

— ...festas, digamos, privadas...

— ?!

— ...o tipo de festinhas secretas de que somente a elite, a *crème de la crème*, pode gozar.

— O que você quer dizer com isso?

— Figurões, Henrique, figurões da mais alta sociedade, políticos do mais alto escalão... membros, por assim dizer, de um clube fechado do qual nem mesmos suas famílias têm conhecimento... um clube do qual meu pai faz parte, e meu irmão também, claro, mas do qual minha pobre mãe jamais suspeitou nem suspeitará...

— Não estou ent...

— Um clube — ela continuou, interrompendo-me — cujos membros gostam de divertir-se com crianças... crianças de oito, nove, dez anos... Os membros desse clube fechado reúnem-se aqui uma ou duas vezes por ano para suas... brincadeiras de roda e amarelinha.

Parecia-me difícil acreditar no que ela me dizia.

— Reunião de negócios, é o que meu pai diz nessas ocasiões para afastar mamãe, “não, querida, não quero que se enfade, só beberemos uísque e falaremos de negócios”, e ela acredita. Só que a mim meu pai não enganou por muito tempo, e eu descobri tudo.

— Deus do céu!... E ela nunca insistiu em vir com ele, mesmo sendo uma reunião de negócios, ou veio depois, chegando de surpresa?

— Minha mãe? Ela jamais faria algo assim: vir de surpresa, como se estivesse espionando o marido. Eu, sim, vim e descobri. Como? Foi uma pequena e emocionante aventura. Intrigavam-me essas reuniões de negócio na mansão de Petrópolis para as quais eu não era convidada, pois afinal de contas sou sócia nas empresas. Papai dizia que só haveria “homens, filha, creio que você não vai apreciar, além do mais tudo de que será discutido lá você será informada. Mas se você assim mesmo quiser ir, fique à vontade”. Eu, está visto, não insisti, já desconfiava de que alguma coisa havia de errado na história mas dizia que não, não fazia questão de estar presente, até o dia em que decidir vir à socapa e entrar por uma entrada que somente nós, da família, conhecemos. Essa entrada fica quase dentro da mata e portanto nunca é vigiada, mesmo porque o portão é enorme, de ferro, e passa o tempo quase todo trancado. Só que eu tenho a chave. Consegui entrar na casa sem ser vista, e assisti a um espetáculo no mínimo impressionante. Mas está visto que não denunciei minha presença e me calei. Afinal, é o meu pai, é minha família... Não que mereçam minha complacência, mas...

Alguns convidados passaram por nós, sorriram, Walkíria respondeu com

um aceno. Uma jovem afastou-se do grupo e cochichou qualquer coisa junto ao ouvido de Walkíria, riu muito, via-se que estava um pouco “alta”, bebera talvez duas ou três doses além da conta.

Depois se afastaram e voltamos a ficar a sós.

Súbito, Walkíria curvou-se mais uma vez para mim e disse:

— Hoje mais cedo, lembra-se?, eu prometi mostrar-lhe a indecência — seu rosto estava muito próximo do meu. — Cumpri a promessa — e sorriu.

Acordei na manhã seguinte disposto a ir embora o mais cedo possível, e enquanto Walkíria não aparecia — não dormimos juntos, afinal aquela era a casa de seus pais e não ficaria bem — fui refugiar-me no nosso já conhecido canapé. Estive recolhido ali por algum tempo até que uma voz às minhas costas tirou-me de meus devaneios:

— Você não é pecuarista do interior de Goiás, acertei?

Levantei-me, dei de cara com Irving que, numa roupa leve de verão e segurando um copo com suco de laranja, sorria para mim.

Calçava sandálias, e no pulso direito brilhava uma correntinha de ouro.

— Como percebeu?

— Pra ser sincero, não foi difícil.

— Cometi alguma gafe?

— Não, portou-se até muito bem. Minha irmã o denunciou.

— Walkíria? Não é possível...!

— Claro que foi sem querer, e por certo nem se deu conta disso.

— Não estou entendendo...

— Acontece que Walkíria nunca nos apresentou nenhum de seus namorados, pelo menos não formalmente, tampouco aparecia em casa, aqui ou no Rio, com amigos. Nesse sentido minha irmã tem hábitos bastante regulares. — fez uma pausa, bebeu o suco e continuou: — Provavelmente ela lhe contou que preferiu morar sozinha por desentendimento com a família — fiz que sim com a cabeça —; pois é, Walkíria sempre manteve seus casos na rua, sabíamos que se envolvia com pessoas de qualquer classe social, e mesmo homens casados, mas não os trazia para casa. Nossa mãe não aprovava esse comportamento e começou a cobrar dela, até que ela decidiu morar sozinha e administrar também sozinha sua parte nas empresas.

— Ela me disse isso por alto, não entrou nos detalhes daquilo que a motivou a sair de casa. Aliás, mencionou algo que o pai teria dito e que a magoara...

— Ora, uma ninharia. Sei disso. Não, a razão não foi essa, ou pelo menos não apenas essa, mas sim porque mamãe quis pôr cobro às suas aventuras, que já estavam se tornando escandalosas. Imagine uma moleca milionária de dezesseis anos transando com um oficial de alta patente do Exército, casado e pai de meninas da idade dela! Esse foi apenas um dos diversos escândalos que nossos pais tiveram de abafar. Pergunte a ela. Como não fosse mais pos-

sível controlá-la, foi-lhe dado um ultimato por nossa mãe com o apoio de papai. Mas... de qualquer forma Walkíria não abandonou a família, a ligação entre nós sempre foi forte e vez por outra passava por lá para dar um beijo em mamãe, vinha para esta casa passar temporadas, mas sempre sozinha. Os amigos, de cama ou não, ficavam na rua. No entanto, ontem nos apresentou você alegando tratar-se de um pecuarista do interior de Goiás. Achei a história esquisita, não pela história em si, afinal não há nada demais em que alguém do interior de Goiás venha estudar no Rio; mas porque me ocorreu que ela talvez estivesse nos pregando uma peça. Daí minha suposição de que você não fosse pecuarista coisa nenhuma, e muito menos de Goiás. Como sabíamos que ela se envolvia tanto com homens de seu meio social quanto com alguns que ela ia buscar entre a ralé...

— Muito esperto. Com efeito, ela foi encontrar-me entre a ralé.

— Bem, desculpe-me, não queria ofendê-lo...

— Não ofendeu. É o que sou.

— ...mesmo porque você me pareceu ser gente boa.

— Talvez eu seja... talvez não.

— E o que faz da vida?

— Conserto coisas.

— Conserta... o quê?

— Quase tudo: geladeiras, televisores, aparelhos de som, máquinas de lavar, fornos de microondas, ventiladores... e até enceradeiras.

Ele fez um bico, olhando para o suco em seu copo:

— Nunca imaginei que essas coisas tivessem conserto.

— Não? Quem é pobre sempre manda consertar suas tralhas.

— Mesmo? Não é mais prático comprar tralhas novas?

— E quem foi que disse que gente pobre é prática?

Sem comentar, aproximou-se da borda do plano, dando-me as costas, e por um instante tive vontade de empurrá-lo para que arrebentasse a cabeça embaixo entre as pedras, mas o que fiz foi continuar reclinado no canapé até que ele se virou:

— Bem, até mais, vou dar uma volta por aí. Aprecio caminhar pela manhã para tonificar os músculos e limpar os pulmões com o ar puro da mata. Não quer vir?

— Não, obrigado. Vou esperar por Walkíria.

— Como queira. Então, até mais — e se afastou largando por ali o copo vazio. Havia dado meia dúzia de passos quando se voltou para mim: — A propósito...

— Sim?

— O que pretende com minha irmã?

— Apenas que ela me leve de volta para o Rio, pois estou a nenhum e não tenho como comprar uma passagem de ônibus.

— Ah... hum-hum.

De cabeça baixa, pareceu considerar minha resposta.

— Claro — disse depois de algum tempo —, ela o trouxe, ela o leva. Mas você não estará pensando, por exemplo, em casar-se com ela? Não precisaria consertar tralhas nunca mais na sua vida.

— Casar-me? Com Walkíria?... Não, imagina! Ela é apenas uma amiga, nada mais.

— Ah... bem, você é quem sabe... Mas saiba também que ninguém se oporia...

— Não? Estranho. Pessoas de seu meio social não valorizam apenas matrimônios entre iguais?

— Sim, isso acontece de um modo geral, mas não em nossa família. O máximo que nosso pai aconselharia a Walkíria seria casar-se em regime de separação de bens e depois, a título de compensação, fazer um depósito anual em sua conta bancária. Digamos, duzentos milhões por ano estaria bom pra você?

— E aposto que seria exatamente isso que ela faria, não? Quero dizer, a separação de bens...

— E os duzentos milhões anuais também. Então... pense bem!

Sorri:

— Já pensei. Só quero dela uma carona de volta para o Rio.

— Bem — e baixou a cabeça por um segundo, como se pensasse mais sobre o caso —, você é quem sabe — piscou-me um olho e, virando-me as costas, se foi.

Mas Walkíria não me levou de volta para o Rio, não naquele dia: “Meus pais e meu irmão viajarão hoje à tarde” ela disse, “ficaremos com a casa só para nós. Daí que só iremos embora lá pelo meio da semana, ou quem sabe mesmo no final da semana”.

Não tinha como fazer objeções. Concordei.

Será que eu estava me acostumando à boa vida?

### 33. Almoço filosófico

Cerca de um mês depois da primeira visita de Lilica, esperei pai e filha embaixo, no saguão, e quando surgiram na entrada avancei para eles e os empurrei a ambos de volta para a rua, “vamos até o mercadinho” eu disse de modo a ser ouvido pelo porteiro, “preciso comprar pó de café”.

Essas visitas dos Antunes com a filha poderiam tornar-se motivo de curiosidade e especulação por parte do porteiro: seu João sabia da vida de todo mundo e, conquanto não tivesse o hábito de soltar a língua — exceto em certas situações —, bastava uma escorregadela para que os mexericos comesçassem. Além do mais, ocorrera-me naqueles últimos dias, os próprios mo-

radores poderiam acabar desconfiando: nos sábados anteriores o Antunes deixara a Lilica em meu apartamento e fora visitar o velho do oitavo andar, com quem passara as tardes jogando bisca. O próprio Antunes, na sua primeira visita, havia dito que era melhor verem-no entrar em sair com a filha, e eu, mais precavido, pensei que não deixava de ser arriscado ele subir sempre ao oitavo andar sem a criança tendo ido até o segundo com ela. Embora os corredores estivessem no mais das vezes desertos, não era improvável que em alguma ocasião alguém o visse deixar Lilica comigo e depois subir; por essa razão achei por bem reduzir suas visitas, e naquele sábado, tendo-nos afastado uns duzentos metros do prédio, disse ao Antunes:

— Vou levar Lilica ao parque para quebrar a rotina. À tardinha eu a deixo em casa.

Tomei a menina pela mão:

— Quer ir ao parque, Lilica?

Os olhinhos acesos, ela fez que sim com a cabeça, e eu disse para o Antunes:

— Temos de nos cercar de cuidados, você sabe.

A providência parece tê-lo agradado, “o senhor pensa em tudo, seu Henrique” ele disse com um sorriso velhaco.

Pouco a pouco Lilica ia tomando conta de minha vida e preenchendo-a de uma maneira inesperada para mim: depois de algum tempo nossos encontros já não se limitavam aos sábados, embora não fossem mais freqüentes que uma ou — mais raramente — duas vezes por semana. Quando, porém, acontecia não sairmos, eu não poderia esquivar-me de pelo menos ir encontrá-la à noite em sua casa para o bate-papo de costume, do contrário no dia seguinte teria que ouvir de uma garotinha possessiva e dominadora — e sem replicar — censuras e reclamações. Tornaram-se habituais nossos passeios a parques de diversão, à praia, ao cinema, aos diversos lugares pitorescos do Rio, e a antiga melequentazinha maltrapilha da Toca, agora uma pequena princesa ataviada com as roupas de *griffe* que eu lhe comprava, os cabelos penteados por profissionais, arrebicada de cores — no que foi preciso chamar-lhe a atenção para não cair no ridículo, “vou levá-la a uma maquiadora para que você aprenda a maquiar-se, Lilica, assim não fica bem” —, com um relóginho dourado no pulso e exibindo nos pés os calçados da moda; a antiga melequentazinha, portanto, chamava atenção e fazia presença onde quer que estivesse em minha companhia.

Certo sábado, porém, em que eu estaria livre durante o dia (comprometiera-me a acompanhar Lilica a um aniversário lá mesmo na Toca, porém à noite), sobreveio-me a oportunidade de desancar de vez o Freitas e, de quebra, um idiota chamado Azevedo, seu amigo, cujo grande mérito era conhecer Marx de cabo a rabo e destilar o veneno de seu fracasso na vida, acabando com aquela história de ONG, de “separar a parte que não lhe fará falta”,



de convites para reuniões e palestras sobre questões sociais e exploração capitalista do trabalho e todas essas baboseiras em que ambos — Freitas e Azevedo — eram mestres consumados.

Naquele sábado eu literalmente chutei o balde e lavei a alma.

Desde a ocasião em que o Freitas me apresentara seu talonário de doações, ele se tornou mais assíduo em suas investidas: não sei se ele percebeu que eu evitava aparecer nos horários em que ele saía e entrava; posso crer que isso não lhe tivesse ocorrido, mas ocorreu-lhe o artifício de aparecer em outros horários para pegar-me de surpresa, e como nessa ocasião eu ainda freqüentasse a casa do Mateus, mais de uma vez o patife foi encontrar-me lá.

Freitas não se apoquentou quando, dois ou três dias depois, lhe devolvemos o talonário alegando que, tendo em vista a crise que atravessávamos (o que não deixava de ser verdade, pois esta republiqueta parece jamais sair da crise: mal escapa de uma cai logo em outra, de forma que já se pode falar “da crise”, e não desta ou daquela crise), o dinheiro que andava escasso, os compromissos que já havíamos assumido, achávamos por bem não assumirmos novo compromisso, etc. etc. Meteu sem qualquer demonstração de desapontamento os dois talonários no bolso dizendo entender nossos motivos, e que aguardaria tempos melhores, quando tivéssemos mais disponibilidade financeira, etc. etc., e passou a falar de seus novos projetos.

— Pois a nossa ONG... — e por aí afora seguia desfiando suas idéias e intenções. Ouvindo-o, a fala fácil e desenvolta, não era possível perceber à primeira vista que na maioria — senão na totalidade — das vezes tais intenções jamais passavam de meros planos fadados a não se concretizar. Talvez fosse por essa razão que o Freitas ainda conseguia, vez a vez, arrancar dinheiro de algum incauto, mas bastava conhecê-lo um pouco melhor para não cair mais na esparrela.

Que palerma!

Além de procurar-me na casa da aleijadinha, nos fins de tarde em que aproveitávamos a fresca para uma boa prosa no quadrado, saboreando o cafezinho com biscoitos da dona Ernesta; Freitas também passou a procurar-me em casa, quase sempre quando chegava do trabalho: antes mesmo de subir para seu andar ia bater-me à porta. Queria recrutar-me a todo custo para sua ONG, e se das primeiras vezes eu o recebi com alguma boa vontade, ouvi-lhe os fastidiosos discursos, logo passei a alegar algum compromisso que me obrigava a sair “neste momento, Freitas, não repare, mas trata-se de uma urgência”, até que por fim não abria mais a porta.

Mais de uma vez pensei em pôr um fim na história declarando abertamente que não pretendia colaborar com sua ONG, nem como membro ativo, nem como contribuinte, pois eu tinha minhas próprias dificuldades e tinha de preocupar-me primeiramente com elas, não com os outros. Mais de uma vez recuei, evitando uma grosseria, certo de que ele acabaria desistindo.

Isso, porém, não aconteceu: por fim o Freitas não se contentava em amolar-me durante minhas visitas à casa do Mateus ou em “dar uma passadinha para um dedo de prosa” ao regressar do trabalho, porém de manhã ao sair para o trabalho tocava minha campainha, “vamos juntos para o centro, companheiro? Tenho novidades” dizia, e eu, que na maioria das vezes não pretendia sair cedo, improvisava alguma desculpa, ora dizendo que não iria para o centro naquele dia, ora alegando uma outra obrigação, por fim dizendo qualquer coisa ou simplesmente respondendo que estava com sono e iria dormir um pouco mais.

Não satisfeito com todas essas importunações, o desgraçado achou de procurar-me também nos finais de semana: um sábado apareceu com a mulher, convidando-se para almoçar comigo, e chegaram a trazer uma galinha assada. No sábado seguinte convidou-me para ir almoçar com ele, “e então vou aproveitar para mostrar-lhe algumas publicações importantes sobre questões sociais iminentes que não podemos negligenciar”, e eu, que confirmara minha presença, pensei em escapar cedo do prédio, mas não obtive êxito, pois às nove lá estava ele à minha porta, “vamos subir um pouquinho antes, amigo Henrique, pra termos um tempinho de prosear um pouco. Está lá um amigo meu que desejo muito apresentar-lhe”, e tive de resignar-me.

Em seu apartamento deparei com um sujeitinho miúdo e encardido, de má catadura, óculos grandes com armação grosseira de cor preta, barba por fazer, o cabelo ensebado puxado para trás e vestido quase como um indigente. Parecia muito concentrado numa leitura quando entramos, e somente levantou os olhos quando o Freitas me apresentou:

— Azevedo, este é o Henrique. Ainda não está conosco, mas tem potencial, tem futuro. Principalmente, tem boa vontade, o que se não é tudo, é o principal.

O sujeito encarou-me como se pretendesse dissecar-me com o olhar, e moveu a cabeça brevemente.

— Este é o Azevedo — disse o Freitas voltando-se para mim —, um dos membros mais antigos de nossa ONG. Pode-se dizer que seja o intelectual do grupo. Já esmiuçou Marx, não é exagero dizer que seja uma autoridade no assunto.

— Ah, sim — disse, desenxabido, e estendi-lhe a mão, que o outro mal se dignou a tocar, de imediato voltando à leitura.

Os dois maçaram-me durante três horas com sua lengalenga. Sentado no sofá ouvindo o Azevedo desfiar seu Marx quase adormeci, e se não cheguei a cabecear, faltou pouco. A certa altura pedi para ir ao banheiro e sentei por alguns minutos no vaso, entediado, fazendo por demorar-me ali o mais que pudesse para suportar melhor o resto da provação. “É preciso pôr um fim nessa história” pensei antes de retornar à sala, lavando o rosto na pia para espantar o sono. Quando fomos para a mesa a vontade de comer havia pas-

sado, e ainda que o almoço não estivesse mal lambisquei o arroz-de-forno, mordi uma asa de frango e beberiquei meio copo de limonada.

— Aprecio a limonada — o Azevedo comentou.

Para ter algo a dizer, concordei:

— Refrigerantes não são realmente uma bebida muito saudável.

O outro olhou-me como se eu tivesse dito uma enormidade:

— Creio que o senhor não entendeu o que eu pretendi dizer.

— Pelo contrário — respondi —, entendi muito bem. Você disse apreciar limonada, decerto por ser natural, estar fresca e não acondicionada numa garrafa com diversos conservantes, etc., e eu concordei, dizendo que os refrigerantes não são uma bebida saudável.

— Ah, sim, nesse ponto... Porém o senhor decerto não captou a essência do que eu disse.

— Bem, confesso que não... se há alguma essência em sua frase.

Minhas palavras tinham um quê de mordacidade — admito que já não me sentia com muita paciência —, que eu atenuei com um tom amistoso de voz e um sorriso.

— Sim, há sim — ele disse, sem se dar conta do que eu dissera. — A limonada não é apenas um produto natural e sem conservantes: trata-se de um produto oriundo do campo, das mãos do produtor rural, daquele que labora de sol a sol para alimentar o país. Já o refrigerante é uma bebida burguesa, produto do capitalismo que o distribui para o povo cheio de aditivos químicos e cuja finalidade é apenas envenenar o país. Percebe agora a diferença?

— Ãããã...

Meia hora depois de retirada a mesa levantei-me do sofá, para onde tínhamos retornado, encetando nova lengalenga sobre Marx, o Capital e afins:

— Se me dão licença, não posso demorar-me mais pois sou aguardado agora à tarde para um servicinho em casa de um cliente.

O Azevedo olhou-me carrancudo, e o Freitas também ficou de pé:

— Mas que pena! — exclamou. — Porém o amigo fica convidado para a semana que vem...

— Semana que vem... — eu disse.

— Sim, ainda não lhe disse, e estou certo de que se trata de uma coisa que vai agradá-lo especialmente: o nosso Azevedo propôs-me uma série de palestras...

— Palestras... — murmurei.

— Sim, palestras sobre questões econômicas e sociais que ele mesmo fará, aqui em casa, ocasiões em que reuniremos os membros da ONG, mas abertas para quem não é membro. Então, o amigo fica desde já convidado. Serão sempre às quintas-feiras, a partir das sete, e começam já na próxima, portanto anote em sua agenda.

Ao entrar em casa e esticar-me no sofá, amaldiçoava o Freitas e o Azevedo desejando que ambos tivessem a pior digestão do mundo, com o agravante de uma caganeira que não lhes desse tempo de alcançar o vaso e os arriasse na cama. Claro está que não compareci nem à primeira, nem à palestra seguinte, e nessas semanas cheguei a dar nó em pingo d'água para não encontrar-me com o Freitas. Chegara à conclusão de que era urgente livrar-me do sujeito de uma vez por todas, mais ainda porque entrara para o time dos chatos aquele tal Azevedo, e o ensejo para isso ocorreu menos de três semanas depois, num sábado em que eu andava à toa pelo centro.

Passar à toa pelas ruas costuma ser proveitoso: no mínimo a gente se diverte observando as mazelas do mundo, as chagas expostas da cidade, as pústulas que fedem detrás das portas e janelas, a corrosão disfarçada no brilho das vitrines, o cheiro de banheiro público nas alcovas forradas de seda e cetim, mas a verdade mesmo é que isso nos faz lembrar o quanto é repulsivo o ser humano e o tão pouco de complacência que merece. Há horas em que me dou conta de como viria a calhar uma versão moderna da Peste Negra medieval que, no entanto, reduzisse a espécie a um centésimo milésimo de sua população! Argh!...

(Ou a extinguisse de vez, o que seria muito melhor!)

Lembrando-me desse dia não pude evitar um devaneio escatológico, pois o episódio teve mesmo um certo tom... excrementício.

Andava, portanto, a esmo, olhando vitrines quando de repente vejo saírem de uma livraria... quem?

O Gordo & o Magro!

Não, decerto, a popular dupla de comediantes dos tempos da TV preto & branco, mas uma outra — que merece uma descrição e tem uma história, dupla à qual eu ainda garoto dera esse apelido, que melhor não havia e veio a assentar-lhes feito uma camisa de vênus.

Uma descrição e uma história... comecemos pela descrição.

O Gordo é baixo, socado, mulato, uma calva no alto da cabeça com um pixaim espesso ridiculamente espalhado dos lados a dar volta ao crânio — e para piorar é mesmo gordo: tem o rosto cheio, balofo, e um bigode lanoso e denso sobre o beijo grosso encimado por um nariz pequeno que lhe confere um ar de bebê grande. Anda sempre de terno escuro. Mesmo num dia quente como aquele vestia o terno, pois exerce atividades burocráticas e gosta de passar impressão de importância, os dedos exibindo grossos anéis de pedras semi-preciosas (das mais baratas). O Magro não é apenas seu companheiro de trabalho, mas também dos tempos de moleque: igualmente vestido com roupas sóbrias e escuras, às vezes — como então — aparecia sem terno, porém com uma camisa social cujas fraldas punha para dentro das calças, as mangas compridas com os punhos desabotoados e duas dobras deixando metade do antebraço de fora. É bem mais alto e mais preto que o gordo e

fino feito um palito, cara chupada e ossuda na qual se espalha um nariz achatado de narinas largas; o bigode resume-se num filetezinho preto milimetricamente aparado acima da boca rasgada de lábios finos, com a protuberância das maxilas e dos dentes grandes fazendo lembrar um símio. Em que trabalham essas duas figuras miquelinas? Numa ONG. Como o Freitas (embora este tenha um emprego, coisa que a dupla não tem nem procura ter). Todas essas ONGs, diga-se de passagem, se não todas pelo menos a maioria, não passam de expedientes ardilosos para arrancar dinheiro dos incautos: invariavelmente pleiteiam coisas tidas como muito justas, muito nobres, seus membros têm-se na conta de paladinos de causas importantes, bravos defensores do direito dos pobres e oprimidos, os quais contudo, no mais das vezes, não passam de espertalhões que embolsam parte das doações — a parte mais expressiva, por sinal —, não precisando portanto trabalhar para sobreviver. A ONG criada pelo Gordo & o Magro também pleiteava algo muito justo e merecido, sendo que os dois bravos paladinos da causa exerciam justamente a atividade de embolsar as doações que recebiam e viver bem, sem dar muito na pinta, sem aparecerem em demasia para não perderem a credibilidade e utilizando de maneira conveniente uma parte — uma pequena parte, seja dito — da verba amealhada, e para isso produziam vez por outra algum evento em prol de sua causa, a qual não poderia ser outra: denunciar as injustiças sofridas pelos negros em nossa sociedade racista, reivindicar direitos que não são observados, estender sua luta a favor da população de baixa renda, etc. etc.

Como era de esperar, estavam sempre juntos com suas pastas 007 e seus discursos improvisados, seus papéis timbrados e suas boas intenções, exceto quando saíam de férias, pois aí cada qual pegava mulher e filhos e, num carro do ano, iam para Búzios, Cabo Frio, Poços de Caldas... E dá-lhe torrar a grana das doações! Dois grandes patifes! Sim, dois grandes patifes, no entanto com ares de bons moços, voz macia, maneirosos no gesticular e uma lábia de enganar o diabo.

Agora podemos passar à história.

O leitor decerto está lembrando do Buraco Quente, que referi logo no começo de minha novela: um indecente amontoamento de miseráveis que, certo dia, apareceram na periferia de nosso bairro arrastando suas tranqueiras.

É daquele lugar que emerge nossa dupla, já adultos nessa época, o Gordo talvez com seus vinte e oito anos, o Magro com dois ou três a mais.

Não tinham família, o Gordo vivia com os pais e o Magro num quartinho que havia nos fundos e alugara, segundo se dizia, por alguns trocados mensais apenas para não se dizer que ali estava de graça. Nunca se soube ao certo do que viviam, mas eram vistos sempre juntos maquinando sabe-se lá o quê — sendo possível que em suas conjuminâncias já existisse em germe a ONG

dos Incansáveis —; aliás, eu os via passar freqüentemente defronte nossa casa, juntos, ora saindo, ora retornando, mas o pouco que soube a seu respeito foi do que ouvia dos adultos — meu pai ou algum vizinho —, que de resto nada de concreto sabiam acerca dos dois.

Quando o Buraco Quente desapareceu, o Gordo & o Magro também desapareceram, e como não se soubesse o destino dos moradores, tampouco se podia cogitar do paradeiro da dupla.

Certo dia ouvi falar sobre a ONG dos Incansáveis. Eu estava à porta de uma loja no centro conversando com um conhecido que, em dado momento, apontou dois sujeitos que passavam pela calçada oposta, mencionando dois nomes que não me eram familiares mas cujos nomeados, tão logo lhes botei o olho em cima, reconheci na dupla que eu, na infância, apelidara de o Gordo & o Magro. Dito conhecido, que parecia nutrir pela dupla uma verdadeira aversão, referiu-me por miúdo as atividades da ONG e o vero caráter de seus líderes, “dois salafrários de primeira” dizia-me, “percebe-se pela aparência! Dignos de cacete, sim senhor, dignos de uma boa coça de pau e depois, cadeia!”.

E após um instante, com ênfase:

— Só cadeia, Henrique, com essa corja só a enxovia!

A dupla não havia mudado muito: estariam ambos um pouco mais velhos, pois já passavam bem dos quarenta — o Magro, por exemplo, já mostrava alguns grisalhos renitentes, se bem que escassos —, e se vestiam com certo apuro de gosto duvidoso, mas era inegável que haviam mudado de vida: por exemplo — seguiu seu relatório o tal conhecido —, residiam em bairro de uma burguesia aparentemente endinheirada onde faziam figura de beneméritos. Tinham mulher, filhos, e trocavam de carro pelo menos de dois em dois anos, “claro que com o que arrecadam na ONG” garantia-me o outro destilando um tanto de fel e outro tanto de verdade, pois se seus comentários eram motivados por um notório rancor, não deixavam por isso de ser verdadeiros, “que é também de onde tiram para seus demais luxos e excessos”.

Naquela tarde de sábado, tendo-os visto sair da livraria, e como seguisse na mesma direção que eles, fui desembocar numa praça onde se discursava atacando-se como de costume o governo, sempre inepto e mal intencionado, criticando-se os ricos — a alta burguesia —, a culpada de todos os males da face da Terra, e enaltecendo-se a força, o brio, a grandiosidade dos pobres, dos proletários, dos esquecidos da sorte, enfim, dos humilhados e ofendidos de todas as épocas que, segundo o discurso em voga, são os verdadeiros heróis, impolutos, imaculados, aureolados de mérito e santidade. Eu logo me dei conta de que os dois estavam envolvidos no comício, decerto seriam os organizadores e apenas haviam se afastado por alguns momentos, retornando ao palco das atividades em seguida. Detive-me por ali escutando aquela con-

versa fiada cujo fim seria unicamente arrancar novas doações, mas que não conseguiria muita coisa pois o público nem era numeroso nem parecia muito interessado. Como poucos dias antes comemorara-se o 13 de maio, o Gordo & o Magro discursaram também, e com uma veemência de atores ruins num palco improvisado, espetáculo que estaria mais para uma palhaçada do que para um drama. Ambos lembraram histórias da época da escravidão e finalizaram a fala trazendo à baila a “monumental figura de Zumbi dos Palmares, que enfrentando todas as adversidades, etc. etc., acolheu seus irmão foragidos para lhes dar abrigo e esperança, etc. etc.”, uma patacoada de empanzinhar qualquer cristão que jejuasse.

Quando me vi abordado pelo Freitas tendo a tiracolo o Azevedo cheguei a arrepende-me de estar ali, pois o calhorda entendeu de forma arrevesada meu interesse no discurso e cumprimentou-me com sua eloquência de palanque:

— Vejo com muito gosto, meu prezado amigo Henrique, seu interesse por nossa causa! Lamentamos sua ausência nas duas primeiras palestras proferidas aqui pelo Azevedo, muito brilhantes por sinal, mas decerto se justifica por questões de necessidade, não é mesmo? Sei que o senhor é pessoa muito ocupada e não desinteressada. Prova disso é que está aqui, em pleno sábado de sol, aqui e não numa praia espiando as beldades, aqui e atento à nossa militância, o que muito me lisonjeia, pois aqueles que se aproximam de nós com certeza também se aproximam de uma sociedade mais justa, onde as pessoas gozem dos mesmos direitos, tenham as mesmas oportunidades, sejam, enfim, tratados como verdadeiros seres humanos! Parabéns, meu caro senhor Henrique, por estar aqui, e obrigado!

Pensei em responder-lhe que se o que eles pretendiam era que todos fossem tratados como verdadeiros seres humanos, haveria de faltar chicotes no mundo, mas preferi conter-me por enquanto.

— Você também irá discursar? — perguntei.

— Oh, então não está aqui desde o começo? — e ele pareceu desapontado. — Mas que pena. Já me pronunciei, fui aliás o primeiro a falar. Depois de mim, falou o Azevedo.

— Ah...

— E discursou muito bem, coisa que, aliás, já era de esperar. Não teria o senhor também vontade de manifestar-se? Pois se quiser...

— Eu?

— Pois então! Vou até lá e...

Aterrorizado eu fiz que não, “não tenho nada preparado, fica para outro dia” e foi com alívio que o ouvi dizer que compreendia muito bem, que ficaria então para outra oportunidade, e se saiu com uma inesperada pérola:

— Imagino, meus amigos, que viraríamos o mundo de pernas para o ar se os três trabalhássemos juntos — e para mim: — O Azevedo é decerto um

dos ativistas mais combativos que conheço, já o amigo Henrique estou certo de que não faz por menos! Juntos seríamos os três mosqueteiros do século XX!

Fingi um sorriso, desviando o olhar na direção do palanque onde um último orador terminava de esgoelar-se, rubicundo, suando por todos os poros — e decerto segurando um peido na iminência de manifestar-se também.

— Pois saiba, amigo Henrique — continuou o Freitas, enquanto o povo começava a se dispersar —, que eu agora faço parte da ONG dos Incansáveis...

— ONG dos Incansáveis?

— Sim, a que é dirigida por aqueles senhores — e apontou o Gordo & Magro que, ainda em cima do palanque, confabulavam enquanto os apetrechos eram recolhidos e guardados em caixas.

— Ah... Já ouvi falar...

— Nome muito adequado, não concorda? Pois então! Pois é como incansáveis na luta pelas causas justas e humanas que nos propomos a transformar a sociedade, está visto que não do pé para a mão, isso não se faz em um dia ou em um ano, mas sim plantando sementes... Sim, senhor! Sementes! É do que o mundo precisa: sementes, pois o que são as sementes senão a origem daquilo que alimenta o corpo, mas também nutre a alma?

Eu provavelmente o encarava boquiaberto, mas dando-me conta da situação procurei recompor-me:

— Mas e a sua ONG, Freitas?

— Foi anexada... A idéia foi aqui do Azevedo. Não é, Azevedo? — e o pulha assentiu, metendo as mãos no bolsos da calça e erguendo o queixo. — Ele me disse: “Freitas, somos poucos, não temos força, é preciso nos engajarmos com pessoas mais experientes” e aqui estamos nós, e estamos muito bem. Em breve, com toda certeza, começaremos a ver os frutos... do quê? Do que eu acabei de lhe dizer, amigo Henrique: das sementes!

E num arrebatamento:

— Das sementes!

Dito o que pediu licença e se encaminhou para o palanque, de onde o Gordo & o Magro desciam. Comigo ficou o Azevedo com seu mau humor, olhando com um rancor contido as pessoas que se afastavam.

— Lacaios — rosou depois de um minuto, e para mim: — Todos uns lacaios! Uns bigorrilhas! Escutam, escutam, e depois vão para casa continuar sua vidinha ordinária, sua mesmice cotidiana. O que essa gente precisa é da chibata e do campo de concentração. O que gente como nós precisamos é de armas para botar essa terra do avesso, fuzilar alguns milhares pra mostrar como é que se faz.

Está claro que eu não poderia responder a tais sandices, diga-se de passagem proferidas — como não podia deixar de ser — por um admirador de



Marx e de Lênin, e se o imbecil não tinha na camisa velha um distintivo da foice e do martelo, tê-lo-ia na alma, gravado a despeito e fracasso.

Enquanto isso o Freitas retornava, “temos um almoço” disse, “ainda que já seja um pouco tarde. Falei do senhor com o pessoal, seu Henrique, e o senhor está convidado”. De imediato pensei em alegar uma dieta recomendada pelo médico e retirar-me, mas não posso negar minha curiosidade em saber até onde aqueles tipos de maus comediantes iriam e acabamos aboletados na mesa de um restaurante de boa aparência, por fora, mas que por dentro se revelava um perfeito pé-de-chinelo, onde o Gordo & o Magro já deviam ser conhecidos, pois ao garçom que se aproximou pediram “o de sempre” e voltando-se para o Freitas, “você e os novos companheiros podem escolher”. Senti uma ponta de indignação — que não deixei transparecer — por ser considerado um novo companheiro. Em hipótese alguma eu me associaria a tal canalha e não pretendia ser confundido com um deles, dando-me por feliz se nenhum conhecido meu passasse por ali àquela hora. Apesar da curiosidade que me levava a aceitar o convite para o almoço, pensava cada vez mais em escafeder-me: dizer, por exemplo, que ia ao mictório e fugir pelos fundos, ou lembrar que havia esquecido um embrulho numa loja no outro quarteirão e meter o pé, mas apesar desses expedientes não serem de todo maus eu não me decidia e ia ficando; e enquanto o Gordo & o Magro, o Freitas e o Azevedo debatiam com animação, eu, num silêncio constrangido, olhava em volta com desânimo.

O Azevedo mais uma vez manifestou sua bile:

— Penso que somente discursos não bastam. Há que se passar à ação. Necessitamos no Brasil de algo como o Khmer Vermelho no Camboja.

Nesse instante notei um casal de meia idade que assomava à entrada, detendo-se ali a examinar o interior do estabelecimento. Ele, vistoso, trajando roupas leves de verão, óculos escuros e cabelos meio grisalhos; ela de uma elegância natural, sem afetação, inclinando-se delicadamente na direção do acompanhante para dizer-lhe qualquer coisa ao ouvido; ambos denunciavam a boa sociedade a que pertenciam e, reconhecendo que tal ambiente, pela aparência do lugar ou dos freqüentadores, não lhes convinha, se retiraram.

O Azevedo, percebendo também a presença do casal e examinando-os de esguelha, acrescentou num grunhido:

— Burgueses! O lixo da sociedade. Era preciso passar todos eles pelo paredão de fuzilamento.

— O amigo Azevedo não deixa de ter certa razão — anuiu o Magro —, mas ainda precisamos deles. Quero dizer, ainda necessitamos de suas doações.

— Ora, doações nem meias-doações — retrucou o Azevedo —, o que é preciso é tomar-lhes tudo a força, isso sim! E depois, vala!

Fez uma pausa, respirou fundo, e começou:

— Marx, em O Capital...

E desfiou por uns quinze minutos, quase sem uma pausa para respirar, uma ladainha incompreensível sobre meios de produção, proletariado, extinção da propriedade privada e sei lá mais quantas baboseiras. Pegando esse gancho, o Gordo, com sua voz macia mencionou Zumbi dos Palmares — sobre o qual havia discursado havia pouco na praça — e sua luta contra o poder vigente, “que em essência não diferiu da grande e incomparável luta de Lênin contra a opressão do czarismo”.

Enfartava-me aquilo. Mal beliscava a comida. O refrigerante parecia água choca. Até que de súbito...

...de súbito estalou-me qualquer coisa por dentro, devo ter tido uma inspiração mística, um canto de anjos, uma reviravolta feito diarreia que se transforma em vômito — não só para escapar da entaladela em que eu voluntariamente havia me metido ao aceitar aquele almoço de pulhas, mas para dar um basta em tudo aquilo. Naquele momento de graça divina as palavras fluíram de minha boca com tal espontaneidade e de forma tão repentina e terminante que até eu me surpreendi, dando conta depois de que na verdade o que eu não tinha tido até então era coragem de ser franco: a referência ao nome do antigo quilombola e sua comparação com Lênin — aliás, dois notórios canalhas — veio tão a calhar que não tive necessidade de pensar, a resposta escarrei-a de forma automática:

— Mas segundo consta, senhores, Lênin não passava de um oportunista, um refinado patife, e tampouco Zumbi seria esse ídolo em que alguns pretendem transformá-lo. Senão vejamos: Lênin, por exemplo, não hesitava em mandar prender e fuzilar qualquer um sem qualquer motivo, apenas para dar a impressão de que havia uma contra-revolta e que estava sendo combatida. Estranho, não? Para quem defende a igualdade entre as pessoas, a justiça social... Já Zumbi não era nem um pouco bonzinho nem herói como querem fazer crer, pois além de ser bastante cruel com os negros no quilombo, a quem governava feito um déspota, mantinha em Palmares seus próprios escravos e vez por outra os metia no tronco, sim!, porque havia um tronco no quilombo! Não sabiam? São fatos, é a História, deviam conhecê-los! Isso não lhes parece uma tremenda contradição?

Azevedo estremeceu.

Freitas encarou-me com espanto.

O Gordo olhou-me como se eu tivesse proferido uma heresia e o Magro moveu os dedos longos e afilados com um sorriso amarelo no qual projetaram-se para adiante sua dentuça simiesca, numa tentativa inútil de afirmar que eu estava enganado, que tal afirmação era francamente falsa, mas eu não lhe dei tempo. Decidido a acabar com aquela palhaçada e a me livrar de vez daqueles idiotas, prossegui:

— E além do mais, veado! Também não sabiam? Zumbi gostava de dar o cu. Agora me digam se não seria hilário ver aquele crioulo enorme de quatro,

abrindo as nádegas para o “amante”, decerto seu braço direito no quilombo, que para ter bom passadio se sujeitava a comer o chefe de vez em quando?

Os quatro me olhavam agora com perplexidade, aparvalhados, quase não acreditando que tais barbaridades provinham aos borbotoes de minha boca.

— Os senhores concebem a cena? — continuei. — Conseguem imaginar o pulha do crioulo dando o cu?... Imaginem o futum, qui-qui-qui-qui!... Putz!... O futum! Qui-qui-qui-qui — apertei o nariz com dois dedos enquanto passeava os olhos pelas expressões assombradas daqueles palermas. — E querem saber do que mais? Você, Freitas, não passa de um chato de galochas com seu discurso social requentado. Só diz besteiras além de ser um tremendo incompetente! Se ainda não lhe disseram, saiba de uma vez: lá no prédio todos o têm na conta de um paspalho! Já os senhores — espetei o dedo na direção do Gordo & o Magro — não passam de dois finórios, dois crioulos safados que vivem do dinheiro das doações, não fazem outra coisa, e assim é fácil andar de carro do ano e ir torrar a grana em Búzios e Cabo Frio. E não adianta negar não que a história dos senhores é bem manjada, conheço-a bem, e de fonte limpa. Aliás, apenas para que saibam, já os conheço, e muito bem, desde os tempos do Buraco Quente! Hein? Lembram-se do Buraco Quente? — ao referir o lugar de sua antiga residência vi que ambos, digamos, “empalideciam”. Mas tampouco lhes concedi tempo para retrucar: virando-me para o Azevedo, arrematei: — Quanto a você, Azevedo, sabe qual é o seu problema? Recalque. O seu rancor contra as pessoas bem sucedidas, como esse casal que apareceu há pouco à porta do restaurante, se deve a que você não passa de um fracassado, um João-ninguém, um rato que não há jamais de sair do lixo em que viveu desde sempre, e sabe por quê? Porque você faz parte do lixo. Você é constituído pelo lixo. Você quando caga, não é merda, é o lixo! O seu discurso é o discurso da inveja. Agora, se por acaso tivesse alguns milhões na sua conta bancária a conversa seria outra: mudava-se para uma cobertura de luxo na Avenida Vieira Souto, daria festas de arromba regadas a *Blue Label* e cocaína, e vai ver que ainda convidava a Carmem Mayrink Veiga para abrilhantar o rega-bofé. Mas você simplesmente não tem milhões na sua conta! Terá de continuar vivendo em sua água-furtada na companhia de ratos e baratas! Portanto pegue o seu Marx e enfie no rabo, lugar mais do que adequado à merda que é.

Sem mais, levantei-me e saí.

### 34. Uma terrível guerreira armada para uma batalha

*“Se eu encontrara em tio Francisquinho o pai que gostaria de ter, se ele em vez de recriminar-me soube compreender-me e tornar-se meu amigo, e se é certo que se ele continuasse conosco eu talvez não tivesse destrambelhado como destrambelhei após sua morte, o mesmo não posso dizer de tio Paulino.*

*“Este, que na minha infância e mesmo no começo da adolescência tratava-me a pão-de-ló, passou a encrespar-se comigo no que fui pondo barba na cara. O que o incomodava era o mesmo que aborrecia meu pai, ou seja, o fato de eu ter-me tornado rebelde e deixado de freqüentar a missa por achar tudo aquilo uma empulhação, ter conquistado cedo meu próprio ganha-pão, ser irônico e mordaz (embora eu quase sempre preferisse calar-me a dar-lhes más respostas para não agravar a discórdia entre nós) e levar uma vida dissoluta. Certo é que nem meu pai nem meu tio sabiam de toda a história: que eu me envolvera com uma pirlanhazinha chamada Lucília em nosso próprio bairro era sabido de todos, e por fim que eu me embriagava e me metia em confusão também não fiz questão de esconder — nem poderia, se quisesse, devido às ocasiões em que cheguei esbordado em casa —, e se minha libertinagem na escola trepando quase todo dia com uma aluna diferente não chegou aos ouvidos da família era por ser apenas de nossa conta, minha e das putinhas que eu levava para o matagal, não vazava, e é certo que mesmo os professores, se por acaso desconfiassem da libertinagem que grassava entre o corpo discente, não se importariam como que num tácito acordo de silêncio, até porque o que os alunos faziam extra-muros do colégio não era de sua conta; mas meus encontros com Manuela eu mantinha a sete chaves, não por meu pai, mas por tio Paulino. Mesmo para mim parecia embaraçoso tornar-se público que eu, um molecote, freqüentava a amante de meu tio; não que eu tivesse medo das conseqüências, pois certo é que além do escândalo, do salatório, da bronca do meu pai (‘veja o exemplo do seu irmão, observe o comportamento de quem agrada a Deus’) e da reprovação silenciosa de minha mãe, nada de muito sério sucederia: dava-se, porém, que a mim mesmo incomodava a idéia de ele saber que a namoradinha o traía com o próprio sobrinho, a quem ela tratava carinhosamente de ‘meu pirralho’.*

*“Quando minhas estripulias começaram a aborrecer papai — estripulias que nem de longe se comparavam ao que sucederia depois da morte de tio Francisquinho —, tio Paulino achou de se meter; e praticamente desde meus quinze anos não perdia ocasião de recriminar-me por qualquer bagatela, chamar-me a atenção com aquele ar de boi sonso que só ele sabia fazer; finalizar suas tiradas com sua célebre frase: ‘É preciso tino, rapaz, é preciso tino!’.* Mas que raio de tino?, eu mastigava cá comigo, quase mandando que ele enfiasse o tal do tino no cu. Continha-me, porém: não valia a pena piorar as coisas para o meu lado com malcriações — pois nem a papai eu respondia, deixava-o falar; fingia não dar bola, que era o melhor a fazer —; ‘está bem, titio, está bem’ eu dizia, mas no mesmo dia ia visitar Lucília e fazia questão de só chegar lá pela uma da manhã para que todos em casa, inclusive tio Paulino, que lá pernoitara, soubessem onde eu estivera.

*“Um dia, porém, perdi as estribeiras.*

*Aconteceu poucos dias antes do reaparecimento de tio Francisquinho.*

*“Para surpresa de todos certa noite eu cheguei mais cedo em casa, pouco de-*

pois das nove, sendo meu horário habitual sempre depois de meia-noite. Ao entrar, encontrei a família na sala assistindo TV, meu pai numa poltrona, minha mãe na outra e o casal de pombinhos no sofá (pouco mais cedo, decerto, meu irmão botara na bundinha da noiva em algum recanto, mas agora estavam sentadinhos ali, comportadinhos, vendo televisão e agradando a Deus). Falavam de alguma coisa, mas no que eu pus os pés na sala calaram-se, e eu que não estava para conversa fiada fui para a cozinha esquentar minha janta. Calarem-se quando eu aparecia tornava-se habitual, demonstração cabal de o quanto minha presença lhes parecia inoportuna e indesejável, mas eu já nem estranhava nem me importava. Eu havia me sentado para comer quando bateram palmas no portão e, dois minutos mais tarde, minha mãe apareceu na cozinha, a tromba armada porém silenciosa:

“— Henrique, tem uma moça no portão procurando por você.

“Respirei fundo. Já imaginava quem fosse e o que poderia decorrer de tal visita, mas mesmo assim não me abalei: comi sossegadamente e ainda repeti, fui ao banheiro escovar os dentes, dei uma cagada, espremi uma espinha no nariz e pus pasta de dente sobre a lesão, passei um pente pelo cabelo e, depois desse ritual que cumpri sem nenhuma pressa, atravessei a sala — a família ainda assistindo TV — e saí para o quintal.

“Do lado de fora do portão Lucília esperava-me, impaciente, irritada, andando de um lado para outro. Bastou que eu aparecesse para parar, mãos na cintura em atitude desafiadora, sapateando com a ponta do pé direito como quem diz: ‘Agora vamos ver!’

“Lucília era uma mulatinha linda mas da pá virada que, por sua vez, infernizou a família a tal ponto que, mal ela completou dezoito anos, a expulsou de casa. Virou puta — mais correto seria dizer continuou puta — e foi morar num quarto-e-sala em nosso bairro com um sujeito que trabalhava de estivador nas docas. O sujeito, o que tinha de grandalhão tinha de simplório e acreditava que a mulatinha lhe era fiel, e como fosse dono do quarto-e-sala levaram uma vida se não folgada, pelo menos sem grandes apertos durante um ano. Lucília, porém, não trabalhava e na ausência do grandalhão recebia amantes furtivamente pelos fundos do prédio, que por estar situado em uma rua pior, de gente mais reles, não tinha nem mesmo porteiro e ninguém se importava com a vida de ninguém nem com quem entrava e saía. Viveram juntos por um ano até que um dia o grandalhão apareceu todo furado de faca nos fundos de um armazém nas docas, e se Lucília por um lado se tornava proprietária do quarto-e-sala, por outro via-se sem meios de subsistência, pelo que passou a cobrar por seus favores, antes gratuitos. Quando eu me envolvi com Lucília ela já cobrava, embora me dissesse no começo que comigo, se eu não pudesse pagar, faria de graça por gostar de mim. Tinha vinte anos mas parecia ter quinze, tão graciosa de corpo e de rosto que eu andei meio de asa virada por causa dela. Comigo mesmo eu dizia que não era para levar a sério, ‘dá pra todo mundo, vive disso,

*é só mesmo para diversão' refletia espiando minha cara no espelho do banheiro para avaliar o tamanho da minha bisonhice, mas no fundo eu já estava gostando da moleca. Foi quando ela começou a botar as manguinhas de fora: queria dinheiro, e quando eu a lembrava do que havia dito acerca de ficar comigo por gostar de mim, respondia que gostava sim, mas que também tinha contas a pagar. 'Mas os outros lhe pagam' eu retorqui, 'você pode pagar a contas e ainda sobra muito para o resto', mas a putinha não se convencia e a discussão foi se estendendo sem chegarmos a uma conclusão, até que a deixei falando sozinha e saí, largando uma cédula amarfanhada no chão da sala. A cena se repetiu outras vezes, 'você jogou o dinheiro aí como se fosse você a fazer o preço' ela berrou na minha cara na noite seguinte, 'quem faz o preço sou eu, saiba disso!' e pediu o triplo do que eu lhe tinha dado. Respondi que ela estava ficando maluca, que por muito menos eu encontrava 'outra qualquer por aí', e ela, convencida, 'com um corpinho igual ao meu, com uma carinha assim?', pois a ordinarizinha não apenas se sabia bonita com também se cuidava com gosto, era vaidosa, preservava seu bem mais precioso, aquilo que lhe podia garantir o futuro. Não me dei por vencido e nessa noite saí de lá sem deixar nada. Lucília recebia-me a contragosto, não conseguia bater-me a porta na cara — o que a deixava irritada —, por isso insistia em pedidos de dinheiro, e quando eu lhe dava o que ela normalmente cobrava dos outros, pedia mais, queria sempre mais; eu respondia que não tinha emprego fixo, que fazendo bicos de consertatudo às vezes ganhava um pouco mais, às vezes um pouco menos, que não era rico, que meus pais não me davam mesada não só porque não me toleravam mas porque também não dispunham de recursos para tanto, etc. etc. mas a tirana não sossegava. Eu explodia: 'Você já ganha de mim o que ganha dos outros, por que acha que pode pedir mais?', e ela, capciosa, 'porque você gosta de mim e eu de você, o que não acontece com os outros, e isso tem um preço'.*

*"Naquela noite — uma sexta-feira — eu havia chegado cedo em seu quarto-e-sala, Lucília parecia tranqüila, recebeu-me bem e foi para a cozinha preparar um café, mas por um nada exaltou-se, começou uma discussão; eu, paciente a princípio, respondi com calma, tentei argumentar, mas ela exaltou-se ainda mais e eu vi que a situação estava se encaminhando para um vendaval. De súbito Lucília acalmou-se, parecia outra pessoa, serviu-me o café com um sorriso e sem mais nem menos atirou a isca para ver se eu mordida: 'Casa comigo então! Eu viro mulher direita, vou trabalhar pra te ajudar, casa nós já temos. Aliás, eu nem gosto mesmo de fazer programa, acho que nasci pra ser mulher de um homem só', mas eu não mordi, o que a enfureceu. Aliás, o que a deixou furiosa não foi bem o fato de eu não ter mordido a isca, mas a desculpa que eu dei para não concordar com o arranjo que me propusera: 'Eu sou menor de idade ainda, não posso', fiz uma pausa e concluí, maldoso: 'Você pode até ir parar na polícia se souberem que se envolveu com um menor'. A guria era dada a repentinos de exaltação, de um momento para outro era como se um vulcão explodisse den-*

tro de seu peito, inflamava-se, punha-se vermelha, e foi o que aconteceu diante da minha recusa, da desculpa que eu aventara e da alusão a polícia (alusão que ambos sabíamos completamente descabida mas que fora feita com a intenção de irritá-la, o que não lhe passou despercebido): largou um tapa na minha mão que a xícara de café foi espatifar-se na parede e avançou com as unhas na minha cara, só não conseguindo lanhar-me porque eu, mais rápido, pus-me a uma distância segura. Lucília então trovejou, lançou-me raios e granizo e nisso agarrou um garfo em cima da mesa avançando para mim disposta quem sabe a fazer uso dele em minha carne, obrigando-me a recuar para manter uma distância cada vez mais segura. Enquanto a putinha espumava, consegui ganhar a porta e escafeder-me, motivo que me fizera correr cedo para casa.

“Agora ali estava ela, defronte ao meu portão e armada para uma batalha. ‘Henrique, você tem de tomar uma decisão, a coisa não pode ficar assim’ ela começou a dizer, e eu respondi: ‘Não pode mesmo, e decisão eu já tomei: não vou mais procurá-la, você que me esqueça e ponto final’. Vendo que eu estava decidido (mas só por fora, pra dizer a verdade, pois andava de asa virada por causa da moleca, e vendo-a ali, furiosa e linda, eu quase fraquejei), Lucília armou um tal escândalo, fez um tal estardalhaço — chutou o portão, apanhou pedregulhos na beira da rua para atirar-me, um dos quais foi espatifar uma das vidraças da varanda, xingou todos os palavrões de seu rico repertório, fez que rasgava a própria blusa pra dizer que eu a estava espancando — que não só chamou atenção dos de casa (meu pai e meu irmão apareceram na varanda enquanto minha mãe e a ‘flor de pureza’ espiavam detrás da vidraça quebrada) como fez que alguns vizinhos viessem para a rua, formando uma pequena multidão de curiosos na outra calçada que se puseram a assoviar e a atizar ainda mais a ira da garota.

“— Salafatório, pensa que pode fazer uso de uma mulher a seu bel prazer e não pagar por isso? Filho da puta, explorador de mulheres, gigolô — e voltando-se para a pequena multidão: — Eu sou puta sim, sou profissional, mas faço isso pra viver; e esse merda teve coragem de explorar-me, não me deu um tostão. Então ele não sabe que tenho contas a pagar?

“A acusação era injusta e mentirosa, e me irritou:

“— É mentira, eu lhe dei dinheiro e não foi pouco, mas você queria sempre mais. Ordinária! Agora acabou, fique sabendo, seque a fonte. Pode ir rapando fora! Pica a mula!

“Lucília voltou-se para mim lívida de ira. Deu dois passos na direção do portão e, avistando meu pai e meu irmão na varanda, apontou o dedo:

“— E quem é aquele veado velho lá, que só fica olhando? É teu pai? O outro é o tal irmãozinho cheiroso de quem você vive falando mal? — e para os dois: — Tu não tem vergonha do filho gigolô não? Tu ensinou o que pra ele? Que pode viver às custas de uma mulher? E você aí, ô palerma? Deve ser o cheiroso, o bonitinho da família?... Pois saiba que este aqui — e apontou para mim —

*fala cobras e lagartos de vocês, e eu estou começando a acreditar que é tudo verdade. Veações!*

*“E como a assuada recomeçasse, Lucília atirou-me outro olhar venenoso, cuspiu em minha direção e se foi.*

*“O escândalo no portão de casa não passaria em branco, e quando botei os pés dentro de casa, conquanto minha mãe mantivesse seu silêncio habitual e apenas um ar de reprovação (embora mais carregado que o de costume), meu pai mostrou-se decidido a não dar-me trégua: apesar de eu ter-me enfiado embaixo das cobertas, foi bater-me à porta do quarto e, como eu não respondesse, chutou a porta com força e entrou. Começaram então as recriminações, falou da vergonha de ter um filho envolvido com prostitutas, ‘um devasso, um mau-caráter!’, perguntou-me com que cara ele iria sair à rua no dia seguinte e olhar para os vizinhos, ‘...porque o seu irmão...’ e lá vinha outra vez a ladainha de sempre acerca do filho certinho e lustroso, ‘um jovem exemplar, noivo, trabalhador, de casamento marcado, que devia servir de exemplo, mas pelo que vejo para delinquentes nenhum exemplo é suficiente’, até que por fim resolveu acusar-me de deixar minha mãe doente de desgosto e de nem mesmo pensar na reputação da bonequinha de louça do meu irmão, ‘uma jovem honesta que nos honra com sua intenção de ligar-se a nossa família, será que você não pensa nisso?’, momento em que eu quase descobri minha cabeça para lhe contar o que eu sabia acerca da bonequinha de louça, mas me contive. Enquanto falava, meu pai ia de um extremo ao outro do quarto, às vezes detendo-se diante da janela a fim de verificar se ainda havia curiosos na rua, recomeçando em seguida a andar e falar. Não dei resposta, continuei metido debaixo das cobertas e ele, depois de rosnar por cerca de vinte minutos, ‘isso não pode continuar assim, seu moço, e não vai continuar assim!’ arrematou, e saiu batendo os tacões no assoalho.*

*“Levantei na manhã seguinte — um sábado — na hora de costume e fui encontrar à mesa do café tio Paulino e a mulher que haviam acabado de chegar para passar o dia. Minha mãe já os havia informado de tudo e, vendo-me entrar na copa, tio Paulino começou a descompor-me, não com exaltação e palavras rudes, pelo contrário, apesar de incisivo não elevava a voz, mas o que me pareceu intolerável foi quando passou a criticar-me a libertinagem, ‘porque você não passa de um garoto, nem dezoito anos tem ainda’ dizia meu tio, ‘não pode fazer o que quer e trazer o escândalo e a vergonha para a porta de sua casa’, e minha tia, muito branda, ‘é certo que você não fez por mal, mas é preciso refletir um pouco mais nos seus atos, meu filho’, e meu tio ‘além do que já deveria estar procurando um trabalho fixo e deixar essa coisa de andar consertando cacarecos por aí, porque afinal cabeça vazia é oficina do diabo’, e minha tia ‘e mesmo com emprego fixo não deve deixar de estudar. Por que não retoma os estudos?’, e meu tio ‘porque no meu tempo...’ e dissertou abundantemente sobre seu tempo, como se no seu tempo todos se comportassem feito anjinhos caídos do céu, como se o seu tempo fosse uma espécie de idade dourada na qual tudo corresse pelo melhor:*



*Meu tio falou muito sobre seu tempo, sobre seu comportamento perante os pais, sobre como começara a trabalhar cedo — claro que tio Paulino fingia esquecer que eu trabalhava desde antes dos dezesseis e até mesmo, como já deixara claro, não considerava trabalho o que eu fazia — e como sempre fora exemplar seu comportamento (...pois, afinal, meter-se com mulheres perdidas...) e como fizera um excelente casamento justamente por ser um moço responsável e respeitador; benquisto entre as famílias com moças em idade de casar; donde que não lhe fora difícil escolher; etc. etc. Aquela era a deixa que eu esperava e então falei pela primeira e única vez durante todo aquele sermão, e o fiz para pôr um fim na lengalenga do meu tio:*

*“— O senhor fez um excelente casamento, meu tio, ninguém pode negar; a tia Luíza é uma das melhores pessoas que conheci; mas antes de aconselhar-me deveria aconselhar-se a si mesmo para preservá-lo. Ou será que ela — aponteí o dedo para tia Luíza — sabe e não se importa que o senhor coma aquela negrinha do supermercado, para quem aliás o senhor até montou apartamento?”*

*“Referir a história do meu tio com Manuela foi reduzir a cacos um telhado de vidro cujos estilhaços caíam sobre toda a família, deixando o homem boquiaberto de espanto e minha tia com os olhos cheios de lágrimas. Como referi, no começo a aventura de tio Paulino parece ter sido bem guardada, mas depois veio mais ou menos à tona, ainda que ninguém comentasse com pena de tia Luíza, que a essa altura também sabia do comportamento do marido, mas de uma forma muito vaga, capaz de justificar as vistas grossas que fazia. Para ela, enquanto ninguém tocasse no assunto era como se nada acontecesse de fato, só se concretizando a realidade a partir do momento em se falasse explicitamente do caso, existente até então apenas nas páginas de algum livro de contos fabulosos. Eu sabia, naquele instante, que acabara de tornar a fábula realidade para tia Luíza, e o quanto a faria sofrer com aquilo, mas não pude conter-me.*

*“Levantei-me da mesa sem olhar para os lados e avancei na direção da saída. Parei. Pensei em revelar ali, na cara de todos — meu pai estava assombrado e minha mãe olhava-me aturdida, ainda sem acreditar que eu havia dito aquilo —, o que acontecera entre mim e a pretinha, mas me detive: se eu conto que comia Manuela desde os catorze anos, a garota ia pagar o pato: decerto perderia o amante e, pior, o apartamento. Por isso saí para a rua sem dizer mais, o que de qualquer maneira não era necessário, pois a história estava encerrada e não sealaria mais naquilo.”*

### 35. Puta desde a infância

Walkíria visitou meu apartamento no sábado seguinte. Eu me propusera buscá-la em casa, mas ela fez questão de localizar meu endereço por conta própria e por volta de uma da tarde avistei da janela o fusquinha marrom estacionar do outro lado da rua e Walkíria saltar, caminhando para a entrada.

Desci para recebê-la, e não deixei de perceber o olhar enviesado de curiosidade que seu João lhe atirou enquanto fingia passar uma vassoura pela portaria. Walkíria vestia-se com simplicidade para não chamar atenção: um *jeans* usado, sandálias de couro e uma camiseta de malha folgada sob a qual os seios pequenos projetavam os biquinhos de maneira atrevida. O cabelo curto estava arrepiado, o que lhe acentuava o ar de naturalidade, e ao ver-me sorriu, exclamando:

— Como vê, consegui chegar!

— Vamos subir — eu disse dando outra olhada na direção da portaria: seu João varria e esguelhava, e mais tarde, mal se contendo, viria perguntar-me se eu finalmente resolvera casar. Tive de explicar-lhe que casamento era coisa que não me passava pela cabeça, “é só uma conhecida, seu João, uma amiga”. A suposição, contudo, não era descabida de todo, pois eu nunca levara mulher em meu apartamento; ao ver-me receber uma visitante e conduzi-la para cima, mesmo que não nos tivéssemos demorado muito tempo, saindo em seguida, a suposição mais natural do bisbilhoteiro seria justamente que eu estivesse pensando em casamento e a futura consorte viera conhecer o futuro lar, “pois afinal, seu Henrique, o senhor é um moço vistoso e gosta de mulher, é natural que se case, ora essa!” arremataria ele como que chegando a uma conclusão profunda e jamais cogitada por alguém.

Walkíria circulou pela sala pequena examinando meus livros pelas lombadas e divertindo-se com as quinquilharias que eu colecionava; entrou no meu quarto e foi até a janela, estirou-se na cama e disse que o colchão lhe agradava; depois foi até a cozinha, serviu-se com liberdade de um café que eu coara havia pouco e depois entrou no banheiro, “preciso fazer pipi”.

— É assim que eu vivo — disse-lhe quando, saindo do banheiro, veio esparramar-se no sofá, apoiando a cabeça numa almofada. — Não te horroriza?

— Não sei por que me horrorizaria — ela disse, as pernas esticadas e cruzadas, mexendo a ponta dos dedos, os pés livres das sandálias.

— Bem, para quem mora num apartamento como o seu...

— Bobagem — disse, fazendo um muxoxo —, tudo aquilo não passa de bobagem. — Esteve pensativa por um minuto. — A gente se acostuma ao luxo, e quem nasce nele como eu dificilmente abre mão do que tem, isso é verdade. Mas nada daquilo que você viu em minha casa ou no sítio de Petrópolis é necessário para ser feliz.

— Será? — eu perguntei com um arzinho de ironia. — Você mesma disse que não abriria mão...

— Mas também não disse que tudo aquilo me torna a mulher mais feliz do mundo.

— Vai repetir o velho chavão de que “dinheiro não traz felicidade”?

— E traz?

— E a falta dele traz?

Então discutimos sobre a felicidade. Tentávamos cada um expor (e impor) seu ponto de vista, mas acabávamos nos contradizendo e não chegando a uma conclusão. Depois começávamos: pois alguém que tenha muito dinheiro e um câncer em estado terminal não poderá ser feliz, mas tampouco poderia ser feliz quem com o mesmo câncer não tivesse dinheiro algum. Ter dinheiro significa realizar coisas que queremos, e não ter é não realizar, mas será que somos mesmo felizes quando realizamos e infelizes quando não o conseguimos? Porém realizar coisas implica em dar um sentido à vida, que do contrário não teria sentido algum, e nos embrenhamos numa discussão sobre o sentido da vida, que talvez não estivesse apenas em realizarmos isto ou aquilo, que é transitório, mas em nos prepararmos para algo muito maior que viria depois, “é o que ensina o cristianismo” disse Walkíria e eu espetei: “Era isso que você buscava então naquela igreja, algo além da própria vida?” e ela nem confirmou, nem negou, tergiversou...

De repente ficamos em silêncio. Walkíria remexeu nas unhas, observando o movimento aracnídeo dos dedos e mordendo os lábios, e eu fui pôr um disco na vitrola.

— Música me faz bem — eu disse. — Às vezes eu apago a luz e me deito aí onde você está, e fico ouvindo...

Walkíria fechou os olhos, “Bach...” disse num murmúrio, e eu pensei que fosse adormecer.

— Não cochile — eu disse —, se não eu fico sozinho outra vez.

— Estou longe de cochilar. Fechei os olhos para ouvir.

— Ah... Quer uma cerveja? É o que posso lhe oferecer. A grana não dá para um bom uísque. E o queijo que eu tenho é um Minas...

— Não quero nada por enquanto. Mas por que você acha que eu só bebo bons uísques?

— Porque pode pagar por eles.

— Hum!... Parece que você resolveu implicar comigo por causa do meu dinheiro.

— Não foi minha intenção.

Abriu os olhos:

— Casa comigo. Assim você se torna dono de boa parte da minha fortuna.

Soltei uma risada.

— Coisa que nunca me passou pela cabeça.

— Não mesmo?

— Você não me conhece, do contrário não suporia isso.

— Você não precisaria mais consertar coisas.

— O mesmo que seu irmão me disse no domingo de manhã. Aliás, ele me disse mais: que se eu quisesse me casar com você a família não se oporia, mas com a condição de o casamento ser em regime de separação de bens.

— Então isso o preocupa: a separação de bens?

— Mas seu irmão me disse também que depois você faria um depósito anual bastante polpudo em minha conta para, digamos, compensar-me.

— Se não lhe agrada o arranjo — ela disse então com um risinho brincalhão e um tom de voz entre sério e debochado —, casemos com comunhão de bens. Eu o torno diretor geral de minhas empresas...

— Já está de olho no meu apartamento?

— ...e a gente vira o mundo de pernas para o ar. Bobo.

Deixei-a sozinha na sala e fui apanhar uma cerveja na geladeira.

— Não quer mesmo? — ela fez que não com a cabeça, olhando-me como a espera de uma resposta. Bebi no gargalo sem dizer mais nada.

— Sei que você não se casaria comigo — ela disse depois de algum tempo. — Decerto pretende encontrar uma mocinha virgem, honesta, de boa família. E bonita.

— Agora é você quem resolve implicar comigo?

— E não é verdade?

— Não. Por exemplo, não precisa ser virgem, quanto à família, pouco me importa. Já a questão da beleza... creio que é uma coisa subjetiva.

— Ah, a beleza é subjetiva?... Mas... não me diga!

— Só pelo fato de o seu pai ter dito...

— Para o diabo, Henrique, com o que o meu pai me disse...

— Você se sente feia, é isso? Esse é o problema? Quantas mulheres existem por aí das quais não se pode dizer “são lindas”, mas que não ligam a mínima para o problema? E sabe por quê? Por que isso não é um problema.

Ela fuzilava-me com os olhos. A questão da beleza a afetava mais do que me parecera de início. Apesar de tudo — de sua fortuna, de sua força —, Walkíria tinha suas fraquezas.

— E quanto a ser honesta? — atirou. — Decerto há de procurar uma menina que lhe inspire confiança. Fidelidade. Uma garota boazinha, certinha. Igual à mulher do seu irmão.

— Ora, a mulher do meu irmão... Francamente...

— Não é uma menina assim que você espera para casar-se?

— Por isso não, poderia casar-me com você. Você não é honesta? — tentei dar uma guinada na conversa.

— Sou?

— Não é?

— Eu lhe contei como me tornei puta ainda criança.

— Não creio que se possa dizer que uma criança seja puta.

— Acredita na inocência das crianças?

Lembrando-me do que eu, um menino de doze anos, fizera com a mongolzinha movido por um rancor oriundo da repugnância que ela me inspira-

va, não podia afirmar minha crença na inocência das crianças e não soube o que dizer.

— Vejo que nem você acredita — Walkíria disse.

— Talvez eu não espere santidade em uma criança. Mas daí a dizer que uma menina de nove ou dez anos é uma puta...

— De oito — ela corrigiu. — Por que não? Se uma criança pode ser uma assassina, também pode ser uma puta.

— Assassina?

— Já ouviu falar de Mary Bell?

E Walkíria referiu-me o famoso caso da menina americana de dez anos que matara um criança de três, e que dois meses mais tarde voltara a matar. Mais uma vez ferrou-me a lembrança da mongolzinha. Ainda assim, respondi:

— Mas pelo que você me disse, a infância dela não foi nada agradável...

— Talvez seja só uma desculpa arranjada por psicólogos pra tentar explicar os crimes. Mas existem outros casos de crimes praticados por crianças. Às vezes por adolescentes. Vai inventar desculpa para todos eles?

Walkíria respirou fundo, olhando em volta.

— Henrique — ela disse então —, eu gostava do que aqueles homens faziam comigo. Eu lhe contei dois casos porque os dois estavam sábado à noite na festa em Petrópolis, mas houve outros, vários outros... eu não era, por assim dizer, fiel ao da vez, se você me entende... havia vários ao mesmo tempo, e depois que cresci eu nunca os condenei nem tenho deles qualquer rancor, e sabe por quê? Porque era eu quem queria aquilo. Bem, da primeira vez com o General Teófanis Brito fui mesmo pega de surpresa... Mas gostei, por isso não me opus. E a partir de então... eu me tornei uma espécie de Quartila.

— Quartila?

— Quartila. Não sabe?

Tive de admitir minha ignorância.

— Nunca leu o Satiricon?

Apesar de ler sempre que dispunha de algum tempo, eu só conhecia o Satiricon de oitava, e não tinha a menor idéia de como era.

— Não — disse. — Nem sempre tenho tempo.

— Ah... Bem, Quartila diz a Encólpio... Encólpio é o narrador da história. Ela diz: “Que eu morra se me lembro de um dia já ter sido virgem”. Então acrescenta que na infância divertia-se com meninos iguais a ela, mas um pouco mais tarde já tinha amantes adultos. — Walkíria finaliza com uma risadinha safada: — A diferença entre mim e Quartila é que eu não me divertia com meninos da minha idade, aos sete já tinha amantes adultos.

Feito um pascácio, fiquei olhando-a nos olhos, abobalhado: não podia negar — Walkíria surpreendia-me. Não importa o que se pudesse pensar a seu respeito: sua personalidade, sua fibra eram impressionantes.

— Agora responda: você gosta de mim? Tem afeto por mim?

— Sim — eu disse um pouco perturbado. Eu estava sendo sincero? Naquela hora nem eu saberia dizer pois Walkíria aturdiu-me, talvez mais certo fosse dizer que eu a admirava, mas assim mesmo confirmei. — Sim, Walkíria, tenho afeto por você.

— Então não duvide quando lhe digo que eu era uma puta aos sete anos, depois aos oito, aos nove, aos dez, aos onze... Sou uma puta ainda hoje quando saio por aí à noite procurando homens nesses lugares horríveis...

— Ao mesmo tempo que procura a salvação nas igrejas de crentes.

Ela suspirou, olhando para o teto. Agora parecia pensativa, uma ruga vertical cavando um sulco profundo em sua testa.

— Se houver uma salvação, Henrique, não será para mim.

— Não é isso o que os pastores dizem.

Walkíria virara de bruços para esconder o rosto: estava chorando.

Sentei-me na beirada do sofá e toquei-a de leve no ombro. Passei a mão por seu cabelo espetadinho, esperei que ela se acalmasse.

— Você acredita? — ela perguntou com o rosto ainda oculto.

— Em quê?

— Na salvação que eles pregam?

Tentei uma resposta. Não de imediato. Permaneci calado enquanto lhe acariciava o cabelo. Apesar da minha implicância contra meus pais e sua crença morna, da minha antipatia pelo catolicismo e sua pompa sem nexo com sua doutrina, eu nunca me declarara ateu nem perante os outros, nem perante mim mesmo. Eu era — e decerto ainda sou — como a maioria das pessoas sem inclinação para o misticismo: vivo minha vida sem me preocupar com o que virá depois, se é que algo vem depois, e a idéia de Deus, se não me era avessa, tampouco me seria uma noção familiar e íntima. Eu deveria explicar a Walkíria o meu pensamento, mas me embaraçava. Se a salvação pregada fosse verdadeira e se a pudéssemos aceitar incondicionalmente como fato, existir talvez se tornasse muito simples, ainda que a vida não gozasse dessa simplicidade; no mais das vezes, porém, o mundo parecia-me uma coisa inviável e absurda cujo sentido escapava-me por completo.

As palavras também me escapavam naquela hora e foi dando voltas sobre o tema que tentei responder, sem a convicção de estar sendo claro.

— Então você também não acredita — ela concluiu.

— Talvez acreditar seja algo que aconteça de repente. Como uma lâmpada que se acende.

— Alguém tem de apertar o interruptor.

— Talvez haja alguém para fazer isso por nós — e eu acabava de dar mais uma volta.

Mas nossas palavras esvaziavam-se, perdiam o sentido, não passavam de

frases de efeito, nada mais. Havia entre nós um ponto de interrogação cujo nome, Deus, constituía um enigma para ambos.

Walkíria sentou-se, secando o rosto com minha almofada. Arrebatou a garrafa de cerveja de minha mão e bebeu também no gargalo.

— Vai me levar na Toca hoje?

### 36. Diversão noturna

Um dia desses o Pereira me convidou pra ir à Casa das Flores, “pro senhor conhecer, seu Henrique, o lugar é coisa fina, só vendo!”.

— E o que é que eu vou fazer lá, Pereira?

— É divertido... tem mulher à beça, mas o senhor sabe, nesses lugares tem sempre alguma coisa que não pode... lá é o jogo... tem o salão de danças, a molecada mais nova aproveita o baile... pra namoro, um sarro pelos cantos, uma bebidazinha, essas coisas... não digo que não tenha um preto, ou um branco... mas não rola tráfico escancarado que os donos não permitem, se não a polícia teria de se meter... no mais a polícia passa de largo, o senhor entende como é isso: aparece por lá uma viatura, sobe a rua, desce a rua... liga as luzes pra marcar presença... mas os tiras não entram porque eles sabem que sempre tem alguém que gosta de uma fungada... o que interessa é que não tenha briga... porrada... o senhor sabe que atrás de porrada vem uma faca, um tiro... então a polícia fiscaliza do lado de fora e do lado de dentro os seguranças dão conta do resto... se alguém cisma de bestar... e olha que na segurança é cada negro des'tamanho, cada gorila de meter medo... se alguém encrespa lá dentro eles pegam o sujeito pelo cangote e o desovam cá fora na rua... aí a coisa passa pra alçada dos tiras, que levam o tipo pra dormir uma noite na cadeia... só teve uma vez que a coisa ficou feia pros gorilões da segurança... é que apareceu por lá um chinesinho... um raquítico, o senhor acredita?, um moleque... quero dizer, no tamanho, pois já era homem de seus trinta anos, mas no tamanho... uma lagartixa... pelo que ouvi, foi a primeira vez do tipinho na Casa... entrou muito na dele e foi pro balcão, onde estava bebendo sossegado uma cerveja... daí surgiu uma confusão... eu só de lado bispanando... o Jairzinho nessa noite tinha serviço e eu, pra não ir embora e voltar mais tarde, resolvi ficar por ali mesmo até a hora dele sair... fiquei porque tinha uma nêga de olho, bunda grande, peito grande, foda boa que eu não queria perder... então encostei no balcão e pedi uma bebida, uns tira-gostos, enquanto no salão, na pista, o povaréu rebojava... a nêga lá no meio e eu, de olho... a confusão começou não sei como, parece que um copo virou e a bebida entornou na roupa de alguém... daí teve um bate-boca... uma puta se meteu e o cara que estava com ela não gostou... houve empurrões, palavrão de lá pra cá e de cá pra lá, e a sopaparia começou... o chinesinho se viu no meio do bolo sem ter nada a ver com a

coisa... então veio a segurança... cataram o chinesinho pela gola da camisa e puxaram... e foi aí que a coisa ficou bonita!... eu só vi aquele monte de carne preta voando e se esborrachando embaixo, na pista de dança... o desnível não é grande entre a área do bar e a pista... não passa de um metro, mas que tombo!... caiu de cabeça e pra lá ficou, desacordado!... o outro, no que viu o acontecido com o colega, avançou contra o chinesinho e levou com um pé nos cornos que desmontou ali mesmo... a essa altura já se tinha aberto uma clareira no meio do povo... o terceiro não deu dois passos, o chinesinho era uma cobra pra se mover, que molejo, seu Henrique!, que ginga!, sapateou bonito na cara do negro, que tombou com o nariz escorrendo melado... já o quarto segurança cagou pra dentro... achou melhor ficar onde estava, só se via seu olho branco estatelado... o merda só fez berrar pedindo “calma, pessoal, calma que o mundo é nosso”... o chinesinho cuspiu prum lado e saiu sem que ninguém se atrevesse a lhe botar a mão... essa ficou pra história da Casa... mas no mais é tranqüilo... nos fundos tem a sala de jogo. Lá se aposta... é coisa reservada, escondida do público... além do que não é de interesse pro geral porque se aposta alto... pôquer, o senhor sabe, jogo do diabo... tem gente que deixa ali por noite o que um pobre leva dois anos pra ganhar suando o dia todo na britadeira... seu Carlo circula entre as mesas, vigiando, é ele quem toma conta de tudo, é o braço direito do dono, que pouco aparece; é quem comanda o pessoal do serviço, da segurança, e quem patrocina o serviço das crianças... mas o serviço das crianças é restrito, o senhor calcula, que o lugar não é pra isso, criança não pode trabalhar ali, por isso a coisa é toda feita na encolha, pra evitar complicação com os canas... o juizado bate por lá de vez em quando, o senhor acredita?, e nem desconfia... ou faz que não desconfia porque seu Carlo é esperto, o local de serviço da molecada pequena é lá pra dentro, só entra quem contrata o serviço... e a entrada é muito discreta... então fica difícil descobrir... por isso seu Carlo me diz “quando você vier, venha de táxi que o custo faz parte do trato, e entre pela área dos fundos”, e eu faço como ele manda... a área dos fundos é a área de carga, é onde entram os caminhões com a bebida e outras encomendas... ninguém diz nada, mas os clientes preferenciais também passam por ali... tem uma porta por onde o cliente entra com o carro... dali sobe para as acomodações privativas enquanto um empregado da casa leva o carro, por dentro, para a garagem no subsolo... tudo na maior moita, só o senhor vendo... pro juizado e pros canas não enxergarem mesmo nada...

— E você já viu o lugar onde o Jairzinho e a menina de dona Dinorá trabalham, Pereira? — resolvi provocar o homem. — Sabe como é o serviço das crianças?

— Saber, ao certo mesmo eu não sei, mas é essas coisas de gente rica, o senhor sabe, pessoa da alta, e gente rica tem manias... quem somos a gente, pé rapado, pra ter dessas esquisitices, não é mesmo, seu Henrique? Mas esse



povo bacana tem suas manias, e paga bem! O cliente paga à casa e a casa paga pro pai da criança, no meu caso eu ganho uma comissãozinha extra por ter indicado as meninas de dona Dinorá... pouca coisa, mas já é um adiantamento... agora, dona Dinorá é que está na vantagem, pois tem duas molecas colocadas lá...

— Duas?!

— Ué, não lhe falei não? Pois então! A de onze e a de nove. Seu Carlo conseguiu colocação pra de nove também. Seu Carlo é gente boa...

— Ah... Mas, Pereira — insisti na provocação —, então no que é que as crianças trabalham lá? O que é que fazem?

— Ao certo eu não sei não, seu Henrique...

— Mas você não perguntou pro Jairzinho?

— Perguntar eu até que perguntei, mas ele não quis dizer... não esclareceu bem, explicou só que é pra atender um homem meio velho, meio gordo... é como lhe disse: coisa de gente endinheirada. Parece que o tal homem gosta de ser servido por criança. O sujeito vai para lá, assiste TV em sala particular, escuta música, tem mesa com comes e bebes... daí a criança... eles lá da Casa das Flores botam uma roupa diferente na criança na hora de trabalhar, pra fazer vista, o senhor entende, coisa supimpa... e a criança então serve a bebida, serve as frutas, o que for... conversa... diz que tem cliente que fica conversando com a criança como se fosse com gente adulta... Veja bem o senhor o caso do Jairzinho... já trabalha lá há cinco meses e o cliente gosta tanto do moleque que só quer saber dele servindo à mesa... “O menino é jeitoso, Pereira” seu Carlo me disse outro dia, “é o mesmo cliente sempre, aprecia o jeito do menino atender, paga sem regatear e não quer que o menino trabalhe com outra pessoa”... E é verdade, seu Henrique, já estou até juntando uma prata, pro fim do ano eu compro um carinho... então!... Daí que eu digo pro Jairzinho “bota atenção mesmo no serviço, moleque, porque você vê a luta do seu pai... que eu cá não dou mole... mas você não precisa passar por isso, se fizer por onde agradar, está com a vida arranjada”, e ele balança a cabeça lá do jeito dele, meio quietinho, “pode deixar, pai” ele diz, é muito obediente o Jairzinho... Tem vez que eu vejo ele meio tristonho num canto... mas não digo nada, deixo ele quietinho lá... entendo... que trabalhar, inda mais de noite, prum menino da idade dele não é muito bom... mas a gente que é pobre tem de se sujeitar, não é mesmo, seu Henrique?... aproveitar o que aparece... então nessas horas eu digo pra ele “eu sei que é uma luta, Jairzinho, mas a vida do pobre não é moleza não”... então ele se conforma... Hoje mesmo eu vou levar ele... ele e a mais velha de dona Dinorá, tem cliente pros dois... Coitada de dona Dinorá, seu Henrique, andava quase que entrevada... não tanto, mas meio entrevada ela estava, veja o senhor, por conta duma dor nas cadeiras e um inchaço no joelho. Podia se tratar? Até podia ir no pronto-socorro, mas dinheiro pra remédio, pra exa-

me, cadê?... Agora, com as duas mais velhas colocadas, já está se tratando, já não se queixa, hoje mesmo passei por lá pra avisar que a mais velha tem serviço pra de noite, e vi, o joelho da dona desinchou, está quase bom... É a mão de Deus, seu Henrique, tem gente que não acredita mas eu tenho fé... Deus ajuda quem se esforça, está me ajudando, está ajudando dona Dinorá, e assim vai...

Chegamos na Casa das Flores às oito. O táxi entrou pelos fundos com o Pereira e as crianças, eu teria de entrar pela frente, “é que ali é área só pro pessoal da casa” disse-me ele com um certo orgulho por ser “da casa”, sentindo-se superior por ter acesso à área restrita enquanto eu teria de passar pelo guichê, fechado, pois naquela noite a entrada era franca.

Atravesei um saguão estreito onde alguns casais se encolhiam pelos cantos e outras pessoas transitavam, entrando e saindo. Passei uma porta cerrada apenas por uma grossa cortina e me vi num grande salão dividido em dois ambientes, a área do bar, onde alguns fregueses bebiam aboletados em tamboretas juntos do balcão; e a pista de dança, como dissera o Pereira mais baixa em relação ao bar. Na pista algumas pessoas ensaiavam uns movimentos ao som de um roque nacional ruim que provinha de caixas acústicas enormes, enquanto um jogo de luzes coloria os rostos e as roupas e no alto, girando devagar, um globo espelhado produzia mil reflexos em todas as direções.

Fui para o bar. Sentando-me num dos tamboretas, pedi uma bebida e olhei em volta: então era aquela a Casa das flores, cujo nome eu já escutara mesmo antes de conhecer o Pereira mas que ainda não havia visitado. Notei a presença dos seguranças, dois criouloes parrudos com a camisa justa de malha fazendo sobressair o muque. Por enquanto apenas esses dois estavam visíveis. Uma puta bobeava recostada ao balcão, e dois pederastas a um canto da pista bisparam quando entrei e passaram a confabular entre risotas abafadas, trocando beliscões com as unhas compridas e vermelhas. Eu fingi não tê-los notado, pois quando se olha prum veado é quase certo que ele se aproxime, e eu francamente não queria vomitar ali. A puta já atirava uns olhares aguçados para mim, e como eu não desse trela veio se achegando:

— Aí, bonitão, vai pagar uma?

Indiquei o balconista:

— Peça.

A mulher — morena, cabelos compridos, o corpo espremido num vestido vermelho muito justo que lhe fazia sobressair o pneu da barriga — pediu uma vodca e, ainda recostada no balcão, levando devagar o copo à boca, comentou:

— Você é novato por aqui, não?

Confirmei. “Sozinho?” enxeriu, e eu disse que viera com um amigo; nesse momento avistei o Pereira, que vinha de dentro com seu passo de malandro.

— Aquele eu já conheço — disse a puta ao notar que o Pereira vinha em nossa direção. — É o seu amigo?

— É ele — respondi enquanto lhe observava nas pernas umas marcas negras de feridas cicatrizadas. A puta encontrava-se em franco processo de arruinamento, seria dessas que levam uma vida de cão, trepando com qualquer miserável por uns trocados para o próximo prato, e que nem mesmo de noite conseguem disfarçar sua degradação.

O Pereira passou pela puta, fez-lhe um sinal com a cabeça, e veio até mim:

— Resolvido. Agora é esperar.

— Vai esperar aqui mesmo? — perguntei.

— Pra não ter de voltar daqui a duas horas. Tem vez, quando vai demorar mais, que eu até saio, rodo por aí, mas hoje, inda mais que o senhor veio de companhia, a gente fica esperando... Então, já conheceu a Martinha?

Referia-se à puta.

— E aí, Martinha — prosseguiu, virando-se para ela —, como vai a vida?

— A lesma lerda — disse a outra julgando-se espirituosa.

O salão enchia-se aos poucos, na pista uma pequena multidão bambolea-va e em volta do balcão quase não havia mais espaço.

— Vamos pr'uma mesa ali no canto — disse o Pereira muito “próprio” dali, e me indicou nos fundos umas mesas de metal encostadas à parede. — Vem, Martinha.

Resignei-me.

Com a mesa abriu-se um espaço naquele recanto, sentamos. Outras mesas foram abertas. A puta sentou puxando a cadeira para mais perto da minha.

— E aí, bonitão, a gente pode se divertir um pouco.

Olhei para ela com um misto de nojo e piedade. Eu costumava freqüentar alguns ambientes ordinários, piores que a Casa das Flores, que por sinal não era de todo má — paredes revestidas de um papel escandalosamente vermelho escuro com detalhes dourados e lâmpadas mortíferas a lançar em volta uma claridade duvidosa —; e mulheres como aquela conhecia aos montes, mas por ter o estômago fraco jamais me atrevera com nenhuma delas. Martinha não seria exceção, mas como recusar-me sem magoá-la?

— Lamento desapontá-la — respondi devagar, ainda arquitetando uma boa desculpa —, mas eu estou impossibilitado — acrescentei, explicando depois de uma pausa que deveria fazer um exame no dia seguinte e o médico recomendara-me abstinência.

— Ah... sendo assim...

Mas não pareceu decepcionada e voltou-se para o Pereira.

— O Pereira também estará impossibilitado? — e fez-lhe uma carícia de unhas roxas na orelha.

— Martinha, meu amor, pra você eu estou sempre bem disposto. Não repare o meu amigo aqui — ele acrescentou —, quando ele não pode é porque não pode mesmo — e para mim: — Vou levar a Martinha em casa, seu Henrique, e já volto.

Vendo-me sozinho, um dos pederastas aproximou-se do balcão, demorou-se ali o tempo de lhe servirem uma bebida e meteu-se entre as mesas. Não se aproximou de imediato, como quem não quer nada zanzava daqui pr'ali; a cara amarrada, olhando reto para frente, eu percebia as manobras de aproximação do nojento, e quando ele estava a um passo de mim eu me levantei e me aproximei de um dos seguranças:

— Faça-me um favor — eu pedi —, diz pr'aquela veado ali que se ele se atrever a falar comigo eu arrevento os dentes dele.

O crioulo me olhou espantado, achou graça e, enquanto eu me sentava outra vez, foi cochichar qualquer coisa na orelha do veado, que se afastou aos pulinhos.

Meia hora depois o Pereira reapareceu, “aquela mulher é um tiro” comentou, desabrido, como quem tivesse feito uma grande conquista, enquanto eu continha uma ânsia de vômito. Sentou-se, esparramou as pernas e bateu com o copo na mesa. Eu bebericava um Martini, olhei-o sem qualquer comentário mas com um desprezo destrutivo. Na pista um grande número de freqüentadores se divertia. A música continuava ruim, a gente presente era desengonçada e feia, via-se aqui e ali uma garota passável mas eu não me animava e permaneci no mesmo lugar. Os pederastas reboavam, cada qual querendo chamar mais atenção sobre si. A puta acabara de entrar de volta, descendo para a pista e misturando-se à multidão talvez na expectativa de um novo cliente. O Pereira pediu uma cachaça e virou de um gole só, com uma careta de bugio.

Em algum lugar lá dentro duas crianças trabalhavam, atendendo a freqüentes muito especiais.

### 37. A roupa nova do Imperador

*“Minha resposta foi suficiente para que tio Paulino me proibisse de voltar à sua casa, proibição que ele não me fez senão através de meu pai, que uma vez mais me passou uma descompostura pelo meu atrevimento — e até parece ter ficado à minha espera só para repreender-me, pois estava bem desperto quando cheguei por volta das duas horas, na madrugada de domingo. ‘Agora temos um rejeitado em casa’ ele disse, ‘e pela própria família’ fez questão de frisar enquanto eu punha a esquentar a comida que encontrara na geladeira. Mais uma vez minha mãe se amofinava por minha causa, ‘logo sua mãe, que nunca presenciou escândalo em nossa porta, teve de passar por essa vergonha porque o marmango já se julga dono do próprio nariz e se mete com mulheres da vida’;*

novamente meu irmão veio à baila, ‘pois o seu irmão está noivo de uma moça de boa família, cujos pais podem acabar opondo-se ao casamento quando souber que o opróbrio agora mora em nossa casa’; e seguiram-se as lembranças da doutrina, ‘pois aquele que se mete com prostitutas...’, as ameaças com ira divina, ‘pois quando Deus desvia seus olhos de uma pessoa...’ e por aí afora.

“Eu não dei um pio: escutei-lhe o começo do sermão ao pôr para esquentar o prato em banho-maria, continuei escutando enquanto mastigava sem fome e sem sentir o gosto da comida morna, e meu pai ainda falava quando me levantei da mesa, lavei rapidamente o prato e o talher na pia e fui para o banheiro. Sua voz, fechada a porta do banheiro, parecia distante e sumiu de vez no momento em que abri o chuveiro — não sei se porque o barulho da água abafara suas reclamações ou se por ele enfim ter ido dormir.

“Na manhã seguinte tomei apressadamente um café na copa e saí para a rua antes de me deparar com o olhar silencioso e reprovador de minha mãe.

“Mas a história ainda não havia chegado ao fim.

“Naquele domingo eu cheguei em casa por volta das cinco exausto, sujo e ansioso por um banho, pois havia me esfalfado toda a tarde correndo atrás de bola num campinho que havia a poucos quarteirões de distância. Fora numa dessas tréguas da bronquite, que só atacava nas viradas de frio, quando então eu aproveitava para botar o corpo em ação. Demorei-me bem uns trinta minutos embaixo do chuveiro morno, do que meu pai não podia reclamar porque dois dias antes, e a exemplo do que vinha fazendo há mais de um ano, eu havia pago a conta da luz do meu próprio bolso, deixando como de costume a conta com o carimbo do banco bem em cima da mesinha de centro na sala para que todos vissem (quem me lê há de dizer que eu agia dessa forma por pura picardia, e se eu não posso negar tampouco posso concordar plenamente com tal afirmativa: talvez meu gesto tivesse seu tanto de picardia, mas abrigava também uma boa dose de aborrecimento contra quem insistia em tachar-me de vagabundo, desordeiro, obsceno e sei lá mais o quê, incapaz de enxergar nada de favorável em meu modo de vida. Se o meu pai tivesse em algum momento se mostrado mais cordato e disposto a conversar comigo, a ter um entendimento não só de pai para filho mas de homem para homem, tudo talvez se tivesse ajeitado, mas já que ele se fazia turrão, eu me fazia turrão e meio e estávamos conversados).

“Eu acabara de sair do banho, refrescado, roupa limpa, desodorante no sovaco, cabelo penteado, e voltava de pendurar a toalha no varal para secar quando ouvi chamarem ao portão. Havia sentado à mesa da copa e passava manteiga no pão quando meu pai surgiu à porta todo endomingado para a missa da noite — a camisa azul-clara e a calça de linho cheirando a lavanda e estalando de novas —: havia um homem chamando por mim, ‘e não parece amigável’ advertiu-me ele. ‘Que foi que você andou aprontando, rapaz?’

“Como sempre para papai era eu quem aprontava. Não era capaz de lhe passar pela cabeça que podia ser um engano, que seria outro a estar aprontando

*e eu procurado apenas para alguma conversa de esclarecimento, não!, fora eu quem aprontara e ponto final! Respondi que não havia aprontado nada, ‘o senhor sabe que eu costumo passar as tardes de domingo jogando bola no campinho, e lá tudo sempre corre bem’, ‘veremos’ rosnou o velho, ‘vê se não demora, não quero nova vergonha no portão de casa’.*

*“Também desta vez não tive pressa: tomei o meu lanche tranqüilamente e repeti meio copo de café com leite. Lavei o copo e os talheres, fui ao banheiro escovar os dentes, larguei uma farta mijada e hesitei entre sentar-me para cagar ou ir logo ver o que o tal sujeito queria; consultado, o intestino avisou-me de que não era hora, que não tinha nada para já e que eu estava liberado.*

*“Da varanda avistei o tipo do lado de fora do portão. Era um sujeito um pouco mais alto do que eu, magro, mulato claro, cabelo black power, barba cerrada com cara de uns trinta e cinco anos. Fumava e parecia impaciente pois ao avistar-me trouxe o cigarro e atirou a guimba no chão, pisando-a com força. Meteu as mãos nos bolsos, o tronco ereto, o nariz empinado, o peito projetado para cima e as pernas abertas numa atitude de desafio.*

*“Meu pai, vendo-me sair para atender, veio no meu calção e permaneceu de vigia na varanda a fim de ver do que se tratava. Ainda ouvi minha mãe, igualmente endomingada, perguntar ‘quem é, Barbosa?’, ‘não sei, Elvina. Está procurando por Henrique’ e a pobre mulher veio à varanda também, encolher-se atrás do marido como se esperasse pelo pior.*

*“Aproximei-me do portão e inquiri do sujeito o que ele queria. Mostrei atitude, falei com franqueza, pedi que fosse breve ‘acabei de chegar em casa e estou cansado, aliás, estava indo descansar quando você chamou’.*

*“— Você é o Henrique? — perguntou.*

*“— Sou eu.*

*“— Pois bem! — exclamou. — Venho tratar de um assunto de família. É coisa séria. Se não me convida para entrar...*

*“— Não, não convidado. Se meu pai não convidou, eu também não convidado, pois a casa é dele. Mas pode falar daí mesmo que eu escuto.*

*“— Mas assunto de família se trata na presença da família. Não posso falar só com você.*

*“— Eu não sei que assunto de família você pode ter a tratar comigo, moço. Pelo que me lembro, não o conheço, não conheço sua família, não...*

*“— Você conhece pelo menos alguém da minha família, e está me conhecendo agora. Sou irmão de Lucília, com quem você tem um caso. Está lembrado?*

*“Senti um frio na barriga, o intestino deu sinal de que talvez tivesse algum serviço para mim — coisa, aliás, que não me acontecia com frequência, e quando acontecia era por alguma boa razão —, mas me mantive firme.*

*“— Olha, moço, eu não sei de quem é que você está falando, e se é só isso pode ir andando.*

*“— Não senhor! — retorquiu o outro, e reiterou: — Não senhor! Você sabe*

muito bem de quem eu estou falando. Aquele lá é seu pai? — e acenou para papai: — Senhor, senhor, dá um pulinho aqui...

“— Meu pai não tem nada a ver com essa história — eu disse, procurando impor alguma autoridade —, se quer resolver é fora daqui...

“— Não, assunto de família se resolve em família — e de novo para papai, que vinha chegando: — Senhor, temos um assunto a tratar...

“Meu pai aproximou-se limpando a garganta, passos moderados, o bico dos sapatos aparecendo lustrosos e impolutos sob a bainha da calça.

“— Volta pra dentro, pai. O senhor não tem nada a ver com o assunto que tenho a tratar com esse sujeito aqui.

“— Veja como fala, moleque, ‘sujeito’ não...

“— E o senhor se mantenha em seu lugar; que está no portão de uma casa de respeito — disse meu pai. — Do que se trata?

“— Se trata de que seu filho seduziu minha irmã, senhor, e agora quer abandoná-la ao deus dará.

“— Henrique! — exclamou meu pai olhando para mim horrorizado. — Mais uma, moleque? Então você está mesmo decidido a enlamear o nome da família? Aonde nós vamos parar com seus desmandos, Henrique?

“— É mentira, meu pai! A irmã a que ele se refere é aquela que esteve ontem fazendo escândalo aqui...

“— O quê?!

“— Sei que ela veio aqui sim, senhor — interveio o mulato —, perdeu a cabeça e veio, e talvez até tenha passado um pouco dos limites...

“— Passado dos limites?!

“— ...mas o senhor entenda, a pobre menina está desamparada, sente-se envergonhada com a situação, e além disso tem o nosso nome...

“— Que desamparada? — eu estrilei. — Que porra de nome você está falando aí? Lucília é uma puta que o pai botou pra fora de casa justamente por não passar de uma bandalha! Que porra de nome...?

“Não consegui concluir: levei com um sopapo na cara que me atirou dois ou três passos para trás.

“— Olha como fala da minha irmã!

“— E o senhor não pode ter esse procedimento em nosso portão... — meu pai começou, mas também não conseguiu terminar...

‘...porém por minha causa, que enfurecido atirei-me contra o dito irmão de Lucília atracando-me com ele e rolando ambos pelo chão aos sopapos, mordidas e palavrões. Muito de longe escutei minha mãe gritando por socorro e a certa altura senti mãos que me seguravam tentando separar-me do outro. Mas o irmão de Lucília não se deixava vencer assim com facilidade e no momento em que me arrastavam para dentro do quintal percebi, num relance, que o sujeito atracara-se com meu pai, que lhe estava mais à mão, e os dois rolavam agora aos murros pela terra enquanto diversos outros pares de mãos tentavam separá-los.

*“A rua enchera-se de repente: os curiosos são, de fato, figuras curiosas (eis que consigo até um trocadilho, hê-hê!), e merecem um estudo antropológico, pois os tais surgem inopinadamente dos lugares mais improváveis — de outra forma como explicar que numa rua totalmente vazia, num sossegado começo de noite de domingo, pudessem aparecer com tanta rapidez? — e logo formam uma pequena multidão que ou interferem, alguns, ou simplesmente ficam por ali, a maioria, entre vaiaas, risos e dichotes.*

*“Pois a pequena multidão aglomerava-se de um lado e do outro da rua; meu pai — sujo de terra, a camisa nova em frangalhos, a calça rasgada de um lado, um pé de sapato perdido, os cabelos desfeitos e uma fita de sangue a escorrer-lhe do canto da boca — fora contido agora por dois pares de braços enquanto outros dois pares seguravam o mulato; meu irmão acabava de chegar na companhia da noivinha, aturdidos ambos com o espetáculo, momento em que sem conseguir dominar-me desvencilhei-me daqueles que me seguravam e atirei-me contra o irmão de Lucília que, por sua vez, também se desvencilhara e atirava-se ao mesmo tempo contra mim. Ainda pude ouvir um longínquo grito de desespero de minha mãe — prestamente socorrida pela norinha cheirosa — e outra vez rolávamos ambos pela chão.*

*“Novamente braços bem dispostos conseguiram nos separar, não em tempo de evitar novos sopapos, socos, arranhões e dentadas, tudo isso sublinhado por palavrões sortidos e variados, e quando finalmente nos vimos ambos firmemente contidos, percebi — meio desorientado — que empurravam o irmão de Lucília para a rua com apelos de ‘acalme-se, não é assim que se resolvem as coisas!'; porém o crioulo não se acalmou: dum repelão, soltou-se, atirou-se outra vez contra meu pai acertando-lhe um murro e levando outro — que o velho não deixava de ter seu muque —, e de novo rolaram por terra aos socos e cotoveladas até que, por fim, mais quatro pares de braços — mais bem dispostos — conseguiram separá-los de vez e arrastar para longe o irmão de Lucília. Quis avançar uma vez mais contra ele, mas alguém deu-me uma rasteira e eu despenquei. Estava tonto ao pôr-me outra vez de pé, mas ainda em tempo de ver meu irmão conduzindo papai, que, apoiando-se nele, mancava e mal conseguia manter-se de pé.*

*“Os curiosos ainda bobeariam por ali algum tempo, alguns insistiriam em ajudar — na verdade uns chatos, pois viam que não havia mais nada a ser feito e o melhor seria caírem fora e nos deixarem em paz — até que, trancado o portão e eu indo espiar para ver o que fora feito do outro (e não o vendo mais), tudo se tranqüilizou e eu fui me meter outra vez debaixo do chuveiro.*

*“Minha mãe tivera uma crise de nervos e estava na cama aos cuidados da norinha cheirosa enquanto meu irmão, na sala, pensava os machucados de nosso pai, que exibia os beijos arreventados, um olho roxo e diversas pisaduras pelo corpo, no chão a camisa nova em trapos.*

*“Saí do banheiro e meu irmão ainda cuidava de seu Barbosa, que gemia*



*quando lhe chegava às feridas o algodão embebido em mercurocromo; na cozinha virei na boca uma xícara de café e fui para meu quarto. Pouco mais tarde meu irmão apareceu querendo saber o que acontecera, e eu lhe contei o ocorrido.*

*“— Tudo por causa de uma puta — ele comentou depois sem, contudo, reprovar-me, e foi para o quarto de dona Elvina.”*

### 38. O Tiranossauro Rex

A mulher do apartamento em frente, essa que vive com o rádio ligado quando está em casa, veio bater-me à porta outro dia a fim de pedir-me um pouco de açúcar emprestado, “para eu não ter de ir ao supermercado agora, seu Henrique, amanhã eu devolvo”, então eu percebo que ela está grávida. A desgraçada, prenha — coisa que eu ainda não havia percebido, pois o menos que faço é dar atenção a esse tipo de gente —, já traz o vestido um pouco levantado à frente e caído atrás, embora não esteja nem com cinco meses. Como é que uma gente assim se atreve a trazer um miseravelzinho ao mundo, a aumentar a escória, a piorar a raça da nação? Pois não pode haver dúvida de que o país precisa de gente nova, mas não desse jeito!... Confesso que no primeiro momento tive vontade de chutar-lhe a barriga com gana para que a infeliz expelisse o langanho ali mesmo, o mais cedo possível, mas não tive opção a não ser conter-me: ocorreu-me em tempo a sujeira que faria no corredor, já não muito limpo, respingos de sangue pelas paredes, eu tendo de entrar para apanhar uma pá e recolher o lixo, além do que teria ainda por cima de aturar o berreiro, o corredor enchendo-se de gente curiosa, viria a polícia escarafunchar, e ainda que eu não tivesse feito mais do que um favor a todo mundo acabaria preso... ah, se não fosse isso!

O que fiz foi entrar um instante e voltar com um pacotinho de açúcar pela metade, “pode levar” disse com um sorriso amarelo, “não precisa pressa em devolver” (intimamente desejando ter adicionado ao açúcar umas duas colheres de arsênico, mas está visto que não o fiz: no final das contas, meu instinto homicida é apenas nominal — às vezes), e ela, agradecendo, afastou-se remando — de pura manha, pois ainda não está tão pesada que justifique andar daquela maneira —; olhei-a pelas costas, e o que havia de burlesco e pernicioso em sua tragicômica figura inspirava-me um crime.

Agora tornara-se comum encontrar o casal de mãos dadas e trocando palavras carinhosas, o que nesses oito anos que vivo no prédio não presenciei. Não posso negar que até o carinho entre eles me causa repugnância, porque sua feiúra não inspira carinho e sim bordoadas, mas tinha outra coisa que me incomodava naqueles rapapés todos da parte dele: o sujeito não passa de um grosseirão em casa, mas finge-se de educado e cortês quando lida com os de fora, tipo aliás não muito raro, iguais a ele há por aí de sobra; agora, porque a mulher estava prenha começara a tratá-la bem, “mozinho isso, mozinho

aquilo”, o que destoava do costume. Eu tinha para mim que a coisa ia desandar e talvez não demorasse.

Como veremos, não me enganava, mas se trata de acontecimentos bem recentes, pelo que é conveniente voltarmos para a época em que a Lilica passou a ser trazida pelo pai a minha casa. Deu-se então um episódio, melhor seria dizer uma sucessão de episódios, que não podem ser esquecidos, pois foi então que mudou-se para cá uma família constituída por um casal com seu filho, e foram ocupar um apartamento no terceiro andar.

Do que já foi dito — da curiosa fauna de habitantes do prédio —, creio que não restam dúvidas de que havia tanto os bons moradores, como o Senhor Conde, quanto os maus, como os estafermos briguentos do apartamento defronte ao meu. No entanto não podíamos esperar nada pior do que esses novos inquilinos...

Para falar deles é preciso começar pelo pirralho, à época com doze anos e, sem sombra de dúvida, a criança mais monstruosa que já vi: obeso, a carantonha vermelha repleta de sardas, redonda e cheia feito uma broa, o cabelo ruivo cortado baixo, com um arremedo de topete no alto ericado para frente feito um porco-espinho. Feio. Vestia sempre uns calções largos dos quais emergiam duas pernas roliças que davam a impressão de inchaços em vez de gordura. Os braços, gordos e curtos, lembravam vagamente os bracinhos de um Tiranossauro Rex, desproporcionalmente pequenos em relação ao corpo. Não fossem esses detalhes anatômicos, de uma feiúra obscena e por si mesmo repulsivos, seria suficiente olhar aquela cara onde se estampava uma espécie de maldade inata e corrosiva. Penso que o detestei desde a primeira vez que lhe pus os olhos em cima (isto é, no mesmo dia em que chegaram), e como nossos olhares se cruzaram por alguns breves segundos, poderia quase afirmar que ele compreendeu a aversão que me causou, talvez já estivesse acostumado a isso e fosse capaz de percebê-lo conforme a reação fisionômica das pessoas ao depararem pela primeira vez com sua figura esdrúxula (assim como é difícil para mim, em certas ocasiões, esconder meus sentimentos, que se revelam por uma careta involuntária diante de certas situações súbitas, imagino que outras pessoas tenham reação similar, e é possível que o moleque de alguma forma tenha compreendido o que se passara comigo naquele momento). Vendo aquele monstrinho obeso subir as escadas na frente dos pais, a testa porejando suor, a cara vermelha e inchada, e logo aquela primeira e concludente troca de olhares, ocorreu-me que havia algo errado com ele — essa foi a primeira impressão, e seria a definitiva.

Logo ficou claro que nada parecia capaz de deter o maldito pirralho em suas traquinagens maquiavélicas pelo prédio: chutar com força a porta dos outros moradores e depois sair correndo, urinar nas escadas, ir fazer cocô defronte à porta do Senhor Conde, perseguir impiedosamente com uma vara alguns gatos que, antes, viviam sossegados por ali (que não pertenciam a

ninguém mas pertenciam a todos ao mesmo tempo, animais tranqüilos e tolerantes com os quais os moradores já tinham afinidades e aos quais alimentavam em comum, com restos de comida e ração), soltar arrotos e peidos ao passar pelas pessoas idosas, olhando-as direto na cara com ar de deboche, subir e descer as escadas pisando com força de forma a reboar por todo o pavimento o som de seus passos pesados, rabiscar as paredes com palavrões, atirar pedras nas janelas, e quantas outras maquinações de que sua mente doentia e perversa fosse capaz.

Triste era escutar a mãe, sem a menor chance de ser obedecida, ralar com o infeliz, “Robertinho, tenha modos!”, “Robertinho, não incomode os outros!”, “Robertinho, não seja desagradável, filho!”, mas o pior era o timbre de sua voz gorda, estridente, arrastada — “Robertiiiiiiiihoooooooo...” — que combinava de forma assombrosa com sua figura desmazelada, a saia esfiapada e mais comprida na parte de trás, os chinelos cambaios, a blusa grande demais parcialmente presa na cintura, os cabelos despenteados e amarrados na nuca de qualquer maneira ora com um pedaço de barbante, ora com uma tira de pano, figura patética que não obstante transitava pelas dependências internas e externas do prédio, e até mesmo pela rua, sem qualquer pudor.

O pai tampouco tinha controle sobre o menino: era um homem igualmente obeso e lerdo, de seus quarenta anos mas que aparentava cinqüenta; assim como o filho, tinha o cabelo ruivo e cortado cerce com um topete ridiculamente projetado para adiante, a cara gorda e vermelha com uma expressão alvar que parecia crônica, e sobre a imensa barriga de chope desabotoava-se quase toda uma camisa ensebada enquanto as calças mal afiveladas por baixo do hediondo volume seguravam-se nas ancas, de tal forma que, visto por trás, não apenas deixavam à mostra o começo da bunda como também tinha-se a impressão de que iam cair a qualquer momento... O homem era medonho, mas não passava de um pascácio, assim como a mulher: um casal de lorpas decerto incapazes de matar uma mosca, cujo único crime — contudo imperdoável e punível com prisão perpétua — fora ter produzido aquele filho.

Certo dia eu chegava da rua e, ainda no saguão, encontrara o Senhor Conde, que após verificar sua caixa de correspondências tinha nas mãos uma carta que acabara de receber. Vendo-me, o Senhor Conde avançou para mim, cumprimentando-me como sempre de maneira cortês, e eu parei para um dedo de prosa. Conversávamos acerca de qualquer novidade do noticiário quando o pequeno demônio se aproximou, parou a um passo de nós e começou a encarar-nos, olhando ora para mim, ora para o velho, como se muito atento ao que falávamos. Senti-me de imediato ferver num ódio intenso que não dei a perceber, mantendo-me indiferente e procurando ignorá-lo, mas desejando com sinceridade submeter o miserável a uma sessão de tortu-

ras no mesmo estilo das praticadas pela Santa Inquisição nos idos da Idade Média.

(Mais tarde naquela noite fiquei imaginando isso mesmo: em como amarraria para trás com um doce sentimento de vingança os braços do pirralho e o ergueria do solo escutando seus berros de dor, e o deixaria pendurado lá com um braseiro ardendo-lhe sob os pés... Ou então como esticaria seus ossos numa cama de Procusto, ou o penduraria no pau-de-arara e lhe introduziria no cu um fio de cobre que, em seguida, ligaria a uma tomada... Ou ainda como perfuraria sua enxúndia medonha numa donzela de ferro ou o faria derreter dentro de um garrote vil... Não me é possível negar que essas imagens excruciantes, tendo como protagonista o pequeno monstro, proporcionavam-me um prazer que se pode comparar ao de um orgasmo!... Eu talvez não tivesse coragem para nada disso, mas imaginá-lo... ah, como era doce!...)

O velho, contudo, curvou-se um pouco na direção do pirralho com um sorriso bondoso:

— O nosso menino deseja decerto alguma coisa... seria por acaso um docinho, ou umas balas de chocolate? Hein? — e sempre sorrindo amistosamente começou a procurar nos bolsos do casaco.

Sem mais nem menos, porém, o pirralho soltou-lhe na cara um estrondoso arrote e, num movimento rápido de seu bracinho de Tiranossauro Rex, arrebatou-lhe a carta das mãos saindo em desabalada carreira na direção das escadas (“desabalada carreira” é com certeza uma expressão figurativa, melhor seria dizer um “trote” tosco e desajeitado, o máximo que lhe permitiam as pernas gordas e pesadas). Junto ao primeiro degrau parou com uma risadinha de deboche e picou em pedacinhos o envelope com o papel que tinha dentro, desaparecendo em seguida escada acima — e cá debaixo ainda podíamos ouvir o som de seus pisões violentos diminuindo aos poucos à medida que subia.

O “velho conde”, apalermado diante da atitude inesperada e brutal do moleque, caminhou até a entrada, recolheu do chão os pedaços da carta e olhou para mim com uma expressão desvalida.

— Creio que devemos ir até lá agora e conversar com os pais do menino — eu disse, procurando manter a calma. — Cabe a eles pôr cobro às atitudes do filho.

— Sim... se o senhor diz...

— Faço questão. O senhor me acompanha e mostra a eles a carta rasgada.

— Sim... se o senhor acha conveniente...

E fomos bater à porta do casal de lorpas. Atendeu-nos a mulher, a quem explicamos o ocorrido. Ela nos olhou com uma expressão de pismo:

— O Robertinho fez isso? — e, em seguida, para dentro: — Robertinho Caaaaarlôôôô — chamou com sua voz lerda, confirmando essa mania que tem essa gente pobre e burra de botar nos rebentos nomes de pessoas famo-

sas, numa homenagem burlesca que soa mais a uma injúria do que a uma boa intenção.

Mas em vez do Robertinho apareceu o marido, a cara mais alvar que de costume. Ouviu-nos sem mover um músculo da face, de pé, como se manter-se de pé fosse um custo devido à sua gordura, os braços molemente caídos ao lado do corpo e a cabeça ligeiramente para adiante como se pendesse devido ao próprio peso. Enquanto isso a mulher chamava para dentro outra vez, “Robertiiiiinhôôô!”, até que por fim o demônio apareceu.

— Robertinho, você rasgou a carta do moço? — perguntou a retardada, pergunta que me deixou perplexo, pois a mulher... estava buscando confirmação de um fato que lhe expuséramos de forma inequívoca mostrando-lhe os pedaços de papel?! Passava-lhe pela cabeça que estaríamos inventando aquela história?

O moleque nos olhou com uma expressão perversa, encolheu os ombros, baixou a cabeça.

Desta vez foi o pai quem falou:

— Robertinho, você não vai mais fazer essas coisas — olhou para o garoto, que se mantinha de cabeça baixa. — Não é? — o moleque não se moveu. O pai voltou-se para nós, a mesma estupidez estampada na expressão imóvel do rosto: — Os senhores relevem... é só um menino arteiro. Ele não vai fazer mais isto.

Olhei um e outro sem acreditar: que fossem incapazes de conter o filho era compreensível, mas que tivessem aquela reação quando íamos reclamar diretamente com eles, falando ao moleque com aquela calma, pareceu-me um absurdo tal que virei as costas e me afastei antes que lhes saltasse ao pescoço, enquanto o Senhor Conde hesitava entre seguir-me e sorrir com escusas para o casal, até que por fim decidiu acompanhar-me, não sem parar duas ou três vezes e voltar-se para o casal, sorrindo sem jeito e repetindo suas escusas.

De nada adiantou nossa ida à casa dos lorpas para reclamar, pois o pequeno psicopata não diminuiu seu ritmo: chutar as portas, urinar nos corredores, quebrar vidraças, perseguir os gatos, tudo que estava ao seu alcance para infernizar a vida dos moradores continuou fazendo.

### 39. O bom samaritano

Apesar do meu ódio sempre crescente contra o moleque, certa noite fui distraído pela inesperada visita do Antunes. Eu havia chegado em casa por volta das cinco e, depois de um banho, deitara-me no sofá para ler e acabei pegando no sono. Acordei com a campainha e vi pela janela que havia anoi-tecido. A campainha parecia aflita, por isso corri a atender, e quando abri dei com o Antunes fumando e andando de um lado para outro no corredor. Afastei-me para um lado e ele entrou:

— Graças a Deus, seu Henrique, graças a Deus encontro o senhor em casa. Preciso de sua ajuda. Estou que não sei o que fazer.

Fechei a porta, voltei para o sofá mal disfarçando o aborrecimento e indiquei-lhe a poltrona mais próxima. Antunes sentou-se.

— Despacha — eu disse, ajeitando-me para olhá-lo de frente.

— Aconteceu uma coisa... e... e...

— Aconteceu o quê com a Lilica? — perguntei, seguro de que o homem ia falar-me da mais nova, pois era a única coisa ligada a sua vida que me interessava.

— Não, nada... Com a Lilica nada, graças a Deus... esteja o senhor seguro de que com a Lilica nada aconteceu!

— Então o que é que pode ter acontecido que seja do meu interesse?

Antunes pareceu desnorteado por alguns momentos: pois, com efeito, o que teria a dizer-me que pudesse interessar-me?

— Muito justo, seu Henrique... — gaguejou. — Sim... não que lhe interesse diretamente... mas a mim!... Sim, a mim, e é um transtorno! O que quero... é pedir que me ajude!

Suspirei enfiado da cara do peste e com ganas de despachar-lhe um sopapo nas ventas, mas pela Lilica não deixei de ser condescendente:

— Diga lá, Antunes. Se eu puder ajudá-lo...

Então o Antunes despachou, engrolou as palavras, parecia constrangidíssimo, “pois não é pela dona, o senhor sabe, que ela não se importa”, seria pelos vizinhos, seria por tudo mais, pois ninguém afinal sabia das coisas, “porque o senhor sabe, eu lhe disse, nunca fui trouxa, nunca me descuidei” e tentava justificar-se sem explicar o que havia enfim acontecido, até que depois de muitas voltas e gaguejos despejou que a Cristiele estava de barriga.

Sentei-me, encarando-o espantado.

— Caramba, homem! Que novidade! — mas nem mesmo eu poderia afirmar se havia ou não um toque de ironia em minhas palavras, pois não seria uma grande novidade o fato de a garota ter engravidado já que trepava com o pai dia sim e no outro também; era portanto de esperar que, mesmo tomando-se todos os cuidados, uma hora o resultado fosse aquele.

— Ô Antunes... 'perai... Ninguém mais comeu, não? O monstinho será seu?

— Tenho certeza, seu Henrique, tenho certeza... Que eu botei a moleca em confissão — e disse essas palavras como se naquele momento fosse um pai zeloso da integridade de sua filha. — Ela garantiu que não teve nada com mais ninguém! Além do mais...

— Mas há alguma certeza quanto à gravidez? Ela está mesmo...? Não pode ser rebate falso?

— Duvido que seja, seu Henrique, duvido! A moleca me garante que as regras não vêm já há dois meses.

— Diabos!

Raspei a garganta fingindo um pigarro persistente, levantei-me, fui até a cozinha, retornei com um café para ele e outro para mim.

Sentei-me outra vez no sofá.

O assunto não me dizia respeito: ele comia a filha, não comia? Agora ia ser avô de seu próprio rebento. Foda-se ele! eu poderia dizer, mas quem sabe se aquela situação não me vinha a calhar? Observando o estado do Antunes não era difícil avaliar o quanto estava assustado, e mesmo reconhecendo nele o cretino que sempre fora parecia claro que esse cretino declarado temia por sua reputação e a de sua casa. O que vinha se passando entre ele e as filhas desde vários anos só acontecia por causa da anuência da mulher — frígida, sem interesse por sexo e que certamente via naquilo um bom arranjo para não ser incomodada — e das filhas, que sempre haviam cedido ao pai sem grande ou mesmo nenhuma resistência. Porém, esse segredo familiar — que o Antunes me revelara numa noite de bebedeira e de forma incompreensível, pois mesmo o estado de alcoolismo em que se achava não seria suficiente para fazer com que se abrisse comigo como se abrira —; esse segredo familiar, portanto, deveria continuar absoluto como que num acordo tácito entre todos os membros da família, e assim ele se sentiria seguro: o Antunes fazia questão de continuar sendo perante todos — ainda que “todos” aqui seja apenas a gente pífia da Toca — o exemplar chefe de família que sempre parecera ser. Pode-se perguntar se cretinos têm direito a uma reputação, e até mesmo que reputação seria essa estabelecida na Toca e em nenhum outro lugar, pois a Toca não seria lugar para uma reputação, para dizer-se de alguém “é pessoa de respeito”, já que entre a rabacuada, a vil ralé, essas noções não passariam de um luxo inútil; sim, inútil, mas fosse como fosse aquela gente possuía seus brios, e vá-se lá tentar entender isso! Tais considerações, porém, calhariam numa hora de ocioso filosofar; naquele momento era preciso resolver o problema do pobre diabo e, de quebra — como já me ocorria —, o meu.

Resolvi especular um pouco mais:

— Mas não me parece bicho de sete cabeças, Antunes. Digamos que o pirralho nasça. Poder-se-ia dizer que a moleca engravidara de um namorado que, depois do mal-feito, metera o pé.

— Já pensei nisso, seu Henrique! Já pensei! Mas não daria muito certo...

— E por quê?

Percebi que o Antunes não era tão tolo quanto se podia imaginar e fazia previsões; se a comparação não fosse exagerada, eu diria que o Antunes era agora um jogador de xadrez analisando jogadas com grande antecedência: Cristiele — ele garantiu enfatizando bem as palavras — não tinha namorado, nunca fora vista com ninguém, nem na rua, nem na escola que freqüentava — lá mesmo na Toca —, e como estivesse sempre em casa

não caberia cogitar um caso com alguém de fora, “porque filha minha comigo, seu Henrique, tem de andar na linha”, e para espanto meu ali estava um pai que deflorara as quatro filhas dando a entender, sem mais, que sempre as mantivera sob severa vigilância. A argumentação do Antunes não me convencia de todo, afinal dizer que a Cristiele nunca fora vista com ninguém num lugar promíscuo como a Toca não passava de exagero, mas eu não quis ponderar e deixei que o patife fosse em frente: o fato de as duas mais velhas terem se amasiado cedo não lhe fazia mossã, para ele (e para a vizinhança) era como se estivessem casadas de papel passado e o nome da família limpo. Mais uma vez o Antunes exagerava na dose, “o nome da família limpo” não seria apenas uma expressão piegas na boca do sujeito, teria o tom de uma piada de péssimo gosto, mas continuei escutando sua arenga — até que pouco a pouco fui adivinhando onde ele queria chegar: agora havia uma gravidez ali e nenhum pai, o que — repito — num lugar como aquele talvez não fosse motivo de preocupação, afinal o que mais havia na Toca eram crianças sem pai, mas na casa do Antunes seria caso inédito e portanto de ensejar dúvidas: quem pegara a menina, que mesmo aos catorze anos nunca fora vista com ninguém?

“Já pensou, seu Henrique, se a criança nasce defeituosa?”, esgadelhou as falripas num nervosismo cômico, “e ainda que assim não seja... poderá se parecer comigo, poderá sair com a minha cara” — e vinha à tona por fim o verdadeiro motivo de seu terror: se o diabinho nascesse parecido com ele o povilêu começaria a falar, a cochichar às suas costas na suspeita de alguma coisa muito mal-cheirosa naquela história.

— Isso acabaria comigo, seu Henrique, nem quero pensar!

— Então não pode ter sido outra pessoa — eu disse comigo mesmo.

— Ninguém mais, ninguém mais!

O homem parecia mesmo assustado com as perspectivas que entrevia, e observando sua aflição, mais ainda diante de suas declarações, sobrevinha-me uma outra certeza: a de que ele não prostituía as filhas, tinha-as para seu uso mas não para o uso alheio, e quando naquela ocasião mencionou que faria uma concessão “para uma pessoa de categoria feito o senhor...” referia-se mesmo e exclusivamente a mim, e assim adquiri a certeza de que Lilica fora tocada por ele mas por ninguém mais. Parecia-me certo agora, ou pelo menos quase certo (pois enquanto esse ponto não se esclarecesse alguma dúvida sempre haveria de restar), que desde meu envolvimento com ela nem mesmo ele voltara a botar-lhe as garras.

O estado de alcoolismo do Antunes aquela noite no boteco, como já referi, não bastaria para que ele se abrisse comigo acerca de suas aventuras conjugais. Conjecturo no entanto, pelo que sabemos agora acerca de tal criatura, que seu inesperado comportamento não seria de toda uma novidade: a subserviência com que o Antunes me distinguia, a ponto não apenas de confi-



denciar-me coisas como até de oferecer-me algo que não ofereceria a mais ninguém, não tinha uma explicação muito clara, mas podia ser comparada à de certas pessoas por um superior hierárquico (que em nada é melhor ou superior de fato, a não ser na cabeça do sabujo), por uma autoridade, ou por qualquer pessoa notável ou de posses elevadas, quando esses tais são capazes de se arrastarem aos seus pés de maneira servil e aviltante. Eu não era um superior hierárquico do Antunes, não era autoridade nem notável nem mesmo rico, então como compreender a cabeça de alguém como ele? Fato é que o homem se tomara de admiração por mim, e deu no que deu!

Agora estava ali, sucumbido, suplicando minha ajuda — pois uma coisa parecia certa: a essa altura, ninguém no mundo lhe pareceria suficientemente competente para ajudá-lo.

— Talvez eu possa ajudá-lo, Antunes... — comecei.

— Ah, graças a Deus, seu Henrique, louvado seja Ele! E o senhor também...!

— Chega, Antunes! — cortei levantando as mãos espalmadas. — Menos, por favor!... Menos!

— Sim, seu Henrique!... — e sua voz apagou-se quase por completo.

— Sim, creio que posso ajudá-lo — repeti, substituindo o “talvez” pelo “creio” para fazê-lo sentir-se mais seguro. — Pode ir tranquilo — finalizei — que amanhã mesmo eu vou agir.

O homem desfez-se em mesuras e agradecimentos, curvou-se até o chão, faltou pouco perguntar-me se eu desejava que me calçasse as meias e os sapatos, e já enjoado fui empurrando-o na direção da porta, “menos, Antunes, não é para tanto, depois de amanhã venha procurar-me cedo que lhe darei uma resposta” e respirei aliviado quando ele se foi.

Ao abrir a porta e dar comigo, visita inesperada depois de alguns anos desaparecido, Manuela abriu muito os olhos e o sorriso:

— Meu pirralho! Então você teve saudades e veio me ver? Entre, vamos, hoje eu estou à vontade.

Fora procurá-la por saber que havia abortado de meu tio certa ocasião, episódio que me contara entre uma trepada e outra durante nossos encontros, quando a via engolir comprimidos e não sabia exatamente para quê. “Peguei de seu tio uma vez, pirralho, não quero pegar de você” e me contou como percebeu que havia engravidado, o que representaria para ambos — ela e meu tio — um transtorno que tinha de ser evitado, “então resolvemos que eu mandaria tirar” disse-me com indiferença.

Entrei, mantendo alguma reserva, pois o tempo de intimidade entre nós havia passado e fazia alguns anos que não nos víamos, mas ela fez questão de deixar-me à vontade:

— Você parece que não se esqueceu dos dias em que estou disponível — ela disse enquanto me fazia sentar e ia sentar-se, por sua vez, à minha frente.

— Na verdade joguei na sorte. Você podia estar recebendo algum outro namorado, ou ele poderia ter mudado os dias de vê-la.

— Não, seu tio é de uma regularidade irritante. Dificilmente vai mudar.

— Não sei como você ainda não o dispensou. Ainda é pelo apartamento?

— Não, pra ser franca não... É por ele mesmo. Sinto uma grande afeição por ele...

— De verdade?

— De verdade.

Mordeu os lábios, olhando-me com malícia:

— Eu só não sei ser muito fiel... você entende, não é?... Antes éramos nós, eu e você... depois de você eu tive um outro namorado... depois outro... atualmente não tenho ninguém, mas logo vou ficar com alguém, sei disso e me culpo, acho que sou má, sabe?, mas não posso evitar...

— Mesmo sentindo tanto carinho assim por ele? Ou é mesmo pelo apartamento?

— Não, acredite! Eu gosto dele. E o apartamento já é meu.

— Não diga!

E Manuela me contou: havia três anos ele finalmente passara o apartamento para seu nome, não sem antes dar-lhe uma reforma e comprar mobília nova, mas ela não tivera coragem de romper com o velho. Chegara a pensar nisso pouco depois, mas vendo-o chegar com sua regularidade e sua dependência afetiva sentiu-se culpada só de ter pensado em largá-lo e assim continuou com ele: dava-lhe o que ele pedia, um pouco de companhia, um pouco de bate-papo, um tanto de sexo, “o velho não broxa não, acredita? É fogo na piteira!”, e assim ia levando. Pouco depois de eu deixar de encontrá-la havia conhecido um homem de trinta e quatro anos que, ao passar no caixa do supermercado com algumas compras, lhe perguntara de forma direta e franca se poderiam encontrar-se depois do expediente. Ela dissera que sim, mas só no dia seguinte, e marcaram um local e um horário. “Ele não gostou muito do arranjo, queria-me só para ele, mas eu lhe disse que ou ele aceitava o que eu podia oferecer, ou então nada feito”, e sem alternativa ele aceitou, mas não durou muito e acabaram deixando de ver-se.

— Depois conheci outro pirralho, não tão pirralho quanto você na nossa época, mas ainda assim... — e contou como fora seu caso com um garoto de dezenove anos, que também não durou, e assim foi em frente, sendo que o último namorado ficara com ela cerca de um ano e agora fazia dois meses que estava sem ninguém. — Quero dizer, só com o seu tio — e soltou uma risada cantante. — Mas me diga, você, o que veio fazer aqui depois de tanto tempo?

— Preciso de sua ajuda numa dificuldade — e lhe falei de uma certa menina que engravidara mas não podia ter o filho, pedindo-lhe que me ajudasse indicando alguém que pudesse fazer o serviço.

— Andou fazendo artes, pirralho! — ela exclamou entre divertida e fal-

samente escandalizada, mas eu lhe disse que o caso não era comigo, sem contudo dizer toda a verdade. “Não” eu disse, “se fosse comigo não teria problema algum, era deixar o monstinho nascer, mas se trata de um amigo. Ele está embarçado e pediu minha ajuda.” Manuela disse-me conhecer duas saídas, “vou lhe indicar as duas”, e eu então escolheria: a primeira, uma mulher, “uma fazedora de anjos que atende em casa, em Ramos”; a segunda, uma clínica — cujo endereço ela anotara no mesmo pedaço de papel em que acabara de escrever o endereço da fazedora de anjos.

Movi a cabeça devagar enquanto lia no papel os endereços anotados. Perguntei-lhe se a mulher era segura, se trabalhava com higiene, se não poria em risco a vida da jovem, e Manuela disse-me que nunca ouvira nada que pudesse pôr em dúvida sua competência, mas estava certa de que se tratava apenas de uma curiosa que aprendera o ofício com outra curiosa.

— E a clínica? — perguntei.

— A clínica é especializada, fica no Leblon, como pode ver. São médicos de gabarito que fazem a coisa, mas cobram o olho da cara. Seu amigo pode pagar?

Suspirei, o cenho franzido enquanto dava mais uma olhada no papel e em seguida dobrava-o, guardando-o no bolso.

— Quando você fez... como foi?

— Foi na clínica, não nessa, noutra que já não existe, mas ainda assim bastante cara. Seu tio quem pagou — e explicou que o procedimento fora muito simples, tivera alta no mesmo dia e mantivera repouso em casa por uma semana, assim mesmo por mera precaução.

Voltei para casa dividido entre mandar a Cristiele para a fazedora de anjos ou para a clínica, e mais dividido fiquei no dia seguinte quando soube o custo do procedimento. Naquele dia não consegui trabalhar, e a cada instante em que pensava na filha do Antunes e no alto custo da clínica inclinava-me pela fazedora de anjos, e ainda me encontrava nesse impasse quando por volta das sete o Antunes tocou a campainha.

Abri, mandei que entrasse, fui até a cozinha e retornei com duas xícaras de café — não sem que me tivesse ocorrido acrescentar uma colher de arsênico na xícara dele, mas preferi não fazê-lo, mesmo porque não tinha arsênico em casa.

— O caso está resolvido — eu disse devagar encarando o Antunes, observando sua reação, vendo-o respirar com alívio e alisar as repas escassas em desordem. — Vou lhe dar um endereço.

— Eu tenho de levar a menina nesse endereço?

— Não, você vai lá agendar uma data. Também vai informar-se do preço. Depois vem aqui dar-me conta do que conseguiu.

— O senhor me salva, seu Henrique!

Tirei do bolso o endereço da clínica. De última hora vinha-me um certo

pesar de entregar a sorte da moleca nas mãos de uma pessoa desqualificada. Teria de ir ao banco e ver minha poupança minguar absurdamente, minhas economias esvaírem-se feito cinza em ventania, mas com isso uma sensação de bem-estar vinha suprir a perda. “Mas seu Henrique, isso fica na Zona Sul” exclamou o Antunes, “não há de ser barato”, e eu “vai lá, Antunes, vai, pergunta o preço e volta aqui com uma data agendada! Data agendada, entendeu?”.

No dia seguinte, quando fui abrir, vi um Antunes descabelado e abatido de pé na soleira da porta.

— Nada feito, seu Henrique. Lá não vai dar. Não é para nossas posses.

Mandei o pústula entrar e sentar-se, mas dessa vez não lhe servi café: entendi-lhe um copo de conhaque, que ele agarrou com as mãos trêmulas.

Sentei-me na poltrona à sua frente, como se ignorasse o custo do internamento da Cristiele:

— Quanto?

Ele murmurou um valor que sua boca quase se recusava a pronunciar. Manteve-se de cabeça baixa, olhando desolado para a bebida.

Eu respirei fundo.

— Como o senhor vê... — a voz do Antunes sumia, um sussurro longínquo e desesperado.

Levantei-me da poltrona, entrei no quarto e retornei com um cheque assinado e nominal à clínica.

— Aqui está — exhibi-lhe o cheque —, mas tem uma condição...

— Tudo, seu Henrique! — exclamou o outro de mãos postas, quase ficando de joelhos. — Tudo o que o senhor pedir, estando ao meu alcance...

— Estará, estará...

— Pois é só dizer!

— A Lilica...

— O que tem ela?

— Ela deverá continuar vindo...

— Virá, com certeza, virá sim, ora se não!!

— ...ninguém mais toca nela...

— Mas isso já havia sido combinado, seu Henrique!

— ...e tem outra coisa: depois disso eu não posso continuar lhe pagando como venho fazendo toda semana. Compreenda: esta é uma soma muito alta para mim, além do mais os negócios — e usei a palavra “negócios” para dar importância à minha profissão de conserta-tudo — nem sempre correm como queremos.

— Não tem que me dar mais nada, seu Henrique! O senhor está me salvando a vida — esfregou o rosto com força e, depois de uma última olhada para o cheque, meteu-o no bolso. — Daqui por diante a Lilica é sua! E é uma honra para mim que minha filha e o senhor... uma pessoa de sua categoria...

Lá vinha ele novamente ressaltando “minha categoria”. Era risível o pobre-diabo. Reforcei:

— Afinal uma mão lava a outra!

— Não tem que ver, seu Henrique, e as duas a cara!

Poucos dias depois a Cristiele deixava a clínica sã e salva.

Ao receber o extrato bancário naquele fim de mês olhei os números com um pesar que me doía por dentro, mas agora a Lilica era minha e estaria segura.

#### 40. O mau samaritano

Naqueles poucos dias eu conseguira esquecer as diabruras do maldito Robertinho; se bem que ele não desse trégua e continuasse infernizando a vida dos moradores, parecia ter se não respeito por mim, pelo menos um certo receio, pois quando nos encarávamos eu fazia questão de deixar patente em meu olhar a gana que eu tinha de pegá-lo de jeito, coisa que ele parece ter entendido bem; não posso negar que passada a preocupação com o caso do Antunes eu voltava a entreter-me imaginando o que seria capaz de fazer se o apanhasse, e fantasiava diversos tipos de tortura que lhe aplicaria com prazer, e já não muito convicto de que com efeito não teria coragem para tanto! Não houve decerto ocasião nem oportunidade para isso, mas o pesadelo teve fim cerca de duas semanas depois, e fui eu mesmo que, aproveitando-me de uma circunstância inesperada, botei um definitivo ponto final na história. Certa noite, passava um pouco das oito, eu acabara de abrir a porta do meu apartamento para sair quando aconteceram duas coisas felizes: ouvi, vindo de baixo, os passos barulhentos do pequeno psicopata aproximando-se escada acima, e tão perto estava que eu já podia ouvir também sua respiração ofegante; ele pôs os pés no último degrau para o meu andar quando faltou luz e tudo ficou às escuras. “Chi!” ele fez, parando no mesmo instante e denunciando-se com sua respiração ruidosa. Não titubeei, como se o que eu faria em seguida já estivesse planejado: avancei em sua direção e, embora não fosse possível vê-lo no escuro, era fácil perceber-lhe a localização pela respiração e assim não foi preciso nenhum cálculo: bastou que eu estendesse os braços e sentisse seu corpo molengo feito merda na ponta dos meus dedos. Então o empurrei. Com toda a força.

Ele soltou um gritinho baixo seguindo-se o ruído surdo de um volume que bate contra os degraus e rola. Depois, silêncio! Eu não esperei: desci as escadas no escuro o mais rapidamente possível, embaixo no patamar tentei com os pés até encontrar o corpo desfalecido e aproveitei para dar-lhe um vigoroso pisão na cara e dois pontapés nas costelas; chegando no térreo,alancei o vestíbulo e saí para a rua protegido pela escuridão. Só entrei em casa depois das cinco da manhã. A essa altura a energia já havia sido restabe-

lecida e o dia anunciava-se com seus primeiros clarões. O prédio parecia tranqüilo, como se todos os moradores dormissem o sono dos justos. Não encontrando ninguém nas escadas e corredores pensei ter entrado em casa sem que me vissem. Dormi até as dez e quando saí novamente — a fim de saber as novidades — o porteiro, que pouco parava em seu posto, veio ao meu encontro:

— O senhor chegou raiando o dia, seu Henrique.

— Caramba, seu João — não pude deixar de exclamar —, o senhor não deixa passar nada!

— Eu estava sem sono e saí para fumar. Vi quando entrou.

— Verdade, passei a noite fora — e acrescentei: — Namorando.

— Isso é muito bom. Eu também, quando calha... Mas então o senhor ainda não soube...

— Se eu não soube?... Não soube do quê, homem?

— Aquele pestinha do terceiro andar caiu na escada ontem à noite, quando faltou luz...

— Sim?... Não, não sabia. Faltou luz?... Mas e então?

— Parece que fica no hospital pelo menos um mês, se não mais: quebrou um braço, um fêmur, algumas costelas e quase rachou a cabeça.

— Mas como foi isso?... Terá tropeçado em alguma coisa no escuro?

— Não sei... ninguém sabe como foi... o garoto não conseguiu dizer muita coisa... teria esbarrado em alguém, ou alguém esbarrado nele, mas não sabe quem possa ter sido... soube disso tudo agora mesmo pelo pai, que acabou de sair para o hospital.

— Bem... — e assumi um ar compenetrado, olhando para adiante por alguns segundos. Depois voltei-me para o porteiro com uma expressão mal-dosa e pisquei-lhe um olho, baixando a voz: — Aqui pra nós, seu João... foi bem feito.

Ele se riu da mesma forma e também baixou a voz:

— Pena é que não tenha rachado mesmo a cabeça, hein seu Henrique?

E rimos os dois, malévolos, com um prazer indescritível.

O pequeno psicopata recebeu alta um mês e meio depois, voltou enfaixado e engessado, e como ainda não pudesse andar permanecia em casa. Como seria, porém, quando já estivesse bom? Decerto começaria a fazer das suas, e outra oportunidade como aquela de castigá-lo parecia difícil de repetir-se. “É preciso resolver o caso de vez” dizia comigo mesmo enquanto pensava numa providência, “mas de que jeito?”. A idéia que por fim me ocorreu era muito simples, tão simples que não parecia que fosse dar certo, mas assim mesmo dias depois o casal de lorpas recebeu uma carta escrita com letras recortadas de jornal e coladas numa folha em branco:

DA PRÓXIMA VEZ SERÁ PIOR. O MELHOR QUE TÊM A

Deu certo.

#### 41. Depois da tempestade, mais tempestade

*“Mas eu não ficara nada satisfeito com aquela história. Durante uma hora estive deitado em meu quarto pensando no atrevimento da despudorada: mandar um suposto irmão à minha casa tomar satisfações. O que pretendia ela com aquilo? Pensou que me daria um susto e com isso conseguiria minha aquiescência à sua proposta de casamento? E aquele sujeito seria mesmo irmão dela? Eu duvidava, pois Lucília nunca me havia mencionado nenhum irmão: dissera-me apenas que fora posta fora de casa por seu mau comportamento, falara pouco da mãe e do pai, dissera ter uma irmã mais nova, mas nenhuma referência havia feito a um irmão mais velho, e tão mais velho como aquele sujeito parecia ser.*

*“Isso não pode ficar assim’ pensei, ‘tenho de tirar essa história a limpo’, e me levantei dum salto: decidira procurar Lucília, estava disposto mesmo a dar-lhe uns pescoções se ela insistisse em infernizar-me a vida, e foi nesse estado de ânimo que saí para a rua.*

*“Ao passar pela sala meu pai acabara de acomodar-se numa poltrona e reclinara a cabeça para trás, fechando os olhos, o rosto macerado pelos golpes recebidos. Eu não sabia se, intimamente, ria-me da situação ou se me recriminava por ter, por assim dizer, passado dos limites, sem saber que ainda passaria dos limites muitas vezes antes de deixar de vez a casa de meus pais. Minha cunhadinha cheirosa alcançou-me na varanda, ‘você vai sair, Henrique?’, ‘parece que sim’ respondi pouco disposto a condescender; ‘sua mãe não está muito bem, não teme que ela possa piorar se souber que você saiu?’. Respirei fundo, baixando a cabeça. Refleti por alguns instantes no que ela me dizia; ‘é só não dizer para ela que saí’ respondi, ‘mas ela pode querer vê-lo’, ‘se assim for, diga-lhe que fui ao mercadinho comprar qualquer coisa e que não demoro’ e desci os degraus para o quintal. ‘Não vou mesmo demorar-me, fique tranqüila’ achei por bem acrescentar; voltando-me para ela, que me olhava do portãozinho da varanda com um ar de ansiedade.*

*“Lucília atendeu a porta e recuou um passo ao dar comigo ali, com cara de touro feroz. Não lhe dei tempo de esboçar qualquer reação: empurrei-a para um lado e entrei, chutando a porta com o calcanhar, que estrondou contra o batente.*

*“— Que porra de idéia foi aquela de mandar seu irmão lá em casa? — perguntei, patolando-a pelo braço e arrastando-a pelo corredorzinho até a sala. Empurrei-a com violência para o sofá.*

*“Ela berrou para largá-la, xingou-me, mandou-me embora e só calou*

*quando lhe esfreguei o punho fechado na cara e disse que lhe quebraria os dentes se não falasse. Abriu muito os olhos, assustada, e aquietou-se.*

*— Sabe por acaso o que aconteceram lá? Sabe a merda que ele fez? O que é que você quer? Foder com a minha vida?*

*— Quero que você vire homem e assuma seu compromisso.*

*— Compromisso? Que porra de compromisso? Ficou maluca?*

*— Você tem um compromisso comigo — ela gritou, levantando-se dum salto e avançando contra mim com as unhas apontadas para os meus olhos.*

*“Lucília não deixava de impressionar com sua disposição: tinha força de vontade e resolução, parecia mesmo decidida a casar comigo, embora essa idéia não passasse de um absurdo.*

*— Não tenho compromisso nenhum com você — retruquei, empurrando-a de novo para o sofá. — Você é puta, vive de programa, e eu, como os outros, não deixei de pagar pelas vezes que trepamos, exceto nas vezes em que você não quis cobrar. Portanto estamos quites. Não lhe devo porra nenhuma. Além do mais nem dezoito anos eu tenho, e mesmo que tivesse não estaria disposto a casar-me, seja com você, seja com qualquer outra. — e arrematei: — Estamos entendidos?*

*“Ela me olhava desconcertada. Eu dei uma volta pela sala, bufando, e fui espiar pela janela, indeciso entre sair imediatamente e ainda despejar-lhe mais em cima. Por fim voltei-me e apertei-lhe o dedo:*

*— E é melhor que seu irmão não se meta comigo novamente. Ontem ele agrediu a mim e a meu pai. Se voltar lá, abro-lhe a barriga com uma faca. Se ele não está satisfeito em ter uma irmã puta, é só levá-la de volta pra casa.*

*— Não é meu irmão — ela disse em voz baixa e como que encolhendo-se um pouco, olhando-me com timidez de baixo para cima.*

*“Aí estava: como eu havia desconfiado, o sujeito não era irmão da puta e ela por fim resolvia despejar sobre a armadilha que preparara para mim.*

*— Era um cliente — disse, baixando a voz ao pronunciar a palavra cliente. Já não me encarava. — Eu contei pra ele... bem, falei tudo e lhe dei seu endereço... pedi que fizesse aquilo por mim... — agora Lucília começava a chorar a valer; cobriu o rosto com as mãos enquanto os soluços a sacudiam e eu senti meu coração amolecer. Que canalha, pensava eu ao mesmo tempo que me abaixava à sua frente no sofá tomando-lhe as mãos, trepa com um sujeito e arma com ele um plano para tentar obrigar um outro a casar-se com ela. Acho que nasci pra ser mulher de um homem só’ havia dito dois dias antes, mas continuava a mesma! Segurei-lhe as mãos mas ela desprendeceu-se, atirou os braços em volta do meu pescoço e debruçou-se no meu ombro fingendo. Não tardou, rolávamos pelo chão: arrebentei-lhe a calcinha dum puxão enquanto ela desafivelava-me o cinto, e fomos continuar a arruaça em cima da cama, no quatinho minúsculo.*

*“Acordei a manhã avançava para o meio-dia. Lucília, sentada na cama, espreguiçava-se, virou-se para mim sacudindo-me, ‘acorda, dorminhoco, que eu vou preparar o café’, então me dei conta de onde havia passado a noite e, dum*



*pulo, saí da cama, me vesti e embarafustando-me pelo corredorzinho gritei ‘tô indo, tchau’, ‘estou preparando o café’ ela protestou e eu ‘não tenho tempo’ e enquanto às minhas costas ela me atirava reclamações descí as escadas de quatro em quatro degraus.*

*“Em casa não encontrei ninguém e me senti gelar por dentro. Fiquei meio desorientado no meio da sala vazia sem saber o que pensar; e embora já tivesse percorrido todos os cômodos voltei a andar pela casa vazia cada vez mais desacorçoado; de volta à sala dei de cara com a cunhadinha cheirosa que acabava de entrar; ‘onde está todo mundo?’ perguntei, ‘levamos sua mãe para o hospital esta madrugada’, ‘hospital?’; soube então que por volta de uma da manhã minha mãe acordara perguntando por mim, teria tido um sonho ruim e queria ver-me, porém eu não havia voltado e ela se desesperou: começou com um choro convulsivo, deram-lhe um sedativo que não fez efeito, e como se mostrasse cada vez mais exaltada meu pai pediu um táxi e levou-a para um hospital no centro da cidade. ‘O médico que a atendeu resolveu interná-la’ disse a cheirosa, ‘deve passar o dia em observação e terá alta amanhã, segundo ele, caso esteja melhor’. Não é preciso esmiuçar sobre o que se passou no hospital e como foram para mim os dias subseqüentes em casa, o clima de mal-estar; o olhar sombrio de meu pai e seu silêncio ainda mais perturbador do que as admoestações com que me azucrinava freqüentemente, a cheirosa — que vinha para cuidar de mamãe — evitando-me como se eu fosse um criminoso e até meu irmão com uma cara de poucos amigos. Eu ficava quieto em meu canto, evitando criar situações que agravassem o estado de saúde de mamãe, que lentamente recuperou-se de seu esgotamento nervoso.*

*“Podem parecer contraditórios o desespero de minha mãe naquela noite quando perguntou por mim e eu não estava e seu silêncio, aliás, o silêncio de todos em casa quando vim para este prédio sem dar qualquer satisfação, sem nenhum indício da resolução que estava por tomar; sem deixar ao menos duas ou três linhas numa folha de papel a título de explicação; mas talvez todos já estivessem tão fartos de mim que minha saída foi mais um motivo de alívio que de preocupação.*

*“Quanto a Lucília, ainda nos encontramos algumas vezes, mas ela já não falava em casar-se comigo. Ela era mesmo linda e eu arrastava a asa para seu lado, mas também era uma putinha de boa cepa e não se poderia cogitá-la para esposa. Um dia ela me disse que estava para mudar-se, ‘já estou cansada desse bairro, vou vender essa quitinete e comprar outra em qualquer lugar por aí’. Foi o que fez poucas semanas depois, e não nos vimos mais.”*

## 42. Aquele estranho sentimento...

Meus encontros com Lilica continuavam com regularidade: saíamos às vezes nos sábados à tarde, ou nos domingos, para os mais diversos passei-

os, mas invariavelmente antes das seis entregava-a intacta e perfeita à família.

Na Toca já comentavam sobre nós, mas o Antunes, com sua seriedade hipócrita da qual ninguém desconfiava — diante do que era possível compreender o motivo de pavor demonstrado por ele quando a Cristiele engravidara, pois o pobre diabo, apesar de tudo, era respeitado entre a gentinha da favela —, dizia ter-me convidado para padrinho da menina, pagãzinha até aquela idade, e como sua história fosse confirmada pela mulher e até pelas outras filhas, os comentários não seriam propriamente venenosos, e se em algum momento se pressentisse a peçonha, logo tratavam de calar a voz maledicente, “pois seu Henrique é pessoa de muito respeito, gosta da menina por ser o padrinho, do contrário o Antunes, pessoa séria e considerada por todos, não consentiria em liberdades”, sobrevivendo o necessário arremate: “Além do mais, a Lilica é uma criança”.

Irritantes, contudo, eram os comentários do Antunes acerca de nossos encontros. Nas primeiras visitas ao meu apartamento ele deixou a filha e retornou algumas horas depois para apanhá-la, sem dizer nada. Não chegou a estranhar quando levei a menina para um passeio pelo parque, onde passamos uma tarde divertida, e quando a entreguei em casa ao anoitecer recebeu-a ainda sem qualquer alusão. Nas semanas seguintes, porém, como eu inventasse sempre um programa diferente, ele estranhou e certo dia quando, após deixar a garota em casa, já notinha, eu me despedira de todos, acompanhou-me até o quintal e inocentemente comentou que a Lilica vinha gostando muito dos passeios que fazíamos, que durante a semana se mostrava ansiosa pelo próximo encontro, e foi por aí agora dizendo banalidades sobre a filha. Parecia distante o tempo em que ele se gabava de ter “botado na frente e atrás”, como se eu ainda que inconscientemente impusesse um respeito que ele não estava disposto a afrontar. Até que, aproximando-se mais, para falar quase aos sussurros, disse:

— O senhor quando volta desses passeios deve passar primeiro em casa, não, seu Henrique? — sua atitude furtiva, conquanto a frase em si nada contivesse de censurável, alertou-me: ali estava o velho Antunes de sempre.

— Não, Antunes — respondi como se não lhe tivesse apanhado a maldade. — Como voltamos já no finzinho da tarde, vimos sempre direto para cá.

— Ah... — e olhou-me com uma expressão de dúvida. Meteu as mãos nos bolsos e passeou as vistas pela medonha paisagem das encostas cobertas de barracos, e mais uma vez baixando a voz quis saber: — Mas, seu Henrique... eu não estou entendendo...

— O que é que você não está entendendo, Antunes?

— Como é que vocês fazem então?... — e como eu o encarasse com ar de quem não sabia de suas intenções: — Quero dizer... vocês passeiam pela

cidade... não terá um lugar onde possam ficar à vontade... e em algum motel decerto o senhor não poderia entrar com... com...

Eis então onde ele queria chegar: era como se perguntasse “onde afinal você come a moleca?”

— E o senhor ainda não disse nada — ele acrescentou olhando-me com um riso molesto, e cochichou, inclinando-se mais em minha direção: — Não que seja da minha conta, mas... a moleca é ou não é dum calor dos diabos?

Franzi a cara, encarei-o com firmeza, disposto a não responder ou então a responder com maus modos — se tal assunto não era de sua conta, por que então se intrometia?

— Antunes — comecei, mas não continuei. Baixei a cabeça com a cara retorcida. — Deixa pra lá — eu disse por fim. — Você acertou: não é mesmo da sua conta.

Afastara-me uma dúzia de passos quando, olhando para trás, o vi parado no mesmo lugar. Retornei:

— Escuta uma coisa, Antunes — disse, e ele me atirou um olhar picado de curiosidade: — Espero que você não queira tocar de novo na Lilica...

— Mas é claro que não, Antunes...!

— Você tem a Cristiele...

— S-sim...

— ...e além do mais fizemos um trato, lembre-se disso.

— Fizemos! — e ele parecia aparvalhado, mal acreditando que eu pudesse suspeitar de sua lealdade. — E trato comigo é coisa sagrada. A Lilica é só do senhor... eu até vigio a moleca pra ver se ela anda bispando algum frangote por aí, eu até tomo conta... mas lhe garanto...

— Não! — cortei. — Não quero saber de suas garantias. O que quero é que você nunca mais toque nela.

Ele parecia assombrado.

— Lembre-se que eu ainda posso lhe ser útil — acrescentei a título de chantagem. — Lembre-se disso.

— O senhor tem minha palavra, seu Henrique — ele respondeu em tom solene, apurando o peito. — Além do mais, como o senhor mesmo acabou de dizer, eu ainda tenho a Cristiele. — Eu fiz um movimento de cabeça como quem diz “tudo bem” e fui embora.

Lilica apegara-se a mim de tal maneira que, nos dias em que saíamos, em geral aos sábados ou aos domingos, um atraso de meia hora seria suficiente para que amarrasse a cara, fizesse biquinho e ameaçasse ficar de mal, “você não veio me ver uma única vez durante a semana” repreendia-me não raro, embora soubesse muito bem que nem sempre me era possível ir vê-la, “tenho de trabalhar, muita gente me chama, às vezes não tenho tempo” expliquei-lhe mais de uma vez, “aposto como está de namoro com aquela baleia

branquela do seu prédio” ela replicava voltando-me as costas. Eu respondia que não, protestava inocência no mesmo tom de voz utilizado pela menina, “eu prefiro as magrinhas” e com um beliscão de leve em seu rosto, entre brincadeiras e elogios (“Você está muito bonita hoje, Lilica!”), reconquistava-lhe as boas graças.

Gradualmente Lilica foi tomando conta de minha vida como eu tomara da sua: nossas existências se interligavam por liames de um afeto cada vez mais intenso, que eu podia descrever como uma necessidade que tivéssemos um do outro e que para satisfazê-la era preciso estarmos juntos o mais possível. Por fim eu reconhecia no meu afeto um afeto de pai e descobria na menina uma filha que eu nunca esperara ter. Ela, coisa natural numa criança, fora seduzida pelos presentes e passeios, por eu ter-lhe mostrado algo diverso daquele roteiro de horror que conhecia na Toca: o que para outra pessoa não seria muito, não seria quase nada, para ela fora tudo. Mas aos poucos abriu-se seu coração, e mesmo nos dias em que ficávamos em casa jogando damas e assistindo TV eu lhe bastava como ela a mim, e ela ora vinha da cozinha com uma xícara de café que punha à minha frente enquanto eu pensava numa jogada, ora, reclinando-se em meu ombro, adormecia no sofá.

Na rua, quem nos visse diria de nós com efeito pai e filha, e aos catorze anos tornara-se uma adolescente magra e alta, sem beleza mas graciosa e de uma vivacidade envolvente que me enlaçava pela cintura sem qualquer constrangimento onde quer que estivéssemos, ou se dependurava em meu pescoço, abandonando-se num abraço e largando o corpo molemente em meus braços quando eu a abraçava. Depois, aprumando-se, soltava uma risada e tomando-me pela mão seguia em frente. Não houve ocasião entre nós de que eu possa falar em sensualidade, e se em nenhum momento me atrevi a um gesto que sugerisse uma intenção sexual, ela tampouco parecia propensa a algum tipo de jogo amoroso (o Antunes, não tenho dúvida, estava convicto de que eu e Lilica íamos pra cama a cada encontro, mas eu preferi deixá-lo nessa falsa certeza, achei por bem não desenganá-lo para que ele continuasse longe da filha, e de quando em vez vinha até mim com aquele seu irritante ar de cumplicidade dizer que “estou sempre de olho, seu Henrique, estou sempre de olho, a moleca anda na linha direitinho”).

Perseguiu-me, contudo, o desejo e a intenção de saber mais da infância de Lilica contada por ela mesma; não me bastava aquilo que o pai me havia dito, era preciso conhecer a história revelada por ela, mas faltava-me coragem para tocar no assunto. No começo seria com uma criança — no meu entender confusa e perplexa — que eu deveria tratar, e não soube como falar com ela. Protelei. Com o passar do tempo conquistei-lhe a confiança depois de conquistar-lhe o afeto, tornei-me para ela uma outra família à qual ela demonstrava querer mais que aos seus de fato (às vezes chegava a insinuar sua vontade de mudar-se para meu apartamento, “eu seria sua filhinha e cuidaria

muito bem de você” dizia, e eu tive de fazer-lhe entender que isso não tinha o menor cabimento) e aquela preocupação ficou esquecida por muito tempo. Por último, no entanto, mais uma vez ocupava-me o espírito o desejo de saber tudo a seu respeito, e *tudo* para mim significava saber de sua infância, daquilo que o pai me havia contado certo começo de noite em estado de semi-embriaguez numa mesa de bar. Mas agora Lilica completara catorze anos e eu me sentia ainda mais embaraçado em tocar no assunto.

— Você não tem um namoradinho, Lilica?

Estávamos sentados à sombra, nos gramados da Quinta da Boa Vista, e olhávamos, tomados de lassidão pelo calor da tarde, o incessante movimento dos visitantes.

— Tenho você — ela respondeu, recostada em mim.

— Falo sério. Você não é minha namorada, é minha filha. De empréstimo, mas minha filha.

Lilica não respondeu de imediato, pensou, depois voltou-se apoiando-se de frente em meu peito.

— Você tem namorada, não é? — e seus olhos grandes, muito abertos, cravaram-se nos meus.

Nunca havíamos tocado nesse assunto, e enquanto ela me respondera com espontaneidade, eu me senti embaraçado à sua pergunta, não propriamente uma pergunta mas uma quase afirmação.

Eu não tivera uma namorada fixa naqueles últimos anos; a última fora a aleijadinha, com quem havia rompido antes de conhecer Lilica, e esta não chegara a saber de nenhum de meus envolvimento amorosos, antes ou depois. Lilica nunca me vira com ninguém, decerto não houve oportunidade pois quando saíamos juntos eu não tinha olhos para qualquer mulher que passasse, e isso não por temer um puxão de orelhas ou uma cara amuada, mas tão só pela sensação de plenitude que a menina me proporcionava; e nos outros dias, conquanto não freqüentasse prostíbulos, vez ou outra pegava uma vagabundinha na rua e levava para os fundos do prédio em ruínas de frente ao meu, ou então para algum motelzinho dos mais baratos se a coisa fosse demorar um pouco mais. Porém, como se pode deduzir, desses casos nenhum chegou ao conhecimento da garota.

— Namorada?

— Você tem namorada — ela afirmou.

— Então por que estou aqui com você, e não com ela? — e pensei enrolar a garota com essa resposta.

— Hoje você está aqui comigo, mas nos outros dias não.

E ela sorriu sem malícia, uma ponta de tristeza no olhar.

— Eu só tenho sua companhia um dia na semana — ela prosseguiu. — Nos outros você sai com mulheres... à noite... vai com elas para algum motel...

Lilica me apanhava outra vez, deixando-me sem resposta. Eu poderia negar, mas ela perceberia a mentira; poderia também confirmar dizendo que o que eu fazia da vida era somente da minha conta, mas tal resposta certamente a magoaria.

Permaneci calado por algum tempo, voltei a olhar os transeuntes que iam e vinham — um senhor de bengala e chapéu de feltro, uma babá empurrando um carrinho, uma mulher enorme vestida de forma extravagante e acompanhada por um homenzinho magro e miúdo, um casal de namorados, um rapazola de camiseta e bermudas com um rádio barulhento, uma velha conduzida pelo braço por uma mulher negra com ares de enfermeira ou cuidadora, um homem de meia idade, óculos e bigodes finos, um jovem halterofilista exibindo sob a camisa justa de malha os músculos bem desenvolvidos, duas mocinhas querendo passar por turistas com óculos escuros e pintura extravagante, um grupo composto por pessoas diversas, todas talvez da mesma família, conversando e rindo, um casal de pele muito clara falando em algum idioma que não reconheci (esses sim, turistas de verdade), um crioulo alto de barba cerrada, cabelo *black power* e cigarro na boca, que ele tragou soltando depois uma fumaça branca que lhe envolveu a cabeça e foi dispersa pela brisa, e crianças, e...

— Não digo que eu não tenha um ou outro encontro, Lilica — comecei. Parei.

— Eu não disse? — e ela dava-me um tapa de leve no braço, e mais se debruçava no meu peito, largando todo o corpo sobre o meu, o rosto muito próximo agora, os olhos cada vez maiores e mais pontiagudos.

— Mas o que você queria? Um homem costuma namorar... uma garota também, por isso perguntei se você não tinha ninguém.

— E eu disse que tenho você.

— Mas nós somos pai e filha — respondi num tom brincalhão, puxando-lhe a orelha —, não namorados.

Ela continuou olhando-me intensamente por alguns segundos, a boca meio aberta como que de perplexidade, e então pousou a cabeça em meu peito com um suspiro.

— Eu sei — disse num sussurro.

E depois de algum tempo:

— Eu não tenho namorado, não tenho vontade de ter um namorado. — fez um pausa. — E gostaria que você também não tivesse ninguém.

— Por quê?

— Porque sinto ciúmes.

Então as palavras saíram quase sem que eu me desse conta delas, e falei daquilo que picava minha curiosidade e ao mesmo tempo tolhia-me por vergonha:

— Posso te pedir uma coisa?

— Pode.

— Quero que você me fale de si. Nunca lhe pedi isso. Fale-me de sua infância, do tempo em que ainda não nos conhecíamos. Como era na sua casa, na sua família... com sua mãe, suas irmãs... seu pai...

Lilica não respondeu de imediato. Senti sua mão esquerda, apoiada em meu peito, crisar-se, e ela se aprumou, levantou-se, permanecendo de costas para mim durante um minuto, dois... eu esperei. Parecia-me ter tocado um ponto sensível que a despertara subitamente.

Voltou-se para mim, a dois passos de distância:

— Por que quer saber?

— Para saber. Interesse-me por você... por isso quero saber.

— O que você quer saber?

Encolhi os ombros encarando-a com um meio sorriso:

— O que você tiver para me contar.

— Eu sei o que você quer saber — ela afirmou com voz pausada e muita segurança.

— Nem eu sei o que quero saber — respondi da mesma maneira. — Não sei o que você tem para me contar.

— Sabe.

— Sei?

— Sabe.

— E o que é?

— Quer saber o que meu pai fazia conosco, suas filhas.

Esforcei-me por não demonstrar qualquer alteração na expressão do meu rosto.

— Acertei?

— E você quer falar sobre isso?

Ela baixou os olhos, e pude perceber que perdia sua segurança inicial, embaraçava-se, as faces punham-se vermelhas.

— Venha cá — e lhe estendi a mão.

Lilica deu um passo em minha direção, “venha” insisti ainda com a mão estendida, e quando ela curvou-se eu a puxei obrigando-a a sentar-se à minha frente, enlaçando-a pela cintura. A garota recostou-se em mim e eu falei junto ao seu ouvido:

— Se você não quiser dizer nada, não diga. Mas se acha que vai fazê-la sentir-se melhor, então diga.

Ela continuou calada.

— Você sabe o que aconteceu — ela sussurrou —, não é preciso que eu diga... — lágrimas corriam pelas suas faces.

— Tudo bem — eu disse —, não diga nada. Pode responder-me apenas uma pergunta?

Fez que sim com a cabeça.

— Depois que começamos a nos encontrar, lembra?, das primeiras vezes que ele a levou até minha casa... Desde então... ele, o seu pai, voltou a tocar em você?

— Não — respondeu com firmeza e virou-se para mim —, nunca mais.

— É só o que importa, Lilica, não precisa dizer mais nada.

### 43. Tempos de esbórnica

*“O suicídio de Tio Francisquinho causou um terrível abalo à família e consternação geral entre a vizinhança. Nosso quintal encheu-se de gente para ver o corpo balançando ao ventinho matinal, e o povo só se afastou com a chegada da polícia. O perito fotografou primeiro tio Francisquinho pendurado, depois mandou descerem o corpo, fez mais fotos em todos os ângulos possíveis e depois o enfiaram no rabeção levando-o para o IML enquanto o quintal era vasculhado à procura de pistas (quais eu não saberia dizer, mas aquilo devia ser procedimento rotineiro, pois podiam imaginar que havíamos matado nosso parente). O delegado aproveitou para dar as condolências a seu Barbosa e a dona Elvina e entregar-lhes uma intimação para depor. O que haveriam meus pais de dizer? Teriam para contar apenas que o morto aparecera depois de quase três décadas de ausência, estivera conosco durante quatro meses e, sem mais nem menos, pendurara-se ali na noite anterior. Motivos? Não se sabia de nenhum, não foi deixada nenhuma carta, nem mesmo um sucinto bilhete que pudesse fornecer uma pista. Em sua mala não havia nada a não ser suas poucas mudas de roupa e seus documentos, além de alguns livros entre cujas folhas encontramos apenas tiras de papel que serviam de marcadores, sem qualquer anotação, assim como nenhuma anotação havia em suas páginas. Eu — mesmo sem ter sido convocado — tomei a iniciativa de procurar o delegado e esclarecer que eu e meu tio conversávamos com freqüência e que em suas conversas comigo deixara transparecer que havia um enorme vazio em sua vida em razão da perda da mulher, com a qual nunca se conformara, e também jamais tivera interesse em procurar o filho, anônimo, esquecido naquela cidadezinha longínqua de interior; e acrescentei que ele vivera perambulando sem rumo certo durante muitos anos até reaparecer em nossa casa meses atrás.*

*“O laudo não revelou nenhum sinal de violência; no quintal, esquadrinhado, não havia nada para ser encontrado, a idoneidade de minha família falava por si e o inquérito foi arquivado depois de algum tempo.*

*“Em casa, no entanto, aqueles foram dias difíceis.*

*“Minha mãe sofreu o golpe não com resignação, pois não se resignava, mas demonstrando uma força insuspeitada. Meu pai andou macambúzio por muitos dias, meu irmão e sua noivinha tornaram-se menos efusivos (naqueles dias ele decerto não comeu com tanta freqüência a bundinha de seu pomponzinho de pelúcia) e eu me tranquei em mim mesmo. Tio Francisquinho me fizera conhecer*



*um aspecto da vida em família que eu não conhecia, o da autenticidade, pois eu sempre tivera a impressão de que meus pais, e mesmo meu irmão, apesar de ele jamais envolver-se comigo, não passavam de figuras de cera, sendo essa talvez a principal razão por que eu não me afinava com eles. Ocorria-me às vezes que eu estava sendo intolerante, que eu sempre fora intolerante, e que se eu me conduzi-se de forma mais maleável era possível que as coisas entrassem nos eixos, isto é, que eu e eles acabássemos nos entendendo. Eu talvez devesse compreender que meus pais tinham o seu jeito de ser e isso não iria mudar porque eles haviam sido ‘construídos’ daquela forma, assim como o meu tampouco mudaria, pois cada pessoa é diferente das demais e é preciso aceitar isso para que a convivência seja possível.*

*“Eu refletia horas a fio acerca dessas questões, lembrando-me sempre da figura melancólica e reservada de tio Francisquinho, o pai que eu gostaria que fosse meu e de certa forma invejando o filho que ele, no entanto, abandonara em alguma cidadezinha de interior no sul do país, meu primo, que eu não conheceria nunca. Eu refletia, atinava com o caminho a seguir; reconhecia que o melhor a fazer seria, depois da tragédia, amenizá-la por meio de uma reconciliação plena com a família. Mas esse caminho estava fechado para mim: uma noite, dias depois da morte de tio Francisquinho, eu saí para espairecer e fiquei pela rua até tarde; ao botar os pés dentro de casa a primeira coisa que eu ouvi foi uma repreensão de meu pai, pois ‘depois de tudo, o senhor ainda me chega em casa a essa hora’ ele disse, eu fazendo um esforço para não lhe dar uma má resposta, no entanto a frase seguinte foi a minha velha conhecida, ‘veja o seu irmão, cedo já estava em seu quarto estudando’, e eu vi que aquele era um caso perdido.*

*“No início desta carta eu referi certa circunstância em relação à qual havia um ‘antes’ e um ‘depois’ na minha vida, e essa circunstância foi o suicídio de tio Francisquinho: por aqueles dias eu completei dezoito anos, também por aqueles dias eu me entreguei à esbórnia. Meu pai revoltava-se contra o filho rebelde, minha mãe olhava-me com seu silêncio repreensivo, meu irmão e sua noivinha em flor ignoravam-me o tanto quanto podiam ignorar-me e a vida seguiu aos trancos e barrancos: foram dois anos de destrambelhamento total até o dia em que resolvi abandonar a casa de meus pais.*

*“Pode-se pôr em dúvida se a morte de meu tio em tais circunstâncias foi com efeito aquilo que mudou minha vida àquela altura, bem como é possível inferir que o suicídio talvez seja um mal de família, sendo mesmo razoável supor — embora eu não tenha ouvido nada a respeito — que algum antepassado de dona Elvina também tenha se dependurado em algum galho, ou se atirado num precipício.*

*“Quanto a essa segunda hipótese não digo nada, havia certas semelhanças entre mim e meu tio que podem conduzir a tal conclusão, mas havia também diferenças ainda maiores que igualmente podem nos desviar de tal conclusão.*

*Quanto à primeira, é certo que nos dias seguintes à sua morte eu me senti um tanto desnordeado como se de súbito me tivesse faltado apoio para os pés. Compreendi que sempre estivera só, uma solidão da qual eu não desconfiava por não conhecer nada diferente daquilo, e que por um breve período de quatro meses encontrara para minha vida o arrimo que me faria entrar nos eixos. Agora eu estava só outra vez, uma solidão que eu tentaria suprimir de qualquer maneira, lançando mão do que estivesse ao meu alcance, mas ao alcance daquele garoto de dezoito anos estava apenas a esbórnia.*

*“Passei a beber e continuei a freqüentar prostitutas, e o dinheiro que eu conseguia consertando tralhas eu ia gastar à noite nos botequins, no jogo ou no bordel. Meu desregramento foi bater nas ouças de seu Barbosa que, ao ver-me entrar em casa às duas ou três da manhã sujo e fedendo, levantava-se do seu sacrossanto leito conjugal onde podia peidar tranquilamente ao lado de sua adormecida consorte e vinha arrastando as chinelas para o meu quarto, ‘veja o exemplo de seu irmão’ repetia pela quinquagésima milésima vez, e eu, como se ele não estivesse ali — pois fato era que eu preferia não discutir; evitava respostas ásperas o mais das vezes, calava-me o quanto fosse possível —, continuava a despir-me e a jogar para um canto a roupa suja até que, só de cuecas, voltava-me para a porta onde ele permanecia de pé resmungando e passava de cabeça baixa e cara amarrada soltando um arrote. Sempre sem responder entrava no banheiro, trancava a porta e metia-me sob o chuveiro frio, ali ficando até a tonteira passar.*

*“Ocorreu-me algumas vezes meter-me em brigas e tanto bater quanto apanhar; e uma noite em que cheguei em casa ralado minha mãe, que ainda não se recolhera, alvoroçou-se ao ver meu rosto sujo de sangue e manchas de sangue nas minhas mãos. Mas sua preocupação não foi propriamente comigo: se o sangue fosse meu tudo decerto estaria bem, pois o que perguntou foi ‘você matou alguém, Henrique?’. Claro está que não me dignei a responder; fui para o banheiro lavar-me e depois me enfiei na cama. Ocorreu em algumas dessas desordens chamarem a radiopatrulha e os arruaceiros serem conduzidos à delegacia, mas no mais das vezes eu conseguia escapar. Uma noite, contudo, numa boate fui agarrado antes de esgueirar-me pelos fundos: essa foi a primeira vez depois de muito tempo que eu não dormi em casa e minha mãe assustou-se, creio mesmo que fosse sincera em sua apreensão, e atazanou meu pai — a essa altura furioso e prometendo esquartejar-me tão logo eu reaparecesse — para que fosse à delegacia dar parte de meu desaparecimento. Seu Barbosa punha os pés no degrau de entrada da delegacia no momento em que eu abria a porta para sair; e ali mesmo se deu o destampatório. Naquele dia eu só não levei uns pescoções porque meu pai sabia onde estava, contendo-o o receio de ser indiciado por agressão e lesão corporal, mas despejou sobre mim a caixa de Pandora até que eu, não suportando mais o vexame — as expressões curiosas voltadas para nosso lado, os risinhos abafados, pessoas na rua parando para olhar, o detetive Cruz com*

sua cara de fuinha que se aproximou pedindo calma —, dei um murro na porta e respondi:

“— O senhor quer saber do mais? Vai tomar no olho do cu!”

“Durante aqueles dias as resmungações foram constantes, minha mãe sempre calada porém sombria, mas meu pai já não se dirigia diretamente a mim: repreendia-me por alusões, ‘esse menino é mesmo abençoado, Elvina, consciencioso, trabalhador, agora noivo de uma boa moça, só nos dá alegria’ e finalizava com um suspiro; ‘que bênção, hein Elvina, quando nosso menino se formar! Um doutor na família!’ e minha mãe murmurava umas graças a Deus quase inaudíveis; ‘filho, domingo poderíamos ir os quatro almoçar naquele restaurante que abriu próximo à igreja, passei por lá hoje, está chic, só vendo!’, sim, os quatro: ele, mamãe, meu irmão e sua noivinha cheirosa, porque o filho pródigo evadira-se da igreja, evadira-se da vida familiar; não teria direito de fazer parte da farra. Na noite seguinte o filho pródigo só poria os pés em casa às duas ou três da manhã.

“Certa noite meti-me numa briga na Lapa, num antrozinho escroto onde eu costuma ir para pegar uma piranhas; o outro era um crioulo com o dobro do meu tamanho e fui surrado a mais não poder. A puta que estava comigo escafedeu-se quando me viu morto no meio da rua, onde me atiraram como se eu fosse um saco de farinha, e eu, a muito custo, atinando com o perigo que corria de ser atropelado, rolei para perto do meio-fio e depois para cima da calçada onde permaneci estirado por quase três horas. Finalmente consegui sentar-me, ainda tonto, o corpo moído, apalpando-me para ver se havia algum osso quebrado, e depois, escorando-me na parede, levantei-me sobre as pernas bambas, os joelhos vergando sob meu peso, pois agora associava-se à bebedeira uma fraqueza de não ter comido nada desde cedo, e vi tudo rodar. Tentei dar um passo, sempre escorando-me na parede, dei outro, desabei outra vez quase batendo a cabeça num hidrante. Aproveitei o hidrante para apoiar-me e fiquei outra vez de pé, então me senti o centro de um mundo que girava, e oscilando olhei em volta. O dia vinha clareando, pessoas começavam a aparecer na rua, o fluxo de automóveis aumentava, o antro de onde fora expulso havia fechado as portas e quem passasse por perto acelerava o passo para evitar algum incômodo. Pensei em acenar para um táxi, mas não vi nenhum, tampouco havia algum ponto de ônibus por perto e quando meti a mão no bolso não encontrei minha carteira. Procurei nos outros bolsos, nada, senti vontade de vomitar e ali mesmo despejei. Enquanto curvava-me para vomitar avistei um objeto retangular, de cor preta, a alguns passos de mim e reconheci minha carteira. Não foi fácil abaixar-me para recolhê-la do chão pois via tudo rodar; e me dei conta de que teria de ajoelhar-me para não desabar de vez. De posse da carteira, arrimeei-me de novo na parede para pôr-me de pé, e apoiei nela as costas enquanto verificava que meu dinheiro havia desaparecido. Nem táxi, nem ônibus, restava-me apenas as pernas trôpegas para voltar para casa.

*“Ao abrir o portão de casa senti ao mesmo tempo o cheiro do almoço sendo preparado — ‘deve ser tarde’ pensei, e era, passava do meio-dia, ‘diabos, andei pra caralho!’ — e uma revolução por dentro que me obrigou a apertar o cu para não me cagar todo ali mesmo; minha mãe, ao avistar-me tonteando pelo meio da sala, soltou uma exclamação de pavor; levou as mãos ao rosto em desespero, mas eu apenas fiz um gesto para que se afastasse, ‘não amola’ gungunei e corri para o banheiro. Foi sentar no vaso e entornar o balde: parecia estar cagando tudo que havia comido e bebido nos últimos seis meses, os jatos desciam como enxurrada e os peidos decerto se faziam ouvir até mesmo na rua, ‘que sorte’ gemia enquanto os intestinos iam se esvaziando, ‘que sorte que deu tempo de chegar em casa.’; e lá vinha nova descarga que ia explodir no fundo do vaso.*

*“Depois examinei minha cara no espelho: estava inchada, um olho roxo e fechado por um soco, os lábios arrebentados minando sangue, um corte enorme na face direita do qual restou uma cicatriz, para sorte minha apenas um sinalzinho pouco visível e mais claro que a pele, e quando olhei para meu corpo, já embaixo do chuveiro, não consegui contar o número de vergões, inchaços e escoriações, sentindo-me como se uma manada de búfalos tivesse passado sobre mim. Se milagres acontecem, eu fora agraciado com um: apesar de todas as pisaduras, nenhum osso partido!*

*“Passei todo o resto do dia na cama, alternando períodos de sono com períodos de vigília. Minha mãe pareceu preocupada a ponto de ir ao meu quarto repetidas vezes e espreitar da porta para em seguida retirar-se como veio, pé ante pé. Anoiteceu, e com a noite ouvi muito longe a voz grave de meu pai, depois um murmúrio igualmente longínquo e por fim um ruído de passos aproximando-se no corredor. Eu não estava completamente desperto, a exaustão e as dores pelo corpo mergulhavam-me num estado de semi-vigília no qual eu consegui identificar a voz de meu pai, o som de seus passos e mesmo perceber seu vulto na porta até mergulhar completamente na inconsciência de um sono tão profundo que ao abrir os olhos notei que era dia novamente.*

*“Tentei sair da cama e senti o corpo todo dolorido. No banheiro enfiei-me sob a ducha e deixei o jato d’água massagear-me a pele. Ao sentar-me à mesa para comer eram nove horas. Minha mãe apareceu mostrando no rosto dessa vez mais sinais de preocupação que de censura. ‘Que foi que aconteceu, Henrique?’ ela perguntou; eu pensei em inventar uma desculpa, haviam tentado assaltar-me, eu reagira contra os ladrões e fora agredido, mas imediatamente percebi que não adiantaria a mentira que eu inventasse, por mais convincente não bastaria para que meu pai calasse sua ladainha, ‘se fizesse como seu irmão’, ou ‘quem se afasta dos caminhos do Senhor’, ou ainda ‘quem não honra pai e mãe’, e por aí afora, então resolvi falar a verdade:*

*“— Eu briguei com um sujeito na boate. Um crioulo com o dobro do meu tamanho. E o macaco me espancou. Foi isso.*

*“Minha mãe não disse nada de imediato, permaneceu parada a dois passos*

de mim observando-me e depois sentou-se também à mesa. ‘Brigou por quê, Henrique?’ e eu disse que não sabia bem, ‘ambos já estávamos embriagados’ expliquei, ‘parece que ele achou que eu tinha mexido com a mulher dele, uma preta horrorosa e ainda por cima com uma inhaca dos diabos, eu jamais iria querer nada com aquela merda, mas ele, que decerto não tinha olfato, cismou com isso mesmo eu estando acompanhado; então nos atracamos, só que o filho de uma égua era muito mais forte do que eu’. Minha mãe suspirou, por um instante pareceu abatida mas depois fez um gesto de carícia nos meus cabelos e com um suspiro levantou-se sem dizer nada. ‘Mãe’ eu disse, e ela se voltou da entrada da copa, ‘mas eu também acertei um soco na boca dele que lhe arreventou pelo menos dois dentes’, o que era verdade: dias depois avistei o negro na rua, passamos de largo, sem provocações, mas eu percebi que lhe faltavam dois dentes na frente. Meu pai, ao chegar do trabalho no começo da noite, soube das minúcias do acontecido por minha mãe. Eu me deitara com o corpo ainda dolorido, tendo-me sentido febril durante o dia; e foi ali mesmo na cama, metido embaixo do lençol e com a cabeça quase afundada no travesseiro, que ouvi meu pai despejar tudo que, em razão do meu sono quase cataleptico, não pudera despejar na véspera, sermão que durou pelo menos cinqüenta minutos — tempo que eu avalliei por ouvir na distância da casa a televisão ligada, percebendo que meu pai começara a falar no início do Jornal Nacional, só enfiando a língua no cu e saindo do meu quarto quando o âncora deu o ‘boa-noite’.

‘As repreensões cada vez mais ásperas de seu Barbosa e a cara de angústia de dona Elvina não foram suficientes para que eu mudasse meu novo ritmo de vida, e agora passariam a ser freqüentes as noites em que eu chegaria às quatro ou cinco da manhã embriagado, ou que dormiria no quarto de alguma prostituta que só me despediria manhã alta, depois de esvaziar-me a carteira. Vezes houve em que abri os olhos de manhã em um cubículo que eu não conseguia identificar; comigo outros que eu ou conhecia ou não conhecia mas que tinham o mesmo aspecto de decadência que eu; então um polícia abria porta do cubículo e eu me dava conta de que aquilo era a cela de uma delegacia, ‘e aí, rapaziada, já passou a carraspana?’, e como eu demonstrasse sobriedade e mansidão punham-me na rua, ‘vê se pega leve, rapaz, não é a primeira vez, vai acabar se encrocando’, e os outros vinham no meu rastro. Como não me lembrasse de nada (às vezes eu me esquecia por completo dos sucessos que me haviam levado até ali), eu perguntava o que havia acontecido, e a história era quase sempre a mesma com poucas variações: eu me metera em arruaça, dera e levava pescoções, a radiopatrulha fora chamada e o resultado fora aquele: uma noite na cadeia e hematomas que eu exibiria em casa a atestarem minhas atividades noturnas, de forma que a reprovação silenciosa de minha mãe e os sermões espumantes de meu pai passaram a fazer parte do meu cotidiano sem que surtisses qualquer efeito.

‘Essa vida durou dois anos, dos dezoito — após o suicídio de tio Francisquinho — aos vinte, quando resolvi abandonar a família.

*“Na noite em que eu arrumei minhas malas e meu irmão, entrando no quarto, perguntou-me se eu iria viajar; eu estava sóbrio, absolutamente lúcido e consciente do que iria fazer. Eu sabia dos aborrecimentos que causava a todos em casa e reconhecia ser necessário pôr um basta naquilo; mas não podia também deixar de reconhecer que, se por um lado meu pai tinha suas razões, por outro nunca fora capaz de reconhecer que nem tudo a meu respeito era merecedor de reprovação. Eu não era o vagabundo que ele vivia insinuando: como já referi, começara a trabalhar por minha conta consertando coisas desde os quinze para dezesseis anos, não lhe pedia dinheiro para nada, mas como me recusara a continuar um papa-missas feito meu irmão e dissera aquela palavra terrível, ‘papagaiada’, referindo-me às coisas sagradas, eu, aos seus olhos, tornara-me a ovelha negra, o réprobo, o excomungado. Então deu no que deu. Quando resolvi meter o pé fazia quase duas semanas que eu não me envolvia em badernas, aliás, naquelas duas semanas eu não provara uma única gota de álcool e vinha entrando em casa cedo, no máximo às nove ou dez, mas o clima entre nós continuava tempestuoso: minha mãe olhando-me do mesmo jeito, meu pai com sua carranca não se dignando dirigir-me a palavra num tom que não fosse agressivo e rancoroso.*

*“Na manhã seguinte — lembro-me bem daquele dia de minha libertação: dezoito de junho de 1986. — saí cedo com minha mala e não voltei.”*

#### 44. Tragédia da indigência é comédia ruim

Deu-se então a tragédia com sua ponta de comédia ruim, pois nada mais jocoso e de pior gosto do que uma tragédia envolvendo gente como a da Toca ou o casal do apartamento em frente. A miséria e a estupidez juntas são capazes de fazer de qualquer desastre um motivo de riso, o sangue que corre e a fratura exposta mais não sendo que o cetim debruado de dourado da desgraça. E se as vítimas já não podem olhar para si mesmas e fazer um pelosinal nem escarrar para um canto, outros, fingindo uma piedade de polichinelo, o farão para elas. Ocorre, porém, que às vezes a própria vítima passa pela tragédia não incólume, mas viva e sem carregar tantas marcas quantas seria de esperar, quem sabe largando-as para trás como quem atira uma estopa velha para um canto, podendo mesmo ser que acabe se rindo de tudo como de um filme **B** do qual foi protagonista.

O bate-coxa na birosca do Tavinho costuma esquentar no que a noite vai avançando e o povilêu da Toca se ajunta. No começo é só o jogo — roleta e baralho —, que leva para os fundos os destinados a perder seus vinténs, mas das caixas de som no espaço defronte brota um samba precário, um pagode pior, e quando se vê, ali mesmo no largo um tipo desengonçado se engancha com uma preta de perna inchada; um desbeijado se agarra a uma ordinária qualquer, ruína de causar vômito, e saracoteiam ambos presas de uma eufo-

ria de doença; uma banguela ri exibindo as janelas na dentuça, o vestido curto deixando à mostra a sinuosidade medonha de grossas varizes, e sem mais cata um bêbado pelo braço e sai arrastando-se com ele em desritmo; quando aparece alguma novinha na qual se descobre por acaso e com surpresa um laivo de beleza ou de graça, enxerga-se de permeio a nódoa da promiscuidade, a profecia da podridão, enquanto as outras são de dar engulho pela vulgaridade, pela feiúra ou por ambos os atributos — um troço nojento! Não há por que estranhar, aquilo é a Toca das Hienas, aquele é o povo da Toca, embora seja um favor chamar de povo aquela bandalha que se situa biologicamente entre o humano e o bicho, sendo necessário notar que o bicho possui uma nobreza natural que a bandalha — e mesmo o humano — não possui.

Eu, que amaldição a baixeza, não obstante apareço por lá vez em quando, pois não posso deixar de reconhecer que tudo aquilo — do ambiente aos freqüentadores — é tão lamentavelmente torpe que chega a ser divertido, um bom remédio para os depressivos (não que eu seja um desses, o que eu tenho é bronquite) ou, no mínimo, uma válvula de escape para o *stress*.

Jaqueline, *habitué* do local, desfila suas graças por ali, insinuando-se escancaradamente com requebros, gritinhos histéricos e rodopios. Sob as caixas, dependuradas uma de cada lado numa trave por pedaços de arame, há um palco improvisado, mero estrado de madeira onde qualquer um pode subir e, microfone em punho, cantar o que quiser, e é ali que Jacqueline costuma apresentar-se entre os apupos e assovios da borra: o tipo sobe para o palco vestido a rigor, ou seja, uma camisa escandalosamente rosa, uma calça branca arrochada a mais não poder em torno das pernas de Olívia Palito e entrando no rego de uma bunda inexistente, nos pés tamancões com vinte e cinco centímetros de altura sobre os quais se equilibra como num circo. A feiúra de Jacqueline — da qual eu já falei — é tal que se torna emblemática: a alguém tão feio perdoa-se qualquer coisa, até mesmo um crime, não que o pobre-diabo possa ser acusado de algum, pois não é mais que um inofensivo, podendo até mesmo passar por um comediante e sua figura caricata por um personagem que ele criou, personagem porém único e o qual ele encarnou de uma vez por todas. Sob esse aspecto, Jacqueline nem mesmo é real, mas um arremedo de si mesmo.

Como odiá-lo?

O bate-coxa continua, a gente feia que se aglomera exalando um futum de vala negra mais se engalfinha enquanto Jacqueline, microfone em punho, ensaia seu *karaokê* desafiando em cada nota, porém fazendo caras e bocas e fechando os olhos como que presa de uma dor atroz, abraçando a si mesmo enquanto requebra os quadris angulosos num baixa-e-levanta lento e agonizante. O suor poreja-lhe a cara ossuda, e a música — cuja letra conta brega e pavorosamente a história de um amor desprezado — avança em direção ao

clímax como num orgasmo de tortura medieval, ao qual atingindo, Jaqueline faz um derradeiro requebro atirando para trás as ancas e a cabeça, olhos fechados, boca aberta e babosa, ao mesmo tempo que comprime ao peito o microfone feito um falo.

Espocam os aplausos. A birosca do Tavinho quase vem abaixo. O mau-cheiro se intensifica, pois a negrada da Toca parece não ter o hábito de um banho vespertino. A poeira levantada pelos pés já não baixa, permanece no ar, suspensa na fumaça dos cigarros.

Perto de mim, num canto, o olho peçonhento do velhusco obeso e seu rosnado rancoroso:

— Um desgraçado assim não morre.

Olho-o de esguelha. Já conheço a figura.

— Não enquanto ninguém providenciar isso — o velhusco acrescenta, sem prestar atenção a minha presença e ao meu rabo de olho.

As danças recomeçam e agora, no meio da gentama que rebola, descubro a presença do casal que mora no apartamento defronte ao meu, ela — de aparência alcoólica — já denotando um volume incipiente a atestar-lhe a cria espolinhando-se em seu ventre. Ascorosa! De um traste desses a cria devia gerar-se nas tripas, no meio da merda, nascer pelo cu e não pela boceta, e com a cara de uma lombriga parruda. Apre!

Sinto então cutucarem-me as costelas e quando me volto encontro a cara sonsa do Pereira, que me cumprimenta com uma familiaridade roubada. O patife gosta de parecer íntimo, culpa minha por dar-lhe trela. De qualquer forma não me faz moessa, como já disse o tipo é engraçado e vale a pena — apesar de sua patifaria.

Com ele está o Jairzinho, a quem entrega um copo de Coca-Cola.

— Cerveja não — diz, sério —, criança toma refrigerante — e para mim: — Comigo é assim, seu Henrique, vou lá deixar filho meu beber álcool pra daí a pouco apanhar o vício?

Aprovo com um movimento de cabeça.

— Hoje o Jairzinho não trabalha, Pereira? — perguntei sem disfarçar uma inflexão de ironia que o obtuso não percebe.

— Hoje não, seu Henrique. Mas amanhã... Veja o senhor: amanhã eu levo o Jairzinho e as duas de dona Dinorá. A de nove já foi requisitada duas vezes essa semana, o senhor acredita?... Pois então! A danadinha é esperta que só! Passa a mais velha!... Mas hoje não, hoje é folga, seu Carlo me falou que nem iriam abrir... E esse negócio tá é ficando bom, pois já tenho uma outra comissãozinha em vista...

— Outra comissão? — pergunto já na desconfiança, mas mesmo assim acrescento: — Por quê?

Pereira não perde aquele seu jeito de avançar a cara e baixar a voz, com se estivesse contando um segredo de estado. Suporto-lhe o bafo de cerveja:



— Sabe o Maurílio?

— O da Baixa?

— Ele.

— Que é que tem?

— Então o senhor não sabe da situação do Maurílio? — pergunta numa falsa surpresa diante da minha ignorância. Mas verdade é que eu não ignoro, pois a situação do infeliz todo mundo conhece: anda com uma mão na frente e outra atrás, veste a mesma camisa a semana inteira e na calça já se contam os remendos às dezenas. Moureja de sol a sol na construção civil mas a doença da mulher consome-lhe tudo que ganha e mais alguma coisa.

É então que o Pereira despeja a novidade:

— Outro dia levei ele na Casa das Flores pra conversar com seu Carlo, ele mais a menina, claro... o senhor conhece a menina do Maurílio, seu Henrique?

Eu puxo pela memória para lembrar-me da garota, uma miudinha de cabelos cacheados e loiros, quando muito doze anos, que eu não vi senão meia dúzia de vezes. Movo a cabeça e o Pereira prossegue:

— Seu Carlo gostou da garota, “serve para a casa” ele disse ao Maurílio, “a vaga que temos está no jeito para ela, além do que não é para a noite toda não: só por algumas horas, quando houver necessidade de mão-de-obra pro serviço”. O senhor acredita que o abobado do Maurílio ainda teve dúvidas! Que serviço seria?, quis saber, se era para servir bebida, ou o quê, que sua menina isso, sua menina aquilo, como se ele estivesse em condições de discutir!... Por Deus do céu, pro senhor ver, e mazelento do jeito que está!... Eu larguei-lhe uma cotovelada nas costelas, “seu Carlo” eu disse, “deixa eu ter um particular com o meu amigo aqui” e arrastei o Maurílio para um canto, “isso não se pergunta, homem” cochichei, “que ofende! Que serviço qual o quê! O que vale é que seu Carlo é homem direito, não vai botar a menina pra lavar prato nem pra esfregar o chão da casa, é só pra atender a uma clientela especial, serviço fino, e além do mais a casa paga bem, veja o meu menino mesmo, ’stá muito bem colocado aqui!”, e o Maurílio ainda com dúvidas falando depois com seu Carlo, “o senhor releve... a gente que é pai... a menina é miudinha, o senhor está vendo, não tem força pro pesado... e nunca se sabe o que vão obrigar ela a fazer” mas seu Carlo deu-lhe uma decisão: “Escuta só, ô Maurílio, aqui ninguém obriga ninguém a nada, se quiser pode levar a menina embora, mas antes pergunta aí pro Pereira se o filho dele tem do que reclamar”. Então eu disse: “Pois foi o que eu disse a ele ali no canto, seu Carlo, que o Jairzinho está mas é muito satisfeito! E tem mais: quem é hoje em dia que tem a sorte de colocar um filho bem colocado nessa idade? Toma tenência, homem, pensa no tratamento de tua dona”. Mas seu Carlo sabe lidar com esse povo melhor do que todo mundo, seu Henrique, só vendo, não perde tempo com lero: botou a bufunfa na frente do Maurílio,

“ta’í um adiantamento, Maurílio” ele disse, “uma parte disso aí eu desconto quando a menina for requisitada”, e o cabra ficou até vesgo: era grana que ele teria de trabalhar o mês inteiro pra ganhar. “Mas não pensa que pode me dar volta não, hein, sujeito? Veja lá!”. Então o Maurílio endireitou de pensamento, “não, seu Carlo, po’deixar, o senhor é quem manda! E se é como o senhor diz, assim que precisar a menina vem” e meteu a prata no bolso.

— Sorte do Maurílio — eu digo, fazendo uma careta. — Estou até pensando em arranjar uns dois ou três pirralhos meus para, depois de grandinhos, empregar lá com o tal do Carlo — acrescento com cara de deboche, mas o Pereira não atina.

— Se o senhor tivesse filho nessa idade, seu Henrique, puxa!... se eu não falaria lá com seu Carlo, e não seria pela comissão não, que entre amigos isso não vale... a comissão ficava era pro senhor mesmo... se algum dia acontecer, pode contar comigo.

— Eu conto, Pereira, pode deixar que eu conto sim! — e ri, com vontade de escarrar-lhe na cara.

A certa altura avisto o casal do rádio aboletado diante de uma mesinha, sobre a qual copos, garrafas de cerveja e pratinhos de papelão com uns torresmos banhados de embrulhar o estômago, mas que os dois comem com a indiferença dos indigentes. O homem levanta-se e berra na direção do bar “mais uma gelada aqui na mesa, Tavinho!”, “apanhe aqui, que agora estou abafado”, “já vou lá”.

O marido afastou a cadeira e tentou vencer a aglomeração abrindo caminho com os braços, e um sujeito casquilho — mas de uma casquilhice tosca — aproveitou para aproximar-se da mulher. Curvou-se ao seu lado e lhe falou qualquer coisa ao pé do ouvido, ela virando o rosto surpresa numa risada borracha; o sujeito afoita-se mais, por pouco não se dobra em dois por cima dos ombros da tipa parecendo fazer alguma coisa com uma das mãos, mas a multidão interpõe-se e a sombra da mesa também impede a visão. A mulher empurra o sujeito, mas ele volta e ela se ri, esforçando-se por ficar de pé. Agora o sujeito a sustenta por trás com um dos braços, mas como tivesse ficado de costas para mim não consegui ver o que fazia com a mão livre; por fim o marido reaparece com a garrafa de cerveja e tem início a confusão. Não é possível ouvir com clareza o que ele diz porque ao som ruim das caixas soma-se o vozerio e o arrastar de pés, mas o sujeito que abraça a mulher por trás solta-a e recua um passo contra uma parede humana que o empurra de volta; o marido golpeia com a garrafa, quebrando-a na cabeça do sujeito, que desmonta, quando então se abre uma clareira e se escutam gritos de susto; a mulher tenta conter o marido que, ao mesmo tempo que recebe por trás um tapa na cabeça, chuta-lhe com violência a barriga. “Putá!” foi a única palavra compreensível no brevíssimo instante de silêncio durante o qual se ouviu somente a música ruim e cheia de chiados proveniente das caixas. O incên-

dio se alastra: a mulher curva-se segurando a barriga mas o marido desfere-lhe outro chute antes de ser empurrado e atirado por cima da mesa, caindo do outro lado entre o tinido de copos e garrafas se quebrando. No estrado à guisa de palco Jaqueline desmunheca gritando “calma, gente, pelamordeus, não vamos estragar a brincadeira”, mas quem iria escutar os apelos de um veado a quem ninguém levava a sério? A última pessoa que vi com clareza foi o Pereira tentando arrastar o Jairzinho para fora com encontrões à esquerda e à direita para passar: então faltou luz.

Não é possível descrever aquilo que, na escuridão de breu, só se percebia pelo açougada infernal que se seguiu: gritos de pavor, tropel, trambolhões de cadeiras e mesas, bordoadas a esmo, mais barulho de garrafas quebradas, pedidos de socorro, o espocar de tiros para o alto e a debandada geral levando consigo os paus que seguravam a coberta da varandinha, que ruiu com estardalhaço. Eu consegui escapar com apenas alguns arranhões por ter-me agachado e encolhido num canto entre o balcão e a cerca de madeira que delimita a frente da birosca, minha maior proteção dois sujeitos que me caíram em cima, um dos quais desacordado e o outro — pior! — numa fedentina dos diabos que decerto teria cagado nas calças.

O blecaute fora geral: não só a Toca inteira estava às escuras como também lá embaixo no asfalto — tudo um oceano de escuridão!

Manhãzinha eu subi o morro outra vez para ver o que restara da birosca do Tavinho, mas pouco abaixo me deparei com uma aglomeração de curiosos. Aproximei-me, espiei por cima dos ombros à minha frente, a cena com seu tanto de patético quanto de hilário: Jaqueline, esparramado no chão, tinha a garganta cortada e olhava para cima com a boca aberta e os olhos baços nos quais gravara-se o espanto da morte. Havia-lhe arrancado as calças e atochado pelo gargalo e até a metade uma garrafa de cachaca no rabo.

Lembrei-me do velhusco obeso e seu ódio pelo veado. Teria sido ele? Quem mais?, eu me perguntava, quem mais?

Certo era que o assassino sabia do caminho que o pobre-diabo teria de percorrer na volta para casa e o esperou no ponto exato, onde ele passaria sozinho, mesmo que tivesse descido na companhia de outras pessoas, pois o surpreendeu num beco entre um muro e um barranco ao fim do qual ficava seu barraco — apenas o seu. No entanto todos na toca sabiam onde o Jaqueline morava, sabiam que ele deveria passar por aquele beco sozinho, portanto poderia ter sido o velhusco, mas poderia ter sido qualquer outro.

Eu ainda contemplava a cena e conjecturava quando senti que me puxavam pelo braço:

— Seu Henrique, seu Henrique...

Voltei-me: Pereira parecia aflito.

— Venha, seu Henrique, venha ver...

E indicou o Jairzinho a dois passos dali.

— Espia só, seu Henrique — e o Pereira segurou o rosto do menino, virando-o de lado para mim.

Havia um corte quase superficial e um hematoma, que o garoto teria conseguido sabe-se lá como na véspera, durante a fuga em meio ao tumulto e à escuridão.

— E agora, seu Henrique, e agora?

— Mas o que é que há, Pereira? É só um hematoma...

— Olha só o corte, seu Henrique, olha só o corte!...

— Não se assuste, Pereira, que não é grave: é só pôr uma pomada, fazer um curativo...

— Mas e se fica sinal, seu Henrique? E se o menino fica desfigurado...?

— Mas que desfigurado, Pereira, quem disse que o menino vai ficar...?

— Não vão mais querer saber dele no serviço, seu Henrique, lá eles só contratam criança bem aparentada...

Senti vontade de esbordoá-lo. O pobre-diabo do Jaqueline assassinado de maneira cruel, e o tratante do Pereira preocupado com a possibilidade de perder seu ganha-pão com o filho!

Coccei a cabeça, ricei os cabelos exasperado.

— Se eles lá não quiserem mais o menino, seu Henrique, que é que eu faço?

Perdi a linha: travei o Pereira pelo braço e o arrastei a quatro ou cinco passos:

— Escuta aqui, Pereira, presta atenção...

— Sim, seu Henrique...

— Isso na cara do moleque não é nada, está ouvindo?

— Sim, seu Henrique...

— Fica tranqüilo que você não vai perder a boquinha que arranjou na Casa das Flores não, e sabe por quê?

— Não, seu Henrique...

— Porque o velho que come o teu filho lá, sabe?, que bota o moleque pra chupar o pau dele e tudo mais, aquele velho **gosta**, entendeu bem?, **gosta** do menino, e não vai ser uma marquinha de nada na cara que vai fazer com que ele deixe de gostar.

— Mas... seu Henrique... não estou entendendo...

— Está sim, Pereira, você está entendendo muito bem. Que outra coisa o Jairzinho, as meninas de dona Dinorá e a garota do Maurílio poderiam fazer naquela casa? Não é para servir à mesa de clientes excêntricos que as crianças são contratadas não!, é para trepar, entende? Para trepar! Mas não se preocupe! O emprego do Jairzinho, isto é, o seu emprego — e apontando-lhe o dedo pus uma ênfase exagerada no possessivo — o **seu** emprego está garantido. Pelo menos enquanto ele for novinho e bonitinho. Quando não

for mais, aí você terá de arranjar outro garoto. Quem sabe até adote umzinho só pra continuar ganhando, hein? Boa idéia, não?

E virando-lhe as costas, desisti de subir até a birosca do Tavinho.

No dia seguinte por volta das dez eu conversava com seu João no saguão do prédio quando entrou a mulher do apartamento defronte amparada pelo marido. Caminhava devagar, com dificuldade. Muito pálida e banzeira, encaminhou-se para a escada. O marido olhou-nos com apreensão como se estivesse com medo. Deteve-se um momento como se nos devesse uma explicação. Gaguejou:

— Anteontem, na Toca... só vendo, seu João... — e virando-se para mim: — O senhor esteve lá anteontem, seu Henrique, no Tavinho? — e virando-se para a mulher: — Cuidado com o degrau, querida... desculpem, tenho de levá-la... — porém continuou sem sair do lugar: — A gente estava lá se divertindo... tudo corria bem, até que começou uma confusão... justo então faltou luz... nem sei dizer ao certo como foi... só sei que teve tiro e o povo abalou... naquela escuridão, pensa bem!... então empurraram a coitada que tomou um baita tombo...

Fez uma cara de arrasado.

— Ela perdeu a criança — concluiu baixando a voz. — Teve alta hoje de manhã... mas tem manter repouso... e tomar os remédios — catou no bolso uma receita. — Vou acompanhá-la até lá em cima e depois saio para comprar... — empurrou a mulher cuidadosamente na direção dos degraus: — Não se esforce muito, querida... vamos devagar — voltou-se em nossa direção: — Ela, coitada... está que não se agüenta... os senhores entendem — e baixando a voz num sussurro, como para evitar que a mulher escutasse: — A coitada queira tanto essa criança!... Nós... nós a queríamos tanto... E o pior é que segundo os médicos ela não poderá mais... os senhores entendem... está inutilizada para a maternidade... pobrezinha!... — fingiu secar uma lágrima e avançou na direção da escada, voltando a amparar cuidadosamente a esposa...

...apesar do que, não demorou muito para que voltassem a esbordoar-se. Exatas duas semanas após o ocorrido na birosca do Tavinho o prédio sacudiu aos gritos dos dois e ao som da pancadaria; no dia seguinte a mulher apareceu com hematomas nos braços e no pescoço, e ele por vários dias exibiu um olho roxo e lanhos profundos de unhas na cara. Era assim que se amavam; sem isso, seriam para sempre infelizes.

#### 45. Quartila faz turismo

As investigações acerca do assassinato de Jaqueline não deram em nada. Não se sabe quem teria contado à polícia acerca da birra que o velhusco obeso tinha pelo veados, e num dia de tarde em que eu voltava de uma ida à

casa da Lilica vi o detetive Cruz botando a algema no infeliz e conduzindo-o morro abaixo. Em sua companhia, mais quatro policiais empunhando fuzis olhavam atentos em volta, ainda que não fosse provável uma surpresa por parte dos soldados do tráfico, pois todos sabiam muito bem por que a polícia estava ali. Segundo comentou-se depois, Cruz tentou arrancar a confissão do velhusco a força de tapas na cara e chutes nas canelas e nos ovos — o que lhe era típico, seus métodos nem sempre eram muito sutis, mas tampouco foram eficientes —, e o pobre-diabo voltou para casa desancado: mancava, tinha um olho roxo além dos beijos inchados, e segundo se soube urinava sangue, mas não confessou. Talvez nada tivesse para confessar além da satisfação com a morte do invertido, ou talvez tivesse, conseguindo porém manter-se firme. Quem poderia provar alguma coisa contra ele? Na escuridão de breu que fizera quem poderia ter visto o que aconteceu? O velhusco, é certo, era o único que detestava Jaqueline, pelo menos aberta e declaradamente. Mas não haveria mais alguém que por alguma razão não sabida também quisesse livrar-se dele? Tudo era possível. Eu também fui intimado pelo Cruz, porém consegui sustentar a verruma dos seus olhos claros e duros, e lhe contei o que sabia sobre a noite do blecaute. Referi também que todos na Toca gostavam do Jaqueline, “uma figura, aliás, folclórica” eu disse, “por isso fica difícil imaginar que alguém tivesse motivos para matá-lo”. O detetive olhava-me com frieza e indiferença, e de súbito mencionou o velhusco obeso. Não me fiz de rogado, “parece que tinha uma rixa com a vítima” eu disse, “mas ao certo não sei o motivo. Na verdade” acrescentei, “ele nunca comentava sobre essa rixa, sabe-se apenas que não gostava da ‘menina’” — e judiciosamente omiti as ocasiões em que o ouvira manifestar seu rancor e falar em homicídio, mesmo porque tais expressões poderiam significar apenas repugnância e não intenção real de matar.

Nos primeiros dias Cruz escarafunchou o que pôde, mas o tempo passou, o crime não se esclareceu e, afinal de contas, quem era o pobre Jaqueline para que a polícia continuasse interessada no caso? Pra lá ainda deve rolar o inquérito sem solução; outros crimes vieram abafar o interesse naquele, e logo outros vão sendo praticados para acabarem esquecidos também, e a vida segue.

Do Jaqueline restou apenas a lembrança de sua figura pitoresca e a trágico-cômica imagem de seu cadáver com a garganta cortada e uma garrafa atochada no rabo...

Foi quando recebi nova visita de Walkíria.

Cedo naquele dia eu assistira quando desceram pela quinquagésima vez o velho doente do sexto andar enquanto a ambulância esperava embaixo, de frente ao prédio, com o giroscópio ligado. Produzindo a mesma cena pavorosa de sempre a filha desceu chorando ao lado da padiola, num espetáculo lamentável que já se havia tornado repetitivo e até mesmo enfadonho, pois

mesmo das melhores piadas a gente se cansa de rir. Finalmente se foram, a ambulância gemendo rua afora e eu, em casa, torcendo para que o estafermo não voltasse.

Foi quando Walkíria chegou.

Ela decerto não brincava ao falar-me de casamento, e chego a pensar que se tivéssemos tido um romance e a certa altura eu lhe fizesse a proposta, ela aceitaria sem hesitação. Para alguém como Walkíria um casamento não representa qualquer obstáculo, primeiro porque fidelidade conjugal seria algo que decerto não a preocuparia: com toda certeza teria amantes, e eu tampouco deixaria de meter-me com outras mulheres; e segundo por não lhe passar pela cabeça a noção de uma união indissolúvel, noção aliás antiquada e que já não passa pela cabeça de ninguém; assim sendo, bastava que eu me tornasse um obstáculo para que ela me desse com o pé na bunda e fosse à vida.

Eu, porém, não pretendia casar-me com Walkíria mesmo sabendo que isso resolveria todas as minhas dificuldades financeiras, pois o mínimo que viesse a lucrar com tal união seria ainda assim muito mais do que sonharia ganhar em toda a vida.

Durante nosso passeio pela Toca naquela tarde, enquanto caminhávamos entre os barracos, éramos espiados por olhos curiosos. Aquela gente que fora estranha até mesmo para mim, quando ali estive das primeiras vezes, era ainda mais estranha para ela, pois a diferença entre saber de sua existência e compreender-lhe a realidade é crucial. Eu fora criado num lar pequenoburguês, vivera até os vinte anos numa casa grande, antiga mas conservada com cuidado e confortável, e mesmo o breve período em que “caí na vida”, metendo-me com putas e desordeiros, não foi suficiente para fazer-me compreender até que ponto desce a condição humana (quanto a isso, penso que a descrição que fiz da Toca no início desta narrativa deixa entrever que só naquele momento eu começara minha iniciação). Walkíria, por sua vez, nascera e crescera no luxo que a riqueza propícia, e mesmo quando, adulta, passara a fazer incursões nesse mundo paralelo ao seu, não fora iniciada de verdade, mas naquela tarde eu providenciei para que o fosse, fazendo-a compreender a diferença entre esses dois mundos como eu havia percebido durante a festa na mansão de Petrópolis.

Lilica estava para completar quinze anos quando passei com Walkíria por sua casa. “Esta é uma das casas mais luxuosas da Toca” cochichei em seu ouvido enquanto batia palmas defronte (“daí você pode calcular o resto”) e aparecia à porta o Antunes.

O calhorda nos acolheu calorosamente, mandou que entrássemos e berrou para dentro por um café fresco. Eu disse que não, que estávamos apenas de passagem, mas Walkíria adiantou-se, “eu aceito” e avançou pela varandinha entrando na sala. Não tive como não segui-la, e como ela já muito à

vontade se sentasse eu também me sentei, “uma amiga, Antunes” eu disse, e o outro desfez-se em medidas, “fico muito satisfeito em receber em minha casa uma amiga de seu Henrique” disse para Walkíria, “afinal é a primeira vez que ele aqui vem acompanhado” e para mim, buscando confirmação “não é, seu Henrique?”.

— Isso mesmo, Antunes. Comentei sobre a Toca com ela, e então viemos para que ela conhecesse. Dado que você é a pessoa que conheço aqui há mais tempo, resolvi antes de tudo dar uma passada em sua casa. Acho que não fiz mal...

— Mal? Mas que mal o quê, seu Henrique! É visita que muito me honra — e para Walkíria: — A senhora pode acreditar, seu Henrique é um dos meus melhores amigos, uma pessoa de categoria! Como me tem ajudado, a senhora nem imagina que coração de ouro está aqui! É até padrinho de uma de minhas meninas.

Ouvindo a conversa, Lilica apareceu na porta de dentro e parou, meio envergonhada, olhando-nos em silêncio.

— Ah — disse o Antunes —, aí está ela, a minha mais nova, Lilica. Lilica, cumprimente a moça, que é amiga de teu padrinho — e como a menina hesitasse: — Anda, Lilica, cumprimente a moça!

— Não a deixe embaraçada, seu Antunes — disse Walkíria, levantando-se e tomando Lilica pela mão —, não é, Lilica, não é preciso cerimônia comigo — e abraçou a garota, fazendo-lhe festas. — Agora posso dizer que somos amigas, não?

Lilica olhava a outra com admiração e um sorriso incerto, e quando Walkíria voltou a sentar-se ela também sentou-se no braço do sofá ao lado do Antunes.

— Tenho mais três — disse o Antunes —, mas já constituíram família. A que é acima da Lilica casou-se... isto é, amasiou-se... — mas sua desenvoltura tolheu-se um tanto ao referir o amasiamento da Cristiele —... a senhora não repara, nós somos gente simples... o mais fácil é amasiar-se...

— Não se embarace por isso, seu Antunes, o casamento anda meio fora de moda mesmo.

— Pois é... a Cristiele conheceu aí um rapaz... um se agradou do outro e... a senhora sabe, a juventude, não é?... Enfim, o rapaz parece sério, vivem numa casinha mais pra baixo, pra perto do asfalto... parece que vivem bem, e se a menina está bem, para mim, que sou pai, é o que importa...

A mãe chamou Lilica lá de dentro, e a garota levantou-se dum salto.

— E é isso mesmo, seu Antunes. O senhor está certo. No entanto a presença paterna é sempre importante, pois assim o senhor demonstra interesse pelo bem-estar da garota. Por isso o meu conselho é: mantenha-se perto, mostre a ambos que o senhor não descarta dos cuidados de pai, ainda que ela esteja agora emancipada.



O discurso bonitinho de Walkíria calhava — pelo menos é o que devia passar-lhe pela cabeça —, e com isso ia conquistando o Antunes, que para ser conquistado não requeria muito.

Entrou então a Lilica com uma bandeja, que foi deixar sobre a mesinha de centro, voltando a sentar-se no braço do sofá. Walkíria não esperou muito para servir-se, antecipou-se a mim adoçando o café com uma pitada de açúcar.

A conversa prolongou-se. Antunes fez o elogio de suas filhas, falou da mais velha, que já lhe dera netos, “a bem dizer dois garotões” ele disse, e acrescentou “e a segunda também, a Andriele, me deu uma netinha linda!” (e eu não pude evitar um pensamento macabro: que ele já devia ter planos para essa “netinha linda”, era só bobearem); “porém a outra ainda não, pois faz pouco tempo que foi viver com esse rapaz”, seguiu discorrendo sobre a Cristiele até que por fim fez o elogio da Lilica, “muito estudiosa, muito adiantada na escola, é a primeira da turma”, ao que Walkíria mostrava-se encantada.

O Antunes, no entanto, não deixaria de fora a mulher, e chamou por ela, que a passos tardos apareceu à porta de dentro. Então o pústula superou-se: cantou o panegírico da esposa, “é aquela que está ao meu lado, dona Walkíria, nas horas boas e nas horas funestas”, pô-la no altar, derramou flores aos seus pés (e a “dona” sorria, entre encabulada e satisfeita, que filha-da-puta!) e quando deixamos a casa minha amiga parecia encantada.

— Não sei não, Henrique, mas...

Encarei-a sem disfarçar um arzinho de ironia.

— Gosto de ver pessoas assim.

— Hum-hum — eu disse, calando por enquanto acerca do Antunes.

— Vê-se que é uma pessoa de bem — ela acrescentou. — Creio que na minha família e no meio em que vivo não compreenderiam se alguém lhes dissesse que se acham pessoas de bem entre os simples, pessoas interessadas, largas de afeto familiar, com grandeza em sua simplicidade.

Eu ouvia o discurso de Walkíria duvidando de que ela não estivesse sendo irônica, mas observando-lhe a expressão do rosto e associando-a às suas palavras via-se que era sincera.

Não repliquei.

Avançamos pela ruela, eu agora em silêncio e ela olhando em volta com alguma curiosidade mas de bom humor. Sob a sombra de um telhadinho torto estava o aleijado, e a mulher da papada vermelha derreara-se numa cadeira que mal lhe agüentava o peso. Acenou-me com um gesto lerdo, “como vai, seu Henrique?”, “tudo bem, dona Josélia”, “qualquer hora vou chamar o senhor, seu Henrique, meu ventilador está com um barulho esquisito”, “quando quiser, dona Josélia”, “semana que vem então”, “acertado”.

Eu me detivera um instante para falar à da papada e tive de adiantar o passo para alcançar Walkíria.

— Boa tarde, seu Henrique.

— Boa tarde, Conceição.

— Você conhece todo mundo aqui, Henrique — Walkíria comentou.

— Quase todo mundo. Quer saber de uma coisa curiosa acerca dessa que falou comigo agora? — disse-lhe quando Conceição já estava distante.

— O quê? — e arregalou os olhos: — Vai me dizer que já deu um pega na neguinha?

Fiz que não com a cabeça, forçando um bico para conter o riso.

— O que foi então?

— Ela tem um filho, agora com uns dezesseis anos.

— E daí?

— É veadinho desde criança.

— Quê?

— Isso mesmo. Quando me mudei, quando vim aqui pela primeira vez, o menino tinha doze anos.

Fiz uma pausa para fazer suspense.

— Todo mundo já tinha comido o menino — disse então. — Não só os outros moleques, até homem de barba na cara — e soltei uma risadinha sacana olhando Walkíria dentro dos olhos.

Ela parecia surpresa, não sei dizer se divertida ou assustada, talvez as duas coisas. Aquilo fora, contudo, uma preparação para o que estava por vir: quando saímos na subida principal da Toca e rumamos para a birosca do Tavinho, eu lhe falei do Antunes.

— Você parece ter simpatizado com o Antunes.

— Sim — confirmou. Encolheu os ombros, respirando fundo e devagar, expirou lentamente como que para relaxar. — É como eu disse, senti que havia uma certa grandeza de alma ali, onde os laços familiares têm um valor que nem sempre se encontra em outras famílias.

— Ele comeu as quatro filhas — disse, sem mais.

E depois de um instante, enquanto ela me olhava tentando descobrir qualquer sinal de sarcasmo em meu rosto ou em minha voz:

— Quando iam chegando aos treze anos, ele começava.

Fiz uma pausa.

— As duas mais velhas trepavam com ele ao mesmo tempo, à noite, nos fundos da casa.

Fiz outra pausa.

— Com Lilica foi mais cedo. Ela tinha dez anos. E ele me garantiu que foi ela a pedir. Vira-o com a irmã, e pedira que ele fizesse o mesmo com ela.

Fiz uma pausa, divertido com a cara de surpresa de Walkíria.

— E tudo isso — continuei — com anuência da mulher, que é frígida, não tolera sexo e viu na preferência do marido pelas filhas um expediente a calhar para ver-se livre dele na cama.

— Você está brincando — Walkíria disse com um meio sorriso. — Só pode estar brincando...

— Pareço estar brincando? — perguntei olhando-a com gravidade.

Então, detendo-nos sob uma árvore para evitar o sol forte da tarde, falei de Lilica, do Fiapo, contei sobre a conversa que eu e o Antunes tivéramos aquela noite no bar e o oferecimento que ele me fez, e ainda como tempos depois aceitei esse oferecimento, pedindo ao Antunes que levasse a menina até minha casa.

— Você teve coragem...!

Sorri, preferindo manter a coisa em suspense por um pouco mais, “o Antunes inventou essa história de padrinho para que não suspeitassem de nossa proximidade, pois afinal eu e Lilica passamos a estar sempre juntos”.

— Só não sei por que essa cara de espanto — eu disse —, afinal não lhe passa pela cabeça que possa ter sido da vontade da Lilica, já que você mesma admite que na infância...

— Mas é diferente! — ela protestou com veemência.

— Ora, qual diferente! É a mesma coisa! A mesmíssima coisa, Walkíria.

— Não estava me referindo à menina, mas a você!

— E o que te faz pensar que pode fazer de mim a imagem de um “bom menino”?

— Você me fez acreditar que era...

— Não, você preferiu ver em mim um bom menino, mas eu lhe disse que talvez estivesse enganada.

Walkíria calou-se, fitou-me com uma expressão de incompreensão e perplexidade. E se eu lhe contasse naquele momento o que fizera com a mongolzinha quando não passava de um molecote de doze anos, e como, homem feito, aproveitando-me de um blecaute, empurrara escada abaixo o infame Robertinho? Preferi por fim acabar com o suspense que havia criado e, deixando de lado esses acontecimentos já antigos, declarei que eu nunca abusara da menina e que aprendera a amá-la como a uma filha.

— Apesar disso — concluí —, ela vai cobrar de mim a seu respeito no próximo encontro, dirá que eu arranjei uma namorada, sentirá ciúmes, pobrezinha.

Continuamos nosso passeio.

Naquela tarde Walkíria viu de perto aquilo que conhecia dos noticiários da televisão, do que talvez fizesse uma idéia esgarçada, que mesmo suas incursões no fusquinha marrom pelas periferias não lhe haviam revelado em todo esplendor: transitou pelas vielas infectas da Toca, entre os barracos de tábuas apodrecidas para o interior dos quais, espiando, deparava com uma decrepitude de doença; sentiu o cheiro miasmático que vinha do lixo acumulado, das poças de água suja em lugares onde o sol não chegava, dos excrementos que corriam morro abaixo em valetas estreitas e fundas, e afastou

com tapas as moscas que em alguns pontos caíam sobre nós aos enxames; aqui e ali desviou-se da correria de crianças enfermizas, esqueléticas e feias que brotavam de buracos feito ratos de ventre inchado, olhos fundos e membros esqueléticos; aqui um velho de olhos lacrimejantes a esquentar-se ao sol nem ao menos levantava o rosto para nós, pesando-lhe a cabeça com a carga dos anos; ali arrastava-se um aleijado para dentro de algum barraco, os trapos imundos recendendo uma fedentina de urina velha; mais adiante vigiava-nos com olhos desvairados e a boca babosa algum doido que o hospício não aceitara, brotava de alguma janela a tosse e o escarro de um tuberculoso ou o baque de uma diarreia no terreiro dos fundos de um casebre, e assim o desfile de aberrações parecia não ter fim: a velhice, os aleijões, a doença crônica, a sujeira encrustada na pele, um povo medonho e decadente que, não obstante, não nos via de forma hostil, talvez no máximo com uma curiosidade frouxa, já que eu era bem conhecido ali e Walkíria, com seu jeito comum, não tinha de si mesma nada que pudesse chamar atenção. Como estivesse em minha companhia, mesmo o pessoal da boca não opôs dificuldades à sua presença; a certa altura um crioulo sarará, magrelo e de dentes podres, me chamou a um canto perguntando-me “quem é a moça, seu Henrique”, “gente minha” eu disse, e inventei: “Uma prima lá de Nova Iguaçu. Estamos indo no Tavinho”, e o sujeito me deu um tapinha nas costas, “tranquilo, irmão” disse, “só pra saber quem é quem”.

— Você me mostrou algumas coisas, Walkíria — disse-lhe quando descíamos de volta. — Eu lhe mostrei outras. Estamos quites.

Walkíria não respondeu, continuou caminhando em silêncio e sem deixar de observar tudo à sua volta. Ao entrarmos em casa, estendeu-se no sofá, “faça-me um café” disse, e notei que mordida os lábios, os olhos semicerrados como se refletisse.

Fui para a cozinha, deixei-a só enquanto preparava o café, e mesmo quando lhe entreguei a xícara fumegante e me sentei numa poltrona defronte, não disse nada, deixando-a à vontade.

Talvez eu devesse esperar pelo que ela disse ao fim de certo tempo, mas ainda assim me senti incomodado:

— Sexo eu quis bem mais cedo que a Lilica, mas não foi por ter visto meu pai trepando com minha mãe, ou coisa parecida. A Lilica viu o pai e uma das filhas mais velhas, você disse...

Bebia o café devagar, olhando para o teto, ar pensativo.

— O Antunes disse. Eu tenho cá minhas dúvidas...

— O que eu vi — ela prosseguiu — foi uma revista obscena que alguém esqueceu lá em casa e eu achei por acaso, antes que algum empregado, ou mesmo minha mãe, a encontrasse. Era uma história em quadrinhos, em preto-e-branco...

— Carlos Zéfiro — eu disse.

— Oh, não, não era dele, era uma revistinha em inglês que eu nem conseguia ler. Só mesmo olhar as figuras, aliás bastante explícitas... Mesmo pequena, aquilo me pareceu algo proibido... tabu... pois eu folheava a revista escondida de todos, de preferência à noite em meu quarto — e explicou: — Eu e meu irmão tínhamos cada qual o seu quarto, portanto à noite eu estava segura para explorar o proibido. Para que ninguém a encontrasse, eu a escondia atrás das gavetas da mesinha de cabeceira, e ficou lá durante muito tempo até que um dia eu mesma me descartei dela. Como era de esperar numa revista desse tipo, as imagens, ainda que apenas desenhos, eram estimulantes... Foi pouco tempo depois que o tal general Brito aventurou a mão boba dentro da minha calcinha. Como disse, ele me pegou de surpresa, mas eu estava curiosa...

Walkíria olhou para mim e sorriu:

— E agora você me conta uma história que me mostra que eu não fui a única puta na infância.

Fiquei aborrecido com essa observação acerba e sarcástica de Walkíria, e o disse francamente:

— Se você era puta quando criança, problema seu, mas Lilica não é assim.

Walkíria foi irônica:

— Ah, não?... Vê o pai comendo a irmã mais velha e pede que ele...! Ora essa, Henrique! Faça-me o favor!

— É sério, Walkíria. Não venha com seu veneno...

— Ah, então eu agora sou venenosa? Só porque verifico um fato?!

— Você não verificou coisa alguma...

— Ah, não?!

— Não! Primeiro, o Antunes pode ter inventado essa história, ou pelo menos distorcido os fatos, contado a coisa à sua moda, inclusive com relação às outras filhas...

— Todas umas putas, a meu ver! Por que consentiram? Ele em algum momento referiu ter usado de força ou de ameaças? Não. Então...

— Ele não referiu nenhuma ameaça... nem o uso da força... e estou certo de que não fez... pareceu muito franco na noite em que me contou suas aventuras caseiras...

— Por aí já se vê...

— Não posso dizer quanto às outras, mas quanto à Lilica...

— Eu acho que você está apaixonado pela Lilica...

— Walkíria...

— Não negue! Não negue! Ela tem ou vai fazer quinze anos...

— Vai fazer em breve...

— Então você se apaixonou por ela e não quer reconhecer...

— Não quero reconhecer, não posso reconhecer, ou será que você não

entendeu o que eu disse? Eu nunca toquei na Lilica. Nem me sinto atraído por ela. O Antunes está convicto de que eu transo com a menina desde aquela tarde em que ele a trouxe aqui pela primeira vez, mas nem eu fiz nada com ela, nem ela em nenhum momento demonstrou querer... como o Antunes alega que ela quis, depois de vê-lo trepando com a Cristiele... Caralho! Se essa menina era uma putinha aos dez anos, por que nunca se insinuou para mim? Lembre-se de que ele deve tê-la instruído antes de trazê-la.

Walkíria não soube o que dizer.

— E eu não estou apaixonado por ela! Que idéia! É uma filha para mim!

— Não haveria nada demais se estivesse.

— Não passa de uma moleca...

— É uma adolescente, e já tem corpo de mulher. Tem alguém comendo a garota?

— Não. Tenho certeza.

— Porque tanta certeza?

— Porque... bem, porque estamos juntos com frequência... se ela tivesse alguém... um namoradinho... não teria que escondê-lo de mim...

Walkíria deixou a cabeça tombar para trás, fechando os olhos. Suspirou. Voltou-se para mim:

— Desculpe-me, Henrique, sei que o aborreci fazendo o juízo que fiz da garota. Parece que você se arvora de pai, não é?

Eu não conseguia sentir raiva de Walkíria por muito tempo, e seu pedido de desculpas aliviou-me.

— Acho que sim... de certa forma ela... ela simplesmente me cativou. Eu a amo sim, muito, do fundo do meu coração, mas como se fosse minha filha.

Walkíria partiu no finzinho da tarde. Pela janela vi o fusquinha marrom contornar a esquina roncando e desaparecer.

Walkíria não desapareceu de minha vida, mas a partir de então não nos vimos com muita frequência. Ela era uma mulher ocupada, pois mesmo tendo saído de casa e passado a viver só, participava dos empreendimentos da família, inclusive na tomada de decisões importantes e mesmo vitais, mas não era esse o motivo de nosso afastamento. É possível que nem se possa falar com propriedade de “afastamento”, já que nossos dias de proximidade foram breves: na semana anterior nos havíamos conhecido e ela me introduzira em seu mundo, agora eu a fizera conhecer o meu. Mantínhamos nossa amizade, já que amor seria impossível tanto de um lado quanto de outro; mas — ocorria-me às vezes — até mesmo a amizade tenderia a esvaziar-se em algum momento, pois haveria de chegar o tempo em que ela compreenderia de verdade a enorme diferença que nos separava; que nossos mundos, apesar de paralelos, ocupavam dimensões tão distantes que não podia haver nada em comum entre nós, nenhuma afinidade, nenhum motivo para conti-

nuarmos. Eu previa que depois desse afastamento inicial, ele se tornaria cada vez mais definitivo, e quando acontecesse de nos encontrarmos em qualquer circunstância cinco ou dez anos depois, talvez nos falássemos de forma amigável, talvez trocássemos impressões sobre a vida ou sobre qualquer assunto do momento, mas ao nos despedirmos estaríamos regressando cada qual ao seu nicho, onde não haveria lugar para o outro. Seríamos quase estranhos.

Mas não foi assim: Walkíria era fiel àqueles a quem queria bem e, mesmo que nossos encontros não fossem tão freqüentes, ela se manteve a mesma pessoa que me levou à mansão da família em Petrópolis, a mesma que me acompanhou àquele passeio pela Toca, de forma que a reencontrei algumas vezes na viciosa vida noturna do Rio de Janeiro — claro que não nos pontos bons, naqueles em que ela estaria em casa e eu seria estranho: calhou avistá-la, ora só, ora acompanhada de algum sem-eira-nem-beira que nem de longe imaginava a fabulosa fortuna que tinha ao seu lado, naqueles ambientes onde até eu me sentia repugnado, nada muito diferente do antro do Tavinho na Toca que, não obstante, eu costumava freqüentar; também nos encontramos meia dúzia de vezes em alguma igreja, e nessas ocasiões eu lhe perguntava entre sério e brincando se ainda não se decidira a converter-se, “talvez seja O caminho para você” dizia, acentuando o “o”; e ela, entre séria e brincando, dizia que se converteria no dia em que eu também me convertesse; eu respondia “mas então seremos irmãos, e não poderemos mais ficar juntos”, e ela ria, mesmo porque parecia não haver mais ensejo nem interesse de sexo entre nós. Assim, nossa amizade prosseguiu nos anos seguintes, porém a distância e, excluindo-se esses encontros casuais, somente um raro telefonema para dizermos “oi” e perguntarmos um pelo outro atestava que não tínhamos talvez muito mais a nos dizer.

Eu continuei levando a vida como até então: consertando tralhas para sobreviver — não tinha do que me queixar, serviço não faltava — e, vez por outra, saindo com Lilica, levando-a a passear aqui e acolá, aonde ela quisesse ir. A menina tornara-se minha filha, o Antunes achava que era minha amante, e a própria garota não sabia ao certo que papel ocupava na minha vida.

Como eu previa, Lilica pôs na cabeça que Walkíria era minha namorada e fez o papel de amiga ciumenta. Tive de esforçar-me para convencê-la do contrário: só com o tempo, vendo que Walkíria não aparecia mais e que era ela a minha companhia constante nos passeios de final de semana, percebeu que eu havia dito a verdade.

#### 46. Teratologia, ou Dissertação sobre a escória, parte IV

A tarde está ensolarada e os carros passam reluzindo.

É sempre agradável caminhar pelas ruas numa tarde assim, deixar para trás a escuridão bolorenta do prédio e simplesmente ir, ir... para onde? Ora,

para onde não importa, qualquer lugar, desde que longe de casa... Pois é certo que aquilo me calha, pelo menos custa o que eu posso pagar, além do que — fora a chateação dos vizinhos briguentos com seu rádio, que nada é, se comparada à do pequeno psicopata, do qual em boa hora nos livramos — não me falta privacidade. Mas como já disse...

Agrada-me esse calor queimando-me a pele, resolvo tirar a camisa e sentir o sol no peito, nas costas, nas pernas, saí de bermudas justamente para isso. Não é sempre, mas as vezes faço isso, andar à toa, a esmo, vaguear por aí... porém, excluindo o sol da tarde, o céu azul, é inegável que a cidade é muito feia. O Rio de Janeiro é horrível, e não duvido nada de que seja assim em qualquer cidade do mundo, pelo menos na maioria: ruas sujas e desniveladas, calçadas com o piso rachado e buracos, pichações emporcalhando tudo, prédios velhos misturados com prédios novos, um ar geral de decadência apesar dos esforços para melhorar o aspecto: aqui uma parede recém-pintada, ali uma janela nova, adiante uma construção em seu início como se a cidade dissesse “sou uma feia lagarta em seu casulo, mas vou sair dele e abrir asas coloridas”. Tudo isso é uma desmedida ilusão, e andar por uma cidade assim, vendo essa gente pavorosa que transita pelas ruas... porque essa gente é verdadeiramente pavorosa, santo Deus! Se houvesse mesmo uma lei contra a feiúra, estariam todos metidos na enxovia... e com uma ração diária de pancada... pois contra a feiúra só pancada... a feiúra é um delito que merece punição com o máximo rigor, mas os legisladores ainda não me apanharam essa idéia... Por exemplo, aquela mulher que vai ali adiante: tingiu os cabelos de louro, ficaram cor de cobre, falsos até não poder mais; também pintou as unhas com um esmalte rosa e pensa que se veste de acordo com a moda, mas na verdade está hedionda, pois uma das sandálias, das quais emergem dedos gordos e sujos, tem uma tira quase a arrebentar, e depois veste uma calça apertada que lhe destaca o corpo mal conformado, e como lhe cai mal a mini-blusa tipo frente-única que lhe deixa nuas as costas onde se vêem minúsculas cicatrizes, pontinhos negros na pele amorenada e ainda espinhas prestes a estourar!... Olhando o jaburu, vêm-me ganas de golpeá-lo com um machado até não restar pedaços maiores do que um bife... Não fosse a sujeira na calçada... E esse judeu de pé, imóvel, à porta de sua loja? Já o conheço há tempos, barrigudo, nariz adunco, um pouco corcunda. É um ser humano ou um avantesma?... Imagino o patife ao fim da tarde contando o lucro do dia, “fazendo o caixa” como costuma dizer, seus olhos luzidios e os dedos ávidos e nervosos agarrando o vil metal, para ele o único motivo de estar vivo, pois é um tipo que não se importa com aquilo que o dinheiro lhe pode proporcionar, os prazeres que se podem comprar com um punhado de cédulas... não... o que o miserável quer é apenas gozar, em sua avareza, a posse do dinheiro, porque é apenas pela posse do dinheiro — e por mais nada — que passa a vida à porta da loja fiscalizando



quem entra, quem sai, como o empregado atende os fregueses e tudo mais... e por isso é capaz até de sacrificar a mulher e os filhos, pois esse porco judeu com seu comércio lucra e não pouco, mas a família anda aos trapos... A pobre mulher, eu a vi outro dia, reclamava que era preciso comprar o uniforme escolar dos filhos. E o que respondeu o avantesma? Que se metessem umas nesgas nas calças do mais velho para torná-las mais largas e se aumentassem as bainhas para que servisse, e quanto ao mais novo iria ver!, “vou ver!” disse, “que as coisas estão pela hora da morte, e você sabe disso melhor do que eu!”. Com um cretino desses só Auschwitz, pois morrer que é bom... por isso o ditado “vaso ruim não quebra”, pelo menos com facilidade não quebra, é preciso dar com ele numa quina ou numa pedra com força, com vontade... Ali vai um homem vestido com um terno e carregando uma pasta. Não, está bem vestido, o terno é de bom corte, deve ter sido caro, a gravata é de seda pura — dá pra perceber a boa qualidade do material —, e a pasta de couro legítimo... mas tirem-lhe esses atavios, o que sobra? Uma cara balofa e rosada feito um torresmo em cima de um corpo branquicelo salpicado de pêlos, com algumas dobras rechonchudas, braços gorduchos, pernas obesas e a bunda inexistente, percebe-se mesmo com a roupa por cima... Um sujeito assim tem alma? É possível que um espírito aceite habitar um corpo tão ridículo? Talvez que o leve dentro da pasta, talvez seja esta a condição para que sua alma aceite permanecer com ele: “Ô sujeito, leva-me na tua pasta que está mais apresentável que tua carcaça, sem isso, ó, adeusinho...”, e lá vai ele com sua gravata e sua pasta, seu terno de bom corte e sua aparência ridícula... Esse palhaço fantasiado dessa maneira e ocupando o cargo que ocupa terá certamente acesso aos melhores ambientes, lugares nos quais eu não passaria da porta com meu calçado velho e minhas bermudas... e no entanto o que representa esse sujeito e outros iguais a ele?... Que boa merda será ou fará da vida um tipo desses?... Tem aparência de advogado, desses que se armam de seus códigos de lei e, num tribunal, apertando a rodela do cu para não peidar e com o peito empinado, exclama “Excelências!” dirigindo-se ao juiz, ao promotor, ao júri — se há júri — e desata a falar tolices... “porque em conformidade com o artigo tal, alínea tal, do código não sei o quê combinado com sei lá que porra”... Caganeira!... E que mulher hedionda é essa que vem na minha direção puxando um pirralho pelo braço? Olhando-se para uma coisa assim é inevitável perguntar se há esperanças para a humanidade! Primeiro, é preta, requeimada. Depois, a parte de cima é maior que a de baixo, as pernas magras sustentando um corpo gordalhufo com a barriga um pouco aparecendo sob a blusa, que é curta e não basta para cobrir tudo. Vê-se logo que a blusa é um número menor, e ela ou a tomou emprestada, ou ganhou e está usando assim mesmo porque é pobre e tem de dar graças a Deus por lhe terem dado a blusa, ainda que seja um número menor, pois, ou muito me engano, ou essa blusa lhe

deram, roupa usada de alguém que ia mesmo jogar fora... E essa mulher ainda se atreve a trazer uma bolsa à tiracolo e uns óculos, caramba!, e os traz alçados ao cimo da testa, como se fosse uma turista, há-há-há!... Merecia ser espancada só pelo atrevimento... em público... cinqüenta chibatadas e salmoura no lombo... E também é impossível deixar-se de olhar para o pirralho e não ter ânsias de vômito... é quando eu me pergunto se crianças horrendas assim têm o direito de crescer. Deveriam todas virar adubo, pelo menos serviriam para alguma coisa. Ou então que fossem metidas em algum porão... Pior é que o moleque também é escurinho e o nariz escorre, vai ver está gripado... diabos, que uma pneumonia dupla o leve o quanto antes! Afinal, como sentir piedade dessa cáfila se ela só nos inspira repulsa? Mas você está sendo cruel, exclamarão alguns, pelo visto não aprendeu nada ainda — é afinal a fala daqueles que posam de bonzinhos e piedosos, que fazem discursos sociais, que levantam bandeiras, mas que a única coisa de que dispõem é sua conversa fiada, gente como o Freitas, o Gordo & o Magro, o Azevedo: a esses também, que os leve o diabo, se não uma pneumonia dupla ou um câncer! ...E agora cruza a rua um malhado de vitiligo. Parece uma vaca holandesa, mas é homem, então será um boi holandês, e como é gordo, deve estar pronto para o abate: daria decerto uns bifés suculentos, pelo menos alimentaria os cães. As manchas do vitiligo se espalham pelos braços, pela cara, provavelmente pelo corpo todo, e como o desgraçado deve tomar muito sol, já que a pele normal é mesmo bem tostada, o contraste entre o branco albinótico das manchas e o tom moreno da pele acentua-se de maneira horrenda. Lá vai ele carregando seu carma e ofendendo as vistas de todos na rua — agressão mais que merecida, diga-se de passagem, pois de todos que estão por aí ninguém escapa! Depois aparece a velha! Já conheço essa velha, costuma mendigar pelo centro embaixo das marquises, faz seu “expediente” e no fim do dia volta para casa arrastando as chinelas. Sabe-se lá onde mora, mas pelos andrajos e pela aparência, mesmo não morando na Toca, deve ser em lugar igual ou pior. Talvez não esteja tão velha assim, talvez a dureza da vida a tenha tornado nesse escândalo que transita sua indignência e indignidade pelas ruas como coisa muito natural. As moedas que acaso conquistou após seu dia de “labor” devem ir embrulhadas nalgum trapo por dentro da roupa — e que roupa: uma saia encardida e remendada a ponto de parecer uma colcha de retalhos; uma blusa esburacada e com manchas negras sob os sovacos; por fim um lenço de cabeça sob o qual aparecem fiapos brancos, tudo numa sujeira de causar engulhos! Assim lá vai, rua afora, quando melhor seria ir atirar-se na via férrea à espera de uma composição que lhe pusesse fim à agonia. Mas para esse tipo de gente a agonia é necessária à vida, a agonia é o sal, a vitamina cotidiana, do contrário não viveriam; por isso lá vai, agride a todos com sua tragicomédia da qual o palco são as ruas e a cena, quase sem fala alguma, improvisada na maioria das vezes,

constitui-se apenas de um tanto de torpeza sem qualquer história, e quando some em alguma esquina, de sua passagem resta apenas — além da fedentina que exala — uma lembrança incômoda que nos diz “tudo mais é um espelho, nada mais que um espelho onde acaso você deve olhar a si mesmo”. Porém, na outra calçada agora a dose é dupla: um veado que vai e uma sapata que vem. O veado, aliás, é estranho, nunca o vi por aqui. Quando olho tais figuras é que me vem uma vontade irrefreável de ser não o presidente da república, mas um ditador com plenos poderes! Ah!... Vejam só o veado: eu não devia me espantar com um miserável desses, não só porque eles estão por aí em todos os lugares feito peste, como também por causa do Jaqueline... saudoso, coitado, já se foi... uma figura bizarra que em vez de me causar nojo causava riso. Mas isso já explica o Jaqueline: ele era tão ridículo que nem como veado podia ser levado a sério. Ele se conhecia, a verdade sobre si mesmo não lhe era estranha, e ao se produzir (ou melhor, ao se fantasiar) para ir à rua sabia que sua figura burlesca provocava a gargalhada, a comédia barata e, no fundo, ele não passava de um comediante; Jaqueline tinha o mérito de não levar-se a sério, e isso fazia com que merecesse desculpas e até mesmo que, único em seu gênero, se lamentasse sua morte: eu, pelo menos, o desculpava e lamentei com sinceridade que tenha morrido, ainda mais da forma como morreu; mas esses outros... Deus do céu! Lá vai o cretino com seu rebolado, sua bunda cheia, as pernas desenhadas na calça colante, caminha como quem desfila numa passarela, e enfeitou a cabeça com uma peruca loira. Leva uma bolsa a tiracolo na qual há, na parte de baixo, uma franja comprida que ondula, e dentro dos sapatos de salto agulha amontoam-se dedos grossos que é possível ver espremidos quando ele passa. Não anda com naturalidade, tanto pela falta de hábito em usar sapatos assim, como também pelo desconforto, que ele prefere enfrentar na vã esperança de parecer “feminino”. Que gracinha! As feições são grosseiras, não denunciam propriamente um sexo ou outro mas um ser híbrido que assombra; tem o pomo-de-adão saliente, e despido terá cabelos nas pernas e veias grossas nas panturrilhas de jogador de futebol; os peitos inchados de silicone, os trejeitos, a voz grave de falsete, nada possui de uma mulher, mas o desgraçado se sente mulher e vai ver que se acredita capaz de seduzir alguém! É repugnante. Só a empalção para dar jeito numa criatura assim! Então empala-se e... e se ele gosta?... Quanto à lésbica, o leitor já a conhece: é a mesma que se envolveu com a gorda do terceiro andar; perambula por aí — por algum tempo vigiou o prédio: vinha, ia, voltava, detinha-se de prosa com o porteiro, que lhe dava trela (já que seu João dá trela a qualquer um), desaparecia por alguns dias, reaparecia sem pretexto algum, sempre na expectativa de encontrar a gorda e reatarem, mas não só não a reencontrou como não foi recebida certa ocasião em que se atreveu a ir tocar-lhe a campainha. Desistiu quando soube que a gorda fora embora com o primo, mas como reside nas imedia-

ções, vez por outra, como agora, eu a vejo por aí — desconjuntada, patética, horrenda. Sigo em frente. Adiante está um aleijado numa cadeira de rodas. Lá vai. A cabeça grande em relação ao corpo miúdo e meio dobrado em dois por uma corcunda, e para piorar as pernas são dois cotoquinhos dependurados que não servem pra nada. Tem os braços fortes, pois maneja as rodas da cadeira com vigor e habilidade calçada afora. O estorvo, que devia ficar em casa para não incomodar os transeuntes, acha-se no direito de transitar pelas ruas feito uma pessoa normal. O diabo é que não aparece ninguém que empurre a cadeira para o meio da rua no instante em que um ônibus esteja passando... Haveria o inconveniente de interromper o trânsito, mas não existem ganhos sem perdas. É muito comum verem-se aleijados, velhos, enfermos e grávidas (que são um outro tipo de enfermos, talvez os piores, pois se propõem a trazer ao mundo mais aleijões, deformidades e doenças!) transitando por aí como gente normal — no que, aliás, não vai nenhuma incoerência: não serão normais essas criaturas que perambulam por aí com sua incorrigível torpeza, que venho observando e registrando em minhas anotações? São todos iguais, frutos da mesma receita que não deu certo. Por fim aí vem atravessando a rua uma garota. Saiu daquela casa de modas e traz uma sacola, decerto comprou alguma roupa e se sente feliz por isso. Essa pelo menos é bonita e cheira bem, passou por mim e deixou um rastro de água-de-colônia no ar... coisa fina... Natura ou Boticário... e que cabelos!... Volto-me para olhá-la pelas costas, examinar-lhe a bunda... será que é das que gostam de dar a bundinha feito minha cunhada?... cheirosa é... então fico imaginando-a de quatro... bem, apesar de tudo é uma posição um tanto ridícula, principalmente se tiver um sujeito ali atrás enfiando-lhe o piru... nem uma garota bonita assim salva o mundo, e além do mais isso dura muito pouco: daqui a alguns anos estará com as pernas flácidas e cheias de varizes, a barriga cortada de estrias, os peitos murchos, terá picado os cabelos porque mulher sempre enjoa dos cabelos compridos, a pele sedosa estará gasta, crestada, as unhas mal feitas, as roupas num total desleixo, a ruína tomando conta de tudo...

E é isso que eu vou avistando neste meu passeio de sábado à tarde, e enquanto caminho relembro a festa na mansão de Petrópolis: as lindas crianças que invadiam todos os espaços, elfos e fadas a correr por um jardim de delícias, e uma juventude dourada que parecia existir num limbo onde o tempo não escoia e as misérias da vida não contaminam... um dia infinito... mas nada daquilo era a realidade, senão a ilusão, a maquiagem, a venda nos olhos, pois a realidade é que aquelas criaturas quase míticas em seu universo de sonho serão os calhordas e os doentes de amanhã, os miseráveis de sempre exalando seu mau cheiro; porque o mundo não é um jardim de delícias mas um charco insalubre, um hospital repleto de enfermos, um sanatório coalhado de chagas, um leprosário onde todos os pacientes estão condena-

dos, e uma parte dele está aqui, diante dos meus olhos: essa cidade medonha, essa gente pavorosa que vegeta contando quando muito com algum paliativo para sua escrotidão.

Depois de tal passeio impõe-se a impressão, se não a certeza, de que a humanidade não tem mesmo jeito com sua história de caveiras e crueldades, de vômito dentro dos armários e pústulas sob o cetim. Não, não há grandiosidade alguma no homem, essa criaturinha rastejante que não passa de uma cápsula de carne recheada meio a meio de merda e presunção.

#### 47. Querida mamãe

*“Faz oito anos que saí de casa.*

*“Dias atrás, porém, todo esse tempo transcorrido em silêncio tanto de minha parte quanto da deles, resolvi praticar uma pequena maldade: escrever uma carta para minha mãe...*

*“Bem, mas antes de falar na carta aqui vão algumas explicações. Primeiro, eu já me decidira a pôr um fim à comédia: havia chegado ao epílogo, e não há epílogo sem um final. Depois o fato de eu ter ido embora de casa: creio que todos por lá se sentiram aliviados com minha saída, pois agora teriam mais espaço para eles. Não que a casa seja pequena, pelo contrário, é uma dessas casas grandes de aparência ligeiramente colonial, construída no tempo antigo e num bairro que ainda preserva uns ares de bucolismo, com quatro quartos, duas salas espaçosas, duas peças menores que poderiam ser utilizadas como gabinetes, e ainda um quartinho de costura e outro para empregada — embora não tivéssemos empregada —, dois banheiros, copa e cozinha, além de uma varanda ampla onde meu pai estende uma rede para descansar nas tardes de sábado e domingo e minha mãe senta-se perto, numa cadeira de balanço, ocupando-se com alguma pequena costura ou algum crochê... Há também um amplo jardim em toda volta, e nos fundos algumas árvores frutíferas, o ambiente é aprazível e o bairro é bom — o que, aliás, já foi dito —, embora não muito distante do inferno, pois é certo que eu me mudei para uma espécie de inferno do qual, contudo, não me queixo muito pois estando só e livre estou bem em qualquer lugar:*

*“Com minha saída toda uma ala da casa ficaria livre para meu irmão e sua mulher; quando se casassem, pois o ‘bonzinho e bonitinho’ estudava e trabalhava, mas não tinha àquela época — e não teria ainda por alguns anos — condições de comprar sua própria casa, assim o melhor para ambos seria morarem todos lá... Não que fosse dividir a casa e o quintal com uma parede e um muro, penso que nem meu pai concordaria com isso, mas teriam bastante privacidade com uma ala inteirinha para eles — dois quartos, uma sala, uma das peças menores e um banheiro — separada da outra ala por um vasto corredor, o que lhes permitiria inclusive receber e acomodar suas próprias visitas; e como meus pais adoram a norinha perfumada não haveria inconveniente nenhum, p.*

ex., em minha mãe dividir a cozinha e a copa com ela — poderiam ajudar-se a preparar o almoço —, nem que fossem todos sentar-se para tomar a fresca na varanda e entreter-se num amigável bate-papo... que lindo!

“Com o delinqüente finalmente fora de suas vidas, que alívio!, e foi decerto por essa razão que nesses anos todos nunca me procuraram nem para saber onde eu estava e se me achava bem instalado, ou como ia passando de saúde: vai que eu cismo de voltar?!”

“Pois tudo aconteceu como previsto: meu irmão casou-se com aquela moça e até onde soube ocuparam as dependências não utilizadas da casa, com o que meu pai certamente não apenas concordou como também os estimulou alegando as mesmas razões práticas que deixei entrever acima: ‘Morando conosco vocês poderão economizar; não terão despesas de aluguel e as contas podem deixar comigo que eu não sou nenhum miserável...’

“Claro que meu pai não é nenhum miserável, apesar de nunca ter passado de sub-gerente... Se não ganha bem, tampouco ganha mal, enfim, é um pequeno-burguês de idéias estreitas como a maioria, como todos afinal, e aquilo lhe convinha enormemente: teria o filho morando ainda sob o mesmo teto, estariam ambos em contato com a nora, ‘uma menina encantadora’ como minha mãe costuma dizer; meu irmão economizaria até poderem ter sua própria casa e enquanto isso ambos continuariam estudando até formar-se, são jovens, ‘têm um futuro brilhante pela frente’! Sempre dizem isto... como se alguém pudesse ter um futuro, brilhante ou não, para trás!... há-há-há!... Mas para eles o futuro de meu irmão e da norazinha bonitinha, um encanto de menina!, será sempre brilhante, mesmo que ele, a exemplo do pai, nunca chegue a lugar algum de destaque e ela igualmente não passe de uma pequena profissional liberal sem maiores oportunidades... enfim, são essas as expectativas, pois a bem dizer eu nunca cheguei a perceber em meu irmão qualquer talento especial, e minha cunhada, excetuando o traseiro e os gemidos, que talento terá?

“Verdade é que com aquele traseiro e um pouco de boa vontade poderia ganhar bem mais do que futuramente como vendedora, ou veterinária, ou o que mais... teria de ter alguma disposição, e saber cobrar... valorizar-se, este é o segredo do negócio, preservar a aparência o melhor possível, escolher os clientes a dedo, e saber fazer preço, afinal é a etiqueta com o preço que pesa mais na escolha da qualidade de uma mercadoria... mas a idiota resolveu posar de boa menina e casar-se, e ainda ir à missa com o noivo (agora marido, os hábitos acirram-se depois do casamento) nas manhãs de domingo, confessar-se, tomar a hóstia, mesmo que à noite lhe ceda a bundinha — apesar do que dizem os padres sobre a sodomia, há-há-há...”

“Fico imaginando se ela ainda geme daquele jeito, porque afinal de contas não estão sozinhos em casa, meus pais estão lá à noite, na hora de se engancharem...”

“Sobre isso, claro, há algo a dizer... nesse ponto, e para não perder o ense-

jo... ah, e como eu me sentia irritado!... principalmente por causa dessa noção canhestra de decência que meus pais tentaram incutir-me sem sucesso, mas que em meu irmão eles puderam escrever como numa página em branco... pois meu irmão agora está casado e todos sabem o que 'eles devem estar fazendo' se é noite e já se recolheram... surge talvez algum comentário malicioso em voz baixa, riem-se entre si, não mais... isso no começo, quando tudo era novidade, agora não... No entanto, não seria divertido se os dois fossem para o meio da sala numa noite em que todos estivessem reunidos (meus pais, os pais e os irmãos dela, os tios e tias, alguns amigos e ainda os penetras) e ali comesçassem...? Ou então melhor, na própria noite de núpcias: pois todos sabiam que quando os dois estivessem a sós em seu quarto 'se atracariam'... Então, em vez de esperarem o fim da festa para recolher-se, os dois apareceriam no meio do quintal... tirariam a roupa diante de todos, ele já de pau duro... Pasma! Assombro! As senhoras desmaiariam, os senhores deixariam cair o cigarro dos lábios...

"Sim, pasmo, assombro... mas por quê? Só por estarem presenciando aquilo que todos gostariam de presenciar; e que até iriam pôr-se sob a janela dos recém-casados para escutar não fosse o risco de serem surpreendidos?... Pelo menos seria algo original, diferente, uma fuga à estreiteza de suas vidas ridículas...

"Daí que de uns tempos para cá eu às vezes me ponho a pensar no que aconteceria se minha mãe, tão séria, tão matrona, tão religiosa soubesse o que os dois porquinhos fazem de fato... porque casaram-se e todos sabem que vão trepar; aliás ninguém tinha dúvida de que já trepassem antes, isso é comum mas nunca é comentado porque no fundo todos querem acreditar em papai-noel, ou seja, 'ela é uma boa menina, etc. e tal' — esse tipo de pensamento, por incrível que pareça, persiste mesmo nos dias que correm —, mas agora é diferente, podem dormir juntos e pela manhã levantar-se e encarar a todos sem qualquer constrangimento porque o casamento (no civil e no religioso) sacramentou o piru do meu irmão e a xoxota de minha cunhada, e é justamente a junção do piru com a xoxota o que se quer dizer com a expressão 'uma só carne'... mas o cuzinho fica fora do sacramento, para o cuzinho não há santificação... chego a imaginar o encontro dos noivos com o padre nos dias que antecedem o casamento... o sacerdote dando orientações ao futuro jovem casal acerca dos compromissos que advêm com o matrimônio... a responsabilidade que cada um deverá assumir perante Deus... fazendo as recomendações de praxe acerca do respeito mútuo, da fidelidade, lembrando que o verdadeiro amor os ajudará a suportar com bom ânimo as dificuldades do dia a dia, de como deverão solidificar os laços familiares e criar os filhos na fé católica, etc. etc.... e por fim... façam só uma idéia... o padre, muito sério e compenetrado, finaliza: 'Zelará o moço pela honra de sua noiva e esposa e vice-versa, pois deverá esta igualmente estar atenta à honra de seu noivo e esposo... lembrando-se sempre dos preceitos divinos: não deveis fornicar por trás pois não é possível trazer alguém filhos ao mundo dessa maneira'... e assumindo ainda um ar mais grave, limpando a garganta:

*‘Não me vá o senhor comer o cuzinho de sua mulher; e tampouco a senhora o deverá consentir caso ele queira, vejam lá, vejam lá!’... há-há-há... seria mesmo uma pouca-vergonha, uma barbaridade, um desastre... oh, o céu faria chover fogo e enxofre!...*

*“Eu me divertia imaginado se, em vez de mim, fosse minha mãe quem tivesse chegado sem ser percebida naquele dia e descobrisse não só que os dois já se adiantavam mas a maneira como se adiantavam... a cara de espanto que a velha iria fazer... talvez até desmaiasse... e depois as lágrimas e a vergonha de mencionar o que vira... não, decerto não diria tudo a meu pai, não diria o que vira de fato ‘pois não tenho língua sequer para pronunciar tal imundície’ ou coisa que o valha, falaria apenas da falta de respeito ‘de vocês fazerem isso aqui, dentro de casa, e logo na sala, e nem casados não são’... meu pai saberia do ocorrido através de minha mãe, mas de forma superficial porque ela jamais entraria nos detalhes sórdidos, e chamaria atenção de meu irmão, não com a severidade com que sempre me tratou, mas de forma mais branda, imagino mesmo o que iria dizer; ‘a gente entende filho, já fomos jovens e os jovens às vezes não querem esperar; se bem que no nosso tempo...’ e esconderia o fato de ele e mamãe também não terem esperado... ‘mas vocês podiam ao menos ser mais discretos’ e por aí afora...*

*“Daí então, como eu já tivesse tomado essa decisão que muitos chamam de loucura ou de covardia, mas que não passa da mais autêntica lucidez, resolvi escrever uma carta para minha mãe: sim, escrevi-lhe contando o que vi naquela tarde, anos atrás, referi como cheguei em silêncio, sem qualquer intenção pois não supunha o que estava para presenciar; e como escutei aquelas vozes e gemidos... primeiro mencionei as vezes em que, repreendendo-me por meus ‘maus instintos’, meu pai me dizia ‘veja o seu irmão’ e toca a elogiar o bom moço, enquanto a mim... bem... fiz questão de enfatizar quem era o bonzinho e o mauzinho, o de comportamento exemplar e o de péssimo comportamento... ‘então, mãe, vou lhe contar uma coisa para que a senhora e papai fiquem sabendo a verdade acerca do filhinho preferido de vocês’, e para deixá-la horrorizada entrei nos pormenores, nos pontos e vírgulas, fazendo cair a máscara dos pom-binhos, ‘tinha de ver, mãe, como a desavergonhada se contorcia e gritava com o pau do meu irmão dentro do rabo, e ainda pedia para enfiar mais, até os ovos! Tivesse meu irmão um pau com um metro de comprimento, ela ainda pediria mais’, e por aí afora. Faz dois dias que botei a carta no correio, registrada para ter certeza de chegar; mas eu nem consigo imaginar a reação dos velhos, pois é certo que minha mãe leu primeiro — já que estava destinada a ela — e depois entregou-a para meu pai, que se poria muito sério enquanto avançava linha após linha pela narrativa... Terão comentado com meu irmão minha baixeza? Penso que não... por vergonha... mas quando olham para aquela ‘menina encantadora’ agora não conseguem — minha mãe especialmente — evitar um certo estremecimento, uma decepção, amargura, que sei eu... então essa menina*



*tão pura, tão doce, tão delicada, faz essas coisas!... Não sei se pretendem procurar-me para falar 'dessa desfeita que você nos fez, não tem mesmo respeito pela família?', ou se ficarão calados, achando melhor ignorar para não aumentar a vergonha... ou talvez ainda estejam deliberando sobre o que fazer...*

*"Quando decidirem será tarde: já não me encontrarão aqui, se a decisão for procurar-me para o sermão de costume; e se a decisão for pelo silêncio também não estarei aqui para sabê-lo. Eles, sim, é que serão notificados pela polícia do caminho que tomei, ou melhor, do caminho que resolvi encurtar. Creio que a polícia compreenderá que não há um culpado pela minha morte, ninguém atirou-me do vão central, fui até lá porque quis... e se lá chegando eu desisti; é simples: volto para casa e rasgo esta carta. Mas é improvável que o faça, sempre fui persistente em minhas decisões, não será diferente desta vez."*

#### 48. Tragédia da indigência etc. etc.

Deu-se então a tragédia com sua ponta de comédia ruim...

Não, não é preciso reescrever o começo do capítulo 44, fiquem aqui umas reticências. Antes eu não tivesse de reescrever nem mesmo essas poucas palavras, melhor seria se este capítulo figurasse apenas com um número acima de uma linha em branco e logo se passasse ao seguinte. Certo é que eu poderia proceder mesmo assim: anotar um número, deixar uma linha em branco e seguir adiante, sugerindo coisas que eu não estou disposto a revelar, mas se o fizesse quem poderia compreender minha decisão?

Além disso, quem será o polichinelo a rir e a fazer rir no final da história?

Os quinze anos de Lilica haviam passado quase em branco, de forma que o *début*, ao qual compareceu a gentilha mais próxima, foi nutrido a Coca-Cola e churrasco, num domingo à tarde, além de uma torta de morango para substituir o bolo — idéia perniciosa do Antunes, que achou por bem reunir tanta gente feia para cantar parabéns. Lilica não se impressionou, conhecia a penúria por ter nascido nela, e embora fosse notável a diferença entre a menina que eu havia adotado e o resto da gente do lugar, tanto nas roupas quanto no comportamento, ela com sua flexibilidade natural adequava-se a qualquer situação. Lilica, enfim, continuava moradora da Toca das Hienas. Para compensar aquela tarde desagradável, disse-lhe que se vestisse para sairmos à noite e fomos fazer nossa festinha particular num dos restaurantes da moda, onde passamos por "gente bem".

Agora ela faria dezoito, tornava-se maior, o que aos olhos do Antunes era uma ocasião mais que especial, e o que não teve qualquer importância para as mais velhas parecia indispensável para a caçula. Era curioso ver aquele homem que fizera das filhas adolescentes suas amantes, incluindo a própria caçula, preocupar-se com o aniversário de dezoito anos da menina como um pai amoroso. O Antunes não passava de um patife, mas um

patife carinhoso, impado de satisfação e orgulho, e assim sendo foi a minha casa procurar-me:

— ...é isso, seu Henrique, é a que ainda está com a gente, pois as outras já se arranjaram, cada qual com seu marido... mas a Lilica... a Lilica, o senhor sabe, foi ficando e...

— Vamos ao ponto, Antunes, o que é que você quer?

O Antunes queria fazer uma festa, “uma festinha, nada demais, a gente é pobre, mas um bolo grande, bonito, um jantar, coisas assim... e se o senhor desse uma ajudazinha...”. Como não podia deixar de ser, o patife aludiu ao meu longo envolvimento com a filha, “afinal já é caso antigo, não é, seu Henrique” disse em tom de galhofa, “já está até para casamento” acrescentou, completando com uma piscadela obscena: “E eu faço muito gosto”.

— Vou ver, Antunes, vou ver, não ando com muita disponibilidade financeira, mas prometo que...

Não concordei de imediato para não parecer coisa muito fácil, além do que sua insinuação acerca de casamento vinha impregnada de seu natural veneno, sua ponta de maldade, revelando que ele nunca suspeitara do que de fato acontecia entre nós.

Lilica havia-me conquistado inteiramente, eu a amava como a uma filha e aprendera esse amor, ainda que de forma confusa e imprecisa, desde a primeira vez que o Antunes a levara à minha casa pensando que eu fosse trepar com ela. Lilica, por sua vez, não se revelou a putinha que o pai havia descrito, como se a iniciativa para suas aventuras libidinosas tivesse partido dela e não dele. No transcurso da adolescência e mesmo no início da idade adulta não chegou a haver entre nós qualquer aproximação de interesse sexual, e aos dezesseis, dezessete anos, quando Lilica adquirira corpo de mulher com formas bonitas e elegantes, não a desejei, e penso que também ela tinha por mim o apreço pelo pai que desejara ter. Éramos próximos, e se muitas vezes a ouvi com carinho e compreensão em seus momentos de tristeza, noutros compartilhei da mesma forma de sua alegria, não faltando aqueles em que tive de aturar suas irritações, ranhetices e demonstrações de ciúme. Éramos íntimos, Lilica não guardava segredos para mim e quando pela primeira vez interessou-se por um rapazinho que conhecera na escola (já não estudava na Toca, mas numa escola pública a alguns quarteirões do meu prédio), falou-me dele sem nenhum embaraço. Tinha dezesseis anos então, e o rapazinho dezoito. Perguntei-lhe se estava apaixonada, mas ela parecia não saber exatamente o que era estar apaixonada, disse apenas que o achava bonito e que ele fora muito delicado convidando-a para tomarem sorvetes numa sorveteria ao lado da escola. “Foi só um beijo” disse-me, “eu ainda não sei bem o que quero”, e garantiu que eu era o primeiro a saber, que por enquanto não diria nada em casa pois não se sentia à vontade em conversar com sua família

sobre temas íntimos, o que era natural: com o pai não seria possível mesmo sentir-se à vontade, e não era difícil perceber que tampouco a mãe fosse capaz de ouvi-la (“Minha mãe guarda muitas mágoas” ela me disse certa ocasião, “e é como se nós, as filhas, lhe fôssemos estranhas, mesmo que não nos trate mal e até goste de nós”); quanto às irmãs, zombavam de Lilica, ainda que de brincadeira e sem maldade, “falam de nós, entende?”, e como não fosse surpresa para mim que todos em casa acreditassem que éramos amantes desde sua infância, eu entendia. “Como é que eu posso contar minhas coisas pra elas?”.

— Você não se importa? — ela perguntou.

— Que você tenha um namorado?

Ela fez que sim com a cabeça, e eu disse que apenas me preocupava, pois “não quero que você sofra”. Ela me olhou daquele seu jeito silencioso, os olhos grandes fixos no meu, a boca meio aberta num sorriso, e depois apoiou a cabeça em meu peito, abraçando-me.

Não voltou a tocar no assunto por algum tempo, nossos encontros se mantinham regulares e nos finais de semana, ora no sábado, ora no domingo, fazíamos algum passeio pela cidade. Eu não fiz qualquer pergunta sobre o namorado, preferi deixá-la à vontade para falar quando quisesse, até que um dia, numa lanchonete do centro, enquanto esperávamos para ser atendidos, ela disse:

— Não tenho mais namorado.

Eu, que olhava a rua, voltei-me, encarando-a.

— Terminei — disse, e explicou: — Ele era bonzinho, mas... — baixou os olhos, mordeu os lábios, depois levantou o rosto para mim: — ...mas eu não gostava dele.

Movi a cabeça, “não gostava” eu disse.

— Não. Acho que eu estava confundindo amizade com amor. Continuamos amigos, só amigos.

— Bem — eu disse, recostando-me na cadeira e cruzando as mãos atrás da cabeça como quem se espreguiça —, a decisão foi sua. Eu aprovo.

Procurei o Antunes, “faça a festa” eu disse, “mas não conte só comigo, porque afinal eu também não ando nadando em dinheiro”. O homem ficou feliz, “minha caçula vai ter uma festa de dezoito anos!” exclamou, “mas claro que não, seu Henrique, claro que não, eu também tenho algum pra gastar”, e justificando-se, “não é muito, mas com sua ajuda a festa da Lilica vai ser ó... ó...!”, e saiu em campo.

Sim, a festa foi boa. Melhor do que poderíamos esperar, pelo menos quanto às surpresas, porque uma festa sem surpresa não tem graça nenhuma.

Quando cheguei, no começo da noite, Lilica veio dependurar-se no meu pescoço, abraçou-me forte e me estalou dois beijos nas faces. Entreguei-lhe um presentinho comum escusando-me, “foi o que deu pra comprar”, e sua

reação foi estalar-me mais dois beijos, “você já me dá tanto” disse, e arrastou-me para dentro de casa.

A vizinhança já se aglomerava, mais convidados iam chegando, o vozerio — poderia ser diferente? — lembrava um botequim, e uma criançada espurca fazia a inferneira de costume. Senti-me zozzo por dois ou três segundos, mas logo me acostumei; aliás, há quantos anos eu vinha me acostumando àquilo? A Toca era aquilo, e quando a indigência dá sinais de alegria o resultado não pode ser outro, coisa que eu já conhecia de cor.

A casa, exígua, não comportaria tanta gente; nos fundos tampouco havia espaço, portanto o Antunes resolvera pôr a mesa com o bolo e os docinhos no largo defronte à varanda, para onde transportava agora um aparelho de som com as caixas desconjuntadas, mas que ainda assim propiciavam um mau barulho como era de esperar e é do agrado da maioria.

De dentro emergiam a espaços, panos amarrados à cabeça e bandejas com pratinhos e talheres de plástico, umas mulheres que, transitando entre o povilêu, iam servindo. Outras mulheres traziam bandejas com copos de refrigerante enquanto as primeiras entravam para, daí a pouco, emergirem de novo pela porta da frente com mais bandejas.

As irmãs de Lilica aproveitaram para atizar-me, “e aí, padrinho, quando é o casamento?”, e a mais velha nem evitou uma provocação, “quando é que vai chegar o *baby* de vocês?”, uma maldade inocente disfarçada de gozação: para todos os convidados eu era o padrinho de Lilica, assim o Antunes espalhou entre a vizinhança minha preferência pela caçula, assim as próprias irmãs de Lilica me chamavam carinhosamente, mas para a família — que não obstante se mantivera reservada, reforçando a história — mais cedo ou mais tarde eu levaria a garota para minha casa.

Quando aconteceu, no primeiro momento ninguém se deu conta: o vozerio e a algazarra das crianças não permitiram que se ouvisse o estampido, mas todos viram quando ao Antunes caiu para trás. Então se fez um silêncio repentino e Lilica, que vinha em minha direção, parou ao perceber com surpresa a queda do pai. O segundo estampido provocou debandada. Eu olhava estarelecido a mancha vermelha que crescia em seu peito e lhe empapava o vestido. Lilica olhou para mim, fez um gesto impreciso com as mãos e caiu. A poucos metros de distância, com uma arma na mão e talvez ainda sem acreditar que havia acertado os dois disparos, o Fiapo recuava um passo, dois, e em seguida, deixando cair a arma, correu, desapareceu no labirinto da Toca das Hienas.

Levantei Lilica em meus braços e a levei para dentro. Deitei-a no sofá e lhe compus os cabelos. O vestido encharcara-se de sangue, os membros restavam frouxos, os olhos e a boca abertos de assombro.

Pouco a pouco, num pavoroso silêncio, o povo se achegou outra vez. A casa encheu-se de uma gente quieta e assustada. Alguns se prontificaram a

transportar o corpo do Antunes para os fundos, outros perguntavam se não era bom chamar a ambulância, “não adianta mais” alguém respondeu, outros disseram já ter chamado a polícia — e eu ouvia essas vozes e essas providências como se estivesse fora de meu próprio corpo, a uma distância imensa do lugar da tragédia: debruçara-me chorando sobre o corpo de Lilica até perder a noção dos acontecimentos.

#### 49. Com a boca cheia de formiga

Fiapo desapareceu e não se soube mais dele.

A Toca das Hienas em peso acompanhou o sepultamento: o crime repercutira em todos os recantos da favela, e mesmo os que só conheciam o Antunes de vista, mesmo aqueles que nem o conheciam, compareceram ao velório.

A mulher do Antunes revelou a verdadeira face de seu sentimento, e, ao contrário do que podia parecer, a dor pela morte da filha foi autêntica. Dentre os uivos de desespero e as lágrimas derramadas, algumas seriam pelo marido? Não se sabe, o segredo de família parecia bem guardado e não haveria motivos para que ela chorasse uma e não chorasse o outro. Eu passei boa parte do tempo junto ao caixão de Lilica, mas a certa altura, sentindo-me tonto e oprimido pelo ar abafado da sala estreita, saí para os fundos e fui recostar-me a uma árvore que crescia junto ao barranco.

Daniele, a mais velha, foi ter comigo:

— E agora, padrinho? — ela disse com voz trêmula de choro, pegando minha mão.

Eu suspirei, balancei a cabeça devagar.

— Imagino o que você sente, padrinho — acrescentou. — Você gostava muito dela, não é?

— Sim — eu disse em voz baixa —, mas não é pelo motivo que você pensa.

Ela pareceu não compreender.

— Há uma coisa que você não sabe — continuei, a voz rouca saindo a custo.

— Uma coisa que eu não sei?

— Nem você, nem sua mãe nem suas irmãs...

— Mas o quê...?

— ...nem mesmo o Antunes nunca soube...

Ela me interrogava com os olhos:

— Eu nunca toquei na Lilica.

Daniela olhava-me, inquisitiva, em dúvida:

— Eu sei do que seu pai fez — disse, e emendei: — Ele imaginou que me entregava a Lilica para...

Detive-me.

— Você sabe para quê...

— Sim.

— Só que ela era uma criança quando foi levada à minha casa pela primeira vez... e eu jamais tocaria numa criança.

Fiz uma pausa, procurando reequilibrar-me. Respirei fundo:

— Em todos esses anos Lilica foi tudo de bom para mim, a única coisa realmente boa que eu tive. Com ela eu descobri o amor, mas o amor que deve ter um pai pela filha. Comigo, ela conheceu esse amor que o Antunes não lhe havia dado...

— Nem a nós.

— Sim, nem a vocês.

— E nós pensávamos que...

— Não — eu a interrompi —, nunca... nunca houve nada.

Algumas semanas mais tarde, um corpo foi encontrado para os lados da Baixa com diversas facadas e a cara afundada numa vala. Ouvi baterem à porta, e quando abri vi Daniele muito agitada, com a respiração ofegante:

— Padrinho — o tratamento carinhoso tornara-se um hábito —, encontraram o Fiapo.

Devo ter feito uma careta, pois ela apesar de tudo sorriu, mas logo séria disse:

— Lá na Baixa. Numa vala, morto, um monte de facadas pelo corpo.

Respirei fundo, sentindo um verdadeiro alívio, e me dispus a acompanhá-la.

— Foi você, padrinho? — ela perguntou enquanto transitávamos nas vielas do labirinto.

Não, eu disse, nem disse, apenas apertei a mão da moça e movi a cabeça numa negação. Alguém se antecipara, e eu, espiando o corpo sujo de lama na beira da vala, não sabia se me sentia feliz por vê-lo ali estropiado e morto ou se lamentava não tê-lo matado eu mesmo.

Durante aquelas semanas eu estive desorientado, andei daqui pr'ali sem atinar com o que fazia, não atendi a ninguém, quase não saí à rua; ao inexplicável sentimento de fraqueza e impotência misturava-se um rancor que não tinha um objeto definido — tanto podia ser o Fiapo quanto qualquer outra coisa que me tornara a vida insuportável —, mas agora eu me sentia estranhamente tranqüilo, até mesmo leve, e foi quando entrei em casa que pensei em escrever uma carta pra polícia.

Minha decisão estava tomada.

## 50. O vão central

“Preciso de uma bicicleta” eu penso; não será por falta de uma bicicleta que deixarei de ir adiante, mas eu sei onde apanhar uma: a bicicleta não é

minha, pertence a um garoto do quarto andar que viajou com a família. Ele costuma deixá-la na garagem do prédio, trancada com um cadeado, mas quebrar o cadeado não é problema, e logo estou rodando rapidamente pelas ruas do centro.

É uma bicicleta típica de corrida, aros finos, dez marchas, por isso é veloz a ponto mesmo de me permitir ultrapassar automóveis, que têm de andar mais devagar no trânsito tumultuado do centro. O garoto vai ficar decepcionado quando descobrir que levaram sua bicicleta, e o pai terá de comprar outra, o que de certa forma para o garoto será uma vantagem, mas não para o pai, que é pobre e há de mourejar em alguns serões... mas é bom, porque assim ele deixa de ser preguiçoso, aprende a não confiar em cadeados e passa a guardar a bicicleta dentro de casa.

Pedalandando como estou agora, por um momento me passa pela cabeça que eu poderia ser um bom ciclista de competição, não fosse minha bronquite crônica, e a vida quase se torna uma coisa boa. Mas é pena que não se possa viver sobre uma bicicleta, que seja preciso parar às vezes, aliás na maioria das vezes, e descer... É quando descemos que nos damos conta de termos parado num lamaçal, mais ainda: percebe-se na verdade que todo o tempo transitou-se por um lamaçal, e que temos as roupas — e a alma — respingadas...

Consigo meter-me pelo elevado que conduz à ponte, ignoro as buzinas e vou em frente, escuto um palavrão quando corto perigosamente um carro e um polícia faz-me sinais vigorosos para eu voltar, porém ele fica para trás; como o trânsito aqui também não está fluindo com muita rapidez sigo ziguezagueando velozmente entre os automóveis. Mais adiante, porém, o tumulto se reduz e eu avanço com desembaraço, e o fato de os carros passarem por mim em alta velocidade não me comove, ignoro-os porque a bicicleta é leve, ágil, parece que mal toca a pista; o que importa não é que os carros sejam mais rápidos mas sim o que a bicicleta representa para mim nesse momento: asas, como nunca as tive, como nunca terei oportunidade de ter outra vez; a ponte é longa, muito longa, mas não me sinto cansado, continuo pedalando... cada vez com mais vigor... e assim, velozmente, aproximo-me do vão central...





## Parte 2

Do que se segue ao que antecedeu



## 1. Rádio ligado

...acabamos de recordar Roberto Carlos com seu antigo sucesso "Os Seus Botões". Este é o programa Mauro Alencar, que traz nas suas manhãs de sábado boa música e muita informação.

E continuem conosco, que agora vamos para as ruas com o repórter Lúcio Pedroso, que está falando... Alô, Pedroso, de onde você está falando?

— Alô, Mauro, estou falando do centro da cidade, estamos aqui em frente à igreja da Candelária.

— E o que é que você me conta daí, Pedroso?

— Mauro, o centro da cidade está bastante movimentado por conta da manifestação...

...encontrado o corpo de um jovem boiando nas águas da Baía de Guanabara. A polícia ainda não conseguiu identif...

...pois diz o apóstolo Paulo lá em Gálatas 3, verso 1, "Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes a verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo já foi representado como crucificado?", e no verso 2, "Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?". E nesta manhã, meus caríssimos irmãos, eu dirijo a vós a mesma pergunta: estais fascinados pelas coisas do mundo de forma que não obedeceis a verdade de Jesus crucificado? E quais têm sido vossas obras, as do mundo ou as da fé? Pois que o Senhor nos tem alertado que todo aquele que...

♪ *A minha vida era um palco iluminado*

*Eu vivia vestido de dourado* ♪

♪ *Palhaço das perdidas ilusões*

...e este foi o nosso Marcílio Chaves da quadra da Mangueira sobre as perspectivas da escola para o carnaval, afinal dezembro não tarda, e depois, pra fevereiro é um pulo.

Acho qu...

...seu programa Arnaldo de Andrade, que leva ao ar agora o quadro "Tudo por uma criança", patrocinado pela **Casa das Flores**, a sua casa de espetáculos. Shows, bailes, divertimento de boa qualidade num ambiente popular mas de muito bom gosto.

A **Casa das Flores** está inaugurando um novo espaço, mais amplo, mais acolhedor e confortável e convida a todos para a inauguração no próximo sábado. Mas antes do quadro, vamos falar diretamente de lá com o repórter Otávio Gomes. Alô, Gomes...

— Alô, Arnaldo, falamos da **Casa das Flores**, q...

O Globo no Ar! São onze horas.

O presidente do sindicato dos petroleiros reuniu-se nesta manhã com o...

— Boa notícia, Pedroso.

— Sim, Mauro, e eu tenho aqui do meu lado um dos líderes do movimento, que tem alguma coisa para nos dizer. Bom dia.

— Bom dia, Pedroso, Mauro, ouvintes, bom dia. Antes de mais nada, quero agradecer por esta op...

...a previsão para hoje é de tempo estável durante todo o dia, refrescando à tarde mas com possibilidades de chuva à noite. Umidade relativa do ar, 65%.

Esta é a sua Rádio Jornal do Brasil transmitindo o p...

...alguma coisa para nos dizer. Bom dia, Carlo.

— Bom dia, Otávio, bom dia Arnaldo; aos seus ouvintes, bom dia.

— Então a **Casa das Flores** está em reforma, Carlo? Conta para os nossos ouvintes essa novidade.

— Sim, Arnaldo, estamos concluindo a reforma e a ampliação da casa, de maneira que podemos mesmo falar em novas instalações. Assim, fica no ar o convite para que todos venham prestigiar a inauguração no próximo sábado, quando será aberto ao público o novo salão de bailes, o restaurante, o salão nobre, que eu tenho certeza será do agrado de todos.

— Obrigado, Carlo, por ter falado conosco e por patrocinar o quadro “Tudo por uma criança”, que entra agora no ar...

— Eu é que agradeço, Arnaldo, e continuaremos patrocinando esse quadro, pois temos consciência de que as crianças são o nosso futuro.

— Bonitas palavras! Esse foi o administrador Carlo, da **Casa das Flores**, falando conosco e, num gesto muito bonito, muito humano, de muito boa vontade, demonstrando seu interesse e preocupação pelo futuro das crianças do Brasil. Na continuação, o “Tudo por uma criança” de hoje nos traz a carta da ouvinte...

...pois se conforme os Gálatas, a quem Paulo repreendeu por suas obras de acordo com os ditames do mundo, vós também, caros irmãos, não vos deixardes conduzir pelas obras da fé mas pelas da carne, não fizerdes de vossa vontade a vontade do Senhor, não seguides o caminho que Ele vos tem mostrado, que é o caminho estreito, que é o caminho da consagração, sabeis pois que...

...a classificação do Botafogo, que não fez uma boa campanha no campeonato estadual, depende do resultado da partida entre Vasco e Fl...

Vai, meu samba 

...e o senador Olímpio Vilar discursou hoje...  
uma pequena multidão aglomerava-se defronte ao...

## 2. O suicida

...E o maldito rádio continua ligado, aliás desde o meio-dia, e o pior é quando ficam procurando o que escutar, emissora por emissora, e não se decidem por nenhuma. Acho que não foram trabalhar hoje — apesar de ser quinta-feira —, pois quando saí pela manhã para comprar o pão vi a puta conversando com o porteiro, e quando retornei ela já havia ligado o rádio. À hora do almoço ele também estava em casa; soube porque o ouvi falando alto, com sua grosseria natural. Não passa de uma besta! Ela respondeu no mesmo tom, a voz de taquara rachada com um azedume prenunciador: depois aquietaram-se, mas, ou muito me engano, ou não tarda e estarão se atracando — no mau sentido, está visto, ou no bom, conforme o ponto de vista de cada um —, enchendo o prédio de gritos e palavrões, e hão de finalizar a sessão com tapas, socos e unhas.

Detesto tanto esses dois, com sua vulgaridade, sua pequenez de espírito, sua arrematada estupidez, que o rádio incomoda-me não pelo barulho que faz, pois às vezes nem está alto, pelo menos o suficiente para incomodar; mas por pertencer a eles, porque é a distração que têm, porque lhes agradam as músicas que toca, esses programas repetitivos e maçantes... Fosse outras pessoas e eu talvez nem prestasse atenção ao rádio, mas esses dois...! Pudes-se, e fazia-os explodir junto com o aparelho... De qualquer forma foi uma bênção a vagabunda ter abortado. Já pensou vir ao mundo a cria de uma gente assim? Abortou, pronto, acabou-se, menos um, e quis a Providência que com o acontecido ficou definitivamente impedida de emprenhar outra vez. Graças a Deus por isso! Chego a pensar que o pandilha agiu de propósito, embora não com a finalidade que eu teria se fosse eu a fazê-la expelir o tumor...

Quanto a mim, amanhã fará um ano que desisti de morrer, e hoje vejo que fiz bem, tomei a decisão certa, deixei a vida seguir seu curso natural e nem a bronquite me incomoda mais, acho que estou me curando.

A vida, desde a infância, não teve para mim qualquer atrativo, e mesmo depois de adulto e longe da minha bela família era uma tremenda maçada abrir os olhos pela manhã e perguntar-me com que eu preencheria o dia, embora eu soubesse muito bem com quê: se eu quisesse, poderia abrir meu “conserta-tudo”, uma pequena oficina onde me ocuparia em remendar rádios, televisões, ventiladores, liqüidificadores, enceradeiras, torradeiras, fornos de micro-ondas (poderia também botar uma bomba no rádio desse casal insuportável do apartamento em frente quando eles levassem o aparelho para eu ver, “acho que é mau-contato, seu Henrique, dá uma olhadinha”, e tasca-valhe dentro uma bomba que explodisse depois de alguns minutos ligado... só para dar um susto, há-há-há); mas enquanto não me decidia, continuava fazendo bicos, e era com eles que eu enchia meus dias. Só que mesmo sa-

bendo que teria com que preencher o tempo, constatar que havia amanhecido e que eu acabara de acordar causava-me às vezes uma angústia que me comprimia o coração: por que não morri dormindo?, e me levantava mau humorado, tomava um café e saía, vez por outra saía mesmo sem café...

Detestava a cidade, as pessoas, detestava cada vez mais a Toca e aquela gente paupérrima (embora tivesse de tratar todo mundo bem, sorrisos e rapapés, pois do contrário quem iria solicitar meus serviços?), lembrava-me de minha família com ressentimento... Aborrecia a vida...

Houve, contudo, algo que sub-repticiamente invadiu minha existência, enlaçou-me com seus liames fazendo-me ver que mesmo no mais cáustico deserto nem tudo é aridez; foi quando eu tive um pouco de esperança, mas sobreveio a tragédia e eu me dei conta de que morrer não seria apenas uma solução, um gesto de sensatez, mas o único gesto, o caminho único e inevitável.

Aproximei-me do vão central sem titubear minha decisão em momento algum e sabendo que iria atirar-me. Ao longe havia trabalhadores, a pista estava interrompida numa das direções para reparos no piso; a presença dos trabalhadores não me afetou, pois devido à distância eles não poderiam interferir: eu parava a bicicleta, aproximava-me da mureta, subia e saltava — era isso, era simples, muito simples... Mas então aconteceu algo extraordinário: alguém vinha em sentido contrário, também de bicicleta, e chegou antes de mim junto ao vão central. Como eu já me aproximasse pude ver-lhe o rosto: jovem, mais jovem do que eu, bem mais jovem, pois tinha a expressão de uma garoto, reparei bem em seu rosto ao me dar conta do que iria acontecer e diminuí a marcha, fui parando, parando... e olhando o rosto dele: estava muito pálido, conquanto não parecesse agitado nem transtornado. Não percebeu minha presença, pelo menos não olhou na minha direção: largou a bicicleta caída, subiu na mureta e atirou-se! E eu não pude impedir! Fiquei estarecido: deixei minha bicicleta caída também ao lado da pista e corri para a mureta, debrucei-me e olhei para baixo a tempo de vê-lo afundar e vir à tona, e depois afundar novamente... voltou à tona um pouco mais adiante, debateu-se, afundou outra vez... e então não voltou mais... Naquele momento tudo que eu queria era ter conseguido impedir que aquele jovem se atirasse, impedir que ele fizesse o que eu pretendia fazer, e doe-me fundo não tê-lo conseguido pois seu gesto fora rápido demais, não se deteve nem por um instante, não hesitou, simplesmente pulou... Isso pode parecer estranho e até contraditório diante das minhas reiteradas declarações de desprezo pela humanidade, e eu mesmo não consigo entender o impulso que me impeliu na direção do pobre rapaz... Mas quando o vi cair percebi que se era tarde para ele não o era para mim e que eu poderia ainda impedir a mim mesmo de atirar-me... o que já era alguma coisa... e para mim foi tudo!

Alguns trabalhadores que viram o sucedido correram para olhar, outros caminharam para o lugar de onde o suicida se jogara. Eu cobri o rosto com as mãos e, apoiado de costas na mureta, chorei. As lágrimas rolavam com abundância e eu escorreguei devagar até o chão e continuei chorando.

Senti tocarem-me no ombro e quando descobri o rosto deparei com um dos trabalhadores, que se agachara ao meu lado:

— Era parente seu, moço?

— Hum? — disse, ainda meio desnortado.

— O rapaz que pulou... era algum parente, ou conhecido?

— Não... não... só que... que...

Um outro que também se aproximara da mureta, um senhor de cabelos brancos, aspecto vigoroso e pele queimada de sol, perguntou:

— Tudo bem, meu jovem? Precisa de ajuda?

— Não — respondi, levantando-me e limpando o rosto com as mãos —, não obrigado... eu... eu tenho de ir...

Montei outra vez e pedalei furiosamente de volta.

Não vou bancar o piegas aqui e dizer que passara a ver o mundo com outras cores, formas mais atraentes, mais otimismo. Não! Nada havia mudado, a verdade era essa, o Rio de Janeiro continuava sendo caótico e desagradável, sujo, fedorento, feio, grande demais; as pessoas continuavam as mesmas — por exemplo, quando passei defronte à loja do judeu, o miserável continuava na mesma atitude, de pé à porta espiando as pessoas que iam e vinham, a barriga projetada para frente, a corcunda despencando para trás e o nariz ainda mais adunco! Repulsivo! Por que não foi ele a atirar-se da ponte em vez daquele moço que ainda poderia viver tanto?, perguntei-me espiando a esdrúxula figura —, também minha família continuaria a mesma, talvez até se tenham tornado mais estreitos, menos flexíveis, patéticos um pouco mais; a Toca seria ainda e sempre um labirinto de mazelas de toda espécie, embora a pobreza seja apenas um dos tentáculos desse polvo gigantesco que abraça a humanidade; e o desfile de horrores continuava tarde adentro na figura de uma gente verdadeiramente pavorosa: velhos encarquilhados que só serviam para a sepultura, um povo paupérrimo que a pobreza tornava ainda mais torpe, mulheres vestidas de forma escandalosa julgando-se belas e elegantes como se vestissem a última moda, crianças medonhas que eu de boa vontade espancaria de tirar o couro... um horror!... E o resto? Os hospitais continuavam repletos de enfermos e enfermidades, na administração pública os ladrões imaginavam novas falcatuas, a esmola ainda caíria com um tinido na cuia do mendigo, a sociedade inteira azafamava-se na sutil empreitada de costurar seus molambos e disfarçá-los com ouropéis — uma podridão só!

O que havia mudado era de mim comigo mesmo, a vida, a minha vida, adquirindo um sentido novo, um significado que com certeza já existia mas eu não conseguia enxergar. Até num banheiro público sente-se o cheiro do sândal-

lo, basta que tenhamos um frasco do perfume nas mãos. Eu tinha, e acabara de descobri-lo: o mundo continuava sendo um lixo, a humanidade ainda exalava o mesmo odor, mas eu compreendi que poderia tirar proveito de alguma coisa porque, afinal, ainda restava algo de bom, e enquanto devolvia a bicicleta do moleque, guardando-a na garagem, já fazia planos de comprar minha própria bicicleta, e até já a imaginava branca, aros finos, dez marchas...

Entrando em casa tratei logo de dobrar cuidadosamente a carta que havia deixado para a polícia, lacrá-la num envelope e escondê-la no fundo de uma gaveta. Poderia tê-la rasgado e queimado dentro da pia da cozinha, mas me ocorreu que seria uma leitura interessante para daqui a vinte ou trinta anos, quando então poderei avaliar-me em retrospectiva.

No finzinho da tarde, saindo para o corredor encontrei o Senhor Conde que acabara de dar volta à chave e, vendo-me, veio com sua alegria comedida cumprimentar-me. Descemos juntos conversando, e quando saímos para a rua as luzes começavam a acender-se.

Embora o mistério acerca do Senhor Conde tenha se desfeito — pois o homem nem é um refugiado europeu, nem possui qualquer título de nobreza —, por força da história que eu criei sobre sua pessoa e pelo tanto que ela combina com sua figura, continuei pensando nele como a personagem das minhas fantasias, e é por isso que mesmo depois de saber a seu respeito continuei referindo-me a ele como “o Senhor Conde”.

Mas do que fiquei sabendo a seu respeito, certa ocasião quando, encontrando-o pela manhã na pracinha e sentando-me ao seu lado no banco de costume, nos pusemos a conversar, é que o Senhor Conde é apenas o seu Bezerra, Ondino Bezerra, conta sessenta e sete anos e é o caçula de uma família de oito irmãos oriunda do município de Campos. São vivos ainda um irmão e uma irmã, os únicos parentes que lhe restam e ainda residem na propriedade da família. Ondino, contudo, muito novo mudou-se para o Rio, entrou para o serviço público, viveu toda a vida por aqui e aposentou-se como escriturário; aliás, faz atualmente dez anos que se aposentou, e sendo pessoa de hábitos simples vive bem, e até folgado, com seus proventos naquele quarto-e-sala que, como eu, soube transformar num recanto bastante acolhedor. Ondino não se casou: falou-me, sempre com o comedimento característico, a bengala descansando em seu colo, de algumas aventuras de juventude, outras mais raras de idade madura e nenhuma de sua velhice; porém de seus romances amorosos não resultaram filhos. Diz não ressentir-se da solidão, troca raras cartas com Campos, ora escrevendo à irmã, ora ao irmão, e visita-os quando muito uma vez ao ano, por época das festas de natal, e aproveita o *réveillon* em família; aprecia os livros e a boa música, e tem um insuspeitado *hobby*: a Matemática, ao estudo da qual dedica várias horas por dia, “saiba que venho estudando ultimamente a função Zeta, de Gauss, e...” disse-me certa ocasião como seu eu pudesse entender. Pergun-



tei-lhe por que preocupar-se com algo tão difícil se não dá aulas — é certo que não leciona, já que não se vêem alunos à sua porta —, e ele me explicou que o gosto pelos números vem da adolescência, acrescentando que se resente apenas da brevidade da vida, pois, conforme suas próprias palavras, “a Matemática é infinita, senhor Henrique; vivesse o homem mil anos, ainda assim não a esgotaria”.

Dizia-me ele quando descíamos para o saguão que fora convidado por um conhecido para jantar e agora quebrava sua rotina, pois — garantia-me como se fosse uma inusitada novidade — era muito raro fazer suas refeições fora de casa; e como eu demonstrasse surpresa ante o fato não de alguém tê-lo convidado, mas de ele ter relações fora do prédio, explicou-me com um sorriso entre constrangido e sutilmente malicioso:

— Trata-se na verdade de uma senhora — e eu abri os olhos: então o Senhor Conde dava-se agora a conquistas! —, conheci-a outro dia na farmácia — seguiu explicando —, entretivemo-nos um pouco numa conversa ligeira, falávamos de amenidades, naturalmente; e, no fim, disse-me ela residir com a filha viúva, que está para contrair segundas núpcias, e fez-me o convite, que eu por delicadeza não pude recusar.

Por delicadeza, hein? Sei.

E lá se foi calçada afora naquele começo de noite o Senhor Conde com seu passinho miúdo e descansado — e sem fazer uso da bengala! — para sua quebra de rotina, também ele reencontrando-se com a vida.

Eu, ao contrário, retornava à minha própria rotina, e na manhã seguinte retomei as tarefas de costume.

### 3. Reencontros

Fazia pouco mais de dois anos que a gorda do terceiro andar se fora com o primo. Certo dia eu conversava com seu João à entrada do prédio quando vimos parar defronte um caminhão de mudanças. Dele saltaram carregadores que se puseram a transportar móveis para o saguão.

— Gente nova no prédio, seu João?

— Ah, é verdade, seu Henrique, esqueci de lhe contar — e baixando a voz, numa cumplicidade que lhe era típica: — Sabe quem está de volta?

— Quem?

— A gorda. Lembra dela.

— Deveras?!!

Agora ia ocupar um apartamento que vagara quinze dias antes no quinto andar. Havia insistido para que lhe cedessem o antigo, chegara até mesmo a conversar pelo telefone com os ocupantes para trocarem, mas não entraram em entendimento e a gorda teve de resignar-se.

— O que terá acontecido? — comentei.

Os carregadores terminaram de descarregar o caminhão e meteram-se escada acima suando e bufando com sua carga rumo ao quinto andar.

— Sabe-se lá, seu Henrique, sabe-se lá!

A gorda, agora do quinto andar — eu a vi quando chegou na tarde seguinte, mais gorda, mais hedionda, e bastante envelhecida, como se se tivessem passado dez anos e não pouco mais de dois —, trazia consigo seu mistério, e com ele encafuou-se em casa; como houvesse mais escadas para subir e descer, não só se manteve quase de todo isolada da vizinhança como até mesmo as compras — conforme seu João havia apurado — fazia pelo telefone.

Costumava sair aos domingos pela manhã, “vai à missa” disse-me o porteiro, e ao retornar não era mais vista até o domingo seguinte. Se, nessas saídas, passava por alguém nos corredores do prédio, baixava a cabeça com um bom-dia pronunciado em voz apenas audível e seguia adiante sem se deter, e parece — sempre segundo seu João — que na igreja sentava-se em um canto, cobria a cabeça com um véu e ali permanecia em silêncio durante todo o ofício. Não levava terço nem missal, de forma que não se pode dizer que seguisse o rito, e talvez assistisse a missa apenas por alguma sensação de conforto que lhe proporcionasse, mas não com um fim expressamente religioso. Ao final, levantava-se e saía sem trocar palavras com quem quer que fosse, e se por acaso alguém lhe falava, ela respondia de forma cortês mas breve, demonstrando não ter intenção de manter qualquer conversa.

O primo não aparecera uma única vez no prédio, donde se supunha que haviam brigado. Imaginei que tivessem se casado, indo morar no sítio da família no interior de Minas e ali tendo vivido bem por algum tempo, até que por alguma razão — que decerto a teria desiludido e feito sofrer, haja vista sua aparência desgastada — se separaram e ela, não tolerando mais a proximidade com o ex-marido, resolvera deixar tudo e voltar para o Rio, mais exatamente para o mesmo prédio onde residira vários anos (se possível para o mesmo apartamento, no que contudo se viu frustrada).

— Só pode ter sido isso, seu João — eu disse.

— É, seu Henrique, é... mas não sei não... aí tem coisa...

— Mas que coisa, seu João?

— Sabe-se lá, seu Henrique, sabe-se lá...

A sapatão parece ter sentido o cheiro da fêmea, pois não se havia passado uma semana desde que a gorda se mudara e ela apareceu perguntando se a ex-namorada voltara a ocupar o antigo apartamento. Seu João indicou-lhe o novo número e a sapata subiu incontinente.

— Parece que a gorda nem sequer abriu a porta — cochichou-me o porteiro no dia seguinte pela manhã —, pois a outra mal subiu, desceu, e com que cara, seu Henrique, com que cara! Passou por mim ventando e se foi, pisando nas trouxas.

Durou pouco, no entanto, o interesse pela gorda, pouco visível em sua ca-fua, e a vida seguiu seu curso.

Dias depois quando chegava, madrugada, vindo de uma pedalada noite adentro, deparei com um alvoroço pelos corredores: moradores conduzi-am um caixão dentro do qual — percebi — seguia o velho doente do sex-to andar; a parentela chorava numa cena típica de mau-gosto — pois a canalha quando chora é por mau-gosto e não por sentimento, chibata e salmoura o único consolo que merecem nessas ocasiões —, não podendo faltar a ponta de comédia pois a filha, de um tropicão, quase despenca escada abaixo, infelizmente amparada em tempo pelos mais próximos. Satisfeito e mal disfarçando o riso, deixei que o morto seguisse seu cami-nho para a eternidade e, entrando em casa, fui direto para a cama. Soube mais tarde naquela manhã através do porta-voz do prédio (seu João) que o velho esticara as canelas no começo da noite antes que tivessem tempo de chamar a ambulância, “foi um alvoroço, seu Henrique” disse o porteiro acendendo um cigarro fazendo uma cara de reprovação, “um alvoroço! Acordaram o prédio inteiro! Que gente escandalosa!” e, cuspidando num-a lata de areia, enxeriu: “Passou a noite na aventura, hein, seu Henri-que?” e piscou-me um olho malicioso. Que pulha!

Naquele mesmo dia, no finzinho da tarde, eu descansava no sofá após o banho e ligara o som para ouvir um pouco de música enquanto pela janela aberta entrava uma aragem fresca e os últimos clarões do crepúsculo. A cam-painha tocou, levantei-me para abrir e dei de cara com Walkíria.

— Que é que deu em você para vir aqui? — perguntei fazendo-a entrar.

— Caramba! — ela exclamou. — É assim que você me recebe depois desse tempo todo?

Com efeito, fazia pouco mais de um ano que não nos víamos, mas a mi-nha reação ao deparar com ela em minha porta foi de surpresa e, não posso negar, de alegria. Certo é que se ela sumiu durante aquele tempo, eu tam-pouco fiz questão de procurá-la, e as razões para isso já referi em outra parte; no entanto não posso negar que me agradava revê-la, e mais ainda revê-la em minha casa.

— Deixa de bobagem — eu disse —, estou feliz por te ver.

— Hum — fingiu uma falsa atitude de defesa —, será?

— Sente-se por aí. Posso oferecer-lhe um café? É só o que tenho.

— Pode e deve — ela respondeu, refestelando-se onde eu estivera deitado até um instante atrás.

— Só que o meu *Clawson Stilton Gold* acabou...

— Vai começar?

— ...e você vai ter de se contentar com um de Minas, curado — e sorri para ela.

Pouco depois, sentados em minha exígua cozinha, tomávamos um café

forte que eu coei em sua homenagem, beliscando cubinhos de queijo Minas com palitinho.

— Então, o que me conta da vida? — ela perguntou. — Vejo que ainda não se casou.

— Não — respondi. — Não tenho pretendente.

— E aquela menina que você adotou?

Então me dei conta de que Walkíria ainda não sabia de Lilica.

Baixei a cabeça e afastei o pires devagar; minhas feições devem ter-se confrangido com a pontada que senti no peito ao lembrar, pois ela não deixou de perceber que alguma coisa não ia bem.

— O que foi? — perguntou.

Haviam-se passado cerca de cinco meses desde a tragédia, e o fato de eu ter sobrevivido, isto é, não ter levado a cabo a decisão de atirar-me do vão central da ponte Rio - Niterói, significava tão somente que eu aceitara se não com bom ânimo pelo menos com resignação a mortificação diária que a perda me impunha. O trabalho distraía-me durante o dia: andar daqui pr'ali atendendo aos clientes, passar o tempo desmontando, reparando e montando outra vez as tralhas que as pessoas não se animavam a jogar fora ocupava-me de forma a não permitir que eu me entregasse às lembranças e à reflexão; mas num fim de tarde como aquele, em que eu, sozinho em casa, deitava-me no sofá e punha-me a escutar música, a dor despontava em cada canto, em cada quinquilharia que ela havia tocado com sua curiosidade divertida, e nos finais de semana, quando costumávamos sair e passar juntos a tarde em qualquer ponto da cidade divertindo-nos, a quietude do apartamento tornava-se tão opressiva que eu ia pra rua andar sem destino certo, via chegar a noite como o carrasco para a tortura, e se por acaso dispunha da companhia de alguma mulher, a presença estranha tornava-se tão incômoda e angustiante que eu tratava de livrar-me dela o mais rápido possível, inventando uma desculpa qualquer e desaparecendo.

Eu sabia que o tempo gradualmente apagaria a dor, deixando em seu lugar a lembrança boa e triste da filha que eu não tive e mesmo assim perdera; com isso eu respirava fundo e sentia-me animar, e não raro ocorria-me que uma filha ainda poderia trazer alegria a minha vida, e a vaga expectativa de um fato que se escondia em algum lugar do futuro fazia-me sorrir e afagar a lembrança de Lilica com carinho.

“Terá o mesmo nome e o mesmo apelido dela” dizia comigo mesmo nesses momentos.

No entanto eu ainda não estava preparado para aquele momento no qual me vi impelido a falar, alto e bom som, do meu desespero: narrando a Walkíria o sucedido eu o revivi com a nitidez das linhas da mão, dos traços do rosto, dos fios de cabelo vistos no espelho, e era como a ponta de um punhal atravessando-me lentamente a carne.

Walkíria sentara-se no sofá e eu, no chão, a cabeça apoiada em seu colo, falei. Ela ouviu sem comentar, e quando terminei manteve-se calada por algum tempo. Depois curvou-se para mim e beijou-me a testa.

— Sabe o que vim fazer aqui hoje?

— Visitar-me, creio eu.

— Não. Pedir que se case comigo.

Não pude evitar rir-me, bem humorado, de sua proposta.

— Walkíria, Walkíria, você não tem jeito! De qualquer forma, valeu, fez-me rir quando tenho vontade de chorar ao lhe falar do meu desastre.

— Que bom que você riu, Henrique — ela disse, acariciando-me os cabelos —, mas eu estou falando sério. Mesmo sabendo que você não iria aceitar, eu precisava arriscar.

Ficamos mais algum tempo em silêncio.

— Henrique — ela disse então —, não pense que eu não seja capaz de entender o quanto você deve ter sofrido e ainda está sofrendo. Principalmente tendo em conta como foi o seu envolvimento com ela... Não posso avaliar o que você sente, mas sei que sente...

Beijou-me os cabelos, “é por isso que eu gosto tanto de você”.

Walkíria passou a noite em minha casa, dormiu em minha cama e eu esparramei um colchonete no chão da sala para mim. No dia seguinte foi, ela mesma, comprar o pão e o leite. Enquanto tomávamos o café, fez-me uma confissão:

— Conte aos meus pais sobre você.

Franzi a testa, e ela prosseguiu:

— Um dia desses... deixe-me ver, na terça... sim, na terça-feira passada. Fui almoçar com eles, então falei de você.

— De mim? E eles ainda se lembravam de mim?

— Mais ou menos. “Lembram-se daquele rapaz que esteve comigo na casa de Petrópolis?” eu perguntei. Meu pai olhou para o teto esforçando-se para lembrar, “no dia da festa” eu acrescentei, “ah, o estudante de Administração? Filho de uns pecuaristas do interior de Goiás?”, então eu disse “não, ele não estuda Administração nem é filho de pecuaristas do interior de Goiás”, e contei quem você era e o que fazia.

Eu encarava Walkíria entre divertido e curioso, mas não me surpreendia que ela tivesse dito para a família a verdade a meu respeito.

— E eles?

— Acharam graça. E acharam mais graça ainda quando lhes disse que você não aceitou casar-se comigo.

— Mas é claro que eles achariam graça. Decerto sabiam que nem você nem eu estávamos falando a sério sobre casamento.

— Você se engana. Eu lhes disse que havia falado a sério, e como eles me conhecem bem não duvidaram nem por um momento. Tampouco duvida-

ram de que você também falava sério quando não aceitou. Depois meu pai ficou pensativo, já não achava graça, não disse nada, mas ficou pensativo...

Walkíria suspirou enquanto mastigava uma banda de pão gorda de manteiga, e só então me contou que havia ficado noiva de um magnata europeu, um noivado fajuto que talvez não desse em nada, ou talvez resultasse em casamento, mas que de qualquer forma não resultaria em felicidade.

— Um noivado — ela concluiu, sorrindo — que eu romperia sem piscar os olhos, se você aceitasse minha proposta — e eu não pude duvidar de que ela estava sendo mesmo sincera.

Saiu de minha casa já passava das dez, prometendo não perder de vista nossa amizade, mas eu estava certo de que haveria de se passar muito tempo até que nos víssemos outra vez — e decerto nos veríamos. O mundo sempre, ou quase sempre, traz de volta, nem que seja por uns breves momentos, aqueles que passaram por nós e deixaram um sinal: uma boa ou má lembrança, um amor ou um ódio, até mesmo alguma indiferença...

E foi assim que certo dia revi Robertinho.

Nesse dia eu saíra para atender a alguns clientes com suas tralhas para consertar, e como desse hora do almoço e eu estivesse distante de casa, resolvi entrar em um restaurantezinho bem pé-de-chinelo para fazer uma boquinha. Sentei-me, veio o garçom com sua camisa ensabada, revelou o prato do dia como quem expõe um segredo, eu disse que estava bom, “prato-feito, hein?”, mas pedi que pusessem pouco, “não estou com muita fome”, e enquanto esperava levantei-me e dei uma volta pelo ambiente, de resto exíguo e de mau aspecto. Cheguei à porta, espiei a rua, girei sobre os calcanhares e voltei para minha mesa. Mal acabara de sentar, observei que dos fundos vinha manquitolando um sujeito baixote e gordo, a carantonha larga e feia com cicatrizes, o cabelo arrepiado, trazendo nas mãos um balde e uma vassoura com um pano. Largou o balde num canto, mergulhou a vassoura com o pano na água do balde e começou a esfregar o chão, inteiramente alheio aos fregueses. Não me espantei: num lugar como aquele — e para atender gente como a que ocupava algumas das mesas — vale tudo, até mesmo aquele miserável raspar o catarro da garganta e ir cuspir no balde, como fez, coisa que tampouco pareceu incomodar os presentes. Mas a figura do faxineiro parecia-me familiar, e embora os anos já tivessem transformado o menino num adulto, a uma olhada com mais atenção reconheci Robertinho, o pequeno demônio que por alguns meses infernizara a todos no prédio e que eu, numa noite de bênçãos e blecaute, empurrei escada abaixo no escuro e ainda aproveitei para dar-lhe uns pisões e uns bons chutes pelo corpo. Ali estava ele, e aquele era mesmo o seu lugar, pois em que mais poderia dar tal criatura a não ser naquele reles faxineiro de um restaurante pé-sujo num bairro da periferia? Ele estava ali em seus domínios, e estava bem, esplendidamente bem!

Foi assim também que revi a aleijadinha.

E se o Robertinho, passando a dois passos de mim com seu pano de chão e sua vassoura, viu-me mas não me reconheceu, longe de saber que bem ali naquela mesa estava o seu carrasco, a aleijadinha não só me viu como de imediato se lembrou de mim.

Foi em plena Avenida Rio Branco, eu ia, ela vinha — e para minha surpresa, andando, ainda que devagar e apoiada por um homem bem mais velho —, e quando nossos olhares se cruzaram paramos, sorrimos um para o outro sem nos lembrarmos, ou lembrando-nos mas não fazendo caso, do que acontecera.

— Henrique!

— Adriana!

Apertamos as mãos.

— Este é o Etevaldo, meu marido.

Outro aperto de mãos.

— O Henrique, Etevaldo, foi nosso vizinho quando morávamos em M\*\*\*. Era muito amigo de papai.

— Folgo em saber, Sr. Henrique.

— E eu vejo com satisfação que você se recuperou — disse com sinceridade.

— Sim, papai tinha uma certeza, sabe?, uma convicção tão forte de que eu ia me recuperar, que, foi isso: curei-me. Ainda tenho, é certo, alguma dificuldade, ando devagar, mas o médico já garantiu que eu estou quase totalmente boa.

— E os seus pais? — quis saber.

— Voltaram para o interior. Eu fiquei por aqui mesmo, casei-me, enfim, visito-os às vezes, às vezes eles vêm, e tudo vai dando certo.

— Que bom!

— E eu me formei — ela acrescentou — como lhe havia dito que faria. Hoje sou juíza de primeira instância aqui mesmo, no Rio.

— Verdade? — exclamei. — Bem, preciso me cuidar para não fazer nenhuma besteira — brinquei.

— Ora, ora! — ela sorriu. — Você!...

— Mas, a sério: fico sinceramente feliz que tenha conseguido mais essa conquista! Parabéns! — e ficamos nos contemplando com um sorriso a brincar nos lábios até que, sem nenhum resquício de rancor, nos despedimos.

O Etevaldo estendeu-me seu cartão, “se precisar” disse, “não se acanhe”, e eu li: *Dr. Etevaldo Viana, Advogado*.

— Aí também tem nosso endereço — acrescentou —, apareça para uma visita —, tendo a aleijadinha reforçado “apareça sim, Henrique, será um prazer”.

E foi tudo.

Mas a tragédia com sua ponta de comédia ruim às vezes nos arranca se não uma gargalhada, pelo menos um riso de piedade, ou quem sabe um riso que procuramos conter por piedade.

Foi o que se deu naquela tarde, por volta das duas horas, em que um grito medonho fez tremer as vidraças do prédio, complementado um instante mais tarde pelo barulho surdo de um impacto, BUMMM!!

Pessoas que passavam na rua paravam para olhar, entre curiosas e aterrizadas; carros se detinham, estacionando de qualquer jeito em qualquer lugar, e seus ocupantes desciam em atropelo; não demorou muito os corredores converteram-se num formigueiro humano quando os moradores em peso acudiram atraídos pelo horrível.

Como referi, Walkíria passara a noite em minha casa, indo embora tarde naquela manhã e eu resolvi tirar o dia de folga. Saí passava pouco da uma, mas não me demorei na rua e voltei; foi quando percebi que alguma coisa devia ter acontecido devido ao movimento anormal de pessoas e automóveis na rua e no prédio. Tive de afastar alguns curiosos para entrar no pátio, e logo seu João veio ao meu encontro ansioso por contar a novidade, “foi a menos de vinte minutos, seu Henrique” explicou fingindo uma consternação que não passava de euforia pela novidade, ainda que sangrenta, “escutou-se um grito medonho, de arrepiar o cabelo, de fazer tremerem as vidraças, logo depois o baque...”.

Para me aproximar do palco onde se dera o espetáculo tive de empurrar quem estava à frente, “licença, licença”, passei à custo e me detive aparvalhado: a gorda do quinto andar tinha se atirado! Não sei explicar o que havia de jocoso naquela merda, mas do aparvalhamento tanto passei à desolação quanto a uma vontade de rir que a custo controlei, torcendo a cara numa máscara de falso pavor.

A gorda se atirara e na queda a cabeça arrebitou feito uma abóbora contra a quina da mureta, espalhando sangue e pedaços de miolo em toda a volta. O corpo caíra de bruços e como que se espalhara mais, as pernas esfaceladas ficaram num ângulo absurdo e os braços abertos mostravam fraturas expostas. O tubinho, folgado como ela tinha o hábito de usar, subira e exibia as coxas muito brancas e um começo de bunda. Uma poça de sangue cercava o cadáver.

Veio a polícia, os peritos isolaram o local, o detetive Cruz impunha ordem com sua carranca natural, e no que um sujeito apressado achou de passar à frente do perito desfechou-lhe um sopapo nas costas e um empurrão que por pouco não o atira de cara no muro. Vermelho de ódio e de impotência o apressadinho entrou no prédio, e com silencioso regozijo vi que se tratava do Freitas. O grosso do povo foi-se retirando mas até tarde restavam curiosos do lado de fora do isolamento observando o trabalho da perícia. A sapatão,



informada não se sabe por quem, chegou aos prantos, hedionda, pesada, os sapatos de bico largo batendo os tacões no cimentado com um barulho cavo; passou mal e foi socorrida por alguns moradores penalizados que a levaram para o saguão e lhe deram amônia para cheirar, fazendo-a engolir em seguida um ou dois comprimidos (eu também sentia pena da infeliz, e de bom grado lhe teria dado uma caneca de veneno, mas não houve oportunidade). Por fim chegou o rabecão, seis homens suaram para levantar o corpo esfacelado e o detetive Cruz, que permanecera no local durante o trabalho da perícia, saiu-se com sua piada de bom-gosto, “alguém tem uma colher de pedreiro pra recolher o resto?”, indicando uns fragmentos de cérebro esquecidos num canto. A rua foi-se esvaziando quase de todo, restando apenas um grupinho de dois ou três aqui, outro de meia dúzia do outro lado, uns últimos curiosos que entravam no pátio e espiavam para cima...

O delegado, contudo, perguntou pelo síndico. A vítima tinha família? O porteiro se adiantou, referiu um suposto primo que a visitara “há uns dois anos, doutor, parece que tinham um caso, depois eles se mudaram daqui não se sabe pra onde. Ela voltou para cá tem seis meses”. Mas como ninguém soubesse o endereço dos familiares, o polícia pediu ao síndico que o levasse até o apartamento. O porteiro e eu seguimos a título de ajudar no que fosse preciso, impelidos porém por mera curiosidade.

O mistério que cercava a gorda do quinto andar persistiria, pois ali não se encontrou nenhuma referência à sua família, nenhum endereço, apesar de terem vasculhado cada canto, cada móvel, cada gaveta, “com ordem, pessoal, com ordem!” advertia o delegado aos seus subordinados, “não quero bagunça aqui”. O mistério persistiu, revestido porém do mais absoluto prosaísmo: tudo no apartamento estava em ordem, limpo e bem cuidado; via-se que a moradora era uma pessoa metódica, organizada, pois não havia nada fora do lugar: os bibelôs sobre os móveis, uns poucos livros e revistas na estante, as vasilhas bem arrumadas no guarda-louças; no armário do quarto as roupas penduradas cada qual em seu cabide, e o resto guardado corretamente nas gavetas.

Perto da janela aberta, atestando o suicídio e não uma queda accidental, uma cadeira: subira nela e atirara-se.

Simples. Objetivo. Fatal.

— Este é o primo — eu disse ao delegado, apontando um retrato num porta-retratos sobre uma pequena cômoda.

O delegado aproximou-se, “tem certeza?”, “tenho, eu o vi várias vezes por aqui, antes de se mudarem. Ela dizia que se tratava de um primo, mas tinham certamente um caso amoroso”. Revirou o porta-retratos, desmontou-o, retirou o retrato e examinou o verso, mas não havia nada escrito ali que servisse de pista, então montou de novo o porta-retratos e o devolveu a seu lugar.

— Por hoje é só — disse o delegado ao síndico —, vamos lacrar temporariamente o apartamento, amanhã será realizada uma perícia para examinar tudo e depois liberaremos.

A perícia tampouco encontrou qualquer pista; levaram o retrato do primo para tentarem identificá-lo através dos arquivos, mas parece que não obtiveram sucesso na investigação e o mistério acerca da gorda do quinto andar não se desfez.

Uma semana depois o apartamento estava vazio, esperando novos inquilinos, e o assunto fora encerrado. Restaria apenas a lembrança da infeliz na forma de uns comentários vagos, e depois nem isso, que a vida urge e é preciso seguir adiante.

#### 4. Visita paterna

Tendo eu desistido de morrer, deveria continuar arcando com as imposições de estar vivo, quais sejam, retomar minha labuta diária de conserta-tudo — o que fiz logo no dia seguinte ao “passeio” pela ponte Rio - Niterói — e aborrecer-me com as inevitáveis chateações que a todo momento podem nos assaltar. De regresso no meio da tarde tive uma surpresa que não poderia dizer agradável — uma dessas chateações a que acabo de referir-me — e à qual não seria possível fazer boa cara: à porta do apartamento, à minha espera, meu pai andava de cá pra lá com impaciência. Vendo-me, ergueu os braços — mas, ao contrário do que seria natural após tanto tempo sem nos vermos, não de contentamento e sim de zanga, pois estava ali “há bem quase uma hora, e olhe que eu não tenho o dia todo a perder!”.

— Pouco me importa — respondi com alguma rudeza abrindo a porta e entrando —, tendo em vista que não o convidei. Veio porque quis. Sente-se em qualquer canto por aí, se quiser.

— Temos de conversar — disse de forma taxativa, sentando-se numa cadeira e cruzando os braços.

— Pois pode falar. Espero que não venha aborrecer-me: não moro mais em sua casa mas na minha, e graças a Deus com três meses de aluguel e condomínio pagos adiantados. É como procedo, eu, que sempre fui um vagabundo e nunca trabalhei. Tampouco dependo de sua comida pois eu mesmo compro e faço o que como.

— Poderia ser mais cortês com seu pai, afinal há tempos que não dá nem recebe notícias.

— E se dependesse de mim continuaria dessa forma — disse-lhe, estirando-me no sofá depois de tirar a camisa e atirá-la para um canto. — Estou aqui há oito anos. Acaso alguém de lá buscou notícia? Procurou saber de alguma coisa?

— E como queria que procurássemos saber? Por acaso o moço deu al-

guma satisfação quando saiu de casa? Deixou ao menos um bilhete com seu novo endereço?

— Por que deveria tê-lo feito? Não era o senhor mesmo que dizia não haver mais lugar para mim na sua casa?

— Eu jamais disse isso! Não me venha com mentiras! O seu lugar sempre esteve reservado em nossa casa e à nossa mesa. Faltou-lhe comida, por acaso? Não tinha boa mesa a qualquer hora? Ora, nunca lhe faltou nada! Faltou-lhe reconhecimento, isso sim.

— Não me faltou nada mesmo, pois, a menos que o senhor não se lembre, desde os quinze para dezesseis anos, quando comecei a trabalhar consertando coisas para os outros, que eu não só pagava algumas das contas da casa como também comprava minha própria roupa.

— Você é um mal-agradecido, isso sim!

— Além do mais, eu ainda era menor, era sua obrigação.

— Mas mesmo depois dos dezoitos, quando passou a viver na esbórnia. Ou já se esqueceu das vezes que chegou esbordado em casa depois de misturar-se com a súcia, e teve bom acolhimento?

Se ficássemos naquilo, passaríamos a tarde discutindo e entraríamos pela noite adentro. Levantei-me então e fui para a cozinha. Sacudi a garrafa térmica. Vazia. Água no fogo para ferver. Pó de café no coador. Meu pai não poderia dizer depois que me visitou e nem um café lhe foi oferecido. Teria café fresco. Num pote, biscoitos. Pão de forma. Queijo, que colhi na geladeira. Aqui também nada me falta, pensei dizer, porque o vagabundo consegue manter-se até de forma razoável, mas preferi conter-me. Meu pai, com efeito, nunca havia dito abertamente não ter mais lugar para mim em sua casa, mas era como se o tivesse feito. Afinal se eu era o delinqüente da família, o desordeiro, o que encheu sua vida de vergonha, decerto eu seria também o deserdado: por acaso deserdados têm lugar na casa e à mesa de alguém?

Tampouco pensei em retratar-me do que acabara de dizer. Estava dito e pronto.

— Parece que você conseguiu um lugar — escutei-o na sala. — Tudo porém muito estreito, muito apertado — continuou. — Lá pelo menos você vivia numa casa grande, confortável, só o seu quarto era quase do tamanho disso tudo aqui.

— Mas vivo às minhas custas — respondi. — Dependo só de mim e não preciso aturar quem me atire coisas à cara todos os dias. O delinqüente da família tem pelo menos onde cair vivo. O bonitinho nem isso.

O velho raspou a garganta. Chegou à porta da cozinha. Já teria dado sua espiada no quarto e no banheiro. Que cara faria ele se eu, tendo aceitado a proposta de Walkíria, tivesse então uns duzentos milhões em minha conta e lhe mostrasse o extrato bancário? Por um instante quase me arrependi de não ter aceito.

— Pois saiba que seu irmão está muito bem. Formou-se. Está bem empregado e já é dono de seu próprio apartamento. Por sinal, muito chique e num local muito bom.

Fez uma pausa, achou por bem esclarecer:

— Claro que ainda está pagando, e eu não deixo de dar uma ajuda, já que eles merecem.

— Que seja feliz. Eu também estou muito bem. Não tenho nada de chique, o local aqui não é nenhum paraíso, mas sou dono do meu nariz, mando em minha casa e dependo única e exclusivamente de mim. Pra mim é o que vale.

Comecei a coar o café.

— O seu mal é não admitir seus erros...

— E o seu os seus.

— ...pois então não consegue enxergar a gravidade dos seus atos? Meter-se com prostitutas que iam fazer escândalo à nossa porta, passar as noites na esbórnia, brigar e chegar em casa todo arrebitado, não dar satisfações de onde estava e fazendo o quê, coisas que só soubemos pelas conseqüências, pois do contrário nunca saberíamos. E dê graças a Deus e às preces de sua mãe, que muito sofreu com seus desmandos, fique sabendo, mas ainda assim se ajoelhava defronte ao oratório e invocava a Virgem em sua proteção; do contrário, sabe-se lá o que poderia ter-lhe acontecido.

— Isso foi depois. Muito antes de eu fazer o que fiz, e saiba, por bem pouco tempo, pois depois que me mudei para cá, minha vida também mudou da água para o vinho... Pois bem, muito antes de eu fazer o que fiz, isto é, quando aos quinze, dezesseis anos eu já trabalhava e ganhava meu próprio dinheiro, eu já era tachado de desordeiro, vagabundo, etc. Nada do que eu fazia estava certo. Minha mãe era uma pata que não sabia abrir a boca, e o senhor nunca enxergou que eu não precisava de nada daquilo, pois antes dos dezoito anos, bem antes de tio Francisquinho aparecer lá em casa, eu, se quisesse, já poderia ter saído de casa e vivido por minha conta. E tudo aquilo por quê? Porque eu não queria mais saber de missas e incensos e conversa fiada de padre. Só por isso.

— Não é verdade...

— Ah, claro que não. A única verdade...

— Eu acho é que Francisquinho foi uma péssima influência para você, isso sim.

Acabara de pôr a mesa, dispus as xícaras, disse-lhe que se sentasse para tomar um café. O velho sentou-se de má vontade.

— Tio Francisquinho, quando o conheci, e pelo pouco tempo que estive conosco, até fazer o que fez... nele, nele eu reconheci o pai que gostaria de ter.

Meu pai então se ressentiu. Eu não havia dito aquilo com a intenção de ofendê-lo, saíra-me naturalmente pois era o que eu de fato sentia. Já o disse:

tio Francisquinho, se não me aprovava inteiramente, tampouco me condenava inteiramente, e, compreensivo, sabia chamar-me a atenção sem humilhar-me. Porém, meu pai viu em minha declaração um intuito explícito de diminuí-lo e desconsiderá-lo.

— Muito bem dito! — exclamou, afastando o pires com a xícara num gesto veemente. — Agora só falta o senhor dizer que lhe faltaram coisas naquela casa, que nunca lhe demos nada, que...

— Eu nunca disse isso. Reconheço o que me foi dado, mas reconheço também o que me foi negado, e quando reclamo não o faço pelo que me foi dado, mas pelo que me foi negado. E não estou falando de coisas materiais.

— O seu irmão...

— Só falta o senhor voltar a comparar-me com meu irmão dentro de minha própria casa. Já o engrandeceu dizendo que comprou um belo apartamento em um ótimo bairro, embora com sua ajuda, enquanto eu nem isso. Mas não se dá conta de que eu não estou reclamando nem lhe pedindo nada, ou a ele. Aliás, isso foi coisa que não fiz nesses oito anos.

— Sei muito bem que não. Nesses oito anos, depois de ter saído de casa feito um cavalo sai da cocheira, sem dar qualquer satisfação, a única coisa que fez foi esquecer-se de nós...

— E vocês de mim, já que nunca se interessaram em procurar-me...

— ...e por último levar outra vez...

— ...e por certo até respiraram aliviados com minha ausência. Assim sobrava espaço para o bonequinho da família.

— ...a vergonha e o desgosto até nós.

Pôs-se de pé, esquecendo-se do café na xícara. Deu dois passos pela cozinha metendo com arrogância as mãos nos bolsos da calça.

— E a que desgosto o senhor se refere? — eu perguntei, certo porém quanto ao que ele se referia.

— Sua mãe lá recebeu uma carta sua — disse, deixando irritado a cozinha. Desistira de vez do café, como se por fim se desse conta de que aquilo talvez representasse uma trégua, e ele não estava li para tréguas. Decerto diria depois que não pusera nada na boca sob meu teto, era preciso poder dizê-lo ao chegar em casa, e para isso valeu-se do expediente de lembrar-se em tempo do que o levava a procurar-me. — Por sinal uma carta sórdida!

Não dei acordo de mim, ou seja, fiz-me desentendido. Encostei-me na ombreira da porta, encarando-o.

— Imagine, receber uma carta do filho ingrato, e ficar feliz por ter notícias, esperando quem sabe uma reaproximação... e quando lê o que está escrito... — meu pai punha-se vermelho, esforçava-se por conter-se, mas por fim explodiu: — O que deu em você, seu desnaturado, para escrever aquelas poucas-vergonhas, aquelas indecências, e principalmente para sua mãe?

Funguei, continuei encarando o velho em silêncio.

— Não diz nada? — exclamou cada vez mais indignado. — Não se envergonha de sua atitude? E seu irmão, que nunca o incomodou, por que atingi-lo daquela maneira? Não tem mesmo respeito algum pela família?

— Não. Na verdade não se trata de uma questão de respeito ou de falta de respeito. Saiba que eu me enchi de sua lengalenga. Nesse tempo que transcorreu desde que saí de lá venho remoendo suas ladainhas, suas louvações ao bocó do meu irmão, o certinho, o bonitinho, o bonzinho, aquele que se casou com uma flor de pureza, não é isso? Pois então resolvi mostrar pra vocês, já que a carta foi dirigida a minha mãe mas eu sabia que o senhor também tomaria conhecimento de seu conteúdo, que o bonitinho não era tão bonitinho assim, e a flor de pureza nem tão flor nem tão pura!

— E ainda admite...!

— Ora, se admito. Eu não pedi pra ver nada nem fiquei a espiá-los de propósito... Foi por puro acaso! E se fossem o senhor e mamãe que tivessem chegado de supetão na hora H?... Se eles pelo menos fossem mais decentes fariam suas safadezas dentro de um quarto com a porta fechada, mas não... achando que não tinha ninguém em casa se engancharam ali mesmo, na sala... ele, o bonitinho da família, comendo o cuzinho da flor de pureza. E como gemiam os dois, como bufavam... “desse jeito eu sinto mais o seu pau dentro de mim”, e dá-lhe gemidos e gritinhos sem-vergonhas...

Meu pai parecia à beira de uma síncope, o nariz da cor de uma berinjela. Agitou os braços em fúria, fuzilando-me com um olhar calibre ponto 50.

— Pois saiba que sua mãe passou mal, como daquela vez em que foi internada também por sua causa.

— Lamento que tenha sido assim. Talvez se ela não tivesse estado sempre do seu lado, talvez se em algum momento tivesse aberto a boca para defender-me contra suas invectivas, se tivesse tido disposição para tentar entender um pouco o meu lado... mas não, sempre se mantendo em silêncio, sempre a olhar-me com um olho reprovador, conquanto não dissesse nada. Foi até mais por sua omissão que resolvi endereçar a carta a ela e não ao senhor, para ser ela a primeira a ler e a conhecer melhor o filhinho bonitinho e a norinha cheirosa.

— Não sei como não se envergonha...

— Quem tem de envergonhar-se são eles. Os sodomitas são eles.

— ...de insistir numa barbaridade...! — e a voz não lhe saiu mais.

— Mas o que é? Então incomoda-os essa historinha torpe sobre os queridinhos de vocês? A historinha pode ser torpe mas é verdadeira, e o senhor sabe que tudo que eu disse é verdade, que eu não menti nem exagerei, e isto porque eu não tenho o costume de mentir nem de levantar falso acerca dos outros.

Meu pai, apoplético, virou-me as costas para sair e já se encaminhava pa-

ra a porta. Corri até a gaveta do quarto e apanhei lá no fundo um envelope que na véspera eu havia lacrado com cola. Corri de volta para fora. Meu pai já descia o segundo lance de escadas.

— Espera! — eu disse, apoiado no gradil, e ele parou olhando para cima com irritação. Atirei-lhe o envelope: — Escrevi essa carta para a polícia. Por muito pouco ela não está agora nas mãos do delegado. Se estivesse, o senhor não teria me encontrado aqui hoje.

E dei-lhe as costas, voltando para dentro

## 5. Último

É como um vôo, mas não com asas.

O corpo inteiro converte-se em movimento, o suor molha a camisa, o sol doura a pele e o vento agita os cabelos à medida que avanço.

A bicicleta torna-se parte e extensão dos meus músculos, e é como a havia imaginado: branca, aros finos, dez marchas, típica bicicleta de corrida. Tornou-se também meu remédio e meu refúgio, e uma certeza de recuperação.

Não importa que automóveis passem por mim em alta velocidade, tampouco as motocicletas me seduzem com sua explosão barulhenta asfalto afora: a bicicleta é mais tranqüila, possui mais personalidade; leve e ágil, torna-me parte de seu deslizar pela pista, e de tudo eu participo como se fôssemos um só corpo.

Visto apenas bermuda e camiseta, calço meias e um tênis leve de solado espesso e macio, e amarrei uma faixa ao redor da cabeça...

Na parte de trás adaptei um pequeno bagageiro onde prendo com um elástico minha mochila: o que preciso para a viagem está ali, e não é muita coisa — levo duas mudas de roupa, meus documentos, algum dinheiro, é quanto basta.

Tudo mais é excesso.

À medida que me afasto do centro, que avanço para fora da cidade, que deixo para trás a balbúrdia e a confusão dos homens embotados pela mesmice cotidiana, abre-se um mundo à minha frente e a pista é como se não tivesse fim: nela eu sigo em busca da vida.

Na tarde em que saí disposto a atirar-me da ponte, do vão central para ter certeza de não falhar — e já lá se vão quase dois anos —, enquanto pedalava velozmente tive a impressão de que o meu corpo em pleno movimento tornava-se outro, esquecido da enfermidade, vigoroso, luzidio de suor ao sol; eu não pensava, apenas gozava o prazer de ter pernas que faziam avançar a bicicleta no ritmo que eu queria, tanto as pernas quanto a bicicleta obedecendo-me fielmente; aquilo era bom e novo para mim, e mesmo a idéia da morte persistia já não como uma solução para o meu desencanto com a vida, mas apenas como

uma escolha sobre a qual não cabia mais nenhuma reflexão. Naqueles últimos minutos toda dor, todo desespero, tudo que me afligira nos últimos meses havia desaparecido de meu pensamento e eu, certo de que a sensação de bem-estar devia-se à decisão tomada, à perspectiva de que não sofreria mais, como que submergira num estado de semi-inconsciência cuja única noção remanescente da realidade era a de continuar pedalando até o fim...

Mas o impacto dos acontecimentos junto ao vão central fez-me acordar, e quando abri os olhos dei-me conta de que a vida ainda tinha uma surpresa para mim: guardara uma carta na manga para trapacear, fizera sua jogada desonesta e ali estava eu, vencido, buscando com os olhos nas águas da baía uma esperança de ressurreição — mas era inútil...

Eu estava certo de que viriam dias tenebrosos que eu teria de encarar com disposição para não submergir, atravessá-los como quem atravessa o Saara, mas já não tinha dúvidas.

Foi então que resolvi comprar a bicicleta.

De início meus passeios se limitavam à área urbana, e mesmo que vez por outra eu esticasse até Copacabana e além, esses percursos acabaram por tornar-se rotineiros, e então, como um viciado em drogas, passei a ter necessidade de mais. Certo dia saí a pedalar sem um destino estabelecido, sabia apenas que iria para algum lugar distante do centro... Minha disposição física era outra agora: a bronquite se fora, eu podia pedalar por horas sem que as pernas reclamassem, e quando me cansava bastava parar num quiosque à beira da estrada e tomar um suco de laranja, um caldo de cana e em seguida montar outra vez. Meus passeios de bicicleta, eu me dava conta agora, não tinham de limitar-se apenas ao Centro ou aos bairros periféricos: havia um mundo enorme lá fora a explorar, e tendo feito tal descoberta passei a ficar fora três, quatro dias, às vezes mais, pedalando enquanto houvesse clareza, parando apenas para refeições ligeiras e passando a noite em alguma pousada, onde, o corpo um bagaço, dormia de um sono só.

Está visto que eu não podia me dar o luxo de viver apenas de passeios, tinha clientes a atender — parece não ter fim o número de cacarecos que a gente pobre manda consertar — e precisava de recursos com que viver, mas lá vinha um dia em que me sentia enfiado de tudo: do apartamento, do prédio, da cara do porteiro com seus fuxicos e sua risadinha asmática, da rua defronte... então eu sabia que estava chegando a hora: ia para a garagem inspecionar a bicicleta — lubrificar as engrenagens, encher os pneus, verificar os freios, o câmbio, e, de volta a casa, preparava a mochila, punha nela o essencial e na manhã seguinte o sol nem aparecera eu já estava pedalando.

Numa dessas viagens aconteceu-me parar em C\*\*\*, uma cidadezinha de interior com meia dúzia de ruas prá lá, mais meia dúzia pra cá, uma praça, um largo, um cinema, pouca coisa mais, e como já tivesse anoitecido e eu me sentisse esfalfado, pernoitei num hotelzinho simpático e confortável. O recepcio-



nista ofereceu-me as melhores acomodações, “quase não há hóspedes nessa época” ele disse, “por isso temos vários quartos vagos”, e quando caí na cama ali pelas nove, após uma boa refeição, só abri os olhos com dia claro.

Foi à hora do almoço que tive uma surpresa: no pequeno refeitório apenas duas mesas além da minha estavam ocupadas e as pessoas conversavam em voz baixa; a rua em frente parecia dormir sob o sol quente do meio-dia, ouviu-se em algum ponto um sino e mais perto um riso de crianças brincando que aos poucos se distanciavam; por fim caiu um silêncio, a espaços entrecortado de tinidos que vinham da cozinha.

Um vulto surgiu à entrada do refeitório, levantei os olhos, o garfo parou entre o prato e a boca:

— Lucília!

— Henrique? — ela parecia não ter-me reconhecido de imediato, mas em seguida: — Henrique! Que surpresa!

E veio sentar-se à minha mesa.

— Dá licença?

— Mas claro!... Faça-me companhia!

Lucília estava mais madura, era agora uma mulher de trinta anos, “faço trinta e quatro em abril” disse-me mordiscando um pedaço de bife do meu prato, mas o corpo continuava o mesmo e a beleza de seu rosto era ainda mais sedutora.

— Quantos anos faz? — eu perguntei.

— Sei lá... uma dúzia, talvez...

— Talvez...

Então quis saber de mim, perguntou por meus pais, “será que ainda se lembram daquela maluca que foi fazer escândalo à porta deles?” e sorriu, exibindo dentes pequenos e brilhantes, “e você, o que faz da vida? Casou-se?”. Eu a tudo ia respondendo sem amiudar, falei de minha mudança, de minha vida de homem sozinho, “não, não me casei”, não escondi que continuava trabalhando no mesmo, “continuo consertando coisas” disse, “é com o que ganho a vida”, omiti meus desgostos e a funesta intenção de atirar-me da ponte para não ensombrecer um reencontro que deveria ser feliz, e falei do meu *hobby*: viajar de bicicleta.

— E você? — perguntei numa pausa. — Trabalha no hotel?

— Não — ela disse —, isto é, sim: sou a dona.

Arregalei os olhos.

— A dona?

Então Lucília resumiu sua história naqueles anos: ao se mudar de nossa rua, conhecera um homem bem mais velho, de boa situação financeira, que se embeixara por ela. “Casa comigo” ele pediu, e para convencer-me: “Tenho casa e um hotelzinho em C\*\*\*, te levo pra lá, te dou tudo que você quiser”.

— Então você aceitou — eu comentei.

— Eu te falei uma vez que tinha nascido para ser mulher de um homem só...

— É — reconheci, um tanto encabulado —, eu me lembro...

— Pois é, aceitei o pedido e aqui estou eu.

— E está muito bem pelo que vejo.

— Não posso me queixar, esta é que é a verdade.

Então Lucília acenou para o garçom:

— Felício, traga-nos um vinho — e para mim: — Você toma um vinho comigo, não? — fiz que sim. — Branco?... — e para o garçom: — Felício, branco e à sua escolha. E não anote a despesa desta mesa, sim?

— Lucília, não... não me deixe embaraçado...

— Ora, que embaraçado! Deixa de ser bobo.

Veio o vinho. As taças reluziam.

— E o seu marido? — perguntei. — É ele quem administra a casa?

— Sou eu quem administra — ela disse, e acrescentou com tranquilidade: — Meu marido morreu — referiu então o enfarto fulminante que o levava, com pouco mais de cinqüenta anos, “e justo ele que tinha ótima saúde, nunca reclamava de nada”. Falou do falecido com carinho, tinha dele boas lembranças e uma dessas era a filha de oito anos, Angelita, “que daqui a pouco vou apanhar na aula de piano”, mas como fosse uma mulher decidida não ficaria chorando por muito tempo uma perda quando tanto havia ainda a conquistar.

— Faz dois anos — ela acrescentou. — Desde então administro sozinha o hotel, cuido da casa, cuido da menina, levo minha vida... e isso é tudo.

Não soube o que dizer. Fiquei por alguns instantes espiando a rua quieta através das vidraças.

Lucília convidou-me para ficar todo o final de semana, “será por conta da casa, não se preocupe”, disse que teria de deixar-me por ora pois estava atarefada, mas convidou-me a jantar em sua companhia, “então eu lhe apresento minha filha”. Aproveitei a tarde para passear por C\*\*\* e conhecer a pequena cidade, e às sete quando, já de barba feita e banho tomado, entrei no refeitório ela veio ao meu encontro:

— Jantaremos em minha casa — disse, e tomou-me pela mão.

Lucília residia num casarão em estilo colonial cercado por um jardim e um pomar nos arredores de C\*\*\*. Quando chegamos, apresentou-me a filha, que veio nos receber na varanda. Angelita era uma graciosa menina de pele morena e olhos azuis (“o pai tinha olhos azuis” ela explicou), que pareceu simpatizar comigo, embora a princípio se mostrasse reservada. Olhava-me com curiosidade, mas quando nossos olhares se encontravam ela baixava o rosto com encabulamento e não dizia nada. Depois do jantar saímos juntos para um passeio pelo centro, passeio durante o qual Lucília apresentou-me

aos conhecidos como um antigo amigo do Rio de Janeiro que viera passar o final de semana, e enquanto caminhávamos pelas ruas tranquilas Angelita segurou minha mão. Uma sorveteria espalhara mesinhas e cadeiras pelo calçadão no centro de C\*\*\*, e resolvemos nos sentar para tomar sorvete. Em dado momento Lucília levantou-se, “vou ao toalete” disse, e saiu. Acompanhei-a com o olhar, depois me distraí contemplando o ir e vir das pessoas, gozando do aspecto pitoresco típico das pequenas cidades de interior, e de súbito despertei com uma indagação direta de Angelita:

— Você é o namorado de minha mãe?

Voltei-me para ela entre sério e sorridente:

— Não — respondi —, sou amigo de sua mãe. Nós nos conhecemos há muito tempo.

— Mas eu nunca vi você antes.

— Certamente, eu moro no Rio. Foi lá que a conheci. Depois que ela se mudou, não nos vimos mais.

— Mas você já namorou minha mãe?

Angelita embaraçava-me com perguntas tão diretas, e discrição era coisa que parecia não existir em seu vocabulário. A menina reservada revelava-se bastante curiosa.

— Éramos amigos — eu disse, sem saber se deveria responder que sim. Mas Angelita encarou-me por alguns segundos, em que nossos olhares se interpenetravam, mostrando que não estava certa quanto à veracidade de minha resposta, o que se confirmou ao comentar:

— Hummm... eu acho que você já namorou minha mãe...

Porém Lucília retornou, e com a presença da mãe a menina aquietou-se. Por volta das dez, quando nos separamos, Lucília me convidou para um passeio pelos arredores no dia seguinte, “vou pegá-lo no hotel pela manhã” disse, “vamos” corrigiu Angelita, como quem nem cogita o absurdo de uma recusa, “pois eu também quero ir”.

O dia foi cheio, visitamos diversos lugares pitorescos e a fazenda de uns amigos de Lucília, onde almoçamos, e preenchemos a tarde com uma longa caminhada por estradas silenciosas entre densos arvoredos, passeio durante o qual Angelita insistia em segurar minha mão.

Jantamos num restaurantezinho de aparência campestre à beira da rodovia. Lucília falava sempre; alegre e efusiva, era impossível saber de onde tirava tantos assuntos, falava com todo mundo e não perdia oportunidade de apresentar-me, “um amigo do Rio de Janeiro”; voltou a pedir vinho para acompanhar o jantar, mas dessa vez ela mesma escolheu um tinto suave. Parecia entender do assunto, e explicou-me que para oferecer um bom atendimento aos seus hóspedes era preciso saber um pouco de tudo que se referisse a uma boa mesa. “Minha adega é pequena, mas possui coisas boas” explicou.

O tempo passava.

A certa altura senti uma certa lassidão no corpo, o vinho doce fazia seu efeito, e Angelita, que também tomara uma taça, adormecera com a cabeça apoiada no ombro da mãe. Já não falávamos, Lucília abraçara a filha, conchegando-a a si numa posição mais confortável, e eu fiquei olhando através das vidraças para a rodovia, onde um ou outro carro passava com os faróis acesos.

— Henrique...

— Hum? — despertei.

— Você leva jeito para administração?

— Se eu levo jeito p... o que você quer dizer?

— Pergunto se você saberia administrar um hotel. Eu confesso que ando um pouco cansada, e preciso de um ajudante.

Franzi a testa como se me concentrasse, mexi no fundo do prato vazio com o garfo. Fiz um bico. Desfiz o bico.

— Está me oferecendo um emprego?

Ela baixou os olhos.

— Bem... pode ser um emprego — disse com voz quase inaudível. — Pode não ser...

Pareceu subitamente embaraçada. Para disfarçar, fingiu afastar uma mecha dos olhos da menina adormecida, ajeitou-lhe a gola da blusa, beijou-a na testa enquanto lançava uma olhada de esguelha para mim.

Tinha as faces em fogo.

— Lucília... — comecei, eu também encabulado com a situação.

— Henrique — e agora seus olhos eram duas verrumas nos meus —, eu sempre gostei de você, e quando ainda ontem o vi sentado lá, almoçando...

— ...

— É verdade quando digo que sempre gostei de você. Eu levava uma vida toda torta, você sabe e nem eu posso negar... nem quero negar... mas o que passou, passou...

Ficou ainda mais ruborizada.

— Lucília, eu continuo consertando coisas para me manter, mas hoje você é uma mulher endinheirada.

— E o que tem isso? — encarou-me, estranhando minha observação.

— Será que eu não estaria dando o golpe do baú?

Ela pareceu divertida, sorriu mais à vontade:

— Não — disse com malícia, consciente de sua beleza —, acho que ainda posso interessá-lo por mim mesma.

— Quanto a isso...

— Também Angelita parece gostar de você, e ela precisa de um pai.

Encostou o rosto na testa da criança adormecida, ainda olhando para mim:

— E o que eu disse é verdade: eu nasci para ser mulher de um homem só.

\*  
\*\*

Faz pouco menos de um ano que venho escrevendo estas notas, e chegando a este ponto percebo que já não resta muito a dizer, calhando quando muito umas explicações finais, uns arremates necessários para eliminar fios soltos.

Vamos a eles.

De volta ao meu quarto-e-sala, passei a semana seguinte pensando em Lucília. Consertei alguns aparelhos aqui e ali, subi e desci a Toca, tomei umas cervejas no Tavinho na companhia do Pereira que, não obstante nossa alteração de tempos atrás, continuava o mesmo, elogiando o Jairzinho, cada vez mais ocupado com a freguesia da Casa das Flores, “pois agora, seu Henrique o moleque trabalha quase todas as noites... tem lá um senhor muito distinto... eu vi ele de longe, na hora que ia embora... homem sério, já de certa idade, meio grisalho... num carro importado, dizem que é um figurão... pois bem, ele requisita os serviços do Jairzinho pelo menos duas vezes por semana, até três... aquele primeiro que gostava do Jairzinho, seu Carlo disse que ele anda viajando e não tem podido comparecer, por isso agora o Jairzinho atende esse outro... e é até melhor, pessoa mais distinta... e até mais reconhecido! O senhor sabe que o garoto vem pra casa sempre com uma nota de cinqüenta no bolso?... de gorjeta... cinqüentinha, seu Henrique, cinzinho às vezes!... Fora o que eu ganho!” (referiu-me esse pormenor como se eu nada lhe tivesse dito na manhã em que mataram Jaqueline e ignorasse o ofício do filho); almocei na Daniele, onde comi uma asa de frango e proseei com o casal, e quando falamos de Lilica não pude evitar umas lágrimas abrasantes, às quais ela se aproximou tomando-me as mãos, “todos nós ainda choramos por ela, padrinho” disse; detive-me num fim de tarde a conversar com o Senhor Conde, que me amiudou mais umas histórias de sua vida comum e disse de suas intenções acerca de uma certa senhora; cruzei duas ou três vezes com o Freitas, que passou por mim de cabeça baixa, como fazia sempre desde aquele almoço no qual lavei a alma esculachando a ele, ao Azevedo e aos dois patifes que eu apelidara de o Gordo & o Magro, nos quais, aliás, faz bom tempo que não ponho os olhos; e vi com prazer a cara de surpresa de seu João, o porteiro, quando lhe disse que estava para mudar-me:

— Aposto que agora o senhor se casa, seu Henrique! — exclamou o abelhudo.

— E o senhor ganha a aposta, seu João — respondi.

— Dá cá esses ossos — atracou-se a mim com um sorriso maior que a cara —, e vê se traz a moça aqui pra eu conhecer.

— Trago, seu João, pode deixar que eu trago.

Por fim estou aqui: administrar um hotel não é lá coisa muito simples, tampouco o é ser o legítimo esposo de Lucília: já lhe conhecemos o gênio e os ciúmes — que se exacerbam num certo eriçar de unhas —, mas eu sobretudo lhe conheço o calor e a capacidade de amar, pois quando lhe contei sobre Lilica, chorou comigo dizendo “agora você tem Angelita, que o adora”. Também lhe contei sobre Walkíria e a possibilidade de ganhar duzentos milhões por ano, e ela, que já lera sobre os Cerqueira Dantas nas colunas sociais, comentou:

— O que você me diz só vem confirmar que não deu o golpe do baú comigo — e mordeu-me o queixo.

Dias atrás tomei uma decisão que até a mim pegou de surpresa: apresentei-me com Lucília e Angelita em casa de meus pais, “casei-me” eu disse, “esta é minha esposa e esta minha filha adotiva, e como podem ver em breve lhes daremos mais um neto”. Não reconheceram Lucília, mesmo porque a tarde daquele escândalo já ia longe; pela primeira vez distingui um brilho de benevolência nos olhos de meu pai, e minha mãe, saindo de seu mutismo, abraçou a nora e disse “queira Deus que você consiga pôr este rapaz na linha”. Lucília prometeu que o faria — coisa de que eu não duvido.

Você que me lê dirá, talvez com aborrecimento e não pouco enfado, que depois de tantos fogos de artifício minha história recai num prosaísmo de doer. E eu concordo: a vida é assim mesmo, prosaica, e para confessar a verdade sou forçado a declarar que eu gosto disso. Por exemplo: apesar de eu ter-me tornado administrador de um hotel, não abandonei o ofício de conserta-tudo e, se não por necessidade, por hábito pego-me vez por outra mexendo em algum traste quase inútil que acabo pondo para funcionar outra vez. Quer coisa mais banal? Mais suburbana?

Quanto ao mais... não há mais. Não há o que acrescentar.

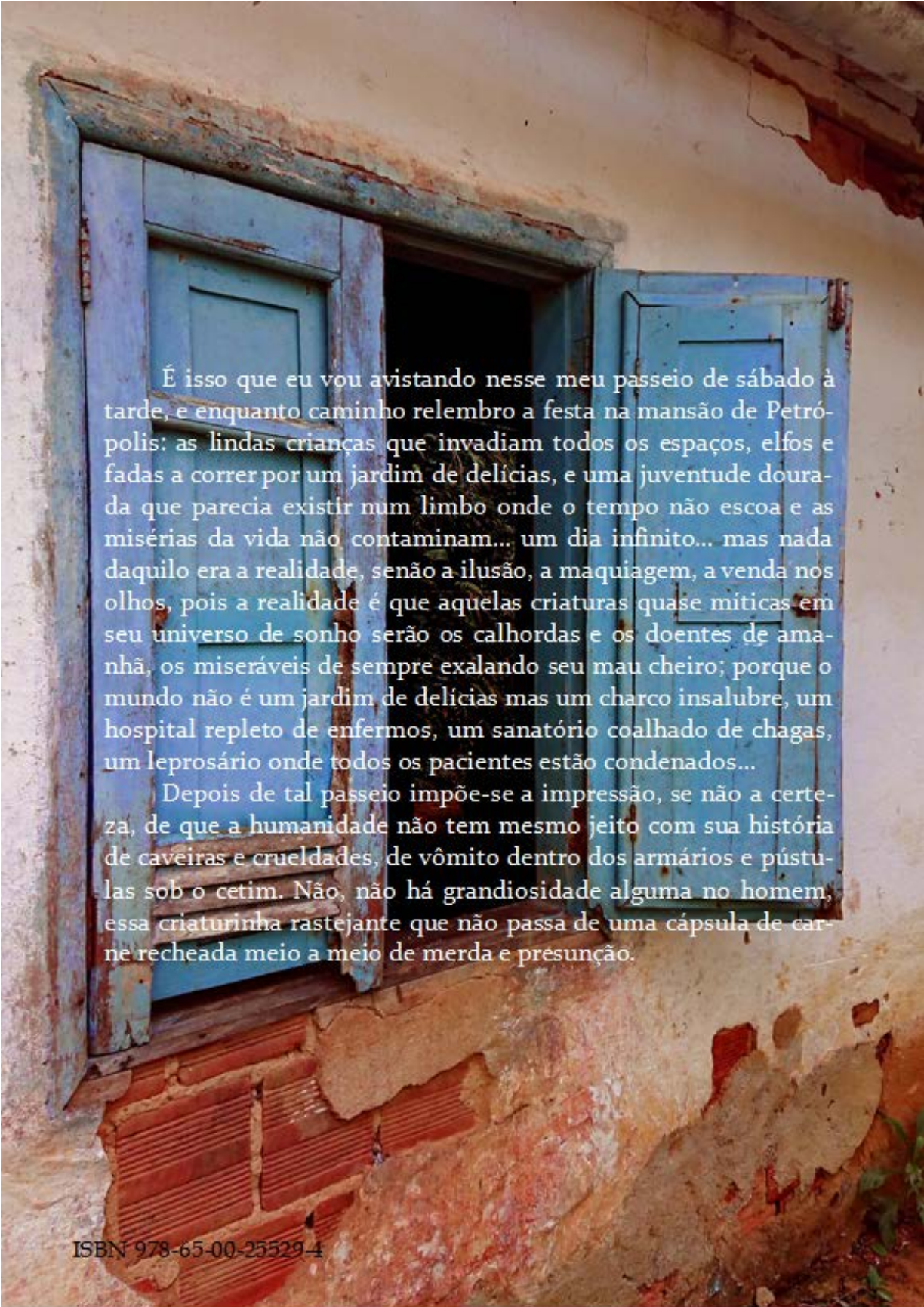
Provavelmente daqui a trinta ou quarenta anos, se estiver vivo, terei tanto mais a contar quanto tenho agora. Isto porque o que os anos trarão não será mais que a reprise da novela, pequenas variações sobre os mesmos dramas vulgares, os mesmos aperreamentos, mazelas e quizílias que vêm se repetindo desde que esse piolhozinho asqueroso chamado “homem” apareceu na face do planeta.

É certo que o reaparecimento de Lucília proporcionou-me descobrir um novo rumo para a existência, e além de seu amor deu-me Angelita como um prêmio e em breve me tornará pai de verdade, mas fora isso — que já é tudo — não há mais nada.

Mas em vista de o leitor passar por teimoso e, dono de uma curiosidade de lucarna, insistir, vamos lá: o que teria eu para relatar daqui a quarenta anos? Mencionar uma possível doença crônica que estarei tentando paliar

com algum chá ou mesmo remédio de farmácia, que o médico terá receitado apenas pra não dizer que não receitou nada; referir sei lá que delito eu terei cometido e por quê, ainda que eu não tenha propensão para o delito e seja mais certo que não cometa nenhum, mesmo porque terei Lucília ao meu lado para puxar-me as orelhas, e por isso mesmo a narrativa seria mais insossa; acrescentar algumas decepções, que não passarão do que ocorre a todos, pois se há algo em que a existência é pródiga é em decepções... Talvez, onde quer que eu esteja então — e o mais certo é que estarei aqui mesmo, se ainda viver — haja uma ou outra anedota acerca da vizinhança, essa gente torta que infecta as ruas e carrega a vida como quem leva nos ombros um saco de estrume, mas sobre essa gente eu já discorri, e de maneira enfática, pois é certo que daqui a trinta ou quarenta anos, excetuando o fato de que talvez a espécie humana esteja pior — em que proporção eu não sei, mas decerto pior —, tudo que eu dissesse soaria como mera repetição, indesejável redundância que não mereceria a atenção do leitor. Enfim, as projeções para o futuro, não sendo excitantes, são tão triviais e vulgares que viver uma vida para registrar tais miudezas não passaria de um lamentável desperdício de tempo, papel e tinta.

Fim



É isso que eu vou avistando nesse meu passeio de sábado à tarde, e enquanto caminho relembro a festa na mansão de Petrópolis: as lindas crianças que invadiam todos os espaços, elfos e fadas a correr por um jardim de delícias, e uma juventude dourada que parecia existir num limbo onde o tempo não escoava e as misérias da vida não contaminam... um dia infinito... mas nada daquilo era a realidade, senão a ilusão, a maquiagem, a venda nos olhos, pois a realidade é que aquelas criaturas quase míticas em seu universo de sonho serão os calhordas e os doentes de amanhã, os miseráveis de sempre exalando seu mau cheiro; porque o mundo não é um jardim de delícias mas um charco insalubre, um hospital repleto de enfermos, um sanatório coalhado de chagas, um leprosário onde todos os pacientes estão condenados...

Depois de tal passeio impõe-se a impressão, se não a certeza, de que a humanidade não tem mesmo jeito com sua história de caveiras e crueldades, de vômito dentro dos armários e pústulas sob o cetim. Não, não há grandiosidade alguma no homem, essa criaturinha rastejante que não passa de uma cápsula de carne recheada meio a meio de merda e presunção.